

PATO BRANCO





Os pássaros não pedem licença, apenas estão em todo lugar. Eles preenchem os ares de Pato Branco com seus cantos e cores. Tico-ticos, joões-de-barro, tesourinhas... guachos, pintas-silgos, andorinhas... saíras, pardais e siriris... tucanos, corruíras, bem-te-vis... jacus, pombas, curucacas... gaviões, periquitos e baitacas... chopins, beija-flores, sabiás... anus, canários, suruquás... e tantas aves inomeadas, que encontramos pelas estradas, galhadas e telhados!

Na fotografia de Rodinei Santos, colibri pousado em cerejeira florida, numa rua do Centro.

Na página à direita, recortes do painel instalado no Parque do Alvorecer. No alto, desde a esquerda, transporte de madeira, pinheiral, primeiro cinema, Revolta dos Posseiros, Matriz de São Pedro Apóstolo, hotel, Monumento aos Pioneiros e festa de Natal. Abaixo, aeroporto, Largo da Liberdade, Parque Tecnológico, Pi-

nheiro da Rua Tocantins, Parque do Alvorecer, agricultura mecanizada, estrada rural asfaltada e informática nas escolas municipais. Em seu *tablet*, o menino lê: "O tempo registrou o desabrochar da nossa história, homens e mulheres nos legaram valores e obras. É hora da travessia, do encontro do passado com o futuro. Façamos a nossa parte e deixaremos um legado divino para as novas gerações. Prefeitura de Pato Branco". Desenho de Mazinho Bertazo.



PATO BRANCO

Luiz Francisco Guil

Pato Branco 2021







Índice

Os caminhos do Sudoeste	24
A marcha dos conquistadores	26
Colônia Bom Retiro	38
Distrito Judiciário	44
Pato Branco no caminho da Coluna Prestes	50
Suinocultura	54
Igreja de São Pedro	58
Primeiros professores e professoras	82
Partidos políticos e seus clubes	89
Tempos violentos	93
Migrantes do Sul	100
Indústria da madeira	108
Honra às famílias de Pato Branco	136
Comunidades rurais	140
Território Federal do Iguaçu	186
Emancipação política	202
Prefeitos	211
Vereadores e vereadoras	216
A evolução da medicina	224
Energia elétrica	232
Rádio Colméia/Celinauta	238
Revolta dos Posseiros	240
A década da Razão	272
Nevou em Pato Branco!	295
Cultura moderna	296
Entidades assistenciais e clubes de serviço	298
Centros de Tradições Gaúchas	310
Bons tempos dos festivais	316
Teatro em cena	325
Conquistas esportivas	336
Ensino superior e tecnologia	346

A roda gigante participa da tradição natalina da cidade de Pato Branco. O pato e outros enfeites da praça foram produzidos pela "Equipe de Natal" da Prefeitura Municipal (2019).

Fotografia de Rodinei Santos.

Agradecimentos

Adão Aurélio Alves de Moraes, Adelar Dosso Pasa, Adelino e Adelina Fiorese, Admar Corrêa da Silva, Alberto Pozza, Alcení Guerra, Alcindo Rodrigues, Ana Lima, Ana Paula Slonski, Angelo Merlim, Antônio Simon, Antônia Vaz, Antônio Viater, Benigno Kozelinski, Carlos Henrique Correia, Carmen M. Bonatto Redivo, Carmen Franciosi, Celso Fetter Hilgert, Ciro Perazoli Carletto, Constantino Silva, Daniel Cattani, Daniel Pagnocelli, Danilo Amadori, Derico Dalla Costa, Diego Guerre, Divina Scopel Martins, Edevaldo André Gabrieli, Edionílio Pin, Eliázer Antônio Medeiros, Erotildes Camozzato, Felipe Cantieri, Fiorelo Cecchin, Frei Policarpo Berri, Géri Natalino Dutra, Gilmar Juliane Biscaia, Gabriel Ostapiv, Guego Favetti, Geracilde Dalla Vecchia, Heloísa Cristina Voltolini, Hércules Antônio Gonçalves Fait Jr., Joana Darc Pedroso, Joanim Fraron, João Pedro Carli, Júlio Pagnocelli, Júlio Tatto, Karime Clariane Redivo, Lisbeth Basso, Luiz Bernardi, Luiz Fernando Guerra, Luiz Sérgio Lavarda, Marcelo Pastorello, Marcos Zanella, Mário José Tagliari (Palito), Marlene Dalla Vale, Mazinho Bertazo, Nelson Redivo, Normélia Passarini Bortot, Olga Koslinski, Olindo Slonski, Paulo Ricardo Pozzolo, Paulo Stefani, Reni Trento, Rodolfo Augusto Redivo, Rosângela Borges, Rosilene M. Bonatto, Rubens Slonski, Rudi Bodanese, Setembrino Bortot, Tomas Graeff, Valcir Chicoski, Valmir Dalla Costa, Vitória Camozzato, Vanessa Piacentini, Wagner Alcides, Zé Rogério... e muitas outras pessoas, que nos proporcionaram pequenos e grandes atos colaborativos.

Guil, Luiz Francisco

Pato Branco / Luiz Francisco Guil. -- 1. ed. -- Pato Branco, PR : Ed do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-27154-6

1. Pato Branco - Cidade - Paraná (Estado) - História 2. Pato Branco - Cidades - Paraná - Descrição I. Título.

21-73934

CDD-981.62

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:

1. Paraná : Estado : História 981.62

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Em todos os municípios onde atuamos, encontramos pessoas dispostas a ceder seu tempo e energia em auxílio aos nossos projetos de livros históricos. Sem elas, esta e outras obras não seriam possíveis. Em Pato Branco também contamos com o apoio de alguns amigos.

Fabiano Ostapiv, das jovens e doces ilusões na velha Curitiba. Foi o primeiro a citar a possibilidade de fazermos um livro histórico do município de Pato Branco. E hospedou-nos em sua casa nos primeiros dias da pesquisa.

Augustinho Zucchi, ex-colega da Casa do Estudante Luterano Universitário, de Curitiba. Quando lhe sugerimos produzir o livro, disse, “Vamos fazer! Ainda não sei como, mas vamos fazer”.

Cláudio Petrycoski, benemérito em muitos projetos culturais, sociais e esportivos de Pato Branco. Sem hesitação, aceitou a proposta de apoio financeiro a este projeto, por meio da empresa Atlas Eletrodomésticos.

Jácomo Trento - Porto Alegre, sempre disposto a ajudar, a recontar e a reviver os tempos gloriosos da *Revolta dos Posseiros de 1957*.

Delise Guarienti Almeida, Eliane Somacal Marcondes Gauze, José Nilton Sanguanini, Marcelo Silveira Dalle Teze, Mariza Fernanda Medeiros Vieira da Cunha, Neri França Fornari Bocchese, Olaumir Pedro Guerios, Ricardo Guerra, Rodinei Santos, Rubens Camargo e Sueli Rosa Dartora, que dirigiram nossos olhares e nossos passos às publicações e aos personagens mais marcantes do município de Pato Branco.

*Os patos são pretos, são patos
rajados, patos de listras marrons
ou manchados de verde-azul
metálico, mas não há patos
brancos em Pato Branco,
senão alguns patos domesticados!*

*Selvagens ou domésticos,
os patos divertem-se nas águas da
Bacia de Contenção do rio Ligeiro.
Bairro Santa Terezinha.*

Fotografia de Rodinei Santos.





A crescentaríamos ao texto o canto dos galos e o trinar dos canários, modulando as falas dos entrevistados nas colônias de Pato Branco! E o sopro da brisa nas pétalas das paineiras do Bairro Cadorin, o grasnar das curucacas sobrevoando o Clube de Tiro no Passo da Pedra e os pneus do Renault verde-oliva do *Porto Alegre* cantando nas esquinas, enquanto nos conduz pela cidade em busca das famílias pioneiras! E o rumor dos funcionários aquecendo as chapas de metal na fábrica de fogões, a emoção das equipes esportivas apresentando seus troféus em animadas carreatas pelas avenidas, o toque da gaita na Associação Pato-Branquense de Idosos e os bafos melódicos do acordeom de Antônio Viater na esquina da Tupi com a Tapir. Também poderíamos publicar o perfume de jasmim na residência dos Fiorese em Nossa Senhora do Carmo, o gosto do chimarrão na varanda da Vitória Camozzato na rua Itabira, o aroma do mel de jataí na casa do João de Paula, lá no Fraron, o sabor das jabuticabas no quintal do Daniel Pagnocelli, a ardência adocicada da cachaça de frutas feita no Bairro Bortot pelo tanoeiro Constantino Silva! Mas a arte gráfica só permite acrescentar ao texto as cores e as formas... dos pedestres em movimento contínuo pelas ruas e praças, dos automóveis incessantes pelas estradas, dos edifícios que se multiplicam na área urbana... dos ipês rosas e amarelos na praça Presidente Vargas, das quaresmeiras, dos ibiscos, das estremosas, das paineiras, dos manacás e das buganvilles que adornam as calçadas, dos campos verdejantes em redor da cidade, das matas nativas como bordado multicolor nas encostas do rio Chopim, dos animais em andanças e sobrevoos pelas fazendas, chácaras e lagoas, das portas e janelas que se abrem e dos rostos que se oferecem, ora tímidos, ora risonhos, ao gravador e à lente fotográfica!

Revisão gramatical

Leina Maria Glaeser

Fotografia

Rodinei Santos

Esta obra também contém fotografias de Alcides Bortolotto, Erno Bloss, Frei Honorato Brüggemann, João de Paula, Júlio Zanquettin, Luiz Francisco Guil, Nelson Colla, Névio Matté, Nicolau Leopoldo Schneider, Osvaldo Jansen, Silveira Martins, Tereza Keller e Valcir Chicowski. E de alguns fotógrafos anônimos.

Rudi Bodanese cedeu suas fotografias respectivas a Pato Branco aos institutos Guerra/Petrycoski. Nos acervos desses institutos não constam, em cada peça fotográfica, os nomes dos fotógrafos respectivos. Porém, muitas das imagens concedidas a esta obra por aquelas entidades podem ser atribuídas a Bodanese.

CAPA

Acima, Pato Branco fotografada por Nicolau Leopoldo Schneider em novembro de 1948. Abaixo, região central da cidade, em 2019. Fotografia de Rodinei Santos.

CONTRACAPA

Acima, cidade de Pato Branco. Fotografia de Rodinei Santos. O diafragma foi aberto no dia 31 de dezembro de 2019, às 23 h 58 min, e fechado em 1º de janeiro de 2020, às 00 h 02 min. Abaixo, igreja São Pedro Apóstolo e Coral Mil Vozes, em dezembro de 2008. Foto Zanella.

À direita, flores de "corda de viola", ou "glória da manhã", exibindo-se à beira da estrada de São João Batista. Fotografia de Luiz Francisco Guil. 9 de março de 2020, às 9h30min.









RODINEI SANTOS

O hoje não é um acaso

Pato Branco colhe o que sua gente corajosamente plantou.

Um vilarejo acolhedor... tão silencioso que o canto dos pássaros era facilmente ouvido. Moradias vizinhavam com madeiras que deixavam às margens das ruas serragens e toras empilhadas. Uma nítida demonstração da vocação econômica do momento de Pato Branco. Com ruas de chão batido nas fases de seca, os moradores enfrentavam a poeira, e em dias chuvosos verdadeiros atoleiros, que exigiam o acorrentar dos pneus dos primeiros veículos que representavam um novo tempo.

Nessa época de carências, havia o compromisso de distribuir o leite em garrafas à vizinhança, o que assegurava uma rendinha extra para a família e a obrigação de estudar com a rigorosa, mas terna, professora austríaca Frida Hess Keulbeck.

A vida no vilarejo, nesse tempo, era diferente até nos momentos de lazer. Correr conduzindo e equilibrando aros circulares de ferro por ruas desprovidas de qualquer infraestrutura, era como se estivesse dirigindo um veículo. Sem contar os momentos mágicos, que envolviam pequenas aventuras noturnas, de caçar rãs para uma deliciosa “fritada”. Elas eram abundantes nos banhados regados pelo Rio Ligeiro.

Lembrar da fase de infância não é só saudosismo. É um testemunho da transformação local. Naquela época nem imaginávamos como seria Pato Branco em 2021. Os desafios, com o passar do tempo, envolviam as oscilações no fornecimento de energia elétrica por gerador a combustão, que renderam até protestos contra a Copel. As opções noturnas, devido à precariedade energética, eram dormir cedo, ou se valer de outros re-

ursos, como velas, lanternas e, mais à frente, dos chamados *liquinhos*⁽¹⁾.

O ciclo da madeira se foi; a agropecuária se intensificou; o comércio foi ganhando corpo; a indústria passou a ter representatividade, assim como os serviços. E com o esforço de seus cidadãos e o ingresso de novos moradores, Pato Branco foi ganhando novas dimensões: com iluminação aprimorada; segurança estruturada; telefonia; tecnologias; saneamento e uma sequência gradativa de bons gestores públicos, que, respeitados seus respectivos momentos, deram bela parcela de contribuição à materialização da infraestrutura que hoje contamos em nossas vidas. Infraestrutura esta que não deixa de estar entre as melhores do país.

Pato Branco é resultado da garra, da visão e do esforço de gente que se antecipou, ousando e buscando materializar seus sonhos por aqui: não ao acaso, possuímos estrutura avançada de ensino; saúde pujante e de vanguarda; serviços que se voltam para a tecnologia e dão notoriedade ao nosso território, que se moderniza com um aeroporto regional e, também, se internacionaliza; um comércio que se reinventa para os novos tempos; uma indústria moderna e uma cidade cada vez mais bela e acolhedora e, acima de tudo, pessoas especiais.

Pato Branco é uma cidade diferenciada. É maravilhoso viver aqui!

Este trabalho não é apenas um resgate histórico. É um presente, um agradecimento, a quem, conhecido ou anônimo, fez, faz e fará história na história desta terra.

Cláudio Petrycoski

Rodinei Santos eterniza os céus espetaculares de Pato Branco. De manhã e ao entardecer, ele reserva alguns minutos para fotografar as auroras e os crepúsculos que matizam a cidade.

(1) Lampiões a gás.

Nossa história em páginas

Livros contêm tesouros, um pouco da vida que se esvai na sucessão dos dias, enquanto a História se constrói. Para compor um livro sobre a vida em comunidade, a História se torna complexa e se fragmenta em lembranças que precisam ser reunidas. Assim, o livro se transforma num caleidoscópio, em que a visão do conjunto traduzido em palavras que dão sentido à obra, reflete-se na alma de cada leitor, despertando emoções diferentes, por provocar eco nas lembranças do que se viveu.

Ao folhear este livro, sobre a História de Pato Branco, percebo em suas entrelinhas, ecos da minha infância. Eles me trazem narrativas esparsas sobre a colonização do Sudoeste, na voz de meus pais, entrecortadas por fragmentos de cochilos e o crepitar do fogão a lenha. Dos bancos escolares, na voz da professora, informando sobre como a coragem de bravos foi transformando a mata virgem em estradas, unindo casas rústicas cercadas por terreiros vermelhos, salpicados de folhas no chão. Sobre noites assombradas por rugidos de feras, desafiando a imaginação infantil.

Jovem, enchia-me os olhos a impressionante Pato Branco, entre as cidades da região. Já profissional, ao projetar meu futuro, a cidade era uma promessa, instigando o espírito empreendedor.

Assim, fomos crescendo: Pato Branco e eu. A cidade tornou-se a incubadora de sonhos de quem conquistara a honra e o compromisso de, na Assembleia Legislativa do Paraná, zelar pelo devir.

Mobilizando memórias, nas reminiscências de um jovem deputado surgia forte o desejo de plasmar o progresso latente da Pato Branco de então. Vislumbrava caminhos, traçava planos, engendrava o porvir.

E o dia chegou. Pato-branquenses assinaram numa página em branco de minha Vida, o honroso consentimento para que eu dedicasse meu tempo e minha energia, para fazer do Município o espaço almejado por construtores do futuro. E o tempo passou.

Oito anos permitem surpresas da trama do

tempo nas vidas entrelaçadas num mesmo espaço: crianças nasceram, outras cresceram, jovens tornaram-se profissionais, famílias se multiplicaram. A velhice foi morar em muitos locais, muitas pessoas nos disseram adeus.

Contudo, o milagre da comunhão de esforços traduziu-se em muitas novas moradias, novos e imponentes edifícios; ruas se modificaram, a paisagem se transformou pelo progresso, houve mudanças em todos os âmbitos sociais. A cidade, já adulta, tornou-se adepta da tecnologia e da inovação, sua fama globalizou-se.

Talentos locais aliaram-se a outros que para cá trouxeram sua competência profissional, sua força de trabalho e o brilho no olhar: muitas mãos coloriram campos com o dourado dos trigaís, o verde das plantações, na diversidade das sementes lançadas onde tudo cresce e floresce, alimentando a pecuária e implementando o agronegócio. Na indústria e na prestação de serviços, muito engajamento resultou em progresso local. Na Educação, crianças e jovens podem escolher os caminhos para seus projetos de vida.

A tecnologia adentrou espaços da cidade e do campo, ampliou horizontes, aproximou continentes a este local. Nesse tempo, muitos puderam e podem sentir no peito o orgulho sereno de quem projetou o nome da sua empresa para muito além da geografia regional e conquistou o respeito à marca que criou.

Sim, Pato Branco: passando em suas ruas, ou nas estradas rurais, o sentimento é de paz. A lembrança atualiza o projeto que delineei para este Município: oportunidades para que houvesse o pão na mesa, o lazer para a Família, a segurança de quem sabe aonde vai e, mesmo, o cansaço sadio de quem trabalha muito, mas pode olhar, com serenidade, para a história que ajudou a construir.

Augustinho Zucchi

À direita, Igreja Matriz de São Pedro Apóstolo e praça Presidente Vargas. Natal de 2019.



RODINEI SANTOS



Na década de 1960, jornais de Pato Branco chamavam a cidade de "Capital do Sudoeste". Baseavam-se no crescimento acelerado da economia local e no notável desenvolvimento urbano. As madeireiras geravam um volumoso capital, cujo excedente era aplicado na formação de empresas de ramos diversos. Iniciado com ferrarias, moinhos, soques de erva-mate e pequenas serrarias, o setor industrial evoluía para grandes indústrias movidas a eletricidade. E a agricultura aprimorava-se, com equipamentos modernos e novas técnicas de cultivo.

Nas décadas seguintes, o ensino superior somou-se ao desenvolvimento empresarial, industrial e agrícola de Pato Branco, gerando uma cultura de economia com base tecnológica. E o comércio, como prosseguimento natural, foi apresentando instalações, fachadas de lojas e produtos cada vez mais sofisticados.

Esses e outros fatores contribuíram para a formação desta cidade com tons de metrópole. E a constituição geográfica concedeu ao palco urbano belos cenários. Elevações e depressões propiciam ruas íngremes, mas também alguns mirantes, dos quais é possível apreciar Pato Branco na plenitude de seu desenvolvimento.

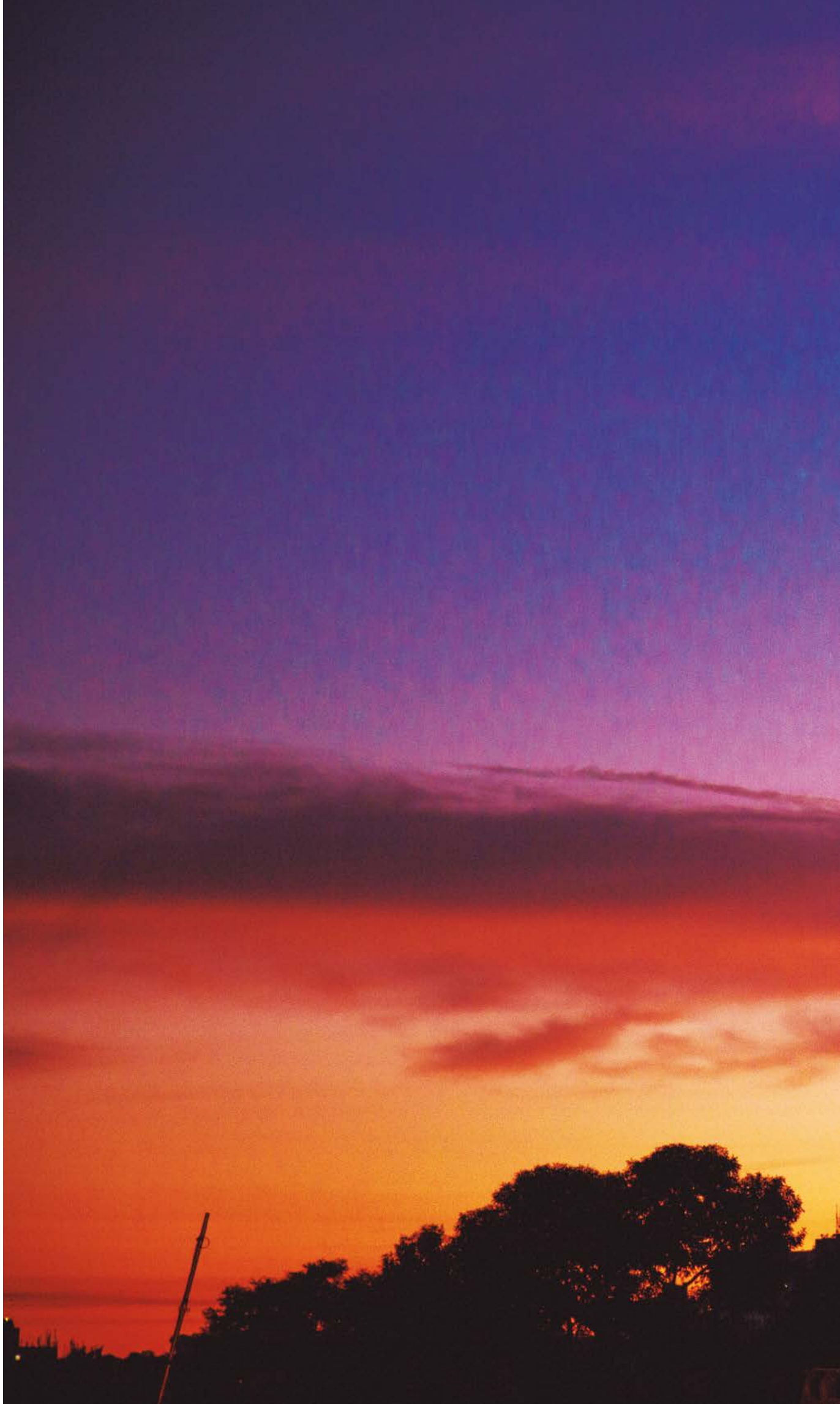
Vista aérea da cidade de Pato Branco em 2020.
Fotografia: Rodinei Santos





No úmido, silencioso e místico ar do entardecer, a requintada arquitetura bizantina da igreja ucraniana de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro recebe iluminação azul — uma das cores da bandeira da Ucrânia (a outra é amarela).

Fotografia: Rodinei Santos





O Aeroporto Municipal Juvenal Loureiro Cardoso é um dos muitos exemplos de dedicação da administração pública de Pato Branco em benefício da população. O projeto para instalação do "Campo de Aviação" nasceu ainda antes da emancipação política do município, como plano de alguns cidadãos que sonharam alto. Pareciam prever que a pequena "Vila Nova de Bom Retiro" iria tornar-se uma grande cidade.

Embarque de passageiros no aeroporto de Pato Branco em 2019. Fotografia: Rodinei Santos.







RODINEI SANTOS

Desfile em 7 de setembro de 2019. Em marcha na Avenida Tupi, professoras e estudantes de escola municipal.



RODINEI SANTOS

2019. Tropeada na praça Presidente Vargas em dia comemorativo da Independência do Brasil.

Durante os desfiles cívicos — que ocorrem na avenida Tupi, com apoteose na praça Presidente Vargas — o município de Pato Branco tem a oportunidade de mostrar toda a simbologia do seu passado e do seu presente, com fantasias e adereços, músicas, marchas e danças. Veem-se descer pela avenida as escolas com suas fanfarras, espalhando pela cidade o troar dos tambores, o trinado das liras e o sopro dos trombones. Comparecem os grupos de Terceira Idade, de escoteiros e de tradições gaúchas, entidades filantrópicas, bombeiros, Polícia Militar, ciclistas, motociclistas, tratoristas, motoristas com seus automóveis antigos, artistas circenses soltando fogo pela boca, ginastas, malabaristas, dançarinas, estudantes de artes marciais, representantes de empresas, diretorias de instituições públicas... Dentre outros temas em destaque, um dos mais privilegiados tem sido a agricultura. Estudantes fantasiados de agricultores desfilam com roupas típicas da área rural, portando chapéus e botas, enxadas e foices. Também apresen-



RODINEI SANTOS

Centros de Tradições Gaúchas – CTGs de Pato Branco apresentam sua "invernada artística" na praça Presidente Vargas. 2019.

tam as inovações incorporadas à agricultura nas últimas décadas, como tratores e colheitadeiras – elaborados com papelão, plásticos e outros materiais. Também tem sido constante nos desfiles a representação da *Revolta dos Posseiros de 1957*, evento trágico e emblemático, no qual a população do Sudoeste uniu-se contra a violência no campo promovida por companhias colonizadoras. A indústria e as inovações tecnológicas conquistadas nos últimos anos também obtiveram seu espaço nas apresentações cívicas de Pato Branco. Em décadas passadas, os desfiles também foram palco de disputas. "Havia competições entre as fanfarras. Geralmente quem ganhava era a fanfarra do La Salle, conduzida pelo maestro Guido, que era professor de geografia. Eram muito lindas as músicas e as coreografias. Tinha premiação para os melhores enfeites. Os empresários prestigiavam, levavam tratores, caminhões enfeitados. Lembro com muita saudade" (Paulo Ricardo Pozzolo, 2020, sobre Pato Branco na década de 1970).



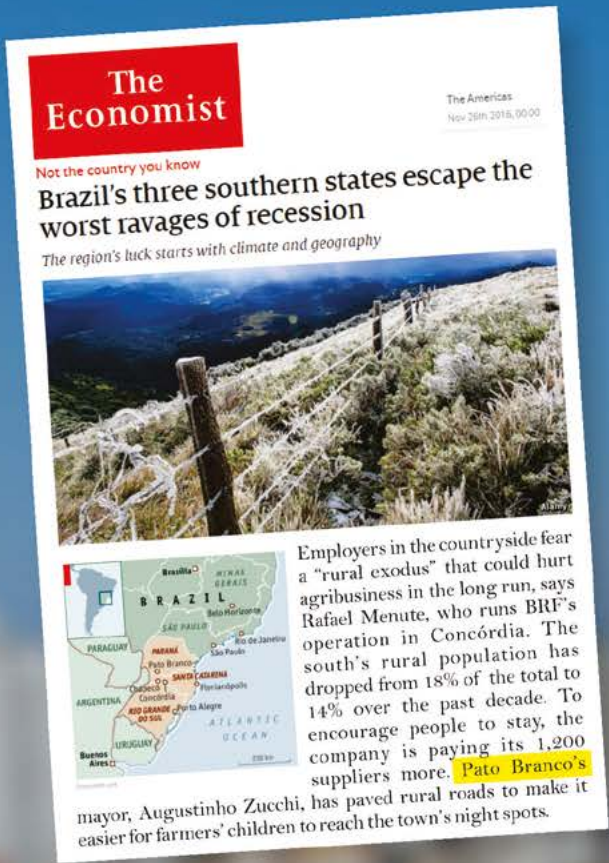
RODINEI SANTOS

As professoras prepararam as crianças para o glorioso momento do desfile cívico (2019).

Cidade modelo para o Brasil



EXAME.COM		
BRASIL		
As 40 melhores pequenas cidades para envelhecer		
Aumento da expectativa de vida exige mudanças na maneira como as cidades brasileiras são pensadas. Os municípios desta lista já perceberam isso.		
Cidade	Posição	Nota
São João da Boa Vista, SP	1	99.82
Vinhedo, SP	2	99.49
Lins, SP	3	96.61
Fernandópolis, SP	4	95.70
Tupã, SP	5	94.78
Votuporanga, SP	6	93.92
Lajeado, RS	7	92.69
Itapira, SP	8	92.21
Rio do Sul, SC	9	92.15
Bebedouro, SP	10	91.11
Pato Branco, PR	11	89.87
Jaboticabal, SP	12	89.13



Uma das
**MELHORES
CIDADES
PARA ENVELHECER
DO BRASIL**

EXAME

Entre as
**CIDADES +
DESENVOLVIDAS
DO BRASIL**

EPOCA

Firjan
SENAI
SESI
IEL
CIRJ

**DESTAQUE
INTERNACIONAL**
ENTRE OS MUNICÍPIOS QUE MAIS
AVANÇAM
EM TEMPOS DE CRISE NO BRASIL

The
Economist

Publicações de nível nacional e internacional exaltam os avanços obtidos por Pato Branco nos últimos anos. Destaque para a tecnologia e os projetos sociais.



**5^a CIDADE
+ INTELIGENTE
DO BRASIL**

EXAME

**25^a MELHOR
CIDADE
DO BRASIL**

ISTOÉ

2015

GENEALOGIA

Pato Branco emancipou-se de Clevelândia por meio da lei estadual 790/ 51, sancionada em 14 de novembro de 1951. Em 28 de junho de 1892 Clevelândia havia-se emancipado de Palmas, que em 14 de abril de 1879 desmembrou-se de Guarapuava, município emancipado em 9 de dezembro de 1819 de Castro, que desmembrou-se em 20 de janeiro de 1789 de Curitiba, originado em 29 de março de 1693 de Paranaguá, município criado em 29 de julho de 1648 por Carta Régia.

CLIMA

O clima de Pato Branco é seco, com chuvas periódicas. Invernos muito frios, apresentando geadas frequentes. O verão é fresco, com brisa constante. No ambiente urbano, uma grande diversidade de árvores contribui para a manutenção de um clima agradável.

MUNICÍPIOS LIMÍTROFES

Bom Sucesso do Sul, Clevelândia, Coronel Vivida, Honório Serpa, Itapejara d'Oeste, Mariópolis e Vitorino.

LOCALIZAÇÃO

Pato Branco localiza-se na região Sudoeste do Paraná, na margem sul do rio Iguaçu, a cerca de 60 Km deste. A cidade possui uma altitude média de 800 m em relação ao nível do mar. Próximo à empresa Comagril, na região sul da cidade, a altitude é de 908 m. O encontro do rio Ligeiro com a PR-158, ao norte, dá-se a 742 m — um desnível de 166 m. A área urbana foi instalada na confluência de vários córregos, que percorrem leitos sinuosos, o que resultou em muitas ruas de declive acentuado.

Os caminhos do Sudoeste

Os fatos que concorreram para a formação do município e da cidade de Pato Branco são analisados nesta obra. E também a luta dos desbravadores que abriram os caminhos do Sudoeste.

A história de uma cidade compõe-se em etapas sucessivas. Para compreender a dinâmica que conduziu às estruturas atuais, é necessário buscar as origens. O que havia no Sudoeste paranaense e quem chegou para transformar aquela realidade? De onde vieram os pioneiros? Por que deixaram suas terras para arriscar a vida em áreas inexploradas?

O chamariz dos povoadores, como em todas as regiões de fronteira, foram as terras ricas e vastas do Paraná. O perigo representado pela floresta e pelos indígenas causava medo, mas a história mostra que este nunca foi empecilho para os avanços da inquietante *Civilização Ocidental*. Se há terras a ocupar, ainda que delonguem anos e pressagiem-se perigos e perdas de vidas, as terras serão inevitavelmente ocupadas!

Após inúmeras marchas e contramarchas — nas quais registram-se confrontos com indígenas e embates diplomáticos com argentinos — no final do século XIX o Sudoeste já estava povoado por desbravadores e tropeiros originários das regiões vizinhas. Seguiam frentes de Guarapuava, de União da Vitória, do Rio Grande do Sul e da Argentina. As terras indígenas estavam conquistadas e o governo concedia grandes áreas aos próceres que circulavam nas altas esferas do poder. Nas décadas seguintes essas terras seriam recortadas e distribuídas aos que chegavam. Porém o sistema de distribuição pelos governos federal e estadual, com propósitos sombrios e métodos desordenados, traria graves repercussões futuras.

Na segunda década do século XX, um grupo de refugiados da Guerra do Contes-

tado (1912 - 1916) foi enviado para formar a *Colônia Bom Retiro*. A sede dessa colônia, chamada *Vila Nova de Clevelândia*, foi o embrião da atual cidade de Pato Branco. Conduzidos por agentes federais, esses refugiados deram início às estruturas iniciais, construindo suas casas e abrindo vias de comunicação com outras áreas. Além deles, fazendeiros, tropeiros e agricultores chegavam em busca de novas terras. Mas a região também era atraente para bandidos e malandros de toda espécie.

Em 1920 foi criado o Distrito Judiciário de Bom Retiro, primeiro sinal de que a pequena vila poderia tornar-se uma cidade.

No início de 1925 os moradores de Vila Nova ouviram o ribombar dos canhões e o estrépito das metralhadoras, na batalha entre os rebeldes da *Revolução de 1924* e os soldados governistas. A passagem da *Coluna Prestes* fez estremecer o Sudoeste. Embora não haja registros de mortes de civis, alguns autores atribuem a esse evento um atraso no desenvolvimento regional. Outros afirmam que as notícias do sertão abandonado e tomado por ervateiras argentinas, levadas aos jornais de circulação nacional pelos revolucionários, contaram positivamente para o processo de colonização.

Enquanto novos agricultores chegavam do Sul para ocupar as áreas rurais de Bom Retiro, na sede da colônia o casario se multiplicava em torno de uma pequena capela de madeira e de uma escola. Aos poucos foram-se estabelecendo bodegas, açougues, pousadas e um posto telegráfico. E o vilarejo passou a chamar-se Pato Branco — nome emprestado de um rio que corre cerca de 10 quilômetros a leste da cidade.

A partir da década de 1930, visando a tomada definitiva do Oeste e do Sudoeste do Paraná, o governo federal oficializou a ação de companhias colonizadoras. Em sua maioria, eram empresas riograndenses, cujo objetivo maior era a exploração industrial dos pinheirais que cobriam a região. Nesse período centenas de madeireiras instalaram-se nos municípios que se formavam à direita e à esquerda do rio Iguaçu. Enquanto as árvores iam ao chão, proporcionando a formação de um volumoso capital, grandes áreas eram abertas ao cultivo agrícola, favorecendo a sobrevivência das famílias que chegavam do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

A acomodação desses migrantes nas novas terras parecia certa e irrevogável. Porém o temor da perda assolou o Sudoeste no início da década de 1950. Uma grande área, correspondente às glebas Missões e Chopim, havia-se tornado propriedade de uma única colonizadora — consequência de uma mal-fadada negociação envolvendo os governos federal e estadual. A empresa dividiu a área, destinando partes a concessionárias, que passaram a convocar os colonos a pagar pelas



terras que eles já haviam pago ao chegar à região. Os que negaram-se a negociar passaram a ser perseguidos. Alguns tiveram suas famílias torturadas e mortas.

Enquanto os políticos regionais programavam a emancipação de Pato Branco e Francisco Beltrão, na área rural desses municípios as questões de terras avultavam, alcançando a divisa com a Argentina. Um movimento de revolta iniciou-se em 1950 e eclodiu em outubro de 1957, num evento que tornou-se conhecido como *Revolta dos Posseiros do Sudoeste*. A pacificação somente foi possível com a intervenção de líderes locais e também do governo federal, que retomou a área do litígio e promoveu uma reforma agrária.

Na esfera municipal de Pato Branco, a situação não era menos beligerante. Queda de prefeito e assassinato de vereadores marcaram os primeiros anos da municipalidade.

Ao final da pacificação, na década de 1960, Pato Branco já se destacava no cenário paranaense como um dos mais progressistas. Empresas se instalavam a uma velocidade surpreendente e tons de modernidade já al-

cançavam a cidade. O quadro urbano expandia-se, as ruas eram pavimentadas e os rios urbanos eram canalizados. Instituições filantrópicas eram criadas, visando a proteção de idosos, jovens e crianças em situação de risco. Cooperativas, associações e sindicatos eram formados. Em meados da década de 1970 o ensino superior ofertava seus primeiros cursos. Grupos de jovens promoviam encontros religiosos, eventos esportivos e festivais. Na década de 1980 a juventude uniu os empresários e o poder público para a construção do Teatro Municipal.

Um grande passo no caminho do desenvolvimento de Pato Branco foi a instalação do CEFET — atual UTFPR — que, em parceria com a Prefeitura, vem promovendo o

ensino tecnológico e estabelecendo no município um dos mais sofisticados parques industriais do Brasil.

Pato Branco é um município plenamente integrado ao conhecimento científico, socioeconômico e cultural do planeta. É um bom lugar para se viver, com clima agradável, paisagens magníficas e um povo acolhedor. O solo é fértil. O clima, ameno. As chuvas caem com regularidade e as nuvens logo se dissipam, abrindo um céu de um azul límpido e profundo.

No período da realização desta pesquisa, fomos bem recebidos na cidade e na área rural de Pato Branco. Procuramos ouvir a maior diversidade possível de vozes, que desenham a história do município das mais variadas formas e com diferentes tons.

Mas não foi possível entrevistar todos os pioneiros sobreviventes, como gostaríamos. Na fase final da pesquisa, a partir de março de 2020, deparamos com um imprevisível *coronavírus*, que tornou arriscados os contatos pessoais. Em respeito à fragilidade física dos idosos, preferimos abstermo-nos desses contatos. Apesar disso, realizamos entrevistas que permitiram compor um quadro razoavelmente abrangente do município de Pato Branco e da história de seu povo.

Esperamos que esta obra mostre-se digna dessa população afável e atenciosa.

O texto apresenta algumas diferenças nos sobrenomes de membros de uma mesma família, em função de desvios nos registros cartorários.

Em respeito às pessoas entrevistadas, a linguagem típica da população de Pato Branco foi preservada. E as citações extraídas de outras publicações mantêm a grafia original.



*Pato do escultor Kalu,
no Parque do Alvorecer.*

A marcha dos conquistadores

A história do município de Pato Branco integra-se à saga dos desbravadores portugueses, que a partir do Descobrimento do Brasil iniciaram a marcha em direção ao sol poente. A ocupação demográfica do Sudoeste paranaense, onde Pato Branco está localizado, deu-se em várias frentes e em tempos diversos.

A região Sudoeste também era pretendida pelos espanhóis — e mais tarde pelos argentinos. Com o mapa do Tratado de Tordesilhas (1494) em mãos, desde a descoberta da América os castelhanos consideravam sua uma vasta região à margem esquerda do rio Paraná, alcançando a Serra da Esperança. Eles subiam com facilidade, desde Buenos Aires à região de Guaíra, pelo leito do rio Paraná. No outro front, enfrentando a mata cerrada, os bandeirantes paulistas e curitibanos progrediam com dificuldade. As características próprias da Mata Atlântica, predominante no território paranaense, retardavam o avanço. Além das árvores gigantescas, os desbravadores enfrentavam os taquarais, os cipoais e os espinheiros, que produziam ferimentos e provocavam doenças. E como a hidrografia regional é abundante, havia a passagem dos rios com que se ocupar. Mas acima de tudo, o ataque dos indígenas, que buscavam impedir a progressão bandeirante em seu território.

.....

Artesanato indígena, no contraste com a estrada asfaltada. Várias bancas para venda desses objetos artesanais estão instalados à margem da PR-158, ao longo da reserva de Mangueirinha.

JESUÍTAS

Portugueses e espanhóis lutavam contra os índios desde o Descobrimento, sem grandes resultados. A estratégia foi enviar os padres da Companhia de Jesus, que iniciaram a *pacificação* com os ensinamentos cristãos. No Paraná, eles fundaram suas *Reduções Jesuíticas* a partir de 1554. Semearam aldeamentos junto aos rios Piquiri, Ivaí e Tibagi.

Inicialmente, “a influência apaziguadora exercida pelos missionários sobre os índios das vizinhanças era altamente apreciada” (Clóvis Lugon, 1977). No entanto, ainda que tenham domado muitas tribos, a presença dos religiosos tornou-se mal vista pelos ex-

ploradores. Eles perceberam que as reduções estavam se tornando empecilho ao avanço na floresta. A cultura do trabalho, ensinada pelos frades, acabava por fortalecer as tribos.

— Os jesuítas puseram-se claramente a favor da liberdade indígena, exigindo nas suas prédicas que fossem libertos dos trabalhos pessoais junto aos colonizadores. (Vander Piaia, 2010)

Combatidos por nobres portugueses e vendo-se sem apoio estatal, os jesuítas foram deslocando as aldeias sob sua influência para o sul. A marcha dos bandeirantes estendia a fronteira portuguesa na direção oeste, e nesse trajeto começaram a destruir as Reduções.



LUIZ FRANCISCO GUIL



Campos de Palmas. Fotografia do capitão Thomaz Reis, responsável pelo “serviço photographico e cinematographico das operações”, no cerco legalista aos revolucionários de 1924.

guai”. Este é o trecho de uma carta, datada de 1808, enviada a Antônio José da França Horta e Francisco Xavier de Azevedo Tavares de Carvalho, a quem estavam jurisdicionados os “Campos de Coritiba e de Guarapuava”. No princípio, essa “guerra justa” contra os ín-

GUARAPUAVA, ARARA VALENTE

Divulgou-se que a palavra Guarapuava significa “lobo bravo”, na linguagem tupi. Mas o padre Francisco das Chagas Lima (1809), enviado para auxiliar na conquista do território dos índios, aponta outra definição.

— Ficam compreendidos os campos de Guarapuava em uma parte do território antigamente denominado “Guairá”. Contam que aquelle nome lhe foi dado por uns antigos sertanistas, que havendo chegado aos ditos, e caçando uma arara, que prenderam pelo pé, esta fizera esforços por libertar-se, e não podendo partir a correntinha com o bico, applicou este à perna, e cortando-a se escapou. Os sertanistas então disseram, em phrase da antiga linguagem do paiz, Guará (em contraposição à palavra Guairá, que significa passaro pequeno) e Puava, isto é, ave que não é rasteira, uma voadora veloz; de cujo acontecimento resultou ficar o campo com aquelle nome, o qual depois se deu ao vasto terreno desde o rio Itatú (em cujas margens esteve a antiga e demolida Villa Rica), até as cabeceiras do Uruguay, e desde a Serra dos Agudos até o rio Paraná.

dios — na visão do governo imperial — havia sido decretada para as capitanias de São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, estendendo-se depois a outras regiões. Por meio de Decreto, D. João, em parceria com a Igreja Católica, ordenou a suspensão dos “Efeitos de Humanidade” relativamente aos nativos, destituindo-os de alma e, com isso, justificando sua captura e escravatura.

A conquista dos Campos de Guarapuava deu-se a partir de Ponta Grossa, sob o comando do tenente-coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal. Após anos de lutas na Serra da Esperança, seu batalhão venceu a resistência indígena e alcançou a área onde hoje se encontra a cidade de Guarapuava. Nesse local estabeleceu fortes improvisados. Em 1812 um grupo de indígenas das tribos Camés e Votorões apresentou-se aos militares, sinalizando a paz. Em 1819 fundou-se a Freguesia de Nossa Senhora do Belém, núcleo habitacional que daria origem à cidade de Guarapuava.

A tribo Dorim revoltou-se com a passividade dos Camés e Votorões e passou a sofrer ataques aos desbravadores. O Fortim Atalaia, que guarnecia a vila de Guarapuava, foi tomado por 200 Dorins em 25 de abril de 1825. Porém esse ataque resultou em iniciativas ainda mais ferozes dos conquistadores,

que aos poucos foram expulsando a comunidade nativa em direção aos rios Paraná e Iguaçu. Parte daquelas tribos fugiu para os Campos de Palmas, ou aos aldeamentos de Nonohay, no Rio Grande do Sul.

Até as primeiras décadas do século XX, o município de Guarapuava estendia-se às margens do Rio Paraná e à fronteira com o Rio Grande do Sul. No transcorrer das décadas, grandes áreas desse imenso município, em forma de sesmarias, foram concedidas a paulistas e curitibanos — famílias que possuíam influência nas esferas estadual e federal. Eles estabeleceram fazendas de gado e também passaram a explorar a erva-mate. Um número cada vez maior de paulistas e curitibanos circulava pelo Centro-Oeste do Paraná. Seus exploradores palmilhavam os sertões em busca das melhores áreas.

Com a base consolidada em Guarapuava, a ambição pela terra empurrava os fazendeiros cada vez mais para os sertões do Oeste e também do Sudoeste. Um mapa de 1896, do Instituto de Terras, Cartografia e Florestas, aponta a área ocidental da cidade de Guarapuava como “sertão desconhecido”. Esta era a aparência, para quem olhava à distância a imensa floresta que se estendia até as margens do rio Paraná. Mas aquelas matas vinham sendo percorridas havia décadas, não somente por indígenas, como também por soldados, bandeirantes, tropeiros, bandidos e toda espécie de aventureiros.

CAMPOS DE PALMAS

A abertura da região Sudoeste ao povoamento dos brancos ocorreu na busca dos Campos de Palmas, denominação dada pelo major Atanagildo Pinto Martins, da Real Expedição de Conquista dos Campos de Guarapuava. Na linguagem indígena eram os Campos de Bituruna — “Terra Alta”, “Terra das Palmeiras” ou “Monte Negro”. A área foi visitada inicialmente pelo bandeirante Zacarias Dias Cortes, na década de 1720. A primeira tentativa de conquista foi com Atanagildo. Sua tropa foi guiada pelo índio Jonjong. Re-

ceando ataques de nativos rebeldes, ele conduziu o grupo para oeste, desviando Palmas e percorrendo áreas próximas ao atual município de Pato Branco, até alcançar a região de Vacaria.

Logo depois partiram duas bandeiras, visando a ocupação dos Campos de Palmas. Uma delas liderada por José Ferreira dos Santos, outra por Pedro de Siqueira Cortes. Com eles seguiram representantes de fazendeiros guarapuavanos.

A preocupação maior de Cortes e dos Santos, embora fossem concorrentes, não era a disputa entre si, porém contra os argentinos, que também se mostravam interessados na área. Os fazendeiros temiam a indefinição quanto à fronteira entre Brasil e Argentina.

O governo brasileiro sabia que povo pioneiro teria a prevalência na disputa territorial. Para tanto, a província de São Paulo criou a Companhia de Municipais Permanente, com ordens policiais para conduzir a ocupação ordenada dos Campos de Palmas. O comando foi delegado ao capitão Hermógenes Carneiro Lobo, em 1840. Mas na concepção de Ferreira dos Santos e Siqueira Cortes, essa companhia representava o intento dos paulistas em apropriar-se da região. Colonizadores desceriam de São Paulo, apoiados pelas forças do governo provincial, e tomariam as melhores terras.

Embora a presença militar levasse segurança aos Campos de Palmas, Siqueira Cortes via com maus olhos as iniciativas do capitão Hermógenes. A rivalidade entre eles chegou próximo ao confronto.

Nessa época tomava vulto a aspiração emancipacionista, que em 1853 resultaria na formação da Província do Paraná. Várias diligências já tramitavam em Curitiba e Paranaguá. E o desejo de libertação do domínio paulista apressava os guarapuavanos na tomada dos Campos de Palmas.

Na década de 1850, Hermógenes aparece como o maior proprietário de terras do futuro município de Clevelândia, incluindo as atuais cidades de Mariópolis e Pato Branco. Na vasta extensão de sua propriedade encontrava-se



Meninas indígenas da reserva de Mangueirinha, na fotografia de Rudi Bodanese.



“Carga Total”, fotografia de João de Paula. Indígena da aldeia de Mangueirinha, década de 1970.

o rio dos Patos — Veiga Lopes (2007) diz ser esta a provável denominação original do rio Pato Branco — desde suas cabeceiras até a barra no rio Chopim. A cidade de Pato Branco, cuja denominação deve-se àquele rio, localiza-se nas terras inicialmente cedidas, compradas ou tomadas pelo capitão Hermógenes. Não foram encontrados documentos respectivos a tal aquisição. Ainda no século XIX, essas terras foram fatiadas e vendidas. Entre os adquirentes estavam os Silva Ribas, Alves Carneiro, Dias de Siqueira, Andrade, Ribeiro do Nascimento, Carneiro e Oliveira Ribas.

Entre outras iniciativas, a Companhia de Municipais abriu o *rocio* onde seria instalado o povoado de Palmas e também o caminho até o rio Iguaçu. Essa via ganhou importância ao franquear uma comunicação mais fácil com Curitiba. Era a *Estrada da União*, que conduzia ao porto de União da Vitória. Os

barcos subiam o rio Iguaçu até Porto das Laranjeiras (atual cidade de Porto Amazonas), no município de Palmeira. O percurso foi reduzido em 28 léguas — ou 168 Km — relativamente ao caminho por Guarapuava.

Na perspectiva dos comerciantes de Curitiba, a via fluvial permitiu a entrada ao vale

médio do rio Iguaçu, para onde enviavam suas mercadorias, como o sal para o gado e manufaturados como o açúcar e a farinha, que abasteciam os moradores do sertão. No retorno, as barcas conduziam preciosos produtos, como “o gado gordo para corte, o queijo, a crina e o charque” (Antônio Cartamão de Oliveira, 1874).

Em meados do século XIX, a tradição brasileira do descaso palaciano já afetava as populações mais distantes da capital. Embora a Estrada da União beneficiasse comerciantes, pecuaristas e toda a população regional, ela não foi conservada.

— A via de comunicação entre Palmeira e Palmas, pelo passo do Iguaçu, em Porto da União, só imperfeitamente dava trânsito aos cargueiros. (Hermelino de Leão)

O descuido continuou anos afora. Cleto da Silva relata que em 1897 a estrada entre a colônia Jangada (atual cidade de General Carneiro) e os campos palmenses “era simplesmente horrível: serras, peraus, desfila-deiros, tremendos caldeirões, escondidos por extensos taquarais, atrás de cuja ramagem os índios faziam emboscadas atacando o incauto viajero”.

Quem se beneficiava com a má conservação dessa estrada eram os comerciantes guarapuavanos, que viam o retorno dos tropeiros à *Estrada das Missões* — assim denominada a via que se formara entre a cidade de Guara-

Residência de família cabocla na região Sudoeste. Feita com madeira lascada e coberta com tabuinhas.



ACERVO OLAMIR PEDRO GUERIOS

puava e o Rio Grande do Sul. Os produtores da região de Palmas perdiam em dobro: os manufaturados que chegavam via Guarapuava eram mais caros, e o gado transportado por essa estrada perdia peso na longa marcha até a capital. Muitos acabavam vendendo para proprietários de invernadas em Guarapuava ou Ponta Grossa.

Apesar dos entraves, no início do século XX a trilha entre a colônia Bom Retiro — futura cidade de Pato Branco — e o porto de União da Vitória já era bem frequentada. Caravanas com até 50 mulas transportavam erva-mate e outros produtos do Sudoeste, conduzindo na volta os manufaturados necessários à sobrevivência dos pioneiros.

ÍNDIOS DE PALMAS

Em Palmas, como em Guarapuava, os índios dividiam-se entre *colaboracionistas* e *refratários*. Os primeiros eram liderados pelos caciques Viri e Vitorino Condá. Segundo Ruy Wachowicz, “a ocupação dos Campos de Palmas pelos colonos brancos interrompeu e cindiu o relacionamento que os índios tinham com seus iguais de Nonohay. Um forte contingente desligou-se de Nonohay e passou a gravitar em torno de Palmas”. Durante uma ausência de Condá, um dos líderes dos rebeldes, chamado Vaiton, procurou Viri propondo-lhe rebelião contra os colonizadores. Porém Viri, fiel aos fazendeiros, declinou da proposta. Vaiton, enfurecido com a negativa, atacou o aldeamento de Viri na noite de 4 de março de 1843. Porém Viri, “conhecedor de todos os acidentes topográficos de Palmas, apertou o inimigo sobre o itaimbé junto à povoação, onde se despenharam” (Hermelino de Leão).

— Primeiramente atacaram os índios já aldeados, que se defenderam corajosamente com o favor da superioridade das armas, matando-lhes oito, além de se fazerem algumas índias prisioneiras, e perdendo somente dois dos seus. E como este conflito despertasse a pouca gente da povoação que se pôz em atitude de defesa, fugiram os que a cercavam, ficando n’esta sómente a empresa: este



Vila de Clevelândia. Fotografia do capitão Thomaz Reis em 1925.

facto seguramente não se daria, se mais tino e menos desconfiança presidissem às primeiras entrevistas com estes bárbaros. (Joaquim José Pinto Bandeira, citado por Wachowicz, 1987)

Houve perdas de vidas nas duas facções, mas a vitória coube aos colaboracionistas.

Outros fatos violentos no confronto entre brancos e índios foram anotados nessa época. Hermógenes e Condá uniram-se contra o grupo de Siqueira Cortes, cada qual levando suas reivindicações a São Paulo, em busca de apoio à sua liderança na região de Palmas. Siqueira Cortes obteve das autoridades paulistas o comando sobre a Companhia de Municipais, causando a revolta do capitão. Com o apoio de forças paulistas, o novo comandante atacou os indígenas.

— Na sahida de uma pequena campina, por um sinal dado, os índios foram de súbito acometidos e ferozmente assassinados. (...) Uma segunda escolta procedeu da mesma criminosa forma, com algumas famílias de indígenas que andavam dispersas. (Relato de H. Elliot a Ermelino de Leão).

Desses confrontos resultou uma situação insustentável entre os chefes Condá e Viri. Por intermédio de alguns fazendeiros, os in-

dígenas aldeados foram divididos em dois grupos. Os de Viri permaneceram em Palmas, enquanto Condá seguiu com os seus à região do atual município de Chapecó. Segundo Bandeira, aos poucos os dois grupos se reaproximaram, “começando esta harmonia por convites recíprocos para seus bailes selvagens, a que todos assistiam com certa cerimônia, estranhas aos nossos costumes”.

O relacionamento com os índios apresentava dois aspectos distintos. Por um lado, era necessário conquistar sua confiança, obtendo deles a proteção contra outros nativos. Mas quando possível, tentava-se dominá-los, o que significava a tomada definitiva dos territórios por eles habitados. Nesse sentido, Condá foi de grande préstimo aos conquistadores. Sua liderança era respeitada entre as tribos, e sua aliança com os paulistas — lide-

CAMPO ERÊ

No intercurso da luta com os indígenas, surgiram rumores sobre outros campos, na direção sudoeste, denominados Erê. A área foi ocupada a partir de 1858 por alguns fazendeiros para a criação de gado. Entre eles, representantes das famílias Lara, Machado e Afonso.



RODINEI SANTOS

rados por Francisco e João Sipriano, filhos do capitão Antônio da Rocha Loures — facilitou as entradas desde Palmas até os campos de Nonohay. Também na região de União da Vitória o repúdio indígena aos invasores foi aos poucos esmaecendo, sob a intervenção de Condá e Viri.

Condá demonstrou sua liderança num episódio no qual foram assassinados seu filho e seu cunhado por um grupo de índios de Nonohay. Mais de 120 índios de Palmas e Chapecó sublevaram-se a favor de Condá, preparando-se para atacar os de Nonohay. A iniciativa era aguardada com ansiedade pelos fazendeiros, que viam a oportunidade de tomar a região ao fim da batalha, a exemplo do que havia ocorrido em Guarapuava. Aos índios derrotados não restaria alternativa, senão buscar outras paragens, cedendo suas terras aos brancos. Porém Condá agiu com serenidade. Apoiado por Viri, solicitou às autoridades que penalizassem os autores do crime, ao invés de promover um confronto que resultaria em grande morticínio. Os assassinos foram presos e conduzidos à cadeia de Passo Fundo.

Após essa ocorrência, 30 índios de Viri foram chamados a Guarapuava para receber

treinamento militar. Nessa época já era reconhecido o papel facilitador que os índios exerciam na conquista de seu próprio território. Pela força e pela diplomacia, eles foram abrindo suas terras ao domínio branco. Recebiam promessas de bom convívio, roupas e ferramentas. Além de proteger as povoações contra o ataque de índios rebeldes, os aldeados auxiliaram na abertura de inúmeras picadas, que depois seriam convertidas nas estradas que ligam as principais cidades do Sudoeste paranaense e do Oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

O papel de Condá também foi preponderante na abertura da estrada que conduzia a Corrientes, a partir de 1865. Além da mão de obra dos soldados da corte imperial, o serviço contou com 37 comandados do cacique.

Wachowicz argumenta que o papel dos indígenas também foi fundamental no embate diplomático que Brasil e Argentina travavam pela posse da região.

CONFRONTO COM A ARGENTINA

A área à direita do rio Iguaçu, entre as atuais cidades de Foz do Iguaçu e Cascavel, vinha sendo explorada por ervateiros e ma-

Com frequência, os indígenas e os caboclos são homenageados nos eventos cívicos de Pato Branco. Na fotografia, desfile em 7 de setembro de 2019.

deiros argentinos desde a década de 1850. Eles implantaram o sistema de *obrages*, grandes fazendas que utilizaram trabalho escravo. Trabalhadores paraguaios, quando endividados, eram perseguidos e assassinados na mata por milícias denominadas *comisiones*. A obrage Nuñes y Gibaja, uma das maiores, atuava também no Sudoeste.

No período pré-republicano não havia empresas brasileiras interessadas em explorar o mate e o pinho no Sudoeste. Também não existia fiscalização pelas autoridades nacionais. Os argentinos aproveitavam a matéria-prima abundante e a mão de obra barata, oferecida pelos caboclos e paraguaios. O mate e a madeira que desciam pelo rio Paraná alimentavam a economia de Buenos Aires. Essa situação perdurou no Oeste até quando as instalações argentinas foram destruídas pelos rebeldes da Revolução de 1924.

No final do século XIX, a ameaça de uma invasão argentina irreversível preocupava também os moradores do Sudoeste. Eles viam a madeira e a erva-mate da região sendo extraídas e levadas ao território de Misiones.

Em 24 de dezembro de 1872 o Jornal do Commercio (RJ) noticiou a entrada de ervateiros argentinos de Corrientes entre os rios Peperi-Guaçu e Chapecó. O governo de Corrientes tinha enviado um agente para arrecadar impostos sobre a produção da erva-mate. O jornal também divulgou a venda de terras brasileiras por corretores argentinos. A região era considerada *terra de ninguém*, percorrida por bandos de jagunços, que pro-

Parte da erva-mate produzida no Sudoeste descia pelo rio Paraná até Buenos Aires. Outro tanto alimentava o mercado de Curitiba. Partia de carroça até União da Vitória, depois era transportada pelo rio Iguaçu em barcos a vapor, até Porto Amazonas. Depois seguia de trem.



Tropeiros com suas mulas carregadas desfilam na praça Presidente Vargas, no 7 de Setembro de 2019. Representantes da Escola Municipal São João Batista de La Salle.

tegiam os exploradores da madeira e da erva. Esses produtos, como os do Oeste, eram conduzidos ao rio Paraná e desciam a Buenos Aires. A erva seguia sobre barcaças, enquanto a madeira era transportada em grandes jangadas — chamadas marombas — formadas por centenas de toras.

Em 1880 o presidente da Província do Paraná, João José Pedrosa, escreveu ao Ministério da Guerra solicitando apoio armado, visando defender a região entre Palmas e Chapecó contra a ameaça iminente de invasão de “aventureiros de Corrientes”. Mas a resposta do governo federal foi retirar o pequeno contingente que se encontrava na área, causando pavor aos colonos já instalados.

Enquanto isso, o governo argentino editava medidas favoráveis à tomada da região. Em 1881 criou a *Governacion de Misiones*, que abrangia as terras entre os rios Uruguai e Paraná. A reação do governo brasileiro foi implantar as colônias militares de Chapecó e Chopim.

Nesse período os olhos do Brasil voltavam-se para essa região litigiosa. A área em foco estava compreendida entre os rios Uruguai (Goio-en, na linguagem caingangue), Peperi-Guaçu, Santo Antônio, Iguaçu, Janga-

da e Chapecó. Havia, inclusive, discordância quanto à denominação desses rios. A Argentina apoiava-se no Tratado de Madrid (1750) para estender suas posses até as margens dos rios Chapecó e Chopim, o que abrangeria as atuais cidades de Clevelândia, Palmas e Pato Branco, entre outras.

— Os delegados argentinos (...) queriam impor o engodo geográfico-potâmico de que o Santo Antônio era o rio Chopim e o Peperi-Guaçu era o rio Chapecó. Mas o mapa das Côrtes, de 1749, já trazia os dois rios e suas coordenadas. (Jorge Baleeiro de Lacerda, 2010)

Mais tarde os argentinos passaram a dizer que Santo Antônio era o verdadeiro nome do rio Jangada. Com essas artimanhas, pretendiam estender seu território mais de 70 Km Brasil adentro.

O desencontro de informações gerava algumas situações contraditórias. Ainda que houvesse um esforço dos brasileiros na abertura da estrada que conduzia a Corrientes, em 1882 o delegado de polícia de Guarapuava comunicou ao presidente da Província, em tom de alarme, que os argentinos estavam “abrindo uma grande estrada que vem dos lados do Paraná em direção a Palmas”.

Em 1885 a diplomacia entrou em cena. Em comum acordo, os governos brasileiro e argentino criaram a *Comissão Mista* para análise das questões da fronteira na região entre os rios Iguaçu e Uruguai. Os trabalhos foram concluídos em 1890. No intercurso, em 1889, houve uma tentativa argentina de fatiar ao meio esse território, o que não foi aceito pelo lado brasileiro. Um *Tratado de Arbitramento* foi assinado em 7 de setembro do mesmo ano. Em 25 de janeiro de 1890 Quintino Bocaiúva, ministro de Relações Exteriores, surpreendeu o Brasil ao assinar em Montevideu um acordo corroborando a pretensão argentina. Conforme José Maria da Silva Paranhos Júnior — Barão do Rio Branco — os argentinos festejaram.

— No Brasil, porém, ele produziu o mais profundo sentimento de dor e levantou unânimes e vehementes protestos.

Para felicidade dos brasileiros, o Congresso Nacional rejeitou o acordo. Prevaleceu, desta forma, a necessidade de arbitramento.

Após exaustiva e eficaz defesa de Rio Branco, em Washington, a sentença dada pelo árbitro — Grover Cleveland, presidente dos Estados Unidos — considerou que o contingente de brasileiros na região conflitante era substancialmente maior que o de argentinos. O Censo de 1890 havia anotado 9.601 brasileiros — sendo 4.173 índios e mestiços. Ainda que grande parte desses indivíduos perambulasse pela região, sem endereço fixo, era notável a supremacia dos brasileiros. A pesquisa anotou somente 30 estrangeiros. O cultivo agropastoril, que se alastrava na região desde a década de 1830, foi um dos fatores apontados por Rio Branco. Segundo ele, a atividade dos argentinos era somente extrativa. Permaneciam apenas enquanto era rentosa a extração da erva-mate. Com o auxílio de mapas antigos resgatados da Europa, ele também demonstrou que a denominação

dos rios Chapecó, Peperi-Guaçu e Santo Antônio obedecia à tese dos brasileiros, contrariando a dos argentinos. Vencido pela forte argumentação do Barão, Cleveland arbitrou a favor do Brasil.

Mas apesar da euforia brasileira pela vitória, estudiosos da época consideraram que a Argentina foi a maior vencedora nessa contenda, visto que sua real pretensão não era manter a posse dos Campos de Palmas e Erê, porém consolidar a posse da região da atual Província de Misiones — área com mais de 30 mil Km², representada pelo braço territorial que se estende de Posadas às margens do rio Iguazu. Ocupados em defender Palmas, os brasileiros não se deram conta de que o número de brasileiros que se espalhavam por Misiones não era menor que o de argentinos. E que essa região, por estar compreendida entre os rios Uruguai e Paraná, portanto dentro das “divisas naturais” representadas por esses rios, poderia ter sido postulada pelo Brasil. Mas ao findar-se a questão de Palmas, e tendo-se mantido na defensiva, o Brasil perdeu o ensejo para uma investida diplomática sobre Misiones.

Embora a resolução diplomática sobre a fronteira tenha favorecido o Brasil, os argen-

tinios continuaram atuando na região. O crescente mercado da erva-mate conduzia fazendeiros platinos às matas da margem esquerda do rio Paraná. Na ausência de fiscalização, penetravam na floresta à procura dos ervais e dos pinheirais.

A demarcação fronteira ocorreu de fato somente em 1903, numa ação conjunta de brasileiros e argentinos. Para garantir o respeito à linha divisória, o general Dionísio Cerqueira, responsável pelo lado brasileiro, decidiu estabelecer uma povoação próximo às nascentes do Peperi-Guaçu. Também foi instalada uma comissão para cobrança de impostos sobre exportação. Era representada por um chefe e dois guardas, que viviam “naquela solidão como segregados do Paraná e do Brasil, a matar mosquitos, sem notícias e sem recursos” (capitão Nascimento Domingos, 1903). Apesar disso, o vilarejo cresceu, estendendo-se para além da fronteira argentina. Chamado inicialmente Peperi-Guaçu, foi dividido em três cidades: Barracão (Paraná), Dionísio Cerqueira (Santa Catarina) e Baracon (Argentina) — denominação mais tarde alterada para Bernardo de Irigoyen.

Apesar da rivalidade Brasil/Argentina, não há registros de violência resultante de

questões nacionalistas na fronteira. União conjugais eram frequentes entre as nacionalidades brasileira, argentina e paraguaia.

Com a queda da atividade ervateira, a partir da depressão econômica mundial da década de 1930, caiu drasticamente o número de argentinos e paraguaios no Sudoeste.

No século XIX eram raros os agricultores no Terceiro Planalto. As poucas áreas abertas na mata eram destinadas à pecuária. Bandeirantes e tropeiros iam aos poucos estabelecendo propriedades às margens do Caminho das Tropas, pelo qual circulavam manadas de vacas e mulas, originárias dos campos gaúchos. Nessa época, paulistas e curitibanos influentes nas esferas estaduais e federais começavam a receber glebas de terra em forma de sesmarias, e nelas estabeleciam grandes fazendas. Nas décadas seguintes elas seriam fatiadas em lotes e vendidas aos povoadores.

O transporte por muares na região Sudoeste perdurou até as primeiras décadas do século XX. Na força, na resistência física e na capacidade de transitar em terrenos acidentados, as mulas superavam os cavalos. Em geral, seguiam em comboios de 20 a 40, conduzidas por três a cinco tropeiros. E cada mula, atada às outras por meio de cordas, transportava entre 90 e 100 Kg. Wachowicz relata que cada tropeiro viajava armado com duas pistolas e um facão. Eles também levavam machados, foices e serrotes, prevenindo dificuldades representadas por árvores caídas no caminho.

Na última década do século XIX o tropeirismo sofreu uma queda com a introdução de um novo sistema de transporte do gado argentino rumo à Europa. Os navios passaram a contar com aparelhos de refrigeração, ou *esfriação*. Ao invés transportar mulas e manadas de gado bovino até Sorocaba, a Argentina passava a produzir e enviar à Europa a carne congelada. Mas apesar da redução drástica do tráfego Argentina – São Paulo, o tropeirismo sobreviveu até a década de 1920.



Em 1935, tropeiros deslocam-se entre Vila Nova (atual Pato Branco) e Palmas. Levam produtos da terra e peles de animais e retornam com açúcar, farinha, pólvora, remédios e outros manufaturados.

CAMINHO DAS TROPAS

A trilha aberta pelos caçadores de índios até Nonohay foi convertida no Caminho das Tropas, ou Caminho das Missões. Por essa trilha, que possuía diversas derivações no atual estado do Paraná, eram conduzidas grandes manadas de gado de corte e muares. Partindo de Vacaria e São Borja das Missões, ou de Corrientes e Entre Rios, o caminho passava por Chapecó e Bela Vista de Palmas (atual cidade de Clevelândia), atravessava o Rio Iguaçu, chegava em Guarapuava e seguia até Ponta Grossa, onde encontrava o Caminho do Viamão, rumo à Feira de Sorocaba.

As manadas passavam o período mais intenso da estação fria nas internadas, ou *casas de pasto*, localizadas ao longo da trilha, onde os animais ganhavam reforço alimentar e preparavam-se para retomar a marcha. A viagem de Corrientes a Sorocaba podia levar até dois anos.

No retorno, os tropeiros conduziam manufaturados como sal, açúcar, farinha de trigo, remédios, louças, sabão, roupas, querosene e outros produtos, que eram vendidos aos moradores à margem do caminho e aos fazendeiros gaúchos.

CLEVELÂNDIA

A formação do povoado de Clevelândia deveu-se a dois fatores convergentes: a mudança de rota no Caminho da Tropas e a fixação de remanescentes da Guerra do Paraguai.

Para encurtar o trajeto entre Guarapuava e Nonohay, o caminho foi estendido para oeste, desviando-se 35 Km de Palmas. Os mais atingidos pela alteração foram os comerciantes palmenses, que tinham nos tropeiros sua principal clientela.

Urgia mudar o povoado para as margens do novo caminho — reivindicação de tropeiros e comerciantes. Mas os fazendeiros eram contra. O vilarejo encontrava-se no centro dos Campos de Palmas, o que para eles era um benefício.

A contenda entre comerciantes e criadores de gado chegou às instâncias governamentais. Em 1855 uma lei provincial estipulou

Havia dois caminhos tropeiros principais. O “Caminho do Viamão” partia de Porto Alegre, passando por Vacaria, Lages, Curitibanos, Lapa e Palmeira. O “Caminho das Missões” saía da Argentina, atravessava os Sete Povos das Missões, passando por Chapecó, Xanxerê, Palmas e Guarapuava. As duas vias convergiam para a cidade de Ponta Grossa, de onde seguiam rumo à feira de Sorocaba. No Rio Grande do Sul as trilhas eram ligadas pelo “Caminho da Vacaria dos Pinhais”.

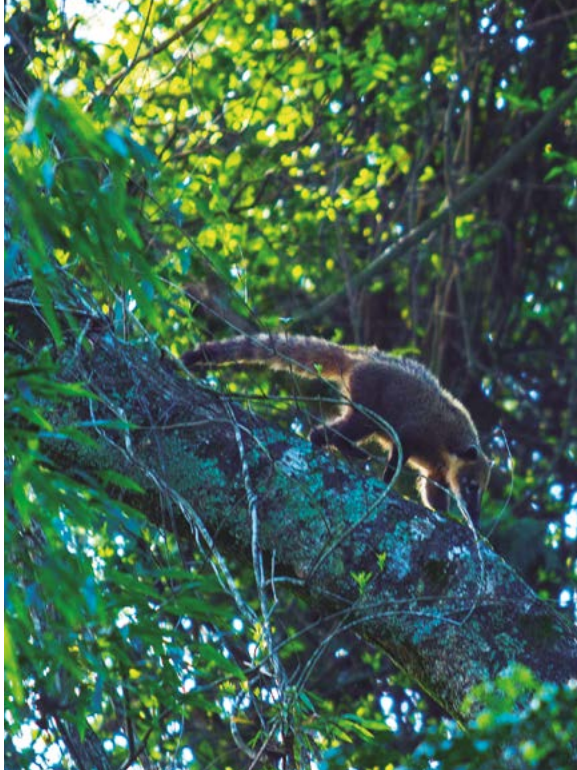


a mudança do quadro urbano para as margens da Estrada das Missões. Em 1858 os fazendeiros revidaram, enviando à província um abaixo-assinado, argumentando que pretendiam levantar suas residências em torno da igreja já estabelecida e “reunirem-se em sociedade, mormente para empregar meios de educar seus filhos afim de um dia se tornarem úteis ao país e a si”. Porém, como a lei já determinara a transferência da sede do povoado, ninguém mais construía em Palmas. Mas tardava a decisão quanto ao local da nova povoação. Em 1859 uma comissão da província do Paraná determinou abrir um rocio às margens do rio Chapecó, visando o estabelecimento de uma nova vila. O proprietário da área protestou junto ao governo e o projeto estacionou. Enquanto isso, a população de Palmas começava a esvaziar o povoado. A partir de 1870, agentes do governo notaram a instalação de residências junto à trilha das Missões. Alguns comerciantes

também passaram a estabelecer-se no local, com olhos na freguesia tropeira.

Um relatório registrado na Câmara Municipal de Guarapuava revela que naquele vilarejo havia moradores remanescentes da Guarda Nacional, responsáveis pela vigilância da fronteira no período da Guerra do Paraguai. “Naquele local era possível ter-se uma ampla visão dos campos e demais áreas adjacentes” (Fait Jr., 2018). Os alojamentos dos militares acabaram tornando-se suas residências definitivas.

Numa outra versão surge Frederico de Mascarenhas Camello, que desde a década de 1840 tramava pela sua nomeação a subdelegado. Para alcançar tal objetivo, chamava criminosos fugitivos e desertores da guerra,



Quando chegaram os conquistadores, o Sudoeste era habitado por uma rica fauna. Muitos animais silvestres sobreviveram, e hoje circulam entre as áreas florestais remanescentes. Na fotografia de Rodinei Santos, um quati passeia pela mata do Parque do Alvorecer (2019).

agregando-os no mesmo local. Em 1869 ele levou às instâncias provinciais a informação de que ali residiam mais de cem pessoas. Mas Joaquim Antônio de Moraes Dutra, morador, afirmou que não havia mais de 45. Mesmo assim, Camello obteve seu ofício de subdelegado. Ele é considerado o fundador da cidade de Clevelândia. Sua atividade estendeu-se também para o sul. Ele foi pioneiro na navegação do rio Uruguai, pelo qual transportava erva-mate.

O debate sobre a mudança de Palmas estendeu-se ao final da década de 1860, quando começou a perder força. E o povoado continuou onde estava. Porém a controversa transferência havia gerado aquela outra povoação, que em 1884 foi legitimada como Freguesia de Bela Vista de Palmas.

Na gestão do prefeito José Júlio Cleto da Silva (1908 - 1910), *Bela Vista de Palmas* teve sua denominação alterada para *Clevelândia*, em apreço ao presidente norte-americano Grover Cleveland.

O problema maior das autoridades na região de Palmas era a insubordinação popular. Os moradores preferiam fazer as coisas ao seu modo, sem a tutela do governo. Visando firmar a presença estatal, em 1863 uma nova subdelegacia foi instalada entre os rios Chapecozinho e Uruguai.

Os fazendeiros nunca demonstraram interesse em colonizar a região. Tinham funcionários bastantes para garantir o manejo de seus rebanhos e o transporte aos pontos de despacho. Acusados de manter Palmas estagnada, preferiam culpar os caboclos, cujos objetivos não iam além de trabalhar pela sobrevivência, no trato com o gado e na colheita da erva. Segundo o *Jornal do Commercio* (1913), a pecuária não evoluía devido ao desmazelo dos criadores, “sem procurar melhorar a raça, criar um tipo qualquer que seja, que não este que aí vemos, mescla de tudo, espécimes em degenerescência”.

Uma contagem realizada em 1877 apontou 550 moradores em Palmas, 310 em Bela Vista e 271 em Campo Erê.

Os fugitivos da Revolução Federalista (1893 - 1985) também ajudaram a compor o contingente habitacional do Sudoeste. No rescaldo da guerra, os federalistas — ou maragatos — foram perseguidos pelos simpatizantes do governo, e a busca de terras distantes configurou-se para eles uma solução. Muitos daqueles derrotados eram simples cidadãos, residentes no caminho entre Porto Alegre e Curitiba, que haviam-se alistado ao movimento revolucionário. Ao fim do conflito fugiram para as fronteiras do Uruguai e da Argentina.

Quando o fervor legalista pelo castigo aos rebeldes abrandou-se, parte deles escolheu a região de Palmas para reiniciar a vida. Eram bem aceitos pelo coronel José Bernardino Bormann, comandante da guarnição de Xanxerê e responsável pelo Sul paranaense. Para ele, o que importava era preencher os vazios da região. Bela Vista de Palmas, Mangueirinha e Campo Erê receberam esses migrantes.

No início do século XX a região Sudoeste já contava com cerca de três mil habitantes.

Apesar da inércia dos fazendeiros, a movimentação de pessoas seguiu acelerada nos anos seguintes.

O excedente populacional dos Campos de Palmas ia aos poucos penetrando nas áreas desabitadas, alcançando a região onde hoje localiza a cidade de Pato Branco.

ESTRADA ESTRATÉGICA

Em 1884 foi iniciada a construção de uma estrada ligando União da Vitória a Palmas. Em 1887 ela passou a chamar-se *Estrada Estratégica*, incorporada ao projeto do governo federal denominado *Comissão Estratégica de Penetração Rumo ao Oeste* (1887). O objetivo era construir estradas ligando os principais povoamentos. Toda rodovia federal construída no Paraná pelos militares, nessa época, chamava-se *Estratégica*. Como a que ligava Paranaguá a Foz do Iguaçu, hoje denominada BR-277.

A abertura da *Estratégica* do Sudoeste foi concluída no final da década de 1920. Mas com tempo chuvoso, tornava-se intransitável.

— A capela de São Pedro, em Vila Nova (sede da colônia Bom Retiro e atual cidade de Pato Branco), ficou este ano sem padre no dia de São Pedro. Uma chuva muito forte, no dia anterior da festa, tornou a viagem de Palmas até Vila Nova, de caminhão, impossível. (Livro do Tombo, capelaria de Palmas, 1933)

Mas era um progresso, comparando com a antiga via, na qual mal passava uma carroça.

— Hoje, com a magnífica rodovia, não faz muito, construída pelo Governo Federal, em quase toda a sua extensão, faz-se a viagem até a cidade de Palmas (24 léguas) em 6 horas folgadas. (Cleto da Silva, 1933)

No início da década de 1930, a *Estratégica* estendeu-se às margens do rio Pato Branco, 10 Km a sudeste de Vila Nova. Somente em 1943 a construção da via seria retomada.

Na década de 1940 já havia várias estradas que, saindo de Pato Branco, penetravam no mapa do Rio Grande do Sul. Na travessia de todos os grandes rios foram instaladas balsas.

— A conservação das estradas do Sudoeste

te era um trabalho pesado e difícil. Muitas vezes, passando por Clevelândia, presenciei o prefeito Sr. Crescêncio Martins, com meia dúzia de empregados da Prefeitura, carregando e descarregando o caminhão com pá, para tapar buracos da estrada. (Alberto Pozza, 2019)

Em 1956 o distrito rodoviário de Pato Branco desmembrou-se do distrito de União da Vitória. Foram cedidos veículos e ferramentas, porém as máquinas chegaram somente em 1958. E as estradas continuaram péssimas. Em 1964 o povo de Pato Branco reuniu-se para confeccionar cartazes de protesto, denunciando a situação das vias. Foram entregues aos motoristas locais e a forasteiros que passavam pela cidade.

— Tinha uma época que não havia mais estrada daqui a União da Vitória. Pra sair daqui, passava por Chopinzinho, Laranjeiras do

RESERVA DE MANGUEIRINHA

Em 1859 um decreto imperial criou uma colônia militar, numa área entre os rios Iguaçu e Chopim — hoje abrangendo os municípios de Coronel Vivida, Chopinzinho e Manguinhos. O projeto foi implantado em 1882, contando com o apoio do *pai-gang* Antônio Cretan. Conhecida como *Área Indígena de Manguinhos*, foi formada por caingangues e guaranis. Em 1940 a área foi transformada na Colônia K, dividida nas glebas A, B e C. Contrariando o Serviço de

Proteção ao Índio, que solicitava para os nativos uma reserva mínima de 12,1 mil hectares, o governo de Moysés Lupion negou o pedido, alegando que “os silvícolas são elementos negativos para o desenvolvimento da prosperidade material do Estado”. A Gleba B foi transferida ao grupo Slaviero, de Irati-PR, que passou a explorar o potencial madeireiro. Grande parte da reserva de araucárias foi transformada em tábuas. Mas a aldeia indígena permanece, sobrevivendo da agricultura e do artesanato.

Sul, até Curitiba. O asfaltamento de Curitiba a Lapa foi uns dois anos. Depois até São Mateus do Sul. O asfaltamento chegou de União da Vitória até Horizonte, nos Campos de Palmas, depois até aqui, em 1965. Antes era só cascalho. A gente sofria. Estourava pneu barbaridade. (Olindo Slonski, 2019)

Na fotografia abaixo, pinheiro remanescente do desmatamento no município de Manguinhos, cercado pelas lavouras de trigo. A altura dessa árvore — cerca de 40 metros — revela que originalmente encontrava-se em mata fechada. Pinheiros solitários não alcançam essa estatura. Outubro de 2020.



A vila que deu origem à cidade de Pato Branco formou-se com refugiados da Guerra do Contestado (1912 - 1916). Conflito que nasceu de uma controversa doação de terras, feita ainda no governo imperial, com o propósito de instalar uma ferrovia ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Em 1825 a Inglaterra colocou nos trilhos o primeiro trem movido a vapor. O Brasil só conseguiu entrar na onda das ferrovias em 1854, com a instalação de 14,5 km no trajeto Rio de Janeiro - Petrópolis. No Paraná, a primeira linha férrea foi implantada em 1885, ligando Paranaguá a Curitiba, estendendo-se depois a Ponta Grossa e União da Vitória.

Seis dias antes da Proclamação da República, em 9 de novembro de 1889, foi cedida uma grande área de terras, entre o Paraná e Santa Catarina, ao engenheiro João Teixeira Soares. Sua retribuição seria construir uma ferrovia ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, passando por Itararé e União da Vitória, e implantar núcleos coloniais a cada 100 km.

Essas terras eram consideradas devolutas. Localizadas ao longo do trajeto da ferrovia, estendiam-se 30 quilômetros para cada lado. Um decreto de 1890 reduziu a área para 15 quilômetros de cada lado da estrada. Na área da concessão, a empresa poderia extrair a quantidade de madeira que lhe conviesse.

Ainda em 1890, Soares cedeu a concessão à Compagnie des Chemins de Fer Sud Ouest Bresilien, empresa incorporada em Bruxelas, da qual ele era acionista. Em 1893 a concessão foi repassada à Companhia São Paulo - Rio Grande - EFSPGR, empresa organizada por Soares em 1892. Como até esse momento não havia sido iniciada a ferrovia, muito menos a colonização, os estados afetados pela concessão passaram a contestar sua validade,

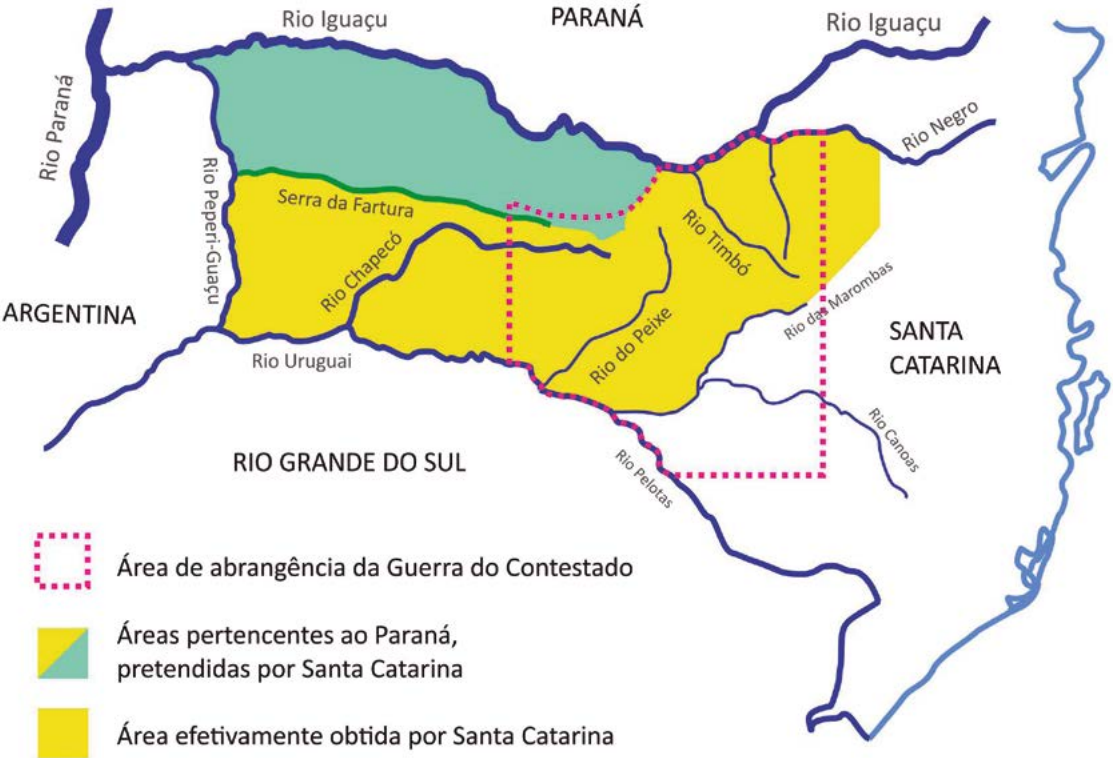
reivindicando o direito de administrar as áreas cedidas, por serem consideradas *terras devolutas*. Mas não houve acordo.

Em território paranaense e catarinense, a concessão foi cedida à Brazil Lumber and Colonization Company, subsidiária da Brazilian Railway Company, do madeireiro norte-americano Percival Farquhar. Como parte daquelas áreas já estava titulada em nomes de particulares, o governo paranaense passou a “negociar a cedência de terras fora do eixo da ferrovia” (Sittilo Voltolini, 2003).

Dentre as áreas negociadas, estavam partes do Oeste e do Sudoeste paranaense. As cessões dessas terras à EFSPGR e suas subsidiárias repercutiriam em conflitos na década de 1950, quando posseiros revoltaram-se contra a violência praticada por empresas colonizadoras. A luta pela posse dessas áreas será analisada em capítulo posterior.

Iniciada em Paranaguá, em 1894 a ferrovia chegou a Ponta Grossa, dali partindo rumo a Itararé-SP e à cidade gaúcha de Santa Maria da Boca do Monte. A partir da criação da Rede de Viação Paraná - Santa Catarina, a linha passou a chamar-se Itararé - Uruguai.

Na divisa do Paraná com Santa Catarina, a chegada da ferrovia deflagrou a Guerra do



Mapa do Contestado. A região pretendida por Santa Catarina estendia-se da “Serra da Fartura” ao rio Iguaçu e à fronteira com a Argentina. Da área onde ocorreram os conflitos originaram-se os primeiros colonos de Bom Retiro.

Colônia Bom Retiro

Contestado (1912 - 1916). Caboclos e colonos catarinenses, motivados pela pregação do monge João Maria D'Agostini — ou de seu provável irmão, monge Miguel Lucena de Boaventura — começaram a hostilizar a Lumber. Diante da recusa dos moradores em abandonar suas posses, a empresa organizou uma milícia fardada, que passou a utilizar a violência para “limpar” a área (Wachowicz). Quando a situação tomou vulto, entraram as forças militares, que passaram a guerrear contra os caboclos e colonos brasileiros, a serviço de uma empresa norte-americana e dos grandes proprietários de terras, que apoiavam a construção da ferrovia. O pretexto era combater os *fanáticos* seguidores do monge.

— As forças militares foram chamadas por chefes políticos locais, oficiais da Guarda Nacional, representantes de grandes fazendeiros e empresários estrangeiros, proprietários da Companhia Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande e da portentosa madeireira de Três Barras (propriedade de Farquhar). Entre as razões do conflito, podemos apontar a luta pela terra, a resistência ao coronelismo e a reação ao deslocamento compulsório de populações nacionais pela construção de uma linha férrea. Durante o conflito morreram mais de 10 mil pessoas, a maioria civis atingidos pelo cerco militar, pelos combates, pela fome e epidemias. (Paulo Pinheiro Machado, professor da UFSC, 2018)

A população da região do Contestado era formada por caboclos e colonos originários



Reprodução de um mapa do Sudoeste paranaense, desenhado em 1924. Em destaque, a Colônia Bom Retiro, limitada pelos rios Chopim, Pato Branco e Santana. Ao sul, pela fronteira PR/SC. Havia um vilarejo chamado Pato Branco à margem direita do rio Pato Branco. Também havia uma povoação chamada Vila Nova, sede da Colônia Bom Retiro. Relatos do capitão João Silva (Revolução de 1924) revelam que o batalhão de Luis Carlos Prestes permaneceu

algum tempo no povoado de Pato Branco. Tratava-se, portanto, do núcleo habitacional constante neste mapa. Registros de terras apontam o “antigo Sant’Ana” como o núcleo inicial da cidade de Francisco Beltrão. Mas o mapa mostra que o vilarejo Sant’Ana encontra-se numa posição ao sul de Vila Nova, enquanto a cidade de Francisco Beltrão está numa posição ao norte de Pato Branco. O autor pôs Campo Erê no mapa do Paraná, mas está em Santa Catarina.

de Lages, Chapecó, São João e Campos Novos. Havia peões de fazendas, ex-tropeiros, indígenas. E também foragidos do Judiciário e remanescentes da Revolução Federalista (1893 - 1895), que em marcha para o Oeste haviam encontrado nessa região um bom refúgio. Formavam suas famílias e viviam à margem da Justiça, nessa região onde os braços da lei mal alcançavam. Mas foram desalojados pelas milícias da Lumber e pelo exército.

— Muitos deles ao regressarem pela tarde calma dos seus roçados encontravam a mulher e os filhos com as cabeças espetadas nos moirões da tranqueira, os corpos esmagados, à sombra do mastro do santo de devoção. Isso sucedeu a João dos Santos, aos Limas, aos Buenos, a Chico Brabo, aos Mendes e tantos outros. Era assim a vida. Tinham de viver na lei do bacamarte e do facão. As distâncias impraticáveis. Socorro impossível. (Frederico Marés de Sousa, 1978)



ACERVO INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI

Partindo do centro de Vila Nova, uma rua conduz ao auge da elevação. Nos fundos de algumas casas, pequenas edificações, que podem ser privadas, galinheiros ou chiqueiros.

JUNTA GOVERNATIVA

Em 1901 o estado de Santa Catarina havia iniciado uma ação judicial contra o Paraná, pelo domínio da região à margem esquerda do rio Iguaçu. Mas o Paraná também reivindicava parte do estado vizinho. O STF deu ganho de causa a Santa Catarina, porém os habitantes da área não queriam subordinar-se ao governo catarinense. Uma *Junta Governativa* foi instalada em União da Vitória, sob o comando de oficiais militares do Pa-

raná, visando criar o *Estado das Missões*. A área pretendida tinha como limites a Serra do Mar (Leste), o rio Iguaçu (Norte), o rio Peperi-Guaçu (Oeste) e o rio Uruguai (Sul), incluindo o atual Sudoeste paranaense. Um documento emitido pela Junta em 1º de janeiro de 1910 informa que a entidade lutaria pela “integridade do território paranaense”, mas que estaria disposta a formar um “novo estado federado” se persistisse a sanha de Santa Catarina pela área contestada.



ACERVO HEOLISA CRISTINA VOLTOLINI

A estrada São João dos Pobres - Barracão tinha o traçado aproximado da via que hoje conduz de Pato Branco a União da Vitória. Na fotografia, grupo que atuava na demarcação desse trecho, em 1927. Sentado, à direita, o engenheiro Lídio Albuquerque, responsável pela obra.

Sob mediação do presidente Wenceslau Brás, em 1916 foram definidas as atuais divisas entre os dois estados. A fronteira foi traçada sobre o divisor de águas das bacias dos rios Uruguai e Iguaçu — à época conhecido como Serra da Fartura — mantendo o Sudoeste no mapa do Paraná. Mas nesse embate diplomático o Paraná perdeu sua vizinhança com o Rio Grande do Sul.

Grande parte dos paranaenses moradores da área *contestada* mostraram-se insatisfeitos com a subordinação ao governo catarinense. Esse descontentamento era bem visto pelo governo federal, que almejava acelerar o povoamento do Sudoeste. Com os refugiados da guerra foi instalada a Colônia Bom Retiro, entre os rios Pato Branco e Vitorino. As terras foram desapropriadas da Fazenda Bom Retiro, de Maria Isabel Belém. A colônia foi criada pelo decreto estadual nº 382, de 7 de maio de 1918 — assinado pelo presidente do Paraná, Affonso Alves de Camargo — contando com uma área de 100 mil hectares. A determinação era de que fossem vendidos aos “colonos nacionais” lotes de 50 a 100 hectares. O valor poderia ser pago ao longo de 10 anos.

A sede da Fazenda Bom Retiro localizava-se próximo ao rio Pato Branco. Mas a sede da colônia foi instalada nas cabeceiras do rio Ligeiro, “que, embora se apresentassem bem mais acidentadas, ofereciam excelentes águas” (Voltolini). O vilarejo foi denominado

Na década de 1920 o Sudoeste já somava cerca de 6 mil moradores. Entre os homens adultos, a maioria era de boiadeiros, domadores de cavalos e agregados das fazendas. Ninguém queria submeter-se ao humilhante serviço da agricultura — preconceito que prevaleceria na região durante mais algumas décadas. Produtos como o milho e o feijão, originários da região de Irati-PR, encareciam o orçamento dos moradores. O setor de construção contava com três serrarias e uma olaria. A maioria das casas era coberta com tabuinhas. Segundo o jornal *Comércio do Paraná* (1923), havia também uma fábrica de refrigerantes e um monjolo.

Vila Nova de Clevelândia, depois Vila Nova de Bom Retiro e Vila Nova de Pato Branco. Segundo dados cartoriais, a mudança oficial de Bom Retiro para Pato Branco é verificada nos registros de nascimento a partir de 1938.

Em 1928 foi instalado em Bom Retiro um escritório do 3º *Comissário de Terras*, cargo inicialmente exercido pelo engenheiro Francisco Gutierrez Beltrão. Por seu trabalho — subindo e descendo morros cobertos de mata para definir as áreas de cada propriedade da região Sudoeste — ele teve seu nome consagrado no batismo do município de Francisco Beltrão.

As medições em Bom Retiro foram iniciadas em 1932, após a instalação da 6ª Inspeção de Terras. Mas Francisco já era homem idoso e cansado. Afastando-se, deixou o serviço ao seu filho, Duílio Trevisan Beltrão, também engenheiro. Na demarcação dos lotes, este dividiu a colônia em 11 núcleos: Pato Branco, Bom Retiro, Dourado, Das Águas, Chopim, Ligeiro, Vitorino, Caçador, Fartura, Barra do Vitorino e Independência.

Apesar do planejamento burocrático e de engenharia, o processo de colonização foi confuso. As medições dos terrenos e a distribuição tardavam, enquanto novos moradores iam chegando e apropriando-se das áreas.

Poucos títulos foram emitidos pelo governo, resultando numa colônia com grande quantidade de terras configuradas como *posse*. Voltolini diz que as divisas eram determinadas “de forma bastante imprecisa, valendo-se de córregos, nascentes, elevações e mesmo árvores e clareiras no meio do pinhal”.

Vila Nova também formou-se de forma desordenada. A Prefeitura de Clevelândia desautorizou Duílio de implantar seu plano urbanístico, por não ser ele funcionário municipal. E a urbanização seguiu conforme as necessidades dos novos moradores, resultando numa cidade com ruas de geometria irregular.

PRECURSORES DE BOM RETIRO

Antes da formação oficial da colônia Bom Retiro, caboclos da região de União da Vitória e migrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina já haviam-se fixado na área correspondente ao quadro urbano de Pato Branco e arredores.

O português Felisbello José Antônio morou algum tempo em Passo Fundo-RS. Em 1903 partiu com sua esposa, Felisbina Maria do Nascimento, e foram morar nas nascentes do rio Tamanduá — cerca de 10 Km a leste da atual cidade de Pato Branco. Alguns de

seus filhos estabeleceram-se no atual Bairro Industrial. Devido ao nome do patriarca, a família era conhecida como *os Bello*.

Em 1903 chegou ao atual povoado de Passo da Ilha o casal José Antônio Florisbello e Ambrosina Castanha. No mesmo ano estabeleceu-se em Passo da Pedra a família Venâncio. Em 1908 os irmãos Bento e Laurindo Aires Arruda, fugitivos do Rio Grande do Sul, situaram-se às margens do rio Pato Branco.

— O primeiro branco, branco mesmo, a aparecer por estas bandas, foi o polaco Francisco Dambrowski. Veio fugido de Cruz Machado, jurado de morte que estava, por ter passado fogo nuns ciganos. (Sittilo Voltolini, 2005)

Originário do Rio Grande do Sul, Dambrowski chegou em 1910.

Considerado um pioneiro da pecuária regional, João Ribeiro Damasceno instalou uma fazenda às margens do rio Pato Branco, com seus 13 filhos e a esposa, Idalina de Farias Prestes. Damasceno e seus cunhados, João e Candinho Prestes, demarcaram para si mesmos dois mil alqueires de terras. Essa área seria dividida pela metade no processo

Abaixo, Pato Branco rodeada de pinheirais, dois anos antes da emancipação política.





Em Vila Nova de Bom Retiro, com uma mesa improvisada sob as árvores, familiares e amigos reunidos para apreciar uma costela assada.

de instalação da Colônia Bom Retiro.

Em 1912 chegou às margens do rio Ligeiro a família do tropeiro João dos Santos — considerado o primeiro morador do que viria tornar-se o quadro urbano de Pato Branco. Em 1913, Luiz Gonzaga montou seu rancho nas cabeceiras do rio Pato Branco. Era “ponto forçado de pouso aos que naquela época demandavam à fronteira” (Oeste Paranaense, 1951). Depois chegaram os Souza Machado, ou *Conrados*. Em 1914, Inácio Galvão e a família Chirutta. Em seguida, Inácio Vacariano. Na sequência, João Ribeiro, José de Campos, João Macário dos Santos, Antônio Alves de Andrade (Antônio Branco), família Nefle. Também chegaram antes da formação da colônia Bom Retiro as famílias Pinto de Lima, Santos, Nunes e Vargas. Na região da Vila Bonita, os Quintino, Vitorino, Fraga e Fragata.

Em 1915, Inácio Galvão Franco chegou a Vila Nova. No mesmo ano, seu amigo Chiruta montou uma choupana no atual Bairro Bonato. Francisco Índio da América de Lima instalou-se no atual Bairro Bortot, em 1916.

Em meados da década de 1920 também podiam ser encontradas em Vila Nova as famílias Weis, Simões, Almeida, Gonçalves, Silvério, Castanho, Farias, Telles, Miranda, Jardim, Cordeiro, Coelho, Santos, Guedes,

Norberto, Lara e Cabral.

Um ramo da família Lara, por sua característica violenta, passou a denominar-se *Lara Brabo*.

— Os Lara Brabo se entreveraram com os Cabral numa encrinca interminável. (...) Numa trama de assassinatos foram se matando, durante anos e anos, quase se dizimando. (Voltolini)

Acampamento de pescaria no rio Chopim, em 1943. No alto, peixes num varal. A partir da esquerda, Dúlio Beltrão, o cozinheiro José Reis, José Fraron e José Dal Molin. O rapaz também é José, morador à margem do rio.



ACERVO JOANINI FRARON

Também entraram em intrigas mortais as famílias Pires, Anastácio e Loureiro.

De algumas famílias pioneiras foram perdidos os sobrenomes originais, restando somente as denominações populares, como a dos Barbudos, dos Xando, dos Biriba e dos Carrapato.

Um dos primeiros comerciantes a instalar-se em Vila Nova foi Pedro Antônio Soares, em 1924. Originário de Candelária-RS, estabeleceu seu armazém na esquina das atuais avenida Tupi e rua Osvaldo Aranha. Também montou um alambique às margens do rio Chopim. Instalou serraria, foi criador de porcos e ervateiro. Atuou como subdelegado de Bom Retiro e juiz de paz. Numa viagem a União da Vitória, a cavalo, adquiriu uma imagem de São Pedro, que ainda participa da iconografia da Capela da Casa Canônica de Pato Branco.

João Ribeiro também tinha uma bodega, na qual a população se abastecia com tecidos, açúcar, querosene e outros produtos, que chegavam via União da Vitória ou Guarapuava.

Em meados da década de 1920 a família de José de Campos abriu uma picada ligando Vila Nova à atual Vila Bonita. Corresponde à atual estrada que conduz a Itapejara d'Oeste.



Premiação obtida por Possídio Salomoni em março de 1939.

— Entusiasta pela atividade agropecuária, Possídio Salomoni dedicava zelo especial à criação de eqüinos, alcançando resultados de projeção regional pela participação em eventos do gênero, até onde os meios de locomoção lhe permitissem chegar com seus animais de elite. Aqui, prova do sucesso obtido com as qualidades do ganhão Araquen. (Sittilo Voltolini)

liar, uma casa comercial e uma pousada. O local também serviu para as primeiras consultas médicas e internamentos da Vila de Bom Retiro. Os lucros excedentes eram investidos na compra de terras. À medida que novos migrantes chegavam, as áreas eram subdivididas. Em 12 de fevereiro de 1946, José e Judith Dal Molin venderam o lote 22, com 10 alqueires, a João Oldoni. No dia 18 do mesmo mês, venderam a Alberto Zoccha o lote 6, com a mesma medida do anterior. Em 26 de outubro daquele ano venderam parte do lote 68 a Luiz Pizoni, originário de Criciúma-SC. Outra parte do mesmo lote foi vendida a Moyses Nicolau Pereira.

Os Lemes do Amaral são considerados os primeiros afro-descendentes a estabelecer-se em Pato Branco, na década de 1930. “Fugitivos das fazendas de Palmas” (Neri França Fornari Bocchese, 2004), tornaram-se proprietários de uma grande área entre Vila Nova e o rio Pato Branco. Eram conhecidos como *Família Pimpão*.

Prudêncio Alves de Oliveira chegou com sua esposa, Ema Milman, em 1936. Escrivão do Fórum de Clevelândia, instalou em Bom Retiro uma fábrica de sapatos.

Das famílias iniciais, com sobrenomes portugueses, restaram poucas.

— Nas décadas de 30 e 40 venderam tudo para a gauchada, que veio em massa para esta região. (Voltolini)

Dentre os alemães, um dos primeiros foi Paulo Schmidt. Nascido na Alemanha, chegou em Pato Branco em 1933. Sua casa tornou-se hotel, escola e consultório dentário.

Na mesma época começaram a chegar os descendentes de italianos, originários do Rio Grande do Sul. Os primeiros foram os Brunetto e os Fabian (em São Caetano, 1927) e os Colla (Encruzilhada, 1928). Esses pioneiros abriram caminho para as milhares de famílias gaúchas que iriam migrar nas décadas seguintes.

DAL MOLIN E SALOMONI

Em 1929 chegaram a Bom Retiro as famílias de Possídio Salomoni e José Dal Molin. Eles eram sócios de um frigorífico em União da Vitória.

— Mas o espírito empreendedor destes jovens gaúchos falou mais alto: procuraram novas terras no Sudoeste do Paraná. Uma grande aventura. (Mari Salete Dal Molin Ayres, filha de José e Judith Dal Molin, 2018)

As duas famílias foram morar numa casa de madeira lascada. Pouco depois construíram uma residência que ficou conhecida como *Casa das 30 janelas*.

— Tinha um terreno grande nos fundos — conta Mari. — Até os anos 70 plantávamos verduras, legumes, milho, batatinha, mandioca. Tínhamos um pomar com dezenas de frutas e criávamos galinhas e porcos para

uso doméstico. Era uma fartura! Produzíamos tudo em casa: vinho, licores, conservas e compotas de frutas, doces, marmeladas, pães, bolos, farinha de mandioca, polvilho, massa de tomate, bolachas, salames, presuntos e derivados de carne suína... tudo dentro do que os italianos produziam e ensinavam aos seu filhos... com muita higiene e muito saborosos.

Com dois andares, a casa também comportava uma empresa de secos e molhados. Produtos como farinha, sal, açúcar, arroz, ferramentas, querosene, remédios, armas e munições eram trocados com a população local por porcos e bois. Esses animais eram transformados em banha, charque e salame, que Salomoni e Dal Molin conduziam a Palmas e União da Vitória em seus carroções. Mais tarde eles passaram a buscar manufaturados em São Paulo, tomando o trem em União da Vitória.

Quando a sociedade se desfez, cada qual seguiu com seu próprio negócio. Salomoni migrou para o setor agropecuário. Dentre suas iniciativas de caráter público, consta a doação do terreno onde foi instalado o Cemitério Municipal de Pato Branco. Dal Molin construiu um casarão de madeira de três andares, no qual instalou a residência fami-

Distrito Judiciário

A instalação do distrito judiciário de Bom Retiro foi o primeiro sinal de que Vila Nova caminhava para tornar-se uma cidade.

Com o objetivo de levar a autoridade oficial àquela localidade tomada por refugiados e foragidos da Justiça, em 20 de março de 1920 foi criado o Distrito Judiciário de Bom Retiro. A instalação deu-se em 1º de janeiro de 1921. Segundo a lei, o distrito "fica situado entre Dyionisio Cerqueira e Clevelândia, tendo as seguintes divisas: da cabeceira do rio Sant'Anna até a sua barra no rio Chopim, por este acima até a barra do rio Pato Branco, subindo por este e pelo seu afluente Lageado Grande até a linha divisória com S. Catharina, seguindo por ella até encontrar a cabeceira do rio Sant'Anna, por onde começou".

O primeiro registro de nascimento, anotado em 28 de dezembro de 1920 — ainda antes da instalação oficial do distrito — foi o de João Maria Padilha, filho de Balduino Padilha dos Santos e Rosa Rodrigues dos Santos, dado à luz no dia 23 daquele mês. O escrivão era Brás Ferreira Leão. O primeiro óbito anotado foi o de Dejanira Ribeiro das Chagas. O registro do primeiro casamento foi perdido. Restou o do segundo, de 18 de janeiro de 1921. Os nubentes eram Miguel Castanho de Araújo e Hortência Godoy de Almeida.

Voltolini conta que esses documentos eram folhas avulsas, e que muitos se perderam nas várias mudanças da sede do cartório.

O primeiro óbito, descrito pelo escrivão Otaviano T. dos Santos, foi de um gaúcho de Passo Fundo, Terêncio Inácio Ramal. Tinha 68 anos.

A criação do distrito proporcionou a Bom Retiro um juiz distrital e um subdelegado. Esses homens distribuíram pela colônia "seu séquito de inspetores de quarteirão" (Voltolini), pessoas atreladas politicamente aos che-



Desfile cívico no distrito de Bom Retiro.

fes da cidade sede. Aqui iniciava-se um processo de engajamento político que resultaria em dramáticos episódios anos afora.

Até a criação da comarca, em 1953, em Bom Retiro/Pato Branco houve somente um cartório. Após Otaviano, foram seus signatários Brás Ferreira Leão (até 1922), Francisco Padilha de Witt (1924), Pedro Luiz da Silva (1927), Noé Ayres de Mello (1930), Sylo Cardoso (1932), Pedro Ari De Col (1940), Guerino Zandoná (1943), Júlio Pagnoncelli (1948) e Pedro José Vieira (1953).

Em 1929 Bom Retiro participou das eleições ao Legislativo do Paraná como *Terceira Seção Eleitoral* de Clevelândia. A ata revela que naquele ano a vila já contava com uma escola pública, na qual foi instalada a urna. Compareceram 200 eleitores. 14 inscritos na seção ausentaram-se.

O primeiro caderno de atas do Cartório de Títulos e Documentos — *Escrituras Públicas* — do distrito, com 200 páginas, foi aber-

to em 18 de julho de 1939, por Osório Pontes, "1º Suplente do Juiz de Direito". Originário de Clevelândia, Osório instalou uma casa de comércio em Bom Retiro em 1938. Em 1957 a família Pontes vendeu parte de sua chácara à paróquia de São Pedro, para a instalação do Cemitério Municipal.

A primeira escritura foi registrada nove meses após a abertura do livro de atas, em 25 de abril de 1940, como compra e venda de um terreno de 22 alqueires da fazenda "Sant'Ana e Forquilha". O repasse foi de

OS NOMES DAS RUAS

Duílio Beltrão traçou o mapa urbano de Bom Retiro. As ruas centrais constavam com nomes indígenas. *Tamoio, Bagé, Xingu, Iguaçu, Aimoré, Itabira, Araribóia, Tapir, Jaciretã, Caramuru, Itacolomi, Itapuã, Tocantins e Tapajós*. Voltolini conta que a escolha deveu-se à amizade de Beltrão com o militar e indigenista Cândido Mariano da Silva Rondon.

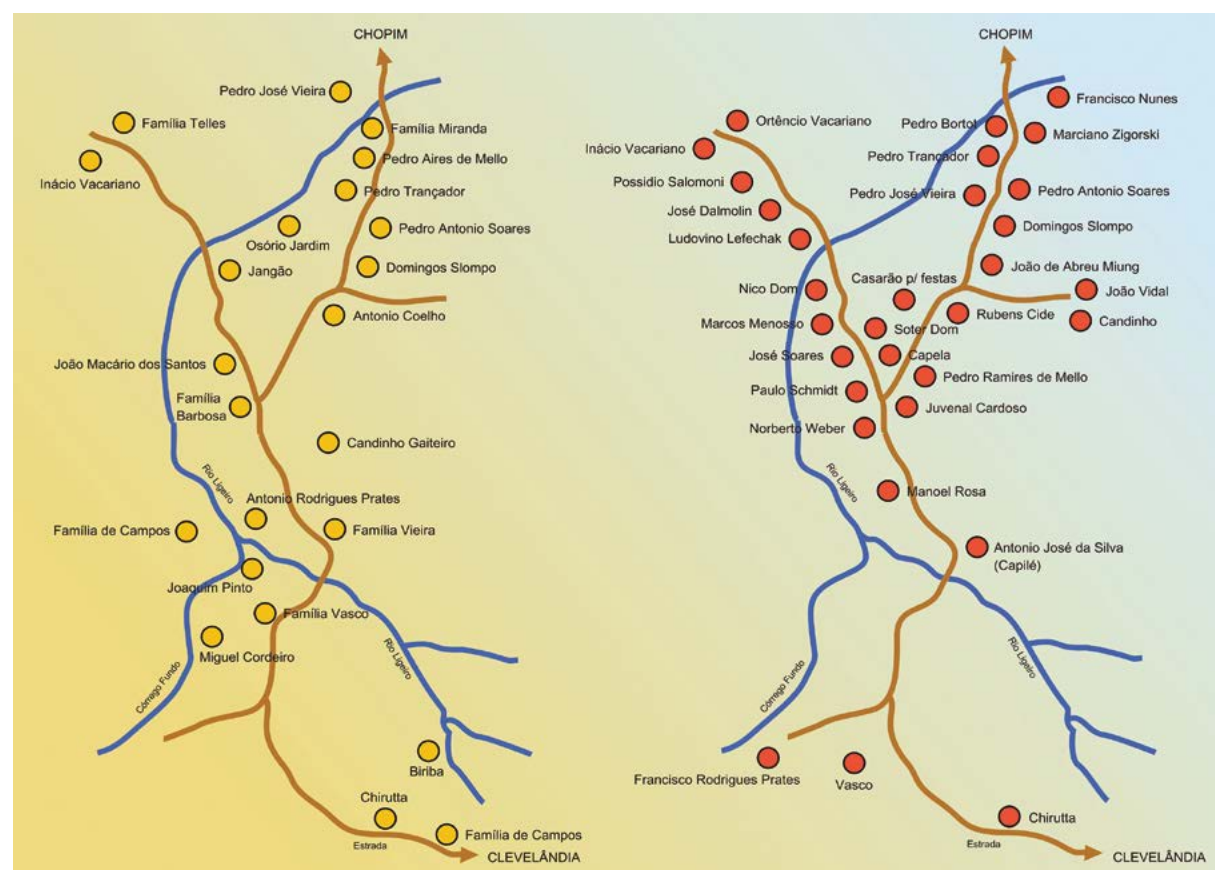
Localização dos moradores de Vila Nova de Bom Retiro em 1925, segundo o projeto "Resgate Histórico de Pato Branco". Dados fornecidos por Osório Prates, filho de Antônio Rodrigues Prates e Márcia Vargas. No desenho à direita, moradores em 1936.

Servulo José Rodrigues e sua esposa, Maria Angélica de Lara, para Propicio Fragata dos Santos. O documento atesta que a área continha “duzentos pinheiros calculadamente”. Quase dois anos depois, “aos nove dias do mês de março do ano do nascimento no Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e quarenta e dois”, eles venderam mais uma fatia da fazenda (17 alqueires) a Galvão Nunes Prestes. Em 14 de setembro de 1944 venderam mais 10 alqueires a Propicio.

A segunda escritura refere-se a um terreno de 20 alqueires, situado “no lugar denominado Barra”, propriedade de Fortunato Miguel da Rosa “e sua mulher” (Isabel Amaral da Rosa), vendido em 18 de maio de 1940 a José Dal Molim. Na área havia “cento e vinte pinheiros calculáveis”. O cartorário, Pedro Ari de Col, não pôde assinar a ata, visto ser “suspeito neste ato por ser genro de uma das partes”. A assinatura foi do tabelião ad hoc, Juvenal Loureiro Cardoso. Em 9 de outubro daquele ano, José e sua esposa, Judith Antonietti Dal Molin, venderam o mesmo terreno para Máximo Restituto da Rosa.

De 1943 a 1944, quase todos os registros de terras são respectivos às fazendas Sant’Ana, Barra e Independência, com áreas vendidas por diversos proprietários. Na Fazenda Barra, a maioria dos terrenos pertencia à família Amaral. Na Independência, os principais vendedores eram os Colla. Na Sant’Ana, os Alves de Camargo. Parte da Fazenda Sant’Ana encontrava-se no distrito de Francisco Beltrão. Algumas escrituras de 1945 referem-se a esse distrito como “antigo Sant’Ana”.

A maioria dos vendedores dessa época tem sobrenomes portugueses. São os antigos posseiros, ou sesmeiros, suprimindo de terras os migrantes que chegavam do Sul.



Das 63 escrituras constantes no segundo caderno de registros distritais, mais de metade são respectivas a vendas de lotes da Fazenda Sant’Ana pelo advogado Alves de Camargo e sua esposa, Alcina. Entre setembro de 1945 e dezembro de 1946 eles venderam 32 terrenos, somando 1.513 alqueires. Entre seus compradores estavam muitos descendentes de italianos, como Vitório Justi, Ângela Colla, Antônio Brunetto, Olimpio Castioni, Celeste Piazzoli, Emilio Sostizzo, Achylles Tomazelli, José Sponchiado e Avelino, Silvio e Paulino Martinello. Também venderam aos Arruda, Da Ré, Pinheiro e Thomaz. Dentre seus clientes havia as descendentes de poloneses Alexandra Rosanski e Maria Gonçalves Tostanoviski. Alguns compradores tinham sobrenomes de origem indefinida — provavelmente germânica — como Severino Schiochat e Alfredo Hartwig. Dentre os vendedores de lotes da Fazenda Sant’Ana estão Júlio e Carlota Sant’Ana. Em 1945 eles venderam 53 alqueires a João Groth e Levino Tischá.

A terceira escritura, de 19 de setembro de 1940, é assinada pelo tabelião Guerino Zan-

doná. Respectiva à venda “bôa, firme e valiosa” de 17 alqueires “no lugar Santo Antônio de Pato Branco”, de José Manoel Lopes para Sebastião Pinto de Lima. Em 24 de maio de 1944, Sebastião e sua esposa, Adelina Carneiro Pinto, “senhores e possuidores de uma parte da Fazenda Independência”, aparecem como vendedores de um terreno de 20 alqueires, que havia sido adquirido de Francisco Gutierrez Beltrão em 1935. O comprador foi Zacarias Pognocelli. No mesmo dia o casal vendeu um lote de 40 alqueires a José Pognocelli.

A partir de 1943 as atas são assinadas por Júlio Pagnoncelli, “Tabelião de Notas inteiro”.

O segundo livro foi aberto no dia 22 de julho de 1944. Sua primeira ata refere-se à venda de “uma serraria, moinho colonial e mais benfeitorias (...) localizadas no rocio desta vila”, pertencente ao casal Frederico Fernando e Augusta Martinello para Manoel Estevan de Camargo.

Dentre outras notas, consta a venda de propriedades externas ao distrito de Pato



Nos primeiros anos de Pato Branco, "carroça de frete" puxando pedras.

Branco. Uma delas refere-se a uma casa na cidade de Clevelândia. Em 21 de setembro de 1945 foi registrada a venda de um lote de terras no “Arroio do Monjolo, distrito de São Domingos, município de *Xapecó*, Território Federal do Iguaçu (...) no sertão que vai para o Campo Erê”. Eram 42 alqueires, de Gertrudes Lustosa Pacheco para José Saturnino de Arruda. Em 22 de janeiro de 1946 há o registro de uma venda em Campo Erê.

Segundo a escritura de compra e venda “de hoje para sempre” de um lote da Fazenda Sant’Ana, efetivada entre Francisco Gonçalves da Rocha e João Arnaldo em 1947, o distrito de Francisco Beltrão fazia divisa com o município de Chapecó.

Em 20 de junho de 1944 o casal Ângelo Colla e Tereza Maria Fortuna Colla venderam à “senhorita Salute Biava” — originária de Araranguá, cidade litorânea de Santa Catarina — o lote rural número 11, de cinco alqueires, na “Colônia de Nacionais Bom Retiro, município e comarca de Clevelândia, Território do Iguaçu”. Nesse lote constavam quarenta “pinheiros calculados”. A denominação “nacionais”, ou “brasileiros” referia-se aos caboclos.

Em 26 de agosto de 1947 foi registrada a escritura de “cessão de direito possessório” de um lote de 62,29 alqueires, pelos “outor-

gantes, cedentes e transfirantes” Clemente Santi Saracini e sua mulher, Josefa, a Miguel Piazza. Como proprietário anterior consta o estado do Paraná. Era o “lote nº 82 do Núcleo Bom Retiro, da Colônia Pato Branco”, adquirido em 1935. O documento revela que o terreno era uma posse. O imposto de transmissão foi de 7,5% sobre o valor do imóvel. A “Exatoria de Rendas Estaduais” cobrou 1,33%.

Nas primeiras atas, os homens eram referidos às suas profissões, enquanto as mulheres eram citadas como “de prendas domésticas”. Em todos os documentos consta não haver, nos respectivos terrenos, “madeira de lei, e nem quedas ou jazidas”.

FERREIROS E MARCENEIROS

Profissionais indispensáveis na formação de Pato Branco, os marceneiros e ferreiros trabalhavam em parceria. A comunidade não poderia evoluir sem o auxílio das carroças e charretes fabricadas por eles; das enxadas, foices e machados; das facas, facões, marretas e martelos; das correntes, cunhas e ganchos; dos arados, grades e carpideiras. Inicialmente o metal utilizado pelas ferrarias seguia em lombo de mulas, desde União da Vitória. Sob o fogo atizado por um fole, o ferro era moldado. “O dia inteiro ouvia-se em todo o povoado o tilintar das marretas em cima das bigornas, moldando o ferro quente” (Olaumir Guerios, 2020). O ferreiro Ricieri Picollo chegou em 1919. Associou-se ao marceneiro Artibano Tacon. Foi o primeiro da vila a fabricar caixões, que eram vendidos em sua *Funerária São Pedro*. O segundo ferreiro foi Osvaldo Otaviano Pasto, que chegou em 1943, vindo de Bituruna. Era sócio do marceneiro Napoleão Cardoso. Também atuaram como ferreiros Luiz Pasa, Vitori Sasso, João Sloboda, Valdomiro Petisclevski e Frederico Sgarabotto. (Dados fornecidos por Guerios, 2020)

O comerciante Francisco Sahud, o marceneiro Maurício Batista Menosso e o carpinteiro José Luiz Merlim eram frequentemente convocados por Pagnoncelli como testemunhas para os negócios de terras registrados no cartório de Pato Branco.



RODINEI SANTOS

A lenda do nome "Pato Branco" é exibida por estudantes no desfile cívico de 2019. O pano azul representa as águas do rio Pato Branco.



RODINEI SANTOS

RIO PATO BRANCO

Na formação de todo município juntam-se os fatos reais às lendas. A tradição oral preserva as lendas como verdades, até o instante em que ninguém mais sabe dizer o que, exatamente, aconteceu. Como outros municípios brasileiros, cujas histórias perpassam os caminhos da lenda, a de Pato Branco também tem seus mistérios.

Quem busca informações sobre a cidade, começa perguntando “por que tem este nome?”. “Havia muitos patos albinos na região?”.

Historiadores e cronistas concordam em que o nome da cidade foi emprestado do rio Pato Branco. Documentos antigos apresentam o rio em data anterior à da nomeação do povoado. Mas o rio encontra-se relativamente distante da atual cidade de Pato Branco. Suas nascentes estão no mapa de Mariópolis. Seus formadores são os riachos Panela, Mangueirinha, Conrado, Pinheiro e Lambedor.

Seu leito faz a divisa de Pato Branco com os municípios de Mariópolis e Clevelândia.

José Bonifácio Pacheco contou que João Arruda era fugitivo da Revolução Federalista. Chegando ao Sudoeste, passou a fazer roças às margens do rio Chopim, próximo à foz de “um rio a que deu nome de Pato Branco, por ter nele abatido um pato selvagem, em cuja plumagem predominava a cor branca. Essa história era contada por sua nora, de nome Balbina, que era minha tia e neta do bandeirante José Antônio de Lima Pacheco”. (O Clarim, Clevelândia, 1987).

Voltolini (1992) acrescenta um bocado de ficção a esse relato. Segundo ele, aquele pato caçado por Arruda era “muito especial e cheio de magia”. Temperado por Mariana, esposa de João, a ave foi servida no almoço. Mas a carne, muito dura, não cedia às mordidas. Porém dos poucos pedaços que conseguiram mastigar, extraíram um líquido muito saboroso. João colocou o pato num balde e le-

*Acima, o caudaloso rio Pato Branco. Formado pelos riachos Panela, Mangueirinha, Conrado, Pinheiro e Lambedor, segue cercado de lavou-
ras em quase toda a sua extensão, com uma estreita proteção de mata nativa. Pouco antes de sua foz no Chopim, ele recebe as águas de um córrego que desata-se deste pela margem esquerda. Essas águas seguem paralelas ao Chopim e misturam-se às do Pato Branco, alguns metros antes de retornarem ao leito de origem.*

vou para enterrar no local da caça. Enterrada a ave, atirou o balde n’água, e enquanto este afundava num redemoinho, João exclamou: “Rio do Pato Branco!”. E nesse momento ouviu “um revoar de asas. Uns grunhidos diferentes”. Para completar a estranheza do caso, poucos dias depois, sem estar doente, João Arruda faleceu.

O fotógrafo Rudi Bodanese (1982) diz que o nome *Pato Branco* foi dado por Duílio Beltrão (“Lembranças de Vila Nova”, p. 18).

POSTO PATO BRANCO

Partindo de Curitiba, passando por União da Vitória e Palmas, a linha telegráfica foi estendida até Barracão. Desde Clevelândia até a divisa com a Argentina havia somente dois postos de atendimento da telegrafia. Um às margens do rio Pato Branco, outro em Campo Erê. Os estafetas gastavam até quatro horas para levar as mensagens a Bom Retiro e retornar ao posto.

O responsável pela expansão da linha telegráfica no Sudoeste era Manoel Branco. Originário de Clevelândia, instalou-se na vila de Bom Retiro em 1937. Além de fazer roças e poteiros, abriu uma casa comercial. Na esfera pública, foi terceiro sargento de polícia, juiz de paz e primeiro suplente de subdelegado. Agente fiscal da Colônia Bom Retiro, cabia-lhe distribuir os lotes aos novos moradores.

Atendendo aos pedidos da população de Bom Retiro, Manoel obteve autorização de Pedro do Canto Pacheco, inspetor do telégrafo em Clevelândia, para deslocar a linha até Vila Nova. A Prefeitura cedeu os serviços, o povo da vila doou os postes. A sala do telégrafo foi localizada no hotel de Pedro Ramires de Mello. E o nome de Pato Branco avançou junto com o posto. Como era costume denominá-lo “Posto de Pato Branco”,



Vila Nova de Bom Retiro em breve tornou-se Vila Nova de Pato Branco.

O primeiro registro de nascimento na qual escreveu-se “Vila de Pato Branco”, foi o de Dorvalino Pagnocelli, em 3 de novembro de 1938. No registro de casamento de Alois Gustavo Guilherme Hard e Corina Wendler, de 7 de novembro de 1938, anotou-se “Distrito de Pato Branco”.

O SEQUESTRO DO ESCRIVÃO

Em 1948 haveria eleições para a Assembleia Legislativa do Paraná, e as lideranças de Clevelândia esperavam um grande número de votos favoráveis no distrito de Pato Branco. Ligado ao PSD, o cartorário Júlio Pagnoncelli deveria angariar votos para o partido. Conforme Voltolini, nessa época os cartórios distritais eram os maiores trunfos nas barganhas políticas. No distrito a dispu-

ta entre PSD e UDN ficou equilibrada, causando desagrado aos líderes pessedistas. A responsabilidade recaiu sobre o escrevente. E o partido tentou tomar-lhe a escritania. Sob solicitação do PSD clevelandense, o governo estadual abriu concurso público para a vaga de cartorário do distrito. Pagnoncelli inscreveu-se e venceu os outros dois candidatos. Mas o preço pela ousadia foi alto. A resposta do PSD foi enviar um grupo de soldados para prender o escrevão, “com a falsa acusação de ser comunista” (Alberto Pozza, 2019). Após 50 dias encarcerado, ele retornou a Pato Branco, desfigurado pela tortura e pela fome. No instante da soltura havia sido obrigado a tomar óleo de rícino. Era costume dar purgante aos adversários políticos, quando presos. Dois dias depois Pagnoncelli recebeu visita de Pedro José Vieira, que havia sido classificado em terceiro no concurso. Disse que iria apropriar-se da escritania porque Júlio não havia assumido em tempo hábil após o concurso. Nem poderia, pois estava na cadeia! Restou a Pagnoncelli conformar-se e entregar os documentos sob sua tutela.

— Essa é uma das tantas injustiças da política de Pato Branco nos anos de 1947 a 1960. (Alberto Pozza)

RIO LIGEIRO

A cidade de Pato Branco é cortada de norte a sul pelo rio Ligeiro. Ele foi nomeado em função de um paraguaio, funcionário do ervateiro Luiz Pastoriza, residente numa das margens do riacho. Chamavam-no Ligeirinho, devido à sua fala rápida e aos gestos frenéticos. Ao referir-se ao local onde Ligeirinho morava, Voltolini diz que “deste ponto da margem, o nome escorregou para o caudal — rio do Ligeiro — e as águas, como um condutor, o estenderam ao longo de todo o leito... das nascentes à foz do rio Chopim: RIO LIGEIRO”. É formado por três córregos, cujas nascentes encontram-se na área Sul da cidade. O rio Ligeiro deságua no Rio Chopim, na localidade de Rondinha.

À esquerda, Vila Nova de Pato Branco, década de 1940. Pintura de Carmen Franciosi (1989).



Pato Branco no caminho da Coluna Prestes

O Sudoeste ouviu o clamor dos canhões e as rajadas das metralhadoras da Revolução de 1924. Batalhas ocorreram próximo à atual cidade de Pato Branco.

A descida dos rebeldes paulistas e a subida dos gaúchos para um encontro às margens do rio Paraná resultou de uma série de ocorrências que marcavam a República brasileira desde a Proclamação, em 1889. A política nacional vinha numa crescente tensão entre os fazendeiros paulistas e mineiros e os militares. No início da década de 1920, descontente com a política dos *Barões do Café* e com o vínculo nocivo entre o presidente Arthur Bernardes e a Inglaterra, parte da ala militar estava preparando um motim. Após uma rebelião inicial no Rio de Janeiro, em 1922, o Movimento Tenentista, como ficou conhecido, permaneceu aceso, voltando a manifestar-se em 5 de julho de 1924, desta vez na capital paulista. A revolta era liderada por Isidoro Dias Lopes, Miguel Costa, João Cabanas e Joaquim Távora. De São Paulo alastrou-se para outros estados, encontrando ecos principalmente no Rio Grande do Sul, onde o engenheiro militar Luis Carlos Prestes aliciava o oficialato para um movimento de ruptura.

Após perder as primeiras batalhas na capital, os insurgentes paulistas fugiram em direção ao Mato Grosso. Pretendiam aguardar o momento oportuno para retornar à luta e tomar a capital federal, contando com o apoio dos gaúchos. Como as vias para Mato Grosso estavam fechadas pelos legalistas, restou descer pelo rio Paraná. Estabeleceram-se na região de Cascavel — que nessa época era nada mais que um pouso de tropeiros — à espera de reunir-se com a tropa de Prestes, com a qual se comunicavam por meio de rádio.

Os paulistas obtiveram vitórias contra os federais em Guaíra e na região de Laranjeiras do Sul. Mas foram derrotados na área corres-



29 B. C. em Clevelândia. A ação desses homens alterou os rumos da Revolução de 1924.

pondente ao atual município de Catanduvas.

No Sul, Prestes dava prosseguimento à sua própria revolta, iniciada em dezembro de 1923, depois silenciada e novamente deflagrada em 27 de outubro de 1924. Vendo-se derrotado, decidiu subir à região de Guaíra, na esperança de encontrar os paulistas e reorganizar as forças rebeldes. Sua marcha — com um pelotão formado por cerca de dois mil homens — até a região de Pato Branco teve episódios épicos.

Após ardentes enfrentamentos em Bozano, Palmeira, Estância da Ramada, Itaqui, Tupanciretã e Barracão, a *Divisão Invicta* — assim denominada pelo próprio grupo — entrou em Santa Catarina. Seguiu “por piquetes abertos nas matas, atravessando rios cheios, abaixo de chuvas, dentro das imensas mata-ras, sem ver o sol, com fome, carregando os feridos em padiolas” (Capitão João Silva, “Farrapos da Nossa História”, 1959).

A notícia da subida de Prestes alertou as autoridades do Sudoeste. Em Clevelândia criou-se o batalhão *Voluntários Republica-*

nos Clevelandenses, com o major Piragibe de Araújo à frente. Era subordinado ao Marechal Cândido Rondon, que havia sido designado para destruir as pretensões dos insurgentes.

Nessa época as vias de comunicação eram picadas no meio da mata densa, por onde passavam os tropeiros e também as onças. Enfrentando lodaçais e rios caudalosos, a movimentação dos soldados era lenta.

João Silva revela que no começo de 1925 a região Sudoeste já era bem povoada.

— Havia muita plantação, muita criação de porcos, cavalos e gado, o que veio tudo em proveito da nossa tropa, já tão cumulada de sofrimento de toda a espécie.

Neste momento ele narra a passagem da coluna revolucionária por um povoado denominado Pato Branco. Planejando tomar Clevelândia para cortar o sistema de abastecimento dos federais na região, Prestes ordenou aos oficiais Fidêncio de Mello e João Alberto que levassem 250 homens ao local. João Silva participava desse pelotão.

— Nossa Marcha rumo a Clevelândia

ia bonita, porque passávamos por enormes campos cobertos ou sombreados de pinheiros; abundavam invernadas de porcos gordos, muita vaca gorda, cavalos e muare. (...) Prosseguimos em nossa marcha, ocupamos Pato Branco, Treme-Treme, Povo Novo, Carneiros e outros lugares. Em Carneiros as nossas avançadas afinal alcançaram a retaguarda dos fugitivos e entraram em choque, tendo sido feito um prisioneiro: era um soldado pernambucano.

O contingente governista era bem suprido por bases instaladas em Ponta Grossa e Guarapuava. Os mantimentos seguiam em carroças e caminhões requisitados à beira da estrada. Os rebeldes, sem apoio, tomavam os alimentos que surgiam no trajeto.

— E chegaram a Bom Retiro (...) trazendo a necessidade alimentar de 200 combatentes e garantir-lhes montaria. Muitas casas se esvaziaram. Homens e mulheres, levando os melhores animais, refugiaram-se longe, no mato. Só ficaram os velhos, as crianças e o refugio dos animais domésticos. (Voltolini)

Rondon concentrava seus esforços na tomada de Catanduvas, mas previu o movimento no Sudoeste e ordenou que o coronel Fermino Paim Filho seguisse com seu destacamento até Clevelândia. E o pelotão de Fidência foi contido por Paim e os *Voluntários* na ponte do riacho São Francisco.

— Atacaram-nos em massa e com imensa fúria — conta João Silva. — O fogo que nos despejavam era infernal, principalmente de metralhadoras pesadas. A tropa inimiga era conduzida em caminhões, despejava a cada instante homens e munições abundantes.

— As casas que existiam na localidade da ponte aos poucos foram caindo; eram todas de tábuas e a metralhadora foi desmontando-as. Pinheiros seculares as metralhadoras serraram, e era um perigo na nossa retaguarda, pois as árvores vinham abaixo numa queda estrondosa, atirando galhadas partidas em todas as direções. (João Silva, 1959, sobre a batalha junto à ponte do riacho São Francisco)



Na caça aos rebeldes de 1924, artilharia legalista passa por União da Vitória.

O federais usaram cavalaria e infantaria. No enfrentamento direto, baionetas. Entrando numa área pantanosa, com grande dificuldade de movimentação, muitos foram morrer à beira da trincheira rebelde. Outros voltaram feridos a Clevelândia. A igreja daquela cidade foi convertida em hospital.

Segundo o tenente Jesuíno de Siqueira Bello, a intervenção dos *Voluntários* foi determinante no bloqueio do avanço rebelde sobre a cidade.

Após avaliar suas perdas, o comando de Prestes decidiu transferir seu Q. G. para Pato Branco. João Silva foi encarregado de preservar com seu destacamento o domínio da área. O texto que escrevia em sua barraca de campanha revela o ambiente lúgubre do povoado. Durante dias os tiroteios espocaram nas imediações. Notícias de mortos e feridos chegavam a todo instante.

— Tínhamos constantemente em nossos ouvidos os ecos das fuzilarias, das rajadas das metralhadoras, os toques dos clarins e vozes de comando.

Somando à tensão daqueles dias, havia o sentimento de que o inimigo estava ganhando terreno.

— Pato Branco torna-se um lugar de con-

centração de milhares de homens por poucos dias. (...) Num cêrro distante alguns quilômetros, em que a estrada geral passa numa pendente, ali foi construída uma trincheira, com destacados contingentes de todos os destacamentos, sob o comando de João Alberto; no flanco esquerdo (Vila Nova) André Trifino Corrêa ficou destacado com um esquadrão do 3º RCI e no nosso direito ficou destacado o capitão Luiz Fagundes com um esquadrão do 7º RC Revolucionário, e no centro, isto é,

O comandante rebelde João Alberto permaneceu alguns dias em Pato Branco. Numa noite entrou na barraca do capitão João Silva e revelou que as forças de Rondon venciam os paulistas na região de Cascavel. E que nos flancos mais ao sul as notícias não eram melhores. A solução seria um recuo veloz a Barracão, seguindo depois para Foz do Iguaçu.

— Disse-me isso e parou — relata Silva. — Tomou café bem quente e doce e continuou em silêncio e pensativo. Depois tomou a viola do cozinheiro, tocou algumas marcas, mandou chamar o ten. Relâmpago, o cap. Vieira e outros oficiais, organizaram uma mesa de jogo e jogaram a "primeira" até o toque da alvorada.



Serviço de veterinária acompanha o pelotão governista em Palmas. Além do sistema de abastecimento, com sedes em Ponta Grossa e Guarapuava, o contingente federal contava com apoio médico e de engenharia.

em Pato Branco, fiquei eu ocupando-o com o 6º Esquadrão Independente, um pelotão dos sapadores da Brigada Mello sob o comando do 1º ten. Cabreira, da Força Pública de S. Paulo, mais um pelotão dos vaqueanos daquelas zonas sob o comando do 2º ten. Cascavel. (...) Não se dormia um pouquinho que fosse, apenas as nossas patrulhas iam e vinham naquelas zonas já apelidadas de inferno. (...) Reinava naquelas serras e cêrros

um enorme silêncio tétrico, porque até os animais haviam emigrado das zonas batidas diariamente pelos tiroteios diurnos e noturnos dos combatentes.

Naquela mesma manhã o pelotão do tenente Justo Krieger travou um “combate a bala e a baioneta”, no qual morreu um tenente e vários soldados governistas. Ao fim da tarde a “trincheira do cêrro” sofreu um ataque em massa, num fogo de fuzis e metralhadoras.

Urgia abandonar o acampamento. Ao reunir-se com destacamentos que permaneciam nas imediações, Silva ordenou a marcha para Barracão. Mas antes da partida, o engenheiro Estêvão, ex-oficial do exército italiano, fez “explodir na ponte de Pato Branco um engenho de guerra, cujo estampido e clarão assombraram aquelas zonas. Com isso, o inimigo parou a fuzilaria incrível em nossa frente. Já era 1 e meia da noite, quando rompemos a marcha por aqueles picadões escuros”.

Prestes reuniu seus oficiais e com eles decidiu recuar o Q. G. para Encruzilhada, deslocando-se depois até Barracão. Enquanto fugiam, ouviam os estrondos dos canhões. O regimento do capitão Stillac Leal permanecia na retaguarda, dificultando o avanço dos federais.

Passando por Barracão, percorrendo cerca de 70 Km e já preparando-se para atravessar o rio Iguaçu, João Silva acrescenta:

— Ouvíamos reboando por aquelas matas gigantescas o ribombar dos canhões, que de parte a parte vomitavam fogo, e isso dia e noite.

Somente após a passagem do rio, em canoas improvisadas, sentindo próximos o encontro com os paulistas, o coração dos com-



Em Ponta Grossa, calhambeques convertidos em ambulâncias pelo capitão C. Possolo. Elas percorriam as frentes do conflito, resgatando os feridos e conduzindo-os aos hospitais improvisados. Em Palmas instalou-se o "Hospital Geral do 2º Grupo de Destacamentos".

batentes pôde descansar.

— Marchávamos observando as belezas das montanhas da meseta do Iguaçu; num trecho íamos subindo aquelas cordilheiras onduladas e magníficas, e atrás ficava faiscando a imensidão azul da mata silenciosa, que encerra tantas riquezas e mistérios na sua formação secular. (...) Pela nossa retaguarda e flancos a maravilha surpreendente dos raios do sol jorrando por aqueles mundões, e lá muito longe, correndo majestoso e misterioso, o grande e belo rio Iguaçu. (...) Subindo e subindo, mirando aquelas maravilhas, a nossa atenção era ferida pelos ecos dos canhões que vinham lá da zona de Catanduvás e repercutiam pelas quebradas imensas daquelas serras gigantescas.

A companhia de Prestes — que nesse momento detinha cerca de 400 prisioneiros — subiu em barcos a vapor e lanchas pelo rio Paraná, até Porto Mendes, e instalou seu quartel no escritório da Cia. Matte Laranjeira. Nesse local, no dia 11 de abril de 1925, deu-se o encontro entre Prestes e o contingente do capitão paulista João Cabanas.

No dia 12 de abril, após intenso combate com as forças governistas às margens do rio Paraná, uma reunião entre os comandantes rebeldes determinou o destino da Revolução. Mesmo sentindo a angústia da derrota, os oficiais decidiram continuar a marcha para o Norte.

Os federais chegavam em vários flancos, acoassando os rebeldes às barrancas do rio Paraná. Em 25 de abril de 1925, estes já estavam em território paraguaio e prosseguiram rumo ao Mato Grosso. Mesmo em fuga, ofereceram combate aos perseguidores em Porto Mendes, Salto, Mutum e outros locais. Restavam cerca de 1.400 paulistas e 800 gaúchos. Formavam um grupamento em trajetória incerta, que tornou-se conhecido como Coluna Prestes. Passando por Minas Gerais e Bahia, alcançaram Piauí e Paraíba, retornando em seguida por Goiás até atingir a Bolívia. A peregrinação finalizou somente em 1927.

Embora não tenha conseguido convencer as populações por onde marchou a posicio-

CAPITÃO THOMAZ REIS



"2º Grupo de Destacamentos" em Palmas, sob o comando do general Nestor Zezefredo dos Passos.

nar-se contra o governo, o movimento rebelde contribuiu para a deflagração da Revolução de 1930. Seus comandantes, exceto o próprio Prestes, tomariam parte do governo de Getúlio Vargas.

Para alguns autores, a passagem dos rebeldes favoreceu o processo de colonização. Para outros, fez o serviço contrário. A consequência positiva foi a constatação de que a região entre Guarapuava e o rio Paraná estava abandonada pelos governos estadual e federal. Com o sentimento nacionalista habitual dos revolucionários, eles denunciaram em jornais de grande circulação o descaso do governo federal. Também divulgaram as maravilhas e a fertilidade da região, incitando medidas efetivas na tomada do território.

— A proteção da zona fronteiriça é uma necessidade que se impõe e do que lamentavelmente não cogitamos até hoje, como verificamos ainda em nossa recente viagem, apesar do brado de alarme dos verdadeiros patriotas que não se cansam de clamar pela nacionalização de nossas fronteiras, nas quaes existem grandes latifúndios em mãos de estrangeiros. (Manoel Carrão, 1928)

A passagem da Coluna Prestes pelo Su-

doeste fez estancar temporariamente o processo de colonização. Mas sua presença e atuação na região do Iguaçu também determinaram mudanças positivas, que viriam repercutir anos depois. O Oeste não era mais um mundo selvagem. Tratava-se de uma região estratégica e de grande potencial econômico, que era necessário salvaguardar de ameaças invasoras.

A partir da Revolução de 1924 os militares passaram a proteger a região da fronteira, transitando constantemente pela área. Alguns anos depois seriam instalados quartéis do Exército — em Cascavel e Francisco Beltrão — além de delegacias militares.

Voltolini conta que a presença do comando de Prestes na região fez retrair o desenvolvimento de Bom Retiro. Luiz Pastoriza e outros ervateiros fecharam seus barbaquás e partiram, deixando dezenas de desempregados. Muitos moradores, por falta de perspectivas de sobrevivência, abandonaram o povoado.

Wachowicz acredita que a Revolução estimulou a migração de gaúchos ao Paraná, num movimento que ganharia força a partir da década de 1930.

Suinocultura

A redução do cultivo da erva-mate após a passagem da Coluna Prestes incentivou a população rural a dedicar-se com maior empenho à produção de suínos.

Um serviço prestado ao Brasil pelos rebeldes de 1924 foi a expulsão das ervateiras argentinas, tanto do Oeste quanto do Sudoeste paranaense. À medida que avançavam na floresta, os soldados de Prestes e de Cabanas destruíam as sedes das companhias. Mas após a passagem da Coluna Prestes ini-

Ao comentar a suinocultura em Francisco Beltrão, Jorge Baleeiro de Lacerda (2010) refere-se aos “baguais alçados” e aos “turunos baguais”. Eram porcos que fugiam para a mata e tornavam-se selvagens.

— Era tempo de porco “piauí”, “torcilhão”, e “casco de burro” — diz o autor. — Só depois de 1950 começaram a criar “duroc”.

— Quando os porcos já eram grandes, fazia mangueira, onde fechava os que era pra vender. Ia rodeando a mangueira, soltando milho. Quando estavam acostumados a seguir o trato com o milho, pegava uma tropa e vinha vender em Pato Branco. Vinha tocando pela estrada, soltando milho e eles seguindo atrás. (Vitória Camozzato, 2019)

— Havia mangueirões de porco perto da estação do trem — conta Olindo Slonski (2019) sobre a época em que morava em União da Vitória (década de 1920). — Vinham as tropas com setecentas, oitocentas cabeças. Vinha um na frente avisando pro pessoal sair da estrada pra passagem da tropa. (...) Tinha uns amigos meus que eram contratados pra procurar os porcos perdidos no mato. Mas em vez de tocar de volta pro mangueirão, tocavam mais pro meio do mato.



FREI HONORATO BRÜGEMANN

Em 1954, uma vara de 514 porcos atravessa a rua Guarani, vindos de Santa Catarina. São guiados por 18 pessoas, lideradas por Ângelo Gabriel (esq.). Nessa época o frigorífico dos Gabriel disputava com a Industrial Madeireira (de Merlim e Miotto) a posição de maior empresa de Pato Branco.

ciou-se um êxodo que ameaçou extinguir a colônia Bom Retiro.

Até essa época a região tinha como principal fonte de renda a erva-mate. As cargas do produto eram conduzidas até Corrientes, em demanda a Buenos Aires. Também eram transportadas ao porto de União da Vitória, de onde seguiam de trem rumo a São Paulo.

Poucos anos após a passagem de Prestes sobreveio o *crash* na Bolsa de Nova York (1929), que repercutiu negativamente na economia brasileira, como na maioria dos países ocidentais. Quase toda a década de 1930 foi dedicada a sanar os estragos provocados por aquela onda de prejuízos e pessimismo. No Paraná, os grandes ervateiros quebraram, e as populações periféricas, que viviam da extração da erva, viram-se obrigadas a buscar alternativas econômicas.

No Sudoeste, restava partir para a agricultura. Mas os terrenos eram repletos de pinhais, o que dificultava o preparo da terra. Vários moradores locais tornaram-se operários da estrada Estratégica. Engenheiros e outros funcionários da rodovia passaram a frequentar a vila de Bom Retiro, fazendo circular o dinheiro nas pousadas e nas poucas bodegas. Mas a opção de sobrevivência da maioria da população regional foi a suinocultura. Essa atividade, em paralelo à madeireira, deu sustentação à economia do Sudoeste nas décadas seguintes.

Desde o final do século XIX a lida com os porcos era complementar à ervateira, o que garantia ganhos extras aos produtores. Enquanto a erva era extraída e industrializada no inverno, o período de cuidados mais intenso na suinocultura — a engorda e o trans-

porte — ocorria nos meses quentes.

Na década de 1930 o consumo de suínos nos centros maiores robustecia-se. E formava-se às margens da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul uma complexa rede produtiva. Estendia-se também às áreas mais impróprias para a agricultura, nos municípios que apresentavam terrenos *dobrados*, ou cobertos pela mata, como os do Sudoeste.

Inicialmente o porco foi criado solto na floresta. Era o porco *alçado*, que ao final da tarde, chamado pelo dono, avizinhou-se da residência para abastecer-se de milho. Alimentava-se também de sementes, principalmente o pinhão, e de frutas silvestres, como a guavirova e a pitanga, abundantes na Mata Atlântica.

Os porcos também eram criados no sistema de *safra* — que contribuiu sobremaneira para o desmatamento da região. O safrista contratava os caboclos para desmatar a área onde seria solta a criação. Entre 10 e 50 alqueires eram derrubados e queimados, preparando o terreno para a plantação de milho. Quando este apresentava sinais de maturação, soltava-se os porcos para o engorde. Eles aprendiam a derrubar as hastes para al-



Mangueirão da família Fraron, na década de 1940. Saída de 85 porcos gordos rumo ao frigorífico. Em primeiro plano, José Fraron.

cançar as espigas.

Além de proporcionar renda, os porcos também eram uma das principais fontes ali-

mentícias das famílias do Sudoeste. A carne cozida era conservada em latas cheias de banha. Quando crua, na forma de salames.

— O salame era a comida predileta. Os gaúchos diziam que no Paraná o salame dava em árvores, porque o povo produzia e dependurava nos galhos. (Valmir Dalla Costa, 2019)

Com os animais em ponto de abate, os safristas e seus funcionários partiam, em longas e cansativas viagens rumo a União da Vitória, Joaçaba e Ponta Grossa. A *talha*, ou *tropa*, era um grupo de 100 ou 200 porcos, colocados em marcha à cidade do comprador.

Esses produtores abasteciam os frigoríficos e fábricas de banha que começavam a surgir em cidades como União da Vitória e Curitiba. Grandes empresas levantaram-se nesse novo setor. A partir de Ponta Grossa, seguindo pela estrada ferroviária, os suínos criados no Sul também alcançavam o mercado paulistano.

— Quem possuía acumulado 500\$000, ou um conto de réis, saía pelas picadas do sertão comprando porcos dos caboclos posseiros.



Vara de porcos passando pelo centro de Pato Branco na década de 1950.



LUÍZ FRANCISCO GUIL

*Guavirova —
Campomanesia
xanthocarpa — em
Passo da Ilha. É uma
das frutas mais
abundantes das matas
do Sudoeste no verão.
Está entre os
alimentos preferidos
pelos porcos.*

Este era o “safrista”. Não comprava porcos por quilo e sim “por centímetro, por metro, na vara”, ou ainda “no barbante”. Essas eram expressões utilizadas para determinar a altura do animal. (Urbano Merlo, entrevista a Elizabet Lorenzon, 1984, apud Wachowicz, 1987)

O maior comprador de porcos em Bom Retiro era conhecido por *Coco*. Seu mangueirão encontrava-se no local onde está instalado o pavilhão de festas da Matriz de São Pedro.

Mário Dutra contou a Voltolini que arrebanhava porcos na região Sudoeste, conduzindo-os a Ponta Grossa para o empresário Turíbio Bueno de Freitas. Segundo ele, algumas tropas eram compostas de até 1.200 animais, porém subdivididas em grupos para facilitar a marcha.

— Pra tropear os porcos a pezito até o mercado comprador, o safrista previdente treinava os animais, por uma ou duas semanas. Reunia seus porcos e com o auxílio de três ou quatro peões fazia um percurso de cerca de dois quilômetros e voltava. Repetia esse serviço por várias vezes. Outros treinavam os suínos fazendo voltas na mangueira, até que fossem considerados preparados para a tropeada. (Wachowicz, 1987)

Os porcos não eram alimentados no dia anterior, para atíçar-lhes a fome. O produtor

preferia iniciar a marcha em dia chuvoso, que favorecia a reunida dos animais próximo ao ponto de partida.

Chamador era o funcionário que ia à frente da talha, soltando milho como chamarisco aos animais famintos.

Alguns porcos criados no mato embruteavam, o que requeria medidas extremas dos criadores para domá-los e evitar que se machucassem na viagem. Quebravam-lhes as presas para que não mordessem os cachorros, ou a si próprios. Também derramavam creolina nos olhos dos mais rebeldes, “cegando-os parcialmente e tornando-os mais dóceis” (Voltolini).

Maria Antônia Vaz (2020), nascida em 1911, diz que ajudava o pai a transportar porcos da atual cidade de Mariópolis a Chapecó. Para facilitar o transporte, costuravam os olhos dos animais. Momentaneamente cegos, eles acompanhavam sem rebeldia o restante da tropa.

A alimentação dos peões era feita nas *casas de pasto*, localizadas à margem do caminho. Preveniam-se levando uma mula ou carroça carregada com charque, arroz, feijão, quirera e outros alimentos, além de chás e aguardente. Alguns carregavam um tambor, onde coziavam a carne e a banha dos porcos que pereciam na viagem. Muitos animais morriam sufocados durante a noite, nos

amontoados que formavam para dormir. A banha era acondicionada em latas de metal e vendida nas cidades para onde se dirigiam as tropas.

No momento da negociação, o comprador lançava mão de diversos argumentos para reduzir o preço do animal. Se não alcançasse meio metro de altura, era refugado. Se fosse fêmea, valia menos — simplesmente por ser fêmea!

O trabalho dos tropeiros de porcos era extenuante. Alguns animais se dispersavam na floresta e os peões partiam em cansativas caçadas, buscando recapturá-los. O cheiro suíno impregnava suas roupas. Os donos de pousadas recusavam acolhê-los e eles obrigavam-se a dormir ao relento. No final da viagem, quando finalmente os tropeiros podiam tomar um banho e preparar-se para a volta, suas roupas sujas eram descartadas.

A introdução do caminhão como meio de transporte, a partir do final da década de 1930, alterou o sistema de produção da suinocultura. Agora os porcos eram criados em mangueirões, ou chiqueiros.

— Quando terminava a guavirova no mato, enchia o chiqueiro de porco. Engordava o ano todo. Tirava quarenta, botava mais quarenta, e as porcas criavam pelo mato. Aqui tinha 15 alqueires de mangueirão. (Valmir Dalla Costa, sobre a comunidade de São João Batista, 2019)

Os mangueirões eram formados pelas *cer-*

Olaumir Pedro Guerios (2020) conta que João Penso e seus filhos cultivavam safras de porcos em Francisco Beltrão, Rio da Prata, Salto do Lontra e Jaracatiá (atual Enéas Marques). Vicente Decol tinha safra em Rio Vitorino. Pedro Tatto e Cândido Merlo faziam suas safras na costa do rio Chopim. Os irmãos Gabriel, na região de Dois Vizinhos. Osiris José Guerios administrou safras de porcos dos Penso e dos Gabriel. Comprados magros dos fazendeiros da região, depois de gordos os animais eram conduzidos a Ponta Grossa e União da Vitória, de onde seguiam de trem para Curitiba e São Paulo.



Apresentando os porcos para a fotografia, Domingos Teleski (esq.) e José Belei. Os meninos são Deoclides Gabriel e Altair Belei.

cas enchidas. Plantava-se palanques de dois em dois, com uma fresta entre eles, larga o suficiente para acolher galhos de árvores sobrepostos, formando o cercado sem necessidade de pregos ou amarras.

Castrados para acelerar a engorda, os porcos alimentavam-se com *lavagem* — milho, abóbora e mandioca cozidos em grandes tambores de ferro. Depois de gordos, eram enviados nas carrocerias dos caminhões aos mercados finais.

Em 1937, João Penso, originário de Capinzal-SC, estabeleceu em Vila Nova de Pato Branco um matadouro e uma indústria de carnes. Contava com o apoio da esposa, Luíza, e dos 11 filhos. Na esquina das atuais avenida Tupi e rua Tapir instalou um manguirão. A *Fábrica de Banha de João Penso*, como era conhecida, abatia uma média diária de 25 porcos e dois bois. A carne era distribuída em vários povoados da região, alcançando União da Vitória e Curitiba. Após o declínio súbito da empresa, provocado pela peste suína de 1945, destacou-se a fábrica de banha da família Gabriel.

Em 1954 o tesoureiro da Prefeitura, Vicente Eliseu Ampessan, anotou a venda de “30 mil suínos (...) para diversos municípios do país”.

Durante várias décadas, a criação de suínos e as lides com a carne e a banha participaram do cotidiano familiar na Vila de Pato Branco e nas comunidades rurais. Mesmo nas festas religiosas, a carne suína era muito utilizada.

— Na praça da igreja era tudo gramado, era um campo. Quando chegavam as festas, a turma trazia a porcada. Mas tudo leitoada. Faziam chiqueirinho, cercado assim, com trinta, cinquenta porcos, só pra festa. Durante uns trinta anos, cada festa da igreja, eu dava um boi. (...) Uma vez tinha quatrocentos e tantos porcos na frente da minha bodega. Daqueles duroque grande. Passavam bem pelo meio da cidade. Os comprador vinham de União da Vitória. Ficaram meio-dia aqui, fazendo negócio. Nada de balança, era por pé de porco. Fazia o peso no olho. Aquilo ficou um cheiro vários dias. Tive de fechar a bodega. (Slonski, 2019)

Em 1980 os suinocultores do Sudoeste iniciaram uma mobilização de protesto contra os baixos preços do mercado. O movimento ficou conhecido como *Revolta dos*

Suinocultores, numa referência à Revolta dos Posseiros de 1957. Uma das iniciativas dos criadores foi trancar as vias de acesso ao Sudoeste. O governo enviou caminhões *urutus* para desimpedir as estradas. Como não era um movimento coeso, logo se dissolveu.

COMÉRCIO DE PELES

Durante algum tempo o Sudoeste também foi grande fornecedor de peles de animais silvestres. A arrecadação das peles era feita pela empresa Wagner e Cia, que enviava a matéria-prima aos curtumes de Curitiba. A pele mais cara era a do veado pardo. Mas também eram comercializadas peles de anta, tatetos, gatos-do-mato e outros animais. “A gente com corodum gato do mato comprava quatro, cinco metros de fazenda” (Valdemar Correa, Ampére-PR, entrevista a Elio Alves, 1984, apud Wachowicz, 1987). Alguns mascates, geralmente de origem árabe, compravam peles, cera de abelhas e crinas de cavalo em troca de roupas, tecidos e sandálias.

Pássaros também eram comercializados. Na década de 1950, Olindo Slonski aproveitava suas viagens a Curitiba para conduzi-los em gaiolas. Eram comprados dos colonos, que os capturavam em arapucas.

— Eu tinha 25 gaiolas. Naquela época havia muito periquito por aqui.

Um porco gordo e manso, diante do matadouro dos Gabriel, em 1952. Desde a esquerda, Rodolfo Schenff, Deoclides Gabriel, Olaumir Pedro Guerios e Gema Gabriel, com a filha Marlene.



Igreja de São Pedro

As primeiras manifestações religiosas em Pato Branco têm origem na região do Contestado, onde foi morto o monge João Maria. Os refugiados que formaram a Vila Nova mantiveram a fé no religioso, que para eles havia-se convertido em santo. Mas a re-

ligiosidade cabocla também se manifestava no culto ao Espírito Santo, com a realização da Festa do Divino. Dentre as mais entusiasmadas organizadoras estava Joana Ribeiro, que recebia os fiéis em sua casa. Joana saía pelas ruas empunhando a bandeira do Divino, “en-

toando cânticos e dizendo orações, para o alcance de graças e afastamento de maus olhados, feitiços, maldições. O séquito, anunciado por um tambor, (...) ia sendo engrossado gradativamente por devotos e curiosos” (Votolini). Além das cerimônias religiosas, o povo



ACERVO HELOISA VOLTOLINI

População de Vila Nova de Bom Retiro reunida diante de sua primeira igreja.



A religiosidade acompanha a evolução da cidade de Pato Branco desde os primeiros anos. Inicialmente com os caboclos, adoradores do Espírito Santo. A partir da década de 1930, o louvor católico dirige-se a São Pedro Apóstolo.

Desenho da atual igreja de São Pedro Apóstolo, pelo arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto. Ele também projetou a Catedral de Nossa Senhora Aparecida, do estado de São Paulo.

era atraído pelo churrasco, bebidas e bolos. “Primeiro a comida era servida a sete inocentes, escolhidos entre as crianças das famílias mais pobres” (Neri Bocchese, 2004). O fecho era com baile, onde se davam encontros dos novos namorados. Mas também ocorriam “brigas, desavenças entre os casais, namoros proibidos, ciúmeiras e acertos de contas”.

A primeira capela de Pato Branco foi instalada em 1930, consagrada a São Pedro Apóstolo. O nome deve-se ao fato de que *Pedro* era o nome de alguns fiéis que compunham a comissão da igreja: Pedro Aires de Melo, Pedro José Vieira, Pedro Antônio Soares e Pedro Luiz da Silva. A capela foi erigida na confluência da rua Tapir com a avenida Tupi.

Em 1934 o templo recebeu Dom Antônio Mazzarotto, bispo diocesano de Ponta Grossa. A visita animou os fiéis a construir uma igreja maior e mais central.

Em 1935, a serviço do governo federal, o engenheiro Duílio Beltrão destinou ao serviço religioso o espaço da atual praça Presidente Vargas. As serrarias da região cederam a madeira. E as tabuinhas que cobriram o novo templo foram falquejadas a mão pelos filhos de Paulo Schmidt e Maurício Menosso. Os carpinteiros responsáveis pela obra foram Augusto Pelozzo e Paulo Boss. A inauguração ocorreu em 1937. A novidade da edificação eram as janelas de vidro, que nos anos seguintes passariam a ser utilizadas também nas residências de Pato Branco.

Próximo à igreja, o governo estadual construiu uma escola, a primeira edificação de alvenaria de Bom Retiro, e assim definiu-se o que seria o Centro da cidade de Pato Branco.

Sem referência à origem, Voltolini conta que o sino foi conduzido de trem até União da Vitória, de caminhão até Clevelândia, e sobre a carroça de Argeu Ferreira alcançou a capela. É provável que o sino tenha sido fabricado na Fundação Muller, de Curitiba, tradicional fornecedora às capelas do interior.

Os católicos de Pato Branco seguiam as regras vaticanas em redor do planeta. Homens e mulheres sentavam-se em bancos separados pelo corredor. Mulher somente recebia a comunhão com véu na cabeça. E criança que peralteasse era retirada do templo pela orelha.

Como as ruas não eram pavimentadas, nos dias chuvosos os fiéis tomavam cuidados para não sujar o assoalho da igreja. Saíam de casa descalços, com os sapatos na mão. Lavavam os pés nas fontes localizadas nas proximidades e calçavam os sapatos para entrar.



Num Domingo de Ramos, fiéis de Pato Branco chegando à igreja em procissão. Década de 1940.





INSTITUTOS PROSDOCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI



Missa campal diante da segunda igreja de Pato Branco — construída com madeira cedida pelas serrarias locais. Alguns pinheiros ainda podem ser observados nas periferias da vila.

Ao lado da segunda igreja de São Pedro, Antônio Odorzick Filho instalou uma torre de 17 metros de altura, dotada de três alto-falantes. Além das divulgações comerciais de Odorzick, servia para comunicar à população as decisões da paróquia. Nos domingos e dias de festa, a população dedicava músicas pelo serviço de alto-falantes. Mas havia também música ao vivo.

— A dupla sertaneja Irmãos Cadini, com canções de amor não correspondido, enternecia os corações apaixonados. (Bocchese, 2004)

O sucesso foi tamanho, que viabilizou a candidatura de um dos irmãos a deputado federal, em 1948.

Missões de 1956, dos padres redentoristas. Um deles comanda os fiéis no transporte do cruzeiro pela rua Iguaçu, na chegada à praça Presidente Vargas. Na casa do centro, loja de peças automotivas de Dionísio Zilio.



Instalação da torre de comunicação da igreja de São Pedro.

ACERVO INSTITUTOS PROSDOCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI



Carreata segue pela avenida Tupi em direção à igreja de São Pedro. Final da década de 1940. Fotografia: Nelson Colla.

O livreto *Informativo do Sul*, publicado no Rio de Janeiro em 1970, apresenta na capa um desenho do futuro pavilhão da Igreja Matriz de Pato Branco. E detalha os benefícios para os fiéis: “Salão Social, Teatro, Ginásio de Esportes, Futebol de Salão, Basquete, Voleibol, Bochas e Bolão”. A publicação tem o patrocínio da empresa Ciparrocha, cuja página publicitária anuncia: “No bar ou no lar, não peça cerveja, exija o máximo: — Eu quero Brahma Chopp”.

Desde a década de 1930, a avenida Tupi e a Praça Presidente Vargas são palco de desfiles, procissões e outros eventos cívicos e religiosos. A população comparece com velas e coroas de flores. Dentre as fantasias mais fotografadas, estão as dos tempos de Cristo, com atores representando cristãos e soldados romanos.

— Falei que pra manter a comunidade era melhor abrir uma bodega na igreja. Mas abria só no domingo de tarde. Eu ia namorar no sábado, e no domingo ia atender a bodega. Vendia cerveja, gasosa, cachaça. Vendia no litro, mas também no copo, no balcão. No começo ficavam debaixo da torre, dentro da igreja, pra refrescar. (Derico Dalla Costa, 2019).

FREIS FRANCISCANOS

Desde sua fundação, a paróquia de São Pedro vem sendo conduzida pelos freis franciscanos. Os primeiros a atender o Sudoeste, a partir de 1903 — ano em que fundou-se a Prelazia de Palmas — foram os freis Redento Kullmann, Solano Schmidt e Policarpo Schuhen. De origem alemã, estabeleceram-se inicialmente em Blumenau-SC. Deslocando-se pelos sertões em lombos de burro, fixaram-se inicialmente em Porto União, de onde seguiam para os vilarejos da região de Palmas.

Outros representantes da ordem franciscana estabeleceram-se nos povoados de Clevelândia, Mangueirinha e Chopinzinho. A partir de Palmas, os freis Plácido Rohlf e

Centro da cidade na década de 1960, em tempo chuvoso. À esquerda, churrasqueira da igreja de São Pedro. "Da praça até a atual Prefeitura havia dois pavilhões de madeira, bem grandes.

Num o padre rezava a missa, no outro faziam a festa. Ali era um pé de guavirova do lado do outro. Em dia de festa, o povo fazia as mesas e almoçava debaixo das árvores. Dia de missa amarravam até cento e cinquenta cavalos nas guaviroveiras". (Derico Dalla Costa, 2019).

Albano Marciniszyn realizavam extensas excursões, alcançando a divisa com a Argentina. Duas ou três vezes ao ano, apareciam na Vila Nova de Bom Retiro. As orações e a catequese eram ministradas nas casas dos cidadãos melhor equipados para recebê-los. A hospedagem dos freis era concorrida.

— Na ânsia de uma família aparecer mais do que a outra, gerava-se uma concorrência que, nem sempre, acabava bem. Uma ciúmeira, uma fofoca, uma referência maliciosa, podiam gerar entre as comadres pesados bate-bocas... um fogo que só a autoridade indiscutível do padre podia conter, mas apagar... jamais, pois as juras de vingança cruzavam o ano incubadas, para se manifestarem na festa seguinte, com todo vigor e desrespeito ao santo. (Voltolini)

Apesar desses embaraços, o vilarejo sempre manteve um empenho comunitário em favor dos serviços religiosos. E a vila tornou-se o ponto de partida dos Franciscanos para comunidades mais distantes. Era o local





Pato Branco, década de 1940. Ao centro, a segunda igreja de São Pedro, construída em 1945 em frente à praça Presidente Vargas. Tinha a torre voltada para o Norte. À direita, colégio Agostinho Pereira, na área onde seria instalada a atual igreja de São Pedro.

para o abastecimento de víveres e artigos que possibilitavam viagens com um mínimo de conforto na garupa de seus cavalos.

— Eram grandes evangelizadores, que além de ensinar a religião também ensinavam civismo, orientavam as famílias em seus trabalhos e lutas nas lavouras, a importância

da união para melhorar o plantio. (Mari Salete Dal Molin Ayres, 2018)

Em 1939 foi criada a paróquia de Clevelândia, fortalecendo os laços franciscanos no Sudoeste. Nessa época a capela de Bom Retiro recebia os freis Corbiniano Koesler, Ca-

seiro Vicenz, Damaceno Heidman e Everaldo Allkemper. Dentre outros, Bocchese destaca Frei Sérgio Hillesheim, que iniciou em Pato Branco o sistema cooperativo e a piscicultura.

— Nessa época também foi contruído um pequeno pavilhão, na rua Pedro Ramires de Mello, em frente à atual Prefeitura, que servia como cozinha nas festas de São Pedro. Ao lado desse pavilhão tinha um bosque muito bonito, onde nas festas se construíam barracas com madeira, doadas pelas serrarias, e eram cobertas com folhas de palmeira. (Alberto Pozza, 2004)

A chegada dos sulistas foi aos poucos transformando o modo de professar a fé. As festas de São Pedro foram ganhando volume,

— Com tempo chuvoso, pra ir na missa, a gente levava o calçado na mão até na porta da igreja. Aí lavava o pé pra calçar e entrar na igreja. (Joanim Fraron, 2019)



Desfile cívico no distrito de Pato Branco, em 1952. À direita, sede do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Também “Posto de Alistamento Eleitoral”. Na porta ao lado, “chapelaria” e “tinturaria”.

em detrimento dos festejos do Divino. Nas quermesses, as novas famílias instalavam barraquinhas para a venda de bolos, salgados e outros produtos.

Em 1947 os franciscanos oficializaram sua permanência em Pato Branco.

— Por resolução do Colendo Definitório, realizado em dezembro último, a nossa casa em Pato Branco foi elevada definitivamente a Residência, sendo o primeiro Praeses e Vigário o Rev. Frei Corbiniano (Koesler) e seus Coadjuutores: Frei Casemiro e Frei Everaldo. (Crônica da paróquia de Palmas, 1947)

PARÓQUIA DE SÃO PEDRO

Criada em 1944, a paróquia de São Pedro Apóstolo foi instalada em 29 de junho de 1948, pelo bispo Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello. O vicariato ficou sob a responsabilidade de Frei Koesler. A ata de instalação revela alguns costumes religiosos da época. Também salienta alguns nomes bem conhecidos da comunidade de Pato

Branco na década de 1940.

— Eu, Frei Bertoldo Merschbrock OFM⁽²⁾, Notário eclesiástico, abaixo assinado, atesto e certifico que em minha presença foi ereta a paróquia de São Pedro Apóstolo de Pato Branco, e instalado o seu primeiro Vigário, de seguinte forma: Pelas 10h da manhã do dia 29 de junho do presente ano reuniram-se na frente da Igreja de São Pedro, em Pato Branco: o Exm°. e Revm°. Sr. Prelado D. Carlos Eduardo de Saboia Bandeira de Mello, Bispo titular de Girba, acolitado por mim e pelo Revm°. Padre Frei Everaldo Allkaemper OFM e acompanhado do Revm°. Padre Frei Corbiniano Koesler OFM, até então Reitor da dita Igreja, bem como do Revm°. Padre Engelberto, Mestre de cerimônias, e do Revm°. Padre Frei Eloi Maria Morawietz OFM, como também pelo Ilmo. Sr. Subprefeito da Vila, Augusto Pastorello, do Sr. Sub-Delegado de Polícia, Eduardo Daun, do Ilmo. Sr. Juiz de Paz Manoel Branco; fungindo como padrinhos e porta-insígnias do novo vigário os Exmos. Srs. Pedro Bortot, Adol-

fo Chiochetta, Pedro Soares e Possídio Salomoni, precedidos dos restantes Ilmos. Srs. membros do conselho de Fábrica e Comissão da Igreja: Júlio Pagnoncelli, Antônio Detoni, Cristiano Leonardi, Augusto Pelozzo, João Viganó, Plácido Machado, Eduardo Amadori, Zacarias Koslinski, Carlos Michelin e Azelino Dalla Costa, rodeados de enorme multidão de povo. Após ter-se sentado sob o dossel na frente das portas da igreja fechadas, Sua Exa e Revma o Sr. Prelado, entregou ao Revm°. Cerimoniário e Secretário o mencionado Padre Engelberto, o decreto da criação da paróquia para ser lido publicamente, o que foi feito. Em seguida Sua Exa. dirigiu breves e fervorosas palavras aos assistentes, declarando ereta a paróquia de Pato Branco e salientando a importância do ato. Logo depois, foi lido pelo Revm°, Cerimoniário e Secretário o decreto de nomeação de Vigário do Revm°. Padre Frei Corbiniano

(2) Ordem dos Frades Menores.



Manifestação de fiéis diante da igreja de São Pedro, em data indefinida. À esquerda, bodega da igreja.

Koesler OFM. Ajoelhado diante do Exm^o. Prelado o novo Vigário prestou a profissão de fé e juramentos prescritos, foi revestido pelo mesmo Sr. Prelado da estola paroquial e recebeu as chaves da igreja. Ato contínuo, o novo vigário abriu de par em par as portas do templo e entoou o Te Deum, precedendo a procissão que penetrou agora na igreja sob os sons festivos do hino. A seguir o novo vigário, conduzido por mim, notário eclesiástico, abaixo subscrito, tomou posse do batistério, sentou-se no confessionário e dirigiu-se ao lugar das pregações, donde proferiu caloroso sermão de saudação e plataforma aos paroquianos. Finalmente, solenizando o ato, e implorando as bênçãos de Deus sobre a nova paróquia, Sua Excia. e Revma. o Sr. Bispo Prelado celebrou solene Missa Pontifical de Orago⁽³⁾ da nova Matriz assistida devotamente por todos os presentes. Em testemunha da verdade, eu, Frei Bertoldo Merschbrock OFM, presente ao ato, lavrei esta, que vai por mim assinada, bem como pelas autoridades presentes e quem mais quizer. Pato Branco, aos 29 de junho de 1948. Ass. Frei Bertoldo Merschbrock OFM - Notário ecles.

Em 1949 Frei Koesler foi substituído por Frei Honorato Brueggemann. Uma de suas iniciativas foi a compra da rádio Colméia — atual rádio Celinauta.

Em 1959 a paróquia passou às mãos de Frei Gonçalo Orth, que foi o responsável pela construção da igreja atual.

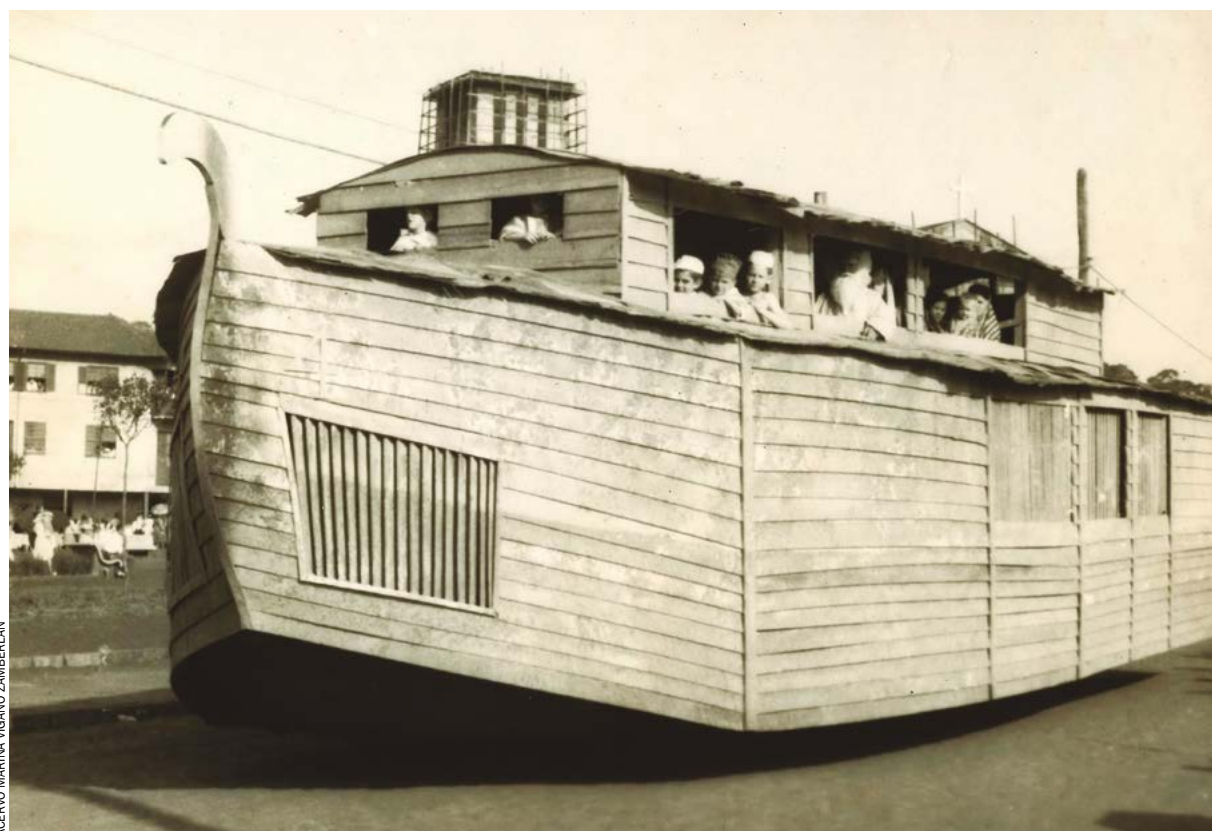
Como na época da instalação das primeiras igrejas, a da Matriz de São Pedro também recebeu grande apoio da comunidade. Parte do material de construção foi doado pelos empresários locais.

— Quando concluíram a igreja, cada comerciante pagou um banco. (Slonski, 2019)

A obra também contou com o apoio dos agricultores de todas as comunidades rurais.

— Todo dia ia uma comunidade ajudar. Aqui do São João Batista íamos a cada quinze dias. (Derico Dalla Costa, 2019)

(3) Santo ao qual é dedicada uma igreja ou localidade.



Na Semana Bíblica de 1963 foi instalada uma “Arca de Noé” em frente à igreja em construção. Estudantes fantasiados de marinheiros acompanham o famoso criador da Arca.



Estudantes do Colégio Vicentino carregam a Arca da Aliança, fantasiados de anjos, corneteiros, padre e sacristãos. Segundo Cláudio Petrycoski (2020), foi este o último “carro alegórico” a desfilar. Em frente, os irmãos Cláudio (à esquerda) e Florentino e o primo Valdir Francisco. Florentino formou o grupo. A areia sobre as pedras irregulares revela calçamento recente. Semana Bíblica, 1963.

— No mês de outubro eu reunia o povo aqui de Gavião e levava lá. Ia com aquela caminhonada cheia! Em novembro era outra comunidade. (Antônio Simon, Gavião, 2019)

— Andava dez quilômetros, lá de Passo da Ilha. O dia que o padre escalava, a gente vinha. Ali era tudo banhado. Eu trabalhava fazendo as valetas pra escorrer a água. Só numa estaca da igreja, puseram vinte sacos de cimento, que não tinha outro meio pra trancar a água. (...) Uma vez morreu um. Não fizeram proteção dos lados da valeta, a terra desceu em cima dele. Tavam em dois, um conseguiram socorrer. (...) O chefe era o Augusto Pelozzo, punha a turma pra trabalhar. E não trabalhasse, pra ver! Ele cuidava da chácara dos padres, lá onde o Frei Sérgio criava peixes, na estrada pra São Francisco. (Daniel Pagnocelli, 2020)

— Ali na quadra onde tem o Hospital São Lucas e as Casas Pernambucanas, era um mangueirão de porcos de um tal de João Góis, que depois ficou compadre do meu pai. Ali tinha uma vertente, um chão de banhado.

Um dia o João chegou e disse pro meu pai, “Compadre, me compra isso aí”. E meu pai, “Ah, você tá louco? O que eu vou fazer com esse banhado? Se fosse um sítio, mas o que fazer com um banhado?”. E o Góis, “Mas isso aqui vai ser uma cidade grande”. Meu pai achou graça. E olha hoje como está! (Simon)

O local escolhido para a instalação da igreja era elevado em relação à avenida Tupi. Um *outeiro*, segundo Voltolini. As máquinas da Prefeitura aplainaram a área.

— Foi o prefeito Graeff que endireitou aquilo lá. A gente olhava pra um lado e pra outro, era pinheiros de um lado, pinheiros do outro. Hoje a gente não vê mais nada disso. (Simon)

— Onde construíram a igreja atual tinha uns quatro metros de altura, mas depois que começaram a cavoucar, virou um barrá preto. (Derico)

A conclusão da obra deu-se sob os cuidados de Frei Sérgio Hillesheim, em 1965.

Um novo pavilhão também foi construído.

Ficou separado da igreja pela rua Tocantins.

— O pavilhão ficará atrás da igreja matriz. O terreno é muito ingrato, um verdadeiro lodaçal. (Frei Eugênio Sieberichs, 1970)

TORNEIOS PRÓ-IGREJA

No dia 16 de junho de 1963 reuniram-se em torneio esportivo as agremiações Banco do Brasil F. C., E. C. Esso, Colméia E. C., Juventude Estudantil E. C., Comercial Alto Peças E. C., Manmercio F. C., Prefeitura Municipal, Casas Pernambucanas A. C., além de equipes rurais. O objetivo era arrecadar fundos para os arremates da Igreja Matriz. Foram excluídos da disputa os clubes Internacional, Palmeiras e Operário e também seus atletas, “Salvo si um deles pertencer a uma organização bancária ou industrial” (A Razão, 1963). Em julho do mesmo ano foi realizado o *Torneio Inter-Clubes*, na Sociedade Esportiva Palmeiras, com o mesmo objetivo. Participaram 22 times.

Em abril de 1964 o povo de Pato Bran-



Procissão em homenagem à imagem de Nossa Senhora Aparecida, em 1956. A fotografia de Nelson Colla mostra o desnível da área central da cidade. Para fazer a foto, ele postou-se no local onde hoje encontra-se a agência do Banco do Brasil. Essa área foi aplainada durante a gestão do prefeito Harri Graeff.



RODINEI SANTOS

"A Religiosidade", no desfile cívico de 7 de Setembro de 2019.

A praça Presidente Vargas nunca esteve solitária. Veem-se crianças correndo nas calçadas, escolas em desfile, músicos espalhando vozes e acordes, dançarinos e bailarinas em frenéticos compassos, artistas expondo telas e modelagens, cavaleiros passeando com botas e bombachas, políticos em animados discursos, plateias alvoroçadas, empresários apressados para fechar mais um negócio, desempregados aguardando notícias animadoras sob a sombra dos ipês e das sibipirunas, fiéis dirigindo-se à Matriz de São Pedro Apóstolo para agradecer pelas bênçãos ou confidenciar as infrações. A praça também recebe os idosos, que têm neste local o seu ponto de encontro para relatar as façanhas da semana e o último noticiário. À praça convergem todas as escolas, os grupos sociais e as entidades assistenciais, para exibir-se em dias de atividades cívicas. É também na praça que crianças, jovens e adultos vêm buscar a emoção efêmera das luzes de Natal. A roda gigante eleva-os quase ao topo dos edifícios mais altos para que consigam apreciar os céus iluminados da cidade de Pato Branco.



*Rodinei Santos fotografou na
semana de Natal de 2019.*



co aguardava ansioso a inauguração do novo templo.

— Erguendo-se imponente, já está ela a atestar o sentimento religioso dos pato-branquenses que viram, de um dia para outro, sua “urbs” mudar de fisionomia com esta construção maravilhosa. O badalar de seu relógio marca o progresso da cidade que mais cresce no Sudoeste e a sua cruz, abrindo-se para o céu, faz aumentar em todos a chama ardente da fé. E nesta maravilha toda, pontifica o trabalho dedicado do grande comandante da construção, que é Frei Gonçalo, Vigário da Paróquia. (A Razão, 1964)

O projeto da Matriz é do arquiteto Benedito Calixto de Jesus Netto. Ele também projetou a Catedral de Aparecida do Norte-SP. O construtor foi o gaúcho Tissiano Betamin, com o mestre de obras Olímpio Pedralia. Alberto Pozza buscou em São Paulo as telhas, o forro e o piso da nova igreja.

O novo templo foi inaugurado em 29 de junho de 1965, com uma festa que estendeu-se por dois dias. Para o churrasco foram sacrificados 31 bois.



Procissão na década de 1950, sobre o traço desalinhado da avenida Tupi. Duílio Beltrão planejou a urbanização com ruas retas, mas seu projeto foi embargado pela Prefeitura de Clevelândia.

ACERVO INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA / THEÓPHILO PETRYCOSKI



Adolescentes à janela da bodega da igreja de São Pedro.

PASSARINHADAS

Até 1967 a caça era permitida no Brasil. Como os animais silvestres eram abundantes no Sudoeste, também eram fonte de alimento. Em algumas festas de igreja, a passarinhada era o prato principal. O mais saboroso e

também o mais caro.

— O Frei Sérgio fazia uma janta de passarinhada na Festa de São Pedro. Ia na rádio e pedia pro povo. Traziam sabiá, jacu, tucano. A turma saía caçar e o que achava, matava. Naquele tempo tinha passarinho barbaridade! A passarinhada era a janta mais cara, mas o povo comparecia. Cozinhava na panela. Tinha uns que faziam no espeto. Mas o perdiz é feito em panela grande, com molho, radite e coisarada. (...) Uma vez fomos caçar em Maracaju, no Mato Grosso, eu e um primo meu, Nene Pasa, mais dois amigos e o Frei Sérgio. Pegamos dois carros, uma caminhonete, levamos os cachorros, e eu tinha comprado um Brasília novo, ano 75. Deu uns 130 Kg de perdiz. Quem foi buscar foi um tal de Guerrinha, que tinha um avião. E o Frei voltou pra casa com ele e a caça. (Adelar Pasa, 2019)

Anos mais tarde, as festas de igreja passaram a aproveitar os pombos abatidos nos clubes de tiro.

A instalação da paróquia de Pato Branco facilitou os trabalhos religiosos. Mas aos poucos ela foi perdendo amplitude. Até 1964 já haviam-se desmembrado as paróquias de Vitorino, Itapejara d'Oeste e Bom Sucesso.



Matriz de São Pedro Apóstolo em dezembro de 2019.

Fotografia de Luiz Francisco Guil.

— A construção da igreja também se deve muito aos motoristas de caminhão, que na época traziam tijolos e principalmente areia. (...) Se deve também muito aos agricultores e filhos, que residiam nas mais de 50 capelas, que vinham trabalhar. (...) Deve-se ainda àquelas senhoras da sociedade, que trabalhavam na cozinha, nas novenas e nas festas, nas famílias que assavam frangos, faziam bolos, que eram leiloados. (Alberto Pozza, 2004)

As igrejas participam do cenário inicial de quase todas as cidades. A área escolhida para sua instalação é central, ou haverá de ser. Porque as casas comerciais convergem naturalmente para a *praça da igreja*, e o casario acompanha. A torre estende-se à maior altura possível, para ser avistada à distância e levar mais longe o badalar dos sinos.

Durante séculos os templos religiosos competiram com as sedes das prefeituras, ou com os palácios reais, pela supremacia arquitetônica das cidades. As quadras se multiplicavam, modernas edificações se instalavam, mas a torre da igreja continuava soberana. A concorrência fez com que os palácios também ganhassem torres, convertendo-se em castelos. Algumas universidades também incluíram torres em suas sedes, para ganhar mais imponência e serem vistas a maiores distâncias.

Com a criação dos sofisticados cálculos da engenharia, no período *pós-Isaac Newton* foi possível ampliar o número de andares sobrepostos, proporcionando a construção de edifícios altíssimos, que em breve superaram as torres dos templos católicos.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a igreja Matriz de Pato Branco viu formar-se em seu entorno um grande número de prédios de até quatro andares. Os engenheiros e construtores não ousavam desafiar a preeminência da torre de São Pedro. A situação alterou-se a partir de 1983, com a instalação do edifício Policarpo. Outros edifícios sobreviveram, alguns ainda mais altos. Mas apesar da superação altimétrica, a igreja conseguiu manter seu predomínio na área central.

Para os mestres da fotografia, o arranjo do templo com os edifícios do entorno é uma contribuição à sua arte. As árvores da praça Presidente Vargas ajudam a compor surpreendentes cenários. O molhado da chuva e os pedestres também contribuem, como nesta fotografia de Rodinei Santos.





Frei Policarpo Berri

Felice Berri e Melânia Pisetta casaram-se em Rodeio-SC. De seus 11 filhos, três tornaram-se padres: Ermínio, Maximiano e Inácio. Este formou-se sacerdote da ordem franciscana, com o nome de Policarpo.

Aos oito anos ele entrou no seminário de Rio Negro-SC. Em 1943 recebeu o hábito franciscano. Depois de formar-se em filosofia, em Curitiba, transferiu-se para Petrópolis-RJ, onde ordenou-se padre. Permaneceu naquela cidade entre 1945 a 1946. Depois passou quatro anos em Niterói, até ser enviado à paróquia de Pato Branco, que nessa época estava sob as ordens de Frei Honorato Brüggemann.

Nos primeiros cinco anos, Frei Policarpo dirigia-se a cavalo às comunidades rurais. Segundo ele, nessa época cada povoado de Pato Branco já tinha sua capela.

— Havia mais gente no interior que na cidade. O transporte dos padres melhorou com a compra de dois jipes. (Fr. Policarpo, 2019)

Durante 11 anos ele foi professor de música no colégio vicentino. Entre outras ações comunitárias, dirigia-se diariamente ao hospital São Lucas para servir a comunhão aos doentes. Iniciativas como essa proporcionaram-lhe grande consideração e respeito popular.

Frei Policarpo obteve para a igreja de São Pedro um “majestoso órgão” (ata da paróquia). A solenidade de bênção do instrumento contou com os músicos Frei Bernardino Bortolotti e Frei Feliciano. Os fiéis foram convidados para o concerto, mas ninguém compareceu.

— Como é que já querem consertar o órgão? Novinho em folha? E a gente ainda precisa pagar? É que ninguém sabia que concerto com a

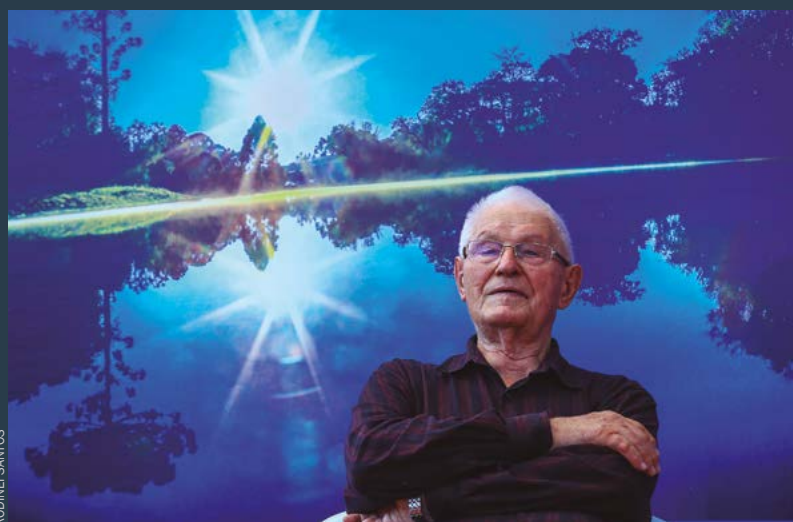
letra “c” é dar uma audição de música. E que concerto com a letra “s” é remendar alguma coisa. (Frei Policarpo, sem data)

Em 9 de outubro de 2007, em sessão comemorativa do *Cinquentenário da Revolta dos Posseiros*, realizada pela Assembleia Legislativa do estado na cidade de Pato Branco, Frei Policarpo recebeu das mãos do governador Orlando Pessuti o título de *Cidadão Honorário do Paraná*. Projeto dos deputados Antônio Martins Anibelli e Augustinho Zucchi.

Nascido em 13 de julho de 1924, Frei Policarpo Berri faleceu em 4 de outubro de 2020 — dia de São Francisco — aos 96 anos. Seu corpo foi sepultado dentro da igreja de São Pedro Apóstolo. Durante a missa de despedida, um avião sobrevoou a praça da Matriz, despejando pétalas de rosas.



Frei Policarpo acompanha a passagem da Tocha Olímpica pela cidade de Pato Branco (2016).



O religioso participa da inauguração do Parque do Alvorecer, em março de 2018. Sempre buscando inteirar-se dos acontecimentos da esfera pública.



Na nevasca de 1965, os padres também saíram à praça para brincar. Os freis Policarpo Berri (à direita) e Sérgio Hillesheim e fiéis divertem-se modelando um boneco.

IGREJAS EVANGÉLICAS

As primeiras manifestações dos evangélicos no distrito de Pato Branco foram registradas na década de 1940, com a chegada de fiéis luteranos. Nas décadas seguintes, à medida que surgiam novos povoadores, instalavam-se outros templos de denominação evangélica. A inauguração de uma nova igreja geralmente significava a vinda de um pastor com sua família, contribuindo para o acréscimo populacional.

Entre outras, são citadas as igrejas Metodista, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Aliança Cristã, Menonita, Batista, Presbiteriana, Adventista do 7º Dia, Testemunhas de Jeová, Pentecostal, Comunidade Cristã, Congregação Cristã, Sociedade Brasil para Cristo, Aliança Missionária Evangélica. Nos últimos anos instalaram-se as igrejas Internacional da Graça de Deus, Universal, Comunidade Cristã Vida para os Povos e Só Jesus Salva.

LUIZ FRANCISCO GUIL



Igreja Luterana, na esquina da rua Presidente Kennedy com a avenida Tupi.

IGREJA LUTERANA

Os luteranos de Pato Branco eram originários da cidade de Videira-SC e do Rio

Grande do Sul. Descendentes de alemães em busca de novas terras, chegaram os Krüger, Freitag, Schuk, Kroettker, Hund, Weiss e

outros. Dentre os primeiros pastores são citados Frederico Schröder, Oscar Kanitz, Jorge Baubach, Willy Trein e Harnatch. Nos primeiros anos, as pregações eram feitas na língua alemã. A igreja atual localiza-se na avenida Tupi, esquina com a rua Presidente Kennedy.

IGREJA METODISTA

A igreja Metodista de Pato Branco foi fundada em 1º de abril de 1952. O templo foi construído em área cedida pela Prefeitura, na atual rua Tocantins. Dentre os primeiros pastores são citados João Cabral Peres, João Maria da Silva Machado e Lucila Bernal Machado. Os fiéis deslocavam-se de locais distantes, como Palmas e Laranjeiras do Sul, para participar dos cultos.

ESPÍRITAS

Instalaram-se em Pato Branco a Sociedade Pato-Branquense de Estudos Espíritas e a Sociedade Espírita Fraternidade.



Igreja Metodista, na rua Tocantins.

LUIZ FRANCISCO GUIL

LUIZ FRANCISCO GUIL

PARÓQUIA CRISTO REI

A paróquia Cristo Rei nasceu de uma iniciativa de José Geron. Em 1982 ele deflagrou uma campanha de arrecadação de fundos para a construção de uma igreja. Até então, os cultos religiosos do bairro onde Geron morava eram realizados na "Escola Cristo Rei". Na convocação dos fiéis em prol do templo, ele contou com o apoio da catequista Natália Vicente Pereira. Na busca de recursos, participaram as famílias Brezolin, Silvestre, Dal Piva, Filipini, Munareto, Viganó, De Conto, Potoskei, entre outras. O local escolhido foi um terreno de Valmor Antonioli. Em seguida, outras áreas do entorno foram adquiridas.

O primeiro padre foi Giuseppe Bertoldi, designado pelo bispo de Palmas em 1984. Inicialmente foi morar na casa dos Bresolin. Como era homem grande — e também exigente — foram necessárias algumas adaptações na residência.

— Era preciso cuidados especiais, desde o tamanho da cama, da roupa. O banheiro precisava ter uma bacia bem reforçada. (Bocchese, 2016).

A paróquia teve como sede provisória o porão da fábrica de móveis Cristo Rei. No local também eram realizados os atos litúrgicos. E a primeira missa, por falta de uma sede religiosa, foi realizada ao ar livre. A voz do padre saía de um alto-falante instalado na copa de uma árvore.

Em 25 de julho de 1984 tomou posse a primeira diretoria da paróquia de Cristo Rei, sob a presidência de Gentile Todeschini. Em 25 de novembro do mesmo ano foi empossado o primeiro vigário, Padre Natalício José Weschenfelder. Em 1º de março de 1986 chegaram em Pato Branco as *Pequenas Irmãs da Sagrada Família*, que passaram a atender a paróquia Cristo Rei.

Com a participação dos fiéis, produzindo doces e salgados, assando bolos, bolachas e

cucas, preparando churrasco e promovendo festas, foi possível levantar um belo templo.

O projeto foi solicitado pelo padre Adilson Davi Hwang a Adão Aurélio Alves de Moraes. Como este ainda era estudante de arquitetura, quem assinou a planta foi o engenheiro Vitalino Franzoni — que também iria atuar na construção da igreja. Segundo Moraes, um esboço foi apresentado numa reunião do clero na diocese de Francisco Beltrão, com a presença do bispo Dom Frei Agostinho Sartori. No mesmo evento, a aprovação foi assinada pelo bispo.

— A planta da igreja tem o formato de cruz, com mais de 1.200 m², sendo que as três partes superiores da cruz em elevação representam a Santíssima Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo. (Moraes, 2020)

O arquiteto também explica os significados de outros detalhes estruturais da igreja.

As doze colunas representam os *Doze Apóstolos* — cada uma delas com a imagem do respectivo evangelizador.

As janelas externas representam as *Via-Sacras*. São 7 de cada lado. A 15ª é representada por um painel localizado atrás do altar, no qual destaca-se uma pintura da *Resurreição*.

Os três painéis maiores representam a *Santíssima Trindade*.

A cobertura tem sete canaletas, significando os *Sete Sacramentos*.

— Na capela do Santíssimo, anexa à igreja, o piso e a parede têm o formato de uma mão segurando o cálice e com a Hóstia Consagrada — completa Moraes. Ele também revela que no projeto original consta uma torre, com sinos e um crucifixo, a qual deverá ser construída em data propícia.

Após finalizada a construção e os acabamentos, em 2004 foi celebrada a primeira missa da Igreja Cristo Rei.

As linhas agudas da igreja Cristo Rei.

Fotografia de Rodinei Santos.





Antônio
Ascari

Quinto Regio





PARÓQUIA UCRANIANA

O primeiros ucranianos de Pato Branco, originários da região Centro-Sul do Paraná, instalaram-se nas comunidades de Vila Bonita e Alto Paraíso — também conhecida como Vila Paraíso. Segundo Olga Koslinski (2019), em 1945 já havia uma igreja ucraniana em Vila Bonita. Em 1953 foi construída a igreja de Vila Paraíso.

O jornal A Razão registrou uma "festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro", em Vila Bonita, no dia 28 de abril de 1963. Após a missa, rezada por Frei Galdino, o povo desfrutou “suculento churrasco, galinha assada, doces, etc”. O evento foi abrilhantado pela banda Faixa Azul.

Em 12 de setembro de 1970 foi instalada na Vila Paraíso a paróquia ucraniana Santíssima Trindade.

Em 1971 uma igreja ucraniana foi construída na cidade de Pato Branco, em madeira. Em 1984 foi inaugurada a igreja atual, no Bairro Santa Terezinha. Em 1990 a sede da paróquia foi transferida de Vila Paraíso para a cidade, com a denominação alterada para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Esse nome foi emprestado da capela ucraniana de Vila Bonita.

Poloneses, italianos e alemães incorporaram-se à igreja católica *brasileira*, enquanto os ucranianos preferiram manter sua própria tradição religiosa. Igrejas ucranianas, com as cúpulas em estilo bizantino, encontram-se em todas as cidades para onde eles migraram, inclusive em Pato Branco. Para atender a demanda, uma fábrica dessa cúpulas foi instalada na cidade de Prudentópolis-PR pelo descendente de ucranianos Nicolau Bobalo Neto.

A paróquia ucraniana de Pato Branco atende as comunidades de Rio Gavião, Alto Paraíso, Bom Sucesso do Sul, Itapejara d'Oeste, Francisco Beltrão e Salto do Lontra.

Em primeiro plano, igreja ucraniana de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Igreja ucraniana Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ao fundo, a paisagem característica das cercanias da cidade de Pato Branco. Campos de cultivo ondulados, intervalados com áreas de mata nativa.



Primeiros professores e professoras

Houve várias tentativas de estabelecer na vila de Pato Branco um professor permanente. As primeiras aulas foram ministradas por uma mulher.

Ana Maria Cordeiro, é considerada a primeira professora de Bom Retiro. Espo-
sa do tropeiro Antônio Cordeiro, que atua-
va na empresa do argentino Luiz Pastoriza.
Nos arredores da vila, operários paraguaios
e argentinos trabalhavam na colheita e trato
da erva-mate, e seus filhos eram alunos de
Ana Maria. Como essas crianças só falavam
espanhol, ela obrigava-se a ensiná-los nesse
idioma. Era uma “professora bilíngue”, diz
Bocchese (2019). A partir de 1925, quando
os argentinos retiraram-se da região, Ana
Maria e Antônio seguiram com eles, e a vila
ficou sem aulas.

O segundo e o terceiro professor, Joaquim
Pinto e Moacir Marcondes, eram de Clevelândia,
contratados pela Prefeitura. Como
ficaram pouco tempo, e temendo que fosse
enviado outro professor não residente no po-
voadado, os moradores de Bom Retiro solici-
taram ao cartório Noé Aires de Mello que
assumisse o serviço docente. O jornal Oes-
te Paranaense (1951) aponta Mello como o



ACERVO VALDIR CHICOSKI

Em 1941, alunos de Juvenal Cardoso comemoram a Semana da Pátria. À direita, casa de Paulo Schmidt, onde foi instalado o primeiro hotel de Pato Branco.

primeiro professor de Bom Retiro. Enquanto
o “Álbum Histórico” de Pato Branco (1966)
outorga este mérito ao professor Francisco
Padilha de Witt.

Numa ata de 1929, respectiva a eleições
realizadas no “Districto de Bom Retiro” para

provimento da Assembleia Legislativa do
Paraná, consta que a votação ocorreu na es-
cola pública do povoadado. Compareceram 200
eleitores, sendo registrada a ausência de 14.

Mello permaneceu até 1934, quando sur-
tiu o professor Juvenal Loureiro Cardoso,
subordinado à Prefeitura de Clevelândia.
Chegou com a esposa, Noêmia, e os filhos,
disposto a morar na vila.

A atividade de Juvenal, homem culto e
diligente, rendeu-lhe boas amizades, e em
breve ele despontou como líder comunitá-
rio. Mas sua ascensão desagradou Pedro José
Vieira, que se considerava o chefe da área
onde se localizava a igreja-escola.

Havia também na disputa uma questão
partidária. Pedro era eleitor do PSD, Juvenal
da UDN. E Juvenal mudou-se com família e
escola para a cadeia pública do vilarejo, na
esquina das ruas Tapir e Guarani. Quando
ele ausentava-se, Noêmia assumia o ensino.



Alunas da Escola Normal desfilam no final da década de 1950. À direita, o barranco que seria retirado para a construção da igreja Matriz. "Tinha uma escadinha pra subir em cima do barranco, até a antiga escolinha" (Derico Dalla Costa, 2019)

ACERVO MARINA ZAMBERLAN

Como eles tinham filhos pequenos, ela solicitava a alunas que deixassem a sala e fossem fazer o serviço de pajem.

Relatos obtidos por Neri Bocchese revelam que Juvenal era severo. Alunos relapsos ou travessos eram castigados com reguadas na mão, ou obrigados a ajoelhar-se em grãos de milho. Mas deixou exemplo de disciplina, segundo a historiadora.

— Foi também um semeador da estrutura educacional de Pato Branco.

COLÉGIO AGOSTINHO PEREIRA

A pedido de Juvenal e do engenheiro Beltrão, o governo estadual construiu a sede própria da escola, a primeira edificação em alvenaria de Pato Branco — iniciada em

1941, inaugurada em 1943. À época, contava com 90 alunos. A areia utilizada na obra foi extraída do rio Chopim e conduzida em lombos de mulas por José Paulino da Silva. Mais tarde tornou-se Colégio Estadual Professor Agostinho Pereira. O nome foi dado por Duílio Beltrão, em homenagem ao general Agostinho Pereira Alves Filho, seu amigo, que também foi professor e poeta.

Em agosto de 1950, atendendo a uma solicitação de frei Honorato Brueggemann, o governo estadual cedeu o terreno da escola para a edificação de uma nova igreja — a Matriz de São Pedro Apóstolo.

A construção de um novo Grupo Escolar, pelo estado, foi iniciada próximo à capela. A obra representava uma promessa de desenvolvimento educacional para a região. Mas

em 1959 ainda encontrava-se inconclusa. Para o jornal O Sudoeste, tratava-se de um “problema angustiante”. Após concluído, em 1963 instalou-se no Grupo Escolar o Colégio Estadual de Pato Branco, de 5ª a 8ª Série, no período noturno. Como a energia elétrica ainda era precária, as aulas eram realizadas sob a luz de lampiões. Mas em breve o prédio foi demolido, e uma nova sede escolar foi instalada na rua Silvio Vidal.

O novo edifício acolheu também o Colégio Comercial, que ofertou o primeiro curso de contabilidade de Pato Branco. A partir de 1978, o ensino de 5ª a 8ª Série foi assumido pelo Grupo Escolar, que tornou-se Escola Estadual Professor Agostinho Pereira.

Em 1988 foi criada na escola a Educação Especial — depois transferida para a escola



Semana Bíblica da paróquia de São Pedro, em 1963. No encerramento, desfilaram pela avenida Tupi 30 carros alegóricos, com temas referentes à Bíblia. As encenações contaram com mais de 600 figurantes, como estes cavaleiros romanos. Ao fundo, a Matriz de São Pedro em fase final de construção. Ao lado desta, o grupo escolar Agostinho Pereira. “O antigo grupo abrigava, na época em que a foto foi tirada, a rádio Celinauta, e foi demolido em 1965” (Rudi Bodanese, 1982). À esquerda encontra-se o Hotel Rodoviária.

Rocha Pombo. Em 1996 o Agostinho Pereira acolheu o Ensino Médio. Em 1997, o Ensino Supletivo. No mesmo prédio foi instalada a Escola Municipal Professora Maria Jurema Ceni, para alunos de 1ª a 4ª Série.

ESCOLAS PARTICULARES

O ensino privado teve início em Pato Branco com Maria de Oliveira, professora normalista, originária de Vacaria, Rio Grande do Sul. Em 1939, com o auxílio do irmão Emílio, ela construiu uma escola. Consta que muitos alunos de Juvenal Cardoso transferiram-se para a escola de Maria, causando a revolta do professor. Ao ser nomeada professora do Território Federal do Iguaçu, por intermédio do médico Sílvio Vidal Leite Ribeiro, Maria obteve o direito de transferir sua turma ao Grupo Agostinho Pereira. Foi a primeira professora de Pato Branco remunerada pelo estado.

ESCOLA ANTÔNIO JOÃO

Ao final da 4ª série, os alunos de Pato Branco tinham duas opções: abandonar os estudos, ou buscar escolas em outras cidades.



Festa escolar junto ao pavilhão da igreja Matriz de São Pedro.

Como pretendiam que seus filhos continuassem na senda do conhecimento, em meados da década de 1940 as famílias economicamente privilegiadas formaram a Escola Antônio João, que ficou sob a responsabilidade de Juvenal.

Localizada na rua Caramuru, entre a Tapir e a Osvaldo Aranha, a escola Antônio João

acolhia alunos da 5ª Série, o mais alto grau escolar da região nessa época. Mas “só recebia meninos, refletindo a cultura machista da época” (Bocchese, 2004). “Um clube do Bolinha” (Voltolini, 2005).



Em primeiro plano, estrutura atual do Colégio Agostinho Pereira.

No ambiente escolar, as crianças encontravam os mesmos amigos com quem conviviam nas ruas.

— Tínhamos amigos de toda a vizinhança, os filhos dos “compadres” que vinham para a “cidade” fazer compras. Brincávamos muito. A barranca do Rio era nossa praia. Éramos muito felizes. (Mari Salete Dal Molin Ayres, 2018)

O tempo da infância era bom, mas passava rápido. E quem queria avançar para além da 4ª série, teria de buscar escolas em outras cidades.

— Quando crescemos — continua Mari — para continuarmos nossos estudos, fomos colocadas em um internato, o Colégio Puríssimo Coração de Maria, em Palmas. A viagem era incrível: íamos de carroça até Clevelândia, horas e horas de viagem, por estradinhas cheias de pó ou de barro... Pernoitávamos numa hospedaria para no dia seguinte, às seis horas, tomarmos o ônibus para Palmas, aonde chegávamos ao meio-dia, se não chovesse! Viagem longa, sofrida, mas muito divertida!

IRMÃS VICENTINAS

As irmãs da Associação São Vicente de Paulo foram enviadas do Rio de Janeiro como auxiliares do hospital Santa Margarida, do médico Sílvio Vidal. O colégio das freiras — ou Instituto Nossa Senhora das Graças — foi idealizado pelo frei Corbiniano Koesler. Inaugurado em 3 de fevereiro de 1949, inicialmente funcionou numa casa alugada de João Giasson, na esquina das ruas Itacolomi e Tocantins. Contava com 111 alunos, de 1ª a 3ª Série.

O colégio tornou-se subordinado à paróquia de São Pedro. A primeira diretora foi Ir. Elisabeth Fonseca. Contava com o apoio das irmãs Tereza Chiesa (secretária), Margarida Colla e Maria José Silva. As aulas iniciaram com três turmas.

A sede própria foi construída na esquina das ruas Arariboia e Goianases. O projeto contou com o apoio da Prefeitura de Clevelândia e do governo estadual e doações populares.

Em julho de 1950 o jornal Oeste Paranaense divulgou uma nota sobre uma verba destinada à instituição pela Prefeitura de Clevelândia.

— Exemplo digno, motivo do justo orgulho deste esforço e solidariedade, lá está o Colégio Nossa Senhora das Graças, um monumento de sacrifício e boa vontade. Construído exclusivamente de auxílio e contribuições voluntárias de tua coletividade (...) e auxílio da paróquia São Pedro Apóstolo (...) ele materializa num elevado conceito, o progresso e capacidade realizadora de tua gente. Católicos que agora, e finalmente, constroem sua casa de fé cristã num lugar adequado e digno de sua devoção, honra e que dignifica Pato Branco, quer pela sua grandiosidade, quer pelo sacrifício que encerra da população pato-branquense, que nele concretizou, numa magnífica realidade, o exemplo de que vale o esforço e o desprendimento. (...) E com isso estão de parabéns nossas abnegadas Irmãs de Caridade, o corpo docente daquele Instituto, que há tempos vinham se empenhando por auxílios que permitissem a conclusão das instalações internas daquela modelar casa de



Estudantes circulam próximo ao Colégio Vicentino.

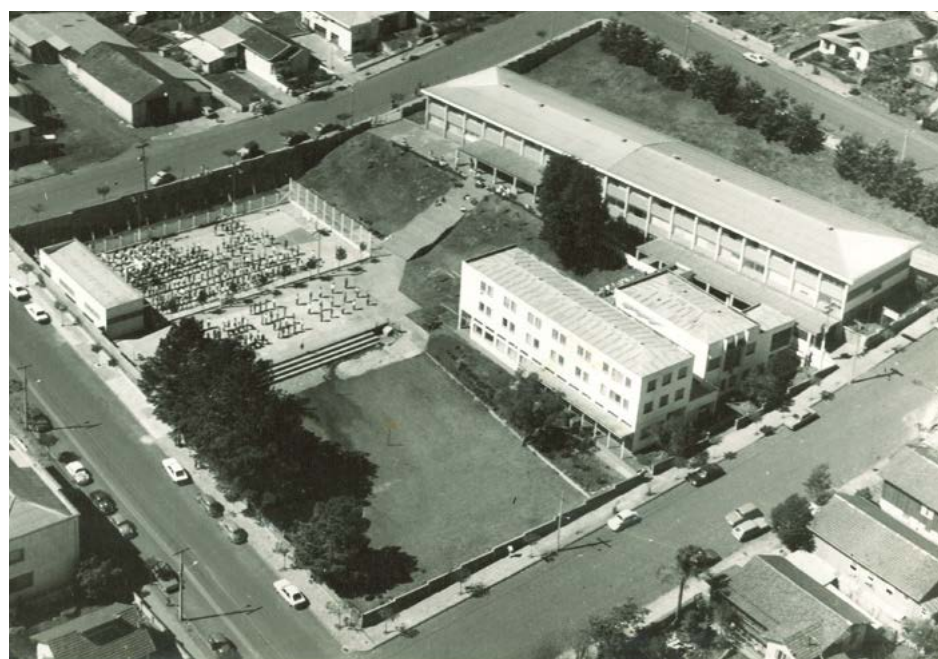
ensino. (Jansen de Sá)

Em 24 de abril de 1954 a escola deu início ao ensino ginásial em Pato Branco — 5ª a 8ª Série. Por falta de professores, algumas aulas foram assumidas por médicos, advogados e outros profissionais, inclusive o juiz da co-

marca, Hércules de Macedo Rocha.

Em 1960 o colégio deu início ao Ensino Médio no município, com a fundação da Escola Normal Dr. Xavier da Silva.

Em 1975 foi construído o edifício atual do Instituto N. S. das Graças.



Colégio das irmãs vicentinas em 1982. À esquerda, quadra de esportes.

RUDI BODANIESE



Frida Ess Keulbeck, Dona Frida, fotografada por Rubens Camargo.

ESCOLA DONA FRIDA

Frida Ess é considerada a primeira professora de música de Pato Branco. Nascida em Viena, em 1911, aprendeu com seus pais os rudimentos da arte. Migrando para o Brasil em 1933, foi morar com sua irmã, Amélia, numa casa de religiosas em Severiano de Almeida-RS. Casou-se com Bernardo Keulbeck, com quem mudou-se para Pato Branco em 1951. Dentre outras atividades, ela formou o primeiro coro da paróquia de São Pedro.

Frida iniciou seu trabalho docente em Pato Branco no colégio das irmãs vicentinas. Em 1956 instalou uma escola no porão de sua própria casa, onde ensinava piano, violino e bandolim. Mais tarde construiu a Escola Teixeira de Freitas, ensino de pré-escolar e fundamental, também conhecida como *Escola da Dona Frida*. Segundo a professora, Teixeira de Freitas era um educador famoso de Minas Gerais.

Nos primeiros anos, *Dona Frida* enfrentou denúncias que visavam fechar a escola. Dentre elas, sua origem estrangeira. Em ofício de 1956, o governo estadual determinou que a escola poderia manter as atividades,



RUDI BODANESE

Escola Teixeira de Freitas, ou Escola Dona Frida.

desde que a diretoria fosse repassada a outra pessoa. O professor Fernandes Matioda assumiu o cargo. Quando a instituição foi vendi-

da às professoras Maria Mattos e Celita Buzzetti, a denominação foi alterada para *Escola Dona Frida*.



ACERVO HELOISA CRISTINA VOLTOLINI

Arte com rabeca e violão em Vila Nova. Em pé, Basílio Iakemiu. Na janela estão Helena Iakemiu, Onira Viganó Todeschini, Vitorina Viganó Bortot e Zaida Viganó Mazotti.

Carreiras

Para o povo do interior do Paraná, corridas de cavalo são *carreiras*. No Sudoeste, nas primeiras décadas do século XX, se faltavam cavalos, faziam carreiras com burros. Além de dinheiro, apostavam-se porcos e sacos de feijão e milho. Como nos bailes, onde a bebida era consumida à vontade e o coração falava mais alto que o cérebro, essas disputas podiam converter-se em eventos perigosos e até mortais.

A cidade de Pato Branco apresenta raras áreas planas, obrigando os idealizadores das raías a construí-las na baixada, paralelamente ao rio Ligeiro. A primeira formou-se entre as ruas Tamoio e Tapajós, outra atravessava a atual praça Presidente Vargas. A mais famosa foi a *raia da Baixada*, instalada pela família Dettoni no atual Bairro São Vicente.

Um trecho da estrada que estava sendo aberta até Barracão também foi convertido em raia. Mas o exército, responsável pela obra, proibiu as corridas. Porém os adeptos do esporte não se rendiam aos entraves e instalavam novas pistas de corrida onde houvesse boa configuração topográfica, fosse nas periferias do povoado ou nas comunidades rurais. O curador Miguel Cordeiro construiu a sua no atual Bairro Santa Terezinha. Matusalém, personagem de Voltolini, diz que atuou na abertura dessa raia, “arrancando toco a enxadão”.

Havia um preparo especial para os dias de corrida. Nos primeiros 100 ou 200 m as trilhas eram separadas por cercas de ripas ou varas, evitando que os cavalos se tocassem.

As corridas eram combinadas, ou *amar-radas*, com semanas de antecedência, prazo suficiente para a preparação dos cavalos e jóqueis. E também para malandragens com o propósito de *ganhar tempo* do adversário. Inclusive para urdir alguma praga ou feitiço!

Em dias de corridas a cidade efervescia, com corredores e apostadores de toda a região.

— Era uma festa de manhã à noite, com churrasco, bebidas. (Voltolini)

O jóquei Nandinho monta o Sai Fogo. "Dupla vitoriosa nas raías de Pato Branco e região, nos anos 60" (Voltolini). À frente, o "compositor" Halthaus. Cavalo de Vital Faggion.



ACERVO HELOISA CRISTINA VOLTOLINI

— Muitos traziam o seu matungo para amarrar alguma carreira preliminar e ganhar alguns trocados. As apostas movimentavam a cidade. (Bocchese)

O preparador dos cavalos chamava-se *compositor*. Entre os mais afamados estavam Herculano Quadros e Antônio Prates.

Nas corridas mais disputadas, as diferenças entre o primeiro e o segundo lugar eram determinadas por expressões próprias. A vitória poderia ser *de corpo inteiro, de meio corpo, de paleta, de pescoço, de bico*. À vitória com larga margem era denominada *de luz*.

Havia dois árbitros, indicados pelas partes da disputa. Se o resultado fosse indefinido e o pleito estivesse declinando para a disputa a bala, entrava o *desembolador*, que dava a palavra final. Mas havia contendidas que nem mesmo este resolvia.

— As partes palpitavam grosso, ninguém queria perder dinheiro, nem a glória da corrida. (Bocchese, 2004).

Como não havia instrumentos para apurar com precisão os resultados, o sangue dos apostadores esquentava, irrompiam tiroteios. Numa carreira realizada em Pato Branco restaram cinco mortos, contou Antônio Klei-

nhaus a Seno Hister (Wachowicz, 1987). Voltolini diz que foram quatro.

— Os corpos ficaram lá uns dias, esperando as autoridades de Clevelândia fazerem o levantamento.

Destaca-se na história das carreiras a construção de uma casa no meio de uma raia, na Baixada, por José Antônio da Silva — *Nego Capilé*. O propósito era precisamente acabar com a raia, que vinha causando incômodo à vizinhança, principalmente a Aníbal Cardoso, sogro de Capilé.

LADRÕES DE CAVALOS

Como no *Far West* norte-americano, o Sudoeste paranaense também teve seus ladrões de cavalos. O mais famoso da região era *Janguito*, do povoado de Cachoeirinha. Além de fazer marcas a ferro quente com as letras de suas iniciais nas patas dos animais, o temor dos proprietários conduzia-os ao cartório para registrá-los.

— Os bandidos conhecidos pela população eram respeitados e ajudados por ela, com troca de cavalos, pernoite nos paióis, alimentação, montarias. (...) Ser amigo de bandido impunha respeito, pois outros bandidos por ali não apareciam. (Bocchese, 2004)



Na década de 1950, cavaleiros de Pato Branco partem em caravana política.

Mas a maior das proezas é atribuída a gaúchos de Carazinho-RS, que ataram corrida de seu “matungo, ouriçado, feio” (Bocchese), contra a égua Tostada, conhecida em Pato Branco como aposta imbatível. Quando os gaúchos apresentaram seu cavalo, as expectativas foram tão favoráveis à égua que um pato-branquense “vendeu o próprio fogão pra engrossar as apostas”. Porém, o matungo deixou Tostada comendo poeira.

— Foi a vitória com a maior luz que já se tinha visto. (Voltolini)

Depois descobriu-se que os gaúchos “mascararam em matungo um dos melhores cavalos corredores do Rio Grande do Sul”.

As desavenças causadas pela indefinição dos vencedores abrandaram quando Nelson Colla passou a fotografar o instante da chegada. Se alguém duvidasse do resultado, a fotografia mostrava.

A partir da década de 1940 difundiram-se em Pato Branco os campos de futebol e as canchas de bocha. Os torneios futebolísticos entre os povoados foram substituindo as cor-

ridas de cavalo. Havia também o carteadado sob as árvores, na proximidade das bodegas. Depois chegaram as mesas de sinuca — bolas verdes contra bolas vermelhas.

A última raia de Pato Branco foi instalada pela Sociedade Palmeiras, no final da década de 1960. Contava com quatro pistas e 600 m de extensão. O “bicho-papão” (Voltolini) dessa raia era o cavalo *Sai-Fogo*, propriedade de Vital Faggion. Seu jóquei era um menino de 25 Kg, chamado Nandinho, contando com o apoio do compositor Ari Halthaus.

Partidos políticos e seus clubes

Os clubes Internacional e Palmeiras surgiram para agregar simpatizantes do PTB e do PSD, respectivamente.

A evolução de um povoado passa por inúmeras etapas. Uma das mais notáveis é o estabelecimento do clube social. O crescente número de moradores exige a criação de espaços de lazer, onde possam reunir-se nos momentos de folga para contar os sucessos da semana, divertir-se entre amigos ou planejar ações comunitárias.

O *Clube Duque de Caxias* foi idealizado em 1938 por Pedro Ramires de Mello, Manoel Branco, Francisco Lahude, Sebastião Vasco, Juvenal Loureiro Cardoso e Augusto Pastorello. Entre festas, bailes e concursos de rainha, um dos eventos mais comemorados foi respectivo à instalação do Território Federal do Iguaçu, em 1943.

A primeira sede social foi um casarão de madeira, alugado, na Avenida Tupi. A sede própria, na esquina das ruas Guarani e Iguaçu, foi construída sobre terra solta, com um piso de tábuas mal encaixadas. A poeira se infiltrava. Também entrava com os sapatos

Baile no Clube Internacional em 1954, com “Os Tropicais”: Avelino, Eric Will, Adir Nichele, Nestor Nichele e Tião. Fotografia: Alcides Bortoloto.



ACERVO INSTITUTOS PROSDCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI

dos participantes dos bailes, acumulava-se no assoalho, e o clube ganhou nome de Poeira.

Apesar da precariedade das instalações, o Duque de Caxias acolheu casamentos, festas de aniversário, carnaval e concursos de beleza.

A primeira equipe oficial de futebol de Pato Branco nasceu neste clube — também

intitulada *Duque de Caxias*. O responsável era Mello, que custeava as despesas do time no transporte para os certames esportivos da região. O melhor jogador era Albino, ou Prima. Na véspera de um jogo, uma cigana apareceu na casa do atleta, leu sua mão e disse que no dia da peleja ele não poderia sair de casa. Seria a morte! Como o craque não apareceu no campo, foi todo o time buscá-lo.



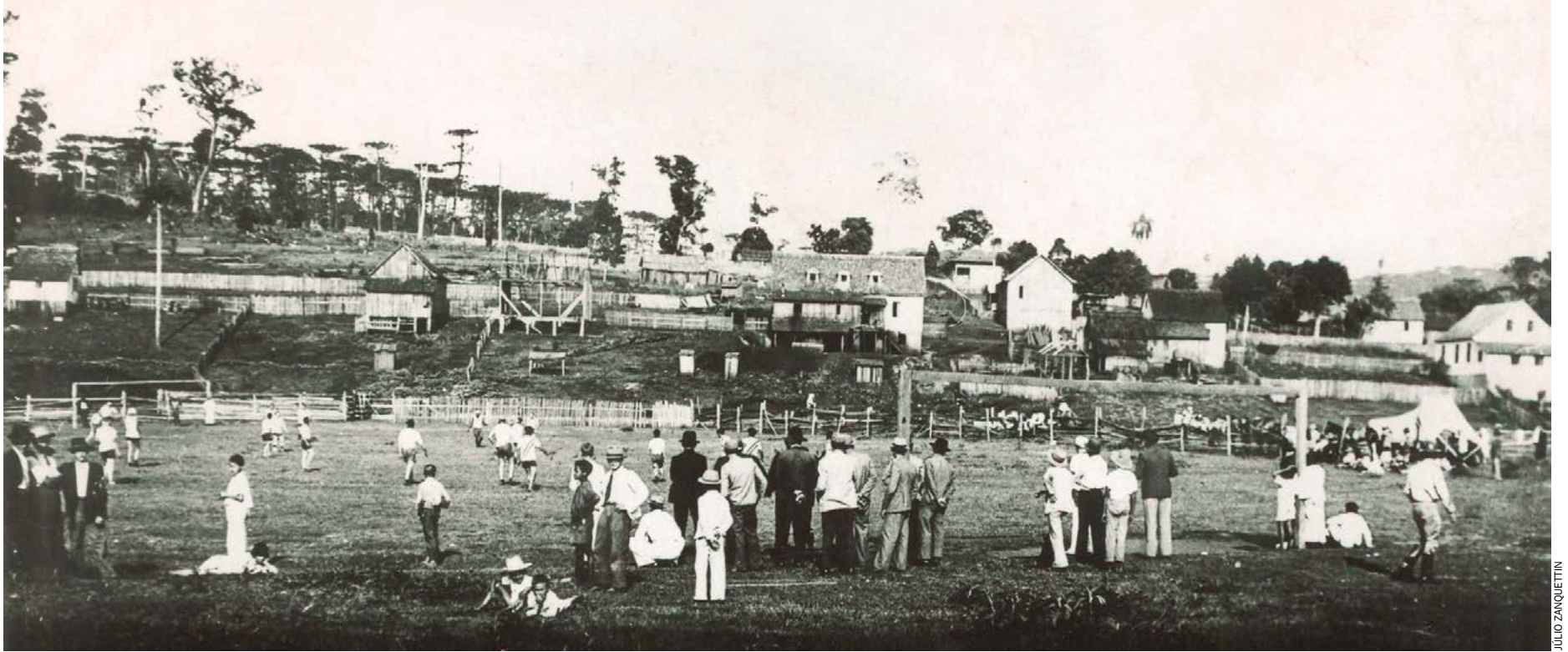
ACERVO INSTITUTOS PROSDCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI

Equipe esportiva do Internacional desfila na Avenida Tupi, em 7 de setembro de 1954. O primeiro à direita é Zamir Basso. No centro, ao fundo, Arlindo Cantu e Vendelino Penso.



ACERVO INSTITUTOS PROSDCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI

Atletas e diretoria do clube Palmeiras comemoram a Semana da Pátria de 1952. À frente, Neptuno Carraro (esq.) e Pedro Ramires de Mello. O professor Juvenal Loureiro Cardoso está à direita, em pé.



JULIO ZANQUETTIN

Duque de Caxias versus Esquadrão 15 RCI, em 28 de outubro de 1945. O campo localiza-se no atual Centro de Pato Branco, entre as ruas Itabira e Tapir.

Acabou cedendo, mas evitou fazer gols, temeroso de que um raio lhe caísse na cabeça.

O campo do Caxias foi construído em sistema de mutirão. Voltolini conta que arrancaram tocos de pinheiros “no muque”. O professor Juvenal Cardoso levava os alunos para limpar a grama dos “carrapichos e assa-peixe⁽⁴⁾”. Mas esse campo “de tantos suores e sonhos” foi destruído por um tenente subordinado ao Território do Iguaçu, que mandou

(4) Arbusto de flores lilases. Procurado pelas abelhas no princípio do outono, produz um mel saborosíssimo.

passar o arado e transformou a área em lavoura. E a equipe passou a jogar num campo improvisado da *Baixada Industrial*, “que em época de chuva virava lagoa”, em propriedade dos Bertol. Um campo mais adequado foi construído em propriedade de Aníbal Cardoso, também na Baixada. Mas em breve o Clube Caxias extinguiu-se. E “de suas cinzas” — contando com membros da antiga diretoria — em 1949 foi criada a Sociedade Esportiva Palmeiras. A entidade congregava os simpatizantes do PSD, e também era liderada por Mello. Um dos apoiadores mais

apaixonados da equipe esportiva foi Neptuno Carraro, que acompanhava todos os jogos.

Em 18 de dezembro de 1953 nasceu a *S. C. Internacional*, entidade social e esportiva responsável pela instalação do *Clube Colorado*. Era formado por integrantes do PTB. Segundo Rudi Bodanese (1983), o time do Internacional nasceu da “fusão do Santa Leocádia e Guarany”.

— Em cada embate futebolístico entre Internacional e Palmeiras, que passou para a história como Interpal, sempre havia em jogo algo mais que uma vitória esportiva. Cada botinada, subjetivamente, era também uma fígada no adversário político. (Voltolini, 2004)

Em 1979 esses clubes fundiram-se para formar o *Pato Branco Esporte Clube*. Visando a promoção de jogos de futebol, foi construído o *Estádio Governador Ney Braga*. Naquele ano, a equipe futebolística disputava a Primeira Divisão do Campeonato Paranaense.

Havia também os partidários da UDN, associados ao *Industrial Esporte Clube*. Em geral, congregavam com os do PTB.

— Era muito forte o futebol em Pato Branco. Havia muita rivalidade, principalmente quando aconteciam jogos contra os times de Beltrão. (...) O campo do Palmeiras era ali



ACERVO INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THÉOPHILO PETRYOSKI

O futebol é homenageado em desfile cívico. Década de 1960.

na Baixada Industrial. O do Internacional, onde tem hoje o Largo da Liberdade. (...) O povo vivia muito em sociedade. Todo mundo ia nos bailes e matinês. E era bem rigoroso. Homem não poderia entrar nos clubes se não estivesse de gravata. (Lori Busato, 2019)

Um dos problemas enfrentados pelos juizes era a entrada de torcedores em campo. Como ocorreu numa partida entre o Palmeiras e o Guarani de Clevelândia, em abril de 1963, divulgada pelo jornal A Razão. No mesmo jogo, Demétrio, do Palmeiras, “atingiu um jogador visitante com um violento soco, que obrigou o atingido a ser medicado”. Quanto à equipe do Guarani, “veio com um rapaz com pinta de ‘americano’, de violão a tiracolo, naturalmente para comemorar a vitória dos seus, mas quer nos parecer que o moço entristeceu com a derrota e deixou de mostrar a sua bossa”.

GRENAL

A influência da cultura gaúcha sobressai em inúmeros eventos de Pato Branco. Na década de 1960 já acontecia uma disputa denominada *Grenal*, alusiva à rivalidade entres os clubes gaúchos Grêmio e Internacional. Mas o *Grenal* pato-branquense referia-se ao confronto entre o *S. C. Internacional* e o *Grêmio Esportivo*, de Mariópolis. “Esse en-

*“Antes da pelada”,
fotografia de
João de Paula.*

*A alegria estampada
no rosto dos atletas
enquanto montam a
trave de um campo de
futebol. O da esquerda
com um cigarro na
boca, o da direita
desprovido de um
dente incisivo.*



Até a década de 1960, as mulheres apareciam pouco nas manifestações públicas. Mas elas também organizavam suas equipes de futebol.



No "campinho da Dona Frida": Ari Dagios, Valdir Cortele, Scopel, Maurício, Chicão, Morelato, Vilmar, Nego e Nino, dentre outros.



Reunião no Clube Operário, fundado em 21 de outubro de 1958.

contro que se apresenta cheio de sensação, dado à paridade de forças de ambas equipes, fará com que a representação colorada aporte naquela cidade com todo o seu poderio” (A Razão, 1963).

BOCHA

A chegada dos “gringos”, italianos originários do Rio Grande do Sul, marcou uma nova etapa no setor recreativo do Sudoeste. Em toda bodega de italiano era instalada uma cancha de bocha.

— Tinha cancha de bocha no Bairro Borrot, onde vim morar. Tudo quanto era bairro aqui de Pato Branco tinha uma cancha. Era bonito de ver. Faziam campeonatos, tinha premiação com troféu. Tinha uma dupla, um deles era o Rocha, um vendedor de porco, ele era o chefe da festa. (Edionilio Pin, 2019)

CAPILÉ E O PRIMEIRO RÁDIO

Nascido em São Francisco do Sul-SC, José Antônio da Silva chegou em Vila Nova em 1940. Dentre outras contribuições, apresentou ao povoado o primeiro aparelho de rádio. Fabricava vários tipos de bebida, pelo que ficou conhecido como Nego Capilé. Com uma carroça, conduzia seus produtos até Barracão e Laranjeiras do Sul. Irreverente, montou

uma casa comercial denominada “Casa São João Baluarte da Zona”, na qual instalou um alto-falante para chamar a freguesia e levar ao povoado as notícias e as músicas do seu rádio. Sua fama suscitou o batismo do “Morro do Capilé”, localizado na esquina das ruas Tocantins e José Antônio da Silva. A torcida



Primeira equipe de voleibol feminino de Pato Branco, em 1952. Com Eliete, Lydia, Claudes, Beloni, Neuci e Nichele.



Inauguração do Clube Industrial, em 1958. Em pé, desde a esquerda, João Viganó, Afonso Costa, José Corrêa, Fernandes Varaschin, Pro-tásio Dosciatti e Geraldo Veronese. Sentados, Nelson Varaschin, Teodorico Bertol, Luiz Molossi e Irinei Varaschin.

da Sociedade Esportiva Palmeiras subia ao local para assistir às partidas da equipe. Entre outras iniciativas, Capilé instalou o hotel Glória. Também montou a serraria Vencedora, cujas máquinas eram movidas pela força d’água dos rios Ligeiro e dos Reis. Em 1951 ela pereceu num incêndio. Mas Capilé não se deu por vencido e construiu outra, chamada Santa Rita. Como não lhe faltava dinheiro, o povo fabulava sobre as razões de seu sucesso. Diziam que Capilé tinha em casa “duas velas grandes e também um bozinho... tudo de ouro” (Voltolini), e que, com esses objetos, praticava magia.

— Em 1948, fomos jogar com o Clube Tabu de Clevelândia. (...) Até que estávamos perdendo por 1 x 0, não tivemos problemas, mas assim que empatamos e começamos a ganhar o jogo por 2 x 1, adentrou ao gramado o delegado, portando um 38 e nos ameaçou. O jogo não chegou ao final do primeiro tempo, tivemos de fugir, pulando o alambrado de madeira que fechava o campo. (Alberto Pozza, 2004)

O primeiro concurso de Miss Pato Branco aconteceu em 1969, na sede do Clube Internacional. A vencedora foi Irene Betiatto.

Tempos violentos

O Sudoeste herdou dos antigos povoadores o hábito de resolver os conflitos com violência. Cidadãos circulavam pelas ruas com revólveres na cintura e alguns não hesitavam em sacar e atirar. A pacificação ocorreu a partir da década de 1960.

As áreas de expansão fronteiriça geralmente são caracterizadas pela selvageria. Nesse aspecto, a colonização do Sudoeste paranaense assemelha-se à do Oeste. Ocorreu em ambas as regiões um período de domínio de grileiros de terras e jagunços. Entre as décadas de 1930 e 1950 ocorreram tragédias sangrentas, promovidas por pistoleiros.

As notícias do desenvolvimento do Sudoeste atraíam famílias que buscavam expandir suas atividades econômicas. Mas também seduziam toda sorte de malandros. A região “passou por um estágio de turbulências, com império de banditismo, domínio da pistola (...) Todo mundo veio armado e continuou armado; por necessidade, por hábito, por conveniência” (Voltolini, 2005).

— Muitos foragidos não revelavam o nome para ninguém, assumiam um nome fictício que acabava sendo o nome das famílias deles. (Bocchese, 2004).

Segundo a autora, a partir de União da Vitória, rio Iguaçu abaixo, “deixava-se praticamente a civilização para trás e entrava-se no domínio da pistola, da bata e do poncho-pala”.

Mas o espírito violento não era exclusividade dos jagunços. Estava disseminado também na população local. Muitas discussões banais eram decididas com tiros e facadas.

As marcas da violência acompanharam a Vila Nova os refugiados da guerra do Contestado. E os primeiros migrantes gaúchos traziam os traumas da contenda entre picapaus e maragatos, que mantinha-se acesa

Polícia de Pato Branco fotografa um capturado. No cartaz fixado ao preso: "FERRADO PARANÁ"



ACERVO INSTITUTOS PROSDCIMO GUERRA/THÉOPHILE PETRYCOWSKI

após a Revolução Federalista.

— Some-se a isso ainda a agressividade do próprio ambiente do sertão inóspito — reforça Voltolini — exigindo do conquistador constante vigilância para autodefesa e sobrevivência.

O cenário de guerra da Revolução de 1924 aquietou-se tão logo as tropas militares partiram do Sudoeste para outras plagas. Mas o vale do rio Ligeiro não teve sossego. Todos andavam armados, e até mesmo nas missas levavam seus punhais e revólveres.

— Ao chegarem à capela, todos indistintamente guardavam as suas armas debaixo do chapéu, em algum lugar no assoalho, ou na escada da própria capela. O chapéu era a identificação do dono e a segurança de que não seria mexida. (Bocchese, 2004)

— Os locais de brigas e tiros eram preferencialmente nas bodegas, nas carreiradas de cavalos e nas festas. Nos bailes em casas particulares dava menos briga, porque nelas havia alguém que recebia e guardava os revólveres. Era comum nesses bailes encherem dois, três balaies de pistolas. (Wachowicz)

Os confrontos fatais geralmente ocorriam depois que o álcool aliviava o medo, facilitando os enfrentamentos. Mas havia também

as esperas, as mortes premeditadas, no escuro, armadas pelos profissionais do crime.

Relatos dessa época apontam tiroteios e perseguições de bandidos e refugiados da polícia. Alguns fugitivos do Rio Grande eram cidadãos comuns, levados ao crime por circunstâncias diversas. Atrás deles partiam os caçadores de recompensa. Mas havia também os “pinta-brava, os facínoras profissionais”, que roubavam e matavam, “aprontando estripulias de todo gênero, semeando o medo e o terror” (Voltolini).

Os funerais dos mortos em brigas eram eventos sociais semelhantes a festas de aniversário. Enquanto os homens providenciavam o caixão e as mulheres preparavam a mortalha, alguém matava uma galinha ou um porco e preparava a comida para as dezenas de vizinhos que compareciam à última despedida. Se o falecido era de alta linhagem, abatia-se um carneiro. Durante o velório, o litro de cachaça passava pelas mãos dos homens na varanda, enquanto dentro da casa as mulheres pranteavam o morto. Mesmo que fosse um bandido.

— O criminoso homicida, normalmente, não era alvo da ira popular, nem abominado. Que aguardasse. Na ciranda da morte, mais

dias ou menos dias, estaria ele ali, esticado, na mesa, à espera do caixão. (Voltolini, 1994)

— O velório de alguém morto a tiro dava mais bonito e divertido. A frequência de pessoas era tão numerosa que a família matava galinhas, porco e até vaca para alimentar os presentes. (Wachowicz)

Os caboclos tinham sua forma própria de avaliar as situações de crime. Se as brigas ocasionais resultavam em mortes, os assassinos refugiavam-se na mata. Mas ninguém os considerava bandidos. Somente os crimes premeditados e motivados pelo ódio causavam a repulsa da população.

Ainda que a maioria dos habitantes fosse pacífica, todos mantinham-se alertas contra os atentados à moral e à tradição familiar. O desrespeito com as *moças de família* e pilantragens em geral resolviam-se com armas.

Muitos dos conflitos que resultavam em crimes principiava com questões consideradas *passionais*. A mulher era quase sempre o foco da disputa. Desde que fosse jovem.

— Naquele tempo, uma moça com 22 anos era velha. Um rapaz de 17 anos se apaixonou por uma de 22, e a mãe dele disse que a moça mandracou o seu filho. Aí mandou os filhos mais velhos matar a moça. Depois que mataram, voltaram pra casa, mataram uma leitoa e fizeram um revirado pra ir se esconder no mato. Aí chegou o quartirão (inspetor de polícia) e tentou apaziguar. Morreu também. Chegou a polícia, mataram também. Aparecia vizinho tentar acalmar, também morria. Meu pai (Pedro Tatto) disse que no total mataram dezenove! (Júlio Tatto, 2020)

PACÍFICO PINTO E OS GUITAS

A passagem da Coluna Prestes pelo Sudoeste, com sua marcha feérica de tiroteios e mortes, originou em Bom Retiro um sinistro grupo de malfeitores, denominados *Guitas*. Fingindo-se soldados de Prestes, aproveitavam a situação de desordem para assaltar as residências. Quem os combateu foi Pacífico Pinto, no papel de autoridade policial⁽⁵⁾. Durante um transporte para a prisão de Clevelândia, ele mandou afogar mais de 10 Guitas



Prisioneiros são fotografados diante da cadeia pública, antes de seguir para Clevelândia. O objetivo era obter um registro "como prova de que os figurantes foram realmente recambiados" (Voltolini).

no rio Pato Branco. Mas pacífico não se limitava a eliminar malfeitores.

Os Pinto de Camargo apareceram em Vila Nova na década de 1920. Pacífico pertencia a um ramo familiar conhecido como *Pinto Brabo*. Eram os nervosos do clã, “dados a brigas sanguinárias, assassinatos, crimes e práticas de todo tipo de violência” (Voltolini).

Em depoimento ao projeto *Resgate Histórico de Pato Branco*, Osório Prates narrou várias façanhas imorais de Pacífico. Morava em Clevelândia, mas era inspetor policial em Bom Retiro. Também era fazendeiro, com terras que se estendiam à atual cidade de Mariópolis. A denúncia de um capanga revelou uma série de crimes de Pacífico. Além de utilizar trabalho escravo, mandava degolar funcionários para recuperar os pagamentos. Os corpos eram jogados nos rios Pato Branco e Chopim. Em 1928 ele foi a julgamento em Clevelândia. De Bom Retiro partiu uma comitiva de pistoleiros, sob liderança de Pedro Facão, da família Lemes do Amaral. Corria a notícia de que Pacífico havia contratado advogados de Curitiba, e que também comprara as testemunhas. À chegada do grupo de Facão instalou-se um tiroteio junto à Prefeitura, onde deveria ocorrer o júri.

— A intendência, que era a Prefeitura e também as demais dependências oficiais do

município, ficou uma fumaceira só. O corpo de Pacífico ficou irreconhecível. (Bocchese, 2004)

Até 1940 os bandidos capturados na vila de Pato Branco permaneciam amarrados numa casa — localizada no cruzamento das ruas Tapir e Guarani — aguardando o traslado para a cadeia de Clevelândia. Naquele ano foi instalada a delegacia de Pato Branco, com a respectiva carceragem. Contava com o Cabo Nadir e os soldados Pontes, Pedro Ivo, Baiano, Paraíba e Cinquenta, dentre outros. Embora fossem policiais violentos e pouco profissionais, Voltolini considera a instalação da delegacia uma conquista para a vila.

— Uma cadeia aqui representava menos viagens a Clevelândia para conduzir quem devesse pagar nas grades pelos deslizes sociais.

Construída em madeira, a cadeia permitiu a fuga de vários prisioneiros. E a *pistolagem* prosseguiu nos anos seguintes.

— Naquele tempo (década de 1950) a gente andava com duas armas na cinta. Era tempo dos Machado, do Raul Teixeira, um

(5) Segundo o jornal *Oeste Paranaense* (1951), Pacífico Pinto foi o primeiro sub-delegado de Bom Retiro. João Licínio de Camargo, o primeiro juiz. Pedro Luiz da Silva, o primeiro fiscal da Prefeitura.

bandido covarde. Tinha o Augusto Cella, que era um gringão, valente, italianão. Eram uns bandidões, meus fregueses de munição! Me compravam bala, arma. (Danilo Amadori, 2020)

Cella foi um dos fugitivos da cadeia de Pato Branco. Num confronto com a polícia, foi alvejado com sete tiros, mas sobreviveu. Pouco depois escapou da prisão e refugiou-se em Cascavel, onde foi morto numa briga.

Wachowicz diz que “nas bodegas nunca podia faltar dois tipos de mercadoria: balas

de revólver e velas para defunto”. Mesmo a lei do desarmamento, promulgada após a Revolução de 1930, não inibiu a compra de armas.

— De Itapejara d’Oeste, um comerciante que tinha um caminhãozinho, num domingo fez três viagens até Pato Branco, levando feridos de bala e facão. (Sérgio e Valfrido Franciosi, entrevista a Wachowicz)

Além de Pacífico Pinto, havia outros policiais violentos, que utilizavam a farda para

impor suas vontades. Um dos mais famosos foi Chico Deus. *Inspetor de quartirão*, também conhecido pela sua prepotência. Após capturar um ladrão de ferramentas da Casa Canônica, atou o pescoço do meliante com uma corda e obrigou-o a desfilar pelo centro da vila, os objetos do roubo nas mãos.

— O Sargento Moacir era um dos maiores bandidos da região. Pistoleiro contratado. Tinha sido sargento de polícia. (Danilo Amadori, 2020)

Havia também o soldado Paraíba, que invadiu uma festa de casamento da família Filakoski, na colônia Paraíso, e deu início a um conflito mortal. O professor Antônio Simon (2019), residente em Gavião, detalha a ocorrência.

— Naquele tempo o pessoal era meio xucro. Quando dava encrenca, dava até morte! (...) Eu devia de ter uns treze, quatorze anos, fazia pouco que nós entramos aqui. Tinha um casamento onde hoje é o Paraíso, que naquele tempo chamavam de Baixeiro. Aconteceu em 1941. Era um casamento de um meio aparentado do meu pai, numa casinha alta, de madeira lascada, um portãozinho e uma escada. Uma parte do povo ficou pendurado de fora, perto da porta. Eu tava lá, junto com meu pai, e vi toda a encrenca. Apareceu um tal de Paraíba, era mais bandido que policial. Se o cara tinha arma, ele batia, se não tinha, ele batia igual. Tirava de um e vendia pra outro. Ele não se gostava muito com aquele povo do casamento. Foi lá com mais dois policiais e começaram a desarmar, jogar pra fora e bater. O Paraíba pegou a noiva e fez o sanfoneiro tocar e não parar até ele mandar. Pois ele dançou tanto que a noiva chegou quase a desmaiar. Aí começou a desarmar e empurrar um, empurrar outro. Chegou num que já não se davam, foi pra desarmar e o cara disse que não tinha arma, e não tinha mesmo. O Paraíba foi na guaiaca e o cara gritou, “Guaiaca não é arma!”. Quando ele disse assim, o policial já juntou ele pelo meio, e ele juntou o policial também, e ficaram os dois. O tal de Paraíba gritou pro outro policial, “Atire, Ivo!”. Ele tinha um 38 e mandou bala. Mas quando levou o revólver pra atirar, deu uma negadi-



Esta imagem da Revolta dos Posseiros (1957) revela: os moradores do Sudoeste andavam bem armados. Quem não tinha revólveres, espingardas ou facões, munia-se com paus e pedras. Fotografia de Osvaldo Jansen, em Francisco Beltrão, para onde convergiram muitos revoltosos da região.

Enquanto os valentes disputavam suas questões com tiros e facadas, a arte também buscava estabelecer-se em Vila Nova de Bom Retiro. Na fotografia, uma banda antiga, com clarinetes, tuba, flautas, pistons e tambores.



nha, e ao invés de pegar na cabeça do cara, pegou no meio da cabeça do Paraíba. Aí virou numa coisa! O pessoal começou a correr. Um policial montou a cavalo, mas não teve tempo de desamarrar e a turma chegou o cacetete. O gaiteiro foi fugindo, e naquele tempo tinha muito mato, e aquela gaitinha chegou a rasgar nos taquaruçu. No fim foram presos dezoito⁽⁶⁾. Os donos do lugar, os amigos e os que estavam envolvidos, foram levados pra União da Vitória. Ficaram presos quase um ano. Mas aí tinha um candidato a deputado, dos Martins, de Clevelândia, prometeram os votos e ele deu um jeitinho por lá e soltaram.

Em Passo da Ilha, Luiz Bernardi (2019) disse ter assistido a um *quase duelo* de revólveres, entre um tio seu e um pistoleiro.

— Aqui a missa era no moinho que meu pai e meus tios construíram. Dia de festa reunia o povo no moinho. Briga não dava, mas tinha uns que vinham fazer folia. Chegaram lá dois irmãos, dos Loureiro, e um dos bodegueiros da festa era meu tio José. Ali tinha uma mesa de aplainar madeira, de carpintaria, e o tio colocou o revólver por baixo, porque todo mundo andava armado. Aqui tinha quatro inspetor naquele dia, e eles eram respeitados. Mas chegou um daqueles no balcão, tava eu e uns primos por ali e vimos tudo. Um dos Loureiro, chamado Juca, pediu

um copo de vermute. O tio serviu e o cara arrancou do revólver e botou o cano pra mexer na bebida. E ele olhou pro meu tio e disse, “Toma, gringo”, mas nessa hora ele já tava com o 38 do meu tio engatilhado no peito. E o tio disse, “Abaixa, porque aqui estoura”. Aí pularam os inspetor em cima do sujeito. Aqueles caras eram acostumados deste tipo, mas nunca mais apareceram.

O LINCHAMENTO DE SEBASTIÃO

Em 1948 Demétrio Hass e sua esposa, Da Luz, deixaram Passo da Galinha, atual cidade de General Carneiro, com destino a Pato Branco. Com o casal seguia Maria Mazurechen, cujo marido permanecera na residência antiga para finalizar os negócios da família. Ajeitavam a mudança na propriedade recém-comprada, quando Demétrio, ao sair para buscar água numa fonte, levou um tiro de espingarda no peito. Com a coronha da mesma arma, o assassino feriu Da Luz na cabeça. Maria, mortalmente atingida por uma facada, caiu sobre seu bebê recém-nascido, quebrando-lhe a espinha. Duas crianças da família Hass saíram-se do perigo e deram o alarme. Em breve a vila mobilizou-se, formando um grupo de batedores. Orientados pela vidente Dona Ana, passaram a investigar dentro das casas, terminando por capturar Sebastião Di-

narte, ex-funcionário do homem que vendera a residência aos Hass.

— Prenderam e pincharam na carroceria de um caminhão como quem pincha um pedaço de lenha. (Júlio Tatto, 2020)

Sebastião foi levado à cadeia. Como surgiram rumores de que poderia ocorrer linchamento, o subdelegado, Nico Dom, decidiu transferi-lo a Clevelândia. O transporte seria feito no Ford 1929 de Antônio Pagliarini. Na esquina da avenida Tupi com a rua Araribóia, “o fordeco do Pagliarini” (Tatto) foi detido por uma multidão. Sebastião foi atirado à rua e acabou morto com chutes e facadas. As agressões prosseguiram mesmo após o último suspiro do criminoso.

— Alguém teve a ideia de perpetuar a vingança popular... bateu uma fotografia e muitos fizeram questão de aparecer, até de arma em punho, como os justiceiros de Pato Branco. (Voltolini)

Mas a fotografia serviu como prova ao tenente Lapa⁽⁷⁾ para prender alguns. Ele havia sido enviado pela autoridade de Clevelândia para apurar o caso. Voltolini conta que, com o auxílio de um “médico alcaguete”, procurou-se penalizar os adversários políticos das lideranças de Clevelândia. Alberto Pozza diz que o médico chamava-se Guy Gusmão. Morava numa casa alugada de Juvenal Cardoso, da qual assistiu ao linchamento.

Saul Viganó, saindo do açougue de sua família, foi registrado na fotografia com uma faca na mão, e em consequência passou o dia na carceragem. Pedro Tatto foi outro encarcerado. Seu filho Júlio foi à cadeia levar-lhe casaco, pão e salame. Embora tivesse somente 13 anos, também foi detido.

— Me obrigaram a denunciar o revólver do meu pai. Era um 32, coisa boa, novo. Falaram que se eu não denunciasse, levavam o pai pra Curitiba. E naquele tempo, Curitiba era o fim do mundo. (...) No soltar ele, de-

(6) Voltolini diz que foram cinco os presos.

(7) Na década de 1960, elevado ao cargo de major, João Rodrigues da Silva Lapa foi o responsável pelo fim do império dos jagunços na região de Cascavel. Terminou sua atuação no Oeste com a graduação de coronel.

ram bastante salamargo. Voltou pra casa se escondendo pelo meio do mato. E o revólver, nunca mais devolveram.

— Era muito violento isto daqui. Brigavam, brigavam! Só se apaziguavam na Festa de São Pedro. Aí todo mundo trabalhava junto. Mas assim mesmo brigavam. (Bocchese, 2019)

Mesmo após a instalação do primeiro destacamento policial de Pato Branco, a população local continuou carregando revólveres e punhais na cintura. Ignorando o perigo, nos finais de semana a juventude passeava entre as comunidades, onde frequentavam festas e bailes.

— A gente ia na casa de um vizinho brincar, ou eles vinham na nossa casa, andávamos a cavalo. Mas aqui tinha muito bandido. Eu ia pouco em baile, mas quando ia ficava de olho aberto. Deu muita morte. (Setembrino Bortot, 2019)

— Baile tinha de vez em quando e de vez em quando dava briga também. Quando começava a briga, meu pai levava a gente pra casa. (Gema Lúcia Pin, 2019)

— A presença da pistolagem mercenária

— A piazada gostava de funeral de polícia. Morria muito policial naquela época (década de 1960). E sempre que tinha funeral, também tinha tiro. (Eliázer Antônio Medeiros, 2020)

— Mas como o número de bons era maior que o de maus, a civilização acabou triunfando, embora com dificuldades. (Oeste Paranaense, 1951)

— À carência de serviços públicos, contrapunham-se a simpatia, o companheirismo e a solidariedade da população de Pato Branco, sempre dando mostras da sua fidalguia. Bastavam alguns dias de convivência com os pato-branquenses para constituir-se em mais um apaixonado pelo município. (Ivo Thomazoni, 2007)



No final da década de 1960, meninos promovem briga de galos. Nesse época já era atividade ilegal — foi proibida em 18 de maio 1961. Fotografia de João de Paula, premiada na República Tcheca.

em Bom Retiro/Pato Branco e Sudoeste foi sentida até o fim do Levante dos Posseiros, em 1957, com figuras notórias, cujas virulências permanecem, por tradição, na memória histórica da conquista do Sudoeste, como a face sombria de uma época de heroísmos e sacrifícios. (Voltolini)

Mas na década de 1960 ainda havia muita gente armada no Sudoeste. Uma blitz na cidade de Dois Vizinhos confiscou 100 armas de fogo e “nada mais nada menos que 400 instrumentos cortantes, tais como facas, facões, stocks, punhais e até mesmo ‘box-americano’, mais conhecido como ‘soqueira’” (A Razão, 1964).

TANQUES DE CACHAÇA

O álcool era um dos responsáveis pelas intrigas em Pato Branco. Na falta de lazer, ou na busca do esquecimento para as durezas da vida, bebia-se muito. Na bodega de Fiorelo Cecchin, em Sede Dom Carlos, o consumo mensal era de 800 litros.

— Ia buscar lá em Barra Verde, ia aqui por Vista Alegre, subia Alto Mirim, descia Barra Verde, bem na costa do Chopim. Comprava direto no alambique. Uma turma passava aqui e parava, daí passava outra turma e parava também, e além do gole levavam um litro, garrafão. A turma bebia mesmo, parecia que comiam com farinha aquilo lá! Mas de repente, iam pro tapa! (...) Tinha aqui um que era inspetor, gostava de um gole também. Ficava até altas horas. Antes de escurecer pegava o cavalo, ia pra dentro da bodega com o cavalo no cabresto. Aí a turma largava o cavalo e ele ficava só com o cabresto na mão...

O alto consumo de álcool não era exclusividade das comunidades servidas por Fiorelo. O comerciante Olindo Slonski conta que vendeu muita cachaça em todas as regiões do município.

— De Piracicaba me mandavam 12 mil litros de cada vez. Vinha num caminhão-tanque. Eu engarrafava e vendia. Tinha depósito de 17 mil litros. Quando chegava nos cinco



Entre músicos e ouvintes estão Pedro Ramires de Mello, Neptuno Carraro, Nestor Nichele e Cassiano Lorive. A casa à direita era do cartorário Júlio Pagnoncelli. Década de 1950.

mil, o engarrafador dizia, “Olha, Olindo, tem que pedir mais cachaça”. Tinha tantas bodegas nos matos, que eu vendia em barril de 200 litros. Toda festa de igreja, levava um barril, vendia tudo!

BOLETINS DE OCORRÊNCIA

Na década de 1950, as notícias policiais eram publicadas no quadro “O que vai pela Polícia”, do jornal O Sudoeste. Segundo o informativo, entre os meses de maio e junho de 1959 foram registrados vários fatos violentos na cidade de Pato Branco. Começou com uma agressão de José Cordeiro em Vitorio Chaves, 51 anos, residente no Núcleo Dourado. No dia 24 de maio Chaves “regressava à sua casa, oriundo da festa religiosa que se realizava na Igreja de São Pedro de Alcântara”. Cordeiro lhe “desferiu violento soco na região ocular esquerda”. A próxima vítima foi o lavrador Pedroso Nunes Carvalho, residente em *Quebra-Freio*. Dia 30 do mesmo mês, Pedro Chaves aplicou várias

“ripadas” em Pedroso. “A vítima declarou que seu agressor estava de espera, quando a mesma regressava do trabalho para sua casa”. No dia 20 de junho foram furtadas as “peças de mostruário em malas do viajante comercial Sr. Primo Foppa”, no Posto de Serviço Esso. Como havia guardião noturno, Foppa despreocupou-se e foi dormir. O “ronda noturno” declarou ter-se ausentado às 5 h da manhã, instante em que os “amigos do alheio” agiram. “Até o momento a polícia não deitou mão no larápio, mas tudo faz crer que pelas próximas horas, isso venha a se verificar, pois o Cel. Lapa já anda na pista do amigo (da onça) do viajante”. No mesmo dia, em baile realizado na casa de Adão Pereira, Clodoaldo Cordeiro e João Maria e “José de Tal” promoveram “grossa desordem, depois de terem entornado alguns lisos”.

Na década de 1960 os jornais denunciavam com frequência os tiroteios noturnos, promovidos por “malandrinhos notívagos, que oriundos de outros centros infestam a cidade” (A Razão, 1963).

Em 24 de setembro de 1963 reverberou na avenida Tupi um estrondoso tiroteio. A motivação foi uma rixa entre famílias. João Maria dos Santos e seu cunhado Atalíbio Ferreira Batista encontravam-se em seu jipe, quando apareceu Avenir Zandoná. “Não se sabendo como, iniciou-se violento tiroteio, transformando-se a avenida Tupi numa praça de guerra”. Do confronto, saíram feridos todos os “degladiantes”. Segundo A Razão, “ao que parece as famílias resolveram acertar suas contas neste fim de ano”.

BLITZ CONTRA A MALANDRAGEM

Ao assumir a Delegacia Regional de Polícia, em abril de 1963, o tenente José de Almeida Silva manteve uma “campanha contra a malandragem”, iniciada por seu antecessor, tenente-coronel Antunes. “Deu início a uma verdadeira ‘blitz’ nos bares da cidade e principalmente no tão falado ‘Caneca de Sangue’, um antro de junção de vadios e desocupados” (A Razão, 1963).

CURADORES

Todas as cidades tiveram — ou têm — seus curadores, curandeiras e parteiras. Utilizam ervas e chás para dores de barriga e garganta e consertam *destroncamentos* de articulações. Alguns se fazem feiticeiros, aplicando rezas e uma vasta simbologia, com cartas, pedras e outros objetos.

Em 1922 apareceu em Bom Retiro Antônio Rodrigues Prates, originário de Palmas. Trabalhava na extração da erva-mate, mas também era *curador* e treinador de cavalos.

Depois surgiu Francisco Euzébio Nunes, ou Chico Nunes. Numa ocasião salvou a vida de um pistoleiro, que inadvertidamente havia atirado contra a própria perna. Depois de curado, o jagunço confessou que sua missão em Bom Retiro era matar Nunes.

Havia também o curador Miguel Cordeiro. Dentre suas façanhas, medicou e curou o bandido *Guarapuava*. Em 1939, num baile no pavilhão da igreja, Guarapuava ordenou a um garoto que fosse lhe buscar uma garrafa de aguardente. O pai do menino revoltou-se com a ordem descabida e um ruidoso tiroteio eclodiu, Guarapuava contra todos. Escapulindo do pavilhão, o bandido protegeu-se atrás de seu cavalo, mas acabou alvejado por oito tiros. Apesar da gravidade dos ferimentos, Cordeiro proporcionou-lhe a cura, e logo passou a ser considerado milagreiro. Guarapuava foi tão bem curado que continuou a praticar suas maldades!

A especialidade de Chico Mello, da Linha Bernardi — atual Passo da Ilha — era curar dor de dente. Sua técnica era um misto de rezas com procedimentos especiais, como colocar uma vasilha cheia d'água na cabeça do paciente e espargir-lhe algumas gotas nos pés, sem tocar-lhe a dentição.

“Srta. Julieta Tozetto” fazia massagens e prometia curar “paralisia, leucemia, tuberculose, artrose, câncer”, com medicamentos fornecidos pela “Farma Flora”. Também oferecia “curas psíquicas e passes”. (Correio do Sudoeste, 1968)

— Meu pai casou, morreu a mulher. Minha mãe casou, morreu o marido. Depois resolveram casar entre eles. A mãe tinha dois filhos, o pai tinha cinco, deu sete. E juntos tiveram mais oito. Naquela época, médico só tinha em Porto União. Ônibus não tinha. Tinha os botânico aqui, entendiam as coisas, davam remédio, os curador, como diziam. Aqui tinha o tal do Nico Dom. De pontada, não deixava morrer. Se tinha febre, ele curava. Mas o tétano ele não conseguia atender. (...) Parteiras, aqui, uma era a minha mãe. Também tinha as minhas tias, cunhadas do meu pai. (Luiz Bernardi, Passo da Ilha, 2019)

— Tinha por aqui um benzedor que benzia dente, o Duca de Souza. Ele rezava lá atrás, resmungava, a gente nem escutava direito. Uma vez arrumei um dente com um dentista, mas continuava doendo. Fui no Duca, ele benzeu, nunca mais doeu. (Marlene Palowski, São João Batista, 2019)

PARTEIRAS

Pato Branco contou com inúmeras parteiras. Além de trazer a criança à luz, elas ensinavam cuidados médicos e outros procedimentos às jovens mães.

Em São João Batista, as parteiras eram Josefina Palowski e Rosa Bernardi. Em Vila Bonita, Rosa Celczuk. Em Águas São Francisco, Glória Paixão. Na cidade, Olivia Hinhuque de Abreu, Carmela Bortot e Maria Roberto.

Quando Olivia e seu esposo, João Sapateiro, mudaram-se para Santa Catarina, o clamor popular foi tamanho que as lideranças locais foram chamá-los de volta. Como atrativo, ofereceram um terreno de 10 alqueires, próximo à área urbana. Para alívio geral, a proposta foi aceita.

Carmela Bortot trazia suas técnicas de parto do Rio Grande do Sul.

— O que era criança naquela época, passou quase tudo pelas mãos dela — Setembrino Bortot (2019). — Eu levava ela nas casas, de carroça ou na garupa do cavalo. Até quinze, vinte quilômetros de distância. Ela dava remédio, cortava o umbigo, benzia das bi-

chas. Todo mundo conhecia por Dona Nina. Nunca cobrou nada. (...) Aí comprei a primeira Rural de Pato Branco, então era todo dia alguém chamando pra levar a parteira.

— Uma parteira muito boa era a Sra. Ângela Faggion, pois era formada e cuidava muito bem das parturientes. (Olaumir Pedro Guerios, 2020)

— Os filhos nasciam em casa — diz Gema Lúcia Pin (2019). — A parteira era a mulher do Jacó Roberto, dona Maria Roberto.

Até a chegada dos primeiros médicos, morriam muitas gestantes e nascituros em Bom Retiro.

— Qualquer desvio da natural ocorrência era quase uma assinatura de trágica sentença. (Voltolini)

O bebê era lavado com água e cachaça e untado com óleo de mocotó. Para prevenir infecções, banha de porco no umbigo. Quando o cordão umbilical caía, era enterrado à porta da igreja, buscando evitar que a criança seguisse maus caminhos.

— Para a cura dos males do umbigo, usavam chás de abrojo, arruda, alho, alecrim e mel. Em infecções colocavam arruda e alho bem fritinhos. O bebê recebia também os puxamentos, esticamento de braços e pernas e massagens dorsais e abdominais, com um pouco de óleo e cachaça. (Bocchese, 2004)

PRIMEIROS

O *Álbum Histórico* (1966) relaciona os primeiros de Pato Branco.

Advogado: Climério Teixeira dos Santos.

Açougue: Salvador Bueno.

Alfaiataria: Alberto Betiato.

Barbearia: Joaquim Moraes.

Contador: Reinaldo Teixeira.

Carro de praça: Antônio Palharin.

Empresa de ônibus: Nicolau Repka.

Indústria (sapataria): João de Abreu.

Oficina mecânica: Auto Pato Branco

Padaria: Xisto Ramires.

Posto de gasolina: Carrarro Zanette & Cia.

Farmácia⁽⁸⁾: Salustiano de Moraes.

(8) Voltolini diz que o 1º farmacêutico de Pato Branco foi Rubens Cide. A 1ª farmácia, de Frederico Marins.

A partir da década de 1930, o Sudoeste foi povoado por migrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A cultura e o modo de produção são típicos dos europeus que chegaram àqueles estados no século XIX.

Em meados do século XIX, o grande volume de exportações dos Estados Unidos e do Canadá fizeram cair drasticamente os preços dos cereais na Europa. A crise econômica atingiu principalmente os pequenos lavradores, que viram-se obrigados a vender suas terras, tornando-se empregados de latifundiários. Em seus relatos, alguns imigrantes diziam-se escravos dos donos das terras, motivo de sua fuga para as Américas.

Nesse período, Alemanha e Itália travavam suas guerras de unificação, enquanto Polônia e Ucrânia encontravam-se subordinadas ao Império Austro-Húngaro. Pequenos reinos se formavam e se desfaziam em revoluções sangrentas, e os jovens eram constantemente solicitados para defender os interesses dos países opressores.

No mesmo período, os fazendeiros do Brasil viviam o drama do fim da escravidão.

— O governo imperial não tinha um projeto para a integração do negro após a abolição. Preferiu buscar braços para o trabalho na Europa. (Aura Azevedo de Moura Cordeiro, 2013)

Quando Dom Pedro II visitou o Velho Continente e ofereceu as terras do Brasil aos lavradores, o convite foi aceito com euforia. Milhares de famílias passaram a lotar navios em direção aos trópicos. Algumas partiam clandestinamente, em condições precárias. Desembarcavam nos portos do Rio de Janeiro, São Paulo e estados do Sul, após semanas de viagens dramáticas, nas quais muitos morriam por falta de higiene e alimentação adequada. Cartas resgatadas dos arquivos da



Grupo “Amor pela Itália” apresenta-se numa festa caipira no Bairro Fraron. Atrás, desde a esquerda, Iria Lúcia, Maria, Elvira, (...), Clarinda Batistela, Natalim Grandó. Agachados, Joanim Fraron, Nelson Batistela, Antônio Viater e Arcedino de Fraga.

Alemanha nazista, ao final da II Guerra Mundial, revelam os dramas vividos por essas famílias nas viagens e nos primeiros anos na nova pátria.

Os alemães começaram a chegar em 1824. Nova Friburgo-SC recebeu o primeiro grupo. No mesmo ano foram assentados alemães em Rio dos Sinos, atual São Leopoldo-RS. Mas os maiores contingentes vieram a partir de 1848. Nessa época já existia no Rio Grande do Sul uma cultura gaúcha bem definida, à qual os alemães adaptaram seus costumes. O mesmo fizeram os italianos, que chegaram a

partir de 1850. O grupo maior localizou-se na Serra Gaúcha, onde formaram cidades como Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

Foram esses europeus que deram o grande impulso à agropecuária do Rio Grande do Sul, transformando-o numa das maiores economias do país. Com a mesma determinação, levaram sua força de trabalho a Santa Catarina e ao Paraná, seguindo depois para outros estados.

Os alemães e italianos amalgamaram suas culturas ao conhecimento que adquiriram nos pampas. Chegaram ao Paraná com o chimar-

Migrantes do Sul

rão, o churrasco e o vinho. Em várias cidades paranaenses criaram os *Centros de Tradições Gaúchas* – CTGs, que depois foram levados a outras regiões do país.

MIGRAÇÃO INTERNA

As famílias italianas e alemãs estabelecidas no Rio Grande não receberam as melhores terras. A reclamação geral era de que viviam em áreas acidentadas e pouco férteis. Após as primeiras gerações, as partilhas sucessivas haviam dividido o mapa do Rio Grande do Sul em milhares de pequenas propriedades. A ocupação da terra encontrava-se em fase de saturação, o que ensejava a busca de espaços mais amplos.

— São conhecidas as altas taxas de fecundidade das populações das antigas zonas coloniais italianas e alemãs do Rio Grande do Sul. (Cecília Maria Westphalen (1987)

— Não restava aos descendentes de imigrantes senão migrar para as frentes de expansão (Ivo Oss Emer, 1991).

A necessidade de migrar para outras terras haveria de vencer o receio do perigo, representado pelas matas fechadas, as estradas ruins, os pistoleiros e as feras. Muitas daquelas famílias transferiram-se para o estado de Santa Catarina. Alguns anos depois subiram ao Paraná — que para os gaúchos era representado somente pelas regiões Oeste e Sudoeste. A fama desse *Paraná* como terra violenta havia alcançado o Rio Grande, mas não justificava a renúncia a uma vida nova e promissora.

ACERVO OLÍMPIO PEDRO GUERIOS



Caminhões do Sul carregados de mudança chegam a Pato Branco. A fotografia original contém a legenda: "Salve a turma do barulho. Em frente ao hotel Vitória. 17 10 1945".

No início do século XX, companhias colonizadoras do Rio Grande começaram a conduzir o excedente demográfico ao Uruguai, ao Oeste de Santa Catarina e ao Paraná.

— Entraram por Pato Branco, infletindo depois pelos vales dos rios Chopim, Iguaçu e Piquiri. (Westphalen, 1987)

— A partir da década de 1930 inserem-se no extremo-oeste do Paraná uma multiplicidade de companhias colonizadoras de capital privado, delineando o processo de ocupação dessa fronteira internacional. (Liliane da Costa Freitag, 2001)

Três interesses distintos convergiam para o sucesso do empreendimento colonizador. 1 - O governo buscava estabelecer núcleos populacionais que desestimulassem ações invasivas dos países vizinhos na região. As colonizadoras tiveram grande incentivo do

presidente Getúlio Vargas, que pretendia estabelecer a posse definitiva das áreas de fronteira. 2 - Aquelas empresas visavam o lucro que obteriam no comércio de terras e de madeira. 3 - Os colonos, confinados em áreas restritas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, buscavam novas terras para expandir suas atividades agrícolas.

Na tomada daquele espaço semi-selvagem — segundo a visão do governo — não haveria melhores braços que os dos imigrantes alemães e italianos, que já tinham sido testados em terras gaúchas e catarinenses. Áreas outrora inóspitas estavam transformadas em campos produtivos. Onde encontraram florestas, construíram cidades.

— De que modo a selva seria subjugada, aparada, domada, até servir aos propósitos produtivos do homem, não fosse pela sua

desmedida coragem e seu incansável trabalho? (Vander Piaia, 2010)

O vazio demográfico seria preenchido com o objetivo de estabelecer a posse do território sob uma visão político-econômica, o que conduziria ao resultado esperado pelo esforço capitalista: o progresso. Para Claercio Ivan Schneider (2002), também entravam no discurso da colonização elementos de caráter humanitário, como a instalação de pequenas propriedades, a ocupação racional e, acima de tudo, a civilização definitiva da região.

Os corretores de terras contratados pelas colonizadoras eram geralmente comerciantes, proprietários de áreas no Paraná. Vinham da mesma região dos colonos, o que dava credibilidade às suas informações. Visitando as áreas de emigração, afirmavam que no Paraná os terrenos eram férteis e planos, a hidrografia era abundante e o governo garantia os títulos de propriedade. Eram afirmações verdadeiras, mas a garantia do governo nem sempre foi respeitada. Emer aponta que, ao contrário do governo federal, que pretendia colonizar a fronteira, o estadual estava mais interessado em amealhar recursos com a venda dos lotes. Na ânsia pela arrecadação, terras já tituladas pela União receberam novos títulos do estadual. Essa sobreposição de titulações iria gerar contendas violentas, como será visto adiante.

O maior atrativo do Paraná eram os preços praticados pelas colonizadoras. As terras custavam duas a três vezes menos que no Rio Grande do Sul. A qualidade das terras paranaenses também atraía os colonos. Chamavam de terras *gordas*, em comparação com as terras enfraquecidas e *magras* do Sul.

Família sulista chega ao Sudoeste paranaense. Carroça puxada a bois, carregada de cobertas, baldes e outras peças de uso doméstico. Familiares acompanham a pé. Conduzem também algumas vacas para o fornecimento de leite e carne. Geralmente essas famílias também levavam gaiolas com galinhas, que lhes proporcionavam carne e ovos.

OSVALDO JANSEN







Os gaúchos preservam os costumes do Rio Grande do Sul em seus Centros de Tradições - CTGs. O "fandango de galpão" é levado à praça em dias de desfile cívico. Fotografia de Rodinei Santos, 2019.

Alguns autores atribuem os baixos preços à escassa infraestrutura oferecida. Na divulgação da venda dos lotes cabia menções a uma *terra prometida*, que em muitos casos tornava-se realidade; noutros, nem tanto. O

impulso inicial que levava os colonos ao desejo de conhecer uma terra onde poderiam se estabelecer e semear o progresso, sofria um grande abalo quando pisavam em solo paranaense. A região ainda não dispunha de

suporte adequado para acolher seus novos habitantes.

Desde o início as colonizadoras depararam com uma série de problemas. Embora apoiadas pelo governo, havia travas relacionadas à documentação de terrenos e à precariedade dos meios de transporte. Não havia estabelecimentos comerciais, hospitais, escolas e outras benfeitorias que facilitassem a ocupação da terra. As colonizadoras não poderiam somente comprar e vender lotes.



ACERVO FAMÍLIA DALLA VECCHIA

A precariedade dos serviços públicos obrigava os agricultores do Rio Grande do Sul a reunir-se em mutirões para construir e consertar estradas. Na fotografia, agricultores de Encantado, abrindo estrada na década de 1940. O primeiro à esquerda é José Dalla Vecchia. O terceiro, seu irmão Baptista. Os outros, filhos e sobrinhos de José. Descalços, tiraram os chapéus para o momento solene da fotografia. Em 1960 Baptista mudou-se para Pato Branco, onde continuou trabalhando na lavoura. Seus filhos montaram a oficina Auto-Elétrica Dalla Vecchia.

A tradição campeira conquista a juventude da região Sudoeste. Em 2007, passeando pela praça Presidente Vargas, os cavaleiros refrescam-se com sorvetes. Cavalgaram até o Centro para assistir à “Missa da Revolta”, respectiva ao Cinquentenário da Revolta dos Posseiros. Acervo de Admar Corrêa da Silva.

Necessitavam antes preparar a área de forma a torná-la atrativa aos que chegavam.

Acostumados aos campos abertos do Rio Grande do Sul, muitos imigrantes passaram maus bocados no Sudoeste. A mata fechada, com imensos pinheirais, causava uma mistura de deslumbramento e medo. E as noites eram plenas de mistérios e temores. Alguns relatos referem-se a feras que rondavam as casas, causando terror.

— À noite a gente dormia porque estava muito cansada. Muitas vezes sentíamos até o respirar das feras, pelas frestas, por onde também passavam o vento, o frio e a lua. (Ignes Piacentini, entrevista a Bocchese, 2004).

Enquanto os maridos se ocupavam com atividades que garantissem a sobrevivência da família, as esposas buscavam manter suas casas com um mínimo de conforto. Açoitadas pelas saudades da terra natal, dos amigos e parentes que haviam deixado no Rio Grande do Sul, elas se procuravam para contar suas tristezas e dificuldades.

Mas o desejo dos colonos de oferecer às suas famílias uma nova vida prevaleceu sobre todas as dificuldades. Venceram as distâncias e estabeleceram-se numa terra plena de possibilidades.

GAÚCHOS

A cultura gaúcha nasceu no Rio Grande do Sul, na lida com o gado e na luta entre portugueses e espanhóis pelo domínio da região cisplatina (Darcy Ribeiro, 1995).

— Quando os descendentes de italianos e alemães chegaram à região Sul, o gaúcho já existia. (Alex Caboclo, 2021)

Mas o gaúcho já não é somente o cidadão nascido naquele estado. A denominação re-



mete à lida campeira, disseminada nos estados do Sul do Brasil e também nas planícies uruguaias e argentinas.

Max von Versen, militar prussiano, herói da Guerra de Unificação alemã, chegou ao Brasil em 1867. Veio acompanhar a Guerra do Paraguai, como *observador independente*. Num livro que publicou na Europa sobre o conflito, descreveu os gaúchos como homens afeitos à lida nos pampas. Mas sua narrativa é mais favorável aos paraguaios que aos brasileiros. E os gaúchos não escaparam à sua pena afiada.

— Ganham a vida na indústria de criação de gado, não comem senão carne e bebem mate, espécie de chá amargo que lhes vem do Paraguai e das Missões (...). Não usam cereais, porque a indolência não lhes permite cultivá-los em solo tão fértil. (...) A farinha de trigo é importada de outros países. Os couros de boi, que vendem no mercado, fornecem aos gaúchos meios para pagarem o sal e o mate. As sobras de dinheiro, se escapam ao vendedor de bebidas alcoólicas, são aplicadas à compra de pão e de hortaliça, delícias que raras vezes encantam o desprovido tugúrio. (...) Com poucas exceções, os gaú-

chos não recebem instrução alguma, e o clero católico alimenta a superstição, na qual eles encontram completa satisfação para a vida de vagabundos e salteadores.

Versen talvez tenha presenciado alguma cena reprovável envolvendo gaúchos. Mas apesar da sua lida bruta nos pampas e nas matas, em geral os pampeanos são pacíficos. Por onde passa, a onda gaúcha arrasta multidões, que se convertem aos costumes do Sul. Vestem a *pilcha* nos bailes e festas e participam de cavalgadas, rodeios, danças e rodas de chimarrão.

Os gaúchos também se destacaram por sua bravura e sentimento patriótico. Nunca esconderam seu descontentamento com o poder central, desde o Império até os primeiros anos da República. A aptidão para as armas tornou aquele estado uma potência militar, se comparado a outras unidades da Federação. O poder converteu-se em destemor, e o desejo de liberdade manifestou-se na forma de quatro revoltas armadas: Revolução Farroupilha (1835 - 1845), Revolução Federalista (1893 - 1895), Revolução de 1924 e Revolução de 1930, das quais participaram como protagonistas.

FIM DA CULTURA CABOCLA

À medida que a cultura indígena se deteriorava, formava-se a cultura cabocla — fenômeno ocorrido em todas as regiões do Brasil — na miscigenação entre índios e descendentes de portugueses. Eram também conhecidos como *sertanejos*, homens rudes que preservavam sua técnica no manejo do gado, mas que conheciam as matas como seus ancestrais indígenas. Havia também os que se integravam a essa cultura. Aprendiam o trato com o gado, os costumes da roça e adotavam o típico comportamento sertanejo.

As casas caboclas eram de chão batido, os telhados feitos de tabuinhas lascadas. Embora cultivassem a agricultura, os caboclos adotavam um modo de vida itinerante, que os levava a buscar outros sítios toda vez que a fertilidade da terra se esgotava. As residências eram modestas, com cercas rústicas para o resguardo dos animais. Preservavam o costume de caçar, com armas rudimentares ou armadilhas, e acrescentavam à sua dieta diversas frutas silvestres.

— No começo, propriamente gente branca

não existia. O que não era índio, era caboclo de pele escura, mulata, trigueira. Alguns negros, escravos fugidos das fazendas no passado, e descendentes deles. (Voltolini, 2005)

A partir da década de 1940 os caboclos viram suas tradições rompidas, desta vez pelas empresas colonizadoras, que tentavam impor uma forma de vida avessa aos costumes da região. Wachowicz diz que o mesmo havia ocorrido no período da Guerra do Contestado, quando a Lumber impôs aos caboclos um modo avesso às suas tradições, levando-os a fugir para outras áreas.

Para os caboclos, a vinda de novos moradores era uma dádiva. Gostavam de conversar e a presença de novos vizinhos era vista com bons olhos. Mas acima de tudo, era dinheiro que chegava à praça.

— Foram recebidos com festa pelos caboclos, foi uma loteria, quase uma graça divina para os primitivos donos da terra. O sulista vinha com dinheiro na guaiaca e isso era o que os caboclos queriam, porque em Bom Retiro não havia moeda circulando. (Neri Franca Bocchese, 2004)

Na década de 1930, as cercanias de Vila Nova já se encontravam desmatadas. Era serviço dos caboclos, que haviam instalado suas chácaras, onde cultivavam lavouras e organizavam mangueirões de porcos. Nessa época os lotes começaram a ser comprados pelos colonos do Sul. Os caboclos livravam-se facilmente de suas terras, cientes de que a falta de documentação poderia resultar na perda da propriedade num futuro próximo. Eles também perceberam que seu sistema produtivo não poderia conviver com o dos colonos, que não admitiam animais em suas plantações.

Embora produzissem somente o suficiente para a subsistência de suas famílias, os caboclos acabaram se adaptando à realidade mercantil trazida do Sul. O excedente da produção passou a ser comercializada, gerando recursos para melhorar suas residências. E eles começaram a se integrar ao novo sistema. Entre outros aprendizados, descobriram como lucrar com a venda de terras. Tomavam posse de uma área, valorizavam o local com o desmate ou a construção de uma casa ou paiol, depois vendiam seu direito aos colonos. Embora sem documentação, a posse era respeitada.

A resistência cabocla estava sendo vencida pelas frentes colonizadoras. Além de ceder espaço aos imigrantes, os caboclos passaram a miscigenar-se com eles, sem perceber que isso resultaria no fim da sua própria cultura.

A multiplicação das estradas, com rápi-



Tropeada gaúcha, com o coordenador da 7ª Região Tradicionalista do Paraná (1998), Admar Corrêa da Silva (jaqueta marrom, ao centro).

Uma das comidas mais tradicionais dos italianos é o *brodo* — caldo de galinha com salsa e cebolinha. Também serve-se carne de galinha cozida, ou *carne Lessa*. Utilizava-se o brodo nas festas *surpresa* de aniversário. A casa e o galinheiro do aniversariante eram invadidos de madrugada. Uma ou duas galinhas eram *pescoceadas*, preparava-se o brodo e a festa prosseguia até o amanhecer. “Se alguém desse pela falta das galinhas, era o graxaim que as havia comido” (Bocchese, 2004). As festas eram organizadas pelo *Quinta-Feira*. Ele entrava na casa do festejado abrindo sua gaita.

do acesso a outras regiões, e a introdução de meios de comunicação eficientes, principalmente o rádio, resultariam na padronização dos costumes, numa mistura de cultura europeia, gaúcha e cabocla.

A interação dessas culturas foi inevitável. Mas nos primeiros tempos houve certa dificuldade de comunicação e integração. Para os caboclos, os sulistas eram *gringos*. Para os gaúchos, os caboclos eram considerados *primitivos*. Denominações que foram aos poucos desaparecendo, juntamente com as diferenças culturais.

Os primeiros gaúchos que apareceram na região também adaptaram aos seus alguns comportamentos dos sertanejos. Embora os casamentos entre as duas *raças* fosse proibitiva, os corações jovens desconsideravam o teor do sangue quando se apaixonavam. No claudicar das décadas, os laços cordiais juntaram muitas famílias de origens diversas, o amor entre os filhos e netos misturou-se e fez abrandar o fogo da intolerância. E a amizade entre gringos e primitivos estabeleceu-se.

ITALIANOS

Poloneses, ucranianos, alemães, caboclos e representantes de outras etnias participaram da formação populacional de Pato Branco. Porém o contingente de italianos supera todos os outros. Os primeiros foram os Gonzzati, chegados em 1921. Em 1927 estabeleceram-se na localidade de São Caetano os Brunetto e Fabian. Em 1928 Maria Marieta e Ângelo Colla, originário de Sananduva-RS, chegaram à Encruzilhada. Depois deles, outras famílias gaúchas instalaram-se na área: Valêncio e Loregian. Em 1932 chegou Ernesto Colla, que adquiriu 64 alqueires, além de “uma vaca de leite, uma arroba de erva-mate e um casal de leitões” (Voltolini). Mais tarde entraram os Martinello e os Marquezin, dentre outros.

Os italianos conduziram ao Sudoeste sua tradição culinária, sua música, danças e jogos. E também suas famílias grandes, com a conversa fácil, prolongada e divertida.



A interação cidade-interior ocorre desde os primeiros anos de Pato Branco. Na área rural era produzida grande parte dos alimentos que supriam a cidade. Na fotografia, as “amigas inseparáveis de 1953” (legenda dos institutos Guerra/Petrycoski), apresentam uma farta colheita de uvas. Dileta Detoni, Albina Pagliosa, Ilda Burin, Noeli Zilio e Ilda Colla.

POLONESES

Os poloneses começaram a chegar ao Paraná na mesma no final do século XIX. A maioria deles foi direcionada aos povoados que o governo federal estava formando às margens do rio Iguaçu. Mal estabeleceram-se na região de São Mateus do Sul, viram-se envolvidos nas batalhas da Revolução Federalista, nas quais muitos deles foram degolados, ou conduzidos presos ao Rio de Janeiro. Após o final da guerra, famílias polonesas começaram a descer o rio Iguaçu, estabelecendo-se inicialmente em União da Vitória, depois alcançando Pato Branco.

UCRANIANOS

Como outros imigrantes eslavos, os ucranianos estabeleceram-se inicialmente em colônias improvisadas nos arredores da capital paranaense. Coordenados por agentes federais, eles espalharam-se pelas regiões

Centro-Sul e Sul do Paraná, numa área que estende-se de Ivaí a São Mateus do Sul, e de Guarapuava a União da Vitória. A partir da década de 1930 seguiram para as regiões Oeste e Sudoeste em busca de melhores oportunidades econômicas. Da região de Irati, partiam para Cascavel pela BR-35, atual BR-277. De São Mateus do Sul e União da Vitória, desciam ao Sudoeste pelo rio Iguaçu. Alguns chegaram a Foz do Iguaçu.

ALEMÃES

A fragmentada Alemanha do século XIX não apresentava boas perspectivas de vida. O processo de unificação do país gerou conflitos que obrigaram muitas famílias a migrar para as Américas. Os alemães também somaram-se à população de Pato Branco, chegando em épocas diversas. Dentre eles, os Dietrich, Fischer, Groth, Kroetter, Lachmann, Loss, Milmann, Muller, Schmidt, Wendler.

Indústria da madeira

A exploração da madeira representou o início do desmatamento no Sudoeste, mas também a formação do grande capital.

Os pinheiros, ou araucárias, compõem cenários encantadores nos estados do Sul brasileiro. Nas chácaras e nas fazendas, e até mesmo na beira dos charcos e dos campos e nas margens dos rios, essas árvores longilíneas e retas impõem-se soberanas. A entrada de uma residência, se há um ou dois pinheiros, já se mostra majestosa!

Alguns caboclos utilizavam o pinheiro como um dos alicerces de suas choupanas. Mas ele também era utilizado em forma de tábuas lascadas para as paredes e tabuinhas para os telhados.

Até a década de 1940, o predomínio das matas de araucárias no Sudoeste era pleno, com poucas áreas desmatadas. A chegada dos colonos do Sul representou um avanço na cultura agrícola, mas também o início da industrialização da madeira. Essa indústria foi o principal fator de desenvolvimento da maioria das cidades a oeste de Guarapuaça. Centenas de serrarias instalaram-se nos quadros urbanos e nas florestas mais distantes para aproveitar a gigantesca araucária. E também a imbuia, o cedro, a peroba e outras árvores de grande porte.

— Esbeltas, graciosas, ao mesmo tempo possantes, as araucárias dão a impressão de fantásticos guarda-chuvas, que se abrem ao vento nas alturas para abrigo de gigantes invíveis. (Pe. Sebastião Mendes, Irati, 1925)

— Taça altíssima ou candelabro portentoso. (Alvir Riesemberg, 1973)

A chegada das primeiras serrarias ao Sudoeste é narrada por Voltolini no livro “Retorno 3 – Ciclo da Madeira em Pato Branco”. Segundo o autor, o ataque dos serradores sobre os pinheirais representou um avanço econômico para a região, mas poderia ter sido feito com maior planejamento.

— Quando se pensa só no presente, se aniquila o patrimônio, herança do passado, e se frustra o futuro — diz seu personagem Matusalém.

Segundo o autor, as serrarias e laminadoras do Rio Grande do Sul, “invadiram, a partir dos anos quarenta, o Sudoeste paranaense, com inusitada agressividade contra o pinheiro-do-paraná, uma riqueza fácil e abundante de que trataram de se apossar com ganância e irresponsabilidade. (...) Num espaço de trinta anos, só em Pato Branco, botaram abaixo, aproximadamente, 3,3 milhões de unidades (árvores). (...) Não foi exploração que houve do nosso pinheiro; foi assalto desalmado, devastação irracional”.

As serrarias eram instaladas junto aos grandes pinheirais. Recolhiam o maior número possível de árvores, depois deslocavam-se para outros lotes. Esse processo ocorreu em todas as áreas onde havia pinheiros.

Nas décadas de 1940/50 instalaram-se mais de 400 serrarias na região de Cascavel. Nessa época o Oeste tornou-se o maior exportador de madeiras do mundo. Somente em Cascavel eram mais de 70 empresas madeireiras, que administravam mais de 150 serrarias, 30 delas na área urbana.

— A cidade respirava pó de serra 24 horas por dia. O barulho das serras americanas, queda de árvores e ronco dos motores de caminhões de transporte era ensurdecador. (Anselmo Cordeiro, 2009)

Em Pato Branco a situação era semelhante. Jácomo Trento diz que até o final da década de 1950 o município comportava 114 serrarias, algumas instaladas no quadro urbano.



Trabalhador de serraria acomoda os vigotes em bloco arejado para facilitar a secagem. “Só Mais Este”, fotografia de João de Paula.

Nas primeiras décadas do século XX, a quantidade de pinheiros em ponto de corte no Paraná era estimada em mais de 120 milhões de unidades, o que levou um cronista do Álbum do Paraná (1927) a profetizar uma duração de mais 300 anos desse “stock”. Ele não previu a introdução de instrumentos que viriam facilitar e acelerar a derrubada das árvores e o beneficiamento das toras: a motosserra, a serra circular e a serra fita.

Na época da colonização de Pato Branco, estima-se que havia uma média de 39,24 pinheiros/hectare com mais de 40 cm de diâmetro na base. Árvores com essa envergadu-

ra eram consideradas *industrializáveis*.

— Isto aqui era um pinhal só. As únicas clareiras que existiam era nos terrenos de banhado. (Osório Prates, apud Bocchese, 1994)

Para o madeireiro Ezílio Chiochetta, *pinheiro de serraria* era a árvore com mais de 60 cm de diâmetro. Em Pato Branco havia uma média de 18 pinheiros com esse porte por hectare. Pelas contas de Voltolini, o município comportava cerca de 3,8 milhões de pinheiros de serraria. Uma reserva de 3,36 milhões tinha entre 40 e 60 cm. O “acervo madeireiro” era de aproximados 33,8 milhões de m³. Desta madeira, cerca de 1/3 foi exterminada pelas queimadas, ou apodreceu nas roças. Em torno de 22,53 milhões de m³ foram industrializados.

— Havia milhões em pinheiros, uma riqueza incalculável. Mas os agricultores preferiam áreas de mato branco, com muita madeira de lei. Grá-pias, gabriúvas, angícos, guajuviras, marfins, cedros, perobas. (Ivo Antônio Pegoraro, 1987)

Os primeiros colonos do Sul a estabelecer-se em Pato Branco viam as imponentes araucárias como um estorvo ao cultivo da terra. Era necessário derrubá-las com o machado, mas esse era um serviço extenuante.

João Maria Bello era um dos especialistas contratados por quem quisesse livrar-se dos pinheiros. Cobrava entre 300 e 400 réis por árvore, podendo derrubar até dez num só dia.

Após tombadas, as árvores demoravam anos para apodrecer. A solução mais rápida era a do fogo. Após cortar a mata baixa, capoeira ou taquaral, o colono aguardava que secasse e queimava. Os pinheiros eram mortos em pé. Ainda que os troncos permanecessem eretos, nas próximas queimadas eles não resistiriam às chamas e viriam ao chão.

Nas entrevistas colhidas por Neri Bocchese, os espectadores das queimadas recordam-nas como instantes líricos, ao mesmo tempo trágicos. Para Tercílio Colla, o pinheiral queimando parecia “uma cidade iluminada”. Osório Prates fala de “brasido de dezenas de metros de altura; (...) aquela tocha soltando faísca; (...) quem não conhecia po-

— Pato Branco era um grande centro exportador de madeira de Pinho. Normalmente ficavam no Hotel Dom Carlos mais de 20 compradores do Brasil inteiro. (Celso Fetter Hilgert, 2020)

dia até suspeitar que fossem fantasmas”.

Buscando evitar o incômodo dos pinheiros, muitos colonos decidiram estabelecer-se nas proximidades do rio Chopim, onde predominava o *mato branco*, ou mata com pouco pinheiro.

O problema dos pinhais começou a mudar quando Ernesto Colla, morador da Encruzilhada, descobriu que as madeiras gaúchas estavam dispostas a pagar pelas árvores. Foi ele quem vendeu o primeiro lote de pinheiros de Pato Branco, “400 belas árvores para a

O clima de Pato Branco proporciona auroras e crepúsculos espetaculares. Ao entardecer do dia 7 de agosto de 2020, os pinheiros remanescentes da industrialização da madeira destacam-se num capão de mata nativa, em Passo da Ilha. Fotografia: Luiz Francisco Guil.



serraria dos Gugelmin” (Bocchese, 2004), e com o dinheiro comprou um jipe usado.

Os primeiros serradores do Sudoeste utilizavam serra manual. O pioneiro de Bom Retiro nessa técnica foi Pedro Félix. Era um progresso, comparado com o processo de obtenção das tábuas lascadas com machado. Agora as árvores eram cortadas com as *tracadeiras*, serras compridas movidas a quatro mãos. Após a queda da árvore, dividia-se o tronco em toras, que eram colocadas sobre um estaleiro, ou trampolim. Com uma *serra de destopo*, fixada no sentido vertical, com um serrador no alto do estaleiro, outro no chão, ocorria o processo do *desdobro* da tora em tábuas.

As primeiras serrarias eram rústicas, denominadas *coloniais*”, ou *serrarias de quadro*. Movidas por rodas d’água, desdobravam no máximo duas toras/dia. Os madeireiros gaúchos dispunham de tecnologia mais moderna. Utilizavam a serra *Tissot*, de origem francesa. A força motriz era gerada por máquinas a vapor, ou locomóveis, que também produzia energia elétrica para iluminar a madeireira e as casas dos operários. O sistema Tissot multiplicou em quatro vezes a capacidade produtiva. E a introdução da serra fita tornou o sistema ainda mais eficaz, produzindo cinco vezes mais que a Tissot. Num só dia, transformava em tábuas cinco pinheiros de 80 cm de diâmetro. Como auxiliares da fita, havia as serras *Pery* e *destopadeira*, esta utilizada para o acabamento nas pontas das tábuas.

Para alguns autores, a chegada das serrarias foi uma espécie de loteria ganha pelos agricultores. Além de livrá-los das incômodas árvores, pagavam por elas! Embora o valor ofertado fosse baixíssimo, os fornecedores ficavam satisfeitos.

O crescimento acelerado da indústria extrativa e a dificuldade para reflorestar com pinheiro — o ciclo de crescimento é demasiado lento — levou à criação do Instituto Nacional do Pinho – INP, em 19 de março de 1941. O consumo vertiginoso das matas preocupava as autoridades brasileiras desde o início do

Nos primeiros anos, as toras eram tracionadas por juntas de bois.

Serraria de Raimundo Cadorin, no atual Bairro Cadorin.



século XX, porém as leis preservacionistas não impediram o avanço do desmatamento. O INP concentrou sua fiscalização no comércio da madeira, mas não se ocupou com a preservação das reservas. Somente quando percebeu a proximidade da extinção do pinheiro, proibiu o corte.

Ainda que o instituto cobrasse taxas dos madeireiros visando o reflorestamento, não há em Pato Branco uma única área onde essa regra tenha sido cumprida.

— Nada se fez, porém, por falta de visão, por falta de capacidade técnica ou por falta de capacidade moral. (Voltolini)

O trabalho das serrarias vinha ao encontro dos interesses dos agricultores, pois a retirada das árvores limpava o terreno para a lavoura. Era um negócio lucrativo e irresistível.

— A preservação estava fora das suas preocupações, as árvores eram ao mesmo tempo dinheiro e empecilho à ocupação permanente das terras. As árvores tinham que tombar! (Vander Piaia, sobre o ciclo da madeira na região de Cascavel, 2010)

No início aproveitava-se apenas a *madeira de primeira*, sem nós. Quase metade da árvore era deixada no mato.

— Os caras chegavam lá (em Vila Bonita), derrubavam uma, duas toras, começava a aparecer nó, já deixavam. Era só de primeira que queriam. (Osmar Koslinski, 2019)

A atividade madeireira ajudou a ampliar a estrutura urbana e estimulou o comércio, gerando empregos em vários segmentos. O consumo da cidade aumentava com a chegada de novas indústrias, que requeriam novos funcionários. A construção civil acelerava e o setor de transportes crescia. Alguns compravam caminhões e ofereciam seus serviços às madeireiras. Surgiram metalúrgicas e marcenarias, além de lojas de material de construção, hotéis, restaurantes, escritórios contábeis, postos de combustível e oficinas mecânicas. O grande número de operários necessitava de condições mínimas de sobrevivência, o que levou os serradores a construir conjuntos habitacionais, impulsionando o desenvolvimento de vários núcleos urbanos. Surgiram pequenos templos e escolas, e também bodegas para suprir as necessidades do operariado. Depois viriam as farmácias, as lojas de roupas e outras.

Sede Gavião e Sede Dom Carlos são exemplos de povoações iniciadas pela indústria da madeira. Na área urbana, o Bairro Santa Terezinha foi criado em torno da madeireira Gugelmin.

O fragor das serrarias era sentido em toda a cidade de Pato Branco, em tempo integral. Não somente o ronco das máquinas e a movimentação dos caminhões chegando com as toras e saindo com as tábuas. Havia também

os apitos — produzidos pelas cornetas aco-
pladas às máquinas a vapor — que determi-
navam a hora de chegada e saída dos funcio-
nários. Produziam uma espécie de código,
bem conhecido pelos operários, e sinaliza-
vam várias situações.

— Eram símbolo de possante indústria
que estava mantendo alta a pulsação do pro-
gresso de Pato Branco. (Votolini)

Se fossem longos e insistentes, causavam
tremores na população, pois todos sabiam
que estava ocorrendo uma tragédia, geral-
mente incêndio. O povo saía às ruas buscan-
do o local da fumaça.

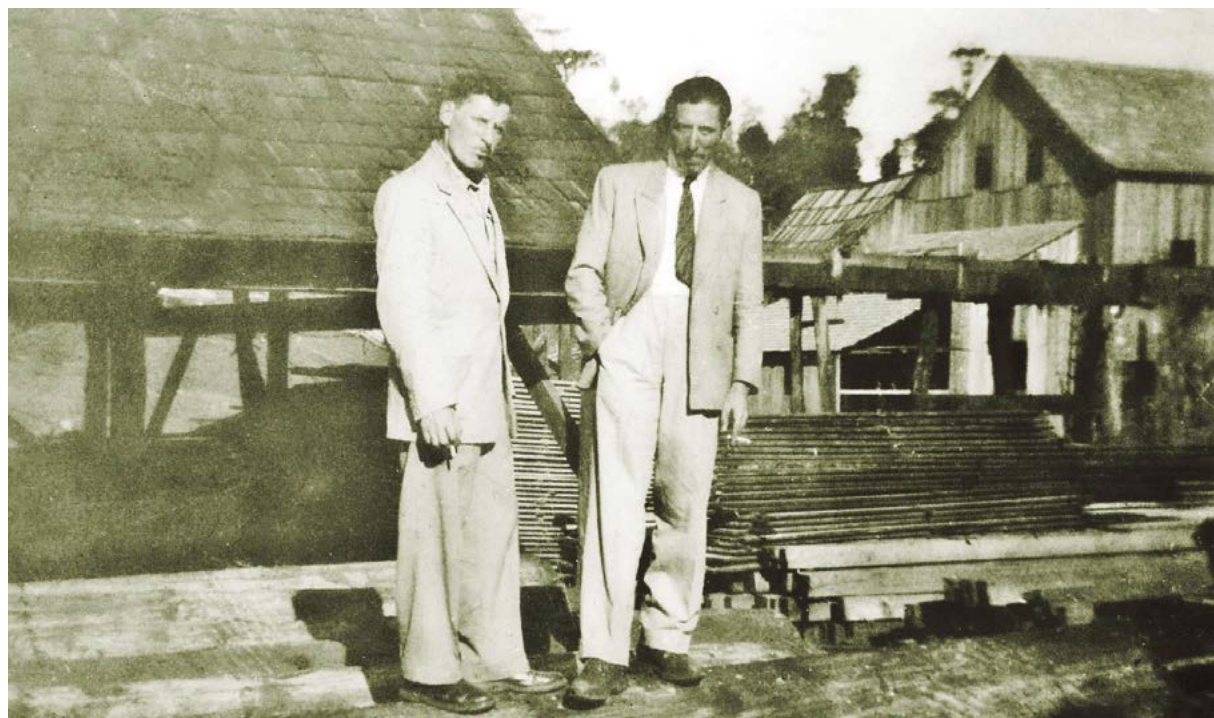
Pereceram em incêndios as serrarias de
José Antônio da Silva (1951), dos Pozza
(1964), de José Viganó (1964) e dos Ber-
tol (1970) e a laminadora *Paraná Dourado*
(1977).

O trabalho madeireiro provocava aciden-
tes frequentes entre o operariado. Do mato
à serraria, o transporte dos troncos colossais
era árduo e perigoso. O madeireiro João Rol-

— Quando passei o Chopim, em cima do
morro, você olhava assim, ali era um chatão,
descia um tapete e era só copa de pinheiro.
Era coisa mais linda pra olhar. Aquilo em cin-
co ou seis anos acabou! (Fiorelo Cecchin, Sede
Dom Carlos, 2019)

Ao chegar com a família em Rio Quieto, às
margens do Chopim, em 1941, Primo Framen-
to construiu uma casa com galhos, coberta de
folhas de taquara.

— O fogo a gente fazia fora de casa. Pra co-
mer o milho, colocava pra moer num monjolo.
Quando foi construir a nova casa, meu pai ser-
rou madeira de cedro. Faziam toras grandes,
com andaimes altos, iam empurrando a tora
lá em cima. Pra fazer uma linha reta pegavam
pregos e puxavam um barbante molhado, com
tinta preta, e marcavam as tábuas certinho. Fi-
cava um em cima e outro embaixo com o serro-
te. (Vitória Camozzato, filha de Primo Framen-
to, 2019)



Primeira serraria de Pato Branco, de Pedro Bortot e Pedro Tatto. Atrás de Abel Bortot e Zeferino Merlim, o duto de madeira que conduzia água para movimentar o maquinário.

do faleceu em 1959, após um acidente ocor-
rido em sua própria indústria.

A produção da madeira também impactou
o sistema viário. O transporte das toras obri-
gava a abertura de estradas. E a progressão
da venda da madeira para outras cidades soli-
citava melhores vias. O aumento da demanda
também resultou na multiplicação dos cami-
nhões circulantes.

As estradas tornavam-se intransitáveis em
tempos chuvosos. As rodas eram acorrenta-
das para vencer a lama, o que produzia es-
tragos nas vias, convertendo-as em sucessões
de atoleiros.

As dificuldades dos motoristas motivaram
a instalação de várias estalagens para repou-
so e alimentação na estrada para União da
Vitória. No estio, o problema era a intensa
poeira levantada pelos veículos. Muitos aci-
dentes foram registrados, em função da difí-
cil visibilidade.

No transporte da madeira serrada eram
utilizados caminhões Ford e Chevrolet, que
conduziam até 25 dúzias. Com a introdução
do reboque, ou *truque*, representado por um
rodado extra, a capacidade foi ampliada para
50 dúzias. Depois chegaram os FNM, que
transportavam até 100 dúzias.

— Em 1964 vim pra Pato Branco puxar
madeira. Levava pra União da Vitória, Curi-
tiba, São Paulo, Porto Alegre. O problema é
que o caminhão era um Scania, grande e po-
tente, e as estradas eram difíceis. Não dava
pra carregar uma carga completa. (Antônio
Viater, 2019)

No início da década de 1960 já se tornava
evidente o esgotamento da matéria-prima. E

Dentre outros caminhoneiros que trabalha-
ram com transporte de madeira, são citados Eu-
clides e Joanim Fraron, Fiorelo, Juvenil e Chico
Montemazzo, Carlinhos Caldart, Luiz Piva, Pri-
mo Lavarda, Aldo Valentim Pastro, Nelson Ge-
ron, Avelino Chiochetta, Fermio Vieira, Eugênio
Scalabrim, Adelar Guerreiro, Arlindo, Mauri e Irineu
Manfro, Danilo Cauton e Fiorino Fabiani. Con-
duziam a São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Na área da atual rodoviária de Pato Branco
foi construída a serraria de Graciano Camoz-
zato e Vandrili Tell. No mesmo local, em anos
anteriores, havia a "serraria do Sr. Mordaski".
(Dados de Olaumir Pedro Guerios, 2020)



os industriais começavam a cogitar em reflorestamento.

— Passaremos dentro de 17 anos, isto é, em 1980, aproximadamente, de país exportador para importador de madeira. (A Razão, 1963)

O jornal também alertava que “a ganância e a falta de patriotismo são, entre outros fatores, responsáveis pela devastação das florestas e ausência de reflorestamento”.

A indústria madeireira promoveu o acúmulo de capitais, colocando Pato Branco num ritmo de desenvolvimento que estendeu-se aos dias atuais. Muitas conquistas são atribuídas ao setor, incluindo a emancipação política. A força econômica representada pela madeira também proporcionou a construção do primeiro campo de aviação, a instalação de clubes sociais, de escolas e de hospitais. Inclusive a criação da comarca e da paróquia de São Pedro Apóstolo, devido ao acréscimo populacional provocado pelas demandas da madeira.

Prevendo o fim dos pinheiros, muitos daqueles industriais passaram a investir em outros empreendimentos. Porém a parte maior do capital gerado pela madeira não ficou em Pato Branco. Muitas serrarias eram filiais de grupos estabelecidos em cidades distantes, como a Industrial Madeireira, de Caxias do Sul, e a Slaviero, sediada em Irati-PR. Poucos empresários da madeira investiram seus ganhos na cidade de Pato Branco.

Voltolini cita alguns que mantiveram com a cidade um vínculo mais estreito que o dos “ciganos da madeira”. Contradizendo suas incursões coléricas contra a atividade predatória dos serradores, o autor reputa “uma vida de trabalho, sacrifício e sofrimento, dedicados, em grande parte, ao progresso e à grandeza familiar, moral e social de Pato Branco”, ao referir-se à família do empresário João Roldo.

Na estrada que conduz a Itapejara d'Oeste, o fotógrafo João de Paula captou a solidão do agricultor. E também a dos pinheiros, destituídos da mata que os abrigava.

Madeireiros

Eles foram os responsáveis pela extinção dos pinheirais do Sudoeste.

Mas alguns também atuaram como benfeitores de Pato Branco e região.

BORTOT

Um dos maiores proprietários de terras, na área hoje ocupada pelo quadro urbano de Pato Branco, foi Pedro Bortot. Uma ata de transferência de terras revela que ele nasceu em Forquilha, distrito de Lagoa Vermelha-RS. Casou-se com Isa Carmela Dallacorte, com quem teve 14 filhos no Rio Grande do Sul: Severino, Lodovina Ana, Lodovina Maria, Eleutério, Rosa, Amélia, Abel, Lodovico, Isabela, Celestina, Marina, Claudina, Adelina e Lúcia. Em Bom Retiro iriam nascer Setembrino e Graciolina.

Em 1928, acompanhado de dois amigos — famílias Picollo e Ruffato — Pedro deixou sua casa em Paim Filho com destino a Guarapuava. Eles tinham a informação de que o governo do Paraná distribuía terras gratuitas no Centro-Oeste. Era época chuvosa, e quando chegaram em Palmas, souberam que os rios Chopim e Iguaçu “não davam passo” (Setembrino Bortot, filho de Pedro, 2019). Como estavam a cavalo e não podiam alcan-

— Derrubei pinheiro no machado. Partia pra fazer tábuas, rachão, pra fazer potreiro. Uma vez tava partindo um pinheiro com cunha e machado, lá no Malacarne. Fui tirar uma prancha, e quando virei, ela veio de volta a me prendeu o dedo no pinheiro. Ficou a ponta do dedo lá. (Daniel Pagnocelli, 2020)

— Aqui o forte era o feijão e o trigo, o resto era madeira e porco. Também ganhei muito dinheiro com madeira. Tinha um parente em Curitiba que tinha fábrica de móveis, aí eu fornecia pra ele. Depois comecei a vender os móveis dele aqui. No que chegava, vendia tudo. (Olindo Slonski, 2019)

Década de 1970.

Os meninos divertem-se entre os galhos do pinheiro caído. “Desensinando Ecologia”, de João de Paula.



Os irmãos Pedro (esq.) e Giuseppe Bortot, com as irmãs Rosa, Joana e Luiza.

çar Guarapuava nesse momento, foram explorar a região. E descobriram que havia uma cidadezinha nas proximidades de Palmas.

— Uma vila que estava se formando, chamada Clevelândia — conta Setembrino. — Eles pensaram, “Agora que estamos aqui, vamos lá ver”.

Pedro e seus amigos passaram duas noites num hotel de Clevelândia, onde lhes contaram que havia um local ainda sem nome, “Mas é um lugar que é puro pinhal, umas terras bem ajeitadas”. Encilharam os cavalos

LAMINADORAS

Além das serrarias, havia também as laminadoras, que produziam as finas lâminas de madeira utilizadas nas indústrias de compensados. A maior delas era a *Paraná Dourado & Cia*, com sede em Caçador-SC. A empresa foi instalada em 1957, no atual Bairro Morumbi, pelos irmãos Álvaro Dourado Júnior e Victor Paraná Dourado e Alceu Benghi Ribas.

e foram conferir, deparando-se com um vilarejo cuja denominação ainda não estava decidida entre os moradores. Alguns chamavam *Vila Nova*, outros, *Bom Retiro*.

Bortot foi conversar com um caboclo, cuja família era formada por cerca de 15 pessoas. Moravam em dois ranchos.

— Falou com eles, gostou deles e eles também gostaram de meu pai. Ele acabou ficando oito dias, olhando aqui, olhando ali, conversando com as pessoas. Ele gostou daqui e disse que aqui iria morar. Naquela época, dinheiro era difícil, não tinha. Então meu pai deu um cavalo, que tinha sempre um de sobra, em troca da terra e da casa. Ele nem sabia quanto de terra tinha. Eles diziam que era mais ou menos cinquenta alqueires, mas ninguém tinha medido. (Setembrino)

Alberto Pozza (2004) conta que Pedro adquiriu “dois milhões” de terras, o que equivalia a 84 alqueires. Feito o negócio, Bortot voltou ao Rio Grande e falou à sua mãe, “Comprei a terra lá, é um lugar bonito, é só pinheiro que tem, tem o bicho que você quiser ver, tem de tudo”. Após obter o aval familiar, trocou sua chácara por uma vaca, uma mula e um pouco de dinheiro. Ciente das dificuldades da viagem, decidiu seguir de carroça com os filhos homens, enquanto Carmela e as filhas iriam de trem a União da Vitória. Até Palmas, seguiriam de ônibus. Pedro atou à carroça duas vacas, cinco cavalos, uma égua e a mula e partiu.

Logo após sua chegada em Vila Nova, Pedro recebeu um telegrama de Carmela, dizendo que já estavam em Palmas, e mandou os dois filhos mais velhos buscá-las de carroça.

Uma das primeiras tarefas dos Bortot na nova terra foi desmatar cinco alqueires, “para o plantio de milho, arroz, feijão e trigo” (Pozza). Pedro também adquiriu de Pedro Tatto e Escolástica Scatolin o lote 30 do Núcleo Bom Retiro, com 2,5 alqueires. Uma das divisas deste lote era representada pelo rio Ligeiro. Em 1934 instalou nessa área a primeira serraria do povoado de Bom Retiro, aproveitando a força hidráulica representada pelo rio. Também construiu um moinho de trigo.

Inicialmente Bortot e Tatto foram sócios

na serraria. Mas como a demanda era pequena, a sociedade se desfez. A madeira serrada tinha um custo muito alto em relação à lascada, com baixa aceitação pelos moradores locais, e o madeireiro via-se obrigado a conduzir suas tábuas, de carroça, até Clevelândia.

Bortot também instalou ervateira e bodega, “bem sortida, que vendia tecidos, alimentos, perfumaria e medicamentos” (Pozza). Esse conjunto de empreendimentos resultava na convergência da população para a proprie-

Nessas estradas, caminhão não passava. Era um carreiro, bem estreito. Caía uma chuva, o carro atolava. (...) Em 1942 já aparecia algum caminhão por aí. Depois de 1945 começou a aparecer mais e mais. Em 1949 ou 1950, meu pai foi a São Paulo e comprou um Dodge. Aí mandou meu irmão Abel aprender a dirigir. A cabine era de lona, daqueles tipos antigos. Nessa época começou a melhorar as coisas por aqui. Começou a vir gente e a vila foi crescendo. (Setembrino)



As colossais toras de pinheiros a caminho da serraria. Fotografia: João de Paula.

dade dos Bortot.

Nos primeiros anos, Pedro e seus filhos mais velhos faziam comércio entre Vila Nova e Palmas. Algumas vezes alcançavam União da Vitória.

— Levavam tudo o que tinha pra vender da lavoura, até porco. A carroça era grande, puxada por seis animais. A cada dois ou três meses eles faziam uma viagem dessas. (...)

Os Bortot também abriram uma linha de transporte de passageiros, que conduzia a Barracão. Após anos de trabalho, eles foram adquirindo mais terras no entorno de sua propriedade, em troca de madeira. Quando Pedro faleceu, em 1953, já somavam 240 alqueires no bairro que recebeu seu nome. Abrangia do cemitério municipal ao atual Parque das Indústrias, às margens da PR-158.

A família também participou de obras comunitárias. Mas Pedro não quis ser político.

— Os políticos de fora, se vinham a Pato Branco, dificilmente iam embora sem conversar com ele. Porque estava sempre por dentro das coisas. Quando tinha comício em Clevelândia, enchia o caminhão de gente e levava pra lá. (Setembrino)

Parte das terras dos Bortot foi doada para a construção da escola Carmela Bortot e da capela de São Francisco. No mesmo terreno foi instalado um posto de saúde, a sede do Corpo de Bombeiros e a creche Pequeno Príncipe.

NINO

Nascido em 1935, “desde piação” Setembrino (Nino) cuidava do moinho de seu pai.

— Nasci no mato, passei a vida no mato e agora estou na cidade, morando no mesmo lugar.

Com a liderança da família na comunidade, Setembrino “não tinha tempo nem pra comer”.

— O povo falava, “Vai lá no Bortot, que ele resolve”. Sem contar que aqui era a única casa do bairro que tinha linha telefônica. Sempre vinham pra isso e aquilo, então, mesmo se não quisesse, eu estava metido nas coisas. Vinham chamar pra levar no médico. Nunca cobre um tostão, e graças a Deus nunca me fez falta.

Nino casou-se com Normélia Passarini, originária de Viadutos-RS.

CADORIN

Raimundo e Teresa Cadorin migraram de Sananduva-RS para Pato Branco em 1944, com os filhos Antônio, João, Santina, Alvira, Aquelino, Alfredo, Arlindo, Juranda, Venício e Zilma. Raimundo instalou uma serraria no alto da atual rua Itabira. Foi a primeira da região a utilizar uma locomóvel para gerar a força-motriz. Também foi a primeira a produzir os apitos característicos das serrarias movidas a vapor. “Aqueles apitos iam longe pelo silêncio dos imensos pinhais” (Votoli-

ni). Após 25 anos de funcionamento, a serraria foi vendida a Valdomiro Fiorentin. Em torno da indústria formou-se o atual Bairro Cadorin.

MARTINELLO

Em 1937 Pedro Martinello montou serraria e moinho no atual Bairro Fraron, à margem do rio Ligeiro. Martinello era moageiro em Santa Catarina. Casado com Maria Peru-

posteriores, também mudaram-se para Pato Branco os irmãos de Pedro: Américo, Júlio, Ernesto, Aníbal e Amaro.

MERLIM E MIOTTO

Originárias de Sananduva-RS, as famílias Merlim e Miotto instalaram em Pato Branco a Industrial Madeireira Pato Branco Ltda. O pioneiro foi Ângelo Merlim, que em 1941 estabeleceu-se com uma fábrica de carrocerias



As linhas geométricas dos blocos de tábuas, em serraria de Pato Branco.

qui, transferiu-se em 1937 para Bom Retiro, onde adquiriu terras de Abílio Viana. Em 1941, associado a José Pinto, comprou 625 alqueires de pinhais na região oeste do distrito de Pato Branco. As árvores iam sendo vendidas na medida da necessidade da família, que buscava expandir suas atividades agrícolas. Em 1951 Pedro e filhos instalaram a serraria *Irmãos Martinello*. Em anos

e esquadrias de madeira. Em 1945 chegou José, seu irmão e sócio. Mas em 1947 a empresa foi vendida para Ezilio Chiochetta. José montou outra serraria e com ela associou-se aos Miotto e aos Parzianello. O crescimento da empresa foi exponencial, e o número de sócios, idem. No auge do empreendimento eram 32, com serrarias em Pato Branco, Chopinzinho e Dois Vizinhos, além de um en-



RODINEI SANTOS

Casas de madeira resistem nas comunidades rurais de Pato Branco. Esta, em Independência.

treposto de madeira em Taboão da Serra-SP. Dentre outros benefícios à cidade de Pato Branco, a família Miotto cedeu um terreno para a instalação do colégio La Salle.

BERTOL

Santo Bertol e sua esposa, Cezira Ferrari, com 12 filhos, chegaram em Pato Branco em 1948. Santo comprou uma serraria de Manoel Estêvão de Camargo, no Bairro Santa Terezinha, acolhendo Gentil Galera como sócio. A energia vinha de uma roda d'água, instalada no riacho Fundo. Bertol modernizou, instalando um dínamo, que supria de eletricidade a indústria e as casas próximas. Mas a Prefeitura proibiu o fornecimento, sob pretexto de que era fornecedora exclusiva da energia elétrica. A praça central do Bairro Santa Terezinha recebeu o nome de Santo Bertol.

DE BORTOLLI

Alfredo De Bortolli era originário de Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Em 1952 migrou para Pato Branco. Com o apoio de várias famílias locais e do Rio Grande, construiu uma laminadora. Mas a vida foi dura nos primeiros anos. "Quantas vezes polenta com lamba-ri do Rio Ligeiro não compareceu à mesa da

família De Bortolli para saciar-lhe a fome" (Voltolini). Alfredo casou-se com Gentilia Schecheli, com quem teve os filhos Sérgio, Moacir, Pedro, Sueli, Benito, Eletra e Jecsur.

GUGELMIN

Os primos madeireiros Irio e Jacob Gugelmin atuavam em Curitiba, São Mateus do Sul e União da Vitória. Em 1955 instalaram uma serraria em Vitorino, próximo ao rio Forquilha. Também compraram algumas serrarias da região. Em 1956 Jacob fixou residência em Pato Branco. Casou-se com Felisbina Rodrigues.

POZZA

O seleiro Emílio Pozza nasceu em Bento Gonçalves-RS, em 1891. Casou-se em dezembro de 1914 com Juditta Maria Refatti. Estabelecem-se em Nova Bréscia-RS, onde Emílio montou uma cerealista em sociedade com amigos. Foi nesse povoado que nasceu o filho Alberto, em 1924.

— Quando completei dez anos, minha mãe me presenteou com o primeiro par de sapatos — conta ele no livro "Memórias de Alberto Pozza em Vila Nova de Pato Branco", que publicou aos 90 anos (2014).

Quando adolescente, Alberto foi "madrinhado de tropa e carroceiro". Depois tornou-se estudante em Porto Alegre. Aos 21 anos trabalhava como caminhoneiro, puxando madeira e cereais para a capital gaúcha. Em 1946 seu pai convidou-o a mudar-se para Maringá. Viajaram num Chevrolet 1940, carregado com 40 tambores de gasolina. Passando pela cidade de Clevelândia, venderam o combustível. Mas o produto teria de ser entregue em Pato Branco. Nessa vila compraram de Sétimo Izoton uma carga de feijão, que foi revendida em Porto Alegre. Foi esta a primeira de uma série de viagens lucrativas,

"Pato Branco linda cidade

No lugar dos pinheirais

Viceja a claridade

Milhares de plantas, louros triguais".

(Waldemar Schüller, no livro "Ecos Pato-Branquenses", 1977)

Alberto Pozza conta que conheceu a mulher com quem iria se casar — "Srta. Isolda Viganó" — no dia 29 de junho de 1948, durante um baile na Festa de São Pedro. Seus filhos são Luciane (empresária), Maurício (médico), Luís Fernando (advogado) e Fernando (engenheiro civil).

MÁQUINA DE DINHEIRO

Na festa em que Alberto Pozza e Isolda Viganó travaram seu primeiro diálogo, um grupo de promissores milionários de Pato Branco festejava um futuro glorioso. Eles haviam adquirido uma extraordinária "máquina de fazer dinheiro" (jornal Oeste Paranaense, 1950), em troca da qual entregaram dois caminhões e uma mala com 500 mil cruzeiros. Mas a milagrosa máquina soltou algumas notas e enguiçou. Nesse instante o vendedor já havia "desaparecido com a mala e os dois caminhões" (Pozza, 2014). O subdelegado Otaviano dos Santos abriu investigações e conseguiu recuperar os caminhões em Nonoai-RS, mas o embusteiro e os cruzeiros haviam sumido. "O herói eclipsou-se", anotou o jornal.

e em breve toda a família Pozza estava transferindo-se para Pato Branco.

Em 1949 eles associaram-se aos irmãos Parzianello. A empresa vendia tecidos, chapéus, calçados e roupas. Também comercializava cereais. Desfeita a sociedade no final de 1951, foi instalada a *A. Pozza & Cia*, com os sócios Emílio, Adolfo e Alberto Pozza, além de Sérgio Radaelli e Gabriel Bertol. Tinham casa de varejo, atacado de secos e molhados e cerealista.

— Tornaram-se os maiores compradores de trigo do Sudoeste do Paraná. (Voltolini)

Em 1954, em sociedade com Radaelli, os irmãos Pozza compraram a serraria Bom Retiro, dos irmãos Tessler, em São Roque.

Alberto candidatou-se a prefeito de Pato Branco em 1956, numa coligação entre PTB e UDN. Perdeu para Harri Valdir Graeff (coligação PSP-PSD). Em 1960 candidatou-se novamente, perdendo por uma diferença de 71 votos para Ivo Thomazoni (UDN).

— Tive azar nessa segunda eleição, porque o nosso candidato a governador faleceu e isso enfraqueceu a minha candidatura. Era o senador Abilon de Souza Naves (PTB). Ele tinha inaugurado aqui a agência do Banco do Brasil, no dia em que o João Goulart veio a Pato Branco. Naquele ano morreu também o meu sogro (Santo Viganó), que era meu grande cabo eleitoral.

A participação de Alberto na política, segundo ele (2019), não foi bem acolhida por sua família, resultando em sua saída da empresa. Na sequência abriu uma firma própria, com loja de material de construção e cerealista. Dentre outras atividades, ele atuou na abertura de poços artesianos.

Alberto Pozza recebeu várias homenagens em honra aos seus méritos como empresário de Pato Branco. Dentre eles, o título de Ci-



Década de 1950. O desfile escolar passa ao lado da "Casa do Povo Parzianello Irmãos e Cia". Em 1965 ela foi demolida para a instalação do Grande Hotel.

dadão Honorário. Ele também é citado como um dos mentores da Revolta dos Posseiros. Seus trabalhos nos bastidores da política foram determinantes no despertar do governo federal para os problemas fundiários do Sudoeste.

PARZIANELLO

Em 1947 chegaram ao distrito de Pato Branco os irmãos Marcelino, Vitélio, Santo, Luiz e Abílio Parzianello. São originários de Severiano de Almeida, então distrito de Erechim-RS, onde comercializavam produtos agrícolas e carne. Em Pato Branco, eles compraram uma casa comercial da família Flessak, junto à praça Presidente Vargas. A partir desta data, a empresa passou a chamar-

se *Casa do Povo Parzianello Irmãos e Cia*.

No decorrer dos anos os Parzianello acolheram alguns sócios. Dentre eles Alberto Pozza e José Burin. Em 1965 a Casa do Povo deu lugar a um prédio, no qual instalou-se o *Grande Hotel*.

Em 1952 os Parzianello adquiriram a serraria de Frederico Barancelli, na localidade de Bela Vista. Em 1958 compraram a serraria de Tercílio Pedro Colla e Alziro Manfroí, na mesma região. A primeira utilizava a força de uma locomóvel, a segunda, a das águas do rio Ligeiro. Os Parzianello também abriram supermercado (Apolo) e loja de material elétrico. Marcelino casou-se com Teresa Iopp; Vitélio, com Josefina Pozza; Santo, com Ermelinda Iopp; Luiz, com Guilhermina Ioris; Abílio, com Celita Vicari.



Esta "serra de destopo" adorna a sala dos Dalla Costa, na comunidade de São João Batista. Com ela foram produzidas as tábuas para a construção da residência familiar. "Tudo serrado a muque. Assoalho e parede". (Derico Dalla Costa, 2019)



João e Jenoeffa Viganó com os filhos Valdomiro, Saule, Ulisses, Leduir e Antoninho e as filhas Ayda, Deonira, Marina, Vitorina, as gêmeas Maria Carmen e Carmen Maria e Leonice Modesta.

VIGANÓ

Originários de Caxias do Sul, distrito de Santa Lúcia do Piaí, os Viganó transferiram-se para Pato Branco em duas famílias, primas entre si. Numa delas havia os irmãos João, Santo, Modesto e Sudário, comerciantes e produtores de banha e embutidos. Em 1945, ao perceber que a família se avolumava, começaram a buscar alternativas econômicas. Em Campo Erê instalaram uma fazenda, com criação de gado e porcos. Em 1946 inauguraram o primeiro açougue do distrito de Pato Branco.

— Naquela época meu pai e os irmãos caçavam — conta Isolda Viganó Pozza (2019), filha de Santo. — Uma vez pegaram uma anta e meu pai levou lá em Caxias, pra mostrar pro pessoal. E ela ficou por lá, andando na cidade.

Os porcos e bois eram abatidos e vendidos no açougue. O excedente da safra conduziam a União da Vitória.

João também construiu a serraria *União Viganó*, próximo a Itapejara. Em 1951 instalou um moinho em sociedade com José e Santo, Agostinho Bonatto, José Catusso e Ângelo Rech.

Santo foi vereador de Clevelândia, representante da vila de Bom Retiro. João foi vereador na primeira gestão municipal de Pato Branco. No papel de presidente da Câmara, assumiu a cadeira de prefeito, após a renúncia

de Plácido Machado. Modesto elegeu-se vereador para a gestão 1965 - 1968. Ulisses e Antoninho, filhos de João e Genoeffa Catusso, também foram vereadores. Valdemar, filho de Santo e Ana Catusso, também assumiu uma cadeira na Câmara. O ex-prefeito Roberto Viganó é filho de Ulisses.

Parte da propriedade de João Viganó foi doada para a instalação da escola Rocha Pombo.

Os irmãos José, Francisco e Vergílio Viganó chegaram em Pato Branco a partir de 1949. José, casado com Ida Bonatto, adquiriu da família Pimpão uma área na Fazenda da Barra, outra na vila de Pato Branco, onde construiu residência. Instalou a serraria São Roque, que em 1964 foi destruída num incêndio. Três anos depois ela estava reconstruída, com equipamentos mais modernos. José foi um dos fornecedores de madeira para a construção da igreja Matriz de São Pedro Apóstolo. Também atuou no ramo moveleiro. Em sociedade com Florentino Andreatta, ele montou a Marcenaria Cristo Rei.

MORETTI

Antônio Moretti, casado com Theodolina Irma de Marco, era comerciante, suinocultor e agricultor em Erechim-RS. Em 1948 visitou Pato Branco, acompanhado de Luiz

Anziliero, Máximo Pegoraro e Severino Barella. Em Lajeado Bonito — hoje no mapa de Itapejara d'Oeste — eles compraram 87 alqueires de pinhal e instalaram a serraria São Francisco de Assis. Em 1952 a sociedade se desfez e Moretti assumiu o empreendimento. Ele também comprou 53 alqueires de pinhais em Bom Sucesso e 300 em Verê, “vin-do mais tarde a perder esta área, por invasão de jagunços” (Voltolini). Em 1968, a família passou a atuar no setor de combustíveis, instalando os Postos Eiffel e Moretti.

A PRIMEIRA MOTORISTA

Toda cidade tem sua primeira motorista. A de Pato Branco é Isolda Viganó. Nasceu em Caxias do Sul-RS. Filha de Santo Viganó e Ana Rosa Catusso, contava 10 anos quando mudou-se para a *Capital do Sudoeste*.

— Eu era moça, tinha 15 anos, naquela época não tinha Detran, não tinha nada, só tinha um polícia, que deu a licença pro meu pai pra eu dirigir. O veículo era um Studer Baker. Era importado, mas era um carro já usado. Colocaram meu pai de juiz de paz pra fazer os casamentos que vinham do mato, aí todo sábado eu levava ele. (Isolda, 2019)

Conforme Rubens Camargo (2020), a segunda motorista de Pato Branco foi “D. Dora”.

— Tínhamos a tia Pasquina, que ensinava nós cantar em italiano. Nos criamos falando em italiano com ela. Aprendemos o brasileiro na escola. A turma se reunia pra tomar quentão. Se reunia no clube Pé de Poeira pra dançar. (...) Pra comprar fazenda, tinha uma loja de um tal de Bentinho Pinto. Não encontrava uma toalha de banho na cidade. Não tinha quem vendesse panelas. Trouxemos tudo do Rio Grande. (...) Tinha muita batata doce, a gente comprava dos caboclos. Com a abóbora, fazia chimia (doce). Tinha muito moinho de farinha de milho. Mas de trigo, não. Fazia broa de farinha de milho. Meus irmãos encilhavam seis mulas com bruacas e iam buscar na Argentina, pra lá de Barracão. Levavam seis dias. (Modesta Viganó, 2019. Nascida em 1930, ela chegou em Pato Branco em 1946. Casou-se com Esidro Pastro)



GUERRO

Luiz Guerre Sobrinho era madeireiro em Maximiliano de Almeida-RS. Em 1952 comprou 15 alqueires de terras no *Núcleo Dourado*, em Pato Branco, onde montou uma serraria com Avelino Vieira de Carvalho. Após a saída deste, associaram-se Cruzvaldino e Selvino, irmãos de Luiz. A compra de um lote de 10 mil pinheiros elevou a produção mensal a 600 dúzias de tábuas. Em 1968 desativaram a serraria e instalaram outra no município de Manguaçu. Mas na área havia muita disputa entre os "grileiros de pinheiros" (Fait Jr. 2019). Temendo pela própria vida, os Guerros deixaram o local e encerraram sua atividade madeireira.

ROLDO

Casado com Adelaide Rossi, em Nova Roma do Sul-RS, João Roldo mudou-se em 1946 para Pato Branco, onde comprou 48 alqueires às margens do rio Tamanduá. Associando-se ao cartorário Júlio Pagnoncelli, instalou uma serraria, movida pelas águas daquele rio. Após a dissolução da sociedade, a *Serraria Tamanduá* tornou-se *João Roldo & Filhos*. A empresa montou um time de futebol, que apresentava-se com a camisa do Vasco da Gama carioca. O time ganhou fama como Vasquinho dos Roldo. A formação da equipe esportiva ensejou a instalação de um clube social, com a mesma denominação.

THOMAZI

Aldino Formighieri Thomazi, nascido em Passo Fundo, foi um dos pioneiros gaúchos a chegar em Bom Retiro, no final da década de 1920. Casado com Helena Parzianello, em 1952 comprou uma serraria de Alexandre Martinello, numa área entre os atuais bairros Vila Verde e Pinheirinho. O maquinário era movimentado por uma roda d'água instalada no córrego Fundo. O equipamento foi modernizado com uma locomóvel, que mo-

.....
Pinheiros "copa-alta" em São João Batista (2020).

vimentava um *quadro Tissot*. Em 1962 a serraria foi vendida a Paulo Rotilli. Parte da área foi doada pelos Thomazi para a instalação da Fundação Pato-Branquense do Bem-Estar do Menor – *Fundabem*.

CHIOCHETTA

Albino Chiochetta chegou em Bom Retiro em 1924. Fixou-se em 1931 na área onde mais tarde seria construído o aeroporto. O local era coberto de pinheiros, e a família viu-se obrigada a derrubar alguns para poder cultivar a lavoura e a suinocultura. A atividade familiar era liderada por Adolfo, filho de Albino, casado com Elvira Miola. Em sociedade com Gomercindo Bedin, entre os anos 1953 e 1954, Adolfo e seus irmãos instalaram uma serraria com o objetivo de aproveitar seu potencial madeireiro.

Antônio Chiochetta era irmão de Albino. Seus filhos Ezílio, Avelino e Itacílio migraram de Paim Filho-RS para Pato Branco em 1948. Atuando com carpintaria, compraram uma fábrica de móveis de José e Ângelo Merlim. No mesmo local funcionavam mar-

cenaria e ferraria. Era a *Indústria Tupy*, movida por uma roda d'água instalada num dos afluentes do rio Ligeiro. Atuavam como sócios “Ariovaldo Zanol, o Ximango; Antônio Zanol, o Jagunço e Arnaldo Zanol” (Voltolini, 2000). Em 1956 os Chiochetta deixaram a empresa para montar a *Serraria Cruzeiro*.

Dentre outras atividades, Adolfo foi presidente da Cooperativa Agropecuária Guarany – CAPEG. E Ezílio teve um destaque memo-

rável no esporte local. Em 1981 ele presidia o Pato Branco Esporte Clube, quando o time conquistou o título de Campeão Paranaense de Futebol, 2ª Divisão.

SETTI

Além dos serradores, havia também os profissionais de venda da madeira. Dentre eles, Paulino Setti, casado com Vidinha Marcela Leonardi. Originários de Maximiliano de Almeida-RS, migraram para Pato Branco em 1952, com os filhos Aristeu e Letícia. Depois nasceram Hélio, Olinda, Roberto e César. Paulino iniciou-se no negócio da madeira transportando para Curitiba, Joinville e Itajaí. Como a atividade era intensa, obrigou-se a contratar mais dois caminhões para vencer a demanda. Vitimado por uma doença que impediu-o de dirigir caminhões, passou a atuar como taxista e, mais tarde, a criar vacas leiteiras. Vidinha era quem tirava o leite, enquanto os filhos distribuíam nas residências. Inicialmente a pé, depois a cavalo, de charrete e finalmente com um fusca.

Havia outros distribuidores de leite na cidade. Dentre eles, Cristiano Leonardi, Bilo Rossoni, Daniel e Juvelino Pagnocelli, João Scarabelot, além das famílias Copetti, Oldoni, Scopel, Koslinski e Tumelero. Após a instalação da Cooperativa Agropecuária Guarany – CAPEG, em 1965, os produtores locais foram proibidos de distribuir o leite.



Nas últimas décadas, muitas famílias italianas de Pato Branco vêm-se reunindo em festas periódicas. Aqui, evento comemorativo dos Chiochetta, em 2019. Presentes, 295 pessoas.



Comboio de caminhões carregados de madeira serrada transita por uma estrada do Sudoeste. Os pinheiros aguardam o momento de tombar.

ACERVO OLAMIR PEDRO GUERIOS



Na fotografia de João de Paula — intitulada “Aquele é o último” — a dramática e irreparável agressão sofrida pelo Pinheiro do Paraná.

OUTRAS FAMÍLIAS PIONEIRAS

Muitas famílias do Sul estabeleceram-se em Vila Nova com casas de comércio, açougues, bares, marcenarias, ferrarias e fábricas de calçados, de banha e de bebida. Outras partiram com o objetivo de cultivar a terra, instalando-se em terras previamente adquiridas por meio de amigos ou corretores.

Entram outras famílias citadas por historiadores locais está a de Isaías Mazzotti, que estabeleceu-se em Vila Nova em 1938. No mesmo ano chegaram Ângelo e Josefina Copetti. Ainda em 1938, Laurindo Curzel, casado com Dileta Gazola, e Rodolfo e Marta Dietrich. Em 1940, Guerino Zandoná e Odila Bernardon Zandoná. No mesmo ano chegou Sétimo Izoton — “representante dos Fogões Walter” (Pozza, 2004). Em 1945, Oswaldo Pastro montou em Vila Nova uma ferraria.

Pozza conta que ao instalar-se em Pato Branco, em 1946, conheceu a funilaria de Daniel Pagnoncelli, as alfaiatarias de Fioravante Michelin e Valdomiro Dall’Igna, a *Casa Paulista*, de Antônio Silveira de Moura, o *bar de Leoni Staischmidt e Virgulino* e o *bar de Chico Deus*. As casas comerciais de Zacarias Koslinski, Felício dos Santos, José Antônio Comin, Irno Gross, Paulo Fleituk, Nicolau Flessak, irmãos Kicher e irmãos De-toni. As selarias de José Valicheski e Guilherme Guzzo. Havia Comercial Auto Peças, das famílias Formighieri, Zandoná e Pastro. E a marcenaria de Basílio Iakemiu.

Na década de 1940 o vilarejo já contava com escritórios de contabilidade. Havia os contadores Jacy Rodrigues Ferreira, Ismael Carneiro e Aparício Henriques. Pozza diz ter feito serenatas com os contabilistas Henrique Schuartz e Gabriel e seu amigo Virgulino, que “tocava e cantava, se comovia e desandava em choro”. Nessa época também havia os bares de Ricieri Morelato e Chico Baiano, a sorveteria de Pedro Sartori, a oficina mecânica de Zenneti e as padarias de Estefano Banki e da família Kruger. A farmácia Santa Leocádia, de Antônio Pilar Cardoso. Os hotéis *Estrela*, de João e Olinda Correia, *Paraná*, de Paulina e Constante Andreatta, e *Brasil*, de João Vaz. Também havia o hotel *Glória*.

TATTO

Pedro Tatto e Escolástica Scatolin eram de Palmeira das Missões-RS. Pedro e seu pai, Giuseppe, trabalhavam com moagem de trigo e milho. Um acontecimento fortuito, do ano de 1924, iria conduzi-los à região de Pato Branco.

— Um dia apareceu lá um tropeiro, brasileiro velho, do Passo da Alemoa, da beira do rio Chopim. Meu pai era um rapazote de uns 19 anos, e aquele tropeiro comprou dele um cavalo bão, encilhado, por cem mil réis. Disse que ia pra Santa Maria vender cavalo e burro e na volta passava pagar. Como era tropeiro conhecido, meu pai deixou fiado. (Júlio Tatto, 2020)

Passados três anos, o comprador não voltou e Pedro decidiu subir ao rio Chopim

ASSOCIAÇÃO DOS MADEIREIROS

No início da década de 1960 os madeireiros estavam insatisfeitos com as taxas cobradas pelo governo federal. Em telegrama ao presidente João Goulart, o vereador Victor Sylvio Biasuz solicitou medidas para evitar a paralisação das serrarias e o consequente desemprego de “seis mil operários” e “trinta mil pessoas” dependentes da indústria madeireira. Visando fortalecer a classe, em 8 de junho de 1963 foi criada a Associação dos Madeireiros e Beneficiadores de Madeiras do Sudoeste do Paraná, presidida por Olindo Moisés.

Sittilo Voltolini descreve os profissionais à frente de uma serra fita com produtividade de 100 dúzias de tábua/dia:

— 4 para rolamento das toras e embarque na grade de serragem; 3 no comando de funcionamento da serra; 2 na circular; 2 na destopadeira; 4 para transporte, por vagonete da madeira para o pátio de gradeação; 4 para o próprio serviço de gradeação; 2 a 4 para o banho da madeira para exportação; 2 para retirada de costaneiras, refil da circular e destopadeira e lixo em geral; sem mencionar o afiador e travador de serra, o foguista, onde havia locomóvel, e ainda o mecânico de bordo, sempre pronto para atender a qualquer emergência.

ACERVO JÚLIO TATTO



Em 1950, Bodas de Ouro de Giuseppe Tatto e Marcolina Castanhara. Eles são o casal sentado (centro, esquerda). Em pé, no centro, Pedro Tatto e Escolástica Escatolin. A cerimônia foi conduzida por Frei Honorato (centro, esquerda, em pé). Com a bola, à direita, Júlio Tatto. Dentre os presentes estão Adolfo Chioqueta, Orlando Sambugaro, José Dal Molin e Joana Dalla Costa.

cobrar a dívida. Seus companheiros de viagem foram Isidoro Kitner e Isaías Massotti. Encontraram o velho, porém ele estava sem dinheiro e ofereceu 80 alqueires de terras pelo cavalo. Tatto aceitou, mas após fechar o negócio retornou ao Rio Grande, pois estava com o casamento marcado com Escolástica. Em 1930, com a filha Lúcia já nascida, o casal partiu numa carroça. Após uma viagem de 40 dias, chegaram à propriedade do Chopim. Mas Pedro decidiu morar mais próximo a Vila Nova. Comprou 60 alqueires de Pedro José Vieira, numa área que abrange parte dos atuais bairros Fraron e Bortot. Durante alguns meses a família morou na estrebaria de Vieira, até construir sua própria casa. E Tatto tornou-se sócio de Pedro Bortot num moinho e numa serraria. Também plantou roças de milho, feijão e mandioca, que eram cultivadas por Escolástica.

— Enquanto meu pai cuidava do moinho e da serraria, minha mãe pegava meus irmãos gêmeos, José e Maria, colocava nos cestos do cargueiro e ia pra roça. Um vizinho nosso era o Damas Chagas, um velhinho petiço, que tinha também uma égua petiça, que levava

o feijão de cargueiro pra vender em Clevelândia. Fazia o cesto e forrava com folha de taquara. Uma vez meu pai foi junto, comprar ferragem pra serraria. Chegando lá, não quiseram comprar o feijão. E o velho perguntou o que fazer. Meu pai disse, “Abra o cesto e esparrame na rua”. O Damas disse, “Mas eu preciso levar uma lata de querosene e uma bolsa de sal”. Meu pai falou que o dinheiro pro sal ele dava, e o querosene ele emprestou. E o feijão ficou na rua! (Júlio)

Pedro também trabalhava com safra de porcos. 20 alqueires de sua propriedade constituíam uma invernada, que alcançava o atual posto de saúde do Bairro Bortot. Quando comprava porcos na região de Mangueirinha, o rio Chopim era vadeado a nado.

— Se era cachaço grande — diz Júlio — cortavam as presas. E costuravam os olhos, pra não enxergar e não estourar a tropa. Daqui meu pai levava pra Clevelândia. Mas o dia-a-dia dele era vortear pela invernada, com facão na cinta, cortando erva. Depois ia na casa dos amigos ensinar fazer contas. Tinha ido só três dias na escola, lá no Rio Grande, mas aprendeu a fazer contas!

Pedro também montou uma fábrica de refrigerantes, ou *gasosaria*, sociedade com Orlando Sambugaro. Fabricavam bebidas de vários sabores, inclusive de banana. E instalou uma fábrica de vassouras com Riciere Bonfante. Júlio Tatto e Sambugaro circulavam pela região vendendo refrigerantes e vassouras. Depois Pedro alugou a gasosaria à família Cantu.

Pedro e Escolástica tiveram os filhos Luiz, Júlio, José, Maria, Antônio e Mário. Luiz faleceu aos 8 anos, vítima de uma “varicela recolhida”, segundo Júlio.

PIASSA

Vitório e Clementina Piassa, oriundos de Bento Gonçalves e Cruz Alta, respectivamente, chegaram em Bom Retiro em 1932. Com eles seguia o filho, Vítor Getúlio. E também o pai de Clementina, Clemente Saracini, em cujas carroças transportaram a mudança. Em Passo da Pedra compraram 60 alqueires de terras. Nos dois primeiros meses hospedaram-se numa casa de Pedro Soares. A residência dos Piassa foi construída no sistema rústico da época: tábuas lascadas, coberta com tabuinhas.

Enquanto Vitório trabalhava com safras de porcos, colhia erva-mate e iniciava o corte de madeira com serra manual — foi um dos primeiros moveleiros de Pato Branco — chegavam mais filhos: Osmarina, Osmar, Osvaldo, Ampélio, Aurélio, Zelino, José Eurides, Maria Zeli, Oscar e Zélia. Vitório era especialista na instalação de serrarias, serviço para o qual era frequentemente procurado. Abriu casas comerciais em Renascença e em *Chá de Gralha* — atual cidade de Itapejara d'Oeste. Numa área comprada de Pedro Martinello, em Passo da Pedra, montou sua própria serraria.

Vitório é um dos signatários da medalha de Cidadão Honorário de Pato Branco, por serviços prestados à comunidade.

No ano de 2016, em terreno da família, à margem da estrada que conduz a Itapejara d'Oeste, foi instalado o *Parque Estadual Vitório Piassa*, ou *Parque do Alvorecer*.



Em 1950, Ford 1937 de Raimundo Cadorin, carregado de toras. No para-choque, o garoto Ivo. Outros representantes da família: Alfredo, Almir, Antônio, Venício, Aquelino e João. Ao fundo, Iolanda, Alvira e "Nona Tereza". Também constam Alzemiro e Pedro Caldato e José Camargo.

FRARON

Giuseppe Fraron nasceu em Bento Gonçalves-RS. Quando fez o título de eleitor, ele teve seu nome alterado para José. E foi com esse nome que tornou-se conhecido quando mudou-se para Pato Branco, em 20 de outubro de 1942. Mas antes casou-se com Regina Pozzer, e com ela formou uma família de 14 filhos. Iniciaram a vida de casados em Piratuba, então distrito de Campos Novos-SC.

O filho Giovanni nasceu em 1927. Em seu relato (2019), ele revela as dificuldades dos agricultores de Piratuba.

— O lugar em que nós morávamos era tudo perau, na encosta do rio Pelotas. A família era grande e não dava pra viver todos na casa do Nono. Um dia a gente estava na roça, carregando milho num cesto pra levar até o cavalo. Caí e deixei rolar o cesto, aí meu pai disse pra minha mãe, “A vida que passei até agora, os filhos tão passando. O Pedro (irmão) vendeu aqui e foi embora. Vamos também vender e achar outro lugar”. Aí combinaram e vieram pra Pato Branco.

Na saída para o Paraná, Giovanni também teve seu nome adulterado.

— Era tempo da Segunda Guerra Mun-

dial. O governo do Getúlio Vargas proibiu as línguas estrangeiras. Ninguém podia falar. Quem tinha até 14 anos fazia o documento na família, junto com os pais. O meu, que já tinha 15, tinha de fazer individual. O que fizeram? O delegado disse, “Vai ser brabo andar na estrada com nome italiano. Guarde a certidão, mas fazemos um novo documento”. Como Giovanni, em brasileiro, é João, fiquei João. E vim pra cá como João Fraron. Quando fui me alistar em Clevelândia, mudaram de novo meu nome. Mas nessa época eu já era conhecido como Joanim. Vem do dizer italiano, Giovanim!

De José Dal Molin, parente dos Fraron, foram comprados 65 alqueires de terras. Mas na chegada, José Fraron sentiu um velho problema no braço.

— Era dado a caçar e pescar e dormia na beira do rio no tempo antigo. Pegou reumatismo. Tinha dado milhão de entrada no negócio, mas falou que queria voltar. Eu e a mãe falamos que não tinha como voltar. “Já que viemos, vamos ficar!”. Ficamos aqui, e a cidade veio vindo pro nosso lado.

Foram morar “num paiolão torto”, semi-destruído por uma tempestade, próximo ao

3 de junho de 1950. Diante da pipa de cachaça, de bombacha, o prefeito de Clevelândia, Crescêncio Martins. No centro, José Fraron com a esposa, Regina. Joanim Fraron está à direita, de roupas brancas. Martins estava fazendo campanha política no distrito de Pato Branco. “Com a vitória de Getúlio Vargas, Bento Munhoz da Rocha e Antônio Anibelli, José Fraron cedeu o local onde foi feita uma churrascada com oito bois, mandados pelo prefeito Crescêncio Martins” (Pozza, 2004). À esquerda, panelão no qual os Fraron cozinhavam a comida dos porcos. Neste local foi instalado o Parque de Exposições de Pato Branco.



atual Parque de Exposições. Começaram cultivando roças de milho e criação de porcos. Nos primeiros dias, o leite de uma vaca crioula, que haviam conduzido desde Piratuba, ajudava no combate à escassez alimentar.

A área adquirida era coberta de pinheiros, o que dificultava o plantio da lavoura. José resolveu o problema cedendo as árvores às serrarias dos Bedin e dos Chiochetta.

Na fonte da atual *Gruta Frei Galvão* eles apanhavam água para levar à roça. Socavam uva com os pés na fabricação de vinho, lascavam pinheiros para fazer cercas.

Somando-se às dificuldades iniciais, em 1946 chegou uma nuvem de gafanhotos, que devorou tudo que era vegetal.

— Aí meu pai inventou de plantar cana. Disse, “A cana, se o gafanhoto come, vem de novo”. Aí botamos alambique, com um engenho de cana tocado a boi.

Após os gafanhotos, surgiram os “ratos da taquara”, que atacavam as roças de trigo. Para garantir a comida, passaram a colher as sobras do trigo concedidas pelos vizinhos. Nos anos seguintes, uma das fontes da renda familiar foi a erva-mate.

— Ali onde é a Associação da Cattani tinha uma rodinha d’água que o pai comprou do Dal Molin. Tinha quatro mãos de pilão pra socar a erva. E a vida ia pra diante, pra trás, fazia o que podia pra catar uns troquinhos. Depois instalamos um dínamo, que fornecia energia pra vizinhança.

Joanim havia saído de Santa Catarina alfabetizado, o que lhe possibilitou trabalhar como professor. Em 1949 foi nomeado para a escola de Canela, região de Renascença. Comprou um sítio e mudou-se para o local. As aulas eram ministradas na capela do povoado. E a vida não era fácil.

— Não aguentei o repuxo. Tinha de ir a cavalo buscar o salário na Prefeitura de Clevelândia. Pra piorar a situação, deu uma bronca de terras, tive de vender o sítio. Aí voltei morar com meu pai, fazer cachaça. Mas aproveitei o dinheiro da venda do terreno e montamos um bodegão aqui embaixo, perto de onde hoje tem o viaduto. A gente fazia rolo, troca, vinha o viajante vender, me embrulhava nas compras. Tomei cada esfrega! Criado na roça, não tinha prática de comércio.

A arte entrou na família com os sopros de uma velha gaita de oito baixos, tocada por José. Joanim aprendeu com ele o maneio do instrumento.

— Uma vez fui comprar vinho em Bento Gonçalves, aproveitei e fui na fábrica da Escala. Aí virei representante. Vendia gaita na bodega. Comecei a fazer força pra aprender a tocar, pra facilitar a venda. Fazia o pedido, mandavam de ônibus de Erechim, em cima, no porta-malas.

A bodega tornou-se referência da região. Muitos dormiam na varanda e no galpão dos Fraron.

— Veio um que tinha tomado um tiro, e

por sorte pegou numa moeda que tinha no bolso da camisa. Fez um furo na moeda e não entrou. Outro foi trazido pendurado numa vara, que se machucou no mato. Mas apodreceu na cama, por falta de recurso médico.

Junto à bodega foram instalados campo de futebol e cancha de bocha. Também havia uma fonte, onde os cavaleiros levavam os animais tomar água. Os tocadores de porcos também aportavam “lá no Fraron”. E no decorrer dos anos a área tornou-se Bairro Fraron.

Joanim buscava porcos em locais distantes. Deixava o caminhão em Campo Erê e seguia “praqueles fundões”. Também havia os que conduziam a porcada em tropas até o mangueirão junto à bodega. Quando formavam um bom número, eles eram transportados de caminhão até União da Vitória e Curitiba.

— Era um trabalho meio esquisito, mas era o que corria moeda, o nosso ganha-pão. Mas o meu pai não gostava de caminhão. Não descansou até eu vender. Aí me separei

GRUTA FREI GALVÃO

— Tinha uma bica d’água. Ficava num canto do nosso terreno. De repente resolveram fazer um negócio mais caprichado. Fizeram uma arrumação, um bueirinho pra ir lá pegar água da vertente. A partir de 2003 a paróquia e a Sociedade Rural acharam por bem formar essa gruta. (Joanim Fraron, 2019)

do grupo da família e fui trabalhar sozinho. Comprei outro caminhão e fui puxar frete.

Mais tarde Joanim tornou-se motorista de ônibus da Cattani. Fazia linhas para Chapecó, Curitiba e Medianeira.

— Depois veio a lei da gravata, meu Deus! Agora tinha de botar uma gravata pra poder dirigir o ônibus!

Deixou os ônibus, comprou uma Ae-rowillys e tornou-se taxista. Nos últimos 15 anos de sua vida profissional, foi o responsável pela Associação Cattani. Sua parte da herança dos pais, Joanim trocou por uma casa no Bairro Fraron e um apartamento no Centro.

— Pensei em ir morar lá, mas não fui. Em apartamento não dá nem pra tocar gaita!

Com Irema Lavezo, Joanim teve os filhos Sílvio, Valdir, Leni, Helena, Alvino, Eleni e Cecília. Com Julia Wrubleski, o filho Márcio.

BONATTO

Constantino Bonatto e Pierina Canterlle Bonatto casaram-se em 30 de abril de 1938, na comunidade de Santa Lúcia do Piaí, interior do município de Caxias do Sul-RS. Nesta comunidade nasceram quatro filhos: Deonira, Waldir, Luiz e Zulmira. Trabalhavam como lavradores. Em agosto de 1949 a família mudou-se para Pato Branco. Seguiam com eles os pais de Constantino, Augustinho Bonatto e Irene Menegotto, além dos irmãos Evaristo, Marcolino e Ana. Em 1950 Augustinho e filhos fundaram a empresa *Moinho Oeste Paranaense*, sociedade com João Viganó, iniciando a moagem do trigo no povoado em janeiro de 1951. Sua *Farinha Oeste* foi fabricada por mais de cinco décadas, distribuída em todos os estados do Sul.

Nos anos subsequentes, Constantino e Pierina tiveram mais seis filhos: Carmen Maria, Antoninho, Cláudio, Wilson, Rosilene Maria e Terezinha Maria.

Em 1960 Constantino elegeu-se vereador, exercendo em 1963 a presidência da Câmara Municipal. Em 1973 ele doou um terreno para a instalação do *CTG Carreteando a Saudade*. Na mesma época foi construído

Família de Félix e Maria Balbinotti (sentados, ao centro). À direita de Félix, a filha Lúcia. À esquerda de Maria, Gentil Antônio. Em pé, desde a esquerda, os filhos Wilson, José, Rosa, Santo, Egidio e Adelice.



um campo de futebol em terreno da família. Era o *Campo do Bonatto*, empreendimento particular, mas utilizado em competições esportivas comunitárias.

Em 1970 Constantino fundou a *Indústria de Massas Rei*, em sociedade com Ulisses Rech e Julio Bolson.

Dentre outras obras comunitárias, Constantino e Pierina apoiaram a construção da igreja de São Pedro, do hospital São Lucas, da igreja Cristo Rei e da capela São Vicente.

Constantino e sua esposa sempre residiram em chácara, localizada entre os bairros Industrial e São Vicente, área que transformou-se no *Bairro Bonatto*.

BALBINOTTI

Muitos descendentes dos europeus que migraram para o Brasil no século XIX buscaram nas últimas décadas as suas raízes nos países de origem.

Giles Balbinotti pesquisou na região de Belluno, cidade de Farra d'Alpago, Itália, e lá encontrou gerações muito antigas. Iginio Balbinot e Anna Dal Pra são pais de Giovanni Balbinot. Giovanni casou-se com Rosa Sandini. Eles são pais de Giuseppe, que casou-se com Rosa Mingotti. Giuseppe e Rosa tiveram o filho Félix, que desposou Maria Camicia. Dessa união nasceram Lucia, Santin, Gentil (pai de Giles), Adelice, Egidio, Santo, Rosa, José e Wilson.

Félix Balbinotti nasceu no município de Guaporé-RS, em 1911. Mudou-se com a fa-

mília para Paim Filho-RS, onde conheceu Maria, sua futura esposa, em 1934. Trabalhavam com roça de milho, arroz e trigo e criação de porcos. Em 1942, “para bem cuidar da família, começaram a jornada nômade em busca de um novo lugar para lograr êxitos” (Giles, 2020). Inicialmente migraram para a cidade de Salto Veloso-SC. Maria lecionava na capela do povoado.

— Vendaval e perda na lavoura ocorreram nesta fase.

Mas a fé e a esperança prevaleceram. Em 2 de fevereiro de 1954, Félix comprou cinco alqueires de pinheirais de Guerino Zandoná e Valdomiro Formigueri em Vila Nova de Pato Branco. E a família partiu para conhecer a nova morada.

— Algo lhes dizia que a chegada seria triunfante, alegre e esperançosa.

A viagem durou 15 dias, num comboio de carroças que transportava 15 pessoas. Levavam enxadas, foices e arados para o trabalho na lavoura. Atrás das carroças seguiam vacas e cachorros.

— Muitos acontecimentos de emoção e superação aconteceram. A terra dos sonhos, com fertilidade para a lavoura, clima bom e agradável (apesar do inverno rigoroso) para a prática da agricultura e da pecuária, tornaram-se realidade.

Além de Félix e Maria, seguiram para Pato Branco os irmãos de Félix: Albino, Antonio, Adolfo, Amabile, Joannin, Pedro, Líbera, Terezinha, Angelina, Lucia, Luiz, José, Adele, Pierina, Oliva e Santana.



Na fotografia de João de Paula, em primeiro plano, Colégio Castro Alves em construção. No centro, Baixada Industrial. No alto, soltando fumaça, serraria da família Gugelmin.

No início a família habitou um paiol com estrebaria. E já na chegada, Félix matriculou os filhos no colégio Rocha Pombo. A família arregaçou as mangas e partiu para o trabalho. Cuidar da criação de porcos, tirar leite das vacas, plantar o trigo, o milho, a mandioca, o parreiral. Os produtos restantes do provimen-

— A Nona Maria fazia *chimia*⁽⁹⁾ de pêssego, de maçã, de pera (que gostoso) com as frutas do pomar. Esta chimia sobre os pães saborosos, que eram assados no forno de argila feito pelo Nono Félix, encantava a todos. Já o Nono era apaixonado pelo vinho... tanto que produzia seu próprio líquido precioso. Tinha parreiral com vários tipos de uva e boa quantidade. A produção permitia que fosse comercializado na cidade. Começou com os filhos e depois, na década de 70, continuou com os netos, que lavavam bem os pés nas gamelas de madeira (produzidas pelo Nono) e entravam nas pipas para pisotear as uvas, fazendo o processo de esmagamento da fruta até sair o líquido. Os pés ficavam vermelhos no final do processo. (Giles Balbinotti, 2020)

(9) No original alemão, schimier — doce de fruta caseiro. Na Serra Gaúcha, onde instalaram-se alemães e italianos no século XIX, muitos termos de um idioma foram emprestados pelo outro.

to familiar eram vendidos de casa em casa, com o auxílio da carroça ou a cavalo.

— Nona Maria tinha suas vacas, que garantiam o leite fresco para a família, para os terneiros e ainda sobrava para vender na comunidade. As vacas geravam muito leite, que a Nona vendia para alimentar muitas pessoas e também para conseguir alguns réis, ou cruzeiros. A filha Rosa levava os litros de leite nas costas para fazer a entrega. Depois, o Wilson assumiu a entrega de leite com um cavalo ensinado.

A cidade desenvolveu-se e a chácara dos Balbinotti tornou-se loteamento. Parte da área foi doada e nela instalada a primeira faculdade de Pato Branco - FACICON.

SAMBUGARO

Orlando Sambugaro casou-se com Amabile Balbinotti, em Paim Filho-RS. Em agosto de 1945 transferiram-se para Pato Branco. Nessa época já tinham os filhos Dorvalino e Gentila. Após longa viagem de carroça, pousaram na casa de Recieri Picolli. Compraram terras na área correspondente ao atual Bairro Sambugaro. Trabalhavam na lavoura e produziam leite e queijo, que eram vendidos na vizinhança. Orlando tornou-se sócio de Pedro Tatto numa fábrica de bebidas, no

atual Bairro Aeroporto. Após 12 anos, vendeu sua cota na empresa e foi trabalhar como carpinteiro. Orlando e Amabile atuaram em muitos projetos comunitários, arrecadando prendas para as festas de São Pedro e auxiliando na cozinha da paróquia. Dentre seus 10 filhos, destaca-se Izaltino Sambugaro, que durante vários anos exerceu o papel de delegado de polícia em Pato Branco.

CANTU

Os irmãos Luiz e Vercílio Cantu partiram do Rio Grande do Sul para Iomerê, região de Videira - SC, onde montaram um selaria. Luiz era casado com Maria, com quem teve os filhos Arlindo, Ivo, Elvino, Udir (Baru), Nilze e Alvacir. Após o falecimento da esposa, Luiz seguiu com os filhos e Vercílio para Pato Branco. Em segundas núpcias, Luiz casou-se com Helena Biscaro, com quem teve os filhos Marli, Marlene, Dalva Maria, Elso Luiz e José Carlos.

Em Pato Branco, Luiz e Vercílio instalaram o Bar Cantu. Com freguesia crescente, logo construíram um pequeno prédio e iniciaram uma distribuidora de bebidas. No transporte contavam com um F-6.

— Num dia de 1964, o Nono Félix pegou seu cavalo e com a carroça foi para a vila comprar mantimentos. No caminho parou na bodega do Luiz Gazzoni, na praça central. Foi comprar doce para os filhos. Recebendo o troco, escutou um alarido e o galope de um cavalo. Era o seu próprio, que “carpiu o gato”, ou seja, disparou com carroça e tudo, após se assustar com forte ventania. Tomou o rumo norte, sentido da rua Itabira, fazendo curvas em duas rodas, não tombando por milagre. Nono Félix saiu abanando o chapéu para que as pessoas parassem o cavalo, que, por sorte, passou pela rua Guarani, diante de uma agência bancária, onde casualmente estava em frente seu filho Gentil, que ali trabalhava. O Tile, conhecendo o conjunto cavalo e carroça, não teve dúvida: se lançou à frente do cavalo, abrindo os braços, e finalmente parando o animal, que “tremia mais que vara verde”! (Giles Balbinotti, 2020)

— Precisava empurrar o caminhãozinho pra pegar fogo — conta Iracy Cantu (2021), que casou-se com Baru em 1959. Ela é a 12ª filha de Santo Bertol e Cezira Ferrari.

Baru participava da banda “Os Tropicais”, como baterista. Mas também gostava de futebol. Ainda adolescente foi fazer teste numa equipe profissional de Curitiba. Estava prestes a assinar contrato, mas preferiu voltar a Pato Branco. Circulou na cidade a notícia de que o motivo foi a paixão por Iracy.

Ela tinha 13 anos quando conheceu o futuro marido. Ele, 19. Aconteceu numa festa de São Pedro. Enquanto o povo divertia-se com foguetes, bolos, frangos recheados, música e dança, Baru e Iracy trocavam *telegramas* (bilhetes), com o apoio de uma amiga comum.

— Depois ele começou a passar com o caminhãozinho dele lá na frente de casa — recorda Iracy (2021).

Casaram-se em 1959, quando ela completava 16. Em 6 de junho de 1960 nasceu o primeiro filho, Robson — atual prefeito de Pato Branco. Depois vieram Gisele, Jefferson e Péterson.

Numa tarde de sábado de 1961, Baru estava diante do armazém dos Granzotto, comprando alguns produtos.

— Ele pegou uma batatinha na mão,



Baru (com faixa do Inter) e seu filho Robson.



Udir (Baru) e Iracy Cantu, pais de Robson Cantu, atual prefeito de Pato Branco.

olhou, e perguntou pro Granzotto, “Quem é que traz esses produtos pra você?”.

Era um vendedor de União da Vitória, que aparecia periodicamente em Pato Branco. Baru perguntou a Granzotto se lhe compraria frutas e verduras, caso ele fosse buscar em Curitiba. O comerciante disse que seria muito bom, porque poderia ter mercadorias frescas toda semana. Baru começou a viajar ao CEASA em busca daqueles produtos, dando início a uma das maiores distribuidoras de frutas e verduras do Sudoeste — a Cantu Verduras.

— Me lembro como se fosse hoje, a primeira carguinha que ele trouxe. Uns dez sacos de cebola, uns dez de batata, caixas de tomate, e foi nos mercadinhos vender. E eu fiquei olhando da janela, torcendo que ele vendesse tudo. E vendeu. Mas ele teve um grande parceiro da rádio Colméia, que era o João Gualberto. Ele anunciava, “Ô, meu povo, ta chegando o rei da verdura, vamos ter batata, cebola, até maçã argentina”. Vinham de carro, de ônibus, de Campo Erê, de Coronel Vivida. Fechavam a rua, de tanto carro que aparecia. Se sobrava mercadoria, ele ia ao Banco do Brasil, abria as caixas e

vendia pros clientes e funcionários. Também contratava uma piaçada para sair pela cidade vendendo em redes.

Iracy enviou os filhos para estudar no CEFET, em Curitiba, mas eles acabaram voltando a Pato Branco para auxiliar o pai. Nos anos seguintes, utilizando ferramentas modernas de comercialização, os Cantu formaram um dos maiores grupos empresariais do Paraná. Abriram filiais em Cascavel, Chapecó, Florianópolis, alcançando o Nordeste brasileiro. Dentre outras iniciativas, montaram revendas de vinhos e pneus, uma granja de frangos e uma indústria de conservas — esta em São Jorge do Oeste - PR.

REDIVO

Augusto Redivo era originário de Meleiro-SC, filho dos imigrantes italianos Bonifácio Redivo e Rosa Viel Redivo. Casou-se com Iria Cossa Redivo, de Urussanga-SC, filha de Rodolfo Cozza e Assunta Sangaletti.

Originalmente agricultor, Augusto tornou-se funcionário de serraria e caminhoneiro. Após seu casamento com Iria, em 1954 mudaram-se para Pato Branco. Tiveram os filhos Celestino, Antônio, Delfino, Dirce Valentina, Marilde, Nelson, Moacyr José, Walmor e Gilmar.

Augusto teve participação ativa na construção da igreja de São Pedro, disponibilizando seu caminhão para o transporte de materiais. Também integrou a comissão de festas da igreja durante vários anos. No final da década de 1960 fundou o *Britador São Pedro*, no Bairro São Vicente — depois transferido para o Bairro Copasa. A pedra britada foi fornecida para centenas de construções e de calçamentos da cidade de Pato Branco e da região.

A partir de 1978, com os filhos Antônio, Delfino e Nelson, ele passou a integrar a empresa *Dimarel Distribuidora de Máquinas Redivo Ltda*, fornecedora de móveis, máquinas para escritório e eletrodomésticos, com filial em Chopinzinho-PR.

Em 1980, a Dimarel tornou-se *Patomaq Equipamentos para Escritório Ltda*. Conces-

sionária Olivetti para Pato Branco e região, passou a atuar com processadoras eletrônicas, tornando-se a primeira empresa de informática instalada no Sudoeste. Nessa época passou a processar os dados das eleições, em parceria com a Rádio Celinauta. Em 1990 a empresa foi escolhida pelo TRE para processar os votos do Sudoeste, num projeto piloto do processamento eletrônico das eleições no Paraná.

A Patomaq também foi selecionada, com outras nove empresas de Curitiba, a integrar o grupo que implantou o *Projeto de Qualidade em Serviços* com a ISO 9000 para empresas de software. Seu *software integrado*, denominado *Sistema Administrativo para Comércio e Indústria - SACI*, foi relacionado pela revista *Byte Brasil* entre os 500 melhores softwares do Brasil. E a Patomaq passou a denominar-se *Byte Brasil Informática Ltda.*

A família Redivo também criou as empresas *Redimaq* e *Karimóveis* (móveis e máquinas para escritório) e *Redipel* (papelarias).

Na área social, Augusto atuou na fundação do Albergue Bom Samaritano, do Lar dos Idosos e do SOS Vida. Pelos seus serviços prestados à comunidade, em 2004 recebeu o Título de Cidadão Honorário de Pato Branco.

GUERIOS

Pato Branco também contou com famílias do Oriente Médio em sua formação. Em 1942 o árabe Jorge Guerios Sobrinho e sua família deixaram a vila de Poço Preto, próximo a União da Vitória, para morar em Vila Nova.

Jorge era casado com Paulina Webber, com quem teve os filhos Lourival Luiz, Osiris José, Laudimir José, Olaumir Pedro e Jorge Tadeu. Foi trabalhar na transportadora *Irmãos Mussi*, da qual seu irmão Zacarias era sócio. Em 1945 a sociedade se desfez e a família de Jorge obrigou-se a voltar à sua origem. Em 1947 retornaram a Pato Branco, e Jorge foi auxiliar na construção do primeiro posto de saúde do povoado — no local onde hoje se encontra o Fórum da Comarca de Pato Branco. Dentre outros serviços, Jorge captava água num rio próximo, em tambores

Em 30 de outubro de 1981, Iria e Augusto Redivo (agachados).

Em pé, desde a esquerda, os filhos Gilmar, Walmor, Moacyr José, Nelson, Marilde, Dirce Valentina, Delfino e Antônio.



de 200 litros, e transportava de carroça até a construção. Era a única carroça puxada por cavalos. As outras da vila eram tracionadas por bois, segundo Olaumir (2020).

A construção durou dois anos. Em seguida, Jorge instalou uma bodega. Depois trabalhou na fábrica de banha de João Penso e na criação de porcos de Francisco Calomene. Após o falecimento deste, o mangueirão de porcos — instalado em terreno alugado da família Pagnocelli — foi adquirido pelos irmãos Gabriel (José, Francisco e Ângelo), os maiores produtores de porcos da época. Essa área corresponde ao *trevo da Guarani* e imediações. Jorge trabalhou cerca de 20 anos com os Gabriel, criando e transportando porcos ao frigorífico da família.

ZANELLA E CHICOSKI

Cecília Zanella — filha de Adriano Zanella e Ludovica Resinski — nascida em 1931, no município de Getúlio Vargas-RS, tinha 16 anos quando foi aprender bordado numa localidade próxima a Erechim. Ao retornar, constatou que havia gente estranha administrando o moinho do povoado. Poucos dias depois, enquanto se dirigia à igreja, conheceu o novo moageiro — o homem com quem em breve iria se casar.

José, filho de Teófilo e Bronislava Chicoski, nasceu em 1924. Casou-se com Cecília e seguiram para o distrito de Carlos Gomes, município de Erechim. José instalou uma bodega. No contraturno dos negócios, atuava como alfaiate. E com ele Cecília aprendeu a costurar.

Em 1954 o casal seguiu para Pato Branco, onde já moravam Bronislava e João Resinski, avós maternos de Cecília. José fazia ternos; Cecília, vestidos de noivas, além de calças, camisas e bombachas. Diz que ensinou a mais de 700 pessoas a arte de corte e costura. Atuou mais de cinco décadas nessa profissão.

— Eu era a costureira da cidade. Tem médicos, dentistas, que me dizem, “Dona Cecília, quanto uniforme você fez pra mim!”. E vinha gente de fora pra costurar e também pra aprender comigo. Naquele tempo não havia butique, era tudo feito pela costureira. Aí comecei a ensinar. Pegava umas quatro ou cinco aprendizes, até sete. (Cecília, 2019)

Era grande o volume de migrantes que chegava do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. E muitos deles, com famílias inteiras, hospedavam-se na residência dos Chicoski. Aos poucos sua casa configurou-se numa pousada, que mais tarde converteu-se no hotel Alvorada.

— Os homens diziam, “José, eu quero pousar aqui”. E o José, “Sim, tem uma cama, mas tem que dois dormir juntos. Porque não é hotel, não é nada!” E eles ficavam. Quando juntamos um pouco de dinheiro, compramos outra cama e botamos uma janela, mais uma cama, outra janela. Aí pediam, “Posso dormir no corredor?”. Eu dizia, “Se querem dormir sobre os pelegos, tudo bem”.

Cecília também decidiu instalar uma bodega, para atender os clientes da pousada. Mas os recursos eram escassos.

— Eu disse pro José, “Vou lá no meu pai e ele vai me emprestar milion”. Falava assim naquela época. Cheguei e disse, “Pai, nós queremos botar bodega”. Ele respondeu, “Eu te empresto milion e depois você me paga”. Cheguei em casa com esse milion e disse pro José comprar umas ripas, não precisava ser de luxo, pra fazer um balcão e uma prateleira. Falei, “Vai lá no Pozza, compra um tanto de mercadoria, botamos uma garrafa aqui, outra lá”, só pra mostrar que era uma bodega. A cada dia o José levantava cedo e ia no Pozza buscar um pouco e enchia mais as prateleiras.

Com a evolução da clientela, as atividades na alfaiataria e no ateliê de costura tornaram-se secundárias. Os rendimentos crescentes, e José decidiu construir um prédio.

— O José e o Fazolin fizeram os primeiros prédios de dois andares aqui em Pato Branco — continua Cecília. — O José queria construir e eu dizia, “Mas como, com quê?”. Ele pegou um caminhão e foi lá no Chopin, encheu de pedras. Fez umas valas e colocou aquelas pedras pra começar. Aí buscou em Erechim dois construtores. Não sei como fizeram, porque naquele tempo não tinha cimento! Depois de pronto, instalamos o hotel Alvorada e nossa bodeguinha do lado. Comprávamos num bar feijoadada pronta, bucho, de tudo que podia esquentar. Quando dava meio-dia, era tanta gente pra comer que ficava uns lá fora, esperando.

O hotel/restaurante dos Chicoski é um raro exemplo de empresa que fechou devido ao próprio sucesso.

— Deu tanta gente, tanto movimento, que

nós tivemos que fechar, porque não aguentava mais. Aí o José foi fazer lotação pras escolas. Quando começou, não tinha ninguém que fazia isso, ele inventou. Comprou uma Kombi e começou a levar os alunos. Depois comprou outra e botou motorista. Aí foi em Dois Vizinhos e comprou um ônibus. Depois entregou pro filho mais velho e disse, “Chega de lidar com lotação!”. E foi pra São Paulo, comprou um carro novo e virou taxista. Mas não ficou muito tempo. Começou a comprar casas velhas, desmanchava construía outras casas pra vender.

PETRYCOSKI

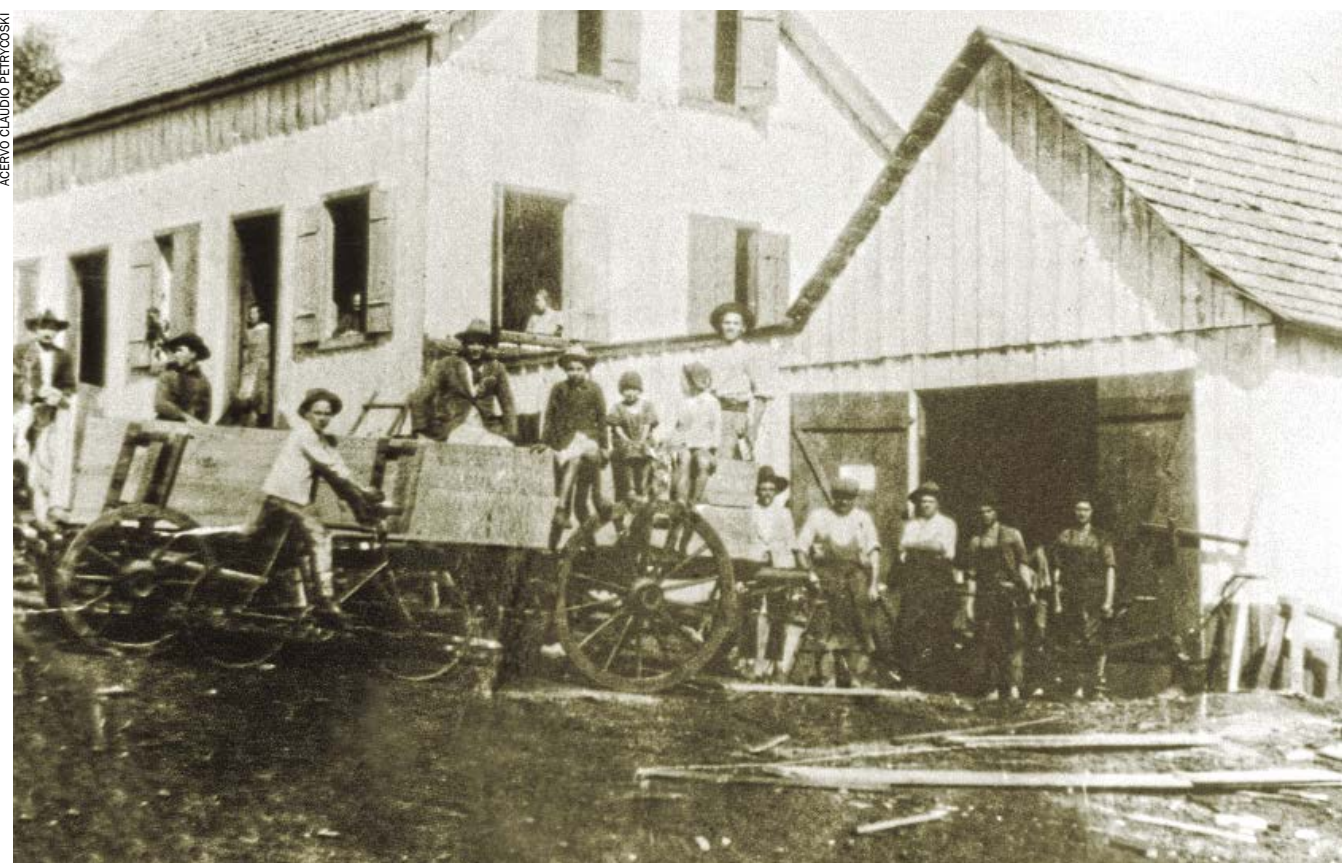
Descendente de poloneses, Theóphilo Petrycoski era originário de Erebang-RS. Em 1940 casou-se com Maria Luiza Crestani, com quem teve os filhos Terezinha, Florentino, Jandira, Salette, Cláudio, Irani e Valdir.

Theóphilo iniciou sua vida profissional montando uma pequena metalúrgica, num imóvel de 70 m, com chão de terra batida. Em 1945, com o apoio de três funcionários e

alguns aprendizes, já estava produzindo carroças, charretes e implementos para a agricultura — tração animal. Nessa época passaram a consertar e a montar fogões a lenha, com metais adquiridos em Porto Alegre. A carência de aço no mercado, no período da II Guerra Mundial, levou Theóphilo a promover inovações. Colocou seus funcionários na busca de tambores e latas pela região de Erebang. Passado no fogo, amolecido e endireitado com marretas de madeira, esse material era utilizado como matéria-prima na pequena fábrica.

— No início da década de 1940 o Brasil não tinha siderúrgica. As chapas laminadas vinham da argentina. A Krupp alemã, por meio do ministro de Relações Exteriores, ofereceu pro Getúlio instalar uma siderúrgica no país, mas ele ficou *cozinhando*. Quando veio o presidente Roosevelt, em 1943, eles fecharam aliança e surgiu o projeto da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, com o apoio do governo norte-americano. (Cláudio Petrycoski)

Em 1949, observando o grande volume de



Ferraria e funilaria de Theóphilo Petrycoski em Erebang-RS. Início da década de 1940.



Maria e Theóphilo Petrycoski, sentados, ao centro, acompanhados de seus familiares.

gaúchos que migrava para o Paraná, Theóphilo rumou a Pato Branco. Em 1950 instalou a Theóphilo Petrycoski e Cia Ltda, numa casa de madeira bruta, de 80 m². Num lado da casa efetuava consertos de fogões e também os produzia. Fabricava calhas, alambiques, formas, tachos, baldes, chaminés e outros produtos metalúrgicos. No outro lado instalou comércio de materiais de construção, onde vendia também cerâmicas e utensílios domésticos.

Theóphilo viu sua aposta em Pato Branco vitoriosa em 1952, nas comemorações da

emancipação política do município. Nessa época, algumas peças dos fogões Petrycoski passaram a ser cromadas e esmaltadas em indústrias de Porto Alegre.

Em 1953, o fogão *Gabinete Petrycoski* conquistou o primeiro lugar no Setor da Indústria Metalúrgica na Exposição e Congresso Internacional do Café, em Curitiba, durante os festejos do Centenário do Paraná. Nessa época a empresa produzia cerca de 40 fogões por mês, num trabalho duro, que iniciava de madrugada e podia estender-se às 21 horas.

Em 1955, Theóphilo ganhou um automó-

vel num sorteio da empresa J. A. Pens, de Porto Alegre, da qual era cliente. Aproveitou o dinheiro da venda do veículo para adquirir matéria-prima e ferramentas.

Em 1963 a empresa transferiu-se para a rua Brasília, num barracão de 800 m². Em 1968, devido ao grande número de pedidos, a empresa passou a fabricar somente fogões, deixando de lado os outros produtos. No mesmo ano, adquiriu um forno de esmaltação, com capacidade para 25 fogões/dia. Em 1970 já produzia 300 fogões/mês.

Em 1971 a fábrica começou a utilizar a energia gerada por uma hidrelétrica, comprada de Mário Fontana. Nesse ano Theóphilo passou o comando da empresa a Irani.

Uma das maiores vendas de fogões de todos os tempos foi realizada em 1972. A família Muffato, de Cascavel, adquiriu 500 unidades.

Em 1979 a razão social da empresa foi alterada para Indústria de Fogões Petrycoski Ltda. E a fábrica foi passada à gerência de Valdir. Em 1981 Irani deixou a empresa, e as instalações foram transferidas para a margem da BR 158, Km 521, no distrito de São Roque do Chopim.

Em 1985 a direção foi assumida por Cláudio. Ele iniciou uma série de inovações, que iriam dar grande impulso à empresa. Em maio de 1986, com a euforia momentânea do Plano Cruzado — governo José Sarney — comemorou-se a produção de dois mil fogões.



Valdir Petrycoski com modelos produzidos pela Indústria de Fogões Petrycoski — a maior fábrica de fogões a lenha da América Latina — sob sua administração.



Da família Petrycoski também destacou-se Florentino. Em seu auge, ele foi um dos maiores empreendedores do Sudoeste.



Em 1987 Cláudio comprou as máquinas e as ferramentas da fábrica de fogões Walter, de Muller Irmãos, de Curitiba.

Quando começou a produção de fogões a gás, a indústria finalizava 15 unidades diárias desse modelo. Três semanas depois, já produzia 40/dia. Em 1991 iniciou a exportação para países da América Latina. Em 1993 es-

Vivaldino Rossoni e Sueli Dallagnol casaram-se em Tapejara-RS. Em 1974 mudaram-se para o povoado de Rondinha, em Pato Branco. Em 1976 transferiram-se para São Roque do Chopim. Vivaldino (2019) conta como era a produção de fogões nessa época.

— Fiz de tudo lá na Atlas. Puxar panela, quebrar ferro, esmerilhar chapa. Fazia fogão a lenha e industrial. Fundia o ferro, depois a turma arrancava, ia pra outro setor pra esmerilhar, tirava a ferrugem, moldava as argolas, o tampão, os entremeios da chapa. Tudo era moldado na areia. Socava, tirava o molde de baixo, fechava, ficava um buraco de cada lado, aí vinha com umas panelas feitas de barro, com ferro derretido a 1.500 graus, despejava no buraco até encher. Dali saía a chapa. Aí fazia as laterais, as grelhas, os pezinhos. Polia tudo e descia pra montagem. (...) Pouco antes de eu sair, começaram a fazer fogão a gás. Entrei como servente e saí como supervisor.

tava produzindo cerca de 350 fogões a gás e 200 a lenha diários.

Em 1994 a empresa recebeu da Associação Comercial e Industrial do Paraná o *Prêmio Excelência Empresarial*. Em 1995 a produção foi ampliada para 500 fogões a gás e 250 a lenha/dia.

ATLAS ELETRODOMÉSTICOS

Em 1996, com grande festa na Exposição Comercial, Industrial e Agropecuária de Pato Branco – Expopatato, a empresa Petrycoski anunciou a mudança de sua denominação para *Atlas Indústria de Eletrodomésticos Ltda*. Em 1997 ela conquistou o *Prêmio Top de Marketing*, da Associação dos Dirigentes de Venda e Marketing – ADVB-PR, com o projeto *Fênix*. Em 2002 a Atlas obteve a mesma premiação.

Na comemoração de seu cinquentenário, em 2000, a Atlas já posicionava-se como a maior indústria de fogões do Sul do Brasil, exportando seus produtos para mais de 30 países. Em 2001 já eram três mil fogões produzidos ao dia. Em 2002 a Atlas foi a única indústria brasileira a obter o conceito "A" nas avaliações da Conpet/Inmetro em toda a linha de produtos, no lançamento do *Programa de*

Acima, Atlas Eletrodomésticos, em São Roque do Chopim/Nova Espera, à margem da PR-158.

.....

Certificação em Segurança e Economia”.

Em 2003 a empresa voltou a diversificar seus produtos, com a aquisição do processo produtivo (da massa falida) da Enxuta — lava-louças, lava-roupas e secadoras de roupas — de Caxias do Sul-RS, que passou a denominar-se Atlas Sul. Também implantou uma unidade montadora desses produtos em Feira de Santana-BA.

Em 2006 a Atlas foi citada pelo Programa Nacional de Racionalização do Uso dos Derivados do Petróleo e do Gás Natural – Conpet, pela exemplar economia proporcionada pelos seus produtos.

As inovações tecnológicas constantes têm mantido a indústria Atlas altamente competitiva no mercado de fogões. Além do design arrojado, segundo o padrão das melhores marcas, a empresa prima pelo desempenho e pela economia de energia em toda a linha produtiva.

A fábrica de fogões a lenha localiza-se no Parque das Indústrias, sob direção Valdir Petrycoski. Ela detém o título de maior fabricante de fogões a lenha da América Latina.

Uma vida empreendedora

Cláudio Petrycoski tornou-se uma das personalidades mais citadas da cidade de Pato Branco nas últimas décadas, pelo seu sucesso como industrial e pela atuação diferenciada como líder comunitário. Ele tem desenvolvido diversas ações visando o desenvolvimento da região, nos mais diversos setores.

Cláudio nasceu em Vila Nova de Pato Branco em 1949, ano em que seus pais, Theóphilo e Maria Luiza Petrycoski, migraram de Erebangó-RS. Enquanto o pai desenvolvia seu trabalho na ferraria, Cláudio crescia entre os meninos do centro da vila, brincando nos banhados formados pelos riachos que desciam ao centro. Na adolescência auxiliou o pai na produção semi-artesanal de fogões a lenha, acompanhando a evolução da empresa Petrycoski, embrião da Atlas Eletrodomésticos. Em 1985, quando tornou-se presidente da empresa, ele foi ao Rio Grande do Sul em busca de profissionais da empresa Venax, com o objetivo de consolidar a Atlas como indústria de ponta no setor. Em seguida, a São Paulo, onde contratou ex-funcionários da Continental. Depois a Curitiba, em busca dos profissionais da Prosdócimo.

Cláudio mostrou sua disposição em atuar a favor na comunidade logo que assumiu a diretoria da Atlas. O Pato Branco Esporte Clube solicitou um patrocínio e o empresário não somente aceitou, como também fez um adiantamento para três anos. E passou a patrocinar equipes esportivas locais e regionais. À medida que a Atlas avançava em novos mercados, estendiam-se os apoios a projetos esportivos, culturais e sociais. Nos últimos anos Cláudio vem incentivando atle-

tas individuais e equipes esportivas, como o Pato Futsal e o Pato Basquete. Em reconhecimento a esses apoios, foi convidado a conduzir a Tocha Olímpica (Rio 2016) na cidade de Pato Branco.

No setor empresarial, Cláudio obteve vários títulos. Em 2001 recebeu a medalha do Mérito Industrial, concedido pelo Sistema FIEP. Em 2002 conquistou o Prêmio Top de Marketing, reconhecimento pelo Projeto João de Barro, baseado em ações de *endomarketing*. No mesmo ano, recebeu o Troféu Empresarial no Fórum Nacional de Líderes Empresariais, de Belo Horizonte. Em 2003 foi considerado líder nacional no Setor de Eletrodomésticos. Em 2004 recebeu a medalha do Mérito Industrial Nacional, concedido pela CNI – Confederação Nacional da Indústria.

Petrycoski foi o primeiro coordenador regional da Federação das Indústrias do Paraná – FIEP, cargo que exerceu durante vários anos. Também presidiu o Sindimetal Sudoeste por quatro gestões. Nesses cargos, encabeçou várias iniciativas para valorizar empreendedores, desburocratizar os negócios e reduzir a carga tributária, combatendo a corrupção e o “Custo-Brasil”. Também promoveu intercâmbios culturais entre Brasil e Polônia e liderou iniciativas que resultaram em investimentos da FIEP no Sudoeste. Atuou quatro anos na presidência do Fórum de Desenvolvimento de Pato Branco. Foi presidente da Agência de Desenvolvimento do Sudoeste e também presidiu o Instituto Regional de Desenvolvimento Econômico e Social – IRDES.

Em parceria com a Prefeitura de Pato Branco e empresariado local, Cláudio participou do pro-



Cláudio Petrycoski: apoio à cultura, ao esporte e ao desenvolvimento social e econômico de Pato Branco e do Sudoeste paranaense.

cesso de ampliação do Aeroporto Juvenal Cardoso. E atua no projeto *White Duck Connection*, que visa a “internacionalização de Pato Branco”, com parcerias e intercâmbios em outros países.

Também foi o idealizador e principal responsável pela construção do portal em homenagem a Ludwik Lejzer Zamenhof, criador do Esperanto, no distrito de Nova Espero.

Em apoio ao setor de pessoal da Atlas, inaugurou no Sudoeste o transporte gratuito dos funcionários e proporcionou a vários deles ajuda de custos para ingressar no ensino superior.

Por meio da Atlas, Cláudio também tem incentivado a arte e a cultura, patrocinando ações desenvolvidas pelos institutos Guerra/Petrycoski. Apoiou a produção de inúmeros livros — inclusive este — e a realização de shows com grandes nomes da música brasileira.

Na área social, Cláudio vem auxiliando financeiramente entidades assistenciais de Pato Branco e de Coronel Vivida. Ele também atuou na estruturação do Hospital do Câncer de Pato Branco, fazendo doações e promovendo campanhas de arrecadação.

Petrycoski possui um dos maiores acervos particulares de automóveis antigos do Brasil. Periodicamente eles são expostos visando a arrecadação de alimentos para entidades beneficentes.

Dentre outras honrarias, recebeu os títulos de Cidadão Benemérito do Paraná e Cidadão Honorário de Pato Branco e de Coronel Vivida.

Em reconhecimento ao incentivo que proporciona ao esporte regional, Cláudio Petrycoski foi convidado a acender em Pato Branco a Pira Olímpica. Evento relacionado às Olimpíadas do Rio de Janeiro, de 2016. Atrás dele, patos brancos em trajes de gala.



ACERVO MARCELO DA SILVEIRA DALLE TETZE

MULHERES PIONEIRAS

Enquanto os homens travavam uma luta diária contra o mato, as estradas ruins e a falta de dinheiro, as mulheres também batalhavam para manter a família viva e saudável.

Nos primeiros anos em Pato Branco, as condições de alimentação eram precárias e não havia assistência médica, exceto os serviços de curandeiros e parteiras. A saudade das famílias deixadas no Sul apertava. Era necessário apaziguar o sentimento de ter abandonado uma vida de relativo conforto para aventurar-se numa terra selvagem. Notícias de assassinatos chegavam com frequência e o perigo rondava.

— Algumas tinham mesmo de ser acalmadas à base de remédios para superarem aquelas crises de melancolia e saudades. (Votolini)

Havia também a dificuldade de comunicação. A maioria dos gaúchos que estabeleceram-se em Pato Branco só falava italiano. Nas lides diárias, viam-se na necessidade de conversar com os *brasileiros*. As crianças aprendiam o idioma português na escola.

PODER E LIBERDADE

No decorrer dos anos as mulheres adquiriram poderes e liberdades, alcançando posições notáveis no setor público de Pato Branco — inclusive na Câmara Municipal e na Prefeitura — nas diretorias escolares, nas universidades e nas empresas.

Como exemplos de empresárias, destacam-se Odete Rotava, Delise Guarienti Almeida e Erotildes Vezaro.

ODETE ROTAVA

Filha de Vitório José Alberti e Ernesta Funini, Odete nasceu em 1941, em Coronel Freitas, comarca de Chapecó-SC. Casou-se no mesmo povoado com Oliden Rotava.

— Montamos uma lojinha, que foi o começo da nossa vida. (Odete, 2021)

Após o nascimento das filhas — Olidete, Olivete, Elisabeth e Odilete — foram administrar uma serraria em Campina da Alegria,



Jovens de Pato Branco divertem-se numa festa gaúcha no Clube Operário, em 1962. Ineide Andreatta, Loiva Caldart, Ieda Cavazolla, Eva Dalmoro, Marlene Pagliosa e Ana Maria Barbieri.

próximo a Joaçaba-SC.

— Eu era dona da serraria, junto com meu marido. Era um pouco professora, um pouco catequista, cuidava das crianças. Quem chegava bem limpinho, eu dava bolo. Quem não chegava limpinho, eu dava banho. E depois dava um pedaço de bolo, é claro!

Após quatro anos, Oliden montou uma serraria em Campo Erê. No início da década de 1970 transferiu a empresa para Pato Branco. Mas nessa época a atividade madeireira já estava em declínio, e a opção econômica foi instalar uma granja de frangos.

— Começamos com 200 pintinhos, que não sei de onde apareceram. Começamos a criar em casa, e pegamos gosto pelo trabalho.

Adquiriram um pequeno frigorífico e passaram a abater frangos. Foi este o início da *Avícola Pato Branco*.

— Eu vendia na cidade, numa cesta, coberta com um pano. Vendia nas casas e nos açougues.

Após adquirir um frigorífico em Araucária, os Rotava fizeram a primeira exportação de frangos do Paraná para o Kwait.

Na evolução do negócio, construíram um incubatório e passaram a produzir seus próprios pintinhos.

Nessa época entrou como sócio Joé Ro-

tava, irmão de Oliden. Após a divisão da empresa, Joé continuou com o frigorífico, enquanto Oliden e Odete ficaram com o incubatório. Além dos pintinhos, eles passaram a vender para granjas os ovos *galados*, ou fertilizados. Pintinhos e ovos agora eram exportados para vários países.

Após o falecimento de Oliden, em 1989, o empreendimento foi assumido por Odete. Em 1992 ela passou a gestão às filhas Odilete (administração), Olivete (produção) e Elisabeth (recursos humanos). Nesse período a produção anual era de 6 milhões de pintinhos/ano, com o apoio de 52 funcionários. Em 2021, a avícola produz 66 milhões de pintinhos e 84 milhões de ovos férteis, que são exportados para África, Oriente Médio e Mercosul.

Em apoio aos seus 430 funcionários, a empresa instalou a escola APB, que lhes oferece ensino da 1ª Série ao 2º Grau.

EROTILDES VEZARO

Erotildes Bernadete é filha de Severino e Delmira Cavazzola. Comerciantes em Paim Filho - RS, transferiram-se para Pato Branco em 1952, quando "Tide" completava sete anos. Montaram a loja Princesa, com venda

de tecidos e armarinhos.

Após formar-se na Escola Normal, Tide fez o curso de letras em Palmas e tornou-se professora. Durante alguns anos deu aulas no colégio Castro Alves. Também atuou como diretora escolar e colaboradora em várias entidades filantrópicas. Foi tesoureira do Hospital do Câncer num período de 12 anos.

Aos 22 anos, Tide casou-se com Lorentino Vezaro, com quem teve o filho Rodrigo e as filhas Simone e Gisele.

Lorentino trabalhava como motorista de caminhão, puxando madeira para União da Vitória. Em 1963 comprou a Kombi do cidadão que fazia o transporte coletivo de Pato Branco, e deu prosseguimento à atividade.

— Na época era tudo estrada de chão — diz Tide (2021). — Quando chovia, tinha de acorrentar a Kombi.

Ampliando seu negócio, Lorentino comprou mais duas Kombis e contratou motoristas. Na garagem construiu uma oficina mecânica, e ele próprio consertava os veículos. Em seguida adquiriu um ônibus e dispensou as Kombis.

O transporte estendia-se do Bairro São Cristóvão, passando pela Avenida Tupi e tomando a rodovia até o distrito de São Roque do Chopim. Nos anos seguintes a malha de destinos expandiu-se para vários bairros, e a frota foi aumentando.

Em 1965 o transporte coletivo tornou-se subordinado à Prefeitura. A cada 10 ou 15 anos, a empresa necessitava obter uma nova licença. Em seu auge, Vezaro contava com 23 ônibus.

Quando Tide aposentou-se, em meados da década de 1980, assumiu a administração da empresa, atividade que exerceu durante 30 anos. A dinâmica adquirida em sala de aula, ela passou a utilizar na administração empresarial. Todos os anos promovia eventos de integração com os funcionários.

DELISE GUARIENTI

Delise Guarienti Almeida é filha de Carlos Ângelo Guarienti e Rosina Dallagnol Guarienti. A família é originária de Severia-

no de Almeida, município de José Bonifácio-RS. Eram treze irmãos: Alide Ambrosio, Lady Simão, Lurdes Terezinha, Elice Josefina, Delise Maria, Alice Paulina, Claci, Soeli Inês, Lino Leopoldo, Milvo Ciro, Teresa, João Carlos e Jocely de Cássia. Em 1952 mudaram-se para Vila Bonita, que “nessa época era maior que a vila de Pato Branco” (Delise, 2020). Carlos era caminhoneiro, puxava lenha para a locomóvel fornecedora de energia elétrica da cidade. Também buscava migrantes da região de Erechim.

Em 1959, aos 14 anos, Delise foi trabalhar como balconista e faxineira na casa comercial de Adolfo Pozza. Aos 19 anos tornou-se gerente, permanecendo na empresa até 1980. Num dia em que a funcionária responsável pelos depósitos bancários ausentou-se, Delise foi ao Banco do Brasil levar o malote e conheceu o gerente, Carlos Antônio Almeida Ferreira. Em 1968 eles se casaram.

Nos anos seguintes, Delise também destacou-se como proprietária da primeira escola de inglês de Pato Branco. E como editora do jornal Diário do Sudoeste.

Pelo seu trabalho à frente de um jornal

isento de cor partidária e dedicado à comunidade, ela recebeu o título de Cidadã Honorária de Pato Branco e cidadã honorária do Paraná. Em nível estadual, também foi honrada com a *Ordem do Pinheiro*.

DIÁRIO DO SUDOESTE

O jornal Diário do Sudoeste nasceu como Gazeta do Sudoeste, fundado em 1986 por Ângelo Celeste. Em 1992 foi adquirido por Delise Guarienti Almeida. Três anos depois o nome foi alterado para Diário do Povo. Mas como havia um jornal com o mesmo nome em São Paulo — ocorreu uma demanda judicial pelo nome e Delise perdeu — em 2005 o de Pato Branco voltou a ser Diário do Sudoeste. Desde o ano 2000, é dirigido por André Augusto Almeida Ferreira, filho de Delise e Carlos Antônio Almeida Ferreira.

Durante alguns anos, o jornal promoveu uma premiação dos profissionais e empresas com maior destaque, escolhidos por meio de pesquisa de popularidade. O informativo também criou o Diarinho, encarte direcionado ao público juvenil.



Erotildes Vezaro, Odete Rotava e Delise Guarienti Almeida.

De 2000 a 2007 esteve em atividade o Instituto Carlos Almeida, criado pelo Diário para incentivar a leitura e a escrita de crianças e jovens.

— Tinha 17 municípios que mandavam alunos pra participar de eventos em nosso auditório — conta Delise. — Fazíamos palestras com promotores, juízes, prefeito. Cada palestrante falava de suas profissões.

— Promovíamos concursos de redação e desenho — acrescenta André. — Os trabalhos eram acompanhados por uma equipe pedagógica, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. O Diarinho tornou-se material complementar em sala de aula.

Como incentivo à escrita, as produções dos alunos eram publicadas no jornal.

Também no ano 2000, o Diário passou a qualificar as mulheres dos bairros para a produção de bolsas de pano bordadas. Uma equipe percorria os bairros promovendo os treinamentos. O Diário oferecia máquinas próprias para a confecção das bolsas. As bordadeiras trabalhavam num anexo da sede do jornal. Recebiam panos e fios, produziam as bolsas, vendiam e ficavam com o dinheiro.

O Diário realizou outras atividades comunitárias com entidades públicas e privadas, como associações, Rotary e universidades. Dentre os trabalhos oferecidos, assistência médica e jurídica nos bairros, com a participação de acadêmicos.

PRIMEIRA ESCOLA DE INGLÊS

Em 1979, quando o filho, André, tinha sete anos, Delise Guarienti Almeida decidiu que era o momento de ensinar-lhe inglês. Como não havia na cidade uma escola de idiomas, ela criou o Instituto Cultural de Pato Branco, por meio do qual foi instalada a primeira escola de inglês da cidade. Eram também ministradas aulas de alemão e italiano. Os professores eram integrantes de um intercâmbio internacional, que Carlos Almeida vinha organizando desde a década de 1960 por meio do Rotary. Em busca de um método mais avançado de ensino, Delise foi a São Paulo e obteve uma franquia da escola Fisk.



São inumeráveis os cidadãos e cidadãs que dedicaram parte de suas vidas ao desenvolvimento intelectual, econômico, social e cultural de Pato Branco. Nesse universo destaca-se Carlos Antônio Almeida Ferreira, cujas iniciativas foram de grande proveito à comunidade local. Na fotografia com sua esposa, Delise Guarienti Almeida.

CARLOS A. ALMEIDA FERREIRA

Filho de Benedito Caeté Ferreira e Herundina de Almeida Ferreira, nascido em Belém-PA, em 1937, Carlos mudou-se para Pato Branco em 1964, como funcionário do Banco do Brasil. Alcançou o posto de gerente, mas em 1983 assumiu a diretoria estadual do BRDE do Paraná e ausentou-se da cidade. Entre 1990 e 1991, também foi diretor-presidente do Banco de Desenvolvimento do Paraná – BADEP e do Banestado.

Nesse período, à frente das regionais bancárias, Almeida destinou inúmeros recursos para entidades do Sudoeste. Também atuou na Federação Brasileira de Bancos – Febraban. Após aposentar-se voltou a morar em Pato Branco.

— Perguntei por que ele queria voltar — conta Delise (2020). — Ele disse que queria ajudar Pato Branco e o Sudoeste. Ele havia sido diretor financeiro do Rotary nos Estados Unidos. Como diretor da fundação rotária Brasil/Argentina, viajou por esses países. Ele tinha muitos contatos no meio empresarial do Brasil e do mundo. Sabia que havia muitos recursos a fundo perdido para projetos sociais, e que podiam ser trazidos a Pato Branco.

— Por meio do Banco do Brasil, o Almeida doou todos os instrumentos da Banda Municipal, que era dirigida pelo maestro Isaltino

de Souza. (Gilson Marcondes, 2020)

Almeida foi um dos mais persistentes candidatos a prefeito de Pato Branco. Em 1976, pelo MDB, com o vice Dileto Nichele. Em 1992 concorreu pelo PST, com Sebastião Bordin da Silva. Em 1996 candidatou-se pelo PSDB, com Daniel Cattani.

Ele foi um dos fundadores do Rotary de Pato Branco e ajudou a formar várias unidades rotárias na região. Também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e da Academia de Letras e Artes de Pato Branco. Recebeu o título de Cidadão Honorário do estado do Paraná e dos municípios de Curitiba, Clevelândia, Cornélio Procopio e São João do Ivaí. Pelos serviços prestados a Pato Branco, ele teve seu nome emprestado ao edifício da Câmara Municipal. A APAE do Bairro São Vicente também recebeu seu nome.

Dentre outros trabalhos, Almeida auxiliou na construção do ginásio da Fundabem e da igreja do Bairro Alvorada. Enquanto presidia o Banestado, doou ao Teatro Municipal de Pato Branco um piano de cauda. Também liberou verbas visando reformas e compra de móveis para o Lar dos Idosos, para a compra do terreno e a construção da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE e para a construção da Fundação de Esportes de Pato Branco – FESPATO.

Honra às famílias de Pato Branco

As famílias formadoras de Pato Branco chegaram em tempos diversos, em situações singulares, e nem todas foram publicadas. Nossa pesquisa buscou os nomes dessas famílias em jornais, livros, revistas e relatos da população local. Citamos os que chegaram ao nosso conhecimento.

Abreu, Acordi, Almeida, Aires Arruda, Alves de Andrade, Alves de Oliveira, Alves dos Santos, Amadori, América de Lima, Amoedo Canto, Ampessan, Anastácio, Andole, Andreatta, Andregueti, Antonietti, Antônio, Antoniolo, Antunes, Anziliero, Araújo, Arcari, Arruda, Artticipof, Aquinaza Saracini, Aver, Ayres de Mello, Bagatini, Baggio, Balan, Balbinotti, Baldin, Balinski, Banki, Barancelli, Barbinski, Barella, Barzilan, Basabe, Bassanez, Bassegio, Batista Menosso, Batistela, Batiston, Baubach, Bay, Bedin, Bellei, Belmonte, Benoski, Bernardi, Bernardon, Bertani, Bertol, Bertoldo, Bertolini, Bet, Betiato, Bez, Bianchi, Biavatti, Bilger, Boikinicki, Bonatto, Bonetti, Bonfante, Benoski, Bertani, Bodanese, Bolson, Bordignon, Bordin, Borge, Borsói, Bortolucci, Bortolini, Bortot, Borzatti, Boss, Branco, Braun, Brocco, Brunetto, Brustolin, Bueno, Burille, Burin, Busatto, Buzelatto, Buzetti, Cabral, Cabral Peres, Cadini, Cadarin, Caldatto, Calliari, Camargo, Camochena, Camozzato, Campos, Canakievicz, Canestraro, Cantu, Caprini, Caramori, Cardoso, Carneiro, Carneiro Pinto, Carnieletto, Carraro, Carvalho, Castanha, Castanhara, Castanho, Castanho de Araújo, Castioni, Cattani, Catusso, Cavalheiro, Cecchin, Celczuk, Cella, Cenci, Chicoski, Ceni, Cerutti, Chemin, Chiesa, Chiochetta, Chirutta, Ciquerello, Coco, Coelho, Colla, Colussi, Comin, Conte; Copetti, Cordeiro, Corona,

Corrêa, Correia, Cortele, Costa, Coutinho, Curzel, Cutchman, Czepanski, Dagios, Dalbosko, Dalla Costa, Dalla Valle, Dall'igna, Dal Piva, Dal Molin, Dal Pasquale, Dal Prá, Dal Puppo, Dall Ross, Dalolmo, Da Luz, Dama, Damasceno, Dambrowski, Danielli, Da Ré, Daru, Dauun, Debastiani, De Bortolli, De Carli, De Col, De Conto, Defranchescui, De Lar, De Marco, Del Sent, Detoni, Didati, Dietrich, Dom, Domeneguini, Domenes, Donadel, Dorigo, Dosciatti, Duarte, Dubena, Emerle, Ess Keulbeck, Estevan de Camargo, Fabian, Faccin, Faggion,

As tradições trazidas da Europa pelos imigrantes do século XIX incorporaram-se aos costumes dos moradores de Pato Branco. Durante a semana de Natal, a mais familiar das festas católicas, a cidade se enfeita para celebrar o nascimento de Cristo. É o *Natal Show!*

Fagundes, Falleiro, Fantinel, Farias, Farias Prestes, Fasolin, Fávero, Faversani, Favetti, Favim, Favretto, Feliciano, Ferrari, Ferraza, Ferreira, Ferreira Leão, Filakoski, Filipini, Fillus, Fioravante, Fiorese, Fiori, Fis-



Papai Noel surge na praça com seu trenó e renas, atendendo às expectativas da criançada. 2019.

O entorno da igreja é cuidadosamente preparado pela equipe da Prefeitura para a Semana de Natal. As crianças faziam fila para entrar na Casa do Papai Noel⁽¹⁰⁾ e contar seus desejos ao Bom Velhinho.

(10) A fotografias é de 2019. Em 2021 a Casa do Papai Noel pereceu num incêndio.

Fotografias: Rodinei Santos



cher, Fleituk, Flessak, Florisbello, Fonseca, Fontana, Formighieri, Formolo, Forselini, Fortuna, Fracaro, Fraga, Fragata, Fragata dos Santos, Framento, França, Francheski, Franciosi, Franzoni, Fraron, Freitas, Freire, Freitag, Fressato, Frigo, Fryde, Gabriel, Galão, Galeazzi, Galera, Galvan, Galvão, Gambetta, Garbin, Garcia, Gazola, Geraldi, Geron, Giacobbo, Giacomoni, Giasson, Gilliole, Girardi, Giroto, Godoi de Almeida, Góis, Gonçalves, Gonzaga, Gonzatti, Graeff, Fraffete, Grando, Granzotto, Griss, Groth, Guarienti, Guedes, Guerra, Guerreiro, Guerre, Gugelmin, Gusmão, Guzzo, Hard, Harnatch, Hartwig, Hass, Hecke, Henriques, Hilgert, Holek, Huffner, Hund, Iakemiu, Imidina, Inhoato, Iopp, Ioris, Iurkiewicz, Izoton, Jardim, Jansen de Sá, Jordani, Juglair, Justi, Kalinke, Kaminski, Kanitz, Karan, Karpinski, Karr, Kerber, Keulbeck, Kicher, Kill, Kirchhein, Kleinmaller, Knop, Koslinski, Koval, Kozelinski, Krause, Kroettker, Krüger, Kukndett, Lachmann, Lahude, Lamartine, Lara, Lattmann, Lavarda, Lazari, Lemes, Lemes do Amaral, Leonardi, Libardoni, Longhi, Lopes, Lora, Loregian,

Lorenzetti, Lorive, Loss, Loureiro, Loureiro Cardoso, Macagnann, Machauvesz, Mackiewicz, Manfroi, Mantovani, Marcante, Mariani, Marques, Marins, Martinello, Martins, Macário, Macário dos Santos, Machado, Malacarne, Marcelino, Marcondes, Mariano, Marmentini, Marquezin, Matiello, Matioda, Mattos, Mazzetti, Mazzorana, Ma-

zzotti, Mazurechen, Medeiros, Menegassi, Menegatti, Meneguetti, Menosso, Merlim, Merlo, Merlon, Mezzaroba, Michelin, Michelin, Milmann, Miola, Miotto, Miranda, Moca, Mocelin, Modena, Molossi, Mondardo, Montemezzo, Moraes, Mordaski, Morelato, Moresco, Moretti, Motin, Motizuki, Muchinski, Müller, Munareto, Munslinger,



A Sagrada Família também comparece à praça da Matriz para os festejos de Natal!



Mussi, Nascimento, Natal, Navroski, Nefle, Néri, Nesello, Neuri, Nichele, Norberto, Notle, Nunes, Ody, Oldoni, Oliveira Alves, Ostapiv, Ostoja Roginski, Padilha dos Santos, Padilha de Witt, Padoan, Paese, Pagliarini, Pagliosa, Pagnocelli, Pagnoncelli, Painin, Paixão, Palagi, Palauro, Palharin, Palma, Palowski, Parzianello, Parcianello, Pasa, Pasquali, Pasternack, Pastore, Pastorello, Pastro, Patoskei, Pavan, Pegoraro, Pelizzetti, Pelozzo, Peloso, Penso, Perazolli, Pereira, Perin, Pertile, Pesseti, Petrycoski, Pettry, Pezarico, Piacentini, Piassa, Piazza, Piazzoli, Picheti, Picoli, Picolo, Pinheiro, Pilar Cardoso, Pin, Pinto de Lima, Pintor, Pires, Pitta, Piva, Pizoni, Pognocelli, Polaro,

Polo, Pontes, Popiel, Popija, Portela, Pozza, Prates, Pontes, Prestes, Primon, Propodoski, Queiroz, Quevedo, Quintino, Rabelo, Rack, Radaelli, Ramal, Ramires, Real, Rech, Redivo, Reis, Renosto, Repka, Rezzardi, Ribas, Ribeiro, Ribeiro Damasceno, Rigatti, Rigon, Ringo, Rizzi, Roberto, Rodrigues, Rodrigues Prates, Rodrigues Ferreira, Rodrigues Jr., Rodrigues dos Santos, Roldo, Ronsoni, Rosanski, Da Rosa, Roselinski, Rossatti, Rossi, Rossoni, Rost, Rotava, Rotta, Rufatto, Sahud, Salomoni, Sambugaro, Sampaio, Sandri, Sangali, Santana, Santi, Saracini, Sartori, Sasso, Savinski, Scalabrin, Scaramelot, Scartezini, Scatolin, Scatolla, Scavronski, Schenatto, Schiavenin, Schiochat,

A festa de Natal é uma oportunidade para que artífices de fantasias, atores e atrizes de teatro — e todo jovem, criança e adulto que goste de representar — possam exhibir seus talentos ao grande público.

Schmidt, Schnorberger, Schuartz, Schuk, Schier, Schirmer, Schröder, Scopel, Servi, Setti, Sgarbosa, Sguarezi, Silva, Silva Machado, Silveira de Moura, Silvério, Simionatto, Simões, Simon, Sloboda, Slomochenski, Slonski, Smiderle, Soares, Sobieray, Sosnoski, Sostizzo, Souza, Spack, Sponchiado, Stachechen, Stadnik, Staischmidt, Stédile Freitas, Stral, Sutile, Tafarel, Tártari, Tasca,

Tatto, Teixeira, Teixeira dos Santos, Tele, Telles, Ten-Pass, Teodoro, Terres, Tesler, Thomazi, Thomazoni, Thomé, Tirlone, Tischá, Thomaz, Tomazelli, Tondello, Tonietto, Toniolo, Tonus, Tostanoviski, Tozetto, Tramontini, Trein, Trojan, Trombetta, Tumelero, Turcato, Ultramari, Upalo, Vacariano, Valêncio, Valicheski, Valmórbida, Vannetti, Vanz, Vargas, Varaschin, Vasco, Vaz, Veigas, Veller, Venâncio, Venazzi, Vendrúscolo, Ventura, Verona, Veronese, Vezaro, Vicari, Vidal, Vieira, Viater, Viganó, Vinarski, Viola, Vitorino, Yamamoto, Weber, Weiss, Wendler, Wichmann, Wigerts, Woélecek, Worliczke, Wrobel, Zamberlan, Zampoli, Zanardi, Zancanaro, Zanco, Zandoná, Zanelatto, Zanela, Zanol, Zapparoli, Zappi, Zenneti, Zanette, Zilio, Zoccha, Zoche, Zanin, Zolette, Zordan, Zucchi.



Comunidades rurais

Na chegada ao Sudoeste, os primeiros migrantes sulinos habitaram casas de pau-a-pique, feitas de galhos ou tábuas lascadas e cobertas com folhas de palmeira. Sobreviviam criando gado, plantando lavouras e vendendo seus produtos na cidade de Clevelândia, de onde voltavam com sal, açúcar, farinha de trigo, remédios e munição.

— As coisas melhoraram um pouco quando a casa comercial de José Dal Molin e Posídio Salomoni surgiu em Villa Nova. (Voltolini)

A hidrografia abundante e o desnível dos terrenos possibilitava a construção de moinhos para a industrialização do milho, do qual extraíam a quirera e o fubá. Na maioria das colônias havia pelo menos um moinho.

Quando os colonos chegavam às novas

terras, encontravam somente picadas no meio do matagal, o que impossibilitava o trânsito de carroças. As estradas eram construídas pelos próprios moradores, com enxada, foice, machado e picareta. Serviço a que já estavam acostumados em suas terras natais.

— Esta estrada (da cidade de Pato Branco a São João Batista), quem conservava eram os moradores. Nós fazíamos 45 dias no ano pra pagar o imposto da terra. Tinha uma valeta, ia lá trancar. Se você colocasse uma junta de bois, os outros arando a terra e puxando pra fechar as valetas, o serviço dos bois contava por meio dia de um trabalhador. Pagava os dias conforme a quantidade de terras que possuía. Porque a Prefeitura não tinha máquina, nem nada. Ali naquela primeira curva da estrada, arrancamos pinheiro a muque pra

poder emparelhar. Tinha o inspetor municipal que ficava cuidando o dia inteiro. (Derico Dalla Costa, 2019)

Para rachar as pedras grandes do caminho, eram preparadas grandes fogueiras, fragilizando a estrutura mineral. Derico conta que seu pai, Azelino, e seu tio Pedro, utilizaram esse procedimento numa área pedregosa do terreno da família, na abertura de um aqueduto para acionar um moinho. Na propriedade dos Bortot foi usada a mesma técnica.

— Quem montou o moinho foi o Augusto Peloso, vizinho nosso, com ajuda de um car-

Comunidades rurais de Pato Branco: Fazenda da Barra, Passo da Ilha, São João Batista, Nossa Senhora da Saúde, São Miguel da Cachoeirinha, Tiradentes, São Braz, São Caetano, Quebra-Freio, Linha Piacentini, Independência, Sede Gavião, Sede Dom Carlos, Salto Gavião, São Roque, Bela Vista, Linha Caprini, São Pedro de Alcântara, Nossa Senhora do Carmo, Linha Batistuz, Caçadorzinho, Linha Marmontini, Teolândia, Canhada Funda, Brocco, Terra Preta, Passo da Pedra.

Às margens do rio Chopim formaram-se várias povoações, como Santo Agostinho, Vila Caprini, Águas São Francisco, Linha Esperança, Serra da Ronda, Rondinha. Devido aos terrenos acidentados, a lavoura intensiva desenvolveu-se menos acelerada que em outras regiões de Pato Branco. Parte dessas terras foi ocupada por fazendas de gado.



Agricultor transporta lenha a cavalo pelo asfalto. “Gás de Cozinha”, fotografia de João de Paula.

Os colonos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina encontraram no Sudoeste paranaense as terras propícias às suas atividades agropastoris. Comunidades surgiram em todos os quadrantes de Pato Branco. Mas a partir da década de 1970 iniciou-se o êxodo em direção às cidades.

Das florestas cobertas de pinheiros e das estreitas trilhas por onde mal passava uma carroça, muito trabalho foi necessário para se chegar à condição atual: amplas áreas cultivadas e estradas asfaltadas, ligando a cidade às sedes das principais comunidades rurais.

Fotografia: Rodinei Santos.



pinteiro que meu pai trouxe do Rio Grande. Foi construído um pequeno açude, e a água descia por um valeta, com uns dois quilômetros de extensão. Foi feita a muque. E ali é tudo pedra. Meus irmãos tiraram toda aquela pedra, sem máquina, sem nada. Saíam cam-

PATO BRANCO EM THE ECONOMIST

Em matéria publicada na revista britânica *The Economist* (2016), o jornalista Jan Piotrowski destaca Pato Branco pelo incremento tecnológico levado ao campo. O asfaltamento das estradas rurais, ligando a cidade às sedes das principais comunidades, vem proporcionando ao interior do município grande semelhança com algumas áreas rurais europeias.

pear onde tinha um pinheiro caído, seco, e juntavam tudo quanto era nó e lenha forte. Faziam meio metro ou mais de nó, tudo bem enchido, ficava queimando dois dias e duas noites, e quando fazia aquele braseiro, tudo aceso, eles puxavam água e jogavam sobre o fogo. E a água no fogo estoura. Não dava pra ficar perto, tinha que jogar e ficar meio cuidando, porque às vezes soltava os pedaços. Aí rachavam as pedras e conseguiam tirar com alavanca. Ainda hoje, se for ali, acha a valeta. (Setembrino Bortot, 2019)

Nos primeiros tempos da migração gaúcha, a maior preocupação era a manutenção das famílias. A evolução econômica era interesse secundário. O que importava era ver os

filhos saudáveis e livres do perigo da fome e da violência. Depois, já estabelecidos, com a casa construída, as lavouras plantadas e os mangueirões fechados para a criação de porcos, no potreiro uma ou duas vacas leiteiras, surgiu a necessidade de dar aos filhos um reforço intelectual e também proporcionar-lhes o aprendizado religioso, preparando-os para o futuro. Na reunião dos anseios comunitários, construíram escola e igreja.

Nesse período inicial, pouco importava aos colonos o que estava ocorrendo na vila. A preocupação era se a vaca iria trazer terneiro, se tinha banha e carne na lata, se choveria sobre a roça. Os habitantes urbanos tampouco estavam interessados no que ocorria na área rural. Bastava saber que periodicamente os



colonos iriam deslocar-se à cidade para levar seus produtos e comprar mantimentos que utilizariam durante o mês.

— Os dois ambientes não se imiscuíam, não se procuravam, não se mediam, não se desejavam, não se atraíam... não se traíam. (Voltolini)

Mas os agricultores confiavam na honestidade dos comerciantes. Alguns entregavam seus produtos às cerealistas e somente iam à cidade buscar o dinheiro em tempos de necessidade.

— Colono quase nunca pegava dinheiro. Trazia feijão, milho, dizia, “Fique aí, quando precisar de dinheiro procuro”. Era assim, não tinha banco. Depois tiravam em mercadoria. (Olindo Slonski, 2019)

Até a década de 1980 as colônias de Pato Branco eram fervilhantes. Agricultores dirigindo-se às lavouras, crianças caminhando para a escola, jovens chegando aos bailes e festas, procissões de fiéis, casamentos e funerais concorridos, cânticos, falatórios, danças. As esperanças dos pioneiros eram recompensadas pela evolução econômica de suas famílias, que no avanço dos anos construíam casas mais amplas e seguras, adquiriam veículos motorizados e maquinários que facilitavam o serviço.

O progresso nas relações cidade-interior tornou-se inevitável. E a possibilidade de lucro com a atividade rural passou a atrair os moradores da cidade.

O incremento tecnológico — maquinário, fertilizantes e técnicas de controle do mato e dos insetos — proporcionou grandes benefícios às famílias rurais. Mas os brilhos urbanos começaram a iluminar os olhos da juventude interiorana, o que acabaria resultando num grande êxodo rural. Nesse proces-

MONUMENTO AOS PIONEIROS

Página à esquerda: obra do escultor Sinésio Pereira Chueiri (Kalu). O homem capina, a mulher semeia. Instalado em 2018 numa rotatória da rua Ivaí. Fotografia de Rodinei Santos.

Moinho acionado por roda d'água, indústria que facilitou a sobrevivência dos pioneiros nos sertões de Pato Branco. Alguns migrantes europeus conheciam o sofisticado sistema de transmissão de energia dos moinhos. A água desviada dos córregos movia a roda, que movimentava as polias, que faziam girar a pedra sobre as sementes de trigo, centeio e milho.

Fotografado por Rudi Bodanese em comunidade rural de Pato Branco.



so, algumas comunidades reduziram-se até a completa extinção.

A venda da terra pelos colonos possibilitou a implantação de muitas fazendas, visando a criação de gado e a agricultura intensiva. Grandes áreas de florestas foram deitadas ao chão, cedendo lugar a amplos campos de cultivo, onde restaram poucas casas. Parte das residências rurais estão hoje em chácaras instaladas por moradores da cidade.

Segundo dados do *Acervo Resgate Histórico de Pato Branco*, em 1970 a relação população rural/urbana era de 54,50/45,50%. Em 1980, 31,50/68,50%. Estabilizou-se no ano 2000, com 9/91%.

Voltolini mostra-se incomodado com a migração dos trabalhadores do campo para a cidade. Seu personagem Patalvo diz a Matusalém:

— Muitos se deixam seduzir, qual mariposas, pelas luzes da cidade (...) e marcham rápido ao encontro da desventura.

Matusalém responde:

— O pesado tributo, que a cidade cobra

de quem se aventura a enfrentá-la com despreparo profissional, social e psicológico, é amargo.

Mas apesar dos aspectos sociais negativos do êxodo, a estrutura rural de Pato Branco ganhou novos encantos. Devido aos altos e baixos dos terrenos, muitas áreas de floresta nativa foram preservadas, compondo com as lavouras e as residências remanescentes muitos cenários de encantadora beleza.

QUATRILHO E MORA

— Os italianos vinham aqui em casa jogar quatrilha. E só falavam italiano. Os Palocci trouxeram o jogo da mora. Funciona assim. Eu digo quatro e ponho dois dedos na mesa. Se você colocar três, eu ganho. Mas é rápido. Tem que prestar muito atenção, porque o malandro pode pôr o dedo meio escondido e fazer de conta que pôs, ou que não pôs, dependendo do que o outro disse. O juiz decide quem ganha. É de descascar os dedos! (Derico Dalla Costa, 2019)



RODINEI SANTOS

SÃO JOÃO BATISTA

Comunidade localizada cerca de sete quilômetros a leste da cidade de Pato Branco. A família Ponciano de Almeida consta como a primeira residente. O patriarca era Antônio, com seus filhos Eufrásio, Joaquim, Artemiro, Emílio e Afonso. À medida que chegavam os migrantes do Sul, a família foi vendendo suas terras e transferindo-se para Mato Grosso e Rondônia.

No final da década de 1920 chegaram os Dalla Costa, família italiana originária de Sananduva-RS. Dentre outros gaúchos e catarinenses, surgiram os Machado, Vieira, Pereira, Ribeiro, Medeiros, Gonçalves, Dalolmo, Pastro, Bortolini, Zancanaro, Bello, Moca, Pintor, Real, Mariano, Malacarne, De Col, Menegatti, Meneguetti, Danielli, Pagnocelli. Além dessas famílias de origem portuguesa

e italiana, uma polonesa (Muchinski) e uma alemã (Kukndett). Mais tarde chegaram os Baldin, Polo, Natal, Zanelatto, Bonetti, Fiorese, Kerber, Colla, Rossi, Ciquerelo, Dalpuppo, Renosto, Savinski, Perazolli, Zanco, Marmellini e Koslinski.

Acima, Passo da Ilha. A paisagem rural apresenta mudanças profundas, relativas ao período da colonização. Campo de futebol, postes de energia elétrica, mata nativa alternada com lavouras e plantação de eucalipto.

ACERVO VALCIR CHIOFSKI



Em 1940, debulha de trigo com trilhadeira movida a cavalo. Propriedade de Albano Sartor.



“Carro de boi na garagem”. Fotografia de João de Paula.



“Facão” para mexer a erva-mate. Feito da raiz da “maria preta”. Também pode ser feito da raiz de guavirova. “Este fiz quando era guri. O outro é de antes de me conhecer como gente”. (Derico Dalla Costa, 2019).

DALLA COSTA

Em 1928 Vitório Dalla Costa partiu de Sananduva-RS rumo a Bom Retiro, com o objetivo de comprar terras. No local que posteriormente seria denominado São João Batista, adquiriu de um caboclo uma área de 80 alqueires. Em outubro de 1931 o filho Pedro instalou-se nessa propriedade. Em abril do ano seguinte viajou com um grupo de cavaleiros para participar do casamento de seu irmão Azelino com Irene Maria Galvan. No dia seguinte às bodas, Azelino e Irene partiram rumo a Bom Retiro. Chegaram 25 dias depois, em 3 de junho. A demora foi causada pela vazante dos rios Uruguai e Chapecó.

— Não dava passo — conta Derico (2019), filho de Azelino e Irene. — E nessa época ainda não havia balsas nesses rios.

Azelino e Irene Maria tiveram os filhos Graciema, Dorvalino, Angélica, Valdemar, Derico, Alcinda, Euclides, Darci, Ivani e Iraci.

— A Graciema nasceu dia 1º de março de 1933 — revela Derico. — Minha mãe engravidou na estrada! Saíram em dois, chegaram aqui em três.

Irene faleceu durante o parto de seu 11º

filho. E Azelino assumiu os cuidados das 10 crianças.

A entrada para a propriedade dos Dalla Costa era feita por uma picada que ligava à atual cidade de Mariópolis. Até a década de 1957, o acesso à cidade de Pato Branco era feito por um picadão, por onde passavam somente cavalos. Um irmão de Azelino conduziu uma carroça de Sananduva a Pato Branco. Mas ela permaneceu dois meses na vila, aguardando a abertura da estrada para a propriedade de Azelino.

No início os Dalla Costa trabalharam somente com lavoura. Levavam o trigo a Poço Preto, no atual município de Mariópolis, para fazer farinha. Depois montaram uma roda d’água no rio Cachoeirinha, com a qual movimentavam um moinho e um *soque* de er-

— Quando fazíamos uma construçãozinha qualquer de alvenaria, íamos buscar areia em Pato Branco com as bruacas. Eram uns sacos de couro, que colocava em cima da cangaia do cavalo, um de cada lado. (Derico Dalla Costa)

— A gente trabalhava com arado de boi, ajudava a cavoucar e plantar xaxim pra fazer cerca. Também fazia cerca de lasca, rolava as pedras para fazer as taipas. Meu pai saía quatro horas da manhã, pegava o facão e ia pro mato. Cortava as taquaras, vinha com os cestos prontos. Terminava aqueles dois, ia buscar taquara pra mais dois. Ou ia carregar milho. Cinco horas da manhã descarregava o milho e na segunda carga a gente levantava, ia ajudar, antes de descer pra escola. Ia descascar o milho, de repente dormia na palha. Toda noite nós descascávamos o milho, deixávamos pronto pra ele dar pros porcos de manhã. Mas uma vez ele levantou cedo, era uma manhã de geada, e cadê o milho? Não encontrou. Aí perguntou, o que vocês fizeram? Vão descascar de novo! Ele só concordou que nós tínhamos descascado depois de ver que os cestos sumiram. Não sei quem levou, com milho e tudo. (...) A gente apanhava por duas coisas. Uma, por não trabalhar, outra por não fazer a coisa certa. (Valmir Dalla Costa, 2019)





Derico Dalla Costa criou em sua propriedade uma *Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN* (fotografia ao lado). A casa, a exemplo de outras de Pato Branco, mantém preservados objetos que participaram do cotidiano dos migrantes gaúchos e catarinenses. Dentre outros, o guarda-roupas e as camas adquiridos na década de 1930. Pedras do moinho e barricas de vinho tornaram-se suportes para vasos. Serras manuais adornam as paredes da copa-cozinha. O porão guarda ceifa manual, *balança de peso*, moedor de torresmo e pipas de vinho. A propriedade também preserva um *soque de erva-mate* e inúmeros objetos de utilização doméstica. Em torno da residência há um gramadão aparado por vacas e cavalos e cercado por pinheiros. O rio Cachoeirinha corta a propriedade, depois de lançar-se em cachoeiras numa área de mata preservada.

va-mate. Vendiam farinha e erva moída para a vizinhança. Também negociavam porcos e produziam banha.

Próximo às residências de Pedro e Azelino foi morar o irmão Germano, que construiu um moinho e um *descasque* de arroz. Do casamento de Germano com Florides vieram 23 filhos. Somente 17 sobreviveram ao parto.

Em 1946 os Dalla Costa lideraram a instalação de uma escola — Nossa Senhora Aparecida — em propriedade de Germano. O professor era Eufrásio Ponciano de Almeida. O padre passava a cada cinco ou seis meses. Geralmente rezava a missa na casa de Germano, por encontrar-se numa encruzilhada, de fácil acesso pela população vizinha. Nessa área foi construída uma igreja, inaugurada em 13 de setembro de 1939. Em 1959 foi construída outra, no mesmo espaço onde se encontra o templo atual.

Inicialmente o povoado chamou-se Linha Dalla Costa. Como a família havia trazido de Sananduva a devoção a São João Batista, a comunidade acabou adotando a denominação do santo.

Em 1946 chegaram os dois filhos mais novos de Vítório e instalaram uma serraria em Marmeleiro, tomando Azelino e Pedro como sócios. Em 1950 Azelino também as-



No moinho eram utilizadas duas pedras trazidas do Rio Grande por Azelino. Uma girava sobre a outra, moendo o milho. A farinha era utilizada para fazer polenta. As pedras foram transformadas em suportes para vasos.

sociou-se à laminadora da família De Bortoli, com 12%. Depois instalou uma serraria em São João Batista, sociedade com André Ferrarini e Alfredo Mari.

Azelino foi candidato a vereador pela UDN e atuou vários anos como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pato Branco. Quando mudou-se para a cidade, sua casa foi ocupada pelo filho Derico, casado com Ermida Loregian.

LOREGIAN

Delvino Valentino Loregian casou-se com Amáble Fabian em Sananduva-RS. Trabalhavam com serraria em Caçador, Santa Catarina. Mas “resolveram fazer uma aventura, os dois corajosos”, conta a filha Ermida (2019). Em 1932 instalaram-se na Encruzilhada. Mas o inspetor de quartirão do local passou a incomodá-los. Venderam a propriedade e mudaram-se para São Pedro de



Barrica de vinho convertida em suporte para estátuas de santos e outros objetos.

Alcântara. Como outras numerosas famílias italianas, tiveram cinco filhos e cinco filhas.

— Meus pais eram líderes lá em Pedro Alcântara. Na escola, na igreja. Plantaram parreiral. Colhiam o trigo e com a palha faziam tranças, chapéus, aquelas cestas bonitas. Pintavam com tintura de casca de árvore. (...) De bordado, minha mãe fazia aquelas brólias, que eram toalhas bordadas. Nas festas, ela recheava as galinhas, meu pai assava no forno. Ele fazia as caixas de abelha. Quando passava enxame, escutava a zoadá, minha mãe batia lata, elas sentavam e ela colocava nas caixas. Depois, quando era tempo de tirar, espremia na mão, coava. E com o resto da cera fazia velas pra igreja. Encerava a casa com a cera de abelhas. (Ermida, 2019)

Ermida deu aulas de italiano no colégio Agostinho Pereira. Disse que aprendeu o idioma com a professora Paola. Originária da Itália, Paola deslocava-se dois dias por semana, de Palmas a Pato Branco. Quando ela adoeceu, Ermida assumiu sua vaga.



"Soque" de erva-mate da família Dalla Costa. A roda fazia subir e descer os soquetes, alternadamente, promovendo a moagem da erva. Enquanto ativo, o soque era tingido pelo verde da erva. Mas o local tornou-se depósito de farinha de trigo.

Na página à direita, curucaca pousando em galho de pinheiro. Nossa Senhora do Carmo. Fotografia de Luiz Francisco Guil.



SCAPIN, BORTOLINI E PALOWSKI

Josefina Scapin era originária da Itália. Ao migrar para o Brasil, sua família estabeleceu-se em Nova Roma-RS, onde ela casou-se com João Palowski.

Azir e Carmelina Bortolini eram filhos de Davi Bortolini e Tereza Restelli, também moradores de Nova Roma. Carmelina casou-se com Ângelo Palowski, filho de João e Josefina. E Azir casou-se com Elvira Palowski, irmã de Ângelo.

Os terrenos ondulados de Pato Branco produzem belos cenários, em harmonia com a mata e as residências. Abaixo, casa de Elvira e Azir Bortolini, construída em 1955 por Carlos Colla. Hoje, residência de Marlene e Adir Bortolini.



LUIZ FRANCISCO GUIL

Os Bortolini faziam vinho e vendiam nas lanchonetes e churrascarias. Produziam cerca 80 barris de 100 litros anuais. Os parreirais, com seus velhos palanques de madeira, resistem às décadas.



Marlene, filha de Ângelo e Carmelina, casou-se com Nadir Antônio, filho de Elvira e Azir. São eles que narram a saga familiar.

Nadir diz que Josefina — que é sua avó e também de Marlene — sonhava morar no Paraná. Quando João morreu, ela colocou um revólver 38 na bolsa, fez as malas, reuniu os 11 filhos e mudou-se para Pato Branco. Estabeleceu-se na comunidade de São João Batista, onde exerceu atividade de parteira.

— Não dá nem pra saber quantas mulheres ela atendeu. Eu tive três filhos, todos com ela. (Marlene Palowski, 2019).

Azir e Elvira também decidiram deixar Nova Roma e foram morar próximo a Josefina.

— Vieram sem nada. O pai dizia que fez um ranchinho ali, onde tem aquele paiol. Aí ele começou a comprar terra. Foi comprando os pedacinhos, um alqueire, dois, cinco. Depois deu dez alqueires pra cada um dos filhos. (Nadir)

Do casamento de Azir e Elvira nasceram Nilde, Gema e Rilde. Como Rilde faleceu logo após o parto, e em seguida Elvira deu à luz outra menina, esta recebeu o mesmo nome. Depois vieram Zilma, Nadir, Adir, Hilde, Ivo, Sadi, Rita, Agostinho, Jacinta e Francisco.

— Minha mãe era irmã do pai do Nadir — diz Marlene. — E o meu pai era irmão da mãe dele. Nasci aqui também. Mas éramos em menos filhos, só tinha doze.

Logo que chegaram em São João Batista, os Bortolini construíram uma casa com dois pavimentos e oito quartos — seis em cima, dois embaixo. Aos cinco anos, as crianças já pegavam no cabo da enxada para auxiliar na lavoura.

— Com meu pai a gente só falava italiano — conta Nadir. — Nossos filhos também aprenderam. Mas começaram a ir pra escola e tivemos que parar de falar muito italiano, porque atrapalhava na aula. A professora ia explicar algo em brasileiro e eles não compreendiam.

Plantavam milho, feijão e trigo e criavam vacas leiteiras. Tiravam 40 litros de leite diários e faziam queijo pra vender à vizinhança.

LUIZ FRANCISCO GUIL



Em São João Batista a igreja de madeira e a cancha de bocha deram lugar a um templo de alvenaria. Ao fundo, quadra de futebol de salão e barracão comunitário, com espaço para 800 pessoas.

Também criavam porcos.

— Porco comum criava solto no potreiro. — diz Nadir. — Os de raça, deixava solto até pegar uns 30kg, aí fechava pra engorde. Dava farelo de trigo, batata, abóbora, mandioca. Colocava tudo num tamborzão pra cozinhar, jogava quirera, aí fazia aquela cola.

FIGURES

Adelino Fiorese nasceu em Antônio Prado, no atual município de Nova Roma do Sul-RS.

— Lá era duro. Nas barrancas do rio das Antas, era só na base do cargueiro. (Adelino, 2019)

LUIZ FRANCISCO GUIL



Colheita de soja em São João Batista (2020). Atrás, área de mata nativa.





Casou-se com Adelina Bonetti. Em 1960, ele com 22 anos, ela com 19, partiram na carroceria de um caminhão rumo a Pato Branco. No chão eram transportadas *quartas de vinho* — barricas de 100 litros. Sobre elas, seguiram as quinquilharias: um guarda-louça, duas camas, farinha de trigo e outros alimentos. Foram morar numa casa de João Pagnocelli, em São João Batista. Trabalharam alguns anos em terras arrendadas de Luiz Bonetti, depois compraram cinco alqueires em Nossa Senhora do Carmo. Os maiores proprietários de terras da região eram os Balbinotti e Batis-tuz.

— Na primeira semana já comprei umas porcas pra criar — recorda Adelino. — Levava as crianças na roça, deixava numa sombra. Quando eram onze horas, eu ia tratar os porcos e a Adelina fazia almoço.

Não havia fogão, somente uma chapa acomodada sobre pedras, conta Adelina. Como as panelas trazidas do Rio Grande eram poucas, esquentava a comida em latas de azeite.

Quando saíram do Rio Grande, os Fiorese já tinham as filhas Neiva e Lurdes. Os filhos Luiz e Pedro nasceram em Pato Branco.

Em 1960 já havia uma escola em Nossa Senhora do Carmo. Lecionava a professora Derilde, esposa do moageiro Balbino Batis-tuz. Mas a família frequentava a igreja de São João Batista.

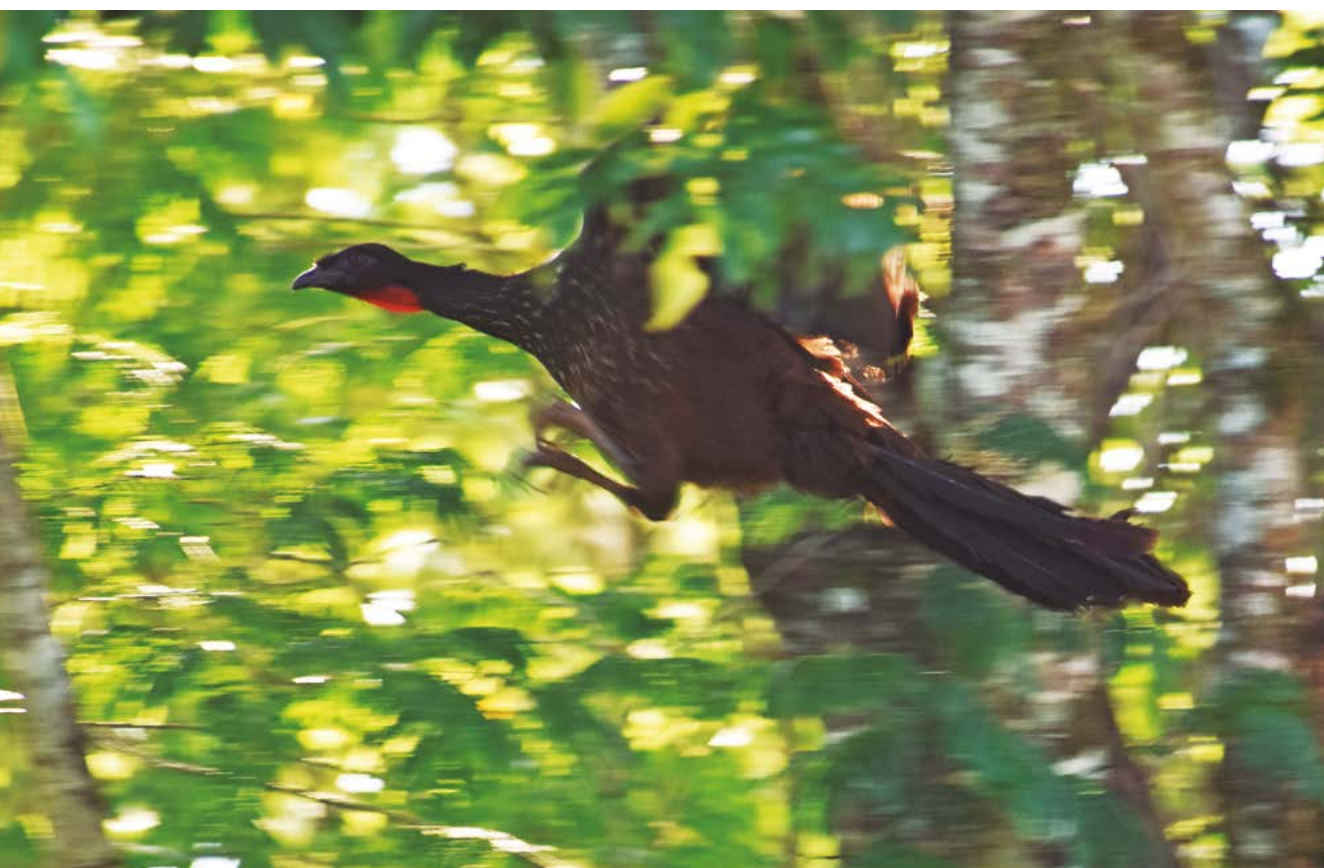
Por falta de um cavalo, os Fiorese andavam a pé. As mercadorias eram transportadas numa carroça fretada de Ângelo Bonetti. Para arrastar o arado na roça, alugavam uma junta de bois.

— Trabalhava dois dias pra pagar um dia dos bois — diz Adelino.

Depois ele comprou um cavalo. Se os filhos adoeciam, seguiam na garupa até o hospital. Ficou feliz quando conseguiu adquirir uma carroça.

Manhã de outono em 2019. Comunidade de São João Batista, com rala neblina. Residências, lagoas, lavoura e áreas de mata preservada.

Fotografia de Rodinei Santos.



LUÍZ FRANCISCO GUIL

O jacu é a maior ave selvagem do Sudoeste. Pode ser encontrado sobrevoando as estradas rurais, nas matas à margem do rio Chopim e até mesmo na copa de uma árvore na cidade de Pato Branco. Este, em N. S. do Carmo (2019).

Ao final das safras, os comerciantes apareciam para comprar o milho, o feijão e os porcos. Diversificando suas atividades, os Fiorese adquiriram vacas de leite. Em 1976 as condições econômicas já estavam melhores e compraram um fusca.

— Aqui era só estrada de carroça. Patrôla aparecia a cada dois anos. Energia elétrica chegou em 1979.

A safra de feijão e milho era vendida aos Parzianello. Ou ao André Ferrarim, que tinha uma cerealista na rua Itabira. Se necessitasse de uma enxada ou outra ferramenta, adquiria na casa de ferragens de Alberto Pozza.

— No Parzianello tinha até um estacionamento pros cavalos.

Pedro trabalha com Adelino. É casado com Isabete, com quem tem os filhos Marcelo e Adriana. A família têm sete vacas, mescla de holandesa com jersey. Produzem 75 litros de leite/dia.

SÃO CAETANO

Colônia formada próximo a São Miguel da Cachoeirinha, na bacia do riacho Dourado.

Os primeiros moradores chegaram em 1927. Dentre eles, Jacó Fabian e família Brunetto. Quando o número de habitantes já justificava a vinda de um padre de Clevelândia, construiu-se um barraco para recebê-lo. O mesmo local tornou-se escola, com aulas ministradas por Judite Fabian e Felipe Ventura. O salário era pago pelos pais dos alunos. Em 1935 foi inaugurada uma capela, feita de tábuas lascadas, coberta com tabuinhas, consagrada a São Caetano — que acabou cedendo seu nome à comunidade. Nas décadas seguintes o povoado desenvolveu-se, exigindo a instalação de duas escolas: Ney Braga, na sede, e São Judas Tadeu, junto à foz do Dourado no rio Chopim. Como várias comunidades de Pato Branco, São Caetano também esvaziou-se pelo processo de êxodo rural.

QUEBRA-FREIO

Nas encostas do rio Chopim, entre São Caetano e São Roque, formou-se a comunidade de Quebra-Freio — nome tomado do riacho que atravessa o povoado. A denominação do rio devia-se às estradas íngremes,

que exigiam resistência dos freios de madeira das carroças. Nas descidas com grande declive, cavalos e mulas sofriam com o freio de metal atravessado na boca. A antiga denominação, Passo Liso, também referia-se às estradas de difícil trânsito. Em 1937 chegaram os primeiros moradores, todos originários de Clevelândia: Antônio e Valentin Primon, José Pedro Gonçalves, Salvador Vaz, João Dama e Pedro Ribeiro do Prado. A partir de 1941 chegaram os *gringos* do Sul. Dentre eles, os Fontana, Faversoni, Buzelatto e Bertoldo. Em 1945 contruíram a capela, dedicada a São Paulo. Em 1951 foi inaugurada a escola D. Pedro II, contando com a professora Jacomina Fantinel Dal Molin.

SÃO MIGUEL DE CACHOEIRINHA

Comunidade formada às margens do rio Chopim. Dentre as primeiras famílias residentes constam Primon, Coita e Mota. Depois chegaram os Martins, Sosnoski, Leonardi, Vanz, De Col, Rodrigues, Rezzardi, Fryde, Balbinoti, Pertile, Zordan, dentre outros. Em 1945 as crianças do povoado passaram a frequentar as aulas de Aurora Martins, ministradas na casa da professora. Em 1946 foi construída uma capela, que tornou-se também sede escolar.

Em 1959 os irmãos Batistuz instalaram em Cachoeirinha um moinho para moagem de trigo e milho, com capacidade para 100 sacos/dia. O ato de inauguração contou com representantes da Prefeitura, a bênção de Frei Policarpo e a “entronização das imagens do Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria, Santo Antônio e Santa Catarina. (...) No evento foi servido churrasco de gado e ovelha, regado a finas bebidas” (O Sudoeste, maio de 1959).

A comunidade cresceu e nova escola e

nova capela foram construídas. Mas nas décadas seguintes as pequenas propriedades foram incorporadas pelas fazendas de gado.

Na década de 1990 foi instalada em São Miguel uma ponte sobre o Chopim, ligando Pato Branco à cidade de Honório Serpa.

PASSO DA ILHA

Originário de Herval d'Oeste-SC, em 1911 Nestor Godoi de Almeida e família ocuparam uma área de 116 alqueires, a leste da cidade de Pato Branco. A terra foi vendida à família Bernardi. E o local passou a chamar-se Linha Bernardi.

O nome atual da localidade surgiu de uma confusão dos agrimensores que mediram as propriedades da área. O local é rico em fontes d'água, o que resultou na formação de inúmeros riachos, que correm muito próximo uns dos outros. Deslocando-se entre esses córregos, os agrimensores supunham estar percorrendo pequenas ilhas de um grande rio de várzea, que se encontravam a *um passo* umas das outras. Em dado momento, fixou-se a denominação *Passo da Ilha*.

— O agrimensor disse pro meu pai que o lugar se chamava *Arroio Passo da Ilha*. Mas no título das terras consta somente *Passo da Ilha*. (Luiz Bernardi, 2019)

BERNARDI

Em 1939 os irmãos Narciso e João Bernardi transferiram-se de Linha Carmela, município de Lagoa Vermelha-RS, para Pato Branco.

— Lá a terra era pouca e meu pai quis

Um agricultor entregou o filhote de veado ao Instituto Terra e Água – IAT de Pato Branco. Por falta de local apropriado para a criação, Flávia Ostapiv, chefe regional da instituição, levou-o à sua chácara em Passo da Ilha, à margem do rio Tamanduá. "Bambi", como ficou conhecido entre os moradores, circula na vizinhança, como um animal doméstico. Manso e sociável, é bem cuidado por todos.



Igreja e pavilhão comunitário em Passo da ilha. À direita, escola municipal.

abracar mais terra, por causa da família. (Luiz Bernardi, filho de Narciso e Terezinha Bernardi, 2019)

Inicialmente foram a Apucarana-PR, porém, informados do perigo da malária naquela região, retrocederam ao Sudoeste. Orientados por Paulo Boss, amigo gaúcho

residente em Bom Retiro, procuraram Nestor Godoi de Almeida, que lhes vendeu terras. Instalaram-se em casas e paióis de madeira, com chão de terra, deixados por Nestor.

— Não eram casas muito velhas, porque o Godoi tinha vindo morar fazia pouco tempo, ali pelos anos de 1930. Ele passou pra nós os



A rica hidrografia do município de Pato Branco, somada aos terrenos com grandes declives, proporcionou a formação de inúmeras cachoeiras. Os leitos dos rios são serpeantes entre os morros, descendo em corredeiras e quedas, seguindo todos para o vale do rio Chopim.

direitos da terra, porque na época ainda era terra do estado. A lei do engenheiro era medir tudo de milheiro, que vem a ser quarenta alqueires. Mas tinha gente que pegava até cem alqueires. Meu pai e os tios pegaram uns cento e cinquenta.

Logo avolumou-se a família Bernardi em Passo da Ilha. Chegaram os irmãos Vergílio, Narciso, Amadeu, Florindo, José, João, Vergínio, Graciano e Afonso, além das irmãs Joana e Dominga e alguns primos. Como já eram todos casados, o comboio familiar era composto por mais de 40 pessoas, a maioria crianças.

Passo da Ilha era terra de safristas. Quando os Bernardi chegaram, grande parte do pinhal já havia sido extraída. No começo trabalharam com milho e porco.

Após os Bernardi, chegaram outras famílias gaúchas: Vazatta, Santos, Petrobelli, Bello.

— Também vieram os Clipe, família de alemão.

A distração dos moradores era o “bolicho” do Vitoriano Godoi, “uma bodeguinha, uma venda de cachaça, vamos dizer assim”. Como não havia estrada, acessavam Vila Nova passando por São João Batista. E Narciso começou a reunir o povo em mutirão, nos sábados à tarde.

— “Vamo todo mundo trabalhar na estrada!”, ele dizia. Desde meninote que pudesse usar uma foice, uma picareta, uma enxada, ia fazer estrada.

Narciso e alguns irmãos eram carpinteiros em Lagoa Vermelha. Hábeis no corte da madeira, sabiam construir moinho e serraria.

— Entraram no mato lá em cima e montaram um moinho. Dali que vinha a luz pra nossa casa.

Os Fagundes moravam na beira do rio

Pato Branco. Um deles, Isauro, era o professor. Em sua casa o padre de Clevelândia rezava a missa, quando visitava a região. Mas depois começou a rezar no moinho.

— Uns dois meses que estávamos aqui, na boca da noite, meio garoa, chegou um cidadão a cavalo, com capa, chapéu grande na cabeça, pediu pelo meu pai. Chamamos a mãe, ela veio e perguntou quem era. Ele pediu pouso, mas a mãe desconfiou, pela fala do homem. Mas ele declarou que era um padre, disse que rezava lá nos Fagundes. E lá contaram que no Passo tinha bastante gente italiana, e ele quis conhecer. Meu pai chegou, falou que ele podia pousar, mas que nem cama tinha. E o padre teve de dormir em cima do nosso caminhão. Era o Frei Casemiro. Disse que voltava dali três meses, que aqui cabia uma igreja. Meu pai falou, “Nós somos fundador de igreja. Quando meu avô veio da Itália, ele fundou uma igreja em Nova Pádua, lá em Caxias do Sul”. Aí o padre perguntou pro meu pai como era o nome do pai dele. “Francisco”. “E o nome do seu sogro?”. “Também Francisco”. “Então, como sou franciscano, vai se chamar igreja de São Francisco”.

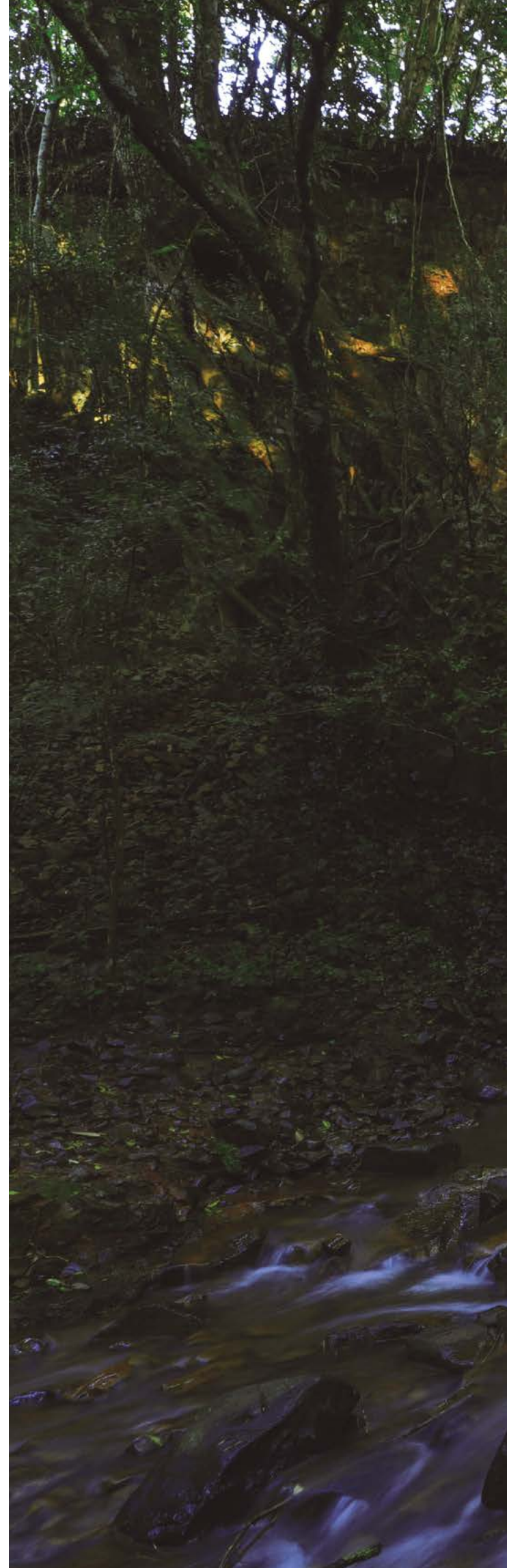
Os Bernardi reuniram os fiéis de Passo da Ilha para a construção da igreja, usando madeira lascada. Em março de 1945 foi rezada a primeira missa. Depois levantaram uma escola.

— O Olímpio Branco, que era inspetor, ele disse que ia arrumar uma professora. Tinha um rapaz ali que casou com uma moça de Clevelândia, o nome dela era Iracema Farias de Lara, e ela era professora, e o Branco colocou ela lá na escola.

Luiz Bernardi, nascido em 1932, foi o primeiro caminhoneiro de Passo da Ilha. Começou transportando madeira, depois porcos. Casou-se com Rosalina Cesa.

Com o nome de Narciso Bernardi foi batizada a estrada que conduz a Passo da Ilha.

Cachoeira em propriedade da família Bernardi, em Passo da ilha. O riacho é afluente do rio Tamanduá. Fotografia de Rodinei Santos.









PAGNOCELLI

Daniel Pagnocelli nasceu na área rural de Nova Roma, Rio Grande do Sul, em 1927. É filho dos agricultores José Pagnocelli e Ângela Trombeta, numa família de quinze irmãos. Aos 93 anos, ainda tem força para cultivar um quintal, no Bairro Bancários, em Pato Branco.

Daniel casou-se em 1945 com Aurelia Paloschi, amiga de infância. Em 1948 eles partiram numa longa viagem a cavalo, rumo a Pato Branco, com apenas alguns “fiorins no bolso”, segundo sua neta, Suzana Pagnocelli Alves de Moraes.

— Saímos sem saber para onde íamos — diz Daniel (2020) — A quinze quilômetros da nossa casa eu não conhecia nada. Vim eu, a mulher e nossa primeira filha, Maria. Andamos quarenta quilômetros a cavalo, depois pegamos ônibus. Fomos morar num paiol do meu irmão João, em Passo da Ilha, pra cá do rio Tamanduá. Comprei cinco alqueires de terra, só na conversa. Fomos quatro anos pagando. Só depois conseguimos comprar alguma coisa. Carroça, quem tinha eram os

O tempo semeia as povoações, como o vento que espalha as sementes pelas montanhas e vales. A história dos imigrantes europeus é feita de ramificações incessantes, nesta árvore plena de seiva chamada Brasil. No Sudoeste paranaense, especialmente em Pato Branco, eles encontraram terra fértil, clima agradável e ambiente propício ao desenvolvimento de suas potencialidades. Com o apoio da tecnologia trazida da Europa, fabricaram ferramentas de cultivo e carroças, construíram moinhos e moinhos, depois pequenas usinas hidrelétricas e fábricas — de cachaça, açúcar, farinha, embutidos. Com a chegada dos veículos motorizados, o transporte ficou mais fácil e rápido. E a pavimentação asfáltica facilitou a integração das comunidades rurais à cidade de Pato Branco.

*Estrada que conduz a Passo da Ilha.
Entre pinheiros, eucaliptos, mata nativa e
residência, as plantações cobertas de geada.*

Foto de Rodinei Santos, 2019.



Cachoeira no rio Cachoeirinha, em propriedade de Paulo Bayer, comunidade de Nossa Senhora do Carmo. Fotografia de Rodinei Santos.

Dalla Costa, os De Col. Depois comprei carroça, jipe.

Daniel aprendeu com os vizinhos a plantar arroz em fileiras alternadas com a mandioca. Com esse método evitava doenças no arroz, “porque ele gosta da sombra da rama da mandioca”. No início não havia fogão. A comida era aquecida sobre uma chapa velha. Depois compraram um fogão usado, fabricado por Theóphilo Petrycoski.

Enquanto Daniel trabalhava na roça, Aurélia cuidava das crianças e fazia cestos com palha de milho. Além dos produtos da lavoura, os Pagnocelli produziam vinho e queijo. As sobras eram vendidas na vizinhança.

Também mudaram-se para Pato Branco os irmãos de Daniel, Isidoro e Avelino, além de outros Pagnocelli. O cartorário Júlio *Pagnoncelli* era filho de Luiz Pagnocelli, tio de Daniel.

Após transferir-se para a cidade, Daniel dedicou-se à marcenaria. Entre outros objetos, fabricava fatiadores de queijo, com madeira e metal.

VILA BONITA E ALTO PARAÍSO

Ucranianos originários da região Centro-Sul do Paraná migraram para Pato Branco na década de 1930, estabelecendo-se na *Vila Mingote*. A denominação devia-se ao comerciante Domingos, também conhecido como Mingote. Anos mais tarde passou a chamar-se Vila Bonita. A área também foi povoada por poloneses e gaúchos.

Dentre as famílias iniciais constam os Dubena, Vinharski, Redivo, Ron-soni, Bay, Sasso, Koval, Holek, Popiel, Slomochenski e Knop.

Algumas famílias ucranianas — Rack,

Koslinski, Dubena, Mackievicz, Stachechen, Benoski, Iurkievich, Stadnik — fixaram-se num vilarejo próximo, chamado Alto Paraíso. Em 1942 elas construíram a primeira capela ucraniana do distrito de Pato Branco. Os primeiros padres ucranianos a atender Alto Paraíso, desde 1952, partiam de União da Vitória.

— Também se instalaram as freiras catequistas da ordem de Santa Ana, com colégio e internato misto, onde muitos filhos de pato-branquenses foram estudar. (Cláudio Iurkievich, 2020)

Com o aumento do número de fiéis, em 12 de setembro de 1970 foi criada em Alto Paraíso a paróquia ucraniana Santíssima Trindade. Em 1990 a sede da paróquia foi transferida para a cidade de Pato Branco, com a denominação alterada para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

KOSLINSKI

De origem ucraniana, Gregório Koslinski morava em Antônio Olinto-PR. Após atuar como cabo do exército na II Guerra Mundial, retornou ao Brasil e casou-se com Olga Setenik. Foram morar com a mãe de Gregório, mas a vida não era boa. Ela tinha muitos filhos e uma filha que “sofia de ataque” (Olga, 2019). Gregório trabalhava na serraria Lumber, em Três Barras-SC. Depois tornou-se produtor de erva-mate, mas a situação continuou difícil. A opção foi viajar ao Sudoeste, onde Gregório comprou terras com o dinheiro guardado dos tempos de caserna. Como nessa época havia somente um ônibus por mês até Pato Branco, Olga permaneceu numa angustiada espera.

— Comprou 80 alqueires na Vila Bonita, sem documentação — conta o filho Osmar (2019). — Foram na bodega e assinaram a sessão de direito.

Em seguida, Gregório voltou buscar a esposa. Partiram em outubro de 1945. Aos 92 anos, Olga relata a viagem a Pato Branco.

— A sogra, na hora de sair, começou chorar muito. Esperava que Gregório ia ficar até o fim da vida com eles. Mas ele disse, “Eu já to indo embora. Não tenho nada pra fazer aqui”. Ele já era bastante doente, manco, descaderado. Naquele tempo militar sofria, tinha de posar no tempo. Ele disse, “Mãe, nem que seja rancho de taquara, nós temos que ir fazer nossa vida”. Um cavalo compramos, já cego, outro os irmãos não queriam dar pra nós. Mandaram levar uma égua do campo, nós sofria com ela na estrada. Porque se o cavalo puxava, égua não queria puxar. Se égua dava arranque, cavalo não queria puxar. (...) Mudança era uma perena sem capa, colchão, compramos tecido e fizemos de palha pra dormir na estrada. Veio sogro, eu e meu marido. Sogro era alto, meu marido também,

Muitas casas modernas vêm sendo construídas no interior do município. O asfaltamento das estradas estimula o retorno de famílias à área rural. À direita, residência em Passo da Ilha.

Fotografia de Lúcio Polli.

LUÍZ FRANCISCO GUIL



Casa de Florindo Pasto, adquirida em 1988 pelos Koslinski. À margem da estrada de S. João Batista.

retrancado, ficavam os três espremidos no mesmo colchão, cobertos com uma lona fina. Deu tempo de chubarada, tinha que esperar os rio baixar. Tinha de passar rio grande, tudo alagado, esperamos patrôla vir puxar. Não trouxemos nada de comida, nem água, nem litro. Não tinha lenha, o vento muito frio. (...) Foi muito sofrido. Levamos onze

dias pra chegar.

Após desembarcar em Vila Bonita, a situação continuou difícil. Gregório andou pela colônia, mas não achou sementes para plantar.

— Os brasileiros criavam os animais soltos, plantavam dez pés de milho, comiam aquele milho e pronto.



O pinhal era cerrado. Para plantar, os agricultores obrigavam-se a derrubar as árvores. Mas as serrarias já estavam em ação. Osmar conta que havia cerca de dez na região.

— As toras eram arrastadas com cavalo e boi. Tudo cortado com serrote. Eu e o meu pai cansamos de derrubar pinheiro traçado com serra americana. (...) Na internada, o pai tinha 15 alqueires fechados com lascas de pinheiro pra criar porco. Quando engordava, puxava de carroça até a cidade. Os compradores eram os Penso, depois os Cantu, os Gabriel, que tinham o matador ali perto do cemitério paroquial. Matavam ali e o açougue deles era na esquina onde é as Pernambucanas.

O milho era debulhado à mão. Gregório enchia um saco de espigas, amarrava e batia com um machado para fazer soltar as sementes. Depois comprou uma debulhadeira manual e, mais tarde, uma trilhadeira.

Quando os Koslinski chegaram a Vila Bonita, já havia uma igreja ucraniana. Em Paraíso, as freiras ucranianas haviam instalado internato e escola.

— Mas os brasileiros caçoavam muito os das outras origens. Aí os ucranianos resolveram fazer uma igreja no Paraíso. Lá meus filhos estudaram, fizeram Primeira Comunhão. Meu marido, um genro e meu filho Nivaldo, que era padre, foram sepultados lá no Paraíso.

Olga e Gregório tiveram os filhos Nivaldo, Osmar, Tereza, Verônica, Inês, Elias, Irineu, Isabel, Rosa, Januário, José, Maria, Madalena, Ereni, Luciane e Cláudio. “Também teve três percas”, diz Olga. Todos nasceram em casa, com o auxílio da parteira Rosa Celczuk.

Após o falecimento de Gregório, a família adquiriu em São João Batista a casa de Florindo Pastro, para a qual mudou-se em 1988. Ao lado da estrada que conduz à sede da comunidade, os Koslinski mantêm uma pequena serraria.

FAZENDA DA BARRA

Comunidade localizada na região leste do município de Pato Branco. A denominação

Barra deve-se ao encontro do rio da Divisa com o rio Pato Branco. E *Divisa* era o rio que dividia as propriedades das famílias Pimpão e Damasceno. Dentre as primeiras famílias residentes, constam os Roldo, Favretto, Cadorin, Viganó, Bonato, Griss, Teodoro, Munslinger e Bernardi. A escola e a igreja receberam o nome de N. S. Consoladora. O povoado contava com o inspetor de quartelão Francisco Teodoro. A primeira professora foi Lurdes Cadorin.

GAVIÃO

Comunidade localizada entre as cidades de Pato Branco e Itapejara d’Oeste.

— Quando chegamos aqui já era Gavião. O nome veio do rio que passa aqui. Chamaram Gavião porque ele faz muitas curvas. Naquele tempo, quando um cavalo começava a corcovear, pulava de um lado pro outro, chamavam de cavalo gavião. Como rio é cheio de curvas, aí chamaram de rio Gavião. Aqui é a cabeceira. Lá embaixo é a Sede Gavião. (...) Dos moradores antigos, lembro do Manoel Farias, Silvestre Slongo, Jessé Santi, Luiz Nunes, Valêncio Valeriano, Antônio Rodrigues. Aqui tinha a bodega do Miguel Kupinski. Mas no começo só tinha uma bodega ali na Vila Bonita, do Mingote. (Antônio Simon, 2019)

ANTÔNIO SIMON

Nascido em 1927, no município de Itaiópolis-SC, descendente “meio de alemão, meio de polaco” — a mãe era da família Panzinhak — Antônio Simon partiu com os pais com destino a Pato Branco em 1939.

— Éramos em três irmãos, eu com a Tereza e a Maria. Depois veio mais um, o João. Nos largamos naquela distância numa carrocinha, uns 500 quilômetros. Levamos 22 dias em pleno inverno. Era um frio, um sofrimento tremendo, com aquelas estradinhas estreitas. Usava três cavalos pra subir os morros,

.....
Igreja ucraniana de Alto Paraíso.

senão não vencia. Um ia na ponta de cabeçalho. Eu era um piá de 12 anos, puxando aquele cavalo da frente, porque ele não era acostumado. E descalço, com barro até as canelas. Lembro de ter passado uma balsa no Rio Timbó, pra lá de União da Vitória. Meu pai se apurou com os cavalos, porque eles não conheciam balsa e queriam se largar no rio. Os que passavam junto ajudaram a segurar os cavalos.

Após chegar em Pato Branco, os Simon foram obrigados a deixar a carroça aos cuidados de pessoas indicadas por seus antigos vizinhos.

— Pato Branco era uma vilinha. Não via automóvel, não via caminhão, não via nada, era só carroça, gente a cavalo, aqueles carreiros cheios de banhados, de vertentes. Os comerciantes eram o Zolico Pontes, o José Soares, o Possídio Salomoni. O Rodolfo Dietrich tinha um hotel, um casarão alto. Antes de ir lá pro Gavião, ficamos uma semana no porão daquele hotel.

O restante do percurso foi a cavalo, de facão na mão, cortando taquara. A trilha ainda não permitia o trânsito de carroças.

— O falecido (professor) Juvenal Cardoso tinha umas mulas, ia pegando as mudanças e aos poucos foi levando. Depois abrimos picada e trouxemos a carroça.

Os Simon instalaram-se na atual Sede Gavião. Como a maioria dos migrantes, eles também se dedicaram à agricultura e à criação de animais em pequena escala. Mas Antônio seguiu um rumo diverso. Aos 15 anos começou a dar aulas particulares em Vila Paraíso.

— Já vim com um pouco de estudo, tinha feito o quinto ano. Naquele tempo a maioria era analfabeto. No Paraíso não tinha escola, não tinha nada. Tinha um paiolzinho velho, que fizeram de escola. Dei aula dois anos. Ia a cavalo. O pessoal me dava uns trocados por mês. Mas aí larguei, porque não queriam pagar, e fui trabalhar na roça. Aí chegou a idade de pegar farda, tirei um ano no exército em Palmas. Depois que voltei, ainda não tinha professor, e o pessoal veio em cima de mim pra dar aula.

Nessa época, Harri Valdir Graeff era candidato a prefeito. Chegou na casa dos Simon e perguntou a Antônio se podia dar aulas. O rapaz respondeu que aceitaria se fosse remune-



Atividades agrícolas e agricultores são lembrados em desfiles cívicos de Pato Branco. No evento de 2019, "A INVENÇÃO DA ENXADA" precede a "MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA".

rado pelo estado. Graeff então lhe propôs:

— Se você trabalhar pra mim, vou a Curitiba e falo com o governador.

O pai de Antônio era eleitor do PTB, “brigava por causa de Getúlio”, e Graeff sabia. Embora fosse candidato pelo PSD, entraram em acordo e Antônio trabalhou na campanha.

— Depois da eleição, quando foi um dia de manhã, veio um fordinho preto, saiu o Graeff e disse, “Tem candidato que não cumpre a palavra, mas eu cumpro”. Me trouxe a nomeação do estado. Mas tive de trabalhar primeiro numa igreja velha. Era igreja e escola. Depois desmancharam a igreja, fizeram outra nova, e com a madeira da igreja velha fizeram um galpão pra escola. Mas o problema é que as tábuas eram cheias de buracos. No inverno entrava aquele vento, a piaçada se via louca.

Simon também conta que Graeff, após ouvir Ivo Thomazoni, locutor da rádio Colméia, chamar a escola de “galpão de guardar ferramenta”, mandou construir nova sede. No auge, a escola atendia 120 estudantes. Antônio chamou para auxiliá-

lo um cunhado, Audérico Zerut, e a irmã deste, Isaura.

— Lidava na escola até meio dia, depois na lavoura, porque não dava o dinheiro pra gente viver.

Após 31 anos de trabalho docente, Antônio aposentou-se e foi trabalhar na Prefeitura de Itapejara d’Oeste. Foi chefe da junta militar e também atuou no Detran e no Incra.

SEDE GAVIÃO

Os primeiros moradores, Francisco e Angelina Debastiani, chegaram em 1939. Depois surgiram o curandeiro Quintiliano de Moraes e o criador de porcos Severiano Godói Bueno. Belmiro Caldato e Irene Tonietto, parentes de Francisco, de Sananduva-RS, chegaram em 1948, após comprar uma área de 40 alqueires às margens do rio Chopim. Pouco depois apareceram Fermino, Delelmo e Idolino, irmãos de Belmiro.

Em meados da década de 1950, a convite de Belmiro, estabeleceu-se uma serraria de Alduíno Dal Molin — originário de Soledade-RS, casado com Santana Zanella. E a



RODINEI SANTOS

localidade ganhou a denominação *Serraria Dal Molin*. Mas o próprio Alduíno determinou que o local se chamasse *Sede Gavião*, em função do rio Gavião, que corta a comunidade.

O primeiro *inspetor de quartirão* foi Belmiro. Fazia o papel de xerife, designado pela Prefeitura. Os malfeitores da região eram presos numa cela pegada à serraria.

Nos primeiros anos as missas eram reza-

das nas casas dos moradores, ou na serraria. Em 1954 foi instalada a escola São Braz, sob os cuidados da professora Edelira Rochembach. Na década de 1990 as escolas municipais foram nuclearizadas, e os estudantes da região passaram a frequentar a escola de Sede Dom Carlos.

A primeira capela de Sede Gavião, dedicada a São José Operário, foi inaugurada em 1969. O nome homenageia os funcionários

Nas décadas de 1980/1990 várias estradas rurais de Pato Branco foram pavimentadas com pedras irregulares. Em 2016 foi iniciado o asfaltamento.

Próximo às máquinas da Prefeitura, agricultores trabalham numa lavoura de feijão.

da serraria. Escola, igreja, pavilhão de festas e campo de futebol instalaram-se numa área doada por Belmiro.

Um grande desastre natural atingiu Sede Gavião em 1957. Após uma furiosa tempestade, as águas do rio Chopim avolumaram-se, arrastando árvores, casas e animais. 14 famílias perderam suas residências. Um rapaz morreu sob os escombros de sua casa. A catástrofe exigiu apoio da Prefeitura para a reconstrução do vilarejo.

Nas décadas de 1970/1980 o povoado contou com a equipe de futebol do Maravilha Esporte Clube. À frente da entidade estavam Irineu e Oradi Francisco Caldatto, Euclides Tardet e João Cegolin. Seu maior adversário era o Flamengo de Sede Dom Carlos. Mas o campo foi interditado pela Eletrosul, que tinha contrato para passagem de fiação elétrica, e o Maravilha se desfez.

SALTO GAVIÃO

Encontra-se numa área de geografia acidentada, entre Sede Gavião e a cidade de Itapejara d'Oeste. O nome da comunidade deve-se a uma cachoeira, localizada no rio Gavião. Segundo Voltolini, dentre os primeiros moradores estão Anselmo Peretto, Gentil Peretto, Pedro Bonatto, Aristides Arisi, Santos Bagança, Luiz Pesseti, José Pasto e Antenor Córdova. Em 1949 foi construída no local a capela de Santo Agostinho, com tábuas lascadas e cobertura de tabuinhas. Em 1958 instalou-se uma escola, identificada com o nome do mesmo santo. A comunidade tinha a ferraria e o alambique de Peretto e

Igreja da comunidade católica de Gavião.

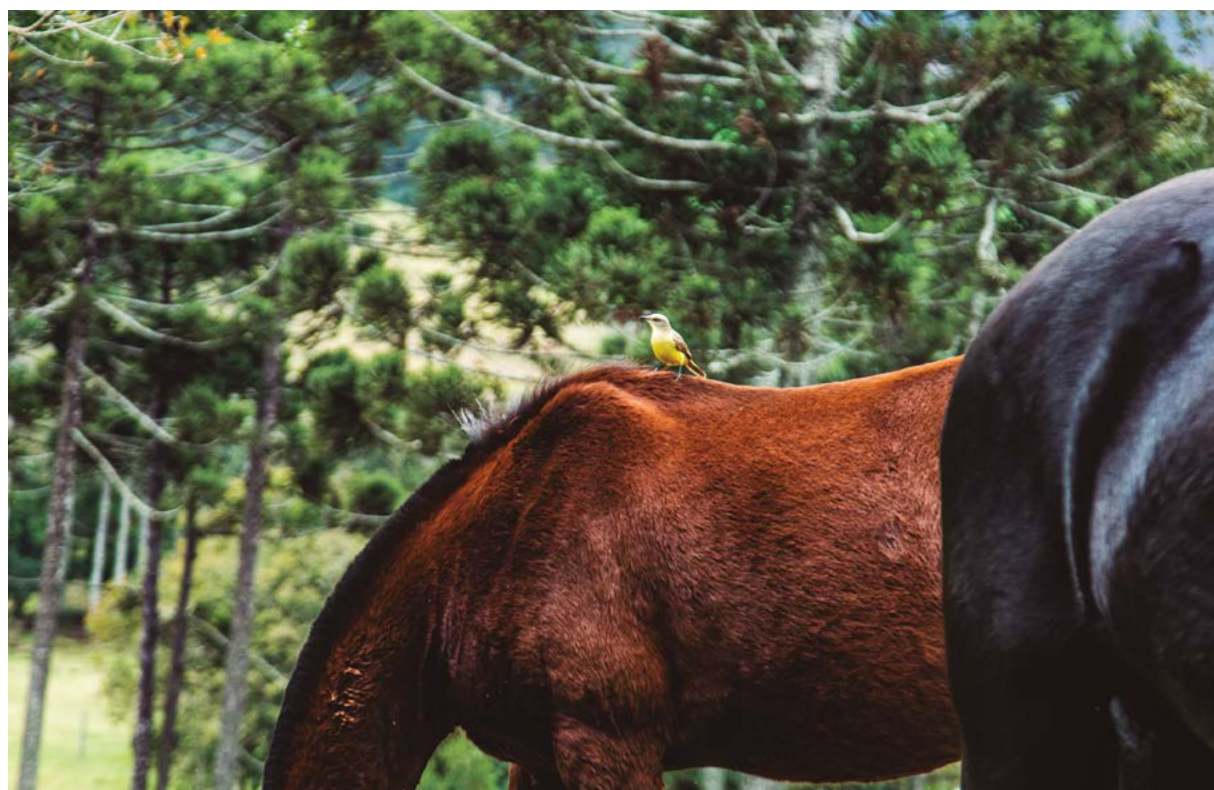


LUIZ FRANCISCO GUIL

o descascador de arroz de Anselmo Pastro. Como as terras dobradas não eram favoráveis à agricultura moderna, grande parte da área foi vendida para pecuaristas.

SEDE DOM CARLOS

Cerca de quatro quilômetros a sudeste de Sede Gavião formou-se outro povoado. João de Sousa Machado é considerado o primeiro morador. Dentre os primeiros migrantes do Sul, de origem italiana, estão Jesué Santi, Ângelo Merlim, André Scalabrin, José e Arlindo Galvan, Alcides e Vitório Tártari. Os fiéis frequentavam a igreja de Santo Antônio, na localidade de Rondinha. Após a instalação de quatro serrarias da família Dal Pasquale, houve um grande acréscimo populacional — com os operários da empresa — e a igreja de Santo Antônio foi transferida para essa localidade. Em 1951 foi construída uma escola, com o nome do mesmo santo, gerida pela professora Odila Peretto. Em 1956 o vilarejo recebeu visita do bispo de Palmas, Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello. Durante a missa ele perguntou como se chamava o local e não houve resposta que



O siriri cata insetos e larvas de moscas no dorso do cavalo. São João Batista, 2019.

o agradasse. Cada morador apresentava um nome diferente. *Linha Conrado, Capela Santo Antônio, Serraria Dal Pasquale.* E a missa “se transformou em Assembleia” (Voltolini), com o objetivo de definir um nome. Alguém

sugeriu *Sede Dom Carlos* e a aprovação foi imediata.

Em 1982 a escola tornou-se Escola Rural Municipal Gabriel de Lara. Em 1995, com a nuclearização do ensino, passou a denominar-se Escola Rural Municipal Sede Dom Carlos. Em 1996 foi inaugurada a escola estadual Frei Ceciliano Meurer, ensino de 5ª a 8ª Série. O complexo escolar acolhia estudantes de oito comunidades vizinhas.

A instalação das serrarias provocou um grande impulso de desenvolvimento do povoado. Apareceram as bodegas de Pedro Paese e Luiz de Barba — esta com cancha de bolão. Os pinhais da região também eram consumidos pela serraria de Rodolfo Zierhut, instalada às margens do rio Gavião, e pela dos Parzianello, localizada próximo ao rio Ligeiro. Também tinham serrarias na região os Dal Molin e os Sangali.

A grande movimentação de pessoas e veículos em torno das serrarias estancou de



Trator preparando a terra em Gavião. As pombas aproveitam a terra revirada para catar sementes e insetos. 20 de junho de 2020.



forma dramática na década de 1970. O fim dos pinheirais representou a estagnação econômica e a migração de muitas famílias para as cidades mais próximas.

Nos anos seguintes Sede Dom Carlos e Gavião receberam sistemas de telefonia e eletricidade, mas nunca recuperaram o esplendor dos tempos das serrarias.

CECCHIN

Filho de Luis Cecchin e Genoefa Capellari, Fiorelo Cecchin nasceu em 1935, próximo à cidade de Lagoa Vermelha-RS. Casou-se com Victória Dozolina, filha de Maria Balbinotti e Paulo Porta. Ela morava a seis quilômetros da casa de Fiorelo.

— A gente namorava antes d’ele servir o Exército — conta Victória (2019). — Aí ele veio pra casa com os cabelos rapados e falei, “Não quero mais esse homem de cabelo rapado”. Ficamos namorando, mas um dia ele foi junto com uma outra e digo, “Também vou arrumar outro”. Mas não deu certo com a outra. Eu também tinha começado a namorar com outro, e o Fiorelo mandava recado. Ia na loja do meu irmão, aí a cunhada disse, “O Fiorelo é filho da comadre Genoefa, do compadre Luis, queria que namorasse gente boa”. Aí voltamos a namorar e casamos.

As bodas ocorreram em abril de 1956. Seus filhos são Neli, Lindolfo, Maria e Marinês (gêmeas), Olga, Luis Paulo, Márcia e Flávio.

Fiorelo (2019) diz que um compadre seu, da família Viécielli, insistiu para que fossem com ele morar no Paraná.

Nestas páginas, flores de paineiras e ipês em comunidades rurais de Pato Branco. Fotografadas em fevereiro e julho de 2020.

— Digo, “Acho que não”. Mas aí, acabamos vindo.

Ao iniciar a descida para o rio Chopim, Fiorelo ficou extasiado com o imenso pinhal que cobria o vale. Enquanto isso, Victória admirava-se com os parreirais que já vicejavam à beira da estrada.

— Passamos por um parreiral de uvas maduras e perfumadas e eu sentia uma vontade louca de comê-las, mas não podia. (Victória, no livro “Contando Causos”, 2020)

Estabeleceram-se em Vista Alegre, Coronel Vivida, num terreno comprado em sociedade com Viécielli.

— Tinha lá uma serraria de um tal de Botinha, de Guarapuava. Aquilo era dia e noite. (Fiorelo)

E aquela floresta de árvores gigantes em breve seria consumida pelas serrarias.

Logo após Fiorelo estabelecer-se na nova terra, apareceu um compadre seu, da família Pasqualotto, propondo sociedade numa granja de porcos. Fiorelo não hesitou.

— Falei, “Vamos!”.

O negócio envolvia 31 alqueires de terras, contendo mangueirões para a criação dos animais. Mas o projeto fracassou e decidiram vender tudo. Propuseram negócio para o “Turco” da cidade de Pato Branco. O árabe topou, mas estava com pouco dinheiro e sugeriu pagar com “sapato, vestido, coisarada”. Fiorelo aceitou.

— Fiquei sem propriedade, só com aquela buchaiada.

Em Coronel Vivida, comprou um jipe fiado do prefeito Paulino Stédile, aprendeu a dirigir e saiu mascatear com as mercadorias do árabe.

No final da década de 1960, Fiorelo recebeu proposta de um dentista para adquirir uma bodega em Sede Dom Carlos.

— Vamo lá Fiorelo, vamos comprar um lugar que tem uma bodega e dá um dinheiro, tem freguesia. O dono não quer vender, mas ele tem cinco filhas e elas querem que ele venda, porque ele é bêbado.

Compraram. Mas logo o dentista repassou sua parte a Fiorelo e foi montar um engarrafamento de bebidas em Mato Grosso.

Para comprar mercadorias ou tomar um trago de cachaça, os operários das serrarias convergiam à bodega de Cecchin. A atração maior era um salão de baile, pegado à bodega. Quem animava as danças nos fins de semana eram Zé da Gaita e Valacir, dupla sertaneja da rádio Celinauta.

Em conversa com Valdir Penso, dono de uma loja de roupas, Fiorelo foi convidado a fazer compras na cidade de São Paulo. Ficou entusiasmado com a possibilidade de fornecer produtos novos à sua freguesia, mas estava sem recursos.

— Aí me estruturei e comecei a comprar soja. A maioria aqui queria vender pra mim, porque eu tinha bolsa nova e era aquela bolsa de estopa.

Logo que juntou o valor necessário, disse a Penso que estava pronto para viajar. Partiram Fiorelo, Penso e Nestor Laschman, montados num fusca, rumo a São Paulo. Depois desta, fizeram várias vezes a mesma viagem. As mercadorias eram conduzidas a Pato Branco no caminhão de Lírio Piva, que levava madeira para a capital paulista.


Apesar do empenho de Fiorelo, seu comércio não resistiu ao êxodo rural. Em meados da década de 1970 as serrarias começaram a desaparecer e a freguesia, idem.

— Começou a diminuir gente, diminuir, e digo, “Vou parar”. Aí, parei!

CAMOZATTO

Mãe de oito filhos, nascida em 1929, Vitória Camozzato foi dona de casa, agricultora, balseira e boiadeira. Seu relato é um drama de sobrevivência, desde os tempos em que Pato Branco caminhava a passos lentos para tornar-se uma cidade.





Os avós paternos e maternos de Vitória vieram da Itália. Os pais, Primo Framento e Rosa Fraron, eram originários de Bento Gonçalves-RS. Trabalhavam com lavoura e produziam vinho. Antes de dirigir-se à região de Pato Branco, passaram alguns anos em Machadinho-RS, que foi o berço de Vitória. Depois venderam o sítio, atravessaram o rio Forquilha e foram morar na Serra da Rapadura, perto de Maximiliano de Almeida-RS.

— Ali, quem tinha mais terra cedia para quem não tinha — conta Vitória (2019).

Em 1941 seguiram para Pato Branco, de carroça, numa viagem de 22 dias. Levavam somente um colchão e peças de roupa. Na estrada, comiam salame e queijo, além de carne de porco frita, que seguia acondicionada em latas de banha.

Na passagem pela vila de Pato Branco, viram somente algumas casas, igreja e bares.

— Tinha pouco comércio. Lojas de roupas e lojas pra comprar açúcar, farinha.

Deixando a vila para trás, os Framento instalaram-se em Rio Quietto, à margem esquerda do rio Chopim.

— Ficamos perto de um balseiro, porque onde o pai comprou as terras não tinha estrada, pegava canoa pra subir. Ele fez uma picadinha próximo ao rio e lá abriu o terreno pra plantar. Um tempo depois abriram estrada pra sair na balsa do rio Quietto. Subiam por ali pra ir a Pato Branco.

Não havia escola em Rio Quietto. O pouco conhecimento escolar que possui, Vitória recebeu em Machadinho. A casa era de pau a pique, construída pelo seu pai. A farinha era obtida no moinho dos Zigoski, localizado no Salto Grande do rio Chopim.

— Eu era a mais velha e ia a cavalo, com a piaçada junto. Levava o milho, esperava moer e trazia a farinha. Uma vez, faltando uns quatro quilômetros pra chegar em casa, tinha uma sanga e tava alto pra passar. Eu vinha com duas crianças na garupa, aí o cavalo se assustou de um porco e saiu correndo. Caí e fiquei enroscada no estribo. Pra minha sorte,

as crianças pegaram o cavalo, me colocaram e me prenderam com a perna solta. Chegamos em casa, eu disse pros pais que viessem me pegar, porque não conseguia descer. Eles começaram dar risada, achavam que era brincadeira. Aí mostrei o braço quebrado e foram me tirar do cavalo. Arrumaram o braço, mas se mexiam eu dava grito de dor. Foram ver, o osso tava fora. Então, um segurava de cada lado, e outro do outro, e foram arrumando. Nessa época eu tinha 14 anos.

Ainda adolescente, Vitória conheceu Ide-

*A "alma de gato", ou "rabo de palha",
busca insetos entre as flores do ipê.
22 de julho de 2020.*



Famílias Camozzato e Framento abrem estrada à margem do rio Chopim na década de 1940.

lino Camozzato, “safrista de porco” que frequentava sua casa. Casaram-se quando ela tinha 16 anos.

— Fomos casar em Pato Branco, de cavalo.

Na colônia não faltava carne de porco, nem peixe. O Chopim fornecia piaba, saicanga, lambari, cascudo, traíra. A população local também sobrevivia da caça, abundante

às margens do rio.

— Armava laço pra caçar, tratava o bichinho, e quando vinha comer, ficava dependurado.

Próximo a casa plantavam milho, e quando estava madurando, soltavam os porcos para derrubar as hastes e comer. Depois de gordos, os animais eram conduzidos em tropas até Pato Branco.

Desistindo da agricultura e dos porcos, Idelino vendeu sua propriedade e tornou-se sócio de seu pai e irmãos numa serraria. Mas não obteve sucesso e foi instalar uma balsa no rio Chopim.

— Fizemos uma balsinha, uns três quilômetros de onde moravam os meus pais — conta Vitória. — Eu não sabia nem nadar, mas ficava passando o pessoal de um lado pro outro, de balsa e de canoa. Uma vez mandaram entrar na balsa um caminhão cheio de trigo. Foi de ré, a balsa subiu e o veículo caiu. A cada pouco estourava uma bolsa de trigo que tinha afundado. Inchava e vinha pra fora!

Após vender a balsa, compraram um bar em Palmerinha, mas o negócio também malogrou. Depois adquiriram um sítio próximo à casa dos pais de Vitória. Plantavam cana, colhiam, carregavam na carroça e despejavam no alambique. Um burro, atado a um

tronco central do engenho, passava o dia rodeando e moendo a cana. Com o caldo faziam aguardente. Idelino ajudava até às 10 h da manhã. Quem mais trabalhava no alambique, enquanto cuidava dos filhos e da casa, era Vitória. Depois receberam do pai de Idelino um lote de terras em Cachoeirinha. Tentaram cultivar, mas a área era coberta por um espesso pinhal, e voltaram à beira do Chopim.

Nessa época, aos 32 anos, Vitória deixava os pequenos em casa. Quando eles queriam mamar, as meninas mais velhas levavam para ela, na roça.

Idelino faleceu em 1981, aos 58 anos. E Vitória foi morar em Mato Grosso, com os filhos Izair, Valdir, Leonir, Idelvir, Adelar e Nelson. As filhas, Gessi e Irotildes, ficaram em Pato Branco. Quando os filhos começaram a criar gado, Vitória tornou-se boiadeira. Depois retornou a Pato Branco.

Aposentada, Vitória mora no Bairro Cadordin, em companhia de Irotildes. Participante da Associação Pato-Branquense de Idosos – API, ela foi *Rainha dos Idosos de Pato Branco*, em 2007.

LINHA PIACENTINI

O nome desta comunidade rural deve-se a Dante Piacentini, que nela instalou uma serraria, com o apoio de “uns de seus seus 14 filhos” (Voltolini). A comunidade formou-se em torno da fábrica. Como em outros núcleos rurais, o esforço comunitário proporcionou à Linha Piacentini uma escola e uma igreja. A escola foi instalada inicialmente na estrebaria de Evaldino Piacentini, com aulas ministradas por Félix Pavan. Na gestão do prefeito Ivo Thomazoni foi construída a escola Santo Antônio. Após ser destruída pelo fogo, em 1980, as aulas passaram para a capela. Em 1981 foi inaugurada a escola Louis Pasteur. A transferência da serraria para próximo à localidade de São Braz determinou grande êxodo de moradores da Linha Piacentini. Em 2005 Voltolini anotou a presença das famílias Parcianello, Simionatto, Schnorberger, Ribeiro e Souza. “E uma que outra família itinerante de empregados”.

DAL PASQUALE

Os madeireiros Dal Pasquale, que se estabeleceram em Sede Dom Carlos, constituíam duas famílias. João, casado com Hermínia Bortolanza, e Pedro, cuja esposa era Joana Bortolanza.

SÃO BRAZ

Em 1939 Álvaro Sartor deixou São José do Ouro-RS para estabelecer-se em Bom Retiro. Acompanhado da esposa, seguiu com duas carroças, numa viagem de 45 dias. Chegando a Vila Nova, eles levaram mais seis dias para alcançar a atual comunidade de São Braz. Havia um pinhal cerrado, que não permitia a passagem das carroças. Seguiram o caminho das árvores mais finas, que eram tombadas com serra manual.

No local programado para a instalação da residência já havia um morador, chamado Simões, com sete filhas e um filho. Eles ajudaram os Sartor a levantar uma casa de tábuas lascadas. Em torno da área onde Simões e filhos trabalhavam, Álvaro marcou um terreno com 100 alqueires, para usufruto de sua própria família.

No mesmo período em que a esposa de Álvaro engravidou, ele foi chamado pelo Exército a atuar como combatente na Europa. Simões prontificou-se a atender a grávida enquanto Sartor seguia para o front. Quando findou a guerra e Álvaro retornou, já tinha um filho com mais de um ano de vida, chamado Graciolino. Depois vieram mais dez!

Em 1948 o pai de Álvaro, Casemiro Sartor, instalou na região uma serraria, movida a locomóvel. Contando com 19 funcionários, levava a madeira serrada para Porto União.

No retorno, transportava gasolina e querosene. Em 1960 a serraria foi vendida, e os Sartor passaram a administrar um moinho de pedra e uma bodega. Em 1966 instalaram uma olaria. Em 1968 esses empreendimentos deram lugar a uma cerâmica de Rodolfo Zanim. O casario que formou-se em torno da indústria passou a chamar-se São Braz.

Por volta de 1954 foi construída a primeira capela do povoado — sob as ordens do capelão Pedro Sartor. Também servia de escola, com a professora Natália Vicente Ferreira. Ela ensinou Vitalina Slaviero Carini, que, por sua vez, formou outras professoras. E também atuou como curadeira, oferecendo tratamentos fitoterápicos.

Em 1985 foi construída a igreja atual. Desde 2008 São Braz também conta com a entidade beneficente *Remanso da Pedreira*, que atende crianças carentes.

(Dados de Benigno Kozelinski, 2020)

LINHA MARTINELLO

Pedro Martinello, originário do litoral catarinense, comprou 700 alqueires dos descendentes de Pacífico Pinto, na região do rio Caçadorzinho. Às margens do rio, os filhos de Martinello construíram uma serraria. No entorno, os funcionários formaram a comunidade de Caçadorzinho — também conhecida



Quero-quero numa manhã de geada, em 2021. É uma das espécies de aves mais presentes no interior de Pato Branco.

como Linha Martinello. Uma escola foi instalada para atender as famílias dos operários. Mais tarde foi construída a Escola Municipal Irmãos Martinello, na qual atuavam as professoras Tereza Sgaraboto e Geni Picler. Depois passou a chamar-se Escola Rural Municipal Maria Montessori, homenagem à pedagoga e escritora italiana Maria Tecla Artemisia Montessori (1870 - 1952).

SERRA DA RONDA E RONDINHA

A primeira ligação entre Pato Branco e Coronel Vivida passava pela Serra da Ronda, na descida para o rio Chopim. No alto da encosta formou-se a comunidade Serra da Ronda. Dentre os moradores constavam os Pires, Bertolini, Dal Prá, Silva, Zanardi, Galão, Sobieray. A capela local foi consagrada a São Gotardo. Os moradores dispunham de escola, cancha de bocha e salão de festas.

Comunidade de São Braz, com suas residências bem estruturadas. Em torno, lavoura, reflorestamento de eucalipto e mata nativa. Ao fundo, cidade de Pato Branco.





LUIZ FRANCISCO GUIL

Garças em expectativa, numa galhada próximo à margem do rio Chopim.

Ao pé da serra formou-se a comunidade de Rondinha. A área é caracterizada pelos terrenos dobrados, pouco propícios à agricultura intensiva. Em Rondinha o rio Ligeiro faz sua barra no rio Chopim. Como outros núcleos rurais de Pato Branco, este também foi povoado por desbravadores originários de Palmas e Clevelândia, alguns caboclos e migrantes gaúchos. As primeiras a ocupar a área foram as famílias Caldato, Camozzato, Bonfante e Valmórbida. Depois chegaram os Machado, Weber, Inhoato, Duarte, Silva, Colussi, Mantovani, Boikinicki, Fiori, Co-

lussi, Pesseti, Dalbosko, Martins e Frigo. A Escola Rural São Pedro foi construída em 1952, contando com o professor João Maria Felipe.

Rondinha ainda tem vários moradores. Mas Serra da Ronda não sobreviveu ao êxodo rural.

AS ÁGUAS CURATIVAS DO CHOPIM

Júlio Sandri saiu de Sananduva-RS, em 1934, para ocupar uma área à margem esquerda do rio Chopim. A estrada que conduzia à comunidade terminava numa balsa, que conduzia a Coronel Vivida. Júlio aproveitou o movimento de pessoas em direção a Pato Branco para abrir uma linha de ônibus.

Uma das características do povoado que formou-se nas proximidades da residência de Sandri era o cheiro de enxofre. A descoberta de uma fonte de água sulfurosa, localizada a 50 m da margem do rio, logo tornou-se conhecida na região de Clevelândia, e começaram a aparecer visitantes em busca de cura. Sandri construiu uma pequena pousada para recepcioná-los. Para os banhos nas águas *milagrosas*, produziu gamelas com troncos de cedro. E o local tornou-se conhecido como *Águas do Sandri*.

— Aquela água, quando eu era criança, era muito frequentada — conta Oradi Caldato (2021). — Tinha um certo poder de cura, por ser alcalina bicarbonatada, com alto teor de enxofre. O povo ficou sabendo e vinham de longe. O dono explorava, mas com equipamentos rústicos. O pessoal acampava e ficava semanas. O barro, ele colocava em cima daquelas feridas feias, e sarava. Encontrei lá muitas muletas deixadas pelos doentes.

Os enfermos tinham outro motivo para visitar o local. A moradora Glória Paixão fazia sessões de curas com ervas nativas. Também realizava os partos da comunidade.

A povoação multiplicou-se e em breve contava com a capela de Santa Luzia e a escola São José — em 1981 intitulada Oswaldo Aranha.

Sandri desfrutou do sucesso das águas até que espalharam o boato de que um leproso havia-se banhado na fonte. Os clientes sumiram e o local foi vendido a Francisco Comiran, que também tentou explorar economicamente a água curativa. E o vilarejo passou a chamar-se *Águas São Francisco*. Mas o empreendimento não obteve sucesso.

Na década de 1980, com o auxílio de amigos, Caldato perfurou o solo até alcançar a laje, e encontrou a fonte jorrando. Enviou



LUIZ FRANCISCO GUIL

Galinha d'água em lagoa de São João Batista.



A fauna selvagem resiste nas áreas que sobreviveram ao desmatamento. Porém muitos animais migraram da zona rural para a urbana, em busca de alimento. Como este esquilo, ou serelepe, fotografado por Rodinei Santos num parque da cidade de Pato Branco.

uma usina da Copel, que vai alagar tudo. Quem tivesse investido, agora iria perder.

— E a solidão voltou a se restabelecer em definitivo na antiga comunidade, como fora outrora, sendo as feras do passado substituídas pelo gado de corte. (Voltolini)

INDEPENDÊNCIA

O povoado de Independência formou-se a noroeste da vila Bom Retiro, estendendo-se até as margens do rio Vitorino. Em 1921 chegaram os primeiros moradores, das famílias Gonzatti e Müller, de Encantado-RS. Nos anos seguintes, Independência tornou-se o núcleo central de várias comunidades. Dentre elas, Linha Marmentini, Teolândia, Tiradentes, Canhada Funda, Brocco e Terra Preta. No auge de seu desenvolvimento, contava com 10 unidades escolares, correspondentes aos diversos núcleos habitacionais.

Na década de 1930, a área foi dividida em 78 lotes pelo engenheiro Duílio Beltrão.

amostra para o Instituto de Tecnologia do Paraná - TECPAR, que confirmou as qualidades químicas da água. Mas suas tentativas de levar empresários e o poder público à exploração daquele recurso mineral fracassaram.

Em 1995 a escola fechou. No ano seguinte foi removida a capela. Restaram as fazendas de pecuaristas e poucos moradores.

— A comunidade não existe mais — diz Caldatto. — O pessoal foi embora, fechou a capela, fechou tudo. Pra finalizar, vai sair

LINHA ESPERANÇA

Na década de 1950, deixando Águas São Francisco, rio Chopim acima, vários moradores estabeleceram-se em busca de melhores terras para o cultivo da lavoura. Dentre eles, Vergílio Camozzato, Francisco Zanin, Nabor Paulo Mariani, Antônio Godói Bueno, Ermelindo Giacomini e José Rossoni. Mais tarde chegaram os Zanella, Paese, Fiori, Jordani, Debastiani e outros. Em 1956 foi instalada a escola estadual Padre Manuel da Nóbrega. Em 1959 construíram a capela Nossa Senhora de Lourdes, em madeira, substituída em 1976 por uma de alvenaria. Em 1995 a escola foi desativada e os alunos passaram a tomar aulas em Sede Dom Carlos.

Voltolini conta que o auge da comunidade ocorreu entre as décadas de 1970 e 1980, quando a escola anotou um grande número de matrículas. Havia nessa época 42 famílias “sócias da capela”, isto é, frequentadoras dos terços e missas. O povoado também tinha um pavilhão, onde realizavam-se festas, bailes e torneios de bocha. Foi semi-destruído por um vendaval em 1998. Como nessa época a falta de perspectivas econômicas já havia arrastado para a cidade a maioria das famílias, os remanescentes contentaram-se em fazer uns “remendões” no pavilhão.

Surucuá, uma das mais belas aves brasileiras, expõe suas cores nas matas de Pato Branco.



Pica-pau do peito amarelo, em Rondinha.

Foram ocupados pelas famílias Borsoi, Pastore, Didati, Bernardi, Polaro, Pasa, Faccin, Burille, Acordi, Pícoli, Smiderle, Bortolucci, Borge, Portela, Pasquali, Lora, Coco, Taffarel, Feliciano, Verona, Reis, Veiga, Bez, Marmentini, Terra Preta e outras.

Após a derrubada dos pinheiros, abrindo espaço para a roça, os novos moradores ficavam alertas para o ataque de intrusos, que podiam destruir as plantações.

— De dia era a macacada e, de noite, a vara de porcos do mato. (Voltolini)

No auge da indústria madeireira, o conjunto das comunidades contava cerca de 10 serrarias. Até a década de 1940, Independência teve uma economia mais promissora que a de Vila Nova. Além das serrarias, prosperavam lavouras e criadouros de porcos. Moradores de Vila Nova mudaram-se para a área, em busca de melhores condições econômicas.

Os primeiros padres a visitar Bom Retiro dirigiam-se a Independência, antes que a Vila Nova. A missa acontecia na casa da família Gonzatti.

A primeira escola, construída por Olinto Gonzatti em 1925, precedeu a instalação da primeira capela (1943). Bocchese destaca a professora Augusta Gonzatti, que portava uma arma e era chamada “delegada”, resolvendo a seu modo as intrigas da comunidade.

Dentre os bodegueiros, constavam Vendelino Faccin, Estêvão Balinski e Olívio Defranchesqui. Os moageiros eram Adolfo Zolette e José Faccin. Havia também os soques de erva de Laudelino Quevedo e Selvino Borsoi.

— Engenhos de cana para produção de açúcar mascavado e melaço, quase todo mundo tinha. (Voltolini).

Em Independência foram montadas a ferraria de Antônio Pasa, a marcenaria de Ângelo Bernardi, o barbaquá de Laudelino Quevedo e Selvino Borsói e os alambiques de Guerino Ringo, Olívio Defranchesqui e Pedro Pastore. Também havia fábrica de farinha de mandioca — ou tafona.

Independência instalou o clube Azulão, para onde convergia nos fins de semana a juventude das comunidades vizinhas.

ITAPEJARA D'OESTE

Iniciou como um povoado do distrito de Coxilha Rica. Itapejara significa *caminho de pedra no alto*. Chamava-se *Lajeado dos Guedes*, depois *Chá da Gralha*. Em 1950 foi alterado para *Itapejara d'Oeste*. A emancipação política ocorreu em 28 de abril de 1964. A instalação foi oficializada em 14 de dezem-



RODINEI SANTOS

Comunidade de Independência. A estrada pavimentada facilita o trânsito das máquinas agrícolas.

bro do mesmo ano. Parte da área municipal pertencia a Francisco Beltrão.

Em Itapejara d'Oeste nasceu Augustinho Zucchi (1962), prefeito de Pato Branco no período 2013 - 2020. Filho de Albino Zucchi e Verena de Almeida Zucchi.

RODRIGUES

Originário de Lagoa Vermelha-RS, filho de Crescêncio Rodrigues e Rosalina Antunes, Alcindo Rodrigues chegou em Palmas “na barriga da minha mãe”. Quando ele tinha nove anos, a família adquiriu seis alqueires de terras na região de Itapejara d'Oeste.

— Aqui tinha gente, mas era ralo. Nós moremo num lugarzinho chamado Sagrada Família. É daqui, quem vai pro Beltrão, da ponte do Santana pra cima. Me criei ali. De-

pois fui crescendo, virei a domador. Vivía em lombo de cavalo, caindo tombo, lambendo poeira. O que aparecia, eu pegava. Com seis mês, deixava o cavalo bão.

Alcindo também trabalhava no cabo de arado, roçava capoeira e derrubava pinheiro com machado e serra traçadeira. Em sua casa guarda como relíquia uma máquina de plantar feijão.

— Tenho zelo. Seguido um vizinho meu vem pedir emprestado. Tenho tudo que é tipo de ferramenta. Até martelete de fazer calçamento. Que um tempo também trabalhei de pedreiro. Mas não acostumei.

BOM SUCESSO DO SUL

O distrito de Bom Sucesso foi criado em 24 de outubro de 1953. No início contava

com o *agente de arrecadação* Cândido Merlo, também considerado *sub-prefeito*. Em 8 de janeiro de 1990 foi assinada a lei 9.183, pela qual o distrito emancipou-se como município, com a denominação alterada para *Bom Sucesso do Sul*, para diferenciá-la da cidade homônima na região de Maringá. A instalação deu-se em 1993.

Apesar da emancipação política, Bom Sucesso do Sul mantém com Pato Branco uma relação muito próxima.

GEMI

Antônio Gemi e Elisa Busato casaram-se em Nova Bassano-RS. Em 1918 mudaram-se para próximo ao rio do Peixe, em Santa Catarina, onde Antônio foi trabalhar na construção da ferrovia Marcelino Ramos - União da Vitória. O filho Alexandre nasceu

em Pinheiro do Meio, distrito de Ouro-SC. Em 1947, Romano, irmão mais velho de Alexandre, mudou-se para Pato Branco, a convite da família Zanotto. Iniciou-se em Bom Sucesso como motorista de caminhão, depois tornou-se dono de serraria, em sociedade com os irmãos. Em 1960, Alexandre também foi morar em Bom Sucesso, onde montou um escritório de contabilidade. Dentre outras funções, ele atuou como cartorário.

— Tinha vinte clientes. Era só aqueles bodegão. Só peguei duas serrarias, dos meus irmãos e dos irmãos Tarkle. Em 1964 me jogaram o cartório. Eu não sabia sequer montar um processo de casamento. Quem me ajudou foi o promotor Josafat Porto Lona Cleto. Ele me disse, “Se tu faz um documento ilícito pra um picareta, ele se comunica com outros, depois eles dizem, ‘Vai lá que o Alexandre faz’”. Aí cortei o mal pela raiz.

Segundo Alexandre, quem primeiro cogitou na emancipação do município de Bom Sucesso do Sul foi o prefeito Astério Rigon. Foi realizado um plebiscito, que resultou em 97% dos votos favoráveis.

O primeiro prefeito de Bom Sucesso do Sul foi Elson Munaretto. O segundo, Alexandre Gemi.

PASSO DA PEDRA

Comunidade localizada poucos quilômetros ao norte de Vila Nova. Os primeiros moradores eram da família Venâncio, estabelecidos em 1903. Uma grande área em Passo da Pedra foi adquirida por Abílio Viana. Parte de suas terras foi vendida a Pedro Martinello, que em 1953 instalou uma serraria. A família Piassa comprou cerca de 60 alqueires de Martinello, e em 1960 também montou uma

Criação de ovelhas em Passo da Pedra.



LUÍZ FRANCISCO GUIL



LUIZ FRANCISCO GUIL

Colheita de milho em Passo da Pedra (2020).

serraria. Parte dessa área foi desapropriada para a instalação do Parque do Alvorecer.

Com o desenvolvimento da cidade, Passo da Pedra passou a receber grandes empreendimentos, como a Cooperativa Agrícola Tradição, a Sementes Guerra e outras unidades industriais. A localidade já começa a ganhar características urbanas.

LINHA CAPRINI

Oriundos de Antônio Prado-RS, Ângelo Caprini e sua mulher, Teresa, foram morar próximo ao rio Chopim, numa área de 40 alqueires comprada de Casemiro Canakievicz. O ano era 1939. No início sobreviveram da caça, mas aos poucos foram desenvolvendo lavouras e criação de porcos. Mais tarde ad-

quiriram de Anselmo Pastro um descascador de arroz, que instalaram em Sede Dom Carlos. Em 1966 o vilarejo instalou sua escola, denominada São Jorge. Era ocupada pelos fiéis quando reuniam-se em orações. Devido ao pioneirismo dos Caprini e suas atividades comerciais, o povoado que formou-se no entorno de sua residência tornou-se *Linha Caprini*. No caminho para Águas São Francisco foi instalada a capela São Jorge.

BELA VISTA

Localizada próximo à comunidade de Passo da Pedra, Bela Vista acolheu inicialmente Alvaristo Menegildo, Fernando dos Reis, Zeferino Fernandes, Antônio Bello e o ferreiro Olímpio Marques. João Freitas, gaúcho de Passo Fundo, comprou em Bela Vista uma área de 186 alqueires. Foi em sua casa que se instalou a primeira escola do povoado. Suas terras logo foram divididas, em nome de Vitorio Piassa, Damázio Gonçalves de Oliveira e Pedro Imidina. Seguindo Freitas, chegou seu cunhado, Belmiro Soares, que instalou um monjolo, no qual descascava arroz, socava erva-mate e produzia quirera. Em 1934

COOPERTRADIÇÃO

Em 22 de janeiro de 2003, 25 produtores rurais de Pato Branco juntaram-se para fundar a Cooperativa Agroindustrial Tradição - Coopertradição. As atividades tiveram início em junho do mesmo ano. Em 2021 a cooperativa conta com mais de 1.800 associados e quase 500 funcionários, após plantar filiais em Vitorino, Renascença, Clevelândia, Palmas, Coronel Vívda, Mangueirinha, Itapejara d'Oeste, Candói e nas cidades catarinenses de Palma Sola e Água Doce. Em 2013 inaugurou seu Complexo Agroindustrial. Em 2018 comprou o Moinho de Trigo Dona Eulália, em Itapejara d'Oeste. Em 2019 adquiriu a massa falida da Olvepar Alimentos, de Clevelândia, por meio da qual produz farelo e óleo de soja. Na presidência do Conselho de Administração da cooperativa está Julinho Tonus. O vice é Gelson Corrêa.

Escritório e unidade produtiva da Coopertradição, em Passo da Pedra (2020).

LUIZ FRANCISCO GUIL





LUÍZ FRANCISCO GUIL

A garça acompanha a vaca pelo pasto, aguardando-a levantar os insetos para mais facilmente capturá-los. Comunidade de São João Batista.

chegaram os gaúchos Esparandim Gambetta e Luiz Bassanez. Depois Afonso Veigas (1935), Nicolau Stral (1941), José Tondello (1942). Dentre as famílias residentes também constavam as de José Zocche, Alexandre Mondardo e Ângelo Del Sent.

Em 1947 foi construída a primeira escola de Bela Vista, pela Prefeitura de Clevelândia. Em 1950, Francisco Barancelli, em sociedade com representantes das famílias Pozza, Iopp e Parzianello, instalou uma serraria em Bela Vista. Numa área doada por Stral foi construído um barracão comunitário, onde passaram a organizar festas e jogos de bocha. A denominação do povoado ocorreu em 1953, durante a inauguração da primeira capela — São Judas Tadeu.

TIRADENTES

Originalmente chamada *Cebola*, a comunidade formou-se próximo ao rio Vitorino. O primeiro proprietário de terras, a partir de 1930, foi Júlio Duarte. Depois chegaram Gregório de Matos, Pedro Facini, José Tomás, Juca Alfredo e outros. O primeiro professor, *Jorge*, dava aulas em sua própria casa. Os cultos católicos eram realizados na casa de Duarte. No encontro do rio Caçador com o Vitorino, Cândido Rigatti, originário

de Marcelino Ramos-RS, instalou uma serraria e uma bodega. Em 1952 nova serraria foi montada, pelos sócios André Motin e Orestes Lazari. Nessa época o povoado já contava com cerca de 50 famílias. Os donos das serrarias proporcionaram a madeira para construir uma igreja, na qual também passou a funcionar a escola. Em 1961, a partir da inauguração da escola Tiradentes, Cebola ganhou também o nome do herói da Inconfidência.

ENCRUZILHADA

A partir de 1943 a colonizadora Cango passou a dirigir migrantes gaúchos à colônia de Francisco Beltrão. Atento ao grande número de pessoas que transitavam pela estrada Estratégica, Ernesto Colla instalou o Hotel Encruzilhada. Em breve o local passou a contar com as bodegas de Lourenço Colla e Agenor Antonietti. Também foram instalados postos de fiscalização da Polícia Federal e da Receita Estadual, com as residências dos respectivos funcionários.

— Com tanta gente morando na Encruzilhada, tendo hotel, churrascaria, posto de gasolina, quase que o centro de Pato Branco ficou por lá mesmo. (Bocchese, 2004)

Seguindo a tradição católica do povo gaúcho, a primeira escola da Encruzilhada cha-

mou-se Nossa Senhora Aparecida, atendida pelo professor João Beviláqua. Na sede escolar eram também realizados os ofícios religiosos. Em 1966 foi construída a capela São Cristóvão.

A construção da rodovia PR-280, desviando o traçado da Estratégica cerca de 500 m do centro do povoado, fez declinar o movimento comercial da Encruzilhada. A área corresponde ao atual Bairro São Cristóvão.

CHUVA DE CARNE

Em 1948 choveu carne na Encruzilhada. O céu estava limpo, alguns moradores jogavam bocha, não havia vento, tampouco ruído de avião sobrevoando a área.

Apesar do conteúdo sobrenatural do relato acima, o historiador Voltolini diz ter ouvido várias testemunhas da ocorrência.

— De repente... póc-póc-pif-póc... alguma coisa sólida vindo do alto... como chuva (...) foi só um momento... um momento de chuva de carne.

A autenticidade da história, diz o autor, é justificada pela “limitadíssima possibilidade de alguém ter tido a ideia de urdir tamanha mentira e incuti-la, como verdade, na cabeça de tanta gente”.

— De onde teria vindo a carne? — questiona Neri Bocchese (2019). Relatos que colheu junto a antigos moradores revelam que “alguma coisa sólida começou a cair em cima dos telhados e do chão. Eram como bifés grandes, todos mais ou menos do mesmo tamanho, como se tivessem sido bem fatiados, com aparência de carne fresca. Só ali na cancha (de bocha) caíram de 40 a 50 pedaços”.

O povo ficou paralisado, enquanto galinhas, cães e gatos avançavam sobre a carne. Foram chamados o delegado, o médico e o padre, mas eles tardaram e os bifés foram devorados pelos animais. Restou às autoridades o diagnóstico de *alucinação coletiva*. Mas no imaginário popular a pergunta ainda permanece: de onde veio a carne?

Em 1946 a Encruzilhada já havia sofrido uma invasão de gafanhotos. Originários do Chaco argentino, eles subiram ao Paraná,

devastando plantações até a região de Guarapuava. Eram varridos em valas e soterrados para tentar evitar a desova. A devastação provocada pelos insetos ocorria em duas etapas. Os adultos empanturravam-se com a flor, depois depositavam os ovos na terra, em pequenos casulos. Logo que as larvas saíam, começavam a devorar a vegetação. Depois de coverterem-se em gafanhotos, formavam nuvens que tapavam o sol. E sua fome era tal, que nas lavouras restavam somente as abóboras.

A Encruzilhada também sofreu em 1949, durante uma tempestade devastadora. Bocchese descreve o cataclismo como um evento repleto de milagres. Moradores e suas crianças sobreviveram, misteriosamente. A força do vento derrubou árvores, retorceu os troncos dos pinheiros. A residência de Américo Martinello foi arremessada contra um barranco. O galho de um pinheiro atravessou o telhado e caiu ao lado de um berço, onde dormia Salvatina, filha de Américo. Máximo Sloboda voou alguns metros, junto com

sua casa, mas safou-se sem grandes ferimentos, “com uma argola de chapa de fogão no pescoço, como se fosse um colar”. Um bebê foi arremessado de seu berço a cerca de 100 metros de casa, mas sobreviveu. Domingos Barreta, montado numa mula enquanto subia o Tope do Engano, viu seu animal ser atingido no pescoço pelo tronco de um pinheiro. A mula morreu, mas Barreta manteve-se ileso.

MARMELEIRO

Em 1948 a firma Dambros & Piva “timoneira em muitos núcleos deste Sudoeste bravo” (A Razão, 1963), deu início à formação de um núcleo habitacional na Fazenda Perseverança, onde montou escritório e serraria. Mais tarde o povoado seria convertido na cidade de Marmeleiro. O município emancipou-se em 25 de julho de 1960, sendo instalado em 25 de novembro de 1961. Suas terras constavam nos mapas de Pato Branco, Francisco Beltrão e Clevelândia. O primeiro prefeito foi Assis Gabriel Bandeira.

SÃO DIMAS

Região Cortada pelo rio Independência, ou *Lava-Cabeça*. Na época da povoação possuía um denso pinhal, que foi aproveitado por Francisco Minikoski, madeireiro de Curitiba. Os primeiros povoadores foram os funcionários da serraria. Em 1949, uma grande área foi comprada pela família de Pedro e Maria Lora, originários de Sarandi-RS. Em 1950 foi instalada a escola, num rancho dos Lora, sob os cuidados da professora Augusta Gonzatti. Após inúmeras mudanças, a sede escolar foi instalada no pátio do Instituto Ambiental do Paraná – IAP. A professora Hélia Lora De-franchesqui atuou 38 anos nessa escola.

SÃO ROQUE DO CHOPIM

Comunidade formada às margens da PR-158, que conduz de Pato Branco a Guarapuava. Nesse local foi instalada uma serraria dos irmãos Tirlone, originários de Constantina-RS. Após o fim do ciclo madeireiro, os antigos funcionários da serraria retomaram a atividade agrícola. Mas em 1981 São Roque do Chopim viu sua realidade transformada com a instalação da fábrica de fogões, de Theóphilo Petrycoski. Mais de uma centenas de moradores locais tornaram-se funcionários da indústria.

— Naquele tempo (início da década de 1970) não tinha nada aqui, só uma estradinha — conta Vivaldino Rossoni (2019), ex-funcionário da fábrica de fogões. — A igreja ficava do lado de lá da rodovia. Era igreja, salão e colégio, tudo de madeira. Depois foi feito igreja, clube, escola, tudo de material. Ali onde é o pavilhão da igreja tinha uma serraria. Lá perto do cemitério tinha outra. Tudo do José Tirlone. Quem ajudou muito aqui foi o Cláudio Petrycoski. Ele trouxe gente de 25 nações pra ver a inauguração do portal do nosso distrito.

NOVA ESPERO E ESPERANTO

Em 1º de dezembro de 1994, a comunidade de São Roque foi elevada à categoria de distrito. Em 2007, a Câmara Municipal alte-



Igreja de São Roque do Chopim/Nova Espero.

À direita, inauguração do portal do distrito de Nova Espero. Obra executada pelo escultor Kalu. Homenagem a Ludwik Lejzer Zamenhof, criador do esperanto.

— Tu vê que aquelas pessoas do portal, quando tu entra, elas tão viradas de costas. Quando tu sai, tão te olhando. Quando chegam, são estranhas, quando saem, já são conhecidas. (Vivaldino Rossoni, 2019)

rou a denominação para Nova Espero, devido ao ensino do esperanto, proporcionado à população local pela indústria Atlas. A decisão passou por um plebiscito no distrito, obtendo 85,6% de aprovação. Na *língua universal*, Nova Espero significa Nova Esperança. Um portal relacionado ao idioma foi instalado na entrada da sede, com obra em metal e cimento do escultor Kalu Chueiri.

Durante vários anos o esperanto foi ensinado em escolas de Pato Branco. A ideia partiu do industrial Cláudio Petrycoski, que no final década de 1960 havia conhecido a *Liga Brasileira de Esperanto*, no Rio de Janeiro.

— Percebi como algo nobre, singelo e divino, com ideais fortes de integração mundial, sem valorização de um único idioma, e comecei a estudar o tema e a incentivá-lo, pois era uma proposta que me tocava. (Cláudio, 2020)

Em 2002 Pato Branco sediou o 58º Encontro Internacional da Juventude Esperantista, com a participação de 23 países. A iniciativa foi publicada numa reportagem de seis páginas da revista *Isto É*.

Em 2011 a Gazeta do Povo publicou a matéria "Esperanto põe Pato Branco no mapa do mundo". O município ganhava uma "visibilidade inusitada devido ao esperanto e ao tchoukball, ambos com ideais humanitários".

Nova Espero conta com dois supermercados. O Baroni, instalado em 1997 por Valdecir Baroni, originário de Lajeado Grande-SC. Há também o Mercado Nova Espero, da família Peruzzo.



Alunos da rede pública eram convidados a aprender as duas atividades na escola.

— Conversando sobre como divulgar a língua, veio a ideia de ter uma comunidade, a primeira do mundo, cuja segunda língua fosse o esperanto. (Petrycoski, na Gazeta).

OS PARAFUSOS DOS PIN

A família Pin é um exemplo dos muitos migrantes que estabeleceram-se inicialmente no interior de Pato Branco, depois mudaram-se para a cidade e tornaram-se comerciantes.

Originários da Itália, Elisa e Gabriel Genaro Pin moravam em Constantina-RS, na localidade de Barra Curta Baixa. Após formar uma família com 12 filhos, em 1955 decidiram tentar a sorte em Pato Branco.

— Viemos pra cá em cima de um caminhão — conta o filho Edionílio (2019), nascido em 1934. — Fomos parar no São Roque do Chopim, onde o pai tinha comprado cinco alqueires. Não tinha muita gente lá. A maio-

ria era funcionário da serraria dos Tesler.

Edionílio tornou-se funcionário da serraria de José Tirlone. Sua maior dificuldade, como a de outros funcionários, era vencer os quatro quilômetros do povoado à serraria. E o perigo para quem transitava nas estradas era constante.

— Lá em São Roque tinha gente que não levava desaforo pra casa. Sempre armado. Eu não ia na bodega por causa dessa folia. Aí meu irmão veio trabalhar na serraria dos Ticiani. Meu irmão Ireno montou uma lojinha de parafuso, aí pediu pra nós vir trabalhar com ele. Trabalhava também o irmão Etenílio. Um dia o vendedor que trazia os parafusos pra nós disse pro Ireno, “Eu te arrumo uma fábrica de parafusos que tem lá em São Paulo, é só pegar e colocar pra funcionar”. Meu irmão Davi Ricardo, que era o mais instruído, foi ver a dita fábrica. Era velha, mas ele gostou e disse, “Vamos fazer parafuso”.

Davi conduziu a máquina e um técnico a Pato Branco e deu-se início à fábrica. Edio-



Escultura de Kalu. Localizava-se na rua Theóphilo Petrycoski. Foi levada à comunidade de São Roque como "homenagem ao operário metalúrgico", conta Kalu (2019). Cláudio Petrycoski, que encomendou a obra, solicitou que constassem dois elementos "culturais": Na mão esquerda, uma trave remissiva, do tchoukball — mistura de vôlei, handebol e pelota basca — criado pelo médico Hermann Brandt, de Genebra. "É um esporte de solidariedade", diz Kalu. Na mão direita, a "estrela do esperanto", o idioma universal, tema do portal do distrito de Novo Espero.

.....

nílio tornou-se vendedor das porcas e parafusos, percorrendo todos os estados do Sul e Mato Grosso. Mas a sociedade se desfez, e Ireno disse a Edionílio, "Fique pra você esses parafusos". Edionílio aproveitou o estoque remanescente para montar uma revenda de parafusos, Pin & Cia Ltda, ou *Patofuso*. Empresa administrada por Edionílio e seus filhos, Juracélia e Clair Luiz.

Edionílio casou com Gema Lúcia, filha de João Vedovato e Rosina Saltiello Vedovato

AGRICULTURA FAMILIAR

Com a estabilização da população rural de Pato Branco — cerca de 9% em relação ao contingente total do município — as famílias passaram a diversificar suas atividades para garantir a sobrevivência no campo, contando com o apoio do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IDR. A entidade orienta os agricultores na busca de créditos junto ao governo, na estruturação das propriedades, no incremento ao cultivo agrícola e pecuário e na comercialização dos produtos.

— Temos um trabalho na cadeia produtiva de leite e de grãos — informa Rosane Dalpiza Bragato (2020), gerente regional de Extensão do IDR. Sua atividade abrange 15 municípios do Sudoeste.

Em Pato Branco, o órgão dispõe de uma médica veterinária, uma economista doméstica e dois agrônomos. O objetivo é proporcionar aos agricultores técnicas que

possibilitem uma produção cada vez mais independente dos agrotóxicos, destinada à alimentação escolar. Os produtores também recebem orientações sobre as melhores formas de alimentação do gado leiteiro — *silagem e leite a pasto*.

— Com boa alimentação e água à vontade, o animal alcança maior equilíbrio e aumenta a produtividade — diz Rosane.

Quase todas as famílias atendidas pelo IDR trabalham com produção de leite. Parte do produto é destinado ao programa *Leite das Crianças*, do governo estadual — gerenciado pelo Conselho Municipal de Segurança Alimentar. O leite representa entre 20 e 30 % da renda anual dos agricultores familiares.

O IDR atua com cerca de 1.300 famílias, todas residentes no interior do município. Grande parte dispõe de equipamentos modernos, como tratores e colheitadeiras.

— Eles também têm uma infinidade de equipamentos. Pra fazer silagem, revolvimento de solo, corte de adubação verde, etc. Alguns, inclusive, têm caminhões para transportar suas mercadorias.

Também há produtores de hortifrutigranjeiros, a maioria deles associada à Cooperativa de Produtores da Agricultura Familiar de Pato Branco. Toda semana eles oferecem seus produtos na Feira do Agricultor, localizada na rua Goianases. Além dos produtos da horta, vendem ovos, queijos, pães, embutidos, temperos e frutas. Nos últimos anos vem crescendo a produção de morango, melancia, abacate e cítricos — ponkan e laranja.

Também cresce a procura por orientações para instalação de agroindústrias. Famílias atendidas pelo IDR já trabalham com fábricas de pães, embutidos e derivados de leite e de frutas, totalizando 23 unidades industriais.

A POLÍTICA E OS AGRICULTORES

Como ocorre em muitos municípios brasileiros, os agricultores de Pato Branco raramente conseguem eleger candidatos residentes em suas próprias comunidades para defender seus direitos. Na região das Sedes Gavião e Dom Carlos, devido a divergências

partidárias, os agricultores também tinham grandes dificuldades para conduzir representantes à Câmara Municipal. Tentativas foram feitas por Fiorelo Cecchin e Euclides Tardet Lodi, que em duas campanhas colocaram-se como opositores.

— Acho que foi em 1982. Fizemos uma reunião aqui pra sair um candidato. Na Sede Gavião, fizeram outra reunião, combinaram lá. Sai um só, diziam. Mas quem vai sair? O Mariani? Não. Sai o Fiorelo! Eu? Tá loco! Tenho uma bodeguinha aqui, não vou me botar na política! Tinha o Lodi, era dentista, mas também não queria, queriam que fosse eu. E acabei concordando. Aí fomos embora, fazer campanha a pé. Daí um compadre meu aqui disse, “Eu te empresto meu fuque, só que não tem pneu, nem bateria”. Aí o doutor Celso Hilgert deu pneu, deu bateria. Mas o tal de Lodi saiu também. Fui lá falar com o doutor e disse que queria cair fora, porque tinha outro candidato, mas ele disse, “Agora



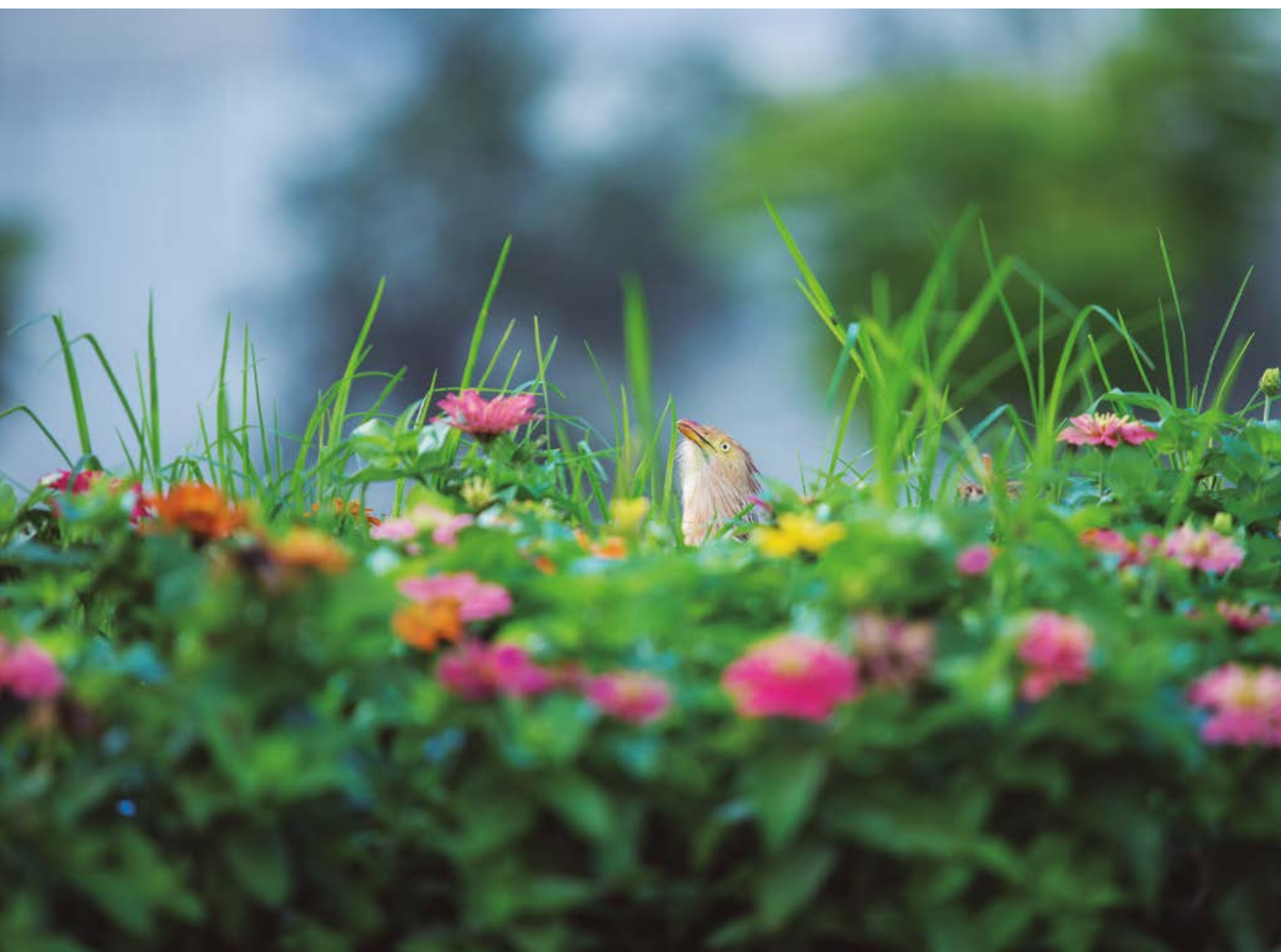
A Feira do Agricultor ocorre em espaço construído pela Prefeitura. Rua Goianases, entre as ruas Silvio Vidal e Arariboia. Vendem-se produtos variados, como cereais, hortaliças, ovos, temperos, queijos, salames e conservas, além de lanches e café. São 38 pontos de venda.

que você tem que continuar”. Fiz 435 votos e ele fez menos. Na outra eleição ele saiu candidato de novo e eu disse, “Agora vou te mostrar

quem é o amigo da onça!”. Fui lá e registrei a candidatura, fiz 434 votos. (Fiorelo Cecchin, 2019)

O resultado dessa disputa foi a derrota dos dois candidatos, em ambos os pleitos.

Em 1988 Oradi Francisco Caldato — filho de Belmiro e Santina Caldato — convocou o povo da região de Sede Dom Carlos para unir-se em torno de um só nome. Acabou sendo ele próprio o candidato indicado pela comunidade, e venceu. Dentre seus projetos como vereador constam programas de eletrificação e telefonia rural, instalação de postos de saúde, calçamento de estradas, perfuração de poços artesianos e transporte escolar rural. Atuou nas gestões 1989 - 1992 e 1993 - 1996. Em 1994 tornou-se presidente da Câmara Municipal. No ano 2000 elegeu-se vice-prefeito de Pato Branco.



A fêmea do anu branco põe ovos azuis. Essa espécie de ave vive nas lavouras e nas beiras de estrada, catando grãos e caçando insetos. Comportamento semelhante ao do anu preto, com algumas variantes. Na evolução das décadas, os anus integraram-se à cidade, dividindo seus dias entre as matas remanescentes de Pato Branco e os jardins urbanos.

SOCIEDADE RURAL

No início da década de 1980 reuniu-se um grupo de empresários, que também eram agropecuaristas, para fundar a Sociedade Rural de Pato Branco. Dentre eles, estavam Jaime da Veiga, Valdo Telles, Oliden Rotava, Rubens Calliari, Odilor "da Brahma", Aderbal Tavares da Luz, Nelson Formighieri e Clóvis Varaschin.

— Era uma necessidade de se criar uma entidade que representasse o setor — conta Remy Gerardi de Lima (2021), um dos sócios-fundadores, originário de Vacaria-RS. — Nessa época havia somente a de Londrina, que era a Sociedade Rural do Paraná. A de Pato Branco tornou-se a mãe de todas as Sociedades Rurais do Oeste paranaense.

A sede inicial foi construída num terreno emprestado por Paulino Sartor, à margem da PR-158. Foi nesse local que a entidade promoveu os primeiros leilões de gado do Sudoeste. O primeiro leiloeiro foi Trajano Silva, trazido do Rio Grande do Sul.

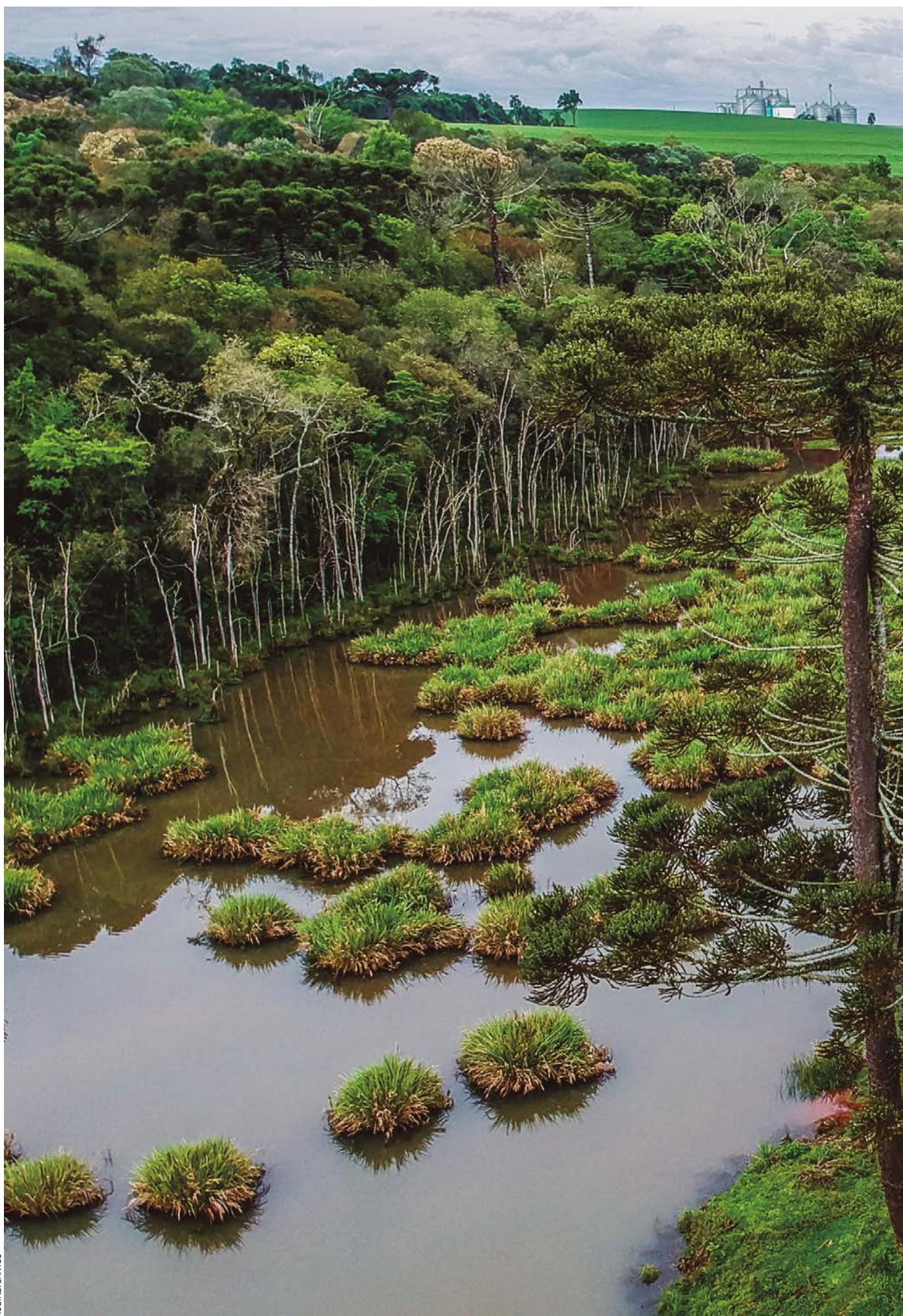
— Com os leilões, também foi iniciado o melhoramento genético dos rebanhos — diz Remy. — Porque até essa época o gado era muito rústico.

A Sociedade Rural também organizou palestras sobre melhoramento de pastagens e sobre outras melhorias que poderiam ser feitas nas propriedades para aumentar a produtividade.

— Naquela época uma vaca produzia, três, quatro litros de leite, hoje produz trinta. Também foram trazidas várias raças novas de gado, como hereford, nelore, charolês.

Dentre outras iniciativas, a Sociedade Rural criou a Exposição Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Pato Branco – Expopato. O evento ocorre no Parque de Exposições da cidade, na antiga propriedade da família Fraron — no bairro de mesmo nome. A área foi desapropriada pela Prefeitura no governo de Astério Rigon.

Na fotografia, via que conduz a N. S. do Carmo. Charco, mata nativa, lavouras recém-plantadas e estrada asfaltada.



RODINE SANTOS







SINDICATO RURAL

A primeira entidade representativa dos agricultores de Pato Branco era uma associação, criada no final da década de 1950. Grande parte dos associados era de moradores do interior, mas havia também os que residiam na área urbana e trabalhavam no campo. Com o objetivo de fortalecer a classe e também visando oferecer alguns serviços básicos de saúde aos associados, a entidade foi convertida em sindicato. A Carta Sindical foi emitida em 8 de julho de 1968.

Nos primeiros anos o escritório do sindicato passou por várias salas alugadas. Um terreno foi adquirido na gestão do presidente Delvino Longhi, destinado à construção da sede própria.

Oradi Caldato, presidente desde 2011 — em 2021 ele exerce seu 4º mandato — recorda alguns fatos memoráveis da entidade.

— Em 1982, o sindicato mobilizou uma paralisação geral de oito dias por conta dos baixos preços pagos aos produtores, que não cobriam os custos de produção. Comércio, bancos, cartórios, tudo ficou fechado. Eu nem era associado na época, mas participei e passei a me aproximar do sindicato. (Caldatto, em "Paraná Portal", 2018).

Um "caminhão" rumo à capital federal também foi organizado, contra o sistema de "securitização" proposto pelo governo do presidente Collor de Mello, no início da década de 1990.

Vários outros eventos foram promovidos pelo sindicato em benefício da agricultura regional, liderados pela Federação da Agricultura do Estado do Paraná - FAEP.

No quadro de associados estão aproximadamente 400 agricultores. Incluem-se associados de Itapejara do Oeste, Bom Sucesso do Sul e Mariópolis.

— Temos uma estrutura de atendimento que não fica devendo nada do que o agricul-

A alternância de culturas — soja, milho, feijão, trigo, sorgo — no decorrer do ano modifica as cores do Sudoeste. Ao centro, trigo recém-germinado. Em tom marrom-claro, soja em ponto de colheita. À direita, milho em floração. Comunidade de Independência, 2019.

tor necessite — diz Caldato (2021). — Em termos de documentação, a gente faz tudo. Imposto de renda, ITR, contratos. Temos plano de saúde, convênios com médicos. Também temos convênio com faculdades, onde o associado tem descontos.

SINDICATOS DOS TRABALHADORES RURAIS

Os funcionários do setor agropecuário de Pato Branco contam com o apoio de três unidades do seu sindicato de classe. Em benefício desses trabalhadores, o Sindicato Patronal disponibiliza um técnico em segurança do trabalho, que acompanha as atividades laborais, principalmente no trato com os defensivos agrícolas.

Nas margens das estradas de Pato Branco, campos ondulados, cultivados com soja, milho e trigo, provocam a expectativa de ali adiante deparar-se com casas amplas e ajardinadas, a grama aparada, no entorno um lago, um cercado com carneiros, cavalos e vacas. A viagem prossegue por estradas ondulantes e curvas.

Mas a realidade nem sempre foi tão suave nos campos de Pato Branco. Um dos problemas enfrentados pelos primeiros agricultores — como ocorria na maioria dos municípios paranaenses — era a acidez do solo. Essa característica química impedia a evolução da capacidade produtiva. Era necessário *calcar* a terra, promovendo a redução de sua acidez.

Uma lei estadual passou a subsidiar o calcário para pequenos agricultores. Porém o frete era pago pelos beneficiários. Aos moradores distantes das minas de calcário, o custo era demasiado alto.

Uma lei criada pelo deputado Augustinho Zucchi, em 1995, garantiu o acesso ao calcário com subsídio estatal de 70%, obrigando o estado a colocar o insumo na propriedade do agricultor. (Folha de Londrina, 1996)

Petúnias nativas à beira da estrada que conduz a Itapejara d'Oeste. Dezembro de 2019.

LUÍZ FRANCISCO GUIL





Território Federal do Iguaçu

O desenvolvimento socioeconômico do Oeste e do Sudoeste do Paraná não teve uma relação direta com ações de políticos da capital. Desde o século XIX, as tentativas do governo em efetuar a comunicação com a fronteira deveu-se à necessidade de impedir a invasão pelos países vizinhos, ou de apertar o fisco sobre as ervateiras. Raramente pensou-se em dotar essas regiões de melhor infraestrutura e condições de vida para seus habitantes. A valorosa exceção foi a instalação de uma entidade colonizadora — Congo — como será visto adiante.

A mesma situação ocorria no Oeste de

Santa Catarina. A distância de quase mil quilômetros até Florianópolis não deveria ser justificativa para abandonar os colonos na selva, mas era o que se observava.

A população dessas áreas tinha motivos para sentir-se excluída dos planos de seus governos. Em 1946 o interventor Brasil Pinheiro Machado constata que “o governo do Paraná sempre foi omissos quanto ao Oeste (...) Toda a política se desenvolvia nos arredores de Curitiba, que nós chamamos de Paraná Velho, e sempre o Oeste do Paraná foi desprezado e abandonado pelos governos”.

O sentimento de descaso levou os líderes

da região a unirem-se num movimento de emancipação. A iniciativa acabou frustrada, mas aquela sensação de abandono sobreviveu às décadas.

Logo após a Revolução de 1930, o presidente Getúlio Vargas demonstrou interesse na povoação do Oeste paranaense e catarinense. Tal projeto associava-se a um plano mais amplo, de fortalecimento da soberania nacional.

— Possuímos extensas faixas territoriais ubérrimas e saudáveis (...) quase completamente despovoadas. Nelas devemos de preferência localizar o trabalhador rural. (Vargas, 1933).

Para viabilizar o plano, o governo propôs a criação de territórios federais, independentes de seus estados de origem. Wachowicz diz que no Sul o governo queria promover a expansão do capital e da colonização gaúcha. Mas as populações tradicionais do Paraná e de Santa Catarina eram contrárias ao fatiamento de seus estados.

Pela determinação do governo, os territórios seriam governados por “oficial do exército ou da marinha, que teria atribuição para regular a utilização das terras devolutas e promover o povoamento e localização dos colonos, de modo a atender aos interesses nacionais” (Antônio B. Ribas, Depto de Terras e Colonização, 1939).

Como havia muitos interesses em jogo — fazendeiros, militares, empresas colonizadoras e políticos paranaenses e catarinenses — Vargas não conseguiu implantar de ime-



Sede do distrito de Pato Branco em 1940, fotografada por Silveira Martins. No centro, igreja de São Pedro. À direita, escola Agostinho Pereira. Desde a esquerda, Macedo, Duílio Beltrão, motorista de Duílio, Tenente Pinheiro e Eduardo Don (subdelegado).

Em 1943 o Sudoeste tornou-se parte de uma nova unidade federativa. Nessa época houve um considerável avanço de desenvolvimento. Mas a autonomia da região findou em 1946, quando retornou ao mapa do estado do Paraná.

diato seu projeto de criação dessas unidades federativas. Durante mais de uma década ele articulou, aguardando o momento oportuno. Seu interventor no estado do Paraná, Mário Tourinho, posicionou-se contra a implantação do território, o que causou sua destituição do cargo, em 1932. Em seu lugar assumiu Manuel Ribas⁽¹¹⁾, favorável às ideias do presidente quanto à divisão do estado.

CANGO

A criação do Território Federal do Iguaçu, no dia 13 de setembro de 1943, foi noticiada como uma promessa de progresso. Em Vila Nova, comemorou-se com um baile no clube

(11) Entre Tourinho e Ribas, João Pernetta esteve à frente do governo estadual durante um mês.

Poeira. Agora o governo dedicaria todos os esforços para dotar a região com boas vias de comunicação e o que fosse necessário para o desenvolvimento de suas populações!

Algumas ações foram realmente executadas, como a instalação da Colônia Agrícola Nacional General Osório – Cango. Mas logo ficou patente que, tanto o governo do território quanto o federal, não estavam preparados para atender a demanda regional.

Nessa época as colônias de Bom Retiro e Mangueirinha já vinham sendo povoadas por companhias colonizadoras. Mas o planejamento era confuso, e as ações, desordenadas. Os lotes para onde as famílias eram dirigidas apresentavam precárias condições de comunicação com as vilas. Não havia estruturas mínimas, como estradas e áreas abertas para o cultivo. Os colonos abriam as trilhas com enxadas, foices e picaretas e derrubavam a

mata para poder iniciar as plantações.

Apesar da euforia regional, as lideranças de Curitiba estavam insatisfeitas. Viam o território como domínio de gaúchos e catarinenses, em detrimento dos paranaenses. E em breve surgiria um motivo ainda maior para o resgate da área perdida. A partir de 1945, devido ao serviço de reconstrução da Europa do Pós-Guerra, elevou-se o preço da madeira no mercado internacional. E olhares cobiçosos começaram a dirigir-se aos pinheirais do Oeste. Além disso, o grande volume de migrantes do Sul que seguiam para o novo território revelava que a região logo desen-

O Território Nacional do Iguaçu abrangia a região localizada entre os rios Piquiri e Uruguai, divisando com o Rio Grande do Sul. A capital foi inicialmente a cidade de Foz do Iguaçu. No entanto, o Ministério da Guerra logo concluiu que a sede teria de ser afastada da Tríplice Fronteira, sendo imediatamente transferida para a Colônia Mallet, ou Vila do Xagu, atual cidade de Laranjeiras do Sul. Essa vila teve sua denominação alterada para Iguaçu⁽¹²⁾, e logo viu brotar, em meio ao seu casario de madeira em ruínas, luxuosas edificações. Eram escritórios dos novos órgãos públicos e residências dos funcionários do governo, “também de madeira, mas de belo aspecto” (Carlos Tourinho, 1991).

(12) A capital do Território Federal (seu respectivo município), emancipou-se somente em 21 de setembro de 1946. Uma lei de outubro de 1947, com o Território já extinto, mudou a denominação “Iguaçu” para “Laranjeiras do Sul”.



Hotel Juvenal Cardoso. Depois foi rebatizado como Hotel Dom Carlos. Os hóspedes saíram às janelas para a fotografia. Neste hotel funcionou o escritório da Cango.

volveria seu grande potencial econômico.

Ao fim do governo Vargas — 29 de outubro de 1945 — os políticos de Curitiba viram a oportunidade de cancelar o Território do Iguaçu. Articulavam no Congresso, contando com o apoio do presidente Gaspar Dutra e de parlamentares governistas de vários estados. Em 19 de setembro de 1946 o território foi dissolvido, e as áreas sob sua jurisdição retornaram aos estados de origem. A emenda foi apresentada pelos deputados federais Bento Munhoz da Rocha Neto, do Paraná, e Nereu Ramos, de Santa Catarina.

Embora tenha sido de curta duração, o território conduziu benefícios ao Sudoeste, por meio da Cango. Estradas foram abertas e outras obras de infraestrutura tiveram início.

A fenda aberta em 1943 nunca se fechou completamente. A luta pela emancipação do Oeste seria retomada em décadas posteriores.

AGÊNCIA POSTAL

Em 1945 um novo sopro de desenvolvimento alcançou a vila de Pato Branco. Numa iniciativa do engenheiro Duílio Beltrão, a serviço da Cango, foi instalada uma agência postal. Ficou a cargo de Aracy Cavalheiro Ramires de Melo.

VISITA ILUSTRE

Em 1950 Pato Branco recebeu a visita de Ademar Pereira de Barros (PSP), governador de São Paulo, que percorria o país em apoio à candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Fez passeata com os getulistas pela avenida Tupi. No Sudoeste, Ademar apoiava a candidatura de Antônio Odorczyk a deputado estadual.

ZELOSA E VIGILANTE

Em 1950 os getulistas estavam afogueados, com a esperança da volta de seu líder ao Palácio da Guanabara. Em Pato Branco, como em todo o país, os simpatizantes de Getúlio Vargas manifestavam-se com lenços vermelhos e disparos de revólver. Bombas e tiros eram ouvidos em todos os cantos do distrito. Alberto Pozza conta que na noite de 12 de junho daquele ano uma senhora “pesedista fervorosa, (...) zelosa e vigilante”, aborrecida com a candidatura de Vargas e com o barulho que os getulistas faziam num bar da rua Guarani, entrou no local “armada de revólver, acompanhada por um cidadão dono do cartório, também armado com dois revólveres 38, suas empregadas com ripas e algumas vizinhas. Suas admiradoras e mais

policiais com seus regimentos, distribuíram farta messe de bofetadas, nos mandando dormir”. Os simpatizantes de Getúlio retiraram-se, inclusive Pozza. Mas um deles foi levado para dormir na delegacia.

AEROPORTO

Em edição de 14 de maio de 1950, o jornal Oeste Paranaense anunciou a descida do primeiro avião no campo de pouso da cidade de Clevelândia. Essa conquista possibilitou aos moradores do Sudoeste viagens mais rápidas a Curitiba e outras grandes cidades. A inauguração do *campo de aviação* de Pato Branco ocorreu quase três anos depois, num domingo de dezembro de 1953.

— Numa manhã ensolarada e muito bonita, quase ao meio-dia, pousa pela primeira vez (em pista de aviação) no Sudoeste do Paraná, um monomotor Cessna 170, oriundo da capital do estado e de propriedade do Sr. Antônio Odorczyk Filho. (Vicente Eliseu Ampessan, 1974)

A iniciativa da instalação de um aeroporto em Pato Branco antecedeu a posse do primeiro governo municipal. A idealização foi de Aparício Henriques, Ampessan e Odorczyk, que vinham solicitando apoio às autoridades estaduais e federais em favor do projeto. A pista foi aberta com máquinas do exército e do governo estadual, segundo Ampessan. Coube ao engenheiro Henriques “medir, estabelecer os azimutes, a direção predominante dos ventos, a futura capacidade progressiva de tráfego”. Ampessan auxiliou Henriques nessa tarefa. Percorreram “todas as alas e encostas de Pato Branco” para a definição do local onde seria construída a pista. “Estrelas de primeira grandeza serviram de balizamento ao teodolito Kern, de Aparício Henriques, no cálculo da declinação magnética do ponto meridiano e de partida”.

A área foi comprada pela Prefeitura. Os terrenos eram de Pedro Tatto, Armando Chiochetta e Guerino Costa. Um crédito para a obra foi autorizado pela Assembleia Legislativa do Paraná. Mas o pagamento somente foi efetuado em 1955.



O candidato a presidente Ademar de Barros — gravata listrada, à esquerda — e getulistas desfilam pela Avenida Tupi, em 1950.

Modesta Pastro (2019) diz que “uma injustiça em Pato Branco é do aeroporto”. Ela afirma ter visto seu pai, João Viganó, no papel de prefeito, atendendo as máquinas na construção da pista.

— Comprou o mato, destocou e fez o primeiro campinho. Ele ficava olhando o trator destocar. Depois veio o outro prefeito e aumentou.

A afirmativa de Modesta justifica-se pelo que ela observou. Mas há outros aspectos a considerar.

O campo de aviação causou entusiasmo pelo sentimento de progresso que chegava à cidade. Mas devido à rara descida de aviões e à falta de manutenção, em poucos anos a pista foi tomada pelo mato. A euforia desapareceu e o local foi abandonado. João Viganó, portanto, reabriu uma pista pré-existente. O mesmo deve ter ocorrido em gestões posteriores. Uma fotografia mostra o terceiro prefeito, Harri Graeff, inaugurando o aeroporto.

— Nós brigamos por causa desse bendito aeroporto. “Pra que fazer um aeroporto aqui em Pato Branco?”. “Ah, mas logo, logo vêm aviões pra cá, aviões grandes”. “Tira isso da cabeça, não vem avião nenhum!”. Eu era contra. Ninguém acreditava que aqui pudesse descer avião. Teve uns que apoiavam, outros achavam bobagem. (Deisy Graeff, esposa de Harri Valdir Graeff, 2009)

O *Álbum Histórico de Pato Branco* (1966) contém uma fotografia do aeroporto data- da de 1953, com piloto e vários pato-bran- quenses diante do primeiro avião a pousar. Sinal de que a pista existia antes da gestão de Graeff. Também apresenta uma imagem do “atual campo de aviação”, inaugurado por Graeff em 1958, com a presença do governa- dor Lupon. O redator refere-se à construção do “aeroporto atual”.

A problemática aérea seguiu anos afora.

Neri França Bocchese (2019) diz que Antô- nio Dorsinski tinha um aviãozinho. E que teria sido ele o incentivador da construção do aero- porto. Foi funcionário da Prefeitura nas duas primeiras gestões.



Avião de passageiros da Sadia, estacionado no aeroporto de Pato Branco.

Em abril de 1959 o presidente da Câmara Municipal, Alberto Geron, comentou a doa- ção, pelo governo estadual, de 50 mil litros de óleo diesel para a construção do Campo de Aviação e da Cadeia Pública. Em junho do mesmo ano, O Sudoeste lamentou a fal- ta de uso do campo de pouso. E chamou as autoridades a promover um movimento para despertar o interesse das companhias de avia- ção a explorar o local. “Vê-se pessoas via- jarem a Palmas a fim de tomarem os aviões que demandam para o norte ou sul; ainda do- mingo passado, nada menos de doze pessoas viajaram a Palmas com essa finalidade”.

Mas nos anos seguintes não houve pro- gressos. Após denúncias, em abril de 1963

um repórter d’A Razão foi ao aeroporto ve- rificar as instalações. Constatou que a “esta- ção de passageiros” apresentava “o forro de eucatex todo despregado, o seu telhado todo furado, fazendo-se sentir grande quantidade de goteiras”. Em dezembro do mesmo ano foi anunciado o “ensaibramento” do aeropor- to. A pista seria “completamente revestida de

— Na época da construção do aeroporto, os pinheiros do meu Nono, Félix Balbinotti, tive- ram que ser cortados, para que não houvesse risco dos aviões baterem nas copas. (Giles Bal- binotti, 2020)



Família e amigos reúnem-se com o piloto para fotografar junto ao aeroplano.



RODINEI SANTOS

Em outubro de 2019 o aeroporto recebeu o "avião rosa" da Azul. Apoio ao "Outubro Rosa", mês símbolo da luta contra o câncer de mama.



RODINEI SANTOS

Funcionários locais foram treinados para controlar o tráfego aéreo.

A Prefeitura construiu o *campo de aviação*, depois o mato cresceu sobre a pista. Foi novamente construído, inaugurado, esquecido, reestruturado e abandonado, para depois ser mais uma vez reconstruído. O Aeroporto Juvenal Cardoso insistia em continuar aberto aos aviões que esporadicamente aterrissavam em sua pista. Mas as condições de tráfego eram precárias.

Em 2017 a Prefeitura iniciou intervenções estruturais no aeroporto, visando a certificação e a operação com voos regulares. Foram buscados recursos junto aos governos federal e estadual e aos empresários locais. Também houve um grande investimento do próprio Município. Profissionais foram capacitados para formar a equipe local, visando o controle das aeronaves na pista e a recepção dos passageiros. O treinamento técnico foi ofertado pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) e pelo Departamento de Controle do Espaço Aéreo



RODINEI SANTOS

Aeroporto Municipal Juvenal Loureiro Cardoso: reformado, com pista ampliada e certificado para operar com aviões de médio porte.

(DECEA). Em 2019 foi emitida a certificação definitiva, autorizando o aeroporto a operar com aviões turbo-hélice. E a pista foi mais uma vez inaugurada, em 10 de janeiro de 2019. Na mesma data, a empresa Azul passou a fazer voos semanais Curitiba - Pato Branco.

— Acreditamos muito no potencial da região, que agora terá condições de criar novas oportunidades de negócios e fomentar a economia local. Nossa intenção é de ampliar a nossa malha na cidade e estamos aguardando, ansiosamente, pelas certificações do Aeroporto, para oferecer à população cinco ligações semanais com Curitiba (Marcelo Bento, diretor de alianças da Azul, 2019).

No primeiro ano após a reinauguração do aeroporto foram registrados 126 voos, com cerca de 15 mil passageiros. A média de embarque é de 59 passageiros por voo. A de desembarque, 58. Novas melhorias estão sendo realizadas, visando receber aviões com motor a jato.

RODINEI SANTOS



Prefeito Augustinho Zucchi (à esquerda) e tripulação da empresa Azul, na reinauguração do Aeroporto em 2019. À direita, Osmar Braun, secretário de Desenvolvimento Econômico de Pato Branco.

macadame”. Em edições posteriores o informativo passou a dizer que Pato Branco possuía o melhor aeroporto das regiões Oeste e do Sudoeste!

O fotógrafo João de Paula chegou em Pato Branco em 1965, e também afirma ter testemunhado a “construção do aeroporto”.

— Depois de pronta a pista, desciam aqui os aviões da Sadia. Eram aviões de transporte de passageiros. (João de Paula, 2020)

O comprimento inicial do aeroporto era de 600 metros, alongados para 1.500 m na gestão do prefeito Graeff. Na gestão do prefeito Augustinho Zucchi a pista foi ampliada para 1.622 m.



*Taxistas de 1954
diante do Hotel
Rodoviária:
Nicanor Colla,
Paulino Setti,
Danilo Amadori,
Sadi Gonçalves,
Ercival Marques.
Votolini fez de
Setti o personagem
taxista que o
conduziu pelas vias
de Pato Branco
enquanto ele colhia
entrevistas.*

DISTRITO ADMINISTRATIVO

Um passo decisivo rumo à emancipação política de Pato Branco deu-se em 1º de outubro de 1947, quando o Distrito Judiciário foi convertido em Administrativo. Nessa época surgiu o sub-prefeito, cargo executivo do distrito. O primeiro foi Augusto Pastorello, indicado por Clevelândia. Era filho de Alexandre Pastorello e Orieli Giavon, originária de Sananduva-RS. Instalaram a primeira plantação de uvas de Pato Branco, destinada

à produção de vinho. Também tinham uma pequena bodega.

Nos anos seguintes, os comerciantes Sebastião Vasco e Zacharias Kosliski ocuparam o cargo de sub-prefeito.

BALSAS E PONTES

Na passagem das estradas pelos rios do Sudoeste, a falta de pontes proporcionava oportunidades de lucro a quem se dispusesse

a instalar balsas.

— Naquele tempo, tudo era um acontecimento — segundo Alberto Pozza (2004). Ele diz ter participado da churrascada de inauguração da balsa do rio Vitorino, na estrada para Coxilha Rica, instalada por José Duns.

No rio Chopim, que desde o início do século XX corta várias estradas que se dirigem para o norte, havia inúmeras balsas.

— Eram tocadas a manivela. Tinha em São Miguel, na Barra do Buraco, a dos Camozzato, Salto Grande, duas próximas a Itapejara d'Oeste, uma ali perto de Águas do Verê, outra saía em São Jorge do Oeste. (Osmar Koslinski, 2019)

As pontes do rio Chopim foram construídas durante o asfaltamento das estradas, ligando Pato Branco a Guarapuava, Itapejara d'Oeste a Coronel Vivida e Dois Vizinhos a São João. Há também uma ponte entre Pato Branco e a cidade de Honório Serpa.



Ônibus com itinerário de Pato Branco chega ao Hotel Brasil.

TAXISTAS

Os primeiros taxistas de Pato Branco surgiram na década de 1940. Conforme Pozza (2004), em 1948 havia quatro. O primeiro foi Antônio Pagliarini, originário de Caxias do Sul. Depois apareceram Ricardo Wichmann, Augusto Venazzi, Nelson Scatolla, Cassiano Jorge Fernandes e Antônio Batistella. Paulino Setti contou a Votolini que, em compa-

nhia de Santo Colla e Vergílio Pedro Carbonera, montou em 1953 o primeiro ponto de táxi da cidade. Setti e Colla dispunham, cada qual, de um Mercury 1948. Carbonera tinha um Ford 1940. A Prefeitura forneceu licença para cinco vagas, que foram ocupadas também por Pedro Geraldi e Eurides Cardoso. Eles conduziam clientes a cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Inclusive alguns “pistoleiros e bandidos”. Os táxis também transportavam “valores para bancos e empresas, defuntos por morte natural e assassinados”.

Em 25 de outubro de 1970, visando o fortalecimento da classe, foi constituída a Associação dos Condutores Autônomos Rodoviários de Pato Branco, sob a presidência de Melidino Becchi. Em 17 de maio de 1971 a entidade foi transformada no Sindicato dos Motoristas de Pato Branco. Nessa época a cidade já contava com mais de 50 táxis.

— Maria Gemi Costa foi a primeira taxista de Pato Branco, do Sudoeste e do Oeste do Paraná. (Rubens Camargo, 2020)



Cine Avenida. O proprietário, Eduardo Pasternack — "Dudu do Cinema" — encontra-se na sacada.

CINEMAS

A primeira sala de cinema de Pato Branco, Cine Avenida, foi instalada pelo farmacêutico Eduardo Pasternack, em 1948. A capacidade era para 315 espectadores, acomodados em cadeiras de palha. Na mesma edificação estavam a residência, a alfaiataria e a barbea-

ria de Carlos Michelon.

O cinema não era apenas um ponto de entretenimento e de cultura. Acima de tudo, era o local preferido pela juventude para encontros entre amigos.

— O Cine Avenida tinha um magnetismo especial. Em torno dele, tudo o que denotasse sensibilidade e alegria, acontecia. (Rudi Bodanese, 1994)

Olindo Slonski tem uma visão menos romântica do cinema. Segundo ele, “pulgueiro” era a denominação da sala de projeção.

— Nossa juventude era muito diferente da atual. Tínhamos dois cinemas em Pato Branco. O Cine Guarani e o Cine Avenida. O gostoso era que você podia escolher. Domingo a piazada ia toda para o matinê trocar gíbi,

BARZILAN E DAL IGNA

A primeira casa comercial registrada na ata do distrito de Pato Branco, em 14 de fevereiro de 1945, foi a *Barzilan & Dal Igna*, dos sócios José Luiz Barzilan e Waldomiro Dal Igna. Atuava na “compra de fazendas, secos e molhados, armarinhos, produtos coloniais, etc”. José Luiz entrou com o capital, Waldomiro com o serviço. A empresa e a família de Waldomiro instalaram-se num prédio cedido por José Luiz, na rua Benjamin Constant.



Domingo na década de 1940. Em frente ao Cine Avenida, um policial cuida da rua, enquanto os fiéis dirigem-se à igreja de São Pedro.

figurinha. Depois tinha as tardes dançantes. (Lori Olívia Busato, 2019)

— O pessoal chegava uma hora antes de começar o filme e ficava circulando na frente do cinema, conversando, namorando. Antes da sessão do Cine Avenida, o Tio Tonico fazia gincanas. (Paulo Ricardo Pozzolo, 2020, sobre o cinema nas décadas de 1960/1970)

PRIMEIROS ÔNIBUS

Os ônibus começaram a circular em Pato Branco por volta de 1945. Os primeiros pertenciam à empresa Kowaleski & Cia, com transportes a União da Vitória. Sem vidraças, os passageiros protegiam-se da poeira com sanefas — tiras de tecido estendidas na parte superior da cortina.

— Eram ao mesmo tempo ônibus e caminhões. Carregavam gente, mas também feijão, milho. O que coubesse naqueles caminhões velhos, o polaco levava. (Setembrino Bortot, sobre os ônibus de Kowaleski, 2019)

— Tinha três ônibus, este terceiro sempre à disposição para qualquer eventualidade de quebra ou excesso de passageiros. (...) Os



INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THEÓPHILO PETRYCOSKI

76 pessoas reunidas na varanda de um hotel da família Formighieri, no início da década de 1940. Os lambrequins nas platibandas são típicos de residências dos imigrantes europeus.

motoristas eram dois irmãos alemães de sobrenome Hass. (Alberto Pozza, 2014)

A segunda transportadora de passageiros foi a Chapecoense, de Berti & Persigui, com viagens diárias a Chapecó-SC. A terceira, de Alcides Carbonera e Santo Sbrizzia, com iti-

nerário entre Pato Branco e Nova Prata-RS. A viagem durava entre 30 e 40 horas, dependendo do clima. O motorista era o próprio Carbonera.

— Esses pioneiros dos transportes de passageiros, a quem Pato Branco muito deve,

TROPEIROS DE OURO E PRATA

A ferraria/marcenaria de Osvaldo Otaviano Pasto e Napoleão Cardoso era bem frequentada por moradores locais e viajantes. Além de construir e reformar carroças, eles dispunham de um funcionário — Paulino Rustirolli — que consertava "revólveres, pistolas, garruchas e espingardas" (Olaumir Pedro Guerios, 2020). Na década de 1940, periodicamente passava por Pato Branco a tropa do Capitão Tenório, "com 12 homens fortemente armados e 10 a 12 cargueiros" (Guerios). Acampados ao lado da ferraria, Tenório aproveitava o momento de folga para contar as vantagens de seu empreendimento. Dizia conduzir ouro e prata, do Brasil para a Argentina. No retorno, levava manadas de mulas, que eram vendidas na feira de Sorocaba. Tenório também aproveitava sua estada no distrito de Pato Branco para abastecer-se de "arroz, feijão, farinha, açúcar, sal, café, banha, fumo, cachaça e outros utensílios" no armazém de João Penso.



INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THEÓPHILO PETRYCOSKI

Festa de amigos, década de 1950. O gaiteiro sentado no capô do ônibus, linha Pato Branco-Chapecó.

enfrentaram toda sorte de dificuldades e desafios. Nossas estradas não eram asfaltadas, os grandes rios não tinham pontes e a transposição era feita através de balsas frágeis e perigosas. (Alberto Pozza, 2004)

O autor conta que em 1948 estava transportando 80 sacos de feijão e tambores vazios de combustível, de Pato Branco a Porto Alegre. Ao tentar atravessar o rio Chapecó, a balsa não suportou o peso, inclinou e o caminhão afundou.

— Perdi toda a carga de feijão. Fui o último que tentou transpor o rio Chapecó pela balsa.

CATTANI

Em 1949 a empresa Ipiranga, de José Cattani & Filhos, sediada em Caçador-SC, passou a transportar passageiros a Pato Branco. Em 1952, contando com cinco ônibus, mudou-se para essa cidade. Após associar-se à família Zortea, os Cattani expandiram sua malha de transportes, incorporando várias

NOS TEMPOS DO CHICOTE

Com a mesma gana com que desclassifica os destruidores da mata de pinheiros do Sudoeste, Voltolini solta sua carga de insultos contra os primeiros políticos de Pato Branco. Segundo ele, no período pré-emancipação municipal “não faltou a opressão, a cadeia, a perseguição e... até o chicote”. Os opressores eram lideranças do PSD e do PTB de Clevelândia, que tinham em Pato Branco seus aliados políticos. Esses partidos estavam nas mãos das famílias Martins e Anibelli, respectivamente. Segundo o historiador, eram “adversários figadais”.

— Os partidos (...) se instalaram na população de Pato Branco qual força maligna, dividindo a sociedade, semeando a discórdia entre os irmãos de ideal, classificando-os de anjos e demônios. (...) Depois veio a UDN – União Democrática Nacional, mais um pomo da discórdia a se fixar entre os bravos pioneiros de Pato Branco.

Para o autor, a pacificação política ocorreu a partir da instalação do governo militar, em 1964, quando os partidos foram reduzidos a dois: Arena e MDB.

Família de Oliva e José Cattani. Em pé, desde a esquerda, Aurélia, Ermelindo, Generoso, Laurindo e Aurora. Sentados, Josefina, Domingos, Oliva (Sebila no colo), José, Alberto e Lidia.



pequenas empresas da região e tornando-se uma das maiores no transporte de passageiros do Paraná, incluindo itinerários interestaduais. Em 1982 a Cattani já contava com mais de 300 ônibus e o quadro de pessoal ultrapassava os mil funcionários. Mas nessa época a Cattani dividiu-se em várias empresas menores.

— A família cresceu, e achamos que era hora de dividir. Você pega daqui pra lá, eu pego de lá pra cá, e assim foi. Hoje são mais

de dez empresas de ônibus que se originaram da Cattani. (Daniel Cattani, 2020)

O primeiro ônibus do Sudoeste (década de 1940), pertencia a um motorista de Clevelândia. Segundo Pozza (2004), ele utilizava a padaria de Paulo Huffner como rodoviária. “Tinha os bancos de madeira e sanefas para proteção contra chuva e poeira”. Mais tarde os ônibus passaram a estacionar diante dos hotéis.



Hotel Brasil e Hotel Rodoviária/Estação Rodoviária em 1956.

José era casado com Oliva Demoliner. Um de seus filhos, Alberto Stéfano Cattani, elegeu-se prefeito de Pato Branco (1969 - 1973). Daniel Cattani, neto de José, foi vereador em dois mandatos, de 1983 a 1992. Também elegeu-se vice-prefeito, na chapa de Roberto Viganó (2009 - 2012).

RODOVIÁRIA E HOTEL RODOVIÁRIA

Pedro Ramires de Mello, conhecido como Pedro Xisto, originário de Clevelândia, estabeleceu um armazém em Pato Branco em 1935. Três anos depois construiu o Hotel Brasil, na Avenida Tupi, esquina com a atual rua Sílvio Vidal. Com três aposentos, dispunha de colchões de palha e camas de fabricação própria. No local foi instalada a sala de atendimento do telégrafo — gerenciada por Aracy Cavalheiro, esposa de Mello. O fluxo de hóspedes permitiu a ampliação do empreendimento, com a construção de um prédio de três andares. Em 1950 o hotel foi vendido à família Pastro. Em 1953, observando a evolução do trânsito de ônibus, Mello obteve autorização da Prefeitura para implantar uma rodoviária. Construiu novo prédio de três andares. No térreo funcionava a rodoviária. Nos andares superiores, o *Hotel Rodoviária*.

TELEFONES SEM VOZ

Reivindicada pelo engenheiro Duílio Beltrão, a Agência Postal Telefônica de Pato Branco foi inaugurada em 8 de julho de 1945. Ficou sob a responsabilidade de Aracy de Mello.

Em 1963 o serviço telefônico estava paralisado. Os detentores das linhas reuniram-se com o prefeito Ivo Thomazoni para debater a questão. Técnicos da Ericson do Brasil S. A. foram chamados e constataram que havia consertos a fazer, mas que o problema maior era o atraso nas mensalidades de alguns proprietários. No mês seguinte o jornal *A Razão* lamentou os telefones ainda mudos. E com um agravante:

— Clevelândia, Francisco Beltrão, Barra-

cão, não são capitais de parte nenhuma, no entanto o telefone funciona. (*A Razão*).

Dois meses mais tarde, em 26 de janeiro de 1964, o informativo voltou à carga.

— Estamos na estaca zero. Quem desejar comunicar-se com Curitiba deve embarcar num ônibus e ir até lá.

Uma fotografia publicada no jornal mostra um amontoado de fios telefônicos. Era um “material valiosíssimo e de primeira ordem”, que havia sido “esquecido em sarjetas e desorganizada depositado em galpões, fazendo-se sentir o grande poder dissolvente das águas pluviais e da chuva”.

Em 12 de julho de 1964 as autoridades locais reuniram-se com o presidente da Telepar, general Junot Guimarães, para resolver o problema da telefonia. Duas semanas depois, como as promessas de conserto não haviam sido cumpridas, os protestos voltaram às páginas dos jornais. O povo continuou aguardando a solução definitiva da telefonia local.

BANESTADO

Em dezembro de 1951 a vila de Pato Branco comemorou a inauguração de uma agência do Banco do Estado do Paraná – Banestado, a primeira a ser implantada na região Sudoeste. Até então, a população de Pato Branco e de localidades vizinhas obrigava-se a deslocar-se à cidade de Palmas para realizar suas transações bancárias.

Sentado, Francisco Calomeno, primeiro cliente do Banestado de Pato Branco a fazer um depósito, em 1951. O momento é comemorado com Tercílio Colla (esquerda), José Merlim e o gerente.



GUERRA

O patriarca da família Guerra, Prosdócimo, era originário da Itália. Chegou ao Brasil no período da grande imigração, no final do século XIX, e estabeleceu-se na região de Passo Fundo. Seu filho Francisco teve um filho também chamado Prosdócimo.

Os Guerra deram os primeiros passos de uma trajetória de sucesso em Soledade-RS, onde Prosdócimo (neto) e seus irmãos tornaram-se comerciantes. Compravam trigo, banha de porco e outros produtos das colônias e levavam a Porto Alegre e São Paulo, de onde voltavam com manufaturados. Também administravam uma serraria. E o vilarejo, que havia sido formada por Vincenzo, irmão de Francisco, tornou-se conhecido como *Povoado dos Guerra*.

Prosdócimo casou-se com Adeli Fumagalli, com quem formou uma das famílias mais influentes da cidade de Pato Branco. Eles tiveram os filhos Lydio, Waldir, Arno, Ivânio, Alceu, Alcení, Maria Anita e Luiz Fernando. Waldir foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Pato Branco, depois deputado federal e secretário de Indústria e Comércio do estado do Mato Grosso. Alcení foi deputado federal, prefeito de Pato Branco, chefe da Casa Civil do Paraná e ministro da Saúde e da Criança. Ivânio foi deputado federal. E Fernando, filho de Luiz Fernando, é deputado estadual desde 2019.

Prosdócimo pisou pela primeira vez em

Pato Branco em 1949, enquanto viajava para Barracão. Em 14 de dezembro de 1951, ele seguia ao Norte do Paraná, em companhia de Lydio. Seu caminhão quebrou quando passavam pela vila de Pato Branco. O mecânico que os atendeu disse que o conserto só ficaria pronto no dia seguinte, então hospedaram-se no Hotel Brasil. Na manhã seguinte acordaram com o barulho de tiros e gritos na praça. Enquanto o alarido tomava volume, apanharam suas armas e abriram com cuidado a janela. Com surpresa, notaram que havia várias pessoas atirando para o alto. Descendo à rua, constataram que a população local festejava a emancipação de Pato Branco.

— Almoçaram na festa da emancipação! E o pessoal da oficina não cobrou o conserto, o que demonstrava o quanto o povo de Pato Branco era hospitaleiro. E meu avô disse que viria com toda a família morar em Pato Branco, e realmente veio. Porque lá no Rio Grande do Sul a família não cabia mais. Eram muitos irmãos e cada um deles com muitos filhos. (Ricardo Guerra, filho de Luiz Fernando, 2020)

Durante alguns anos, Prosdócimo transportou seus amigos riograndenses ao Sudoeste do Paraná. Em 1955 decidiu levar a própria família a Pato Branco. Estabeleceu-se na Baixada Industrial, onde instalou uma sorveteria em sociedade com um sobrinho, Alcides Balotini. Com alguns de seus dez irmãos, também comprou uma serraria próximo ao rio Forquilha, em Vitorino. Depois eles instalaram uma maior, em Santa Isabel do Oeste, em sociedade com as famílias Cavalheiro e Franciosi.

No final da década de 1960, administrando várias serrarias, os Guerra perceberam que o ciclo da madeira estava encerrando e decidiram migrar para outros setores. As terras outrora tomadas pelos pinheirais foram ocupadas pela pecuária. Depois passaram a cultivar soja.

Em 1969 o vereador Victor Sylvio Biasuz arrendou uma área em Mangueirinha, onde fez a primeira plantação de soja em larga escala do Sudoeste. Em 1971, Waldir Guerra, incentivado por seu ex-colega da Câmara,



Casa comercial dos Irmãos Guerra, em Nova Alvorada-RS (década de 1930). Na porta esquerda, de chapéu branco, está Prosdócimo Guerra. Nos andares superiores, a residência da família.

plantou 500 hectares de soja no mesmo município. Nessa época vários agricultores passaram a cultivar o produto. Atento ao novo mercado que se abria, Luiz Fernando — em sociedade com Prosdócimo — montou a primeira unidade armazenadora de soja do município de Pato Branco.

Nessa época iniciava-se no Sudoeste a agricultura intensiva. Grandes áreas eram desmatadas para o desenvolvimento da agricultura.

— No começo da década de 1970 as pessoas se entusiasmaram com a abertura das áreas de mata por meio da destoca. Instalaram-se em Pato Branco várias empresas de destoca. Nessa época havia um maquinário rudimentar. Mas já contávamos com grade, plantadeira, colheitadeira. E formou-se uma área agrícola muito forte. Porque as terras aqui são de primeira qualidade. (Luiz Fernando Guerra, 2020)

Na segunda metade da década de 1970, os Guerra passaram a produzir sementes de soja, trigo e feijão, destinadas ao plantio.

— Até então, qualquer grão se jogava na terra — diz Ricardo. — Mas quando se

pensa em produzir sementes exclusivamente para o plantio, busca-se produzir qualidade. Tio Waldir tinha buscado essa tecnologia no Mato Grosso do Sul. E meu pai, em socieda-



Prosdócimo Guerra (esq.) acompanhado de um primo. A marca da gaita revela sua origem: “Settimo Soprani”.





de com meu avô e meus tios Alcení e Ivânio, estabeleceram uma sementeira aqui em Pato Branco.

Em 1979 foi criada a empresa Sementes Guerra, e o produto passou a ser distribuído nacionalmente. Alcení e Ivânio foram cursar medicina em Curitiba. E a sementeira ficou com Luiz Fernando.

— A região Sudoeste, principalmente de Pato Branco a Palmas, é privilegiada pelo clima, pela topografia e pela altitude, para a produção de sementes. Chove com regularidade e a temperatura não muito alta favorece a capacidade germinativa. (Luiz Fernando)

No auge da produção, a empresa comercializava um volume de sementes equivalente ao plantio de 200 mil hectares, com cerca de 60 mil sementes para cada hectare.

Em 2021 os Guerra vivem um momento de transição, semelhante ao que ocorreu no final da década de 1960. Deixando o agronegócio, venderam o setor de *commodities* ao grupo Coopavel (Cooperativa Agroindustrial de Cascavel) e voltaram-se aos produtos com valor agregado, dedicando-se à pesquisa e à busca de novas tecnologias agrícolas. Estudos para melhoramentos em sementes de milho e trigo são realizados em parceria com o grupo francês *RAGT*.

— É uma das maiores produtoras de sementes da Europa — diz Luiz Fernando. — Uma semente de trigo que produzimos aqui, a partir da nossa pesquisa, já está sendo lançada na Espanha.

O grupo Guerra também possui uma indústria química, que produz nutrientes para plantas, e uma incorporadora imobiliária. O alcance empresarial estende-se a vários estados do Brasil e ao Paraguai.

Pato Branco no ano de 1948. Nessa época a vila era rodeada de chácaras, que no decorrer dos anos seriam convertidas em conjuntos residenciais. Na fotografia de Nicolau Leopoldo Schneider, a família Pagnocelli percorre sua propriedade, próximo a uma ponte sobre o rio Ligeiro. A rua que conduz à igreja de São Pedro é a Tapajós — com uma árvore no meio.



Carnavalescos passam pelo Cine Avenida. Da janela, um menino observa. No volante, Dionízio Zílio. Na carroceria, Bide, Êzio Servi, Rozimbo Bianchi, Mafalda Fasolin, Elizete Menegassi e Inês Geron.

Nos primeiros anos da cidade de Pato Branco, a diversão de carnaval era muito mais do que dançar no salão do Clube Poeira. Jovens, adul-

tos e crianças subiam nos caminhões, picapes e calhambeques, cobriam-se de serpentinas e passeavam pelas ruas, em animados cortejos.

É carnaval!

A tradição carnavalesca de Pato Branco nasceu antes da emancipação do município. Os foliões reuniam-se nos clubes sociais, mas também saíam às ruas. Fotografias dos anos 1940/50 mostram desfiles em jipes, carrocerias de caminhão e calhambeques.



Carnaval de rua na década de 1950. As meninas desfilam num caminhão de transportar toras.



No início da década de 1950, o convívio entre os caboclos e os migrantes do Sul já estava consumado. A movimentação de pessoas entre a vila de Pato Branco e as comunidades rurais era intensa. Os pinheiros saíam das profundezas da floresta para as serrarias. Os produtos agrícolas deixavam o campo e movimentavam a economia do povoado. O medo inicial das famílias gaúchas e catarinenses — de encontrar-se numa terra sem recursos, onde poderiam perecer pela fome, pela doença ou pela violência — havia cedido à certeza de que uma vida próspera estava se iniciando. Agora se viam novamente entre amigos, na igreja e nos

1952. O município de Pato Branco estava emancipado, aguardando a instalação. As meninas Inês Geron e Dalva Zanol passeiam pela Tapajós, lendo exemplares da revista “O Cruzeiro”.

clubes sociais, divertiam-se em jogos de quadrilho, bocha, mora e futebol. Encontravam-se nos bares e nas rodas de chimarrão, promoviam as procissões, os bailes e as churrascadas. Já havia uma efervescente povoação, as estradas rurais estavam abertas, as empresas estabelecidas, a escola e a igreja recebiam os alunos e os fiéis. Com os cartórios instalados, as comunidades crescendo na cidade e no interior, as empresas se multiplicando, inúmeras serrarias fumegando e apitando, os caminhões trazendo e levando, as lideranças locais tomando ânimo e juntando forças... o campo já estava preparado para a emancipação política.



Como resultado de ações de várias lideranças locais, em 14 de novembro de 1951 o distrito de Pato Branco emancipou-se de Clevelândia. Mas as disputas políticas, que esquentavam os ânimos na antiga Vila Nova, prosseguiram sem trégua nos anos seguintes.

A ferrovia e o porto no rio Iguaçu favoreciam a cidade de União da Vitória como centro comercial, com amplo domínio nas iniciativas econômicas do Sudoeste. Mas a partir da década de 1940 Pato Branco também começou a exercer influência regional.

— De todos os incipientes núcleos, começou a destacar-se Pato Branco, que na realidade participava de todas as atividades, sobretudo por ter sido durante muitos anos o terminal da rodovia que comunicava com União da Vitória. Grande parte do comércio de suínos, mate e couros passava por Pato Branco, que em 1940 possuía cerca de 1.000 habitantes. (Wachowicz, 1987)

— Seus bodegueiros, caboclos, descendentes de imigrante, realizaram tanto transações com a população de toda a região, como os bodegueiros das áreas mais remotas, assegurando no antigo povoado de origem cabocla uma função regional, reforçada posteriormente com a colonização. (Roberto Lobato Correa, O Sudoeste)

Em 1950 o jornal Oeste Paranaense mostrou os números da produção do distrito: 100 mil sacos de trigo, 37,5 mil m³ de madeira, 1,5 milhão de sacos de milho, 58 mil sacos de feijão e 35 mil sacos de batata. Havia 40 caminhões, 2 “carros particulares”, 4 “carros de praça”, 5 caminhonetes. Havia também 3 “casas atacadistas”, 35 varejistas, 2 padarias, 5 engarrafamentos, 3 fábricas de “gazozos” (refrigerante), 1 cervejaria, 1 fábrica de sabão, 1 fábrica de fogões, 1 fundição, 4 alfaiatarias, 3 fábricas de banha, 3 fábricas de vassoura, 6 selarias, 2 sapatarias, 3 “moi-

nhos de cilindro”, 20 serrarias, 3 olarias, 2 farmácias, 3 churrascarias. O jornal também cita fotógrafos, tipografia, oficinas mecânicas, botequins, casas de “snocker”, clubes e bomba de gasolina.

A expansão econômica do Sudoeste já favorecia a emancipação política de alguns municípios. A migração dos sulistas seguia acelerada, espalhando novos moradores nas áreas indicadas pelas companhias colonizadoras, ou aleatoriamente, a partir de negociações feitas com posseiros. Em Pato Branco, caminhões de mudança chegavam todos os dias. O casario aumentava, novas casas comerciais eram instaladas, as serrarias roncavam, novos profissionais surgiam, a oferta de empregos aumentava. Os hotéis acolhiam compradores de madeiras, vendedores e aventureiros em busca de oportunidades. Ca-

minhões e ônibus levavam e traziam pessoas e mercadorias. As vias do desenvolvimento estavam abertas e não haveria retorno.

Políticos de Pato Branco e Francisco Beltrão corriam para viabilizar a autonomia de suas cidades. Quem se adiantasse na obtenção da alforria, anteciparia suas diretrizes no encalço do progresso. O fervor emancipacionista evidenciava-se em várias manifestações públicas. Em Pato Branco, os ânimos convergiram para uma reunião no Cine Avenida, com inúmeras lideranças locais, a convite do PSD. Compareceram “pessedistas, getulistas, udenistas, trabalhistas e outros” (Alberto Pozza, 2014). À mesa estavam empresários e políticos, inclusive, Harri Valdir Graeff, candidato ao Executivo de Clevelândia. Ele sugeriu que todos apoiassem o PSD, em favor da emancipação. Pozza (2019) afirma que,



População do distrito de Pato Branco recepciona o governador Bento Munhoz da Rocha Neto na praça Presidente Vargas, em setembro de 1951. Poucas mulheres estão presentes. O chapéu de um dos oradores encobre parte da plateia.

Emancipação política

diante do silêncio da plateia, levantou-se ele mesmo e pronunciou-se desfavorável à proposta, visto que ninguém sabia antecipadamente o resultado das eleições estaduais e federais, que ocorreriam naquele ano. Propôs

que todos abraçassem a causa da emancipação, “mas cada qual com a bandeira do seu partido”. Sem acordo, a reunião esvaziou-se.

Havia um grande fervor partidário no distrito, envolvendo PSD, UDN, PTB e PSP.

Além das acaloradas discussões em torno da candidatura de Getúlio Vargas a presidente, havia o pleito estadual com que se ocupar. Bento Munhoz da Rocha despontava como o preferido do Sudoeste. E vários candidatos



Comício em 1951, na praça Presidente Vargas. Os eleitores trajam botas, chapéus e paletós. À direita, igreja de São Pedro. No centro, bodega das festas. A faixa é publicitária e reivindicatória: “Getúlio apóia Bento. O povo de P. Branco cobra município”. A emancipação avizinhava-se.

regionais pleiteavam o cargo de deputado.

Em setembro de 1951, já eleito, Bento realizou uma reunião em Pato Branco. O evento foi organizado por representantes dos partidos que apoiavam o governo. Visando uma recepção memorável, eles criaram seis comissões: de Recepção (4 pessoas), de Fogos (3), de Banquete e Alojamento (6), de Baile (masculina, 18; feminina, 7); Escolha do Churrasco (5) e de Ornamentação (12). Sétimo Isoton foi o “encarregado da orquestra”.

A recepção deveria ocorrer durante a festa de São Pedro. Porém Munhoz só conseguiu chegar ao fim do dia. O jantar de acolhida aconteceu no hotel Paraná. Reunido com os líderes do povoado, Munhoz prometeu emancipar o distrito. Também disse que doaria terras do estado ao novo município, instalaria a

.....
Rua Goianazes na década de 1950. À esquerda, no alto, encontra-se o colégio Vicentino. Fotografia de Nelson Colla.



Em 1948, o caminhão com alto-falante anuncia a passagem do prefeito de Clevelândia, Crescêncio Martins, pelo distrito de Pato Branco. Na faixa, "Homenagem do povo de P. Branco".

eletricidade na sede e transferiria o grupo escolar da área central, cedendo espaço para a nova igreja. Aproveitou a ocasião para pedir votos ao seu candidato a prefeito de Clevelândia, Sinval Martins de Araújo, e a Antônio Anibelli, aspirante a deputado.

Pozza diz ter chegado à cidade no instante

em que ocorria aquele jantar, a tempo de ver a polícia batendo em manifestantes do partido trabalhista.

— Houve muita correria e pancadaria, muitos foram se salvar escondendo-se debaixo da Madeireira Pato Branco.

Nesse ano o Sudoeste elegeu os deputa-



dos estaduais Anibelli e Cândido Machado de Oliveira.

A lei 790/51, sancionada por Munhoz em 14 de novembro de 1951, emancipou os municípios de Pato Branco, Barracão, Francisco Beltrão, Capanema e Santo Antônio do Sudoeste. Todos desmembrados de Clevelândia. A mesma lei emancipou Cascavel, Toledo e Guaíra.

O foguetório eclodiu nas cidades emancipadas. Mas após as comemorações constatou-se que as áreas definidas para os municípios do Sudoeste eram menores do que se esperava. Pato Branco estava reduzido a menos da metade, em relação ao tamanho do distrito correspondente!

Jansen de Sá, nas páginas do Oeste Paranaense, exalta o ato emancipatório.

— Parabéns... Pato Branco, mais um brilhante tento conquistado em tua coletividade laboriosa e progressista, perfeitamente à al-

Em 1951 eram poucos os eleitores no Sudoeste. Em Capanema, o candidato a prefeito Otávio Mattos venceu Aníbal Bonato com 42 x 18 votos. Um vereador elegeu-se com somente três votos. Não havia vias de acesso à sede municipal. Não havia sequer uma sede própria para a Prefeitura. Ela foi instalada 24 Km ao sul, na atual cidade de Pérola do Oeste. Em Barracão havia nove cadeiras disponíveis na Câmara e somente oito candidatos. Bem ou mal votados, todos foram eleitos. Em Francisco Beltrão, Riccieri Cela (PTB) venceu Rubens Martins (PSD) com uma diferença de 17 votos. Martins recorreu e o resultado foi invertido.

O PRIMEIRO CAMINHÃO DE SOM

No período da primeira eleição municipal, Alberto Pozza e seus irmãos tinham acabado de desfazer sua parceria comercial com os Parzianello. Alberto aproveitou o momento de transição empresarial para entrar na campanha eletiva. Instalou um alto-falante em seu caminhão Diamond e, acompanhado do candidato a vereador Antônio Zanol, percorreu o município pedindo votos para Plácido Machado, candidato a prefeito pelo PTB.

*Pato Branco em 1950.
Rua Iguaçu, esquina
com avenida Tupi.
O pinhal ao fundo
localiza-se na área
onde hoje se encontra
o Bairro Cadorin.
Ao centro, "Bar
do Chico Deus".*



ACERVO OLAMIR PEDRO GUERIOS

tura de tua natureza fértil, dadivosa e acolhedora. Caminhas a largos passos em demanda a um futuro de alvissareiras concretizações, num ímpeto de grandiosidade certa e inequívoca. Muito crescestes e te agigantas neste breve lapso de um biênio, tempo que em ti convivo com teus filhos como eu, em sua maioria adotiva, porém dignos e zelosos pelo teu porvir.

Porém apresenta severas ressalvas. Diz que a sede (Clevelândia) havia recebido posto de saúde, cadeia, escola rural, usina hidrelétrica e “campo aviatório”, enquanto Pato Branco continuava no abandono e entregue à própria sorte.

— És tu quem mais trabalha e mais pro-

duz. Centralizas as safras e constituis o principal esteio do erário, cujos cofres se locupletam com altas percentagens, deduzidas ao produto do sacrifício do teu povo. És o exemplo edificante do progresso e representas a grande massa eleitoral, motivos suficientes para que mereças maiores atenções e maiores benefícios. Esquecem-te, mas tu não estacionarás em tua marcha ascensional. Tua semente foi lançada em bom solo e o teu desenvolvimento florescente ainda dará o fruto da recompensa a estes teus filhos (...). Jamais deixaremos fenecer a chama que nos anima a construir tua futura cidade.

Pozza conta que participou de uma audiência com Munhoz, no palácio Iguaçu, acom-

*Entregadores de
lenha diante da
Foto João.*



INSTITUTOS PROSDOCIMO GUERRA/THEÓPHILO PETRYOSKI



INSTITUTOS PROSÓCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI

Carnaval, década de 1950. Entre os foliões, Zulmira, Orestes Pagliosa e Pedro Xisto. O motorista do calhambeque é Cassiano Jorge.

panhado do vereador Teodorico Guimarães, na qual o deputado Anibelli comentou a insatisfação dos pato-branquenses quanto ao corte no território municipal.

— Anibelli, procure o Departamento de Geografia, Terras e Colonização e dê o que o povo de Pato Branco quer — teria dito o governador.

Segundo Pozza, após as necessárias diligências — negociações com o Departamento citado, audiência pública com representantes de diversos setores de Pato Branco e acordos com autoridades de Francisco Beltrão e Clevelândia — foi desenhado o novo mapa municipal. A área passou para 1.876,3 Km², “muito mais do que os magros 500 e poucos que queriam nos dar aqueles que se diziam nossos defensores” (Aristides Manoel Martins, 18 de março de 1951).

DISTRITOS

No instante da emancipação, Pato Branco recebeu como bônus o distrito de Vargem Bonita. Um decreto municipal de 26 de junho de 1953 criou os distritos de Dois Vizinhos, Coxilha Rica e Verê. Nova lei, de 24 de outubro do mesmo ano, acrescentou o distrito de Bom Sucesso.

PRIMEIRA ELEIÇÃO

O PTB apresentou Plácido Machado como candidato a prefeito. Nascido em 1906, em Guarapuava, ele havia-se transferido para Pato Branco em 1947, assumindo o cargo de 1º coletor estadual do distrito.

— Naqueles primeiros tempos, era necessário tirar guias para o transporte de cereais ou mesmo de animais. Plácido era muito conhecido e os motoristas gostavam muito dele. (Pozza, 2004)

Na outra ala, com o apoio de PSD, PR e UDN, candidatou-se Cristiano Liberato Leonardi. Morador de Pato Branco desde 1943, era comprador de porcos para uma empresa de União da Vitória.

O PSP coligou com o PTB para a eleição à Câmara Municipal, e também apoiou Machado.

As urnas foram abertas na cidade de Clevelândia. Dentre os eleitores registrados no distrito de Pato Branco, 858 ausentaram-se. Plácido Machado elegeu-se com 58,8% dos votos válidos. Foram 1.042 contra 729. O foguetório eclodiu após o anúncio do resultado e o barulho prosseguiu até a cidade de Pato Branco.

Também foram festejados os vereadores eleitos: Vitélio Parzianelo e Harri Valdir Graeff (PR); Antônio Zanol (PSP); Guerino Zandoná e Genoíno Piacentini (PSD); Aristides Manoel Martins, Arcênio Gonçalves de Azevedo, João Viganó e Casemiro Gause (PTB). Piacentini não compareceu à posse e perdeu o mandato, sendo substituído por Neptuno Carraro (PSD). A presidência da Câmara foi ocupada por Zanol. Em 24 de junho do mesmo ano ele renunciou ao cargo, e a presidência foi ocupada por Guilherme Lebkuchem (PSP), que havia assumido como suplente.



A primeira sede da Prefeitura de Pato Branco foi uma casa da família Sartori.



RODINEI SANTOS

A primeira patrôla da Prefeitura de Pato Branco, ornato do “Trevo da Patrolinha”, na PR-280, ao sul da área urbana. “Naquele tempo era só estrada de chão. Se chovia, parava tudo. Era feito tudo na base da enxada e da picareta. A primeira máquina da Prefeitura foi uma patrolinha, que hoje ta lá no trevo da cidade” (Olindo Slonski, 2019).

INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO

Em 14 de dezembro de 1952 foi instalado o município de Pato Branco, com a posse do primeiro prefeito e dos vereadores. A cerimônia ocorreu numa sede provisória, na avenida Tupi. O evento foi conduzido pelo vereador Arcênio, o eleito mais idoso.

TITULAÇÃO DIFÍCIL

O ato emancipatório previa a cessão da área urbana, e também da suburbana, do governo estadual à Prefeitura de Pato Branco. Mas o Departamento de Geografia, Terras e Colonização tardava em emitir os respectivos títulos. E a Prefeitura não podia lotear, muito menos vender terras ao grande contingente de migrantes que chegava. Para destravar a doação, Plácido Machado enviou a Curitiba o secretário Aristides Manoel Martins. Mas depois de 14 dias de tratativas com aquele departamento, o título ainda não havia sido entregue. Aristides foi falar com o governador Munhoz da Rocha, e este ameaçou demitir a chefia departamental se o caso não fosse resolvido imediatamente. No dia seguinte, Munhoz entregou a documentação a Aristides.

PATO BRANCO NASCEU GRANDE

Analisando entrevistas com antigos moradores, deduz-se que no período da emancipação política “Pato Branco não tinha nada”. Contam que só havia uma ou outra loja, ruas precárias, pouca movimentação comercial. Porém as fotografias da época e os dados fornecidos pelo governo estadual revelam um município que nasceu grande, com várias entidades públicas e particulares instaladas e um grande volume produtivo. Em 1954, um

Entre as décadas de 1940 e 1960, todos os moradores da cidade de Pato Branco conheciam-se. Nos encontros pelas ruas, era inevitável “tirar um dedo de prosa”.

Homens, mulheres e crianças ouvem um declamador no alto do barranco. Sem pressa, um cavaleiro passa.



ano após a instalação do município, a produção de trigo atingia os 350 mil sacos de 60 Kg; feijão, 70 mil sacos; arroz, 20 mil; milho, 2,2 milhões. Havia 96 serrarias instaladas, produzindo 32 mil dúzias de tábuas anuais; 4 “moinhos de cilindro” e 31 “coloniais”; 1 cervejaria; 5 fábricas de gasosa e refresco; 2 fábricas de caramelos; 2 torrefações de café; 4 fábricas de vassoura; 2 fábricas de cadeiras; 1 fábrica de camas; 6 oficinas mecânicas; 1 casa de peças e acessórios; 3 indústrias de laminados; 2 fundições de “ferro e bronze”; 2 fábricas de banha; 1 grupo escolar; 3 “colégios de irmãs de caridade”; 60 “escolas isoladas”; 500 “firmas comerciais”; 1 agência bancária (Banestado). O município também dispunha de transporte coletivo; 1 associação rural — “Casa Rural”; 1 coletoria estadual; 2 hospitais; 9 hotéis; 2 clubes esportivos e 2 recreativos; 1 sala de cinema; 24 “igrejas católicas e de outras seitas”; 2 farmácias; 2 escritórios de advocacia; 1 estação telegráfica; 1 estação de rádio. Atuavam na cidade 4 dentistas e 3 médicos.

DISTRITOS EMANCIPADOS

Pato Branco manteve sua área original até 1960, quando alguns de seus distritos passaram a reivindicar alforria. Em 25 de junho daquele ano desataram-se os municípios de Renascença e Marmeleiro. Em 1962, Dois

Vizinhos, que depois cederia parte de sua área para compor os municípios de Verê, Cruzeiro do Oeste e Boa Esperança do Iguaçu. Em 28 de abril de 1964 foi a vez de Itapejara d'Oeste emancipar-se. Em 1º de janeiro de 1990, Bom Sucesso do Sul.

PREFEITO PLÁCIDO MACHADO

Uma das primeiras iniciativas de Machado, no período entre a eleição e a sua posse como prefeito, foi alugar uma casa de dois andares, de Pedro Sartori, para sede da Prefeitura. Localizava-se na avenida Tupi, entre as ruas Iguaçu e Ibiporã. Como ele não havia sido oficialmente empossado, assinou o contrato de locação como particular.

O primeiro projeto de lei encaminhado pelo prefeito à Câmara, em janeiro de 1953, referia-se à regulamentação de alvarás de licença para atividades comerciais. Em fevereiro do mesmo ano, obedecendo ao *Código de Posturas*, instituído pela Lei 5/53, Aristides Manoel Martins tomou assento na Secretaria de Gabinete e Vicente Eliseu Ampessan assumiu a tesouraria municipal. A fiscaliza-



Prefeito Plácido Machado com seus correligionários, em dezembro de 1953. Ele é o sétimo, desde a esquerda, de botas. O vereador Pedrinho Barbeiro — mártir da Revolta dos Posseiros (1957) — é o terceiro a partir da direita.

ção tributária ficou a cargo de Germano Corona, Nestor Cardoso e João Spack. Antônio Comin tornou-se responsável pelos serviços e máquinas da Prefeitura.

Houve vários entraves administrativos iniciais. Como não havia verba para pagamento dos professores municipais, o governo estadual assumiu temporariamente o ônus. Visando a construção e a melhoria de ruas

e estradas, um projeto do vereador Aristides autorizou a Prefeitura a adquirir uma patrôla, um caminhão e um trator de esteira. Vereadores de oposição tentaram inviabilizar a iniciativa, argumentando que a Prefeitura poderia buscar o maquinário junto ao governo estadual, evitando despesas municipais. Mas o projeto foi aprovado.

Porém Machado não teve sossego. As articulações dos opositores continuaram pesadas nos anos seguintes. Some-se o fato de que o prefeito havia perdido a maioria na Câmara, após a renúncia de Zanol.

Em 1954 foram encontradas duas notas fiscais irregulares nos arquivos da Prefeitura. Uma delas referia-se a consertos no automóvel de Machado — que frequentemente utilizava-o a serviço da própria Prefeitura. Pozza conta que Graeff “destrinchou a prestação de contas de Plácido Machado, apontando mais de cinquenta irregularidades (...) porém nada que externasse má fé administrativa (...) senão desatenções ou inexperiências de assessores de contabilidade”. Quanto ao conserto do automóvel, Machado já havia restituído o respectivo gasto.

Um duplo assassinato ocorrido no dia 21 de junho de 1954 contribuiu para complicar a situação do prefeito.

Genoíno Piacentini encontrava-se na Churrascaria de Albini Bellei, acompanhado de vereadores do PSD, do deputado Cândido



Avenida Tupi em 1956. A cidade festeja a chegada da imagem de Nossa Senhora Aparecida. À esquerda, a casa de dois andares que acolhia a Prefeitura. No alto, casa do cartorário Júlio Pagnoncelli. Esta área, correspondente ao centro da cidade, foi aplainada na gestão do prefeito Harri Graeff.

Machado de Oliveira Neto e de alguns amigos. Enquanto jantavam, apareceu um destacamento da PM. O soldado *Periquito* sacou seu revólver e disparou contra Piacentini. Fiorello Zandoná tentou socorrê-lo, mas também foi alvejado com um tiro letal.

Circulou a notícia de que o crime relacionava-se a uma retaliação de Plácido Machado ao PSD. Na tribuna da Assembleia Legislativa do Paraná, o deputado Oliveira Neto acusou o governador e o prefeito de Pato Branco como responsáveis pelas mortes. O deputado Anibelli ocupou a mesma tribuna para refutar a ofensiva.

Na sessão da Câmara de 25 de julho de 1954 compareceram somente vereadores aliados do prefeito, e as contas foram aprovadas. No dia 22 daquele mês a oposição havia encaminhado uma carta, dizendo que somente voltaria às sessões depois que o prefeito renunciasse.

Na sessão seguinte veio à tona um acordo entre Machado e Lebkuchem. Segundo este, o prefeito havia procurado-o em sua residência e prometido que renunciaria se as contas fossem aprovadas. Segundo Pozza, Lebkuchem também relatou que o mesmo pedido havia sido feito ao “Dr. Íris Caldart”⁽¹³⁾. E que Machado decidira descumprir esses acordos após ser acusado pelos assassinatos.

Jácomo Trento, que em 1957 iria destacar-se como um dos comandantes da *Revolta dos Posseiros*, disse que não foi crime político. Segundo ele, a contenda iniciou-se num campo de futebol. Os policiais tentaram prender Nicanor Colla, Piacentini “entrou no meio” e impediu. Depois do jogo, “o pessoal foi na churrascaria com o deputado Candinho, e os policiais entraram pra se vingar. Quando o Fiorello viu que os policiais atiraram no Piacentini, levantou-se pra socorrer e os policiais atiraram nele também”.

Os soldados responsáveis pelos assassinatos foram presos e sentenciados com penas entre 12 e 16 anos de prisão.

(13) Caldart assumiu o cargo de vereador somente na segunda legislatura. Portanto não participava do quadro de legisladores em 1954.

Com a eleição do governador Moisés Lupion (PSD) em 1955, Machado perdeu a esperança de reabilitar-se como prefeito. Em sua carta de renúncia, escrita em 30 de dezembro daquele ano, disse que o município estava sendo prejudicado pelo confronto entre Legislativo e Executivo, e que desejava ao seu sucessor um melhor relacionamento com a Câmara.

PREFEITO JOÃO VIGANÓ

Nascido em Santa Lúcia do Piaí, em 6 de novembro de 1903, Viganó chegou em Pato Branco em setembro de 1946. Em 22 de dezembro de 1955 assumiu a presidência da Câmara Municipal. No mesmo dia da renúncia de Machado, Viganó tomou posse como prefeito, deixando a presidência do Legislativo a Graeff. A posse ocorreu em 31 de dezembro de 1955.

PREFEITO HARRI VALDIR GRAEFF

As eleições de 1956 foram vencidas por Harri Valdir Graeff, numa coligação entre PSP e PSD. Foram 2.192 votos contra 1.442 de Alberto Pozza (PTB-UDN) e 19 de João

Menegassi Neto (PRP).

Nascido em 19 de abril de 1919, em Candelária-RS, o médico Harri Valdir Graeff assumiu o comando da Prefeitura de Pato Branco em 14 de dezembro de 1956. Procurou realizar uma gestão progressista, seguindo o projeto urbano iniciado pelo engenheiro Duílio Beltrão. Mas suas reformas resultaram em descontentamento de alguns de seus pares, que esperavam obter lucros com a venda de terras mal documentadas. Reclamações chegaram à mesa do governador Lupion e a administração tornou-se difícil e arrastada.

Em 1959 Graeff publicou um manifesto contra o governador, o que resultou na dissolução do diretório do PSD em Pato Branco. E nos meses seguintes o prefeito experimentou o gosto amargo do ataque adversário, que ele próprio havia imposto a Plácido Machado. Mas sua gestão foi muito eficiente na estruturação inicial da cidade.

PREFEITO IVO THOMAZONI

Em 1960 Pozza (PTB) fez 2.874 votos, mas perdeu para Ivo Thomazoni (UDN, 2.945 votos). Nessa eleição Osvaldo João Caldart (PSD) fez 1.897 votos.



Fêretro de Genoíno Piacentini e Fiorello Zandoná, na lamençada avenida Tupi.

Nascido em 22 de setembro de 1931, no distrito de Capinzal, Joaçaba-SC, Ivo Thomazoni mudou-se para Francisco Beltrão no começo de 1953. Em 1954 transferiu-se para Pato Branco, onde tornou-se locutor da rádio Colméia. Em 1959 assumiu o cargo de deputado estadual, como suplente, pela UDN. No papel de prefeito de Pato Branco, contando com somente dois vereadores considerados da *situação*, ele temia que seu mandato fosse ainda mais difícil que os de seus antecessores. Buscando demonstrar que seria uma gestão de “portas abertas” para o povo, aliados seus queimaram uma porta na praça Presidente Vargas. Nessa gestão foi iniciado o calçamento urbano. Também foi implantada a Escola Comercial e instalada a Inspetoria Regional de Ensino.

Em 1968 Thomazoni retornou à Assembleia do Paraná. Em 1972 elegeu-se vice-prefeito, com Milton Popija. Em 1974 voltou a eleger-se deputado estadual. Em 1977 assumiu a presidência da Assembleia. Em 1978 foi eleito para seu quarto mandato de deputado.

PREFEITO ASTÉRIO RIGON

A eleição de 1964 foi vencida por Astério Rigon (PTB, PSD, PDC), com 2.190 votos. Alberto Stéfano Cattani (FDP – Frente Democrática Pato Branco) fez 2.089 votos.

Nascido em Erechim-RS, no dia 25 de junho de 1929, Rigon assumiu seu primeiro mandato como prefeito de Pato Branco em 14 de dezembro de 1964. Nesta gestão foi

construído o atual prédio da Prefeitura, inaugurado em 1968. Entre outras iniciativas, Rigon adquiriu um terreno com dois alqueires para a instalação do Aterro Sanitário e deu início ao calçamento das estradas rurais — da cidade à Fazenda da Barra.

PREFEITO STÉFANO CATTANI

Em 1968 Cattani (Arena), com 4.536 votos, bateu Arcione João Moretti (MDB, 3.992 votos).

Nascido em Viadutos-RS, em 28 de outubro de 1929, Stéfano transferiu-se para Pato Branco em 1949. Com José, seu pai, Stéfano foi fundador da empresa de transporte Cattani, uma das maiores do Paraná. Assumiu a Prefeitura de Pato Branco em 31 de janeiro



A sede atual da Prefeitura de Pato Branco foi inaugurada em 1968. "Com justiça poderia denominar-se Palácio Municipal, de três pavimentos e 1640 m² de piso" (*Diário do Sudoeste*, 1967). "Ali onde está a Prefeitura era um banhado. Tinha uma olaria. Tiravam o barro do banhado pra fazer tijolo" (*Derico Dalla Costa*, 2019). O edifício já foi ocupado pela Câmara Municipal, pela Biblioteca Pública e por órgãos federais e estaduais.

Cada qual com seus projetos de administração pública, contando com os equipamentos de cada época e com as equipes que conseguiram reunir, eles contribuíram para a estruturação de um município fecundo e cada vez mais próspero. Resultante de lutas, esperanças e superações.

Prefeitos e prefeita



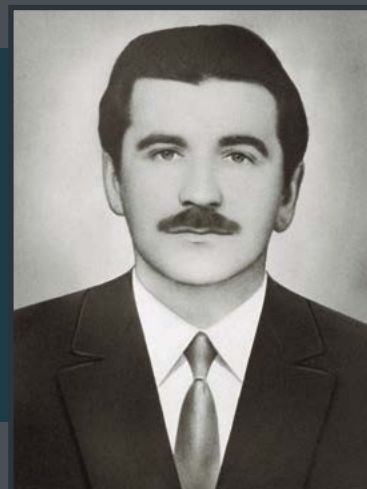
Plácido Machado
1952 - 1956



João Viganó
1956



Harri Valdir Graeff
1956 - 1960



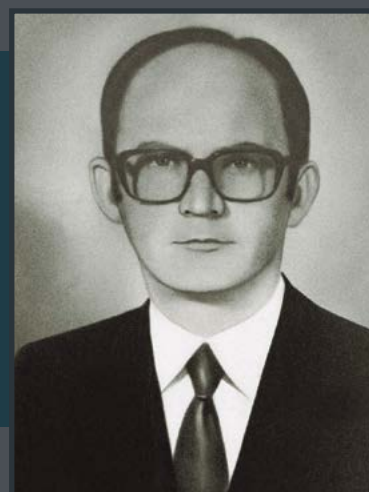
Ivo Thomazoni
1960 - 1964



Astério Rigon
1964 - 1968 / 1983 - 1988



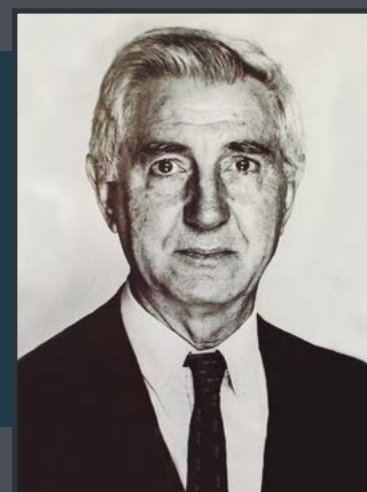
Stéfano Cattani
1969 - 1973



Milton Popija
1973 - 1977



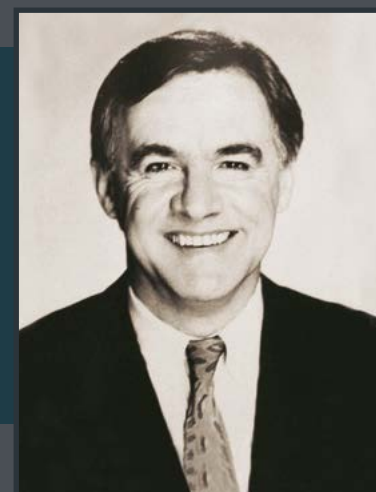
Roberto Zamberlan
1977 - 1983



Clóvis S. Padoan
1989 - 1992 / 2001-2004



Delvino Longhi
1993 - 1996



Alcení Guerra
1997 - 2000



Roberto Viganó
2005-2008 / 2009 - 2012



Augustinho Zucchi
2013 - 2016 / 2016-2020



Robson Cantu
2021



Ângela Padoan
2021



A década de 1950 foi violenta. Mas estes não parecem muito preocupados, passeando num Ford 1929 sem capô pelo barrento centro da cidade. Ao volante, Eugênio Cardoso, acompanhado de Arlindo Varaschin. Atrás, Armando Loss, a garota Cleusa Maciel e Otaviano Maciel. Ao fundo, "Alfaiataria Moderna" e armazém. O ano é 1954.

— O município não dispunha do indispensável para satisfazer a população no tocante à prestação dos serviços públicos. Ruas esburacadas, lamacentas na chuva, poeirentas ao sol, sem alinhamento e sem nivelamento. Aclives e declives acentuados. O serviço de terraplenagem, iniciado pela administração Graeff, deixou casas muito acima ou muito abaixo do nível das ruas. Pato Branco especializou profissionais em serviços de adequar as casas ao futuro nivelamento e alinhamento. (Thomazoni, 2007)

Em 1963 o jornal A Razão mostrou-se simpático à candidatura do moageiro Severino Massignan ao paço municipal. Em entrevista, adjetivou-o como “dinâmico industrial da nossa comuna”. Outro entrevistado foi o médico João Juglair Júnior. Segundo este, o prefeito deveria ser rico, pois “sofrerá menos a tentação da apropriação indébita”. Também afirmou que o chefe do Executivo deve “mandar na mulher (...) para o sossego dos funcionários”. Se a esposa do prefeito fosse “mandona” e dissesse que “a dona Felisbina não deve mais ser professora do Faxinal dos Sabugos”, inevitavelmente Felisbina seria transferida para outro faxinal!

— Dizia o político quando perguntado se o Astério iria com o Cattani, respondeu prontamente: Se o Astério for de Cattani, nós vamos de Reunidas. (Venenoteca, Correio do Sudoeste, 1968)

de 1969. Dentre suas realizações como prefeito está a primeira estação de tratamento e distribuição d’água de Pato Branco. Em sua gestão foram realizadas as primeiras pavimentações asfálticas da cidade. Também foram abertas estradas rurais e ampliada a rede escolar no interior do município.

PREFEITO MILTON POPIJA

Em 1972 a Arena tornou a vencer, com Milton Popija (3.947), contra os emedebistas Germano Corona (3.338) e Nilso Romeu Sguarezi (2.163).

Popija nasceu em Mallet-PR, em 4 de março de 1938. Em sua gestão como prefeito foi instalada a Fundação Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração de Pato Branco – Facicon. Continuou o trabalho de asfaltamento iniciado por Cattani e promoveu a construção de galerias para águas pluviais na área central da cidade. Em 1976, apoiou a instalação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE.

PREFEITO ROBERTO ZAMBERLAN

Nova vitória da Arena ocorreu em 1976, com Roberto Zamberlan (8.523 votos), contra 7.184 de Carlos Almeida Ferreira (MDB).

Zamberlan nasceu em 15 de maio de 1939, em Presidente Prudente-SP. Exerceu o cargo de prefeito de Pato Branco de 1º de

fevereiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983. Criou a Secretaria Municipal de Educação — a primeira secretária foi Lurdes Edi Moretti Michelin. Com seus conhecimentos de engenharia, Zamberlan fez um trabalho extenso na estrutura urbana. Em sua gestão foi instalada uma usina de asfalto, o que possibilitou a pavimentação de “1.000.000 metros

VÍDEOS DE GRAEFF

O prefeito Graeff comprou uma câmera de vídeo de um alemão que circulava pelo Sudoeste. Com ela produziu um documentário colorido da cidade de Pato Branco, entre os anos 1955 e 1959. Nas palavras do autor (em carta enviada a Sueli Dartora), o vídeo contém:

1 – Vista da cidade de Pato Branco em 1957, filmada da minha então casa, situada onde hoje deve ser a residência da família Moretti, abrangendo toda a vista do que constitui o centro da cidade e laterais esquerda e direita.

2 – Inauguração do campo de aviação, compreendendo a participação e chegada da Esquadilha da Fumaça, presença da população, churrasco, chegada de caminhões e no fundo desta uma vista do que era então a cidade na parte próxima ao campo de aviação.

3 – 1º desfile de 7 de setembro em Pato Branco – 1958 (?), filmado da sacada da então Prefeitura Municipal, situada na Avenida Tupi, ao lado da atual Igreja Matriz. Pode-se identificar a Praça em construção, posto de gasolina dos irmãos Amadori, casa família Detoni, prédio onde se situava a firma Irmãos Parzianello, hoje hotel, e outros.

4 – Inauguração da 1ª escola municipal em Dois Vizinhos. Travessia do rio Santana, em balsa, pela comitiva de Pato Branco, composta por pessoas representativas da época, que considero interessante sejam identificadas por elas mesmas e por seus familiares.

Harri Graeff namorava Deisy Agnes Clarke, descendente de ingleses, em Candelária-RS. Durante a II Guerra, os pais dela levaram-na ao Rio de Janeiro, buscando afastá-la do possível noivo, filho de alemães. Porque a conflagração na Europa resultava em perseguição aos alemães nos países aliados da Inglaterra. Mas Harri e Deisy continuaram conversando, por meio de cartas. No retorno de Deisy, em 1947, casaram-se. Nesse mesmo ano Graeff formou-se em medicina.



ACERVO VALDIR CHICOSKI

Calceteiros pavimentando as ruas centrais na década de 1950.

quadrados” (Rudi Bodanese, 1982). Nesse período foi construído o Ginásio de Esportes Municipal — Patão.

Em 1982 Astério Rigon venceu pelo PMDB, com 10.925. Os concorrentes foram Arcione João Moretti (PDS, 5.662), Sadi José Bertol (PMDB, 2.661), Hélio Gomes da Silva (PDS, 1.665), Gilson Marcondes (PDT, 223) e Mário José Tagliari (PT, 75). Aproveitando a confusa lei eleitoral da época, o vice de Astério, José Rogério de Carvalho, também concorreu como candidato a vice na chapa de Bertol.

PREFEITO CLÓVIS SANTO PADOAN

Padoan foi eleito em 1988, pelo PL, com 9.134 votos. Concorreu com Roberto Zamberlan (PDS, 8.423), Lauro Lobo João Alcântara (PMDB, 7.130) e Hermes Cechetto (PT, 690).

Entre outras iniciativas deste período estão a criação da Fundação de Esportes de Pato Branco – FESPATO, a construção do Centro Regional de Eventos e a doação da área para a instalação do CEFET. Também foi criado o Parque Florestal de Independência.

Em 2000 Padoan tornou a vencer, com 16.700 votos, numa coligação PPB, PSDB, PL, PC. No outro lado estavam Roberto Salvador Viganó (PFL, 10.914), Valmir Dalla Costa (PMDB, 4.629) e Cilmar Francisco

Pastorello (PDT, 623).

Neste mandato, Padoan priorizou a recuperação asfáltica. Também mandou ampliar o edifício da Prefeitura, que em 2002 passou a denominar-se *Prefeito Plácido Machado*.

PREFEITO DELVINO LONGHI

Em 1992 a vitória coube a Delvino Longhi (PL, 10.904 votos), contra 9.690 de Carlos Antônio de Almeida Ferreira (PST).

Em sua gestão como prefeito de Pato Branco, Longhi destinou ao CEFET local

o patrimônio da faculdade municipal – FUNESP. Nesse período também foi construído o Centro Cultural Raul Juglair, que incluía o Teatro Municipal e a Biblioteca Pública.

PREFEITO ALCENI ÂNGELO GUERRA

A eleição de 1996 foi vencida por Alcení Ângelo Guerra (PFL), com 22.156 votos. Seu oponente foi Carlos Antônio Almeida Ferreira (PST, 7.868).

Nascido em 11 de julho de 1945, em Soledade-RS, Alcení deu o primeiro impulso para a transformação da cidade de Pato Branco num polo tecnológico. Entre outras iniciativas, criou a *Pato Branco Tecnópole*, o *Centro de Educação Ambiental* e o *Polo de Excelência em Atletismo*. Também implantou o ensino integral nas escolas municipais.

No seu último ano à frente da Prefeitura, Alcení deixou o cargo para assumir a Casa Civil do Paraná. Em seu lugar no Executivo entrou o vice, Astério Rigon.

PREFEITO ROBERTO VIGANÓ

Em 2004 Viganó (15.261 votos) venceu Nereu Faustino Ceni (PC do B, 11.792) e Valmir Dalla Costa (PMDB, 9.131). Em 2008, nova vitória de Roberto Viganó, com



Carreata política movimenta a avenida Tupi no final da década de 1960. Ao fundo, “Relojoaria Diamante Azul”. Fotografia de João de Paula.

19.645 votos, contra Nereu Faustino Ceni (14.964) e Pétersen Cantu (DEM, 4.994).

Roberto Viganó nasceu em Pato Branco, em 29 de novembro de 1951. Na área profissional, atuou como ajudante de açougueiro, agricultor e fazendeiro. Dentre suas obras está a construção da *Bacia de Contenção do rio Ligeiro*.

PREFEITO AUGUSTINHO ZUCCHI

Em 2012 Augustinho Zucchi (PDT), elegeu-se com 21.660 votos, contra 21.085 de William Cezar Pollonio Machado (PMDB). Em 2016 Zucchi tornou a vencer. Placar de 36.504 contra 7.282 votos de Willian Machado (83,37% x 16,63 % dos votos válidos).

Nascido em Itapejara d'Oeste, Zucchi é engenheiro agrônomo. Filiado ao PPB, elegeu-se deputado estadual em 1994. Em 1998 elegeu-se pelo PP. Transferindo-se para PDT em 2002, elegeu-se para mais três mandatos, mantendo-se como titular da Assembleia Legislativa do Paraná no período de 1995 a 2012. Atuou como prefeito em 2013 - 2020.

PREFEITO ROBSON CANTU

O pleito de 2020 foi vencido por Robson Cantu (PSD, 20.469 votos), com a vice Ângela Padoan (PRTB). Também concorreram Géri Dutra (PODEMOS, 16.558), Pollazo (DEM, 4.989) e Volmir Sabbi (PT, 2.213).

PREFEITA ÂNGELA PADOAN

No dia 1º de outubro de 2021, Ângela Padoan assumiu interinamente o cargo de prefeita. Ela é a primeira mulher de Pato Branco a ocupar a cadeira do Executivo Municipal.

VICE-PREFEITOS E VICE-PREFEITA

Uma lei federal de 1964 instituiu as figuras do vice-prefeito e do vice-governador. Na cidade de Pato Branco, os jornais anunciavam como possíveis candidatos ao “mandato tampão” de vice: Almeris Schiavenin, Irineu Bertani, Wilmo Marcondes, Agostinho

INSTITUTOS PROSDCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI



Jovens apresentam show musical em 1958.

Silvério, Paulo Viniarski, Levino Andolhe, Fabrício Vieira e Olegário Biavatti. Mas o candidato único foi o vereador Victor Sylvio Biasuz. A votação foi de cinco votos favoráveis contra três em branco. Biasuz era filiado ao PSD. Como jornalista do jornal *A Razão*, recebeu os parabéns da editoria, com uma ressalva:

— Terá muita coisa que fazer e com que preocupar-se, a não ser que comece a realizar viagens de cá pra lá e de lá pra cá, o que não acreditamos.

Os vice-prefeitos subsequentes foram

Guido Alfredo Triches (PTB, 1964-1969), João Juglair Júnior (Arena, 1969-1972), Ivo Thomazoni (Arena 1973-1976), Luiz Carlos Borges da Silveira (Arena, 1977-1983), José Rogério de Carvalho (PMDB, 1983-1988), Flávio Ângelo Ceni (PTB, 1989-1992), Roberto Zamberlan (PDS, 1993-1996), Astério Rigon (PMDB, 1997-2000), Oradi Francisco Caldato (PSDB, 2001-2004), Astério Rigon (PTB, 2005-2008), Daniel Cattani (PSDB, 2009-2012). Em 2012 elegeu-se Ivo Polo. Em 2016, Robson Cantu. Em 2020 elegeu-se a primeira mulher vice, Ângela Padoan.

*Alunas do colégio
Vicentino desfilam
na avenida Tupi.
No Edifício
Barancelli está o
"Escritório Pinheiros
Contabilistas".
Década de 1950.*



INSTITUTOS PROSDCIMO GUERRA/THEOPHILO PETRYCOSKI

— Possas tu,
bandeira tricolor,
abrigar e unificar
o pensamento
de uma plêiade
de homens,
mulheres e crianças,
que a partir de hoje
são teus filhos.

(Victor Sylvio Biasuz, 1967)

BANDEIRA DE PATO BRANCO

O desenho da bandeira de Pato Branco foi decidido por meio de um concurso patrocinado pelo Lions Clube e pela Prefeitura, realizado em outubro de 1967. O vencedor, Luiz Francisco Silva — conhecido como *Pernambuco* — ganhou um prêmio de 150 mil cruzeiros novos.

Segundo o Correio do Sudoeste, o verde da flâmula municipal representa a flora, a fauna, o reflorestamento, a cor das ervas e dos “frutos não amadurecidos”, além do “vi-

gor, a fortidão com que germina a semente lançada ao solo pato-branquense”. Também simboliza o mate amargo gaúcho e a juventude, “que em seus verdes anos enfeita e dá alegria aos nossos lares”. A cor amarela significa a “limpidez dos raios solares”, as “frutas maduras”, o “potencial agrícola”. Incluem-se no amarelo a suinocultura, a pecuária e as riquezas comerciais e industriais. O branco remete à “pureza e a beleza de nossas almas”, à “inocência das nossas crianças” e à “tranquilidade do meio de vida pato-branquense”.



Bandeira de Pato Branco, desenhada por Luiz Francisco Silva em 1967. O mastro está instalado numa rotatória da avenida Tupi. Foto: Rodinei Santos.

Vereadores e vereadoras

*Na lista a seguir, homens e mulheres
que têm feito as leis, fiscalizado o
Executivo e atuado como parlamentares
da população de Pato Branco.*

1952 - 1956

Vitório Parzianelo (PSP); Antônio Zanol e Harri Valdir Graeff (PR); Guerino Zandoná (PSD); Aristides Manoel Martins, João Viganó, Casemiro Gause e Arcênio Gonçalves Azevedo (PTB). Suplentes que assumiram: Neptuno Carraro (PSD), Guilherme Lebkuchem e Estéfano Mosko (PSP); Ricardo Duns, Teodorico Guimarães, André Borsoi, Ângelo Merlim e Cândido Merlo (PTB); Olívio Antônio Santos (PR). Genoino Piacentini foi eleito, mas não assumiu o cargo, sendo substituído por Carraro.

1957 - 1960

Alberto Geron e Dario Vergílio Rost (PSP), Germano Corona, Natalício Fischer e Pedro José da Silva (PTB); Íris Mário Caldart, Eurides Dalastra Bonfante, Guerino Zandoná e Felisberto Oldoni (PSD). Suplentes que assumiram: Cândido Merlo e Laurindo Pedro Boaretto (PTB); João Maria dos Santos, Neptuno Carraro e Orestes Pagliosa (PSD); Tercílio Pedro Colla (PSP).

1961 - 1964

Francisco Gabriel Netto e Ervelino Coletti (UDN); João Maria dos Santos, Waldir Francisco Guerra e Victor Sylvio Biasuz (PSD); Edu Potyguara Bublitz, Ulisses Viganó, João Dalpasqualle e Germano Corona (PTB). Suplentes que assumiram: Artimedes Gobatto e Fernandes Varaschin (UDN); Astério Rigon e Constantino Bonato (PTB); Carlos Jankoski, João Batista Pallu e Paulo Viniarski (PSD).

1965 - 1968

Levino Andolhe, Wilmo Barcellos Mar-



Ao centro, pontes e pontilhões sobre o rio Ligeiro.



Jovens engajados na campanha política de 1960. Nos cartazes, as legendas: “Quem é que vai governar o Paraná?” e “A vitória do tostão contra o milhão”. As vassouras simbolizam a campanha de Jânio Quadros a presidente.

condes e Cândido Merlo (PTB); Júlio Skalski, Adegir Andréa Piacentini, Carlos Jankoski e Modesto Viganó (UDN-PRP); Vittor Sylvio Biasuz e Getúlio Dalpasqualle (PDC-PSD). Assumiram os suplentes: Arcione João Moreti, Dinoh Saldanha Muniz e Helena Constantinópolis Severo (PDC/PSD); Artimedes Gobatto, Hugo Romano Kirchen e Waldemar Jacinto Favarsani (UDN/PRP); Constantino Bonatto, Danilo Amadori e Germano Corona (PTB).

GERINGONÇAS DE MADEIRA

Em maio de 1959 o jornal O Sudoeste disse que havia orçamento aprovado pela Câmara para a construção de pontes sobre o rio Ligeiro, mas que a Prefeitura postergava as obras para desagradar o proponente, um vereador da oposição.

— Infelizes dos que residem do lado de lá do lageado, que para atingirem o centro de nossa urbs, se vêem obrigados a percorrer grande distância ou bancar atletas, saltando as obsoletas e perigosas geringonças de madeira, que a Prefeitura resolveu denominar pontes.

1969 - 1972

Germano Corona, Nilso Romeu Sguarezi, Waldemar Viganó e Osvaldo João Caldart (MDB); Adegir Andréa Piacentini, Lindolfo Dietrich, Darcy Domingos Pagnocelli, Ernesto Francisco Pilatti e Jaury Souza (Arena). Suplentes que assumiram: Alduino Dal Molin, Argemiro Perbodi, Dinoh Saldanha Muniz e Vitalino Pessato (Arena); Getúlio Dalpasquale, Karlis Visvalds Karkle, Olívio Copetti e Walter Arnor Fink (MDB).

1973 - 1976

Nilso Miguel Aver, Sadi José Bertol, Sity da Silva Silvério e José Eleuci Merlo (MDB); Ernesto Francisco Pilatti, Antoninho Sebastião Viganó, Ivone Tissot Barbosa de Souza, José Moacir Favetti e João Celli Triches (Arena). Assumiram os suplentes: Ermínio Santin, Ivo Luiz Fantinel, José Eduardo Durgante de Lacerda, Leonildo Valdir Kalinke, Lindolfo Dietrich e Pompílio Pizatto (Arena); Rubens José Radaelli e Nelson Dal Molin (MDB).

1977 - 1982

Germano Corona, Solismar Viganó, Waldecir Drancka e José Rogério Carvalho (MDB); Ernesto Francisco Pilatti, Antoninho Sebastião Viganó, David Fernandes Miguel, Adular Gemza e Dimas de Abreu (Arena). Assumiram os suplentes: Ademar Jairo Bertol e Sittilo Voltolini (MDB) e Rauli Michelin (Arena).

1983 - 1988

Germano Corona, Lauro João Lobo Alcântara, Ademar Bertol, Neri Antônio Garbin, Waldecir Drancka, Nelson Antônio Sguarizi e Itasir Sebben (PMDB); Darci Domingos Pagnocelli, Daniel Cattani, Ernesto Francisco Pilatti e Adular Genza (PDS). Suplentes que assumiram: David Fernandes Miguel e Ilário Antônio Toniolo (PMDB).

1989 - 1992

Vilso Carneiro de Oliveira (PTB); Joeir Amadori (PL); Eliseo Alberto Batiston (PFL); Clóvis Pedro de Fáveri (PDT); Nereu

Primeira sede própria da Câmara Municipal de Pato Branco, inaugurada em 13 de dezembro de 1989. A pintura de Brenda Lee Fernandes homenageia os indígenas, os migrantes do Sul, a agricultura, o reflorestamento, o trabalho, a arte e a flora.



Faustino Ceni (PC do B); Ernesto Francisco Pilatti e Daniel Cattani (PDS); Germano Corona, Dileto Nichelle, Oradi Francisco Caldato e Lírío Antônio Toniolo (PMDB). Somente um suplente assumiu: Luiz Gabriel Moraes (PFL).

1993 - 1996

Gilson Marcondes (PDT); Osvaldo Luiz Gabriel (PSC); Osvaldo Ruaro (PRN); Cilmar Francisco Pastorello (PFL); Nereu Faustino Ceni (PC do B); Oradi Francisco Caldato, Nelson Bertani, Cláudio Bonatto e Hélio Domingos Pícolo (PMDB); Gilmar Luiz Arcari, Carlinho Antônio Polazzo, Luiz Gabriel Moraes, José Ferreira Alves, Ivo Polo e Pedro Polo Neto (PL). Suplentes que assumiram: Ivo Trindade Dias (PFL); Paulo Barreto Falleiro (PDS); Sadao Yamamoto (PSDB); Vilson Dalla Costa (PMDB).

1997 - 2000

Carlos Roberto Gonçalves Lins (PT); Gilmar Luiz Arcari (PPB); Ênio Ruaro e Ama-deu Pereira (PL); Afonso Ferreira de Almeida, Nelson Bertani e Vilson Dalla Costa (PMDB); Aldir Vendruscolo, Orceli Alves Martins, Carlinhos Antônio Polazzo e Roberto Carlos Chiochetta (PFL); Ivan José Chiochetta, Gilson Marcondes, Augustinho Rossi e Regis Henrique Pallaoro (PDT). Suplentes

que assumiram: Laurinha Luiza Dall'Igna (PTB); Germano Corona (PMDB); Cilmar Francisco Pastorello e Sueli Terezinha Polli Ostapiv (PDT).

2001 - 2004

Augustinho Rossi (PTB); Nereu Faustino Ceni (PC do B); Dirceu Dimas Pereira e Antônio Urbano da Silva (PPS); Clóvis Gresele e Laurinha Luiza Dall'Igna (PPB); Leonir José Favrin e Vilson Dalla Costa (PMDB); Nelson Bertani, Silvio Hasse e Vilmar Mac-cari (PSDB); Valmir Tasca, Pedro Martins de Mello e Ênio Ruaro (PFL). Assumiram como suplentes: Clemair Terezinha Ruffatto Bertol (PDT); Lindomar Batista Machado (PPB); Terezinha da Silva (PL); Adilson José Stanquewiski; Nilson Pereira de Almeida (PSDB); Roberto Carlos Chiochetta e Jorge Gilberto de Freitas (PPS); Arcedinos de Fragas, Carlinhos Antônio Polazzo e Cilmar Francisco Pastorello (PFL); Gilson Marcondes (PDT).

2005 - 2008

Osmar Braun Sobrinho (PV); Volmir Sabbi (PT); Laurindo Cesa (PSDB); Márcia Fernandes Carvalho Kozelinski (PPS); Cilmar Francisco Pastorello (PL); Nelson Bertani (PDT); Guilherme Sebastião Silvério e Marco Antônio Augusto Pozza (PMDB); Adir

Vendruscolo e Valmir Tasca (PFL). Marcelo Oltramari (DEM) assumiu como suplente.

2009 - 2012

Laurindo Ceza (PSDB); Arilde Terezinha Brum Longhi (PRB); Osmar Braun Sobrinho (PR); Claudenir Zanco (PPS); Willian Cezar Pollonio Machado e Guilherme Sebastião Silvério (PMDB); Vilmar Vaccari e Nelson Bertani (PDT); Luiz Augusto Silva e Valmir Tasca (DEM). Assumiram como suplentes: Maria Anita Guerra Machado (PSD) e Adelar Damo (DEM).

VEREADORES FALTOSOS

Em abril de 1959, Alberto Geron, presidente da Câmara Municipal, comentou que a maior dificuldade da Casa era fazer os vereadores comparecerem às sessões. Havia projetos de lei estacionados por falta de debate. Geron também enumera benefícios auferidos pelo governo estadual ao município. Dentre eles, empréstimo de dois tratores (em atuação desde 1956); instalação de 16 escolas — construídas pela Prefeitura e pagas pelo estado; doação de postes e fios para a instalação da rede elétrica e de 50 mil litros de óleo diesel. Geron também lamentou o rompimento de relações entre o prefeito Harri Graeff e o governador Lupion.

CARTUCHO ECOLÓGICO

No segundo mandato do prefeito Padoan, durante as comemorações do Dia da Árvore, foi lançado o projeto “Cartucho Ecológico”. Cartuchos de espingarda eram carregados com sementes de árvores nativas, ao invés de chumbo. Padoan teve a honra de disparar o primeiro tiro oficial. Francisco Gatringer, responsável técnico pelo projeto, disse que a carga de pólvora era pequena e não queimava as sementes. Rubens Camargo, relações públicas da loja que forneceu os cartuchos, informou que eles poderiam ser utilizados no “tiro ao ar livre” como também no “reflorestamento”. Técnicos do ITCF solicitaram dez unidades para encaminhar à central, no Rio de Janeiro. Ao ouvir a notícia, agricultores compareceram à loja de munições para comprar seus cartuchos ecológicos e reflorestar suas propriedades.



Professoras e alunos de uma escola municipal. Década de 1960.

2013 - 2016

Augustinho Polazzo (PP); Claudemir Zanco (PSD); Enio Ruaro (PR); Geraldo Edel de Oliveira (PV); Guilherme Sebastião Silvério (PMDB); José Gilson Feitosa da Silva (PT); Laurindo Cesa (PSDB); Leunira Tesser Viganó e Vilmar Maccari (PDT); Raffael Cantu (PC do B); Valmir Tasca (DEM). Como suplentes, assumiram Clóvis Gresele (PP), Ronalce Moacir dal Chiavan (PP) e Rodrigo José Correa (PSC).

2017 - 2020

Vilmar Maccari e Rodrigo Correia (Podemos), Moacir Gregolin (Republicanos), Moacir Dalchiavan (PSD), Marines Boff Gerhardt (PSDB), Joecir Bernardi, Fabrício Preis de Mello e Marco Antonio Augusto Pozza (PSD), José Gilson Feitosa da Silva (PT), Carlinho Antônio Polazzo (DEM) e Claudemir Zanco (PL). Até o encerramento desta edição (2021), haviam assumido os suplentes Januário Koslinski (PSDB) e Amilton Maranoski (PL).

2021 - 2024

Dirceu Boaretto (PODE), Januário Koslinski (PSDB), Marcos Marini (PODE), Thania Caminski (DEM), Joecir Bernardi (PSD), Rafael Celestrin (PSD), Bombeiro Brandão (DEM), Rômulo Faggion (PSL), Biruba (PL), Cris Hamera (PV), Eduardo Dalla Costa (PMDB).

PRESIDENTES DA CÂMARA

Antônio Zanol, Guilherme Lebkuchem, João Viganó, Harri Valdir Graeff, Alberto Geron (2 mandatos), Guerino Zandoná, Íris Caldart, João Dalpasquale, Edu Potyguara Bublitz, Fernando Varaschin, Constantino Bonatto, Levino Andolhe, Victor Sylvio Biasuz, Wilmo Barcelos Marcondes, Jaury Souza, Adegir Piacentini, Sadi José Bertol, Antoninho Sebastião Viganó, Ernesto Francisco Pilatti, Adular Gemza, Germano Corona (2 mandatos), David Fernandes, Valdecir Drancka, Nelson Antônio Sguarizi, Neri Antônio Garbin, Daniel Cattani, Ilário Antônio Toniolo, Luiz Gabriel Moraes, Oradi Francisco Caldatto, Cilmar Francisco Pastorello, Cláudio Bonatto, Aldir Vendruscolo (2 mandatos), Augustinho Rossi, Nelson Bertani, Gilmar Luiz Arcari, Nereu Faustino Ceni, Silvio Hasse, Enio Ruaro (dois mandatos), Dirceu Dimas Pereira, Laurindo Cesa (2 mandatos), Valmir Tasca (2 mandatos), Márcia Fernandes de Carvalho Kozelinski, Guilherme Sebastião Silvério (dois mandatos), Claudemir Zanco, Osmar Braun Sobrinho, Ênio Ruaro, Geraldo Edel de Oliveira, Carlinho Antônio Polazzo, Joecir Bernardi, Vilmar Maccari, Moacir Gregolin e Joecir Bernardi.

MULHERES NO LEGISLATIVO

Elas começaram a participar do Legislativo de Pato Branco em meados da década



Na década de 1980, o Centro Esportivo Municipal em construção. Denominado "Ginásio de Esportes Dolivar Lavarda", é conhecido como "Patão". Área de 23 mil m², com três "quadras polivalentes".

de 1960. Helena Constantinópolis Severo foi a primeira mulher a assumir uma cadeira na Câmara. Entrou como suplente na legislatura 1965 - 1968. Sity da Silva Silvério e

Ivone Tissot Barbosa de Souza elegeram-se para o mandato 1973 - 1976. Laurinha Luiz Dall'Igna e Sueli Terezinha Polli Ostapiv assumiram como suplentes na gestão 1997 -

RESPEITO ÀS MULHERES

Filiada ao PDT, Sueli Terezinha Polli Ostapiv assumiu o cargo de suplente de vereadora em dois períodos, entre 1997 e 2000, completando dois anos de mandato. Segundo ela, as mulheres eram respeitadas pelos colegas vereadores. Mas no período de campanha eleitoral, as candidatas sentiam o preconceito de gênero. "As mulheres subiam na carroceria do caminhão de som e sempre eram as últimas a serem chamadas ao microfone". Sueli disse ter feito sua campanha de casa em casa, contando com uma distribuição de panfletos pelo filho Fabiano e pelo sobrinho Lúcio Polli.

2000. Em 2001 Laurinha foi eleita vereadora. Clemair Terezinha Ruffato Bertol e Terezinha da Silva atuaram como suplentes na gestão 2001 - 2004. Também elegeram-se Márcia Fernandes Carvalho Kozelinski (gestão 2005 - 2008) e Arilde Terezinha Brum Longhi (2009 - 2012). Nesta gestão, Maria Anita Guerra Machado assumiu como suplente. Leunira Tesser Viganó exerceu o cargo de vereadora na gestão 2013 - 2016. Cris Hamera Thania Caminski a partir de 2021. Dentre 48 homens, Márcia foi a primeira e única mulher presidente da Câmara, em 2008.



Ginásio de Esportes de Pato Branco em 2020. Acima, o Largo da Liberdade. Bairro La Salle.

IGREJA E MUNICIPALIDADE

A relação entre os poderes municipais e a paróquia de São Pedro sempre foi próxima. Muitos eventos comunitários têm sido realizados de forma colaborativa entre a Prefeitura e os freis franciscanos. Na primeira gestão municipal, insatisfeitos com sua sede, os vereadores realizavam as sessões da Câmara no Salão Paroquial — mais tarde ocuparam um salão da Sociedade Esportiva Palmeiras. Em 1954, durante as contendas entre vereadores e prefeito, concordou-se em deixar a carta de renúncia deste nas mãos do vigário, frei Honorato Brüggemann. A carta só não foi entregue à segurança representada pelo padre porque Machado desistiu — ao menos temporariamente — do seu propósito de renunciar.

ÁGUAS VIOLENTAS

A problemática representada pelos rios correntosos e pelas encostas íngremes tem sido uma preocupação constante das gestões municipais. Quase todas as ruas descem ao Centro da cidade, onde originalmente havia um grande banhado. Desde a década de 1950 corriam reclamações populares pelas linhas dos jornais, solicitando a construção de pontes e a manutenção de bueiros.

Em 1963, o jornal *A Razão* reclamava de uma “verdadeira lagoa” na esquina das ruas Caramuru e Ibiporã, causada pela descida dos esgotos.

Conforme o prefeito Augustinho Zucchi (2019), em função dos terrenos com forte declive, em dias de chuva a água desce ao Centro com muita velocidade, e aos poucos vai derruindo as estruturas de drenagem.

Devido à conformação topográfica da área

urbana, nos primeiros anos de Pato Branco algumas vias periféricas tornavam-se intransitáveis em períodos chuvosos.

— Aqui era montanha de todo lado. Tinha tope que caminhão não subia. E bem ali no Centro, um grande banhado. Aí chegou o prefeito Graeff e tirou os morros e levantou as baixadas. Teve parte aqui que ele levantou três metros. (Olindo Slonski, 2019)

— Na avenida, pra subir ali onde está a Caixa Econômica, se desse uns pingos de chuva, tinha de acorrentar o carro. Quando eu era criança, meu vô morava numa casa ali pra cima do teatro. Com ele morávamos eu e mais um primo. O Nono sentava na varanda e nos chamava, em italiano. “Vão lá ajudar o Bortolini, o Palocci, vão lá ajudar empurrar o carro”. E lá embaixo acumulava toda a terra que descia com as chuvas. (Valmir Dalla Costa, 2019)

CANALIZAÇÃO DO RIO LIGEIRO

Há divergências entre historiadores, jornalistas e entrevistados quanto à autoria da canalização dos rios urbanos. São citados os prefeitos Graeff, Thomazoni, Rigon, Zamberlan e Padoan como realizadores da obra, indicando que foi executada em etapas, no decorrer de várias gestões municipais.

Em 1960, *O Sudoeste* divulgou a canalização de 200 m do rio Ligeiro. Mas em 1967 o *Correio do Sudoeste*, noticiou o iminente início da canalização. Em junho de 1968, o mesmo jornal diz que no dia 19 daquele mês “a população terá a oportunidade de assistir ao início da canalização do rio Ligeiro”. O jornal enfatiza que “a cidade cresceu, as águas foram poluindo e a situação passou a preocupar cada vez mais, acrescida do problema das inundações. Apelos foram dirigidos aos órgãos governamentais, sem nenhum



No final da década de 1960, banhado na esquina das ruas Caramuru e Arariboia. "O centro da cidade vivia alagado", diz a ex-primeira dama, Marina Viganó Zamberlan (2019).

O serviço de canalização dos rios urbanos estendeu-se até a década de 1980, resultando na redução dos alagamentos na área central. Nos últimos anos a ampliação da área urbana exigiu novas obras de canalização.

Fotografia de João de Paula.

BACIA DE CONTENÇÃO

Para reduzir a impetuosidade da correnteza do rio Ligeiro nos tempos de chuvarada, foi construída no Bairro Santa Terezinha a *Bacia de Contenção* (gestão Roberto Viganó). O local também é chamado *Parque Linear – Caminhos do Ligeiro*. No decorrer dos anos converteu-se em morada de inúmeras espécies de animais. Muitos deles aproveitam os restos de comida deixados pelos visitantes da lagoa. Há preás, lagartos, patos selvagens, galinhas d'água e pássaros de variados matizes. E uma espécie de rato gigante — com o tamanho de uma lontra — regionalmente conhecido como *pacuçu*.

resultado, além de promessas. E o riozinho continuou a correr em seu curso inalterado, como nos tempos em que as onças ali iam beber água”. A obra seria executada pelo Depto. Nacional de Obras e Saneamento, estendendo-se do Bairro Bortot à Baixada Industrial. No início da década de 1980 jornais noticiam a grande obra de canalização do rio Ligeiro, na gestão do prefeito Zamberlan.



Bacia de Contenção, ao amanhecer. Os patos aproximam-se para aproveitar as dádivas do lago.

TORTA DE SOJA

Uma matéria publicitária d'Oeste Paranaense, em 1950, revela que nessa época a produção de soja já estava em curso na re-

gião de Pato Branco. Uma empresa “com escritório comercial nesta praça, sito Hotel Iguaçu, avisa aos colonos em geral que está aparelhada para a compra de toda a produção de ‘Feijão Soja’ e sementes de ‘Linhaça’. (...) Avisa também que as sementes para o plantio estão à venda nas principais casas comerciais desta praça”.

Em edição de fevereiro de 1964, o jornal O Iguaçu afirma que o Sudoeste “vai se tornar nova potência econômica”. A justificativa era a construção de uma “usina-piloto”

TOBOGÃ

A constituição topográfica da cidade de Pato Branco propiciou a formação de inúmeros mirantes, dos quais descortinam-se amplos panoramas da cidade. Algumas ruas possuem inclinações acentuadas, próximo aos 45 graus, dificultando as subidas e tornando perigosas as descidas. Nas esquinas, o trabalho de engenharia é severo, buscando harmonizar o encontro das ruas em declive com as de traçado horizontal. Mesmo assim, os automóveis são obrigados a frear para evitar solavancos.

— A primeira rua asfaltada de Pato Branco, na década de 1970, chamavam de *Tobogã*. (Rubens Slonski, 2019)



As garças também apreciam a Bacia de Contenção. Mesmo nas manhãs geladas de inverno. Julho/2021.



ACERVO DANILO AMADORI

Caminhão dos irmãos Amadori, carregado de milho. Danilo está no alto da carga. A placa é de Clevelândia.

para beneficiamento de soja, com capacidade para industrialização de 30 a 40 toneladas/dia, na cidade de Francisco Beltrão. O empreendimento era da empresa *Paraná Soja S/A*. Segundo o jornal, o mercado do cereal ainda era restrito, mas tendia ao crescimento. “80% da matéria-prima será devolvida pela fábrica aos agricultores, na forma de ‘torta de soja’, sendo que apenas 20% são transformados em óleo”. A *torta* seria destinada à alimentação suína.

— O primeiro soja que plantamos era no meio do milho. Plantava e cortava tudo na mão, com a foicinha. Fazia os feixes, botava tudo em bolsas e trazia pra casa. No final malhava com a trilhadeira. Na última safra que colhemos no muque, foi uns 1.500 sacos, tudo na mão. Depois veio o batedor, acoplado ao trator. Pra arrancar o soja, pegava o trator, botava uma barrinha de corte do lado, cortava e juntava. Aí pegamos uma ceifinha pequena, marca Dalla Santa, a gasolina. Colhia quatro carreirinhas de soja de cada vez. Foi uns três anos com aquela. Aí veio a SLC, uma das primeiras ceifas grandes que apare-

ceu. Fomos com aquela, até hoje tenho. (Nadir Antônio Bortolini, 2019)

— O pessoal começou a plantar soja aqui nos anos 60 ainda. Quando vim morar aqui (Sede Dom Carlos), ali do lado tinha 25 alqueires. Um que era meio gerente do Banco do Brasil comprou aqui pra plantar quiri, daí cedeu pra mim plantar soja no meio do quiri. Mas aquilo foi um exagero, colher soja a muque. (Fiorelo Cecchin, 2019)

PRIMEIRO DELEGADO

Nascido em 1924, Danilo Amadori é filho de Eduardo Amadori e Carolina Ferrari Amadori. Antes de mudar-se para Pato Branco, foi balseiro e tropeiro em Lajeado, Rio Grande do Sul. Depois a família estabeleceu-se com bodega em Ponte Serrada-SC, com filial em Xanxerê.

— Nós transportava cachaça da costa do Uruguai pra Xanxerê e Ponte Serrada. Trazia com tropa, nas mulas, depois com carroça. Mais tarde passamos pra um caminhãozinho. (Danilo, 2020)

Ele chegou em Pato Branco em 1944, na companhia dos irmãos Vergílio, Aldo, Otílio, Leonísio, Ermenegildo e Delmino. Também acompanhavam as irmãs, Ortenira, Hermínia, Anilde, Cisira e Gertrude. Danilo casou-se com Paulina, filha de Santo Viganó e Ana Rosa Catuso. Seus filhos são Joecir, Solange e Humberto.

Os Amadori começaram com depósito de

bebidas — engarrafavam a *Caninha Amadora* — depois abriram uma casa comercial. Em sociedade com Luiz Bortolli e Giácomo Granzotto montaram em 1956 uma oficina mecânica e revendedora da Ford. Também instalaram o posto de combustíveis *Calhambeque*. Inicialmente buscavam em tambores, no porto de Paranaguá. O caminhão levava madeira e voltava carregado de gasolina. Com a evolução da empresa, obtiveram uma frota de oito caminhões-tanque e instalaram mais cinco postos: Amigão, Tigrão, Tupi (atual posto Patinho), Seis Rodas e Encruzilhada. Mas a sociedade dos Amadori abriu-se e os postos passaram à administração de seus descendentes.

O atual Bairro Amadori surgiu do loteamento de uma chácara de Danilo. Segundo Humberto, foi o primeiro loteamento da cidade de Pato Branco.

Nomeado pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto, Danilo Amadori exerceu o cargo de delegado de Pato Branco, de 1952 a 1955. Em 2007 ele recebeu uma Moção de Aplauso da Câmara Municipal de Pato Branco. Em 2019, o título de Cidadão Honorário.

OLINDO SLONSKI

Como outros comerciantes que chegaram no período pós-emancipação política, Olindo Slonski encontrou em Pato Branco uma terra fértil para o desenvolvimento de suas atividades.

Casa Popular, comprada de Veríssimo Rizzi por Olindo Slonski.



ACERVO OLINDO SLONSKI

Nascido em 1924, em Curitiba, aos quatro anos ele acompanhou os pais — Eduardo e Helena Slonski, descendentes de poloneses — a União da Vitória, onde instalaram padaria e armazém. Olindo trabalhou como padeiro durante vários anos. No final da década de 1940 Eduardo transferiu a empresa para Paulo Frontim. Olindo, com um caminhão carregado com ovos, galinhas, cera de abelha e mel, ia mascatear na capital do estado.

— Eu conhecia bodega por bodega lá.

Apesar dos esforços da família, o empreendimento não obteve sucesso. E Olindo, recém-casado com Francisca Diva Gabardo, buscava alternativas econômicas. Ele tinha um parente, Carlos Sedor, que fornecia açúcar, sal e querosene aos bodegueiros da cidade de Pato Branco.

— Ele me falou, “Vamos lá pra Pato Branco, aquilo ta crescendo uma barbaridade”.

Aceitou o convite, pensando em abrir a primeira padaria da cidade. Mas acabou comprando uma bodega de Veríssimo Rizzi.

— Já havia várias casas de comércio na cidade. A mais forte era a dos Parzianello.

Depois a dos Pozza. Mas faltavam muitos produtos, aí eu buscava em Curitiba. Só chegava em Pato Branco, já vendia, de tanta procura que era. (...) O meu comércio era um bodegão, atacado e varejo. Era uma festa aqui na frente. Tinha umas árvores, fazia sombra. Colocava uns bancos, aí, dia de sol, tempo bom, aquilo enchia de carroça. Chegava o sábado, era um casamento atrás do outro. Vendia muito foguete. Noivo e noiva saíam a cavalo, galopeando e soltando foguete!

Nessa época era grande a produção de frangos no município, mas não havia compradores — exceto Olindo.

— Comprava e barato, davam quase de graça. Saía com o caminhão carregado às sete da noite, chegava às cinco pra descarregar em Curitiba. (...) Aí comprei um Ford 54, depois um GMC 57, à vista. Naquele tempo corria dinheiro. Cheguei aqui numa hora certa. Em 1958 comprei um Alfa, cara chata. Carregava 12 mil quilos pra São Paulo. Depois pro Rio, porque o comércio de feijão preto era com o Rio. Teve um ano que eu tinha oito mil sacos de feijão estocado.

O CRIADOR DE POMBOS

Olindo Slonski tinha um galinheiro nos fundos de sua casa, no qual criava as galinhas que seriam transportadas a Curitiba. O milho e a quirera sobravam no terreiro e em breve começaram a atrair os pombos que circulavam na vizinhança. Buscando chamar um número ainda maior, Slonski instalou ninhos para as aves. E passou a comercializá-las. Numa só viagem, em 1958, levou 400 pombos a um torneio de tiro do “clube dos alemães”, de Curitiba, localizado no Bairro Atuba. “E ainda me sobraram uns oitenta”.

O comerciante também produzia pombos-correio, cruzando-os com pombos caseiros. Vendia em Clevelândia, mas acabava recuperando a maioria dessas aves, “porque elas voltavam pra casa”.

Na inauguração da Matriz de São Pedro Apóstolo, em 1965, Frei Sérgio Hillesheim solicitou 50 pombos brancos a Slonski.

— Soltaram na hora do foguetório. Aí o padre veio e me perguntou quanto ia custar os pombos. “Não vai custar nada”, falei. “Porque o senhor soltou e no mesmo dia eles voltaram pra casa”.

Pombal de Olindo Slonski. À frente, seus filhos Rubens e Alceu. Ao fundo, Elisabete com a boneca, Joceli e Josimeri. À direita, criação de coelhos. Há também gaiolas de pássaros, além de patos e gansos. Olindo também criou um macaco. Peralta, fumava e bebia cachaça. Quando Olindo doou-o para amigos de Curitiba, descobriu-se que o macaco "na verdade era uma macaca!" (Olindo, 2019). Na epopeia dos Slonski com os animais também consta a invasão de sua garagem — também utilizada como depósito de farinha de trigo — por um elefante! Segundo Rubens (2019), após o alvoroço que o proboscídeo causou, descobriu-se que era originário de um circo, instalado nas imediações. Foi resgatado pelo domador, deixando pelas ruas um rastro de farinha!



A evolução da medicina

A medicina de Pato Branco iniciou antes da emancipação política. Nos últimos anos ganhou abrangência regional.

Os serviços médicos de Pato Branco evoluíram dos antigos curandeiros e parteiras aos modernos hospitais e clínicas da atualidade.

Os entrevistados sobre o início da medicina no povoado apresentaram visões diversas.

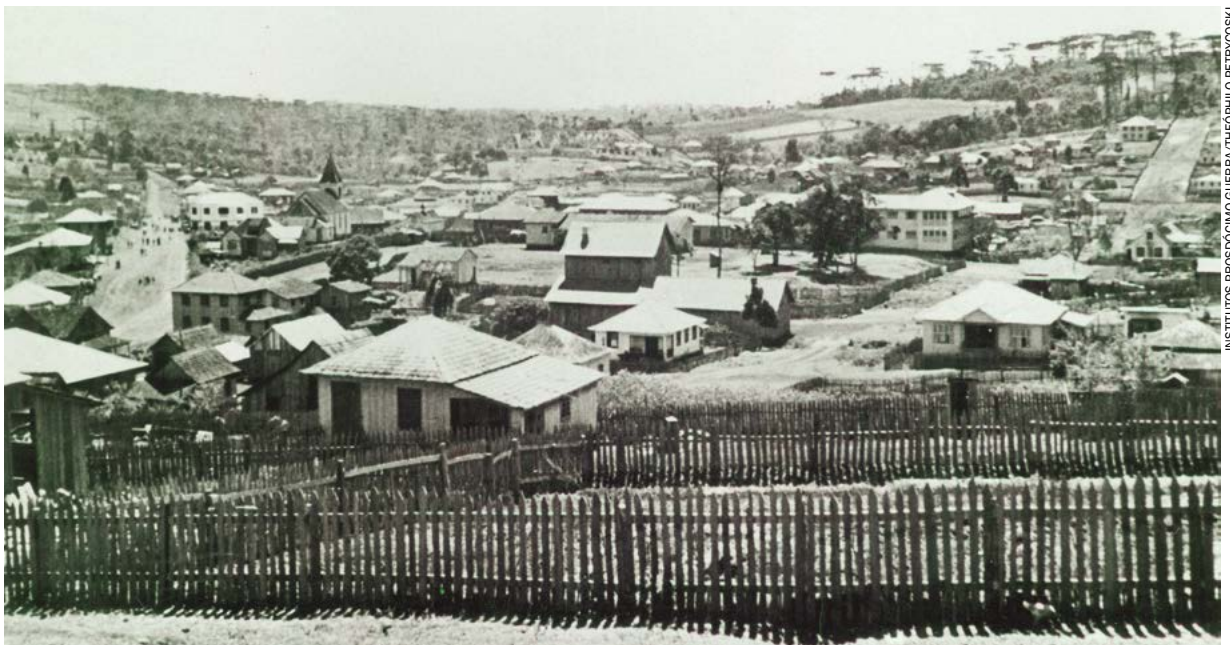
— Lá na beira do Chopim, naquele tempo (década de 1940) tinha muita malária. Desciam os corpos até o cemitério com as canoas. Médico era só nas casas, não tinha hospital. E nem era médico, era curador. Quem veio atender na área de saúde foi o Antônio, depois o Graeff. O mais velho de todos era o doutor Adão. Esse já tinha hospital. (Vitória Camozzato, 2019)

— Os primeiros médicos que tinha em Pato Branco era pra lá do Novo Horizonte, na saída para Clevelândia, perto do antigo frigorífico do Toniolo. Eram os médicos Adão e Mauro. (Derico Dalla Costa, 2019)

— O primeiro médico aqui não tinha hospital. Atendia na própria casa, lá onde tem o CTG Tarca. Fizeram uns quartos, ele atendia ali. (Setembrino Bortot, 2019)

— Como não havia médicos e nem hospital, nossa casa servia de consultório, ambulatório e até tinha duas camas de hospital, onde os médicos que passavam por estas bandas realizavam pequenas cirurgias. Depois, estas pessoas que eram atendidas retornavam

— Amábile Balbinotti conta que aqui tinha um senhor que dava remédios de plantas. Era Frederico Sguarezi, chamado de *Erveiro*. Amábile lhe levava suas crianças. Ou ia na farmácia do Dudu Douglas Cardoso, que examinava e receitava os remédios. *Seu Dudu* era melhor do que o médico. (Olaumir Pedro Guerios, 2020)



Em 1952 a cidade de Pato Branco já apresentava um desenvolvimento considerável. À direita, na rua Tocantins, com dois andares, a Associação de Beneficência Médico-Hospitalar de Pato Branco, atual hospital São Lucas. Na mesma rua, próximo ao pinhal, o hospital de Harri Graeff.

para que mamãe aplicasse injeções, fizesse os curativos, ensinasse noções de higiene e também entregasse os medicamentos. Muitas pessoas ficavam “internadas” para que se recuperassem... Tempos difíceis, mas que para nossa família era normal ajudar e receber a todos que ali chegavam. (Mari Salete Dal Molin Ayres, 2018)

— Na vila havia o Viccari, que tinha uma relojoaria na frente de um banhado. Também tinha um rádio amador pra se comunicar com os hospitais em Curitiba. (Joanim Fraron, 2019)

Segundo anotação de 1954, feita por Vicente Eliseu Ampessan, tesoureiro da Prefeitura, havia nessa época dois hospitais em Pato Branco: *Associação de Beneficência Hospitalar* e *Casa de Saúde São Paulo*. Historiadores locais também citam *Hospital São Francisco* e *Hospital São Pedro*.

Conforme o *Álbum Histórico* (1966), o primeiro médico foi Pedro Teixeira Álvares. Originário do Rio de Janeiro, medicava num cômodo da casa de José Dal Molin. Voltolini

afirma que Álvares deixou a vila quando desconfiou que a polícia conhecia seu paradeiro. Era refugiado da Revolução de 1930.

O segundo médico, Armando Pedro Ercule, escolheu Pato Branco por ser um povoado onde residia sua amada, Beloni Salomoni. Exerceu a medicina em Vila Nova de 1939 a 1940, depois foi embora, levando sua querida Beloni.

Na sequência, Duílio Beltrão conduziu a Pato Branco o médico José Pedro Vicentini. A iniciativa não foi bem vista pelos partidários do PSD, que chamaram o médico Salustiano Soares. Mas devido ao pequeno número de pacientes, ambos deixaram o povoado. E o atendimento passou ao doutor Antônio Lopes. De Clevelândia, ele viajava periodicamente a Vila Nova. Seguiu-se Pedro Moraes, que desencadeou uma campanha de arrecadação para a construção de um hospital.

— As cifras já iam altas, quando Dr. Pedro anoiteceu e não amanheceu. (...) Passou à memória de Pato Branco como Dr. Picão. (Voltolini)

Dentre outros benefícios, a Colônia Agrícola Nacional General Osório – Cango proporcionou ao vilarejo uma farmácia e os serviços do médico Hamilton Suplicy de Lacerda. Atendia os funcionários da colonizadora e a população de Vila Nova, gratuitamente. Todos que chegavam ao povoado eram obrigados a fazer exames médicos.

Um reforço à medicina chegou com o médico Silvio Coelho Vidal Leite Ribeiro. Em 1946 instalou o Hospital Santa Margarida, entre os atuais bairros Cristo Rei e São Vicente. Uma de suas primeiras medidas foi proibir o serviço das parteiras no distrito. Se quisessem trabalhar, teria de ser no hospital. Sob protesto da população, Vidal retrocedeu. E buscando melhorar as condições de atendimento hospitalar, em 1948 ele foi buscar em sua terra natal — Rio de Janeiro — as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo.

A carreira de Vidal prometia alongar-se em Pato Branco. Mas surgiu uma concorrência imprevista, que atingiu-o não somente na área profissional, como também na política.

Logo que se formou em medicina, Harri Valdir Graeff foi trabalhar em Sobradinho-RS. Nessa cidade conheceu João Menegassi Neto, dono do hotel onde se hospedava. E juntos decidiram construir um hospital em Pato Branco. A inauguração deu-se em 1950. Também tornaram-se proprietários da farmácia Cruz Vermelha, adquirida de um genro do comerciante Osório Pontes.

— Ouvi diversas vezes que o dinheiro para a construção do hospital veio de um empréstimo feito por um fazendeiro de muitas

MÉDICO BOM DE TIRO

Com frequência, homens armados entravam no hospital de Graeff, ameaçando matar pacientes que ele havia salvo de ferimentos. O estratagema do médico foi comprar armas e treinar durante alguns meses. Quando sentiu-se confiante como atirador, convidou a cidade para um campeonato de tiro ao alvo. Após vencer o certame, tornou-se respeitado e temido pelos pistoleiros da região, e não mais tentaram entrar armados no hospital.



O médico Silvio Vidal — de terno branco — participa de uma churrascada com amigos no final da década de 1940. Ao seu lado, um frei franciscano.

posses, que havia caído do cavalo e quebrado a clavícula. Chegou com muita dor e disse ao Harri que, caso conseguisse colocar o ombro no lugar, sem dor, lhe adiantaria o valor para a obra e aceitaria receber de volta posteriormente, o que foi feito. (Alceni Guerra, 2020)

Alberto Pozza (2004) diz que Graeff também atuou no setor madeireiro. Tinha uma serraria em sociedade com o “Sr. Guinardi”, em Rio Forquilha. Durante algum tempo ele também teria sido sócio da serraria de Raimundo Cadorin.

No serviço médico, Graeff contava com “quatro Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado” (Deisy Graeff, esposa de Harri, en-

trevista a Carrapicho, rádio Celinauta, 2009). Mas sua primeira enfermeira foi a própria Deisy. Ela sentiu-se mal durante a primeira cirurgia que assistiu, mas depois acostumou-se. Harri também chamou para auxiliá-lo o médico Carmelino Miranda.

Em breve Graeff entrou em franca peleja com Silvio Vidal, que era apoiado pela ala PTB/UDN de Clevelândia. Em 1951 o PSD elegeu dois vereadores, representantes de Pato Branco no município de Clevelândia, enquanto a UDN elegeu quatro. E Sinval Martins de Araújo bateu Graeff na eleição para prefeito de Clevelândia, com o apoio dos petebistas e udenistas de Pato Branco.

Harri Graeff com Deisy e filhas. Atrás, o jipe que ele utilizava para atender pacientes fora do hospital.

Nessa época os médicos percorriam longos trechos de estradas para fazer atendimentos emergenciais nas colônias.





RODINEI SANTOS

Hospital São Lucas em 2020. Ao fundo, arvoredo da praça Presidente Vargas.

Pozza (2019) diz que ao ver Graeff instalar um hospital no centro da vila, Coelho Vidal apressou-se em construir o Hospital da Associação de Beneficência Médico-Hospitalar de Pato Branco. Voltolini diz que esse hospital foi instalado antes da chegada de Graeff a Pato Branco.

Alvo de críticas severas do jornal *O Missioneiro*⁽¹⁴⁾, ligado ao PSD de Clevelândia, Vidal desiludiu-se com Pato Branco e transferiu-se à cidade de Paranaíba-PR.

Para fazer concorrência à medicina de Graeff, o PTB foi ao Rio Grande do Sul e “baldeou para Pato Branco um companheiro de faca na bota, Dr. Natalício Fischer” (Vol-

tolini), além do cunhado deste, “Dr. Pellini, também petebista roxo”. Fischer adquiriu de Vidal o hospital Beneficência. E em breve Graeff e Fischer encontravam-se em contenda. Médico ligado ao PSD não atendia filiados ao PTB, e vice-versa. Nesse ambiente inamistoso, um paciente do Beneficência foi transferido às escondidas ao hospital de Graeff. Pellini, de arma em punho, invadiu a casa de saúde adversária e resgatou-o. E Graeff foi à delegacia registrar queixa contra o sequestro.

Em abril de 1950 o jornal Oeste Paranaense noticiou que em breve o hospital de Graeff realizaria serviços de profilaxia e internação, contando com cozinha própria e “corpo de enfermagem”.

Quando Graeff deixou Pato Branco, ao

(14) “O Missioneiro” pertencia a Oswaldo Menegassi. Editado por Afonso Azzolini e redigido por Clínio Teixeira dos Santos. Auto-proclamava-se “independente”, enquanto propagava seu “antagonismo” ao governador Munhoz da Rocha e seu apoio ao presidente Vargas. Para o periódico, os políticos do PSD eram “paladinos do Oeste” e suas reuniões eram “memoráveis”.

final de sua atuação como prefeito, seu hospital foi comprado pelo governo estadual, tornando-se *Hospital da Polícia*.

Em 1958 entrou no Beneficência o médico João Juglair Jr., originário de Estrela-RS. No início da década de 1960 ele assumiu a direção. Em 1961, após reformas, a unidade de saúde foi rebatizada como Hospital São Lucas. Anos depois ele foi vendido e o patrimônio dividiu-se em cotas, entre inúmeros sócios. Cada novo médico que entrava na

Além de médico, Celso Fetter Hilgert foi dono do jornal *Correio do Sudoeste*. Também foi presidente da *Cooperativa Agrícola Guarani – CAPEG*. Após mudar-se para Curitiba, fundou o *Correio de Notícias*. A convite do governo de José Richa tornou-se presidente do Instituto de Previdência do Estado – IPE. Na gestão do presidente José Sarney, foi convidado pelo ministro da Saúde, Luiz Carlos Borges da Silveira, a assumir a Secretaria Nacional de Programas Especiais de Saúde.

equipe clínica adquiria uma parcela.

Na década de 1950 também foi construído um hospital do médico Marcondes Cerveira, na rua Guarani. Nos anos 1960, em sociedade com os colegas Adão Sílvio de Freitas e Paulo Fallero, Cerveira instalou o hospital São José. Em 1963 o *Hospital Beneficente Dr. Marcondes* já disponibilizava “raio X, ondas curtas, infra-vermelho, ultra-violeta, pronto-socorro e cirurgia geral” (A Razão). Segundo o jornal, além de Cerveira, o hospital contava com Graeff e Adão S. de Freitas.

POLICLÍNICA

Originário de Porto Alegre, recém-formado, em 1964 Celso Fetter Hilgert acatou um conselho de Graeff para levar sua medicina a Pato Branco.

— Ele me disse, “Vá pra lá, é um centro regional, você vai se dar muito bem”. (Hilgert, 2020)

Começou atuando no *Hospital da Polícia*. Mas logo surgiu a notícia de que o governo

iria converter o edifício em quartel da PM. A unidade de saúde foi desativada, e Hilgert procurou o médico Luiz Carlos Borges da Silveira para montar um hospital particular. Em sociedade com Ildefonso Amoedo Canto e Miguel Belmonte, em 5 de outubro 1965 eles inauguraram o hospital *Policlínica Pato Branco Ltda.* Heitor Carlos Moreira também participava da equipe médica.

Inicialmente alugaram o hotel Bedin, que estava sendo construído na avenida Tupi. Em vez de hotel, tornou-se casa de saúde. Dois anos depois as instalações ficaram pequenas para o número crescente de pacientes.

— Na época a rodoviária ficava entre o São Lucas e a igreja Matriz — recorda Hilgert. — Era uma grande vantagem para o São Lucas com relação ao nosso hospital. Aí descobrimos que a rodoviária iria mudar pra perto do rio Ligeiro, e foi lá, passando a ponte, que construímos o Policlínica. E ficamos em frente à nova rodoviária.

Em seu início, o Policlínica contava com 76 leitos, laboratório e serviço de radiografia.

Em busca de aperfeiçoamento técnico para oferecer os melhores serviços, os hospitais de Pato Branco tornaram-se concorrentes. Alcení Guerra (2020) disse que, ao iniciar a carreira de pediatra na cidade, encontrou na área médica “desenvolvimento humano acima da média”, “concorrência de mercado” e uma “gigantesca ambição pessoal”.

— Três hospitais disputavam o mercado assistencial: Hospital São José, Hospital São Lucas e Policlínica Pato Branco. O primeiro desapareceu no meio da concorrência xenófoba dos outros dois, alimentada por diferenças técnicas, políticas e sociais. Era como se fossem duas nações distintas, com valores diferentes, enfrentamento político divergente, e práticas médicas desiguais, que levavam a duras críticas mútuas, que os pacientes tinham que ouvir já nas primeiras consultas. (...) A concorrência entre os dois hospitais fez deles uma referência de qualidade em todo o Oeste do Paraná, norte da Argentina e leste do Paraguai. (Alcení, 2020)

Nas últimas décadas, além da modernização dos hospitais, instalaram-se clínicas de especialidades diversas e um *Hospital do Câncer*. Na vanguarda da medicina, o Policlínica vem realizando transplantes de rins desde 1985. Em 13 de março de 2000, sob orientação do cardiologista Paulo Giublin, realizou a primeira cirurgia cardíaca do Sudoeste, numa criança de nove meses.

— A predatória rivalidade entre os dois hospitais não existe mais. Foi substituída por uma concorrência mais acima. Hoje a cidade compete com centros médicos maiores, como Cascavel, Curitiba, Maringá e Londrina. O orgulho de fazer coisas que eles não fazem impulsiona a medicina de Pato Branco para um lugar inigualável entre as médias cidades do Brasil. Posso dizer que na excelência da Saúde local realizamos o primeiro sonho megalomaniaco de Pato Branco! (Alcení)

Hospital Policlínica, construído pelos médicos Celso Fetter Hilgert e Luiz Carlos Borges da Silveira, em parceria com Ildefonso Amoedo Canto e Miguel Belmonte.



HOSPITAL DO CÂNCER

Desde a década de 1980, a comunidade de Pato Branco projetava instalar na cidade um hospital para o tratamento do câncer. Os pacientes eram submetidos a viagens onerosas e exaustivas até o hospital Erasto Gaertner, em Curitiba. Mas os altos custos para a compra de equipamentos, e a ausência de médicos especialistas em oncologia, eram graves impedimentos àquele projeto.

Em outubro de 1995 chegou à cidade o médico Gilmar Juliane Biscaia, oriundo da capital paulista. Ele deu início à oncologia no hospital Policlínica. Porém dispunha de somente duas ferramentas para o combate ao câncer: a cirurgia e a quimioterapia. Faltava a radioterapia.

Em 1996, Maria Anita Guerra visitou uma prima em tratamento no Gaertner e disse ter ficado impressionada com o número de pacientes de Pato Branco. Nessa época seu irmão, Alcení, então ministro da Saúde, havia destinado equipamentos àquele hospital, e obteve da diretoria do mesmo o compromisso de "instalar uma unidade descentralizada em Pato Branco" (Alcení, 2020). Em junho de 1997 o diretor do Gaertner, Luis Pedro Pizzatto, esteve em Pato Branco, mas as tratativas não frutificaram.

Paralelamente, Maria Anita reuniu as lideranças de Pato Branco no Grande Hotel, para debater o tema. O resultado foi a criação da Fundação Sudoestina de Combate ao Câncer – FUSCCA.

— Foi o centro formador do Hospital do Câncer — diz Biscaia (julho de 2020). — Seguiram-se várias reuniões, que culminaram na doação de um terreno da Policlínica para a Fundação. A partir de 1998, por obra do voluntariado de toda a comunidade, apenas com doações, teve início a construção do hospital.

Inúmeras pessoas empenharam-se na arrecadação de recursos. Dentre elas, destacam-se Maria Anita, Roberto Setti e Valdomiro Cantini Machado. José Aldir Vendruscolo (Carrapicho), locutor da rádio Celinauta, passou meses conclamando a população a colaborar com o projeto do hospital.

— A participação da comunidade de Pato

Branco foi impressionante. Cantini e Carrapicho lideraram o trabalho, que arrecadava diariamente dezenas de garrações repletos de dinheiro. Cada ônibus urbano tinha seu próprio garração. As lojas também. (Alcení)

As comunidades rurais organizaram festas visando a arrecadação de fundos para o hospital. A Fundação recebeu doações em dinheiro e em materiais de construção. Voluntários cederam horas de trabalho na obra.

— O comércio da região se irmanou na construção do Hospital do Câncer. (Biscaia)

Em 16 de julho de 1997 foi lançada a Pedra Fundamental do hospital. Em 2002 o edifício foi concluído. Mas permaneceu inativo durante quatro anos, no aguardo de um equipamento de radioterapia prometido pelo governo estadual, e jamais entregue.

Alcení diz que o Erasto Gaertner havia prometido transferir para Pato Branco uma bomba de cobalto, destinado à radioterapia. Porém, "a rivalidade entre os hospitais, fortíssima na época, impediu a transferência, e a bomba foi para Cascavel."

Após essa longa espera, a diretoria da FUSCCA buscou empresários que pudessem "banciar a compra do aparelho" (Biscaia). O apoio foi concedido por Biscaia e o médico André Bini, do Policlínica; pelo empresário Gilmar Luiz Dagios, da empresa Inplasul; e por Eliseu Miguel Bertelli e João Carlos Ribeiro Pedroso, diretor e presidente da FADep, respectivamente. Em 2007 eles formaram uma empresa, por meio da qual compraram e instalaram o aparelho de radioterapia. E o hospital passou a oferecer o tratamento completo.

— Em 2019 o hospital ganhou da Itaipu Binacional, através do deputado federal Fernando Giacobbo, um acelerador linear novo, importado dos Estados Unidos. Na revitalização estrutural organizada pela Fundação, pelo Grupo de Amigos da Mama – GAMA, pelo Instituto Regional de Desenvolvimento Econômico e Social – IRDES e pelo Instituto Policlínica, foi promovida uma campanha comunitária, que previa arrecadação de R\$500 mil. Superou a meta com R\$1,2 milhão. Obtidos por doações, que foram utiliza-

das para aprimoramento da sala do acelerador e infraestrutura de recepção aos enfermos e familiares. (Marcelo Dalle Teze, presidente do IRDES, 2020)

O Hospital do Câncer mantém suas atividades de forma integrada ao hospital Policlínica, como se fossem uma mesma sede. A oncologia dispõe de 10 médicos. Também atuam profissionais das áreas de psicologia, fisioterapia, nutrição, odontologia e assistência social.

INSTITUTO MUSSI

O Hospital Thereza Mussi, ou *Instituto Mussi*, foi instalado em Pato Branco por Paulo Roberto Mussi.

Durante sua formação médica, ele atuou no setor de ortopedia juvenil do hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba. A partir de 1979 iniciou seus trabalhos em ortopedia e trau-

CONSÓRCIO DE SAÚDE

Pato Branco disputa com a cidade de Paranaíba a primazia da criação do primeiro consórcio de Saúde do Paraná, no início da década de 1990. O objetivo era integrar as ações dos municípios da região, facilitando e barateando o acesso aos tratamentos médico-hospitalares.

— O mesmo modelo foi levado a vários municípios do Brasil — conta o psicólogo Valmir Dalla Costa (2020), que à época era chefe da Regional de Saúde do Sudoeste.

O consórcio chamava-se *Centro Regional de Especialidades – CRE*. Agregou quinze municípios, cujas populações passaram a contar com especialidades médicas diversificadas e com custos reduzidos. Hoje denomina-se *Consórcio Intermunicipal de Saúde – CONIMS*.

Ainda na década de 1990, na busca de recursos estaduais e federais, e reivindicando o acréscimo de mais especialidades, o setor de Saúde de Pato Branco associou-se a sete municípios do Oeste de Santa Catarina. O objetivo era somar 350 mil habitantes para viabilizar a captação das verbas e o repasse de equipamentos.

No médio e longo prazo, essas e outras ações foram convertendo Pato Branco no principal centro médico do Sudoeste.

matologia na cidade de Pato Branco. Nesse período partiu em busca de conhecimentos mais aprofundados em países da Europa e nos Estados Unidos. Com mestrado em ortopedia e traumatologia pela Escola Paulista de Medicina, conquistou vários títulos na área médica. Também foi homenageado com o título *Bicho do Paraná*, da TV Paranaense.

Percebendo a dificuldade dos pacientes do Sudoeste para deslocar-se aos centros maiores em busca de especialistas da sua área, em 2008 Paulo Roberto fundou em Pato Branco o Instituto Mussi. Segundo a filosofia de trabalho do hospital, o objetivo é “atender de forma humanizada os pacientes que precisam de soluções ortopédicas”.

Ministros da Saúde

Pato Branco já contou com dois ministros da Saúde. Ambos médicos do hospital Policlínica.

LUIZ CARLOS BORGES DA SILVEIRA

Médico formado em 1964, Luiz Carlos Borges da Silveira transferiu-se para Pato Branco em 1965, como chefe do 7º Distrito Sanitário — do qual participavam 28 municípios. Destes, somente cinco possuíam posto de saúde. Após cinco anos, Luiz Carlos deixou o cargo com unidades sanitárias atendendo em todos os municípios do Sudoeste.

Ele foi um dos fundadores do hospital Policlínica, exercendo cargo de diretor administrativo e diretor presidente. Em 1976 elegeu-se vice-prefeito de Pato Branco, na chapa de Roberto Zamberlan. Em 1978 foi eleito deputado federal. Reeito nos pleitos de 1982 e 1986, Borges da Silveira atuou como parlamentar constituinte em 1988.

Na Câmara Federal, foi presidente da Comissão de Saúde em duas legislaturas, além de presidente do Parlamento Brasileiro de Saúde, com participações nas comissões da Saúde das Assembleias Estaduais. Coordenou os três primeiros simpósios nacionais de Saúde e presidiu o quarto. Durante esses

eventos surgiu a proposta de criação de um sistema nacional de Saúde, contando com o apoio de médicos, de diretorias de hospitais e de sindicatos. Ela foi acatada no projeto da Constituinte, redundando na criação do Sistema Único de Saúde – SUS.

Em 1987 Borges da Silveira assumiu o Ministério da Saúde. Em sua gestão priorizou a prevenção a doenças, com três ações que consolidaram sua atuação na pasta: a criação do *Zé Gotinha*, como símbolo da vacinação; a rede de hemocentros, visando evitar as transmissões de doenças pelas transfusões de sangue; a campanha de combate ao fumo, com a frase “O ministério da Saúde adverte: Fumar é prejudicial à saúde”.

Em Pato Branco, Borges da Silveira participou ativamente como médico, atuando também em ações sociais e comunitárias. Está entre os fundadores do Clube Pinheiros e da faculdade FADEP. Também presidiu o Lions Clube da cidade.

No ano 2000 ele criou, no estado de Tocantins, um curso a distância, com teleaulas. Conforme Luiz Carlos, este foi “o início da EAD no Brasil”. Em 2011 e 2012 ele foi secretário de estado de Ciência e Tecnologia e presidente da TV Educativa de Tocantins. Em 2013, Secretário de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Emprego em Palmas-TO. Desde abril de 2019 é diretor administrativo do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul – BRDE.

ALCENI ÂNGELO GUERRA

Eleito deputado federal, Alcení Guerra exerceu o cargo de Ministro da Saúde no governo Collor. Nesse período, também assumiu a pasta da Criança.

Ele conta que nos primeiros anos de sua atividade clínica em Pato Branco atendeu uma criança com pneumonia dupla e “à beira da morte”. E nesse momento despertou-lhe a necessidade de ações mais amplas na área da saúde pública.

— Fui pesquisar e descobri que somente 15% da população brasileira tinha assistência médica, através da assistência social.

Em 1975 ele foi convidado a dirigir a Regional da Saúde do Sudoeste. Sua ascensão na área médica coincidiu com a nomeação do ex-prefeito Harri Graeff como presidente do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social – Inamps. Alcení foi chamado por ele para assumir a superintendência da entidade no Paraná, o que viabilizou sua eleição a deputado federal — pelo PDS.

Entre 15 de março de 1990 e 23 de janeiro de 1992, Alcení esteve à frente do ministério da Saúde. Em sua gestão foi concretizada a implantação do Sistema Único de Saúde – SUS.

PRIMEIROS DENTISTAS

O primeiro dentista a atender o Sudoeste foi Antônio Kinast, de Clevelândia. Em Vila Nova, recebia os pacientes no hotel de Paulo Schmidt.

— Um dado importante é o pai pagar anestesia para extração dentária somente ao filho homem. A filha mulher não tinha esse direito. (Bocchese, 2004).

O primeiro dentista estabelecido na vila de Pato Branco, na década de 1940, foi Hather Moremoto. Convidado pelo engenheiro Duílio Beltrão, a serviço da Cango.

PRIMEIRO LABORATÓRIO

Inaugurou em outubro de 1959 o “Laboratório de Análises Clínicas do Dr. José Bachinski” (Jornal Independente, 1959). Foi instalado no Edifício Burin, na rua Arariboia.

— De há muito Pato Branco fazia juz a um estabelecimento deste gênero — diz o informativo. — Quantas e quantas vezes uma pessoa doente teve que empreender uma viagem a Curitiba ou mesmo ao Rio Grande, para fazer um exame de laboratório.

Bachinski disse estar com o laboratório equipado para os mais rigorosos exames clínicos, além de um microscópio “potentíssimo”, como há poucos no Brasil e “nenhum no *hinterland* do Paraná”.

Nos últimos anos, vários laboratórios instalaram-se na cidade.





Hospital do Câncer, da Fundação Sudoestina de Combate ao Câncer. Em sua formação e manutenção, participaram ativamente lideranças e comunidades urbana e rural, além de empresas e instituições. Dentre estas, o Fórum de Desenvolvimento de Pato Branco – atual Instituto Regional de Desenvolvimento Econômico e Social – IRDES, Associação Empresarial de Pato Branco – ACEPB, Sindicómércio, Instituto Policlínica e Núcleo de Tecnologia e Informação – NTI.

— A maior mobilização da história de Pato Branco por uma causa foi a do Hospital do Câncer. (Marcelo Silveira Dalle Teze, 2020)

Fotografia de Rodinei Santos.

Energia elétrica

A emancipação política de Pato Branco foi acompanhada das inovações técnicas que chegavam ao interior do Brasil, como a telefonia e a energia elétrica. Mas nos primeiros anos esses serviços eram precários e descontinuados.

Lampiões e velas iluminavam as residências de Pato Branco até a década de 1940. Nessa época, uma usina instalada por Danilo Amadori e pelos irmãos Bortot forneceu os primeiros quilowatts hidrelétricos da cidade.

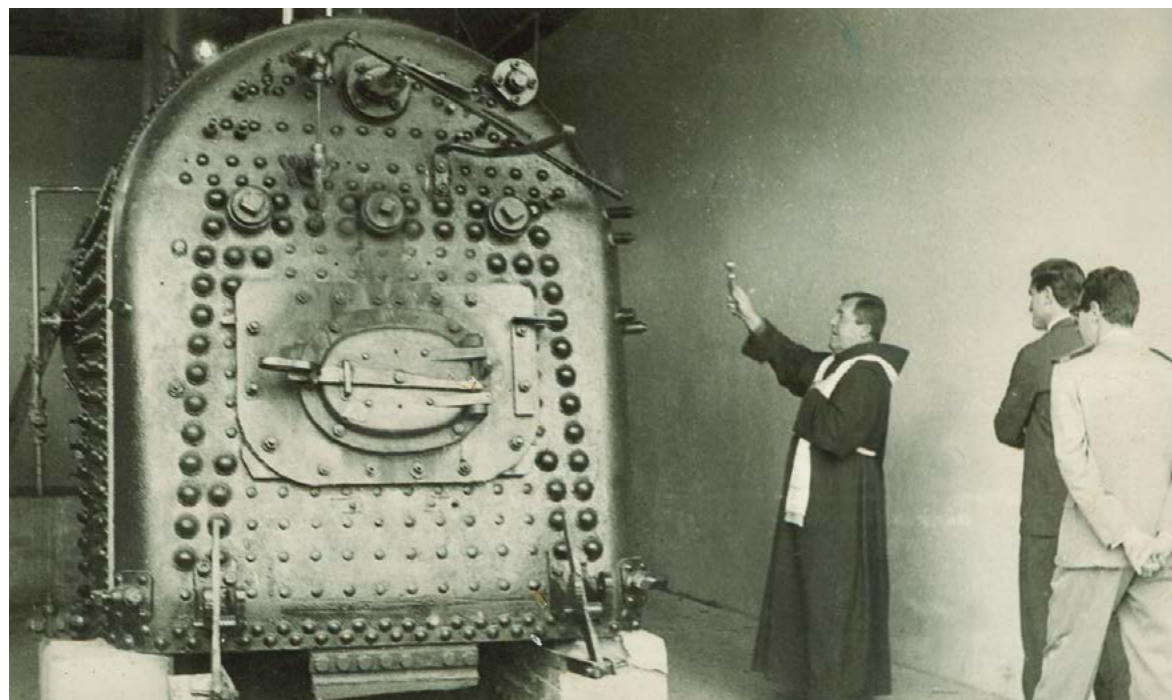
— Quando chegamos em Pato Branco não tinha luz — conta Amadori (2020). — Aí tinha uma serraria antiga, dos Bortot. A água vinha aqui do cemitério e descia lá, mas tava abandonado. Um dia descobri que o Pedro Tatto tinha uma turbina nova. Falei com ele, disse que me vendia. Reuni com o Pedro Bortot e decidimos montar a usina. Aí compramos um gerador de 45 HPs. E tinha aqui um entendido de montar moinhos. Ele montou a usina, mas não conseguiu fazer funcionar. Ou ela disparava, ou caía. Falou que precisava trocar a turbina. Levei a Joa-

— Quem viveu Pato Branco às escuras não esquece do luar prateado, clareando a bucólica vila, hoje resplandecente cidade. (Ivo Thomazoni, 2007)

Um texto publicado em 1944 por um cronista da paróquia de Palmas revela que nesse ano já havia eletricidade em Pato Branco.

— Frei Corbiniano trabalha incansavelmente na organização da futura paróquia de Pato Branco. A canônica já tem luz elétrica. Aumentou e reformou sua vivenda. Arrumou também um poteiro para o pangaré.

É provável que a igreja tivesse seu próprio gerador.



Em 1957, o padre abençoa a locomóvel que fornecerá eletricidade ao povoado de Pato Branco.

çaba, mostrei, disseram que o problema não era na turbina. Voltei, falei com o Bortot que eu tinha passado a noite matutando. Disse pra ele, “Vamos trocar a polia e soltar toda a água, vai dar certo”. O problema era que estávamos soltando pouca água. Trocamos a polia, largamos água à vontade e funcionou. Trabalhamos cinco anos sem engraxar. Mas ia só pra meia dúzia de associados. Ia pra nós, pros Bortot, pro matadouro dos irmãos Gabriel, pra uma ferraria. Depois o Graeff montou uma locomóvel, mas funcionava um dia, no outro parava.

A solução encontrada para um fornecimento mais volumoso e constante de energia foi a instalação de uma usina junto ao Salto Grande, no rio Chopim. Mas os procedimentos foram lentos e penosos. Enquanto a hidrelétrica aguardava, foi instalada aquela locomóvel citada por Amadori. Tornou-se conhecida como *locomóvel do PSD* — relacionada ao partido do prefeito Graeff. Era uma máquina a vapor, com o mesmo sistema das utilizadas em serrarias.

HIDRELÉTRICA DO RIO CHOPIM

O Rio Chopim tem suas nascentes numa altitude de 1.334 m, entre as cidades de Palmas e General Carneiro. Seguindo para noroeste, numa sucessão de curvas e cascatas, apresenta um desnível aproximado de 1.000 m. Chega à foz no rio Iguaçu na altitude de 326 m, após percorrer aproximados 450 Km. Em linha reta, são 193 Km.

O *Salto Grande*, localizado no rio Chopim, antes de gerar energia elétrica, moveu as peças de um moinho e de um engenho.

Em 7 de dezembro de 1944 o casal José e Leocádia Zigoski vendeu ao industrial Antônio Ascari sua casa de madeira no “Salto Grande do Chopim”. Acompanhavam cem alqueires de terras e uma série de objetos, conforme a escritura:

— Dois jogos de pedra e mais um jogo de pedra para moinho, (...) medindo um metro e vinte centímetros de diâmetro, um engenho de cana, com um alambique, cuja capacidade é de oitocentas medidas, e mais todos os pertences relativos à fabricação de aguardente,

sendo o referido moinho e engenho contidos na mesma casa. Ao lado da dita casa de morada, e mais paióis, cercas, (...) inclusive dois alqueires de canavial, mais ou menos, (...) mais um fogão de ferro número quatro, marca Marumby, com respectivo chaminé, uma mesa de cusinha, três bancos, duas gamelas, cinco cadeiras de palha, quatro camas, (...) dínamo com instalação elétrica em ambas as casas, máquina formicida, uma alavanca grande e um guindaste para remover as pedras de moinho, um cano de ferro para transmissão e mais miudezas.

A propriedade havia sido adquirida pelos Zigoski por meio de “Carta de Desistência” de Anacleto Moreira, em 1937.

Em 1950 o governador Moysés Lupion assinou contrato com uma empresa norte-americana para a instalação de várias usinas hidrelétricas no estado, inclusive em Pato Branco. Mas o acordo não foi cumprido. Em 1951 o jornal Oeste Paranaense anunciou uma verba de cinco milhões de cruzeiros, financiada pela Caixa Econômica Federal, destinada ao município para a construção de uma hidrelétrica. Não há registros de diligências relacionadas a esse recurso. Em 1954 o governador Bento Munhoz da Rocha comprometeu-se a destinar 2,5 milhões de cruzeiros para construir a usina.

No mesmo ano, a Prefeitura encaminhou um projeto à Câmara, visando a compra de um gerador a diesel e da fiação, visando o abastecimento provisório. Inicialmente o Legislativo autorizou somente o empréstimo do equipamento. Em 1955 foi aprovada a compra. Mas as empresas concorrentes não se habilitaram e os vereadores da oposição votaram pelo cancelamento da licitação. E quando Machado foi a Curitiba em busca do recurso, o governador em exercício, Antônio Anibelli, informou que o prazo para utilização do dinheiro havia-se esgotado. Mas destinou a Pato Branco um gerador de 150 HPs, que ficou conhecido como *motor do PTB* — partido de Machado e de Anibelli.

Em 28 de junho de 1959, O Sudoeste denunciou a precariedade do fornecimento de

Trabalhadores instalando a primeira locomóvel. Em breve ela tornou-se “impotente para acompanhar o progresso desta terra” e passou a contar com o apoio de “ajudantes a diesel” (A Razão, 1963).



energia. As indústrias movidas a motores elétricos vinham sofrendo prejuízos, pela paralisação das máquinas. O fornecimento de água potável às residências e hotéis por meio de bombas elétricas também estava prejudicado. Alguns permaneciam acordados de madrugada, à espera do retorno da energia para poderem encher os reservatórios d’água. Rádios receptores, radiolas, toca-discos, motores e “frigider” (geladeira) queimavam devido às oscilações na rede elétrica. O jornal solicitava ao governo a conclusão das obras no Salto Grande.

Em abril daquele ano, o jornalista Victor Biasuz informou que Anibelli, após obter “larga margem de votos” em Pato Branco e Francisco Beltrão, estava prejudicando a população regional.

— Usou de sua verbosidade inflamante na Assembleia, pedindo a seus pares que votassem contra a verba de 320.000.000,00 destinados ao D. A. E. E., para que este departamento concluísse as obras da *Uzina* de Salto Grande e a *Uzina* de Francisco Beltrão, entre outras. (...) Indiretamente com essa atitude o deputado Anibelli quis dizer: O Sudoeste não precisa de força e luz, o Sudoeste não necessita de desenvolvimento, para o povo do Sudoeste basta a luz do dia.

O texto concorre com o histórico de Ani-

belli, considerado um dos arautos da emancipação de Pato Branco e defensor do Sudoeste.

Em 1963 a questão da energia elétrica permanecia aberta. No dia 31 de março desse ano, A Razão noticiou que o gerador instalado no Salto Grande, fornecido pela empresa Lindner, apresentava defeito. Segundo a publicação, havia quem torcesse contra o bom funcionamento da usina.

— Segredam nos cafés e bares do centro da cidade. Houve um, que após mandar turbina e gerador rio abaixo, ficou admirado de logo após na Encruzilhada já o saberem. Enquanto isso, as donas de casa, martirizadas pela completa ineficiência dos aparelhos

Nos primeiros anos de Pato Branco, vários moradores instalaram equipamentos para captação de energia dos rios correntosos que atravessam a cidade. Dentre eles, Osvaldo Pastro, que montou um dínamo em sua ferraria/marcenaria, por meio do qual movimentava o maquinário. A energia excedente era oferecida às casas vizinhas e à “gasosaria” de Orlando Sambugaro e Pedro Tatto. Pastro aproveitava a água de um açude que Cristiano Leonardi construíra no “córrego Penso” para fornecimento de água ao seu mangueirão de porcos. (Pesquisa de Olaumir Pedro Guerios, 2020)





eletrodomésticos, dos motores que acionam as bombas para recalcar água às caixas, pela falta de luz, fazem questão de não ouvir, nem fatos nem boatos. Industrialistas, que vêm os produtos de suas oficinas saírem onerados pelo uso de sistema de produção de energia deficitárias, como titãs da resistência, ansiosos, aguardam o começo de tão prometida fase, com melhorias para suas indústrias e para a cidade.

Em edição de 21 de abril, o mesmo jornal diz que a usina já contava com dois grupos geradores de 1500 HP. O primeiro já estava instalado e funcionando, assim como a rede elétrica que ligava a usina à cidade.

Em maio daquele ano a rede foi atacada com tiros de revólver, que destruíram “35 isoladores de 30 mil volts (...) no percurso de Passo da Pedra até Vila Bonita”.

A indefinição quanto ao fornecimento da energia tomou vulto às 20 horas do dia 30 de abril, quando professores e estudantes “irmãos de vela em punho”, saíram às ruas em protestos contra o sistema elétrico da cidade, e com o fogo das velas “iluminando Pato Branco”.

“Vão longe os dias que tínhamos em nossa cidade luz, telefones, etc”, escreve o repórter d’A Razão. No calor do manifesto, aproveita para derramar o seu afeto aos cidadãos honrados e o seu desdouro à administração municipal.

— Vão longe os dias que Pato Branco

— Salto Grande sempre foi, e há de ser, um espetáculo para os que lá passam. É um degrau no leito do rio Chopim. Aquela imensa massa líquida caindo a prumo de uma dezena de metros, a serração que levanta formando um arco-íris ao filtrar os raios de sol, aquele contraste com o verde da vegetação e o escuro das pedras formando uma sinfonia de cores, por si só capaz de deslumbrar o espectador, que ante tão belo cenário, só pode agradecer ao creador pela maravilhosa harmonia de tão grandioso quadro. É a obra de Deus. (A Razão, 1963)

Ao lado, Salto Grande do Chopim (2019).



LUIZ FRANCISCO GUIL

O Rio Chopim atravessa o distrito de Nova Espera, fazendo a divisa Pato Branco/Coronel Vivida. Em primeiro plano, corticeira florida. Setembro/2020.

teve conforto, que a Prefeitura fornecia luz às escolas noturnas, vão longe os dias enfim de paz e tranquilidade neste Pato Branco do Sudoeste. Vimos a polícia intervir, pedindo aos estudantes que não soltassem foguetes. (...) Vimos palavras inflamadas de estudantes e professores, comungando o mesmo sentimento, dizendo do seu repúdio à falta de administração. Vimos a insatisfação das donas de casas, representadas por poucas esta noite, e o seu sentido de mãe protetoras de filhos as impedia de sair a fim de prestar sua solidariedade aos estudantes. Mas elas também deram seu aplauso, daqueles vindo diretamente do coração, entrecortando a canção de ninar, disseram do júbilo e do agradecimento da mulher pato-branquense àqueles que desfilaram nas ruas e falaram na praça em tom de ironia, mas que disseram da incapacidade, da incoerência e do desprezo dos poderes públicos. (...) Vimos uma bela demonstração de

maturidade cívica. (...) Vimos todos aqueles que vivem, trabalham, sofrem e se divertem, constituem suas famílias, que aqui vieram à procura de melhores dias, aplaudir, louvar e demonstrar ruidosamente sua aclamação. (...) Parabéns estudantes. Parabéns professores. Parabéns comércio e indústria. Parabéns (...) à mãe que tira o pó dez vezes por dia dos móveis e eles teimosos continuam empoeirados. (...) A ti, mãe, que estava acostumada a poder telefonar ao teu marido, e hoje em caso de doença tem que sair correndo. (...) Finalizando — continuaremos sem luz, os buracos continuarão, o pó continuará, as estradas péssimas ficarão as mesmas, as pontes sem segurança ficarão do mesmo jeito.

O redator também usou a oportunidade para denunciar a ineficácia da Prefeitura na coleta do lixo.

— Não existe um recipiente sequer para coletar o lixo, a não ser a calçada, um verda-

deiro mar de cascas de frutas.

Em edições posteriores ele volta a abordar o tema da eletricidade e estende o texto sobre outros problemas urbanos.

— Seguidamente estoura um esgoto do prédio dos correios, escoando sua podridão pela Av. Tupi.

Para finalizar a celeuma, o prefeito Ivo Thomazoni foi à rádio Celinauta informar que, sob ordens do governador Ney Braga, um coronel, representante do Conselho de Energia Elétrica, dirigiu-se à cidade de Joaçaba-SC, sede da Lindner, para acompanhar a fabricação da peça defeituosa.

— E se esse coronel observasse a incapacidade técnica da firma, com ordem e responsabilidade de prender os diretores da firma, criando sim um caso nacional. (A Razão).

Em 27 de maio daquele ano, “menores atearam fogo nos postes da Copel”. Besuntados com piche e alcatrão, os 40 postes que

pereceram estavam armazenados num depósito próximo ao Grupo Escolar Rocha Pombo. O fogo foi debelado pela vizinhança com baldes d'água.

Mas os protestos e a longa espera alcançaram sua recompensa. A edição de 1º de junho de 1963 d'A Razão comemora:

— Depois de longos anos de espera, terça-feira última, ao *espoucar* de foguetes, a nossa população tomada de alegria contagiante recebeu em seus lares a iluminação da Usina do Salto Grande, e a Cidade viveu!

A inauguração oficial da hidrelétrica ocorreu no dia 7 de julho daquele ano. O governador Ney Braga compareceu e foi recebido com júbilo pelo povo — e também pelo jornal. Após discursar na praça da Matriz, foi recepcionado na usina com uma churrascada, que também foi oferecida a toda a população.

Em 31 de maio de 1964, Braga retornou a Pato Branco para inaugurar uma usina no distrito de Bom Sucesso. Mas em julho do mesmo ano a Copel voltou a ser criticada pela inconstância no fornecimento de energia. O gerador de Salto Grande apresentava “desarranjo na turbina” e “defeito de vibração”. Embora já tivesse sido enviado um “técnico em mecânica pesada” para averiguar o problema, A Razão recordava aquela inauguração no Salto Grande como uma farsa promovida “na base do churrasco e do discurso”. E a crítica ao “indiferentismo” atribuído às autoridades responsáveis foi novamente manifestada nas ruas, numa “passeata branca”, representada por nova procissão com velas acesas. “Até o pacote de velas subiu assustadoramente”, diz o semanário, que também atribuiu à falta de luz noturna uma facilidade

MONDEL

— Aqui na fazenda passa uns 100 quatis. Tem o mondel que é o chefe, o grandão. O quati de vara é o menor, é a mesma espécie, só que é tipo pequeno. O *mondel* é o mandão. Eles pegam o milho e levam pro mato pra comer. Pode estar milho verde ou seco. Quando não tem mais milho, vivem de bichinho, raiz, coró. (Ciro Carletto, 2019)

Recanto Carletto

Ciro Perazoli Carletto mantém um aprazível recanto natural, à margem do rio Chopim, na comunidade de Nossa Senhora dos Navegantes. O povoado está no mapa de Clevelandia. Mas é com o comércio de Pato Branco que os moradores locais se relacionam.

Aleixo e Ana Carletto, pais de Ciro, chegaram ao local no ano de 1951. O pai de Aleixo havia comprado 30 alqueires de terra, que depois foram divididos entre os filhos.

Nesse recanto o Chopim forma uma de suas mais belas paisagens, com inúmeras cascatas em torno de uma ilha.

Em 1956 Mário José Fontana, colonizador de Mariópolis, projetou construir uma hidrelétrica, aproveitando o desnível do rio,

mas desistiu após a Revolta dos Posseiros.

— Eles tinham um paiol de munição na ilha. Aqui dava muito bem arroz, porque é terra areiosa. (Ciro, 2019)

Em 1995 ele começou a receber turistas em seu recanto. Com cerca de 28 mil m² de área, a ilha comporta um campo de futebol, churrasqueiras, banheiro e “um galpão pra se escapar de temporal”. Ciro promovia torneios com atletas locais, mas a população foi rareando e acabaram-se as competições.

Ele é casado com Inês Rocha, com quem tem os filhos Sidnei e Ivânio. A família fatura com a venda de sorvetes, gelo e carvão e com os ingressos ao recanto. O serviço prevê o transporte de barco até a ilha.

aos “amigos do alheio”. Naquelas noites haviam roubado três jipes e assaltado a joalheria Confiança. Um dos veículos foi encontrado, “mas os de propriedade dos Srs. Adelar Sartori e Dr. Dirceu Vieira Fagundes, o bicho comeu”.

Em 1967 o fornecimento de energia ainda era precário em Pato Branco. Para reforçar, o governo estadual ordenou a instalação de

uma “potente usina diesel-elétrica” (Correio do Sudoeste, dezembro de 1967). Nessa época a cidade passou a receber também a energia gerada numa hidrelétrica construída no rio Santana. As usinas do Chopim e do Santana formavam o *sistema de Pato Branco*.

Como outros municípios paranaenses, Pato Branco obteve a solução elétrica definitiva após a instalação de usinas no rio Iguaçu.

LUÍZ FRANCISCO GUIL



Salto da Alemoa, no rio Chopim. Área de lazer próximo à ponte da PR-158.

Rádio Colméia – Celinauta

Além de levar às residências as notícias e as músicas, os recados e as missas, a rádio participou ativamente do momento mais intenso da história do Sudoeste: a Revolta dos Posseiros de 1957.

Até o início da década de 1950, os poucos aparelhos receptores de rádio do Sudoeste sintonizavam emissoras de Porto Alegre. As notícias e as músicas, mas acima de tudo o tom de voz dos locutores, eram recebidos com agrado pelos ouvintes, saudosos das terras gaúchas.

A instalação de uma emissora local foi iniciativa de Otávio Rotile. Ele pretendia montar uma rádio em Três Passos-RS. Após alguns meses de insistência junto ao governo federal, obteve autorização para instalar dez emissoras no Sudoeste do Paraná e no



Dupla “Flor da Serra”, formada por Zé Tuio e Zé Almeida. Com o microfone, Wilmo Marcondes, locutor da rádio Colméia.



Inauguração da Rádio Colméia, em 31 de junho de 1954. Desde a esquerda, Marcos Américo, Osmar Macagnan, garçom, Alcebiades Pyjak (menino), Abrelino Schenato, Levino Andolli e Avelino Macagnan. A festa ocorreu no barracão da Serraria Pato Branco.

Oeste catarinense. Fundou rádios Colméia⁽¹⁵⁾ em Chapecó, São Miguel do Oeste, Francisco Beltrão e Capanema. Em 1954 montou uma Colméia em Pato Branco. No ano seguinte, em Toledo. Em 1955, em Cascavel. Em 1956, em Francisco Beltrão. Depois em Campo Mourão e Maringá.

Segundo Alberto Pozza, a emissora de Pato Branco foi instalada em sociedade entre Rotile e Francisco Bohner. As primeiras toadas foram ao ar em 1954. A primeira transmissão foi de um baile, realizado na sede da madeireira Pato Branco, ao som da Orquestra Cassanjurê, de Caçador (SC).

A chegada da rádio causou grande alvoroço popular. A era da alta tecnologia entrava nos sertões do Sudoeste paranaense como uma promessa alvissareira.

— A grande expectativa dos pato-branquenses estava voltada para o funcionamento

da rádio Colméia. Esperava-se que pelas suas ondas se divulgasse as potencialidades do município e da região, atraindo investimentos. (Ivo Thomazoni, 2007)

Segundo Agostinho Seleski⁽¹⁶⁾ (Jornal de Beltrão, 2012), a rádio Colméia de Pato Branco foi adquirida pelos franciscanos numa negociação feita por Frei Policarpo Berri. Em troca, os freis cederam a Rotile uma emissora em Porto União.

(15) A nova regra gramatical (2009) dispensou o acento agudo nos ditongos abertos. Mas as rádios Colméia de Cascavel e Campo Mourão mantém a grafia original. A Colmeia de Maringá segue a regra atual. Em respeito à sua denominação primeira, mantivemos acentuada a Colméia de Pato Branco.

(16) Em 1965, em sociedade com Domingos Bertaiolli e Carlos Vidal da Silva, Seleski comprou de Walter Pécois a rádio Colméia de Francisco Beltrão.

Frei Policarpo (2019) disse que dirigiu vários programas religiosos da Colméia, na qual atuou também como diretor. Ele contou que a rádio foi comprada por Frei Honorato, então vigário da paróquia de São Pedro.

O monsenhor Jorge Ribeiro, de Palmas, denominou-a “Divina Celinauta”, que significa “nau que conduz ao céu”. E em 11 de abril de 1961 a emissora foi rebatizada como *Rádio Celinauta* – ZYS 37. Em matéria de 1990, o jornal O Sudoeste denomina-a “Navegante Espacial”.

COLMÉIAS NA REVOLTA

No período da Revolta dos Posseiros do Sudoeste (1957), as rádios Colméia de Pato Branco e Francisco Beltrão desempenharam papel determinante. Seus locutores denunciaram os abusos das empresas colonizadoras contra os agricultores e chamaram as populações rural e urbana a manifestar-se (capítulo a seguir).

CASA RÁDIO

Com o início das transmissões das unidades da Colméia na região, criou-se uma grande demanda pelos aparelhos receptores de ondas curtas. Percebendo a oportunidade, Rotile instalou uma empresa de eletrodomésticos, por meio da qual enviava vendedores às comunidades rurais para vender rádios. Em 1957 a *Casa Rádio* foi comprada por um dos vendedores de Rotile, chamado Jácomo Trento.

CORRIDA DA FOGUEIRA

No início da década de 1960 a rádio Celinauta realizou a *II Corrida da Fogueira*. Percurso de sete quilômetros, desde a Encruzilhada à praça Presidente Vargas. O prêmio foi uma viagem de ida e volta a Porto Alegre, patrocinado pela Sadia S/A. Inscreveram-se 30 atletas. O vencedor foi José Freitas, representante do Passo da Pedra. O 2º e o 3º colocados foram Neilor Agüero e Florentino Petrycoski, respectivamente.



Zé Florêncio e Cerejeira comandavam um programa sertanejo da rádio Colméia, em 1960. Gaita, violão, bombacha e coldre de revólver.

— Casa Rádio Técnica Sonora Ltda. Rádios, radiolas, móveis, tintas, máquinas de costura, oficina de consertos. A pioneira em utilidades eletrodomésticas. (Publicidade de 1966)

ZANELLA E ROTILE

O fotógrafo José Zanella era originário de Erechim. Casou-se com Juvelina Inês Rotile, de Ajuricaba-RS. O pai de Juvelina, Paulo Rotile, era irmão de Otávio Rotile, proprietário da rádio Colméia. Trabalhava como agricultor em Ajuricaba. Transferiu-se a Pato Branco para atuar como vendedor da Casa Rádio.

VIDA DE ASTRONAUTA

— A vida de radialista, naquela época, era vida de astronauta hoje, pela importância que se dava. (...) Embora o reconhecimento financeiro fosse pouco, nos obrigava a andar sempre bem vestidos, porque todos queriam entender o radialista como se fosse um ídolo. (Ivo Thomazoni, 2007)



Entrega de pão a domicílio, em 1957.

Revolta dos Posseiros

O momento épico do Sudoeste, protagonizado pelos municípios de Pato Branco e Francisco Beltrão, foi registrado no ano de 1957. Foi um tempo de grandes covardias e violências — grilagem de terras, tortura e assassinato de famílias — que exigiu a intervenção de homens dispostos a morrer em favor da Justiça.

Na fotografia de Osvaldo Jansen, "Marcha da bandeira", na Avenida Julio Assis Cavalheiro, em Francisco Beltrão. Assinalou a vitória dos posseiros contra as empresas colonizadoras.

As ocorrências daquele ano poderiam ser justificadas pela insólita circunstância de haver diversos pretensos donos de uma mesma terra, o que por si só configura um ambiente de contendas.

— Houve período em que para a mesma área de terra existiam cinco “proprietários”: Citla, Pinho & Terras, governo do estado do Paraná, governo federal e o posseiro. (Hermógenes Lázier, 1998)

Soma-se o fato de que nessa época ocorria um despertar coletivo para o valor econômico da terra. O solo do Sudoeste era fértil, o clima agradável e propício à agricultura, fatores



Nas décadas de 1950 e 1960, a luta pela terra gerou situações conflitantes em várias regiões do estado do Paraná. Envolvia governo, companhias colonizadoras e agricultores. No Sudoeste ocorreu a Revolta dos Posseiros, evento que ganhou repercussão internacional.

que estimulavam a migração de catarinenses e gaúchos. Para as empresas colonizadoras, havia acima de tudo o valor econômico representado pelos pinheirais.

— A maioria das assim chamadas com-

— Que culpa tenho eu de ter comprado 200 mil alqueires de terras, que ninguém queria, pelo preço de uma caixa de fósforos? (Mário José Fontana, citado por seu genro Elias Féder, no livro “200.000 alqueires por uma caixa de fósforos”, publicado no ano 2000)

— No Paraná, as revoluções se fazem pela rádio. (Revista Cruzeiro, 2 de novembro de 1957)

— O movimento que se fez em Pato Branco foi em favor do homem vocacionado para as lides agrícolas e pastoris, do posseiro de boa-fé, não em favor de quem invade, destrói e rompe a lei. (...) E se fez uma coisa espontânea. Era a revolta do espírito. Nada foi planejado, tudo nasceu espontaneamente. (Thomazoni, 2007)

— Clássico drama en el “Far West” de Brasil: Los colonos combaten contra quienes codician sus tierras⁽¹⁷⁾. (Revista Life espanhola, 1957)

(17) Drama clássico no “Extremo Oeste” do Brasil: os colonos lutam contra aqueles que cobiçam suas terras.

panhias de colonização (...) eram, de fato em tudo, exceto no nome, companhias madeireiras, e suas alegações para requerer terras eram motivadas pelos pinheiros que nelas existiam. (...) A terra era um investimento meramente residual, enquanto a elevação do preço do pinho nos mercados nacional e internacional (...) assegurou a predominância da extração madeireira como a principal atividade econômica, obscurecendo o incipiente crescimento agrícola. (Joe Foweraker, 1981)

— Na verdade não eram colonizadoras. Eram imobiliárias! Quem cometeu banditismo aqui foram essas imobiliárias. (Jácomo Trento, 2019)

No complexo *mercado da política es-*

tadual, as terras também podiam tornar-se moeda de troca. O apoio a projetos enviados à Assembleia Legislativa pelo governo era lucrativo.

— Governos davam trezentos, quatrocentos alqueires. Deputados votavam a favor do governo em troca de duzentos, trezentos alqueires de terra. (Ivo Thomazoni, 2007)

Desde o século XIX, a propriedade da terra no Sudoeste era representada pela posse. Os posseiros garantiam a legitimidade de suas terras construindo casas, plantando lavouras e instalando criatórios de gado e porcos. Os documentos de compra e venda geralmente eram papéis manuscritos, com a



Moradores de Pato Branco prontos para enfrentar os jagunços. Dentre eles, três policiais.

descrição das divisas e a assinatura do posseiro, raramente com registro cartorário. Essa forma era aceita por todos, inclusive pelos fazendeiros, pois os posseiros ocupavam áreas insignificantes em relação às imensas fazendas. Os posseiros também favoreciam a expansão pioneira, derrubando a mata e fornecendo alimentos básicos aos moradores locais e aos que trafegavam pela região. Se os fazendeiros tivessem necessidade de retirá-los de suas terras, poderiam fazê-lo a qualquer momento, inicialmente com cordialidade, depois com ameaças ou chumbo.

Assim que chegavam novos moradores, as áreas maiores eram divididas e comercializadas. Mas as medições eram sempre inexatas, para mais ou para menos. Wachowicz cita compradores que adquiriram 20 ou 30 alqueires, mas quando fizeram as aferições descobriam ter 60 alqueires. Um colono de Renascença comprou 30 alqueires, porém ao medir constatou ter adquirido menos de 15.

Na década de 1920, praticamente todas as terras de Pato Branco já estavam ocupadas.

Três interesses distintos convergiam para o sucesso do empreendimento colonizador. O governo federal buscava estabelecer núcleos populacionais que desestimulassem os olhares cobiçosos dos países vizinhos sobre as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná. As colonizadoras visavam o lucro que obteriam no comércio de terras e de madeira. E os colonos, confinados em áreas restritas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, buscavam novas e boas terras para expandir suas atividades agrícolas. Embora as colonizadoras não tenham sido criadas para promover o sucesso dos seus assentados, o resultado final de suas ações — excetuando a violência e a perda de vidas — foi positivo sob o aspecto econômico e social.

— As companhias estão realmente erradas em trazer aqui elementos estranhos à região, os corretores. Se a terra é mesmo delas, podiam vender os lotes até com moças. Para que jagunços armados? (Alfredo Pinheiro Jr., chefe de polícia do Paraná, 12 de outubro de 1957)



Com frequência, os tempos da Revolta são lembrados em eventos regionais. No desfile de 2019, estudantes de Pato Branco representam os agricultores, armados com foices, enxadas e espingardas.

A expansão prosseguiu para os atuais municípios de Francisco Beltrão, Renascença, Victorino, Enéas Marques e Coronel Vivida. A preferência era por terras com fontes d'água. E livres de pinheiros, porque dificultavam a atividade agrícola.

As terras do Sudoeste eram relativamente baratas. Wachowicz conta que uma posse de quatro a oito alqueires podia ser barganhada “por um cavalo encilhado, por uma pistola, uma espingarda”. Bocchese (2004) cita terras trocadas por um cavalo velho ou doente, armas, escova de dente, uma gaita velha. João de Abreu, ou João Sapateiro, o primeiro selheiro de Pato Branco, adquiriu 10 alqueires em troca de um par de botas.

No decorrer dos anos a procura por terras determinou sua valorização. Dez alqueires já não eram trocados por um par de botas ou uma gaita. Para o colono, a posse de uma pequena área agora significava a sobrevivência da sua família!

Visando o assentamento dos que chegavam ao Sudoeste, em 12 de maio de 1943 o governo federal fundou a Colônia Agrícola

Nacional General Osório – Cango (ver texto sobre o *Território Federal do Iguaçu*, página 186). Com ela foi iniciado o assentamento dos agricultores originários do Sul nas glebas Missões e Chopim. Compreendiam a região que se estende do rio Santana — divisa oeste da colônia Bom Retiro — à Argentina.

Mas a criação da Cango encontrava-se num campo legal nebuloso, devido a ações judiciais em curso entre o governo estadual e a União.

Desde o início da República, o governo paranaense vinha titulando as terras federais em nome de particulares que possuíam influência no palácio de Curitiba. Além disso, no início da década de 1930 o estado do Paraná havia obtido os direitos sobre as áreas cedidas pelo governo federal à Railway e suas concessionárias, nas regiões Oeste e Sudoeste. Mas em 1940 um decreto de Getúlio Vargas fê-las retornar à tutela da União. O governo paranaense solicitou à Justiça o embargo da iniciativa federal, e aquelas áreas de terras tornaram-se objeto de litígio.

Devido a esse desarranjo jurídico, ainda que o governo federal liberasse a cessão de

terras por meio da Congo, a Justiça não permitia que elas fossem tituladas.

A falta de documentação definitiva das áreas adquiridas pelos colonos foi um dos determinantes para a geração dos conflitos na década de 1950. Devido à omissão da Justiça, muitas contendas acabaram sendo resolvidas com violência.

Na região de Cascavel, a indefinição traduziu-se em mais de uma década de guerra no campo, com posseiros sendo retirados de suas terras por grupos de jagunços contratados por fazendeiros. No Sudoeste, a apropriação e a venda das terras por companhias colonizadoras também ocorria com violações e assassinatos, situação que em 1957 deflagraria a Revolta dos Posseiros.

CANGO EM PATO BRANCO

Na época da instalação do escritório da Congo, em 1943, a ligação da Vila de Pato Branco com a estrada Estratégica ainda era feita por uma estrada precária. Pelo projeto original, a Estratégica deveria seguir até Barracão. A Congo retomou as obras, mas desviou a rota inicialmente projetada, passando pela região da atual Encruzilhada — localizada cinco quilômetros ao sul do Centro da atual cidade de Pato Branco — e seguindo para Marrecas⁽¹⁸⁾. É o traçado aproximado da PR-280. Da Encruzilhada à Vila de Pato Branco foi aberta uma via, que mais tarde iria

denominar-se Avenida Tupi.

A sede da Congo deveria ser instalada em Marrecas. Porém, em função da dificuldade de acesso, foi inicialmente estabelecida em Pato Branco. Administrada por Eduardo Virmond Suplicy, chegou com patrôas, caminhões e outros equipamentos. Incluía serviço médico e farmacêutico.

— Daqui coordenava os assentamentos de migrantes que vinham de Santa Catarina e principalmente do Rio Grande do Sul. Ficou em Pato Branco até começo de 1948, quando transferiu tudo para Marrecas. (Alberto Pozza, 2014).

A Congo também montou uma serraria em Pato Branco, visando a construção de casas para os migrantes. E construiu a estrada entre Pato Branco e Laranjeiras do Sul, permitindo o acesso à BR-35, atual BR-277.

Na abertura das estradas ocorreu uma grande geração de postos de serviço. Como exigia-se dos candidatos a funcionários a apresentação de documentos, muitos que viviam à margem da lei trataram de providenciar os seus.

— Havia emprego para todos: trabalho braçal, serviços burocráticos, mecânicos, ajudantes de agrimensores, operadores de máquinas, chefes de seções, capatazes de obras, motoristas, auxiliares da área da saúde e muitos outros. (Bocchese, 2004)

A Congo também fez movimentar o comércio. Ainda que tivesse vindo de outras ci-

dades somente a equipe administrativa, e os demais postos de serviços fossem ocupados por trabalhadores locais, havia agora mais dinheiro circulante. Novas empresas se estabeleceram e “passaram a oferecer variadíssima linha de produtos, nos moldes das grandes cidades” (Voltolini). As atividades da colonizadora geravam expectativas de progresso e de bons negócios, encorajando novos migrantes a deixar o Sul para estabelecer-se em Pato Branco. Com a publicidade federal relativa à colonização, “o Paraná já fora eleito, principalmente pela gauchada interiorana, o eldorado brasileiro” (Voltolini). Esse *Paraná*, para as populações sulinas, configurava-se nas regiões Oeste e Sudoeste.

— Essa população migrante se instalou no Sudoeste do Paraná por encontrar uma terra livre, barata e com condições muito parecidas com a que tinha em suas regiões de origem. O caboclo, ao formar a sua posse, e o colono, ao adquirir sua posse ou ao receber a concessão da Congo, tinham certeza de que ninguém reclamaria essa terra. Os colonos, quando compravam ou recebiam a concessão, tinham a convicção de que eram donos. (Jaci Poli, 2007)

Em 1948 a Congo transferiu-se para Francisco Beltrão, levando farmácia, oficina mecânica, escritório, equipamentos e consultório médico. Mas após sua permanência em Pato Branco, o saldo era positivo.

— Marcou o início da moderna cidade de Pato Branco, com sua sociedade e rol de atividades que lhe dão sustentação. (Voltolini).

Embora o Sudoeste carecesse da presença estatal, contando com rara fiscalização, poderia evoluir naturalmente, com a titulação dos terrenos e a propriedade assegurada aos posseiros. Mas para muitos colonos o sossego durou pouco. A onda gerada pelas ex-



Carreata política na década de 1950. No auge da indústria madeireira já havia várias construções de alvenaria em Pato Branco.

(18) Francisco Beltrão chamou-se inicialmente Marrecas, uma referência ao rio de mesmo nome. Ainda que em meados da década de 1940 já se chamasse oficialmente “distrito de Francisco Beltrão”, alguns diziam “antigo Sant’Ana”, derivado da “Fazenda Sant’Ana”.

Turma da Encruzilhada, montando guarda contra a passagem de jagunços. Foram reconhecidos, desde a esquerda, Orlando Alberton (2º), Vergílio Amadori (3º), João Varela (4º), Jandir Basso (5º), Adelini Pazinato (6º), Luiz Raldi (12º), Adelar Antoniazzi (14º), Lourenço Colla (15º), Adelar Tonial (17º).



ACERVO SUELI ROSA DARTORA

tensas concessões de terras — pelo governo federal, no século XIX⁽¹⁹⁾ — tomava volume, e em breve iria arremessar-se sobre a população rural desguarnecida.

NEGÓCIOS ESTATAIS DESASTROSOS

Em 1920 o estado do Paraná negociou com a Brazilian Railway Company a construção da via férrea até Guarapuava, visando

alcançar a divisa com o Paraguai. Em troca, a companhia receberia 500 mil hectares de terras. Nesse cenário entrou a Companhia Brasileira de Viação e Comércio – Braviaco, concessionária da Railway, que ficou encarregada de levar a ferrovia a Foz do Iguaçu. Era administrada pelo grupo de Alberto Dal-

canalle, da empresa Pinho & Terras.

No Sudoeste, em troca do serviço, o governo estadual cedeu à Railway partes das glebas *Missões* e *Chopim*. A primeira foi cedida pelo governador Carlos Cavalcanti, em 1913. A segunda, por Caetano Munhoz da Rocha, em 1920. A das Missões continha cerca de 425 mil hectares.

Tanto no Oeste quanto no Sudoeste, essas companhias passaram a vender lotes de suas glebas, ainda que a frente de construção da ferrovia permanecesse estacionada na cidade da Irati⁽²⁰⁾.

Esses negócios eram realizados sem qualquer consideração pelos que, havia anos ou



INSTITUTOS PROSDCIMO GUERRA/THEÓPHILO PETRYCOSKI

No período da Revolta, guardas postados diante do “Banco do Estado do Paraná S.A.”, prevenindo contra saqueadores. Desde a direita, “Gaguinho”, Sebastião Fermينو, Valdomiro Bonadiman, Pedro Cordeiro de Andrade Filho e Jovenil Pedroso Pereira. O da esquerda não foi identificado. “Nomeei uns caras fortes pra guarnecer o banco e não deixar ninguém entrar. Mesmo se o gerente quisesse, não entraria. Se quisesse encrespar e tentar entrar, era pra fincar a mão na cara dele e mandar embora” (Jácomo Trento, 2019).

Há indícios de que na Cango havia corrupção. Em setembro de 1954, Jahir de Freitas, funcionário da colonizadora, denunciou-a ao Instituto Nacional de Imigração e Colonização – INIC. Segundo ele, a Cango estava cobrando pedágio pela passagem por suas estradas e pelas ferramentas que deveriam ser entregues gratuitamente aos colonos e ameaçando de expulsão de suas terras os que tivessem votado em candidatos do PSD.

(19) Ver matéria sobre a Guerra do Contestado, na página 38.

(20) Em 15 de junho de 1928 comemorou-se o início da construção da estrada de ferro que conduziria de Irati ao “futuro município de Guarapuava” (A Semana, Irati, 1928). Para infelicidade dos guarapuavanos, o apito da maria-fumaça ouviu-se naquela cidade somente 26 anos depois, no dia 17 de dezembro de 1954.

décadas, ocupavam essas áreas na condição de posseiros. A retirada das famílias de posseiros pelos titulares, com ameaças e assassinatos, gerou dramas de repercussão internacional. A insensatez governamental e a sanha dos fazendeiros pela terra resultaram na *Guerra de Porecatu*, em 1951. Em Medianeira ocorreu a *Revolta de 1961*. Também houve o *Levante dos Posseiros de Três Barras do Paraná*, em 1964.

No Sudoeste, conflitos violentos começaram no início da década de 1950, quando a colonizadora Citla e suas concessionárias passaram a contratar jagunços para desalojar os posseiros das terras tituladas em seu nome.

CITLA

A Clevelândia Industrial e Territorial Ltda – Citla teve início no ano de 1947, com a aquisição das fazendas *São Francisco de Salles* e *Francisco Beltrão*, por Mário Fontana. A empresa formou-se em sociedade entre Fontana e seu sogro, João Menegassi, além de Jacó Menegassi e João Menegotto. Eles detinham 50% do capital social. A metade restante estava nas mãos de empresários da cidade de Caxias do Sul. O objetivo era abastecer as madeireiras da região serrana do Rio Grande do Sul com o “verdadeiro paraíso da floresta negra, maciçamente povoada de araucárias” (Elias Féder, 2000). A empresa estabeleceu-se em Sede Governador Trota,

atual cidade de Mariópolis.

A entrada da Citla no conflito de terras do Sudoeste teve início com José Rupp. Quanto a ele, os historiadores dividem-se em duas linhas argumentativas:

1 - Rupp forneceu dormentes à Railway Co., visando a construção da estrada de ferro Curitiba - Guarapuava. Após atrasos no pagamento, ele acionou a Railway na Justiça. Mas os direitos da empresa norte-americana sobre a construção desse trecho haviam sido retomados pelo governo federal, e a dívida com Rupp foi transferida à União. O credor viu a oportunidade de adquirir uma grande área de terra em troca da dívida, e propôs ao governo a cessão das glebas Missões e Chopim.

2 - Rupp obteve concessão estatal para extração de madeira e erva-mate no Planalto Catarinense. Mas a Companhia de Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande tinha concessão na mesma área e, após vencer Rupp na Justiça, tomou todo seu estoque de madeira e erva. Rupp apelou da decisão e venceu na Justiça em 1925. A Companhia recorreu, mas ele tornou a vencer em 1938. E entrou com ação de indenização contra a empresa, que nessa época já tinha todos os seus bens tomados pelo governo federal. Nesse momento, Rupp sugeriu a troca da dívida pelas glebas do Sudoeste. O governo recusou a oferta e Rupp foi buscar arrimo no governador. Como a Moysés Lupion “nada se negava na esfera

federal” (Voltolini), em novembro de 1950 Rupp conseguiu vender à Citla seus créditos junto à União.

Os sócios da Citla viram com entusiasmo

FONTANA

Filho do alfaiate Tranquilo Fontana e de Joana Fávero, Mário Fontana nasceu em Flores da Cunha-RS, em 1909. Iniciou a vida profissional como auxiliar do pai na alfaiataria, depois tornou-se tradutor de inglês e enólogo. Formado engenheiro agrônomo, tornou-se funcionário do Ministério da Agricultura. Suas atividades como cooperativista no ramo de produção vinícola, e sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro, em 1932, custaram-lhe 60 dias de cadeia. Na década de 1940 filiou-se ao PSD. Mudando-se para Minas Gerais, foi proprietário de transportadora, fabricante de artefatos de concreto e empreiteiro de estradas. Em 1946 foi aos Estados Unidos tentar vender um projeto de exploração de estanho no Brasil. Gostou do país e estava preparando a mudança da família para Miami, quando seu sogro chamou-o para averiguar um grande lote de terras que estava à venda no Sudoeste do Paraná.

Divulgou-se que o governador Moysés Lupion era sócio da Citla. Em entrevista posterior ao período da Revolta, ele negou com veemência sua participação societária. Disse que tratava-se de uma empresa formada por agricultores do Rio Grande do Sul.



No aeroporto de Pato Branco, alguns protagonistas da Revolta traçam planos. Desde a esquerda, Jácomo Trento, Irineu Bertani, Nicanor Colla, Fioravante Michelin e Virgílio Carbonera.

Fontana e Menegassi elaboraram um grande projeto de produção de celulose, com a farta madeira do Sudoeste. E contrataram uma empresa alemã para viabilizar o empreendimento. Wachowicz conta que, com a entrada de Lupion na Citla, os alemães foram descartados, e um acordo foi fechado com um grupo francês. Entretanto, nessa época já era grande a entrada de serrarias nas áreas de pinheirais. Os colonos e posseiros, temendo perder as terras, tratavam de vender o mais rapidamente possível suas árvores. Ao perceber os pinheirais sendo devastados, Fontana abandonou o projeto industrial.

a área de pinheirais que iria somar-se ao seu patrimônio. Mas a Procuradoria da União não avalizou o negócio. E o Conselho Nacional de Segurança emitiu uma nota aos cartórios regionais, ordenando a recusa do registro da escritura. Avisado, o cartorário de Clevelândia negou-se a acolher o documento. A resposta de Lupion foi desmembrar a escritura, criando uma nova em Santo Antônio do Sudoeste, com escrivão de sua confiança.

— Entendemos viciada a escritura lavrada em favor da Citla. O vício estava no fato de que a Constituição da época exigia que a titulação de qualquer área de terra superior a 10 mil hectares só poderia ser realizada com expresso consentimento do Congresso Nacional, exigência que não fora cumprida na escrituração da área. (Ivo Thomazoni, 2007)

A Citla obteve a escritura da Gleba das Missões e parte da Chopim. Mas ao tentar estabelecer seus domínios, deparou-se com um novo obstáculo. Aquelas terras já eram habitadas por milhares de famílias, que encontravam-se espalhadas por toda a região. A solução foi contratar jagunços para expulsar os posseiros.

Féder argumenta que o objetivo da Citla era transformar aquelas terras num grande minifúndio, vendendo lotes de 10 alqueires a baixo custo aos migrantes gaúchos. Mas admite que as terras eram cedidas com a preservação dos pinheiros em nome da empresa. Cerca de 40 madeireiras instalaram-se na área, promovendo o serviço terceirizado da extração da madeira e devolvendo à Citla

— A Comercial trouxe os grandes jagunços da época. O Chapéu de Cobre, o Chapéu de Couro, o Quarenta e Quatro, o Pé de Chumbo, o Breda. (Walter Pécoits, 1987)

“33% do produto serrado” (Féder).

Os conflitos iniciaram quando Fontana, vendo a dificuldade em administrar os 200 mil alqueires que havia adquirido “pelo preço de uma caixa de fósforo”, cedeu 50 mil à colonizadora Apucarana, na região da fronteira com a Argentina, e 40 mil à Comercial e Agrícola Paraná Ltda, que atuava em Francisco Beltrão e nos distritos pato-branquenses de Verê e Dois Vizinhos.

— Esses grupos passaram a agir com seus próprios métodos, desrespeitando os posseiros, eles sim de forma violenta e truculenta.

Com esse argumento, Féder busca varrer do histórico de Fontana as tragédias registradas na região, no período entre a criação da Citla e a Revolta dos Posseiros.

— Tudo de errado que acontecia nas Glebas Missões e Chopim era creditado à Citla — ressalta.

Ele conta que durante a tomada da cidade de Francisco Beltrão pelos posseiros, em 1957, “mais de 200 funcionários conseguiram fugir, sendo acomodados pela Citla na unidade de Mariópolis”.

Mas na concepção de historiadores e de pessoas que testemunharam as ocorrências entre 1954 e 1957 no Sudoeste, a Citla foi a grande responsável pela violência.

Jácomo Trento (2019) também isenta Fontana. Segundo ele, quem coordenava as ações dos jagunços eram Lino Marchetti, da colonizadora Comercial, e Jorge Mayer, da Apucarana.

Com a eleição do governador Bento Munhoz da Rocha (1951 - 1955), os negócios das colonizadoras do Sudoeste esfriaram. O governo estadual suspendeu o fornecimento de documentações para terras vendidas nas glebas Missões e Chopim e a população das comunidades rurais do Sudoeste viveu qua-

tro anos de relativa paz.

Para delimitar as áreas de sua abrangência, as colonizadoras haviam colocado portões nas estradas, impedindo a passagem de pessoas indesejadas. A iniciativa foi repudiada pelos colonos e uma comissão, formada por Luiz Prolo, Ivo Thomazoni, Acir Bordignon e Adelino Vitorello, foi a Curitiba solicitar ao governador que ordenasse a retirada das cancelas — também chamadas de *monjolos*, devido ao característico movimento sobe-desce. O pedido foi aceito por Munhoz e inicialmente a Citla recuou.

Na campanha de 1955, Lupion prometeu resolver as questões fundiárias do Sudoeste. Apontou os abusos contra os colonos como um nó a ser desatado. Segundo ele, as terras pertenciam a quem nelas trabalhava, e fez juras de legalizar as áreas devolutas. Com esse discurso, angariou a maioria dos votos do Sudoeste para sua reeleição.

— O primeiro ato que ele fez foi anular uma portaria feita por Bento, que não permitia que o estado fornecesse Cisas⁽²¹⁾ para escrituras da Citla. Ora, o Paraná sabia, e a assessoria de Moisés Lupion também sabia, que estas terras eram litigiosas, e terras litigiosas não podem ser vendidas. (Walter Alberto Pécoits, 1994)

E a prática do *monjolo* generalizou-se. Os jagunços passaram a cobrar pedágio dos que ousavam transitar pela gleba Missões.

A dívida adquirida por Rupp junto ao governo federal era de 4,72 milhões de cruzeiros. Em 1951, o deputado federal Bronislau Ostoj Roguski disse estar surpreso ao

(21) *Guias de “Imposto de Transmissão de Propriedades”, expedidas pelo governo estadual.*

Corda de viola sobe no pé de picão preto, à margem da estrada que conduz ao rio Pato Branco. Enquanto a Natureza espalhava exuberâncias como esta nas montanhas e vales do Sudoeste, homens ansiosos lutavam pela posse da terra.





Chamada pelo locutor da rádio Colméia, a população de Pato Branco converge ao centro da cidade no dia 9 de outubro de 1957. A fotografia exhibe os barrancos que havia à margem das ruas.

constatar que a área repassada à Citla podia ser avaliada em Cr\$ 300 milhões. Parte dos terrenos que a Citla englobava pertencia a outras colonizadoras e particulares. Segundo Foweraker, o negócio envolvia suborno, nepotismo e corrupção. E a Citla continuava vendendo terrenos sem qualquer consideração à legalidade. Inclusive áreas sob a admi-

GUERRA NOTICIOSA

Em Curitiba, os jornais *Tribuna do Paraná* e *O Estado do Paraná* publicavam contra Lupion, enquanto o *Diário da Tarde* defendia-o. A revolta também era noticiada pelos principais jornais das regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Manchetes favoráveis aos posseiros: "Pistoleiros e ladrões estão trucidando lavradores"; "Pato Branco dominado por junta de emergência"; "Lupion banha de sangue o Paraná"; "Sob o signo do fuzil a terra da promessa"; "Quatro mil armas governam Francisco Beltrão"; "Em desespero de causa Citla escolhe violência".

Desfavoráveis: "Conspirata infame – procuram atingir escusos objetivos políticos, ferindo o próprio estado"; "Planos frustrados, pulverizadas, uma a uma, notícias tendenciosas da oposição".

nistração da Congo. Os colonos eram obrigados a pagar novamente pelas terras já pagas a colonizadoras ou a posseiros.

Além da violência utilizada contra os protestos, a Citla contava com a lei para legitimar suas ações. Sob os olhos vendados da polícia, os jagunços não hesitavam em atirar. Foweraker diz que no município de Chopinzinho fraudava-se títulos e falsificava-se documentos com o apoio de oficiais da Justiça.

— A tática era deixar a terra sub-júdice, para então extorquir dinheiro do verdadeiro proprietário em troca da retirada do processo.

Antônia Vaz (2020) conta que seu pai, Antônio Vaz, e outros da região do atual município de Mariópolis, foram presos sem motivo explicável.

— Prendiam e deixavam uns dias na cadeia, só por malvadeza.

Aos olhos de historiadores, a força maior das companhias vinha do palácio Iguaçu. Eram sustentadas pelo mando que Lupion exercia sobre prefeitos, delegados e funcionários da Justiça.

— O fato do chefe do governo estadual ser sócio da Citla explicava a grande dificuldade de uma solução arbitrada pela lei que contemplasse os colonos. (Vander Piaia, pro-

— As grandes churrascadas dadas pela Citla em Francisco Beltrão visavam atrair lideranças municipais para sua causa. (Wachowicz, 1987)

— Ficamos numa turma lá na Encruzilhada, fazendo guarda. Não entrava ninguém e também não saía. Se aparecesse jagunço, a ordem era de atirar pra matar. Até gente da polícia nós desarmamos. (Orlando Alberton, 2021)

fessor da Unioeste, Cascavel, 2010)

A área cedida à Citla foi rapidamente cortada de estradas, com o objetivo de facilitar o estabelecimento dos migrantes que chegavam do Sul. Foram construídos campos de pouso em Pranchita, Francisco Beltrão e na foz do rio Santo Antônio. Também foram concedidas terras a autoridades que poderiam entravar o projeto.

— Não se negligenciou a “política de boa vizinhança”, com generosas concessões a pessoas influentes e a autoridades, de que se poderiam gerar futuramente substanciais benefícios para o empreendimento. (Voltolini)

Apesar das obras de infraestrutura promovidas pela Citla, a população do Sudoeste começava a vê-la com maus olhos. No começo da década de 1950 já corriam notícias de autoritarismo dos colonizadores e agressões

ESCONDIDOS NO MATO

No período da Revolta dos Posseiros, a família de Maria Antônia Vaz, residente no atual município de Mariópolis, foi obrigada a abandonar sua casa e mudar-se para uma localidade próxima.

— Veio o Mário Fontana, se acampou ali uma diarada. (Antônia, 2020, aos 109 anos)

Em 1956, Antônia e seu filho Maximino conduziam cargueiros de erva-mate a um grande barbaquá na *Sede Governador Trota* — atual cidade de Mariópolis — quando viram-se em meio a um tiroteio provocado por pistoleiros da Citla. Permaneceram quase um mês escondidos no mato, abrigados numa barraca. Alimentavam-se com o charque e a farinha que costumavam levar nas viagens.

a famílias de posseiros.

Com o retorno de Lupion, sentindo-se novamente protegidos pela lei, agentes das colonizadoras passaram a visitar casa a casa, informando aos posseiros que suas terras não lhes pertenciam. Teriam de dirigir-se ao escritório da Citla, ou de suas concessionárias, para negociar. Mas a negociação significava pagar preços abusivos por terras que já haviam sido pagas.

— As companhias querem vender terras que lhes custaram Cr\$ 30 o alqueire, por Cr\$ 5 mil, reservando-se o direito sobre a madeira da floresta. (Revista Manchete, 1957)

— Meus pais decidiram vir pra cá porque já tinham dois vizinhos de lá (Itaiópolis-SC) morando aqui. Eles ficaram com os terrenos aqui naquela base de troca de cavalo velho e espingarda. O cara chegava aqui, abria uma divisa e dizia, “Isso aqui é meu”. Aí meu pai comprou uma posse de terra, 33 alqueires. Não comprou mais porque tinha aquela história de que aqui era da Argentina, aquele medo que a Argentina vinha e tomava tudo e mandava os brasileiros embora. (Antônio Simon, 2019)

Quem se esquivava à negociação poderia receber visitas pouco amistosas.

— A Citla desencadeou a sementeira de sobressaltos na mente do agricultor, desassossegando a vida do posseiro. (Voltolini)

Segundo o autor, o posseiro “ficou atocaiado (...) em sombria expectativa”.

Paralelamente às investidas da Citla, a Cango promovia o assentamento dos colonos que chegavam do Sul. Embora não recebessem o documento definitivo de propriedade, eles acreditavam que em breve tudo seria resolvido. Mas em 1954 a Cango se dissolveu, e o projeto de assentamento foi assumido pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização – INIC. Como este era uma autarquia, deveria autossustentar-se. Se no período da Cango cada família de colonos recebia 20 alqueires gratuitos, agora a área era limitada a 12 alqueires, que deveriam ser pagos. Quem não tivesse recursos, assinava notas promissórias para quitação parcelada. O mesmo era feito pela Citla na venda dos lotes. Na pressa de obter a escritura definitiva das terras, muitos assinaram.

— As famosas promissórias em branco, assinadas pelos incautos colonos, sem valor

declarado, sem data de vencimento, sem declaração de beneficiários e sem timbre da Repartição. (Rubens da Silva Martins, prefeito de Francisco Beltrão no período 1953 - 1956, no livro “Jagunços e Posseiros”, 1986)

Num acordo entre Citla e INIC, as antigas áreas administradas pela Cango passaram à empresa de Fontana. O negócio foi considerado ilegítimo pela Justiça Federal, mas a Citla passou a dizer-se dona daquelas terras.

Embora a Citla utilizasse as rádios regionais para divulgar informações favoráveis ao seu empreendimento, as notícias contrárias também percorriam as colônias. E a luta dos posseiros contra a colonizadora e suas concessionárias começava a tomar volume. Porém, nem todos do Sudoeste eram favoráveis à causa.

— Os filiados ao PSD, por obediência ou proximidade ao governo de Moysés Lupion, eram simpáticos às companhias de terras. (Ivo Thomazoni, 2007)

Mas ao final da campanha que o reconduzira ao Palácio Iguaçu, Lupion foi acusado pelo PSD federal de desprezar a candidatura de seu colega de partido, Juscelino Kubitschek. Em decorrência, na questão que se delineava no Sudoeste, o governo federal iria posicionar-se contra as pretensões fundiárias do governador.

— Essa pode ser considerada uma rara

— Na época da Revolta dos Posseiros fizeram um *Judas* do Lupion lá em São Mateus e meteram tiro nele. Em Curitiba, requisitaram o meu caminhão. Iam nos hotéis, onde estavam os motoristas parados. O meu motorista me trouxe a notícia e eu fui lá e falei que o caminhão estava cheio de mercadorias, aí liberaram. Requisitaram uns 10 caminhões aqui da região, pra trazer soldados, munição e medicamentos. De Clevelândia em diante, tava tudo impedido. Só aos poucos foram liberando. Chegando em Pato Branco, era tudo parado, só madeira pelas estradas. Estava aberto pra caminhão, mas tinha de andar devagar, porque tinha muita madeira caída. Cheguei na cidade, não tinha ninguém na rua, só lá na praça, uns 300 colonos armados. (Olindo Slonski, 2019)



Na praça de Pato Branco o povo debate os rumos do "Levante". Ao fundo, "Depósito de Bebidas".



Junta Governativa do Sudoeste, formada em Pato Branco. Desde a esquerda, Jaury Souza, Albino Mendes de Araújo, Aparício Henriques, Natalício Fischer e Lineo Dondeo.

ocasião na história do Brasil em que o governo federal tomou as dores dos fracos. (Ariel Pires, professor da Unicentro/Guarapuava, 2010)

Imprensado entre as forças federais e seu projeto de poder pessoal, o governador iria optar pela situação mais cômoda.

— Os acontecimentos posteriores revelam que Lupion recuou para não perder o governo: retirou o apoio do governo do estado às empresas grileiras e seus jagunços. (Hermógenes Lazier, *Jornal de Beltrão*, 2007)

— O momento era de sacrificar, de lutar contra as companhias de terra que vinham cometendo todos os crimes possíveis e impossíveis, transformando Francisco Beltrão, que era uma terra de perigo, de risco, de medo, de terror, da angústia, da lágrima, do choro, da morte, completamente abandonada pelo governo. (Pécoits, 1994)

— A Pinho & Terra era da família Dalcanale. E houve uma época em que eles tentaram nos usar como inocentes úteis, para, combatendo a Citla, beneficiar a Pinho & Terra. (Ivo Thomazoni, 2007)

A Pinho & Terra administrava 10 mil alqueires na gleba Missões. Mas seguia a estratégia da Citla, afirmando possuir muito mais: 20.920 alqueires.

Mas enquanto pôde, ele manteve-se na defensiva. Por meio de jornais aliados, tentava demonstrar que os barulhos no Sudoeste não passavam de queixumes da oposição.

Em 6 de maio de 1956, a *Gazeta do Oeste*, “semanário independente”, publicou uma nota a pedido da Citla, explicando que uma tentativa do governo federal em reaver as glebas Missões e Chopim não havia sido aprovada pelo Senado.

Pécoits conta que toda vitória jurídica obtida pela colonizadora era comemorada com anúncios em rádio, churrascadas e foguetórios.

— Quando a Citla fazia uma festa e soltava foguetes, porque tinha ganho a questão, nós procurávamos dar, no dia seguinte, informações de jornais de São Paulo, do Rio, de Porto Alegre, de Curitiba, informando que a Citla não tinha ganho.

Pécoits foi uma das principais lideranças regionais no enfrentamento da Citla. Médico originário de Erechim, atuava como vereador de Francisco Beltrão desde 1956 — seria eleito prefeito em 1960. Proprietário da rádio Colméia local, pelo microfone ele convocava a população rural a rebelar-se. Também percorria o município em seu jipe, promovendo reuniões, formando lideranças e preparando a revolta, “sujeito a ser emboscado e perseguido, ameaçado sempre de morte” (Pécoits na revista *Gente do Sul*, 1994).

— As reuniões da Junta aconteciam na casa do Henriques. Chamávamos de *Palácio do Drácula*, porque estava sempre cheio de gente e ninguém sabia o que era. Depois me disseram que era roubo de pinheiro. (Jácomo Trento, 2019).

Os dirigentes da Citla alardeavam grandes projetos para o Sudoeste. Instalariam hidrelétricas, rodovias, aeroportos, indústrias e escolas. Enquanto isso, os agricultores eram forçados a acertar a documentação das terras. Os que recusavam-se eram castigados com violência, ou mortos e escondidos nas matas ou atirados nos rios.

— Os jagunços passaram a percorrer as propriedades, sempre em grupos de mais de três elementos, obrigando os colonos a assinar os contratos, dos quais eram excluídos os pinheiros e madeiras de lei. Caso o colono se recusasse, usavam todo tipo de violência, desde impedir que fizessem roças, como incendiar casas, galpões, matar animais, espancar crianças, praticar violências sexuais contra as mulheres, prender, matar... (Iria Zanoni Gomes, 1986)

— Famílias inteiras eram tocadas fora de suas casas, para em seguida um trator passar por cima de seus ranchos, sob a desculpa de que por ali iria passar uma estrada. (*O Estado do Paraná*, 1957)

— No tempo da Citla compramos uma fazenda no Salto do Lontra e fomos morar pra lá. Tinha 120 alqueires. Ficamos morando uns seis meses, aí começou o banditismo, coisa de matar gente. Se acompanhasse eles, tudo bem, se não acompanhasse, matavam. Peguei aquilo lá e troquei por cinco alqueires aqui em Gavião. E o cara que trocou as terras comigo, Augusto Borges, eles mataram! Teve um Zanotto que também foi morto por lá. Não quis acompanhar os bandidos e passaram fogo. (Antônio Simon, 2019)

— Falavam muito mal das colonizadoras. Eram o terror da região. Os políticos do lado do governador diziam que o movimento que se levantou no Sudoeste era coisa da oposição, mas ninguém estava pensando em par-

tido político. Era um movimento popular. A revolta ganhou força quando o ministro da Guerra deu um ultimato em Lupion.

— Ele disse, “Você resolve o problema do Sudoeste, ou teremos de intervir militarmente”. (Jácomo Trento, 2019)

Segundo Pécoits, a polícia militar, às ordens de Lupion, fazia o mesmo serviço dos jagunços.

— Jagunço e soldado era a mesma coisa. Ambos batiam, ambos matavam. E ambos perseguiram o colono. O colono tinha um verdadeiro horror de soldado.

— Os jagunços chegavam na casa dos colonos, deixavam todo mundo liso. Se não entregasse o dinheiro, matavam. O maior deles era o sargento Moacir. Se não pagasse o

500 famílias do Sudoeste refugiaram-se na Argentina, buscando evitar as investidas dos pistoleiros.

— Essas famílias estão vivendo uma situação de penúria que faz dó.

Nesse período os agricultores da região vinham recebendo com agrado os vendedores de rádios. Pela voz de Pécoits e de Ivo Thomazoni, eles percebiam a relação nociva entre o governador e a empresa que os oprimia. Por meio de lideranças regionais, encaminharam à presidência da República vários abaixo-assinados contra a Citla, solicitando intervenção. O primeiro foi levado ao Rio de Janeiro em 7 de abril de 1957, assinado por 38 posseiros de Santo Antônio. Mas este,

ços estavam bem municiados e eram treinados para matar.

O ASSASSINATO DO VEREADOR

Os fatos começaram a se precipitar a partir do assassinato do vereador Pedro José da Silva.

Originário de Tubarão-SC, ele tornou-se barbeiro em Caçador-SC, onde ganhou o cognome *Pedrinho Barbeiro*. Em Pato Branco exerceu os cargos de inspetor de polícia e subprefeito do distrito de Verê. No papel de vereador — eleito pelo PTB, em 1956 —

— Pedrinho Barbeiro foi quem primeiro moveu a opinião pública contra as pseudo-companhias colonizadoras. O que o povo passava no Verê e em Dois Vizinhos, só Deus sabe. Deus e o Porto Alegre, que fazia de casa em casa vendendo os produtos da Casa Rádio Técnica Sonora. (Ivo Thomazoni, 2007)

O funeral de Pedrinho Barbeiro ocorreu na sede do Legislativo de Pato Branco, com despesas pagas pela Casa de Leis. Requerimento encaminhado pelo vereador Germano Corona.

— O Partido Trabalhista Brasileiro perdeu um vereador autêntico, eu perdi um amigo e Anibelli perdeu um grande correligionário. Dona Elvira perdeu o bom marido, um grande companheiro, e as crianças perderam um grande pai. (Alberto Pozza, 2004)

Legenda da placa da praça Pedrinho Barbeiro:

— Homenagem e reconhecimento do Poder Legislativo do município de Pato Branco ao ex-vereador Pedro José da Silva (Pedrinho Barbeiro), assassinado em defesa dos colonos na luta pela posse da terra (Mártir da Revolta dos Colonos).

O nome do vereador também foi dado à estrada Pato Branco – Verê.



Junta Governativa de Francisco Beltrão, formada por Ricieri Cella, Francisco Cristófoli, Antônio de Piava Cantelmo, José Krasnievich e Olivo Rinaldi. Conversam com o chefe de polícia estadual, Pinheiro Júnior, na sede da Rádio Colméia.

que ele pedia, matava. Era meu freguês, de tomar gasosa com bolacha. Eu vendia pólvora, chumbo, isso era de carrada. (Olindo Slonski, 2019)

Advogados que defendiam posseiros também eram intimidados. Edu Potiguara Bublitz, defensor de agricultores de Santo Antônio do Sudoeste, “sempre que aparecia no fórum, era cercado pelos pistoleiros da colonizadora (Apucarana), que, com armas à mostra, procuravam impedir-lhe acesso ao gabinete do juiz” (Voltolini).

Segundo O Estado do Paraná, mais de

como outros manifestos, não obtiveram respostas.

O governo estadual usou de todos os recursos disponíveis para evitar o deslocamento de tropas do Exército ao Sudoeste. A alegação era de que haveria enfrentamentos e muitas mortes. Pécoits argumenta que os posseiros poderiam ser vitoriosos, se conseguissem unir-se numa luta armada contra a Citla. Mas ressalva que, se o governo federal não tivesse enviado os soldados, haveria muitas baixas entre os revoltosos. Porque eram mal armados e mal disciplinados, enquanto os jagun-

passou a atuar em favor dos colonos e contra as colonizadoras. Ao iniciar um abaixo-assinado, foi denunciado a Lino Marchetti. E a Comercial tentou suborná-lo para que se afastasse.

— Fizeram uma proposta vantajosa para que Pedrinho abandonasse os colonos e fosse pra Cascavel-PR. (Sueli Rosa Dartora, 2014)

Mas ele recusou. No dia 21 de maio de 1957 recebeu visita dos jagunços *Chapéu de Couro* e *Pé de Chumbo*. Segundo Ademar, filho de Pedrinho (relato a Dartora, 2014), eles chegaram dizendo-se vendedores de armas. O vereador desconfiou, mas não teve tempo para esquivar-se. Descarregaram os revólveres sobre ele e também atiraram em sua mulher, Elvira — que escapou ilesa.

— Continuaram correndo e disparando em quem aparecesse e soltaram toras de madeira que rolaram pela estrada. Tinham tudo planejado, não foram à casa do meu pai e simplesmente abriram fogo. (Ademar)

Coberto pelos principais jornais do país, o crime arrancou exclamações negativas até mesmo de apoiadores de Lupion. Júlio Assis Cavalheiro, gerente da Citla em Francisco Beltrão, e o presidente do PSD de Pato Branco, Guerino Zandoná, divulgaram notas de repúdio. Mas o delegado de Pato Branco silenciou e dispensou o inquérito policial sobre o assassinato.

Em nota de 10 de julho de 1957, José Cantu, presidente do PTB de Pato Branco, prevê a revolta que eclodiria poucos meses depois e solicita apoio federal, “a fim de evitar-se novos possíveis dramas nesta zona, pois os colonos-posseiros estão dispostos a fazer justiça com as próprias mãos”.

OUTRAS VÍTIMAS

Na lista de vítimas das colonizadoras, anotada por Voltolini, estão Otto Shwarz (desaparecido, teve sua família espancada); João Pereira da Silva (espancado); Laurindo Teixeira dos Reis (espancado e preso, junto com os amigos João Camargo, Ernesto e Quinin, que desapareceram nas mãos da po-

lícia); Otto Zwicker (espancado e desaparecido; mulher e filhas violentadas; os filhos Evaldo, Helmuth e Roth foram espancados); José Rodrigues (casa queimada, filha de 14 anos estuprada); José da Silva Neckel (espancado); Palma de Lima (ferido com tiro de metralhadora).

— Dias atrás, nas proximidades da balsa do rio Iguaçu, foram encontrados os cadáveres dos colonos Rogério Viana, Augusto da Silva e José Silvestre, todos residentes no município de Capanema. Estavam com as mãos atadas e tinham enormes pedras amarradas nos pés. Por se tratar de vingança de jagunços de companhias de terras, os lavradores imediatamente se prepararam para a desforra. (Nelson Gatto e Wilson Guerra, do jornal Última Hora)

O INÍCIO DO LEVANTE

A partir da morte do vereador, Jácomo Trento e Pécoits passaram a percorrer as colônias, reunindo a população e esclarecendo sobre seus direitos. Políticos de oposição a Lupion, como o senador Othon Mader, o deputado federal Bronislau Ostoj Roguski e o deputado estadual Antônio Anibelli, também colocaram-se a favor dos posseiros. Na tribuna do Senado, Mader denunciou a omissão da polícia e de outros setores governamentais do Sudoeste. Segundo ele, já haviam sido anotados 14 assassinatos e 47 vítimas de espancamentos, além de outros crimes.

— Das mortes, espancamentos, castigos corporais e extorsões de dinheiro, não fazia a polícia os competentes inquéritos, para assim poder acobertar os crimes. Ou, quando determinava qualquer medida processual, era para deturpar a verdade, de tal maneira que a vítima se transformava em autor e o criminoso em mártir.

Mader excetua o juiz José Meger e o promotor Josafat Porto Lona Cleto, de Pato Branco, que buscavam atender as reivindicações dos agricultores “com graves riscos para suas vidas e suas carreiras profissionais”.

Inicialmente abandonados à solidão dos sertões, mas agora melhor informados e sen-

tindo o apoio de líderes regionais, os colonos começaram a recusar as imposições das colonizadoras, a juntar-se em grupos e a preparar o revide.

Em meados de 1957 já havia uma intensa movimentação de grupos de posseiros, que planejavam uma reação. O primeiro sinal de revolta ocorreu em Pranchita, município de Santo Antônio. Sob ameaça de invasão do hospital pelos colonos, o médico Flávio Ceni fugiu da vila fantasiado de padre.

No dia 2 de agosto os posseiros de Verê, liderados por Leopoldo Preilipper, ou Tigrinho, ex-combatente da II Guerra Mundial, decidiram invadir o escritório da Citla, recém-instalado na sede do distrito. Naqueles dias, jagunços haviam estuprado as filhas de um balseiro do Rio Chopim.

— Vieram em massa, talvez umas 500 ou 600 pessoas. Só que, quando estavam chegando perto, de dentro do escritório os jagunços abriram fogo com winchester e armas de cano longo e mataram duas pessoas. O primeiro que caiu morto foi o Tigrinho. Os colonos também atiraram no escritório e nunca se soube quantas pessoas tinha dentro, como nunca se soube quantas morreram, quantas ficaram feridas. O que eu sei é que trouxeram para eu atender no hospital três feridos por armas de fogo, mas todos com ferimentos leves. Pediram para receber curativos, e que não internasse porque queriam levar eles daqui. (Pécoits, 1994)

Voltolini diz que o contingente de ataque era de 80 posseiros. Dividiram-se em grupos de 40 antes de chegar ao escritório, mas foram recebidos com rajadas de metralhadoras e se dispersaram.

Como ocorrera no episódio da morte de Pedrinho Barbeiro, a delegacia de Pato Branco dispensou o inquérito policial. Posseiros suspeitos de participar do tiroteio foram chamados pelo delegado, mas recusaram-se a falar. Vicente Eliseu Ampessan, presidente do PSP de Pato Branco, foi pessoalmente conferir a notícia da escaramuça em Verê. Após ver os corpos metralhados, com a cabeça de Tigrinho despedaçada por vários tiros, encaminhou ao prefeito Harry Graeff uma carta

de repúdio à Comercial, prometendo oficializar os diretórios do partido em nível estadual e federal sobre a ocorrência.

Jornais de São Paulo e Rio de Janeiro divulgavam o assassinato dos posseiros e a fuga de alguns agricultores do Sudoeste para a Argentina. Mas representantes do governo estadual refutavam essas notícias, dizendo que tais “boatos” eram somente mágoa da oposição. E o governo federal, embora já estivesse informado daqueles fatos, também permaneceu inerte. Os abaixo-assinados que chegavam em Brasília aguardavam nas gavetas. Voltolini diz que o objetivo era deixar que Lupion afundasse. Quando fosse o momento propício, as forças federais interviriam.

— Lamento que alguns representantes do povo, no Parlamento, encaminhem o caso no sentido de fazer política. No campo político, dentro das minhas possibilidades, enfrento qualquer um. Estou na luta e acostumado a ela. Apenas não acho que alguém tenha o direito de prejudicar o Paraná, usando de sensacionalismo. (Lupion, Revista Manchete, 1957)

— Elementos de oposição querem o descrédito do governador Moysés Lupion e estão procurando intervenção federal. (Alfredo Pinheiro Jr., chefe da polícia do Paraná).

Em setembro daquele ano, o deputado Cândido Machado de Oliveira Netto sugeriu ao prefeito de Francisco Beltrão, Ângelo Camilotti, que comunicasse ao ministro da Justiça que a situação no município era de “calma e tranquilidade”.

Após aquele ataque ao escritório de Verê, os posseiros animaram-se a novas investidas. Na região da fronteira buscaram arrimo na valentia dos *farrapos* — denominação dada a foragidos da Justiça gaúcha. Dentre eles estava Pedro Santin, que ensinou aos colonos a técnica da guerrilha na selva.

Segundo Lupion, Santin periodicamente passava da Argentina para o lado brasileiro “para cometer suas tropelias”.

Contra a estrutura bem organizada e as armas pesadas dos jagunços, Santin disse aos posseiros que seriam mais eficientes fazendo

emboscadas, em vez do enfrentamento direto. Com esse método, em 6 de setembro mataram Arlindo Silva, chefe da Apucarana em Capanema. Seu guarda-costas, Vilmar Pereira de Melo, também foi ferido. Como resultado, a Apucarana abandonou o escritório de Capanema, recuando até Santo Antônio.

No dia 14 do mesmo mês os farrapos de Santin emboscaram os jagunços no *Km 17* da estrada que conduzia a Capanema.

Após o ataque a Capanema, a Apucarana havia proposto realizar uma reunião com os posseiros, prometendo conciliação. O evento foi desmarcado pouco antes do horário combinado, mas alguns posseiros não foram informados. Nesse dia, um caminhão com dois funcionários da empresa dirigia-se a Capanema. Na carroceria seguiam vários colonos, que haviam pedido carona para deslocar-se ao local da reunião.

— Os que estavam de tocaia não perceberam que tinha colono no caminhão e meteram bala. Mataram todo mundo. Os dois da Citla e os próprios companheiros. (Fait Jr., 2019)

Entre os mortos, além de agricultores e jagunços, estavam Norberto Schuster, proprietário de um hotel no Km 35, e Pedro Alves de Oliveira, funcionário do DER. Arduíno Cavalli, que escapou levemente ferido do ataque, disse que foram disparados mais de 200 tiros. Semiconsciente, caído com os outros alvejados, ele viu Oscar Dambrós atirar na cabeça do próprio pai, Paulo Dambrós, pensando ser um jagunço.

Ainda que a emboscada tenha resultado em baixas maiores para a ala dos posseiros que a dos jagunços, serviu para apressar o levante.

As ondas curtas das rádios penetravam nas casas, incomodando as famílias, levando à percepção de que os crimes sofridos pelos agricultores estavam-se tornando responsabilidade de todos e exigiam uma ação coletiva. Em Beltrão, Pécoits tinha uma boa equipe de líderes, que estimulavam a população à revolta. Na região da fronteira, os posseiros se armavam sob o comando de Bublitz.

— Em Pato Branco, Jácomo Trento e Ivo Thomazoni contavam com a influência de de-

zenas de profissionais liberais, comerciantes, industriários (...) emprestando ao movimento sua força, seu entusiasmo, sua coragem e sua prontidão em combater a maior praga de que, até então, tinha sido afetada a agricultura do Sudoeste. (Voltolini)

DUAS CIDADES, VÁRIOS HERÓIS

Desde a emancipação política, Pato Branco e Francisco Beltrão disputam a liderança do Sudoeste. Isso pode gerar debates acalorados entre moradores dessas cidades, ou meras galhofas.

— Pato Branco é maior que Beltrão! — dizem os pato-branquenses, e os beltranenses respondem com a frase invertida.

Quanto ao episódio da Revolta dos Posseiros, as duas cidades também concorrem pela primazia da deflagração. Pato-branquenses dizem que começou no dia 9 de outubro de 1957, em Pato Branco. Beltranenses afirmam ter iniciado em 10 de outubro, em Beltrão. Para Pato Branco, os heróis são Trento, Thomazoni e Pozza. Para Beltrão, Pécoits e Delvino Donatti, entre outros.

Pécoits disse que teve uma conversa pessoal com João Goulart, então vice-presidente da República, expondo os problemas do Sudoeste.

— Eu fui a São Borja, fui hóspede dele na fazenda, estive lá três dias, fiz o relatório, deixei com ele, conversamos muito. (...) E a

— A primeira coisa deu um sinal, um tiro de revólver, aí entremo na rajada. Era tiro de tudo tamanho. (Arduíno Cavalli, 1987, sobre o ataque ao caminhão da Comercial em Capanema. Ele sobreviveu ao tiroteio, após receber uma carga de chumbo na canela).

— Não era só um que comandava. De cem em cem, tinha um cabeça pra determinar como é que andava o povo. No final, aqui, a gente tava com três mil e duzentos. Como é que um só ia comandar? (Augusto Pereira, 1987, sobre a Revolta na região de Santo Antônio)

fórmula nós demos sempre: é desapropriação imediata, total, completa, e a titulação respeitando a posse de cada posseiro, seja ele quem for.

Em Pato Branco há uma disputa velada entre Trento e Pozza. Este diz que a Revolta tornou-se possível devido a postulações suas, do deputado Antônio Anibelli e do vereador Germano Corona nas esferas federais.

— Quem trabalhou contra as companhias de terra fomos nós. Quando mataram o Pedrinho Barbeiro lá no Verê, eu quis descer lá e os caras não quiseram me levar, porque eu era ameaçado de morte. (Pozza, 2019)

Pozza também conta que encaminhou à capital da República, por meio de um deputado federal de União da Vitória, o primeiro abaixo-assinado denunciando as colonizadoras. Ele relata que no dia 8 de julho daquele ano, ao chegar em casa, viu a fechadura da porta quebrada e sangue nas vidraças. Anibelli disse-lhe que pistoleiros deveriam estar à procura do documento.

Mas para Trento, a Revolta verdadeira deu-se no mato, prendendo jagunços!

PORTO ALEGRE E IVO THOMAZONI

Jácomo Trento chegou em Pato Branco em 1953, aos 20 anos, como mecânico da agência Ford, da família Amadori. Embora fosse originário de Sarandi-RS, recebeu a alcunha de *Porto Alegre*. Foi caminhoneiro da serraria de Alcides Ferrareze, depois associou-se numa serraria do distrito de Canela, com os irmãos Luiz e Arlindo e o cunhado Dante Gemin. Mas o maquinário estava velho e “só produzia tábuas de terceira” (Porto Alegre, 2019). Vendeu sua cota e tornou-se vendedor ambulante da Casa Rádio. Com o sucesso nas vendas, associou-se a Otávio Bertinatto e com ele comprou a empresa. Mas não gostava de ficar “atrás do balcão”. Deixava a loja sob os cuidados de um gerente, “montava num jipe e saía vender rádio no interior”.

Jácomo sentiu na pele a prepotência das colonizadoras quando tentou cobrar uma dívida da Comercial. Diante da mesa de Lino

— Chegando de Concórdia, fui trabalhar numa empresa de Adelino Vitorelli, em Francisco Beltrão. Era uma casa de comércio atacadista, na qual eu cuidava do estoque e administrava o faturamento. Comprávamos porcos e cereais, que eram levados a União da Vitória. Na volta, trazíamos tijolos e telhas. Numa dessas viagens, com o motorista Santo Rosseto, chegando em Pato Branco nos hospedamos no Hotel Brasil. Como choveu e não pudemos viajar, esperamos até enxugar a estrada. No café da manhã ligaram o rádio, e só tocava música sertaneja. E dizia “Rádio Colméia de Pato Branco, transmitindo em caráter experimental. Aquele, ou aquela que tiver pendores para ser radialista, pode vir à rádio”. Fui lá e falei com o locutor, Marcos Aurélio. Sentei do lado dele e fizemos o programa ao vivo, eu lendo texto, e fomos. Não demorou dez minutos, chegou

o Otávio Rotile. Quando entrou uma música, ele me chamou, perguntou meu nome. contei a minha história e ele perguntou se eu queria trabalhar na rádio, tinha vaga para redação, locução. (...) Fiquei estarelecido com os acontecimentos de violência na região. Comecei a me interessar pela forma como os jagunços forçavam para que os colonos vendessem suas terras. Cada um deles tinha um apelido. *Orelha Furada, Chapéu de Couro, Quarenta e Quatro, Maringá*. Procurei me informar como aconteciam aqueles conflitos entre a Citla e os posseiros. (...) O pessoal da Citla me odiava. O colono vendia a safra de porco, no dia seguinte os jagunços apareciam, obrigando a pagar pela terra ou assinar promissórias de pagamento. A Citla não tinha nada de idiota. Eram vigaristas de primeira.

(Ivo Tomazoni, dezembro de 2020)

Marchetti, exigiu o pagamento de um motor termoeletrico vendido à empresa pela Casa Rádio. O empresário respondeu que a conta seria paga se Porto Alegre parasse de colocar os posseiros contra a Comercial. Com seus 24 anos e 1,68 de altura, cercado pelos jagunços, Porto Alegre tomou-se de brios e disse que se a conta não fosse paga marcharia junto com os posseiros contra a companhia. De

volta a Pato Branco, ele recebeu a visita de um emissário da colonizadora, que lhe propôs comprar em sociedade a rádio Colméia, com dinheiro da Comercial. Mas a oferta foi recusada.

Desde o início de 1957, Porto Alegre vinha numa crescente indignação contra as colonizadoras. Enquanto visitava as colônias, ouvia notícias das atrocidades. Mas não as



No período da Revolta, Ivo Tomazoni (à direita) explica a situação do Sudoeste a Geraldo Russi, repórter do Jornal "O Estado do Paraná". Entre eles está Luiz Prolo.

tomava como responsabilidade de “um mero caixeiro viajante”. Por prevenção, levava um revólver na bota e uma winchester atrás do banco do jipe.

No dia 21 de maio daquele ano, carregou o veículo de mercadorias e seguiu para Dois Vizinhos. Chegava em Verê, quando viu gente aglomerada na estrada.

— Um me disse, “Ta lá o corpo do Pedrinho Barbeiro”. Vi todo mundo gritando e se lamentando, a família em cima do corpo, e olha o que eu fui fazer. Falei pra mulher do Pedrinho, “A senhora fique tranquila, que nós vamos vingar a morte do seu marido! Vamos vingar ou não vamos vingar?”, falei, e todo mundo respondeu, “Vamos!”.

O corpo do vereador foi levado à cidade de Pato Branco, para ser velado na Câmara Municipal, e Porto Alegre prosseguiu a viagem. Mas sua mente estava inquieta.

— Comecei a conversar comigo. “Porto Alegre, você ta caducando! Que promessa você fez lá?”. Mas então pensei, “Eu não vou voltar atrás, nem que eu morra”. Cheguei em Dois Vizinhos, procurei os meus amigos, dei a notícia da morte do Barbeiro e já comecei a reunir o povo. Já tinha o clima da revolta. As lideranças estavam aguardando o momento, mas ninguém se animava. Deveria sair mais tarde, quando estivesse tudo planejado, uma revolta do Sudoeste todo, mas os acontecimentos aceleraram.

No dia 4 de outubro ocorreu o assassinato da família de João Saldanha. Agricultor, morava à margem do rio Ampére. Chegaram oito jagunços, liderados por Lourenço José da Costa, vulgo Maringá — inspetor policial

— Nós que hospedava tanto o agricultor quanto o pessoal da companhia, nós estava entre a parede e a faca, como diz o caboclo. (...) Resolvi trazer esses homens ameaçados pra dentro da minha casa. E para que nós pudessemos dar uma fuga especial a um desses que eram mais ameaçados, consegui um veículo, um jipe, e ele, vestido de mulher, levamos até Xanxerê, pra que pudesse ter segurança na sua vida. (Ervelino Coletti, 1987)



Porto Alegre (esquerda) e Carbonera prendem um jagunço em Baixo Verê. A imagem percorreu o mundo nas páginas da revista Life espanhola. "Porto Alegre, nesses casos, não apontava a arma para o meliante e sim o indicador em riste na mão esquerda, mantendo a direita no revólver que conservava na cintura" (Voltolini).

de quartirão, nomeado pelo delegado José Penso, de Francisco Beltrão. Saldanha apanhou o filho mais velho e fugiu para o mato. Deixou a mulher com um filho de oito anos e uma menina de cinco, pensando que os pistoleiros não iriam mexer com sua família. No máximo, ateariam fogo na casa. Na fuga, Saldanha ouviu disparos, e um deles acertou o calcanhar do menino que o acompanhava. Nesse momento os jagunços voltaram-se para a casa, em busca de algum objeto que lhes fosse útil.

— Primeira coisa que fizeram, se aproveitaram da mulher e cortaram uma mama fora — relata Porto Alegre, citando o depoimento de Maringá à polícia. — Aí tacaram fogo na casa. Um deles pegou a mulher pelos cabelos, o outro passou a faca no pescoço dela e jogou a cabeça pro cachorro. O menino corria pra cá e pra lá e gritando. Um deles pegou o revólver, deu uma floreada assim e falou, “Esse aí é uma cobra que vai matar nós mais tarde”, e atirou na cabeça. A menina, um de-

les pegou, jogou pelo ar e outro espetou na adaga.

Segundo Maringá, Saldanha era procurado pelos jagunços após ter matado dois funcionários da Comercial.

Ao ser informado da tragédia, Jácomo foi à procura de Ivo Thomazoni, na sede da rádio Colméia — localizada no andar superior do prédio da Casa Rádio. Pediu que o locutor soltasse a notícia sobre a família de Saldanha a cada meia hora, com o objetivo de “enfebrar o povo pra nós levantar isso aqui já”.

Em 8 de outubro, chegou à cidade o comerciante Constante Tavares, de Águas do Verê. Levava com ele três meninos que haviam sido maltratados com “soiteira e correia de carro” e apresentavam-se “cheios de

No período da Revolta, Ivo Thomazoni e Jácomo Trento já eram pais de família — cada um deles com duas filhas — mas ainda muito jovens. O primeiro tinha 26 anos. O segundo, 25.

vergão” (Porto Alegre). Segundo Voltolini, eram filhos de posseiros que haviam-se recusado a ceder a ameaças de jagunços. O delegado, João Fragoso, recusou-se a aceitar a acusação de que os ferimentos haviam sido provocados por funcionários das colonizadoras.

— Insinuou que os próprios colonos tinham feito aquela judiaria pra jogar nas costas dos jagunços — conta Jácomo.

Na manhã seguinte, ele dirigiu-se à delegacia, acompanhado daquelas crianças.

— Chegamos e fiquei roncando na porta, desafiando o delegado, porque estava desesperado. Aí chegou o Alberto Geron, que tinha sido caminhoneiro comigo e era suplente de delegado. O chefe tinha tirado ele da cama pra assumir a delegacia, porque a mãe estava mal no Rio Grande do Sul. Aí o Geron me disse, “Calma, meu amigo, vem cá, vamos conversar. Olha, isso aí não tem jeito de resolver, as autoridades aqui, ao invés de ajudar os colonos, estão pensando em massacrar. Sabe que nós somos amigos, eu poderia entrar junto contigo, mas vai acontecer duas coisas. Uma, que vão me exonerar, e outra, que vão me matar. Vamos fazer o seguinte, eu tenho uma serraria, vou a Coronel Vivida ver uns pinheiros que me ofereceram. Entre-

— Quando começou o levante, o Porto Alegre não sabia mais como parar. Não tinha como parar! E o povo se empolgou de uma tal maneira que ninguém mais queria parar. Acabar, acabou... não! A fogueira continuou. (...) As mulheres estavam todas preparadas com material pra curativos, rezando muito. Eu não saía de casa, porque tinha duas nenês, então ficava com minha mãe. Minha sogra, que morava no Rio Grande, veio pra cá. Elas ficaram comigo naquela expectativa. Meu pai dizia, “Muito difícil que teu marido volte vivo, pode ir se preparando”. Foi uma coisa muito, muito forte, uma situação muito difícil! (Reni Trento, 2019)

Filha de Carlos Michelin e Olívia Chiochetta, Reni é originária do distrito de Paim Filho, de Lagoa Vermelha-RS. A família mudou-se para o distrito de Pato Branco em 1946.



OSVALDO JANSEN

Posseiros de várias localidades do Sudoeste chegam a Francisco Beltrão para reforçar a revolta.

go a delegacia com os quinze policiais pra ti, e tu faça o que tu quer”. Imagine como eu fiquei! Agora a coisa ia pegar fogo!

Os soldados disseram que obedeceriam às ordens do novo comandante, desde que lhes fornecesse armas, munição e alimento. Havia seis meses não recebiam soldo. Algumas famílias mandavam-lhes comida.

Até este dia, os locutores das rádios de Pato Branco e Beltrão procuravam divulgar as violências dos jagunços com moderação, buscando evitar ações precipitadas, como ocorrera em Capanema. Mas a indignação havia alcançado níveis insuportáveis. Após avaliar as últimas ocorrências, Porto Alegre e Thomazoni concluíram que havia chegado o momento crítico e não poderiam recuar. E o slogan do programa de Thomazoni, “Não atacamos, comentamos”, tornou-se “Atacamos, não comentamos” (Voltolini). Ao meio-dia de 9 de outubro ele narrou o massacre da família Saldanha e as maldades sofridas pelas crianças que Tavares conduzira à delegacia. Em seguida, estimulado por Porto Alegre e pelo vereador Germano Corona, convocou o povo de Pato Branco para uma

reunião no Salão Paroquial, às 17 h, com o objetivo de iniciar uma ação organizada. Enquanto ele ainda falava, a praça Presidente Vargas começava a ser preenchida por gente armada com revólveres, espingardas, foices, machados, facas e facões. De São Lourenço d’Oeste chegou o caminhão de Vitalino Pesato, com a carroceria cheia de colonos armados. De Coronel Vivida, compareceu Paulino Stédile, também com o caminhão repleto. Outros surgiram de diversas comunidades.

— Quando vi que o negócio começou a funcionar — diz Porto Alegre — falei pro Ivo mandar fechar o comércio, pra evitar que a turma comesse a beber. Aqui tinha cinco partidos políticos e era fácil começar uma briga.

— Dentro de duas horas, as cercanias da rádio estavam completamente tomadas de gente que não acabava de chegar, a pé, a cavalo, de carroça, de caminhão... da cidade... do interior... de perto... de longe... uma cena impressionante e assustadora. (Voltolini)

As horas seguintes foram tensas, especialmente para Reni, esposa de Jácomo. Notícias da movimentação do marido corriam a cida-

de e batiam à sua porta, mas Reni passou o dia sem vê-lo.

— Eu olhava pela janela, ele passava correndo com aquele jipe pra cima e pra baixo, e eu pensando, “Meu Deus do céu, o que ta acontecendo?”. Não tinha como me informar, não tinha telefone, só tinha rádio. (Reni Trento, 2019)

Ao pavilhão da igreja acorreram os presidentes dos partidos políticos e o prefeito Harri Graeff. Adiantada para 13h30min, a reunião resultou na redação de um manifesto “do povo desta Comarca de Pato Branco (...) em defesa dos sagrados direitos democráticos, especialmente em defesa das famílias dos colonos em iminência de massacre” a ser enviado como “ultimatum” a representantes da Justiça do estado, solicitando imediata intervenção contra as colonizadoras. Além dos fatos aqui narrados, o documento cita o “atroz e bárbaro espancamento da família do Sr. Otto Swick” e seu desaparecimento e o incêndio na casa de José Rodrigues, em Dois

Vizinhos. É assinado pelos presidentes dos partidos: Vicente Elizeu Ampessan (PSP), Douglas do Nascimento Cardoso (UDN), Guerino Zandoná (PSD), Casemiro Gauze (PTB) e Atílio Paschoal Pedrollo (PRP).

Concluída a redação do “Memorial” dos revoltosos, constatou-se o sumiço de Graeff e Zandoná.

— Aí nos informaram que o prefeito fazia mais de uma hora havia saído, levando só o Zandoná — relata Porto Alegre. — Falei pro pessoal que agora não tinha mais jeito, teríamos de começar. Porque o Graeff, no piripipi, quer dizer, no código morse, já falou com o Lupion, e o Lupion já deve estar mandando trezentos soldados aqui pra acabar com a revolta.

Em sua defesa, Graeff (1997) contou que havia viajado a Curitiba para falar com o governador, solicitando a suspensão da atividade das colonizadoras e evitando intervenção policial, “pois poderia provocar uma chacina”.

— Minha única preocupação era evitar que algo pior acontecesse — justificou.

Alcení Guerra (2020) afirma que Graeff posicionou-se favorável à revolta, o que teria ocasionado seu rompimento com o governador.

Por falta de comunicação entre o prefeito e os rebeldes, e sob a suspeita de que ele estava se comunicando com Lupion para solicitar apoio contra o levante, nova reunião foi realizada, desta vez no clube Internacional, instalado no andar superior do Bar Cantu.

Diante da alternativa de jogar sua força policial sobre os posseiros, na tentativa de calá-los, ou ceder à pressão federal e colocar seu governo contra as colonizadoras, Lupion decidiu enviar a Pato Branco o major Reinaldo Machado e a Francisco Beltrão o coronel Alcebiades Rodrigues da Costa. Apesar de todas as expectativas relacionadas ao governador, a missão desses oficiais era auxiliar as forças rebeldes contra a organização jagunça.

Na praça de Pato Branco formava-se uma *Junta Deliberativa*, que pretendia tomar o comando do Sudoeste. Era composta pelos advogados Jaury Souza, Albino Mendes de Araújo e Lineo Dondeo, o engenheiro Aparício Henriques e o médico Natalício Fischer. Enquanto definiam-se as atribuições da entidade, ouviu-se o ruído de um avião sobrevoando o povoado. E uma comitiva formada por Porto Alegre, Virgílio Carbonera e Nicenor Colla deslocou-se ao aeroporto para conferir. Atrás deles seguiu parte da população armada. Logo que o avião aterrissou, desceu um oficial do Exército.

Em busca de apoio da *Junta Deliberativa*, uma comissão de Francisco Beltrão foi enviada a Pato Branco. “Eles perguntaram se Pato Branco conseguiria manter um movimento armado se eles fizessem eclodir em Francisco Beltrão. Eles queriam a nossa retaguarda, o nosso apoio. E nós prometemos que se eles deflagrassem, nós manteríamos o nosso movimento a qualquer custo” (Thomazoni, 1987).



OSVALDO JANSEN

Rua de Francisco Beltrão coberta de documentos tomados das colonizadoras.



Documentos da Citla e da Comercial espalhados na avenida Julio Assis Cavalheiro, em Francisco Beltrão. Um caminhão carregado de colonos chega do interior para comemorar a vitória. À esquerda, Zulmiro Ruaro. Seu irmão Alfredo era sócio de Alberto Dalcanele na colonizadora Pinho & Terra.

(Ao relatar esse momento, Porto Alegre levanta-se da cadeira e faz postura de pistoleiro que se prepara para um duelo).

— Eu tava a uns três metros, com as mãos nas armas, e o Nicanor falou, “Seu capitão, o senhor sabe o que ta acontecendo aqui no Sudoeste?”. Aí o militar disse: “Não sou capitão, sou major. Major Machado”. Dei três passos pra trás, saquei os revólveres e falei, “Aqui o senhor não é nada. O senhor é agente do Lupion e ta preso!”. O major falou, “Menino, eu tô desarmado, vim aqui pra ajudar vocês, com ordem do governador!”. Aí fiquei com vergonha, porque gaúcho tem um negócio, puxou da arma, tem que atirar. Fa-

— Uma vez eu tava com meu pai e meu irmão lavrando ali perto do aeroporto, aí chegou o Porto Alegre. Logo desceu o avião com um militar, depois ficamos sabendo que era um major. Meu pai mandou eu e meu irmão embora com os bois e disse pra nós se armar e ficar cuidando da casa. (Júlio Tatto, 2020)

lei, “Qual é a ordem que o senhor tem?”. E ele: “Você deve ser o Porto Alegre, não? O governador falou pra procurar o Porto Alegre e fazer tudo o que ele quer, porque nós precisamos deste rapaz agora”.

Retornando ao centro da cidade, com o major ao seu lado no jipe, Porto Alegre dirigiu-se a Juvenal Cardoso. O professor aguardava na praça com a multidão furiosa, que apontava para o militar seus revólveres e espingardas.

— Olá, Juvenal! — disse Porto Alegre. — Este é o homem do Lupion. O que fazemos com ele?

— Mas Porto Alegre — respondeu o professor. — Por que não degolou lá no aeroporto?

Estremecido diante da ameaça de morte iminente, Machado disse estar a serviço dos rebeldes, disposto a sair com eles à captura dos jagunços.

— Falar isso pra mim não adianta — disse Porto Alegre. — Vamos lá na rádio e você vai contar isso pro povo.

E diante do microfone, o militar afirmou estar autorizado a apoiar os posseiros contra as colonizadoras.

Pouco depois correu a notícia de que jagunços armados estavam chegando aos arredores da cidade, preparando uma invasão. A Junta Deliberativa ordenou o imediato fechamento do aeroporto e das estradas, com guardas na Encruzilhada e na saída do Bairro Bortot. Guardas também foram postados diante da Prefeitura, da sede do Banestado, do Fórum e da rádio.

— Os voluntários que se apresentaram para integrar as equipes de patrulhamento e defesa da cidade eram tantos que faltaram armas para municiá-los. (Votolini)

A solução foi buscar no Fórum as armas apreendidas pela Justiça. Não houve restrições pelo juiz, muito menos pelo promotor. O juiz Meger havia sugerido a formação da Junta Deliberativa, visando organizar o movimento e evitar atitudes impensadas e de consequências desastrosas.

Uma comitiva de pato-branquenses, transportada pelo taxista Setembrino Camozzato, dirigiu-se a Curitiba, levando o memorial lavrado naquela tarde. Acompanhados do deputado Anibelli, eles entregaram cópias do documento a várias autoridades estaduais, mas não conseguiram colocar nas mãos do governador. No mesmo dia, Meger enviou telegrama ao corregedor da Justiça estadual, desembargador Franco Ferreira Costa.

— Situação esta cidade alarmante pt empregados cia comercial postados arredores cidade com metralhadoras pt possibilidade conflitos graves consequencias pt solicito

— Eu e meu irmão José e um funcionário do curtume andávamos armados, fazendo guarda e esperando os cangaceiros da Citla. Um compadre do meu pai emprestou uma espingarda de dois canos e o José pegou o revólver do meu pai e o Homero arrumou uma winchester do patrão dele, Irineu Bertani. Em toda parte tinha gente fazendo guarda nas encruzilhadas. (Júlio Tatto, 2020)

seja remetido imediatamente corpo tropa exercito para evitar choques pt desaconselhavel envio policia dado estado animo populacao que defende cidade pt

Voltolini diz que a recomendação para descartar a PM devia-se ao fato desta “ser odiada e repudiada pela população, à vista da cobertura que sempre emprestou às colonizadoras”.

A Junta Deliberativa também enviou telegramas a autoridades federais, com conteúdo semelhante. O ministro da Guerra, general Teixeira Lott, respondeu que não reconhecia a pertinência da entidade. Por seu turno, o governador do Rio Grande do Sul, Hildo Meneghetti, disse que poderia colocar os cinco mil soldados sob seu comando a serviço dos colonos gaúchos do Paraná. O governo de Santa Catarina destinou 150 soldados à região do conflito, mas no caminho eles receberam ordem para retornar ao quartel.

Apesar da falta de reconhecimento na esfera federal, a Junta continuou deliberando. Dentre outras iniciativas, decretou que a rádio Colméia ficaria a serviço da Revolta. Du-

rante quatro dias, os microfones da emissora permaneceram à disposição dos rebeldes. Segundo Danilo Amadori (2020), primeiro delegado de Pato Branco, uma guarda especial foi encarregada de proteger Thomazoni, que teria recebido ameaças de morte.

Todas as notícias levadas à rádio eram divulgadas, ainda que algumas delas, posteriormente, revelassem-se fantasiosas. Como a do suposto cerco de jagunços à cidade de Pato Branco. Mas Thomazoni achava mais coerente divulgar um provável boato do que omitir-se diante de uma possível notícia verdadeira.

— É preferível estar armado e não precisar de arma, a precisar de arma e não estar armado. (Relato a Voltolini)

Nesse ínterim, as notícias sobre o levante de Pato Branco já haviam chegado em Francisco Beltrão. Milhares de colonos deixaram em suspenso o trabalho na terra, no aguardo dos acontecimentos. Nas colônias de todo o Sudoeste havia-se instalado um clima de terror. Aguardava-se para qualquer instante

um ataque dos pistoleiros. A movimentação entre vizinhos era grande, na transmissão de notícias e na organização de rezas. Depoimentos revelam que pessoas esconderam-se em grutas e sob tocos de árvores. Famílias refugiavam-se no mato, ou fugiam para outros municípios. Os mais assustados pregavam as portas das casas, outros dormiam com foices, facões, machados e espingardas debaixo da cama.

— Nunca se rezou tanto neste Sudoeste. (Voltolini)

Pelo microfone da rádio, Thomazoni mantinha o povo sob tensão. E Porto Alegre preparava-se para partir com o major e os policiais no encalço dos jagunços.

— O Porto Alegre foi atrás dos jagunços, enquanto nós pegamos a parte da segurança da cidade. Armamos as saídas das estradas, nos pontos principais. (Amadori, 2020)

Porto Alegre admite que seu entusiasmo poderia ter causado grandes danos à cidade, não tivesse sido bem aconselhado por seus amigos.

— Eu quase fiz uma burrada. Ia queimar as pontes! Mas teve uns médicos, advogados, que falaram pra não fazer isso, ou iríamos ficar fechados aqui.

Para transportar o grupo foram confiscados dois caminhões *caçamba* do DER. Enquanto Porto Alegre, Elias Morais (Nego Elias) e Pedro Carbonera buscavam os veículos, a população armava-se ainda mais contra a investida dos pistoleiros. Houve uma corrida às oficinas em busca de rolamentos, que serviriam de projéteis para as espingardas. A pólvora foi fornecida pelo comerciante Rogério Amadori, sob a promessa de pagamento ao fim da revolta. Os Amadori também forneceram o combustível para os caminhões.

— Na madrugada do dia 10 de outubro, caminhões foram mandados pro interior (de Francisco Beltrão) para reunir os colonos. A partir das oito horas da manhã iam chegando armados com o que tinham. Espingardas, revólveres, facões, ferramentas, paus, pedaços de ferro. E tomaram conta da cidade. (Ivo Pegoraro, 1987)



Tomada da Prefeitura de Francisco Beltrão pela guarda armada, constituída por posseiros.



À direita, o coronel do R-20, da polícia do Exército. O segundo é o delegado Alberto Geron. De óculos, Pinheiro Júnior, chefe de polícia estadual. Atrás, loja São Pedro e o jipe de Jácomo Trento. À esquerda, Casa Rádio. No primeiro andar funcionava a rádio Colméia.

CAÇADA AOS JAGUNÇOS

— Quando chegamos na praça com os caminhões, a coisa ferveu — diz Porto Alegre. — O pessoal ficou faceiro.

O major disse que na sequência deveriam dirigir-se à delegacia de Francisco Beltrão e requisitar os soldados que lá houvesse. Mas o chefe de polícia improvisado de Pato Branco não tinha autoridade na cidade vizinha.

— Precisamos ir, mas vai dar morte — preocupou-se Porto Alegre. — Porque o delegado é do lado do Lupion.

Porém Machado tranquilizou-o, dizendo que lhe forneceria um bilhete, investindo-o do papel de “delegado especial para o Sudoeste”. Às 21 horas o grupo partiu.

— Cheguei lá, o delegado estava com quatro pedras na mão contra mim — continua Porto Alegre. — Eu disse, “Doutor, não adianta, eu tenho ordem superior. O senhor não vai entregar por minha ordem, vai entregar por ordem do seu superior, que é o major Reinaldo Machado”. O delegado disse, “Espere um pouco, que vou fazer um telefonema”. Ele foi falar no código morse e teve a notícia de que era pra me entregar os policiais.

Enquanto os soldados tomavam lanche, vestiam o uniforme e apanhavam o arma-

mento, Porto Alegre foi à casa de Pécoits.

— Falei pra ele que no outro dia levantasse a cidade, que nós já tínhamos levantado Pato Branco. E que mandasse avisar os três municípios da fronteira, que eram Barracão, Santo Antônio e Capanema. Ele falou, “Mas não era pra fazermos uma organização?”. Contei a ele da família do Saldanha. No outro dia, às três da tarde, eles levantaram Beltrão. Funcionou igual dominó. Pato Branco dia 9, Beltrão dia 10 e fronteira dia 11.

— No dia 10 o movimento começou em Francisco Beltrão. Lá compareceram pelo menos 6.000 pessoas, que invadiram a Prefeitura e a delegacia, tendo o prefeito e o delegado fugido da cidade. (Pozza, 2004)

De volta a Pato Branco, às seis horas da manhã do dia 10, Porto Alegre dirigiu-se à frente da Casa Rádio.

— Foi a hora que a Primeira Dama chegou — Porto Alegre chama Reni de *Primeira Dama da Revolta*! — Falei pra ela, cuida das crianças, que eu volto vivo!

Deu um abraço na mulher, montou no jipe e partiu. O vendedor de rádios havia-se convertido em caçador de jagunços e sentia-se destemido. Estava bem armado, e agora tinha ao seu dispor as chaves da delegacia, um sargento, um cabo, um major e 30 policiais à

disposição. E Reni, com duas filhas pequenas, continuou apreensiva.

— Eu pensava, cadê meu marido? Passou a noite toda, e eu não sabia de nada. Pela manhã chegou um tio meu e falou, “Reni, vai na Casa Rádio, que o Porto Alegre ta bem doido lá, acho que ta indo pro mato caçar jagunço”. Ele não sabia do perigo que estava correndo. Estava tão doido com isso aí, que não pensou um minuto que poderia ser morto.

— Seguimos viagem — continua Porto Alegre. — Mas antes passei vergonha com o major. Falei, “Nós não precisamos de polícia, cada grito que eu dou, encho um caminhão!”. Sabe quantos foram? Quatro! Dois valentes e um colono da região, que estava sendo perseguido. O quarto era um menino de 22 anos, mas muito bêbado! E estávamos indo enfrentar gente perigosa em Itapejara, Verê e Dois vizinhos. O Carbonera disse, “Porto Alegre, tu não vai morrer sozinho, vou morrer contigo!”.

Carbonera já tinha uma história antiga com as colonizadoras. Numa viagem a Salto do Lontra, como taxista, viu-se obrigado a pagar pedágio aos jagunços. O valor cobrado era próximo ao custo da corrida do táxi. Ao recusar-se, foi espancado. Reagiu apanhando seu revólver no porta-luvas do carro e disparando contra os agressores, que restaram mortos. Durante anos ele viveu com o receio de vingança da Comercial, esquivando-se de contatos com seus funcionários e escondendo-se em casas de parentes. E agora via a oportunidade de acabar de vez com o autori-

O registro fotográfico da Revolta dos Posseiros é triunfalista. Osvaldo Jansen fotografou grupos armados circulando em Francisco Beltrão, com os braços levantados, portando revólveres, porretes e espingardas.



Multidão reunida em praça de Francisco Beltrão, mostrando a força da rebelião. Fotografia de Osvaldo Jansen.

tarismo da companhia.

— O objetivo era atacar os homens da Comercial, aprisioná-los, fechar os escritórios do Verê e Dois Vizinhos e destituir as autoridades declaradamente a favor dos invasores, nomeando outras, fiéis ao movimento. (Voltolini)

Enquanto o pelotão justiceiro seguia rumo norte, a população de Pato Branco entrava num clima de grande expectativa. Ninguém podia prever os desdobramentos da revolta. Contavam com a possibilidade real de que os pistoleiros, sentindo-se acuados, deixassem seus refúgios e invadissem a cidade!

Os caminhões haviam rodado 20 Km na direção de Itapejara, quando apareceu um automóvel, dirigido por Germano Corona. Porto Alegre desceu de seu caminhão e foi tomar informações.

— Pedimos, “Qual é a notícia?”. Ele respondeu: “A notícia é que vocês devem voltar. Vocês vão morrer todos! Estão com seis metralhadoras na frente do escritório do Verê”. Olhei pro Carbonera e falei, “Carbonera, eu não volto”. Ele respondeu, “Nem eu! Se morrer, tamo morto, pelo menos morremos por alguma coisa”. Arrancamos e o major falou, “Não se impressionem, que não vai morrer ninguém, vamos prender os caras e não vai acontecer nada”. Em Itapejara, diante do Hotel Boca Santa, estava o delegado Olívio Bravo, que era o maior lupionista da região. Eu disse, “Vamos começar a dar tiro aqui”.

E ele, “Calma, calma!”. Desci e ele veio, me abraçou, dizendo, “Porto Alegre, olha, tô aqui com esse caminhão cheio de colono, que tá aí pra ajudar vocês”. Estavam todos armados com espingardas. E o delegado mandou os soldados também subirem no caminhão, mas eu disse, “Não, de barriga vazia, soldado não trabalha”. Fomos no hotel e fizeram um café colonial grande, todo mundo se alimentou.

Porto Alegre começava a entender que as autoridades do Sudoeste haviam recebido ordens superiores para não resistir.

— Percebi que estava amparado, por isso que funcionou bem.

Chegando ao rio Santana, todos desceram dos caminhões para fazer a travessia pela balsa. E os balseiros deram a Porto Alegre a mesma versão de Corona.

— Vocês vão mesmo prender jagunços? Temos notícia de que tem meia dúzia de metralhadoras armadas na frente do escritório do Verê!

Três quilômetros adiante do rio encontraram o primeiro acampamento de jagunços. Um casal de cozinheiros rendeu-se, mas dentro do barraco ainda havia ruídos. Porto Alegre aproximou-se com a mão no cabo do revólver, quando viu um homem assomar à porta. Com várias armas apontadas para a cabeça, o jagunço seguiu para aquele que parecia ser o líder dos captores. Ao aproximar-se, recebeu de Porto Alegre uma bofetada tão forte no rosto que “fez sair, pela metade, os globos oculares das órbitas” (Voltolini). Rendido, o jagunço foi alçado à caçamba de um dos caminhões.

Na entrada de Verê, o major sugeriu que chegassem embalados e frenassem diante da delegacia, com todos os soldados saltando de

Quando a Revolta eclodiu em Francisco Beltrão, os gerentes das colonizadoras ficaram inicialmente paralisados. Mas Lino Marchetti tinha um plano.

— Aí chegou o Lino Marchetti e perguntou, “E o que vocês vão fazer, vão reagir?”. Digo “Não, agir contra um exército? Com que força? Agir por que? Nós não somos bandidos”. Ele disse, “Eu tenho doze homens armados e munição pra brigar quatro horas. Vou reagir”. Digo, “Eu duvido, eu quero ver. Mas eu duvido”. Eu tava com raiva dele, né? (Júlio Assis Cavalheiro, chefe do escritório da Citla, 1987)

Com receio de represálias, Cavalheiro enviou aos revoltosos de Beltrão um caminhão carregado de bois e vacas. Os animais foram sacrificados na rua.

— Chegava o caminhão com sete ou oito boi dentro, vaca. Aquilo não dava pra nada, numa passada levavam tudo. Só derrubava a vaca no chão, o pessoal passava o facão, um levava uma paleta, outro levava uma costela. (Antônio Kuns, 1987).

Mas a ligação de Cavalheiro com a Citla não foi esquecido pelos posseiros.

— Na desforra, os colonos chegaram a destruir o obelisco do pioneiro Júlio Assis Cavalheiro (Ivo Pegoraro, 1987)



Otaviano Ferreira Maciel, presidente do PTB de Pato Branco, emprestou um jipe da família Amadori para buscar no aeroporto o presidente João Goulart e o governador Ney Braga. Em pé sobre o veículo, eles desfilaram pela cidade.

Originário de Joaçaba-SC, Otaviano chegou em Pato Branco no ano de 1952. Em sociedade com seu sogro, Fernandes Varaschin, montou o Hotel Guarani.

uma só vez para causar impacto.

— Foi dito e feito — conta Porto Alegre. — Quando parei, pááá, o caminhão do Nego Elias também parou. Todo mundo desceu, mas não tinha ninguém lá. Fazia quinze minutos haviam pego os jipes e levado as metralhadoras pro quartel de Beltrão. Falei, “Major, que decepção feliz!”. Porque nós íamos morrer todos. Dos mais de 200 jagunços da companhia, 170 se entregaram no quartel de Beltrão.

O caminhão com os colonos foi designado para Alto Verê, enquanto a equipe de Porto Alegre seguia para Águas do Verê. Após prender mais alguns jagunços, depararam com um destacamento militar percorrendo a estrada que conduzia a Laranjeiras do Sul. Era composto por 31 soldados, um tenente, um sargento e dois cabos. Porto Alegre atravessou seu caminhão na estrada e Nego Elias e Carbonera, cada qual com um grupo de soldados, atocaiaram-se às margens da via. O tenente dirigiu-se a Porto Alegre e perguntou se o caminhão era dele. A resposta foi áspera.

— Eu disse, “Esse é da revolução que tá

acontecendo aqui no Sudoeste.” Ele disse, “Sei, mas preciso ir pra Pato Branco falar com o prefeito”. Respondi, “O prefeito de Pato Branco sou eu!”. Ele, “Se não fosse o prefeito, queria falar com o juiz”. Eu, “Juiz também sou eu!”. Ele, “Mas e quem é o senhor?”. Digo, “Sou o comandante desta revolta. Você tem que entender que pra passar aqui, depende de mim”. E ele, “Mas você sabe do major Machado, que tá aí como delegado especial?”. Respondi que sim, e ele, “Estamos indo a Pato Branco falar com ele”. Eu disse, “Ele tá aqui no Verê, a uns sete quilômetros”. Falei que eu o acompanharia. O sargento foi confabular com o tenente, mas eu tenho bons ouvidos e entendi tudo. O sargento falou, “Mas este guri aí blefou, ele não tem ninguém”. E o tenente respondeu, “Não posso reagir com esse moleque, porque ele deve ter uns 300 homens armados neste mato. O movimento tá grande, você não viu?”.

Logo que chegaram em Verê, Porto Alegre saltou do caminhão e foi conversar com o major.

— Esses caras aqui vieram pra falar com

Alberto Pozza cita outros nomes de lideranças que atuaram a favor dos posseiros durante o conflito. Entre elas, Arcênio Gonçalves de Azevedo, José Virgílio Cantu, Zezinho Cardoso, Nestor Cardoso, Ulisses Viganó e o subdelegado de Verê, Hilário Ribeiro do Nascimento.

Pedro Cordeiro de Andrade Filho nasceu em Clevelândia, em 1925. Na década de 1950 tornou-se funcionário da Prefeitura de Pato Branco. No dia do Levante, foi um dos designados a guardar as portas do Banco do Estado.

— E eu nem tinha um revólver. (Pedro, 2021)

Após a pacificação, ele foi enviado às comunidades rurais para fazer as medições dos terrenos destinados à reforma agrária. Acompanhava-o seu colega João Cardoso. Quando chegaram em São João e disseram que os colonos teriam de assinar documentos para legalizar as terras, correu a notícia de que haviam chegado dois jagunços. Pedro e João logo viram-se cercados por uma multidão, que ameaçava linchá-los. A situação ficou tensa. Foram salvos por um amigo de Pedro, que morava na comunidade e reconheceu-o. Com um breve discurso, ele esfriou os ânimos da população.

você, tão contra nós.

O tenente apresentou-se e disse,

— Major, sou o tenente Nelson. O que acontece que eu to sendo desacatado por esse guri? Diz que ele manda até no senhor.

E o major,

— Estou subordinado a ele. E você, trate de se arrumar, que vou te mandar a Pato Branco pra tu cuidar dos presos que vamos mandar pra lá.

Nelson cedeu e os jagunços capturados foram conduzidos a Pato Branco. Porto Alegre aproveitou para mandar recado a Reni, dizendo que tudo estava correndo bem.

— Desci a escada, cheguei lá na frente, tinha um bando de jagunços em cima do caminhão me olhando com ódio mortal, porque foi meu marido que prendeu os caras. (Reni)

Porto Alegre e seu grupamento apanharam mais sete jagunços em Verê, completando 27 nesse dia. Em Dois Vizinhos, ele destituiu o

“delegado Miranda” e tentou substituí-lo por Genor Acco, um funcionário de loja. Como o cargo não foi aceito, nomeou o “cabo Cigano”.

O rumor de que autoridades aliadas de Lupion haviam sido depostas em Verê e Dois Vizinhos apressou os jagunços a abandonar a região. Porém mais alguns foram aprisionados.

Pécoits disse que junto com os pistoleiros das colonizadoras foram apreendidos mais de seis mil projéteis de armas longas, como metralhadoras e fuzis. Estavam empacotados com seu nome como destinatário, e o endereço era do Hospital São Vicente de Paulo, de Francisco Beltrão.

— Ninguém ia abrir por esta estrada afora. É remédio que vai pro Dr. Walter! Eles eram muito vivos e muito espertos.

Enquanto a caçada prosseguia, no terceiro dia da Revolta, com o comércio fechado, o fornecimento de alimentos em Pato Branco tornava-se preocupante.

— Acabada a carne pra churrasco, passamos a assar porco... galinha... depois servimos salame... e, por fim, sardinha em lata... Estava vendo que o pessoal ia começar a passar fome. (Damiano Dalmoro, proprietário de churrascaria, depoimento a Voltolini)

No mesmo dia reiniciou o rumor da invasão iminente. Os jagunços estavam chegando e todos preparavam-se contra o ataque. A casa da parteira Olívia Worliczek foi preparada para a recepção dos feridos. A rádio solicitava que remédios e outros materiais curativos fossem levados ao *QG da Olívia*. A cidade vivia um clima de terríveis expectativas.

— Silêncio sepulcral, rasgado somente pela voz de Ivo Thomazoni, aconselhando, orientando, chamando, ordenando para o momento seguinte, que poderia ser de fogo... de urros... de gemidos... de mortes. (Voltolini)

O locutor também clamava para que Porto Alegre e seu pelotão retornassem imediatamente. Alertado, Porto Alegre partiu às pressas, desde Dois Vizinhos, acompanhado de um grupo de soldados. Chegando a Pato

Branco na madrugada do dia 12, foi informado de que os pistoleiros estavam entrincheirados nos morros em torno da cidade. Mas umas poucas incursões nas periferias revelaram o equívoco. Não foram encontrados mais que agricultores, que acabavam de levantar-se para mais um dia de trabalho.

Porto Alegre também era aguardado por repórteres e fotógrafos do Rio de Janeiro.

— Queriam que eu os levasse na região onde ocorreram as prisões. Eu disse que não adiantava, porque não foi feito nada, o que foi feito foi desarmar os barracões dos jagunços, umas porcarias de umas barracas. Mas quiseram ir da mesma forma, só pra fotografar as barracas. Eu disse, “Não, eu dou um depoimento pra vocês, conto como foi, vocês vão se inteirar”. Naquilo chegou um cara de Dois Vizinhos, falou que estavam me chamando urgente em Verê, que tinha três jagunços escondidos na propriedade de um comerciante. Falei pros repórteres, “Mas vocês têm sorte, hein? Vamo lá no Verê”. Entramos no mato e prendemos aqueles três. E aqui eu percebi uma coisa. Eu andava indignado com a polícia do Paraná, porque alguns colonos disseram que foi a polícia que foi fazer barbaridades nas casas deles. Na realidade, os jagunços tinham fardas, principalmente os prisioneiros do Ahu, tinham farda de policial!

Enquanto as cidades de Pato Branco e Francisco Beltrão retornavam à normalidade — após a chegada de grande contingente de soldados — o grupo de Porto Alegre continuava a caçada. Além de prender jagunços, ele intercedeu a favor do subprefeito de Dois Vizinhos, Ari Müller, que estava acuado em sua própria casa por um grupo de posseiros. Müller havia-se posicionado favorável às

— Não só a Life deu a capa pro Porto Alegre. Esteve aqui o Le Monde, de Paris, de tendência de esquerda. Esteve aqui o Globo, Jornal do Brasil, a Última Hora, O Estado de São Paulo, além d'O Estado do Paraná e da Tribuna, que nos deram boa cobertura. Fomos o centro de tudo. (Ivo Thomazoni, 2007)





— O pessoal não queria mais ir embora, ainda que não houvesse mais motivo pra ficar agrupado. O que eles queriam mesmo era marchar contra Curitiba e destituir o governo da época. (Ivo Thomazoni)

companhias e contra os colonos. Porto Alegre prometeu levá-lo à Justiça e os posseiros concederam.

A última prisão ocorreu no dia 21 de outubro. Maringá, considerado o chefe dos jagunços da Comercial, foi encurralado por posseiros próximo à foz do rio Jaracatiá no rio Iguaçu. Sob ameaça de morte, solicitou falar com Porto Alegre, dizendo que valia mais vivo do que morto, considerando as informações que poderia prestar à Justiça.

— Quando fui prender o Maringá, o Ivo ia comigo, mas não pôde, porque naquela hora ele estava no hospital, que ia nascer uma filha. Foi o dia que, pra mim, terminou a revolta, em 21 de outubro. Quando o Maringá viu que ia ser preso, sequestrou uma família num rancho isolado. Chegou lá, mostrou as armas e disse, “Vocês tão sequestrados, só quero que me tragam o Porto Alegre pra conversar comigo”. “Você não vai matar o Porto Alegre?”, perguntaram. E o Maringá, “Não, quero ser preso por ele, porque sei que ele não vai me matar”. Então fui lá, abri a porta e disse, “Como é que é, é o Maringá que tá aí?”. E ele, “Porto Alegre, sou eu, mas to pedindo a tua proteção, quero ser preso por você”. Aí eu trouxe ele pra cidade. E toda a história que me contou no caminho, ele repetiu na Justiça.

APÓS A REVOLTA

Ao fim do Levante, a Junta Deliberativa de Pato Branco converteu-se em Junta Governativa. O objetivo agora era coordenar a

Após destruir os arquivos das colonizadoras, em Francisco Beltrão, os rebeldes arrancaram as placas respectivas e percorreram a cidade, exibindo-as, em triunfo. Foto Osvaldo Jansen.

titulação de terras aos colonos — papel que depois seria assumido por uma entidade do governo federal.

Com os mesmos objetivos, Francisco Beltrão também compôs uma Junta. Participavam Ricieri Cella, Francisco Cristófoli, Antônio de Piava Cantelmo, José Krasnievicz e Olivo Rinaldi.

No dia 12 de outubro chegou a Pato Branco o chefe de polícia do Paraná, Alfredo Pinheiro Júnior. Segundo seu relato, encontrou a cidade pacificada, com inúmeros policiais circulando pelas ruas. Realizou alguns inquéritos e solicitou ao juiz Meger que fosse a Curitiba prestar contas à Corregedoria da Justiça sobre suas iniciativas favoráveis à Revolta. De Pato Branco, Pinheiro Jr. dirigiu-se a Francisco Beltrão.

A paz que se instalou nos dias seguintes, com a população devolvendo as armas ao Fórum e às gavetas de suas próprias casas, camuflava um clima ainda hostil entre os sudoestinos e o governo de Lupion. A prisão de Bublitz pela polícia estadual foi um sinal de alerta. A paz ainda não havia chegado.

Mader, em pronunciamento no Senado, denunciou 59 responsáveis pela violência no Sudoeste, incluindo governador, deputados, prefeitos, proprietários e gerentes das colonizadoras, chefes de polícia, delegados e jagunços. Rubens da Silva Martins (1986), rebate essas acusações, apontando entre os relacionados pelo senador uma porção de inocentes.

Por sua vez, Lupion foi à imprensa dizer-se vítima de uma conspiração de longo alcance, que pretendia “abalar o próprio princípio da autoridade”, incluindo governadores e a presidência da República. Segundo ele, as violências registradas contra os posseiros eram meras “ocorrências policiais”. Para vingar-se do revés, ordenou o completo desarmamento da população do Sudoeste. Mas durante uma reunião em Pato Branco, o corregedor geral da Justiça, desembargador Antônio Franco Ferreira da Costa, foi dissuadido desse intento por Porto Alegre. Segundo este, tal iniciativa levaria a uma nova revolta armada. Lupion também solicitou transferência de Meger de Pato Branco. O juiz reagiu,



disse que iria ficar. Mas nos dias seguintes sofreu intensa pressão de advogados ligados ao PSD e acabou cedendo.

Outra atitude do governador foi promover uma devassa nas rádios das cidades de Pato Branco e Francisco Beltrão. Segundo Thomazoni, foi enviado um agente do Ministério da Viação e Obras Públicas, com o objetivo de fechar as duas Colméias. Após aferições na emissora de Pato Branco, sem constatar irregularidades, o fiscal pediu para ver a de Francisco Beltrão. Naquela cidade a torre de transmissão localizava-se em local não autorizado. Mas Thomazoni e Otávio Rotile confundiram o funcionário. Levaram-no a Beltrão à noite. Como a iluminação era precária, o fiscal teve dificuldades para relacionar a localização real com a do mapa que tinha em mãos. Ele não poderia amanhecer na cidade, para não constatar a realidade ao raiar do dia, então levaram-no a um passeio nas já famosas lojas da cidade de Puerto Iguazu, na Argentina.

— Ele dizia, “Mas que mala Bonita”, e o Rotile, “É tua”. “Mas que bolsa bonita”. “É tua”. (...) E o parecer foi favorável à Rádio Colméia. (Thomazoni)

Lupion não conseguiu fechar as emissoras. Mas exigiu a demissão de Thomazoni.

Em 10 de outubro de 2007 — gestão do prefeito Roberto Viganó — inaugurou-se o monumento *50 Anos da Revolta dos Posseiros* (página à esquerda.), em frente à sede da Prefeitura de Pato Branco. Desenho: Eiguel Ribeiro. Escultura: Lucas Marcelo Gassiani. A legenda constante na placa é enfática: “À perpétua memória da heróica lição de amor à terra, protagonizada por milhares de posseiros do Sudoeste do Paraná, na Revolta dos Posseiros de 1957. Indefesos, sem a posse legal das áreas ocupadas, vítimas da sanha deletéria de grileiros, perseguidos e massacrados, em gemidos de dor, lágrimas, sangue e luto, resistiram até ao martírio, agregando forças, alcançando livrar da ganância cruel e assassina o chão que elegeram para a busca de seus sonhos de vida. O preito vivo, sempre presente de Pato Branco”.

Nessa época a rádio já havia sido vendida por Rotile aos freis franciscanos. E a situação tornou-se constrangedora.

— O Frei Inocêncio, um homem extraordinário, de alma boa — conta Thomazoni (2007) — fumava cachimbo, uma tranquilidade, uma alma boníssima, aconselhava, (...) parecia que a gente estava no céu quando estava com ele. Chegou pra mim e disse, “Ivo, tenho uma notícia tão triste pra te dar”. Falei, “O que é mais triste que a doença?”. Ele disse, “Recebi ordens pra te demitir”. “Mas por quê?”. “Porque o Lupion não quer você aqui”. Segundo o frei, o bispo de Palmas, Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello, tinha feito um empréstimo no Banestado, muito grande, para construir o palácio episcopal. E agora tinha de renovar o papagaio. E o Lupion disse, “O Banco do Estado não renova se não puser o Ivo pra rua”. Aí fui morar em Francisco Beltrão. Mas a rádio começou a cair, os patrocinadores não patrocinavam mais e eles foram me buscar. Isso foi no começo de 1958.

A Revolta gerou uma CPI no Congresso Nacional. Porém encerrou-se antes de apresentar qualquer resultado.

Um projeto de Lei encaminhado à Câmara Federal concedeu anistia a todos os envolvidos nas questões agrárias do Sudoeste. A medida livrou cerca de 90 pessoas, consideradas “agitadoras sociais” pela Lei de Segurança Nacional.

— O aceno de perdão do Governo Federal a todos os implicados (...) pingou ponto final num dos mais tumultuados capítulos da história do Paraná, quiçá do Brasil, em torno da questão agrária. (Voltolini)

GETSOP

Nos três anos que sucederam a revolta, a Citla continuou pressionando os agricultores a pagar por suas terras e a insegurança manteve-se na região. O registro definitivo das propriedades do Sudoeste só viria a partir de 1961, com a mudança nos quadros políticos estadual e nacional.

"AJUDEI A DERRUBAR O COLLOR"

A saga de Porto Alegre não termina com a Revolta dos Posseiros.

— Onde tem encrenca, eu to lá — diz ele. Com orgulho, afirma ter atuado na queda do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992.

Jácomo havia adquirido um seringal em Rio Branco, Acre. Quando eclodiram as denúncias contra Collor, lá estava o “fazendeiro Jácomo Trento” (*revista Veja*, 10 de junho, 1992) apresentando denúncias de corrupção. A matéria “A legião dos mudos” relata as atividades ilegais de Paulo César Farias — ou P. C., tesoureiro de campanha de Collor — em parceria com empresas privadas. Jácomo “depôs no dia 15 de maio e denunciou a festa de comissões promovida com a obra do Canal da Maternidade, em Rio Branco”. Edson Mahana, presidente da Comissão de Licitação da Prefeitura daquela cidade e compadre de Jácomo, contou a ele que a empreiteira Odebrecht “ganhará a obra e dará comissões a ele (Mahana) e a mais doze pessoas. A P. C. caberia a maior parte, 20% do valor do projeto” (do depoimento de Trento à revista).

Nesse período, Jácomo e Reni foram emboscados no portão de sua fazenda. Jácomo levou dois tiros de cartucheira, que subtraíram-lhe a visão de um olho.

— Alguns meses atrás fui ouvido no juízo de direito de Curitiba, numa vara criminal, por precatório do estado do Acre. Réu, Jácomo Trento. No rol das testemunhas estávamos eu, um desembargador aposentado, José Meger, juiz de direito em Pato Branco na época da revolução de 1957, e o doutor Josafat Porto Lona Cleto, promotor público de Pato Branco em 1957. O juiz me perguntou se conhecia Jácomo Trento. Descrevi resumidamente a revolta do Sudoeste. Falei que ele estava me perguntando de uma figura que representa o que há de mais sagrado num homem, que é o idealismo de servir o outro sem cobrar. Também disse que se cada cidade tivesse dez Porto Alegres, este país seria outro. Depois fui ver que o Porto Alegre tinha denunciado uma das mais deslavadas negociações que um governo pode fazer. O tal do dinheiro para o Canal da Maternidade, lá no Acre. E por ter feito essa denúncia... quando vi a radiografia dos dois tiros de espingarda que lhe desferiram no rosto, eu chorei. Porque lá estavam dezoito chumbos incrustados em sua cabeça e nenhum danificou seu cérebro. (Thomazoni, Teatro Municipal de Pato Branco, 2007)





Com discursos pró-reforma agrária, Ney Braga e Jânio Quadros obtiveram no Sudoeste uma estrondosa vitória sobre os candidatos do PSD. Mas após suas posses nos governos estadual e federal, respectivamente, as reivindicações sobre a titulação de terras continuaram engavetadas. Nessa época renasceu o movimento para a formação de um território independente nas regiões Oeste e Sudoeste. A questão foi levada a Ney Braga, que buscou arrimo no governo federal.

Em 27 de março de 1961, Jânio assinou o decreto 50.379, que desapropriou as terras litigiosas do Sudoeste. Após sua renúncia, Ney Braga solicitou ao presidente empossado, João Goulart, o prosseguimento das ações de pacificação da área.

No dia 17 de março de 1962, Braga e Goulart compareceram à cidade de Pato Branco, onde reiteraram o plano de desapropriar as glebas Missões e parte da Chopim, visando o registro definitivo das propriedades em nome dos posseiros.

MEMORIAL HISTÓRICO

A história de Pato Branco está à mostra em inúmeros espaços públicos. Nas praças e parques, nos templos, em algumas salas empresariais e nas repartições municipais. Esculturas, pinturas, fotografias e quadros explicativos revelam o passado de lutas e conquistas de sua população.

A *Revolta dos Posseiros* é um dos temas do *Memorial Histórico de Pato Branco*, inaugurado em 12 de outubro de 2015 na praça Presidente Vargas. São quiosques contendo fotografias históricas do município, com as respectivas legendas. Constam a instalação da segunda igreja da cidade, as construções que desencadearam a formação da área central da cidade, a construção da Matriz de São Pedro Apóstolo, a visita do presidente João Goulart e a nevasca de 1965.

Coordenação e pesquisa de Jozieli Cardinal. Direção de arte: Mazinho Bertazo.

Fotografia de Rodinei Santos.

GRILEIROS DE PINHEIROS

Em 1957, alguns meses antes da eclosão da Revolta dos Posseiros, Hércules Antônio Gonçalves Fait foi encarregado pelo governo estadual de mapear a hidrografia e o sistema viário das glebas Chopim e Missões. Suas anotações revelam que a área dominada pela Citla era muito maior que a constante no mapa fornecido pelo governo. Em 1968 Fait retornou ao Sudoeste, como segundo-tenente do batalhão militar.

— Agora era época da grilagem dos pinheiros. Meu pai ficava com uns vinte ou trinta soldados, naqueles matos de São Luis, de Chopinzinho. Chegavam os jagunços em caminhões, portando metralhadoras. E levavam o que queriam. Vinham madeireiros de Irati pra roubar pinheiro no Sudoeste. Este episódio ficou conhecido como “grilo dos pinheirais”. (...) A missão de meu pai era proibir a retirada dos pinheiros sem autorização. (...) O maior grileiro era o agrimensor Aparício Henriques. Meu pai prendia, o juiz soltava. (Hércules Antônio Gonçalves Fait Júnior, 2019)

— O Henriques era o conhecedor de todas essas áreas de terras. Ele que manobrava, mas não aparecia. (Danilo Amadori, 2020)

— A presença do presidente João Goulart foi saudada por milhares de posseiros, que assistiram ao ato público de assinatura do Decreto Presidencial nº 51.431, que criou o Grupo Executivo de Terras para o Sudoeste do Paraná – GETSOP. Atendendo a um pedido meu, trinta dias depois de visitar Pato Branco, remeteu um auxílio de 10 milhões de cruzeiros, com os quais adquiri todo o material para o serviço de abastecimento de água da sede do município. (Thomazoni)

Para o comando do GETSOP foi nomeado o engenheiro Deni Schwartz, que atuava no D.E.R. Até sua extinção, em 1973, a entidade concedeu alguns milhares de títulos⁽²²⁾ urbanos e rurais.

(22) Não há concordância entre os números apresentados pelos autores que abordam o tema. Alguns dizem que a GETSOP concedeu 12.385 títulos urbanos, outros falam de 24.661. Uns referem-se a 30.920 títulos rurais, outros somam 32.256.

DIREITO AO IMPOSTO

Em 1959 um comerciante foi à Prefeitura perguntar “se o pessoal da Baixada Industrial tinha o direito de pagar seus impostos”. Ironia publicada no jornal O Sudoeste, na apresentação de problemas enfrentados pela população daquela área. “A começar pela ponte próxima à serraria do Sr. José Antônio da Silva, ruas, bueiros e o tão prometido fornecimento de luz”. E as famílias residentes próximo ao estádio Pedro Ramirez de Mello “têm de aproveitar as épocas de estiagem para transpor o bueiro situado em frente à fábrica de biju do Sr. Basílio Yakemiu”.

CAÇA E PESCA

O Clube de Caça e Pesca de Pato Branco recebeu em maio de 1959 seus colegas da cidade de Toledo. Ofertaram uma churrascada aos visitantes, na qual constou carne de gado, cabrito e ovelha. Era uma retribuição dos pato-branquenses, que em data anterior haviam recebido os préstimos dos toledanos, numa pescaria no rio Paraná. Após várias declamações, “foi dada a palavra ao Sr. Ariosvaldo Zanol (Chimango), que com suas palavras

Crianças e adolescentes divertem-se. É um protesto, ou uma passeata política? Nas tabuletas: "Com choro ou sem choro, Ivo é o líder", "O casório não deu frutos" e outras.



Praça Getúlio Vargas. Em primeiro plano, ponto de táxi. Em redor, casas comerciais das famílias Parzianello, Pozza, Formighieri, Zilio e outras.

inflamadas desopilou o fígado dos presentes” (O Sudoeste).

CONSELHO COMUNITÁRIO

No dia 25 de maio de 1959 reuniram-se na Prefeitura vários cidadãos para debater temas pertinentes ao Conselho de Desenvolvi-

mento da Comunidade de Pato Branco. Entre outros, o prefeito Harri Graeff, vereadores e o inspetor municipal de Ensino, Carlos Jancoski.

DOAÇÃO DE MAQUINÁRIO

Em maio de 1959 o deputado estadual Cândido Machado telegrafou ao prefeito Graeff, informando ter apresentado um projeto na Assembleia Legislativa, e obtido parecer favorável, para doação de máquinas do estado que estavam em serviço no município de Pato Branco.

MOINHO MASSIGNAN

Fundado em 1953, o moinho era dirigido por José, Severino e Guerino Massignan. Dotado de sete cilindros, com capacidade para moagem de 33 toneladas diárias de trigo.

MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Em 1956 instalou-se em Pato Branco a empresa *Dresch & Cia*, especializada na venda de tratores e implementos agrícolas. Os sócios eram Leonardo, Silvestre e Ary João Dresch e Oswaldo Pereira da Silva. Também vendia fogões e geladeiras.

— Nós precisamos das máquinas. Pato Branco ficaria sem poder andar como anda, sem esses dois tratores e sem o Tournapul.

O parlamentar lembra que "a Tournapul", maquinário de terraplanagem, encontrava-se desativada devido a defeitos mecânicos. Mas que poderia ser revitalizada se fosse recuperado o "crédito que tem o município do estado".

SUDOESTE ESQUECIDO

Em 1946 o Sudoeste produziu 1.550 sacas de trigo. 17 anos depois, em 1963, Pato Branco e municípios circunvizinhos haviam-se tornado a região com a maior produtividade de trigo do Paraná. Nesse ano os moageiros reclamavam da política federal sobre a comercialização do produto, que vinha beneficiando os gaúchos, em detrimento dos paranaenses. O jornal A Razão denunciou os benefícios auferidos pelo governo aos plantadores de café do Norte paranaense, ignorando problemas dos agricultores do Sudoeste.

— Os "tubarões" do café queimam suas plantações e enchem o bolso com as indenizações. Os plantadores de trigo, feijão, arroz, milho aqui do Sudoeste vêem suas plantações

devastadas pela geada e outras intempéries e o governo manda "cachimbar formigas", como diz o adágio popular.

ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO

A edição do dia 14 de junho de 1959 do jornal "O Sudoeste" informa que em 1960 iniciará atividades em Pato Branco a Escola Técnica de Comércio. "Em contato com o corpo docente do nável estabelecimento de ensino secundário, fomos informados que seguirá dentro em breve, para Curitiba, juntamente com o Dr. Iris Mário Caldart, o Dr. Jacinto Simões, um de seus professores, com o objetivo de assegurar, junto aos poderes públicos, o seu funcionamento no próximo ano".

LADRÕES DE CERA

"Mais um gato para as grades". Com esse título, o jornal O Sudoeste (1959) noticiou a prisão de um ladrão de cera.

— O MM. Juiz de Direito da Comarca, o Exmo. Sr. José Meger, decretou a prisão preventiva de Isaltino R. S., vulgo "Campeão", naturalmente "Campeão" da gatunagem, que

há pouco tempo furtou várias latas de cera de uma firma estabelecida nesta cidade. Acresce salientar que seu amigo, Luiz Pedroso, que fez parte do mesmo furto, suicidou-se ingerindo uma forte dose de formicida.

CONTRADITÓRIO, MAS DIVERTIDO

— As cercas não tinham, naquela época, mais que 60 cm. Ninguém roubava nem galinha. Só quando aparecia uma raposa desgarrada. (...) Saudade dos tempos em que a gente invadia o acampamento dos ciganos pra roubar galinha, pra fazer brodo. E o delegado ia junto. Depois convidávamos os ciganos pra tomar brodo com a gente. Era divertido! Isto era viver! Jogar mora, jogar quatrilha, jogar trisette! Nós íamos visitar os colonos e dormíamos lá. Nunca eles nos pediram alguma coisa. (Ivo Thomazoni, 2007)

SÓ CASINHAS!

— Prédio não tinha nenhum, só casinhas. Não tinha calçamento, era só terra, só poeira. Os rios, dava pra ver todos aqui na cidade, iam pro rio Ligeiro. Aqui era tudo banhado, e a sujeira ia tudo pros rios. Nessa época tinha só duas lojas de roupas. Tinha um cinema lá no centro, perto da Pernambucanas, era um negocinho pequeno, todo de madeira. Tinha a laminadora dos De Bortolli, meu pai trabalhava lá. Também tinha as cerealistas dos Parzianello e dos Detoni. (Gema Lúcia Pin, 2019, sobre a cidade de Pato Branco no ano de 1951).

VINAGRE DE SABUGO

— Quando chegamos em Pato Branco tinha uma fabricazinha de refrigerante dos Palhosa. Era um barracãozinho. Depois o Alberto Nezello também montou uma fábrica. Trabalhei nas duas. Além de refrigerante, o Nezello fazia vinagre de sabugo de milho. Tinha umas pipas grande, enchia de água, álcool e o sabugo. Se ficava forte, colocava um pouco de soda. Engarrafavam e vendiam na região. (Gema Lúcia Pin, 2019)

Daniel Pagnocelli (2020) conta que Nezello era o maior produtor de vinho de Pato Branco.

— Tinha uma cantina, comprava uva do povo e fazia vinho. Tinha parreiral por tudo aqui.



INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THÉOPHILO PETRYCOSKI

Jovens de Pato Branco, década de 1950. Não há dados sobre a faixa cruzada no peito. Talvez participam de uma agremiação escolar, ou de um grupo religioso.

A década da Razão

A década de 1960 chegou em Pato Branco com perspectivas conflitantes. Por um lado, a união popular em torno de objetivos comuns, consolidada nos dias turbulentos da Revolta, havia mudado a forma como os pato-branquenses viam sua própria coletividade. Ainda que de forma imperceptível, os sinais da Revolta subsistiram nos anos seguintes, publicados nas páginas dos jornais e nas ondas do rádio. Audácia, crítica, louvor e positividade, é o que os arquivos revelam.

Nessa época a economia regional já era assombrada com a iminente extinção da reserva de pinheiros. Serrarias começavam a ser desmontadas, ou abandonadas, e as cidades preparavam-se para conviver com um grande número de desempregados — que, em sua maioria, haviam migrado de outras regiões para trabalhar no setor madeireiro.

Mas a madeira também havia criado condições para que o Sudoeste continuasse no caminho do progresso. As áreas abertas na floresta pelas serrarias eram bem aproveitadas pela agricultura, que começava a dar passos largos com a chegada de máquinas agrícolas motorizadas. E parte do capital gerado pelo setor madeireiro dirigia-se à abertura de empresas de diversos ramos.

Pato Branco já era vista uma cidade progressista, com os benefícios e os problemas que caracterizavam a modernidade.

Os movimentos sociais, políticos e culturais que abalavam o planeta chegavam pelas ondas do rádio e nas páginas dos jornais, movendo e movimentando a juventude na busca de seus espaços e na realização de seus

anseios. As ruas começavam a ser tomadas por jovens festivos, motorizados e barulhentos. Pelas ruas da cidade circulavam empresários e funcionários, grupos carnavalescos, fiéis em procissões e estudantes em desfile, bem como bêbados, prostitutas e mendigos. As histórias desses cidadãos e cidadãs eram periodicamente publicadas nos jornais.

JORNAIS

A fase mais representativa das lutas do povo e dos poderes públicos de Pato Branco é verificada entre as décadas de 1950 e 1960. O centro nevrálgico da urbe distribuía-se entre a sala do prefeito, a plenária da Câmara Municipal, o estúdio da rádio e as salas de

edição dos jornais. Divulgava-se as obras de estruturação da cidade, como a abertura de ruas, a canalização dos córregos, a instalação do sistema telefônico e da usina hidrelétrica. A cidade lutava para ter as ruas limpas, um sistema telefônico funcional e uma rede elétrica eficiente. A Prefeitura buscava recursos para drenar os alagados, pavimentar as vias, reduzir as ladeiras, construir pontes, pontilhões e bueiros. Mas havia também muitas notícias negativas.

O primeiro informativo de Pato Branco, ainda distrito de Clevelândia, foi o *Semanário do Oeste*, fundado em 1949. O editor era Antônio Pilar Cardoso, irmão do professor Juvenal Cardoso. Nesse periódico, Juvenal



JOÃO DE PAULA

Cidade de Pato Branco em meados da década de 1960.

Na década de 1960, novas formas de pensar chegavam ao Sudoeste pelas ondas do rádio. Novos recursos tecnológicos facilitavam o trabalho da agricultura e pequenas indústrias se instalavam. Também surgiam novos comportamentos, semanalmente noticiados pelos jornais.

divulgava seus ideais udenistas, em oposição ao governo de Clevelândia, pelo que passou a receber ameaças. Dormia com “o grosso calibre ao alcance da mão”, conta Voltolini.

O segundo jornal foi o *Oeste Paranaense*, dirigido pelo “Dr. Emanuel Coelho” e redigido pelo “Dr. David Jansen de Sá”. O idealizador e “superintendente” era Antônio Pilar Cardoso. Na capa da primeira edição, de 19 de março de 1950, consta a foto do governador Moysés Lupion. A matéria é entusiasta e descreve Pato Branco como povoado progressista, que já merecera visitas do chefe do estado.

— Em suas breves estadias, tem S. Excia. apreciado e sentido de perto o febricitante dinamismo desta próspera e futura região, ao mesmo tempo constatando suas riquezas e progresso no labor patriótico de seus povoantes, cujo produto fecundo é inequívoco esteio na economia do estado.

No editorial, Jansen diz que “ao lançarmos o presente e primeiro número deste semanário, creado no longínquo ‘hinterland’ paranaense onde se desbravam ainda as matas virgens para o cultivo da terra, mister se faz citar sua modéstia e despretensiosidade”. E pede desculpas antecipadas por eventuais falhas de redação. Numa edição posterior, faz elogios sem travas ao prefeito de Clevelândia, Crescêncio Martins, que “deitou raí-

Em 1959 fundou-se o *Conselho de Desenvolvimento da Comunidade de Pato Branco*. Não foram encontradas informações sobre suas iniciativas.



Rua Ibioporã em 1969. No mesmo prédio, Ótica Marquesa e Panificadora Santa Rita.

zes profundas e indevassáveis no coração e consciência de seus munícipes”. Em maio do mesmo ano, aponta a “saturação” dos espaços para construção nas ruas centrais de Pato Branco. E reclama da falta de largos no planejamento urbanístico.

— A única praça que possuímos, é a atual e pequena faixa de terra que se antepõe à nossa igreja. Já havendo a mesma atraído sobre si as principais construções, casas comerciais e públicas, veio conseqüentemente por uma força natural constituir o ponto mais central de nossa Vila.

Mas a capela já era considerada pequena para o número de fiéis. O redator expressa indignação.

— A atual igreja, pela situação e posição em que se encontra, está aberrando contra o nosso senso de povo progressista e mesmo católico.

Seguiu-se a *Gazeta d'Oeste*, dirigida por Estevam Carraro e redigida por Roald Wilson Carraro.

Em 15 de março de 1959, Victor Sylvio Biasuz e Oswaldo João Caldart fundaram O Sudoeste. O diretor-proprietário era Arme-lindo Massocco. Redator, José Ruy Jacuniak.

Em seguida apareceu o *Correio do Sudoeste*, dirigido e redigido por Biasuz. Contava com os colaboradores José Carlos de Oliveira, José Danilo Murara, José Vicente Figueiredo, Waldir Francisco Guerra, Frei Eugênio Sieberichs, Nilson Sguarizi, Rui Tomé, Takemura Haruo, José E. C. de Lacerda e Levi Penafiel.

Na década de 1960 apareceu O Iguazu, dirigido por Erasmo Prestes de Souza. Seu slogan era “Defensor dos interesses gerais da coletividade”.

Em seguida vieram os jornais A Razão, A



Praça Presidente Vargas em 1965, com a igreja de São Pedro em seu aspecto original. A ação das máquinas da Prefeitura deixou a velha sede do grupo escolar equilibrando-se sobre um barranco.

Verdade, Folha Regional, Jornal do Paraná, Jornal de Pato Branco, Diário do Povo e Diário do Sudoeste. Essas publicações contribuíram para o desenvolvimento do município, apontando problemas e soluções, denunciando abusos e louvando os bons serviços.

Neste capítulo publicamos uma síntese de notícias de jornais até a década de 1960, com trechos de editoriais e artigos autorais.

Item 3 da *Carta de Pato Branco*: “Manifestar seu decidido apoio à realização imediata das reformas institucionais e estruturais elaboradas em obediência aos princípios que garantam e fortaleçam a democracia, respeitados os postulados que fundamentam a doutrina social-cristã”.

GORDOS X MAGROS

Uma disputa futebolística entre gordos e magros foi realizada em outubro de 1967, durante a “Festa do Viajante”. Não há dados sobre o placar. Houve desfile de carros e churrasco, tudo ao som dos “Cometas Patobranquenses”.

A RAZÃO

Jornal fundado em 24 de março de 1963, sob direção de Roald Carraro (depois Victor Sylvio Biasuz), com redação de Ruyter Carraro (depois Getúlio Rui Palma). A Razão foi um dos mais combativos periódicos de Pato Branco. Afirmando-se “vibrante e independente”, aceitava todos os pedidos de resposta. Foi o informativo que melhor soube compreender e divulgar a feérica década de 1960.

CARTA DE PATO BRANCO

Em 1962 o município de Pato Branco já era visto como centro econômico regional. Nesse ano os agricultores paranaenses criaram uma entidade denominada *Mobilização Agrária do Paraná*, ligada ao *Movimento Agrário Brasileiro*. Com cunho político declarado em seu estatuto, eles pretendiam influir na eleição de deputados e governadores. Na *Carta de Londrina*, de julho de 1962, a “Mobilização” apresenta um rol de candidatos à Câmara Federal, que seriam defensores dos agricultores. Na *Carta de Pato Branco*, de agosto do mesmo ano, reafirma seus pro-

pósitos, apontando os melhores caminhos para os governos estadual e federal na estruturação dos meios de produção, armazenamento e comercialização do setor agropecuário. O texto dirige-se também à questão agrária do Sudoeste, visando a “localização estável dos migrantes pioneiros expulsos pelos minifúndios que se formavam no Rio Grande do Sul, a fim de que se garanta nessa região, de forma duradoura, aos atuais posseiros, meeiros, parceiros e assalariados rurais, o uso econômico da terra, dentro das suas peculiaridades ecológicas e geo-econômicas. (...) Apelar para os responsáveis pelo Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná, no sentido de programar a colonização das glebas de Missões e Chopim dentro de formas que permitam elevado índice de produtividade na exploração da terra”.

BANDA FAIXA AZUL

A violência no campo não impediu que o Sudoeste desenvolvesse suas artes. Do *Curso de Música e Canto*, criado por Dercy Herdina — gaúcho de Erechim — originou-se a banda Faixa Azul, em 1958. Também conhecida como *Furiosa*. A iniciativa foi de Frei Galdino, presidente da Congregação Mariana. O nome deriva da cor símbolo da Congregação.

O objetivo da banda era “abrilhantar os festejos religiosos” (O Sudoeste, 1959). Como não poderia funcionar sem instrumental, seus integrantes — entre eles, vários *congregados marianos* — percorreram o comér-

“Heemann & Cia Ltda. Serralheria, fábrica de peneira para britador, arame para cerca, vidros para igrejas, portões artísticos e comuns”. Publicidade de 1966.

Em agosto de 1963 foi inaugurada a *Confeitaria Imperatriz*.

— Um presente aos pato-branquenses, principalmente o “Belo Sexo”, que terá seu ponto de reunião elegante. (A Razão)

cio local solicitando doações. A arrecadação foi insuficiente, e a paróquia de São Pedro contribuiu com 20% dos custos.

A partir da compra dos instrumentos, os futuros músicos foram tomar aulas de teoria musical com o maestro, Delci Moisés Giasson. A apresentação inaugural ocorreu durante uma procissão de Nossa Senhora de Lourdes, com a música “Queremos Deus”.

A banda foi recebida com entusiasmo pelo público local. Apresentava-se em festas de Natal, casamentos, inaugurações de empresas e de pontes. Após uma apresentação diante do governador Lupion, o grupo recebeu vários instrumentos da PM de Curitiba.

Após a dissolução, os instrumentos foram cedidos ao 3º Batalhão da PM. Formou-se a banda da polícia, da qual participavam alguns marianos. Mas ela estava proibida de tocar em eventos que não fossem festas religiosas e militares. Como a determinação foi infringida, o comandante da polícia foi transferido da cidade e os instrumentos — com os respectivos músicos — foram cedidos à



Apresentação da banda Faixa Azul no pavilhão da Matriz de São Pedro. Desde a esquerda, Albino Ortina, Amado Soares, Ezílio Chiochetta, maestro Delci Moisés Giasson, Luiz Patriarca, Itacílio Chiochetta, Ângelo Richi, Hildo Martinovski e Ernesto Franciosi.

igreja Assembleia de Deus.

— Em Pato Branco se manifesta o bem viver religioso, há muito tempo! Uma banda Mariana em uma Igreja Evangélica. (Bocchese, 2004)

tudantil. Os músicos, cantores e dançarinos apresentaram números de “chotes, rancheiras e polcas, numa festa que teve seu fim no alvorecer da segunda-feira”. O jornal não explicou a alteração do nome do CTG.



Show no pavilhão da igreja de São Pedro. Adão Albert (pistão), Teodoro Schmidt (gaita de botão) e Alcides De Col (trombone).

ALEXANDRE PATO EM 1959

O jornal O Sudoeste divulgou em 3 de maio de 1959 o convite feito pela Sociedade Esportiva Palmeiras ao *Centro de Tradições Gaúchas Alexandre Pato*⁽²³⁾ e ao “Grêmio Estudantil de Lagoa Vermelha” para se apresentarem em sua sede social. Haveria um baile, “cadenciado pelos componentes do Centro de Tradições”. O jornal também previa a realização de uma partida de futebol entre as equipes do Grêmio de Lagoa Vermelha e do Palmeiras.

Nos dias 15 a 17 de maio a S. A. Palmeiras recebeu o CTG de Lagoa Vermelha. Mas a denominação deste era “Luar da Querência”! Acompanhava o respectivo *Grêmio Es-*

(23) Coincidentemente, o nome “Alexandre Pato” voltaria à praça de Pato Branco quase meio século depois. O atleta Alexandre Rodrigues da Silva, nascido em Pato Branco no dia 2 de setembro de 1989, tornar-se-ia conhecido como Alexandre Pato, um jogador de futebol de nível internacional. Ver página 344.



“Pirâmide humana”. Jovens da década de 1960.



JOÃO DE PAULA

Início da década de 1960. A multidão aglomera-se diante das Casas Pernambucanas. A faixa publicitária lembra: "Natal, Ano Bom, Reis". Um locutor discursa, ladeado por um grupo de garotas bem vestidas, sentadas diante da porta. Um concurso de beleza, ou uma promoção de roupas...

GREVE ESTUDANTIL

Em 15 de março de 1959 O Sudoeste noticiou uma greve dos estudantes. A reivindicação era a gratuidade da matrícula no ensino público. Conforme o jornal, os estudantes foram chamados de "esquerdistas". E questionou: "Por que cobrar um absurdo das matrículas, se estamos vivendo num mar de analfabetos?". Também criticou a instalação da cidade de Brasília, "uma cidade diferente no meio do sertão brasileiro", para a qual estava sendo escoado o recurso federal. "Não tivesse sido revestido de mármore o palácio da Alvorada em Brasília, teríamos com esse dinheiro trinta anos de gratuidade para a matrícula da juventude". No final, o redator exalta-se: "Se eu ainda fosse estudante, estaria ombreando com essa rapaziada briosa, que sabe o que quer, não se amedronta com ameaças e não se envaidece com apupos".

ESTADO DO IGUAÇU

Na década de 1960, o Sudoeste paranaense voltou a estremecer, desta vez com a ameaça de um confronto político de grandes proporções. A veia libertária, herdada das várias revoluções iniciadas pelos gaúchos, vol-

tava a se manifestar. A recente Revolta dos Posseiros era um estímulo ainda palpitante. A instalação de um território independente, abrangendo o Oeste do Paraná e de Santa Catarina, não era mais uma iniciativa do governo federal, mas de lideranças regionais. Argumentava-se que os governos desses estados davam um retorno de 10% relativamente aos impostos arrecadados nos municípios oestinos, o que resultava em estradas

ruins e escolas precárias, além da completa falta de investimentos em outros setores. A grande distância até as capitais era outro empecilho ao desenvolvimento regional.

— O crescimento dessas regiões foi tão rápido, que a lentidão da máquina estadual não conseguiu acompanhar. (Wachowicz, 1987)

Levantamentos econômicos da época previam que a nova unidade federativa ocuparia a 11ª posição em nível nacional.

Líderes do Sudoeste, aliados com políticos influentes das regiões de Cascavel e Oeste de Santa Catarina, começaram a movimentar-se pela restauração do Território do Iguaçu. Mas desta vez pleiteavam a emancipação da área como *Estado do Iguaçu*. Em Santa Catarina, destacavam-se no movimento as cidades de Xanxerê, Videira e Joaçaba, sob a liderança de Chico Libardoni. No Para-

Voltolini olha sua cidade e constata um grande rol de empresas que utilizam "Pato" em suas denominações: Patão Supermercados, Patinho de Ouro, Pato Diesel, Pato Farma, Pato Lanches, Patô Móveis, Pato Poind, Pato Tintas, Patoagro, Patocar, Patoeste, Patofer, Patogás, Patograf, Patoind, Patomaq, Patomotor, Patopiscina, Patoplan. Acrescentamos Patofuso, Pato Cores, Patolux, Patotex...



Congresso em Pato Branco debate a instalação do Estado do Iguaçu.

ACERVO CELSO HILBERT



JOÃO DE PAULA

Área central de Pato Branco em 1965. À direita, “Café Bar Cantu”.

ná, Cascavel (Edy Siliprandi) e Pato Branco (Celso Fetter Hilgert).

Em 21 de abril de 1962 constituiu-se em Pato Branco a Comissão Executiva Pró Criação do Estado do Iguaçu – CODEI, com 464 membros fundadores, sob a presidência de Siliprandi. A entidade promoveu sorteios de automóveis visando a arrecadação de fundos para o movimento, com grande apoio da imprensa regional. Também fez reuniões públicas, buscando esclarecer a população sobre a importância da emancipação. Jácomo Trento diz ter visitado 59 cidades de Santa Catarina e 60 do Paraná com esse objetivo.

— O Edy me disse pra procurar os vereadores eleitos de cada cidade. Falei, “Não,

vou procurar os que não se elegeram, são em número muito maior”.

— Nomeamos representantes em todos os municípios da área que formaria o novo estado. Promovemos dois grandes comícios, um em Pato Branco e outro em Xanxerê, com transmissão da rádio Guaíba. (Celso Hilgert (2020).

No dia 13 de novembro de 1962, o ministro da Agricultura, Oswaldo Lima Filho, posicionou-se favorável ao desmembramento do novo estado. O vereador Victor Biasuz, participante da comissão pró-emancipação, enviou telegrama a Lima Filho, solidarizando-se. E o governador Ney Braga comunicou o presidente Goulart, dizendo-se surpreso com o pronunciamento do ministro.

Desde 1943, jornalistas, cronistas e historiadores dividem-se quanto ao tema da emancipação. Em Pato Branco, o combativo radialista Ivo Thomazoni, agora deputado estadual, manifestava-se contrário ao desmembramento.

— O Sudoeste está perfeitamente integrado no estado do Paraná e a maioria da sua população pensa em termos de unidade.

(Thomazoni, citado por Biasuz no Correio do Sudoeste, 1968)

O jornal A Razão também mostrou-se adverso à iniciativa emancipacionista, afirmando em vários editoriais que Pato Branco estava bem atendido pelo governador Ney Braga. Lembrando os tempos dos jagunços, afirmava que “acabaram-se as arbitrariedades e injustiças policiais, desapareceram os roubos escandalosos de terras”.

O Correio do Sudoeste tinha uma opinião oposta. Em todas as edições de 1968 publicou matérias e editoriais favoráveis ao movimento. Em artigos apaixonados e impetuosos, Biasuz, que fora vice do prefeito Thomazoni, mostrava-se frontalmente contra seu ex-colega de gestão e a favor dos emancipacionistas.

— Criamos aqui uma civilização e não temos nada do Paraná, senão a terra — disse ele, num evento da CODEI.

600 BICHAS

— O Dr. João Juglair Filho operou um menino há dias, extraindo de seus intestinos 600 bichas. O garoto passa bem, apesar do médico ter declarado que eram remotas as possibilidades de salvação antes da intervenção cirúrgica. O paciente ainda está no hospital. (O Sudoeste, janeiro de 1960)

POSTO AGROPECUÁRIO E ESCOLA DE TRATORISTAS

Em 26 de março de 1963 o governo federal autorizou a instalação de um *Posto Agropecuário* na cidade de Pato Branco. Em 24 de abril de 1963 o deputado federal Wilson Chechid inscreveu um projeto de lei visando a criação de uma *Escola de Tratoristas* em Pato Branco. Não foram encontradas notícias posteriores sobre essas iniciativas.

1ª FEIRA DE LIVROS

Em outubro de 1969 foi realizada a primeira Feira de livros de Pato Branco (Feira Municipal Estudantil do Livro – FIEL).

“CASADOS SURRARAM OS SOLTEIROS”

Matéria do Correio do Sudoeste, junho de 1968. Referia-se a um jogo de voleibol, no qual destacaram-se os casados Osvaldo Telles e Antônio Matiodda. Foi uma “vitória magnífica”, com os placares 15 x 12, 8 x 15 e 15 x 12. Como prêmio, os casados receberam dos solteiros um “vasto churrasco na Churrascaria Iguaçu”.



— *Nos memoráveis carnavais do Clube Colorado, Adir Nichele no acordeão; locutor da rádio Colméia; Zelmina e Zanir Basso no vocal; Nestor Nichele no pandeiro e Eric Will no saxofone. Esta era uma das formações d'Os Tropicanos.*
(Rudi Bodanese)

No dia 10 de março daquele ano o jornal divulgou a realização, em Pato Branco, do “1º Congresso das Forças Vivas para a Criação do Estado do Iguaçu”. As ruas e os muros de Pato Branco amanheceram pichados com slogans favoráveis à CODEI. “Não lutamos no Vietnã, mas pelo estado do Iguaçu”, dizia um deles. “Alto-falantes percorriam as ruas estimulando a população” (Wachowicz, 1987). A reação do governo federal foi realizar manobras da 5ª Divisão de Infantaria no Sudoeste, insinuando a possibilidade de intervenção. Houve rumores de que o Departamento de Ordem Política e Social – DOPS rondava a cidade em busca dos líderes do

movimento. Siliprandi bradava:

— Se quiserem prender alguém, que prendam a mim!

Wachowicz diz que os emancipacionistas estavam ansiosos por ter um mártir, e Siliprandi candidatava-se ao posto.

Enquanto um jornal de Curitiba publicava que as ações dos emancipacionistas estavam ocorrendo num clima de “violentas agitações e desordens”, o Correio informava que as autoridades policiais permaneciam “apenas observando o movimento”. Apesar da tentativa do governo estadual em frustrar o evento, a própria polícia admitiu que tudo estava correndo sem violência.

A programação do congresso contou com uma pomposa “Votação da Carta de Príncipes do Iguaçu”. O evento foi transmitido ao vivo pela Rádio Guaíba, de Porto Alegre.

Desde o início, a iniciativa da formação do novo estado contou com o apoio de jornais e rádios gaúchos e com a indiferença ou a objeção dos articulistas de Curitiba. A rádio Gaúcha transmitia as assembleias da CODEI. Os *iguacuanos*, como eram chamados os manifestantes, mantinham com doações um programa na rádio Farroupilha.

O governo e a imprensa paranaenses, nas raras vezes em que se manifestavam, insistiam na existência de um movimento *separatista*, enquanto os líderes da CODEI esclareciam que se tratava de “emancipação, sem ameaça à integridade nacional”. A polícia estadual acusou a CODEI de grilagem de terras. Em entrevista à imprensa gaúcha, Siliprandi desmentiu, apontando para uma tentativa do governo de desestabilizar o movimento.

A imprensa de Francisco Beltrão postou-se contra a emancipação. A rádio Colméia atacou a rádio Celinauta por posicionar-se favorável. Conforme Wachowicz, temia-se que Pato Branco fosse escolhida a capital do Iguaçu. Na defensiva, Beltrão liderou a criação da Associação dos Municípios do Sudoeste – AMSOP.

— Enquanto aguardávamos a tramitação do projeto do novo estado na Câmara Federal, o Governador do Paraná, Paulo Pimentel, anunciou a criação da rodovia Três Pinheiros - Pato Branco, que atenderia a nossa principal reivindicação. Porque até então, nossa ligação com a BR-277 era pela estrada de Laranjeiras do Sul. E o governo de Santa Catarina criou a Secretaria do Oeste em Chapecó. Isto resultou em muitas dificuldades para nós, e o movimento começou a esvaziar. (...) Anos mais tarde o Pimentel me disse que nós criamos aquela estrada. Porque se não fosse o nosso movimento, ela não iria sair. (Hilgert)

Após um segundo evento da CODEI em Pato Branco, realizado em 21 de abril de 1968, os revoltosos perderam força. E os meios de comunicação começaram a restringir os programas favoráveis ao movimento.



Nas noites de sábado da década de 1960, sempre aparecia alguém com um violão, fosse na rua, no alto de um barranco ou na carroceria de um caminhão!



Em 1964, caminhões FNM, prontos para transportar a madeira aos grandes centros do Brasil.

A percepção da importância da emancipação do novo estado tornava-se difusa.

O Ato Institucional nº 5 – AI5, criado em 1969 pelo governo militar, tornou-se mais um empecilho ao projeto de emancipação. As reuniões, agora secretas, passaram a ser combatidas pelo DOPS, o principal órgão de repressão da ditadura, resultando na prisão de alguns manifestantes, inclusive Siliprandi.

Wachowicz argumenta que o discurso dos representantes da CODEI “contra a oligarquia paranaense” desfazia-se no fato de que na diretoria “não estava incluído nenhum agricultor, e a região era composta de 80% de agricultores”. Mas também afirma que a

consequência de longo prazo do movimento foi positiva. “Propiciou o desenvolvimento e a sedimentação de uma identidade regional. O homem do Sudoeste e do Oeste adquiriu na política paranaense um status próprio, maior personalidade histórica”. A partir dessa época, o governo do Paraná passou a dotar essas regiões de melhores estradas, telefonia, energia elétrica e escolas de ensino superior, dentre outros benefícios.

Em 1984 renasceu o desejo de liberdade das cidades *iguaçuanas*. Empresários, entidades públicas e movimentos sociais voltaram a reivindicar o desmembramento do Oeste. Foram criadas mais de 150 sedes da

Associação dos Amigos do Iguaçu, em 50 cidades do Paraná e Santa Catarina. Siliprandi elegeu-se deputado federal com o slogan “Seu Voto Vale um Estado”. Mas apesar de seu esforço, o projeto de emancipação foi barrado na Câmara. Dos 280 congressistas presentes à votação, somente 90 foram favoráveis. E a capa da Gazeta do Povo, em 1º de abril de 1992, estampou a manchete: “O Paraná unido sepulta as manobras contra sua integridade territorial”.

NÚCLEO REGIONAL DE ENSINO

Em 1959 Pato Branco já contava com um inspetor municipal de Ensino: Carlos Jankoski. Originário de Erechim-RS, em 1952 ele havia-se tornado professor no povoado de Ipiranga — hoje no mapa de Itapejara d'Oeste. Durante alguns anos deu “aulas radiofônicas, pela rádio Celinauta” (Guerios, 2020).

A Inspeção Estadual foi instalada em 1963, sob a coordenação de João Maria Castanha da Silva. Além de sistematizar o funcionamento escolar, a Inspeção criou a Escola de Artes Industriais, para meninos, e de Economia Doméstica, para meninas — alunos de 4ª e 5ª Série. Eles também recebiam aulas de primeiros-socorros.

Nessa época havia em Pato Branco três professores com curso superior. Os outros atuavam como *suplementaristas*, com contratos renovados todos os anos. Por falta de



Professores do interior participam de curso promovido pela Inspeção de Ensino. “Ficava um mês no colégio das irmãs, fazendo curso” (Antônio Simon, 2019). Nos momentos de folga cantava a gaita e os mestres faziam coro.

GRÊMIOS

No início da década de 1960 Pato Branco já contava com três grêmios estudantis: *Plácido e Silva*, *Irmã Margarida Colla* e *Emílio de Menezes*. Em 1963 este último conduziu a Pato Branco o comediante e compositor Juca Chaves “para abrilhantar o super Show Dançante”. Acompanhava-o “Anjo e seu Conjunto Fabuloso”. O artista apresentou-se no palco do Cine Avenida e no “Baile do Ano”, na sede social do S. C. Internacional. A promoção visava colaborar na construção da sede própria da Associação Pato-Branquense dos Estudantes Secundários, ou “estudantado” (O Iguaçu, 1963).



Colégio La Salle, 1982. Boa estrutura para o ensino e três quadras esportivas.

professores formados, no ensino *ginasial* (4ª a 8ª Série) e *científico* (Ensino Médio), atuavam profissionais liberais, como advogados, contadores e dentistas.

A inspetoria promoveu treinamentos para os professores e funcionários das escolas estaduais e estruturou as escolas, com novas sedes, carteiras melhores, quadros e material didático.

A inspetora mais longeva foi Liris Guzela Vedana, que exerceu o cargo de 1968 a 1980.

Na gestão do inspetor Agostinho Barriounuevo, a inspetoria tornou-se *Núcleo Regional de Ensino do Sudoeste*, abrangendo Pato Branco, Chopinzinho, Clevelândia, Coronel Vivida, Itapejara d'Oeste, Dois Vizinhos, Mangueirinha, Mariópolis, Palmas, São João, São Jorge do Oeste e Vitorino. Barriounuevo foi o primeiro chefe da entidade.

MÚSICA E DECLAMAÇÃO

Houve um tempo em que empresários e jornalistas aproveitavam momentos de confraternização para mostrar sua arte musical ou oratória. Num coquetel de despedida oferecido aos “viajantes” da Transportadora Pérola, ocorrido em 1º de setembro de 1963, no Clube Palmeiras, cantou o inspetor da empre-

sa, Perez Manzzano Badico. O editor Roald Carraro fez uma declamação e também cantou, imitando o compositor e humorista Juca Chaves.

COLÉGIO LA SALLE

Em 1965 o vigário da paróquia de São Pedro, Frei Sérgio Hillesheim, entrou em contato com a Associação Brasileira de Educadores Lassalistas, sugerindo a instalação de uma escola da entidade em Pato Branco. No ano seguinte a solicitação foi atendida. A área para a construção da escola foi doada por moradores locais. As obras foram administradas pelo Irmão Albano Flach, que nessa época atuava como professor num seminário de Francisco Beltrão. Ele foi também o primeiro diretor da La Salle de Pato Branco. Iniciada em 1966, a escola foi inaugurada em 1967, com a denominação Ginásio La Salle. Foi entidade privada até 1970, quando firmou convênio com a Secretaria de Estado da Educação e tornou-se gratuita. A partir de 1971, chamou-se Ginásio Estadual La Salle. Em 1972, Escola Estadual La Salle, com ensino diurno e noturno. Em 1985 admitiu seu primeiro diretor *leigo*, Jacir Zorzo. Em 1991, com a instalação do Ensino Médio, a entida-

de tornou-se Colégio Estadual La Salle. Em 1988 passou a ofertar o ensino de pré-escolar a 4ª Série. Em 1999 teve seu ensino desmembrado, com o fundamental sendo administrado pela Prefeitura, sob a denominação Escola Municipal São João Batista de La Salle. No mesmo ano, a Associação de Pais e Mestres do colégio assumiu a administração do patrimônio pertencente à Associação Brasileira de Educadores Lassalistas. Em 2021 a escola conta com cerca de 900 alunos matriculados, 19 funcionários e 80 professores.

DESTOCA RUDIMENTAR

No início da década de 1960, Idelino Camozatto criou o primeiro sistema de destoca de Pato Branco, às margens do rio Chopim. Cavouca em torno da árvore, atava-a com cordas a uma parelha de burros e fazia-os puxar.

— Esse tipo de destoca era só o meu marido que fazia, foi ele que inventou — conta Vitória Camozatto (2019). — Depois que limpava o terreno, plantava alfafa. Cortava de manhã e de tardezinha rastelava e guardava no paiol. Fazia fardos pra vender pro exército de Palmas. E pra amarrar aqueles fardos, ele fez um cocho bem comprido. Quando o burro fazia a volta e empurrava, ia amarrando e saindo pronto o fardo. Até Pato Branco trazia de carroça, daqui levavam de caminhão.

INVESTIMENTOS NA AGRICULTURA

Em publicação de 1963 (*A Razão*), Jacinto Simões lamenta a falta de investimento do setor madeireiro na reposição das árvores, mas profetiza: “Pato Branco e os demais municípios da Região têm seu futuro assegurado na fertilidade da terra”. Algumas semanas depois ele sugere a instalação de frigoríficos e fábricas de laticínios. E aconselha a produção “altamente rentável e de emprego industrial” de soja e hortelã. “Visando esse desideratum”, seria imprescindível a tomada de diversas medidas pelo poder público. Entre elas, a instalação de um “Posto de Serviço Sanitário Animal e Vegetal”. Em edição pos-

terior, o jornal informa que Pato Branco produzia cerca de 50 mil sacas de arroz/ano. Mas possuía somente um moinho para beneficiamento do produto, propriedade de Lindolfo Hass, em Passo da Pedra. Descascava 35 sacas diárias. E a maior parte do arroz produzido era vendida a baixo preço para empresas de outros municípios. Porém o *Empório Baixada* logo iria solucionar a dificuldade de fornecimento do produto à população local, com a instalação de uma máquina que descascaria 110 sacos/hora. Empreendimento de Argemiro Gazzoni e Arestides Varaschim.

APOIO AOS MILITARES

Um grande desfile cívico foi organizado em Pato Branco no dia 15 de abril de 1964, em apoio ao golpe militar ocorrido duas semanas antes, e que depusera o presidente João Goulart. A manchete d'A Razão é enfática:

— Pato Branco festejou a vitória da democracia.

E a matéria correspondente foi louvatória.

— Foi uma demonstração viva do reconhecimento do povo de Pato Branco àqueles que souberam com *galbardão* e patriotismo defender os mais sagrados interesses de nossa Pátria.

Para o jornal, a tomada de posse do presidente Castello Branco representava “um novo marco, que será de tranquilidade, progresso e paz social”.

TERRAS PÚBLICAS GRILADAS

Em agosto e setembro de 1963, A Razão denunciou a “grilagem” de propriedades municipais por particulares. Segundo o jornal, “apaniguados políticos” haviam realizado um “grilo de proporções olímpicas”, tornando-se proprietários da Cadeia Pública. “De cambulhada, foi até o barracão”, que havia sido ocupado por três famílias e convertido num “verdadeiro cortiço”. No sentido inverso, o informativo elogia a família Viganó, que em 1949 havia doado um terreno para a instalação da escola Rocha Pombo, na Bai-



Desfile cívico na década de 1960. Calçamento com paralelepípedos.

xada Industrial. Mas em 1960 o terreno correspondente ao pátio dessa escola foi titulado em nome de particulares. Um “piquete de animais” pertencente à Prefeitura, nas imediações da rodoviária, também foi grilado pelos mesmos que haviam escamoteado o terreno da cadeia. Também foi tomado por particulares “parte de um cemitério”.

COOPERATIVA SEM COOPERADOS

A Cooperativa dos Funcionários Públicos e Bancários, ou Cooperativa de Consumo Pato-Branquense Ltda, foi fundada em 22 de agosto de 1962. Em meados de 1963 continuava inativa, por falta de interesse dos associados.

CAPEG

Em 1965 formou-se *Cooperativa Agropecuária Guarany – CAPEG*, a primeira de Pato Branco. Segundo Ari Boldrini (2020), nos primeiros anos essa cooperativa respondia por cerca de 50% da arrecadação municipal. Suas atividades estendiam-se aos municípios de Coronel Vivida e Itapejara d'Oeste.

Em função de problemas gerenciais e planos governamentais mal conduzidos, a CAPEG decaiu, obrigando-se a alugar seus silos e a vender seu patrimônio. O nome CAPEG sobrevive como setor de produção leiteira da *Cooperativa Agroindustrial Santa Maria da Vitória*, sediada em Xanxerê-SC. Conta com 34 produtores de leite locais.

SOCIEDADE BENEFICENTE

Em 21 de março de 1964 foi eleita a primeira diretoria da *Sociedade Beneficente Primeiro de Maio*. A presidência foi assumida por Prosdócimo Guerra, com o vice Armino Masarolo.

SINDICATO DOS PEQUENOS PROPRIETÁRIOS RURAIS

Os pequenos agricultores reuniram-se em 11 de agosto de 1963 para fundar seu sindicato. A presidência foi assumida por Augusto Pelozzo. Secretário, Osmar Macognann; tesoureiro, Adolfo Domingos Zelett; carpinteiro, Augusto (especialista na construção de igrejas de madeira).

VENENOTECA

A mais apimentada coluna do jornal A Razão era a *Venenoteca*, por onde passavam as fofocas da semana. Com humor refinado, o redator fazia anedotas com os cidadãos mais populares. Dentre os personagens citados estavam *Fincudo*, *Paciência* e *Barbicacho*, “garçons do Bar Cantu, do Domingão”.

— Nosso diretor chegou junto ao garçom *Paciência* e disse: “Ó *Paciência*, doravante você está livre dos venenos em meu jornal, já foste muito massacrado”. Respondeu então o *Paciência*: “Está bom, pois doravante eu não cuspo mais no seu café”.

— Disse o Dr. Edy Siliprandi: “Em Pato Branco a coisa mais triste é o sujeito sair à rua todo engravatado. Pois todo mundo pensa que é balconista das Casas Pernambucanas”.

— Então o Subdelegado de Itapejara disse: “Sabe lê? Assine aqui”. Respondeu o outro: “Não sinhô, eu sou anarfábeco”. Foi quando repicou a autoridade: “Neste causo, então, meta a ‘pressão vegetal’ do teu dedo aqui na cruz”.

— Coisas que ainda estão por acontecer em Pato Branco: O *Badico* e o *Neptuno* irem

ao meio-dia para casa; o *Levino* falar ligeiro; o *Zezinho* passar um dia sem tomar um traguinho; o *Orestinho* deixar de ser homem bom; o *Nereu* do *Bingo* não incomodar o mudo; o Dr. *Aderbal* soltar dinheiro aos cor-

retores; não dar palpite no *Nestor* ao ver um violão; o *Moretti* jogar futebol; o *Silveirão* tirar o lenço colorado; o *Yolando* ganhar no dominó; a gente ser atendido ligeiro pelo *Guarda-Chuva*.

Telegrama enviado de Lagoa Vermelha ao diretor do jornal: “Avise urgente Mário e Totonho vg contrato casamento aqui entramos pelo cano pt Regressamos breve pt”. Resposta do diretor: “Também puderas vg você foi de mão abanando e o Dr. José levou como presente para a guria um mico pt Congratulo-me moças gaúchas vg agiram preventivamente pt”.

Em 1967 a *Venenoteca* migrou para o Correio do Sudoeste. Mas a irreverência manteve o padrão: “Ela só era publicada quando tínhamos razão, e agora que continuamos com a razão, mas com o nome do Correio, resolvemos retornar”.

— Dr. Edem convidou o Dr. Hélio para fazer uma caçada e o Dr. Hélio deu a seguinte resposta: Só se formos com a ambulância, para trazermos os pássaros feridos...

— O José Gabriel (açougueiro) levou seu filho para pesar na balança da farmácia e quando o rapaz disse que pesava 50 Kg, perguntou o José: Com osso ou sem?



“A nossa boemia deve muito a *Adir Nichelle* (com acordeão); *Arlindo Gross*, *Joãozinho* (com pandeiro) e *Baru* (garoto à direita)”. (Rudi Bodanese)



Cientific Laboratory Music no “Monumento do Pato”. *Roberto Sartor*, *Tino Barancelli*, *Carlos Pastro*, *Osmar Cardoso* e *Acácio*. Também participavam da banda *Guego Favetti* e *Paulo Venâncio*.

BANHO BOSSA NOVA

— Não é a primeira vez, mas sim a segunda vez, que pedestres nos trazem reclamação contra uma “serviçal doméstica” do edifício Gabriel, que após proceder a lavagem das dependências do prédio, joga a água suja pela janela, já tendo acontecido de molhar completamente um transeunte, que sentiu-se prejudicado. (A Razão, setembro de 1963)

Em edição de outubro, o jornal diz que a mulher “apaixonou-se pela brincadeira e está dando verdadeiros banhos nos transeuntes, banhos ‘bossa nova’, agora é com água limpa e potável”.

CORREIO RUIM

Em 1963 Pato Branco já contava com 122 estabelecimentos industriais, 80 casas comerciais, 4 bancos e 15 repartições públicas. Mas o serviço de correio era péssimo. A Razão afirma que a cidade “não pode continuar indiferente ao marasmo doentio do serviço postal e telegráfico que aqui se verifica”. Em edições posteriores o jornal mantém a investida, imprecando contra o “pior serviço

Postal e Telegráfico do mundo”. E a sede do Correio era “uma pocilga”. A agência recebia diariamente “80 malas postais” e contava com somente sete funcionários. Uma estava de licença, outro em férias e dois haviam sido transferidos. E o aparelho telegráfico “é mais velho que a minha avó, com o perdão da fa-

lecida”. Segundo o jornal, “uma carta postada de Passo Fundo a Pato Branco há mais de 17 dias ainda não chegou ao seu destino”. O Correio também foi alvo de críticas do Grêmio Estudantil Emílio de Menezes.

FOGO NA FÁBRICA DE RESINA

No dia 21 de julho de 1963, a Fábrica de Extração de Resina, de José Cosmos, localizada no Loteamento Encruzilhada, foi destruída pelo fogo. O prejuízo foi de quatro milhões de cruzeiros.

PORCADEIROS

Em 1963 A Razão denunciou o mau-cheiro exalado pelos caminhões porcadeiros, que descarregavam suas cargas no açougue Gabriel, na Avenida Tupi. Segundo a publicação, os caminhões deveriam ser “lavados, desinfetados e calafetados” para evitar o odor, “que causa até mesmo um mal-estar aos comerciantes estabelecidos nas cercanias do açougue”.

LIMPEZA HUMANA

Em décadas recentes correu notícia de “limpeza humana” em Pato Branco. Ven-



Baile caipira no clube Palmeiras, em 1967. Carlinhos, Tite e Valdo.



Uma das formações da banda “Los Cometas”, animadores de baile entre as décadas de 1970 e 1980. Dentre os músicos, Arnoldo Giusti, Milton Linn, Ney Vianna, Ivo, Luiz, Julinho e Xixe.

dedores ambulantes e mendigos teriam sido “varridos” para fora da cidade pelo poder público. Na década de 1960 os jornais já solicitavam medidas similares.

— Voltamos a bater na velha tecla, chamando a quem de direito tome providências no que tange a falsa mendicância em nossa cidade, proporcionando aos forasteiros uma desagradável impressão, não fazendo paralelo como cidade civilizada e dotada de um pujante progresso. (A Razão, agosto de 1963)

LIGA ESPORTIVA SUDOESTE

Entidade ligada à Federação Paranaense de Futebol, foi criada em 1º de agosto de 1963, sob a liderança da rádio Celinauta. Contou inicialmente com nove agremiações: A. A. Juventude, E. C. Operário, Internacional, Colméia, S. E. Palmeiras, Grêmio Willys, 7 de Setembro (Coronel Vivida), Grêmio Mariópolis (Mariópolis) e Planalto F. C. (Vitorino). Para presidir a Liga foi eleito Neptuno Carraro.

SELVAGENS DA URBS

Em março de 1963, A Razão denunciou os “motoristas inescrupulosos” que desrespeitavam a sinalização e manobravam seus veículos sobre calçamentos em construção. “Outro ato, não menos vandálico, é o que vem sofrendo a praça Presidente Vargas, onde elementos idênticos aos acima mencionados, não respeitam o passeio para pedestres e se limitam a fazer atalho por cima dos canteiros, prejudicando grande quantidade de flores selecionadas ali plantadas, numa flagrante demonstração de selvageria, procurando danificar um dos recantos mais belos da nossa ‘urbs’”.

Alguns meses depois, o jornal clama aos poderes públicos municipais a contenção dos infratores do trânsito.

— Menores no volante, excesso de velocidade, inobservância de sinalizações, desrespeito aos pedestres.

As reclamações eram de moradores das ruas Tupi e Guarani. Um caminhão movido

*“Gloriosos anos
60: Saul, Titi e
Heitor, do conjunto
Night and Day e o
garçom Gobatto”.*
(Rudi Bodanese)



RUDI BODANESE

a diesel e outro a gasolina, da empresa *Paraná Dourado & Cia*, estavam convertendo as ruas em pistas automobilísticas, segundo o informativo.

— Outro “ás” do volante e dado a correias, também é o motorista do caminhão PB-15, da firma Gugelmin S/A.

Mas a reclamação era antiga. Em 1959 o jornal O Sudoeste já alertava:

— Motoristas metidos a “pintacuda” e desprovidos de amor à própria vida e a de terceiros, estão tentando transformar nossas avenidas e ruas em verdadeiras pistas de corridas. (...) As buzinas são usadas excessivamente e com elas os motoristas inescrupulosos vão abrindo caminho em desabalada corrida.

CLUBE DE CAÇA E PESCA

Em abril de 1963 o Clube de Caça e Pesca convoca seus associados para uma reunião na sede do Clube 7 de Setembro, “ocasião em que serão tratados assuntos de real importância”.

INDIGENTE NÃO ENTRA

Numa edição de março de 1963, A Razão questiona o alcance do atendimento do hos-

pital público⁽²⁴⁾ de Pato Branco. Segundo o informativo, a entidade recusava-se a acolher indigentes. “No Sudoeste não existe um só hospital para indigentes, mantido pelos poderes públicos”. Uma edição posterior revela que o posto de saúde da cidade estava assistindo 500 indígenas. Mas eles recebiam remédios somente para lepra e tuberculose.

ATAQUE DE CACHORRO LOUCO

Em 13 de junho de 1963 uma garota da família Rampi foi atacada por um “cachorro louco” quando se dirigia à escola. O fato ocorreu entre a ponte do rio Ligeiro e o bar Marina. “Populares intervieram em defesa da menor, mas não conseguiram abater o animal” (A Razão, 1963).

SARAU DANÇANTE

— Sob afinados acordes de Noé e seu Conjunto e a apresentação de um monumental Show artístico, onde destacamos Durval do Canto, Mercedes Dinckunsen e Neide

(24) Devia ser hospital particular que recebia recursos estatais. Ou o “hospital da Polícia”, que havia sido comprado de Graeff pelo governo. Fontes consultadas sobre esse período não citam hospitais públicos.

Ferreira. As danças prolongaram-se até 5 horas da manhã, quando os pares foram saindo, saindo, saindo... (A Razão, 1963)

ESTRADAS E PONTES

Em 1963 o Departamento de Estradas e Rodagem divulgou seus serviços no Sudoeste: “ensaibramento” da estrada Clevelândia - Pato Branco, construção de pontes sobre os rios Verde e Marmeleiro, “alargamento e rebaixe no tópe do Santana no trecho Vitorino - Renascença” e “desvio do morro do Potrilho Morto”, na estrada que conduzia a Barracão.

ANIMAIS NA RUA

— A Rua Guarani, no trecho compreendido da passagem do rio Ligeiro até as proximidades do Bar Marina, principalmente no turno da noite, vê-se infestada de grande quantidade de animais, na sua maioria gado leiteiro, que perambulam à noite, como se não bastasse o grande número de cães vadios, que além de causarem prejuízo oferecem sérios perigos aos transeuntes. (A Razão, 1963)

CLUBE COM BAR BOSSA NOVA

Em 1963 foi inaugurado o *Clube de Cam-po Araucária*.

— Está definitivamente incorporado ao gosto dos pato-branquenses, principalmente ao nosso mundo social da Capital do Sudoeste, o audacioso empreendimento do incorporador Dr. Dirceu Vieira Fagundes. Para gáudio da sociedade local e de municípios vizinhos, é com satisfação que tornamos público o início da entrega de títulos para Sócios Proprietários. (A Razão)

A publicidade divulgava a instalação de “três piscinas modernas, obedecendo todos os requisitos de higiene (...) revestidas de pastilhas luminosas”, além de quadras esportivas, “boite” e “bar bossa nova”. Na mesma edição, o jornal informa a construção de um “extraordinário silo para cereais” e de uma “fábrica de extração de resina”.

INDÚSTRIA DE ÓLEOS

A *Indústria de Óleos Sudoeste*, ou *Iossa*, foi fundada em 1965, no Bairro Bortot. Os sócios eram Ayrton S. Pitta, Neptuno Car-

raro, Alceu B. Ribas, Alfonso F. Kleinmaler, Francisco Gabriel Netto, Astério Rigon, Adelmino Graffete, Leopoldo Veller, Alberto Nesello, Vitelio Parzianello, Ezídio Chiochetta, Francisco Libardoni, João Zacarias Rotta, Ângelo A. Dagios, Orestes Pagliosa, José Cantu e Belmiro Michelin.

COPASA

No final de 1963 foi instalado na Encruzilhada um armazém da *Companhia Estadual de Armazéns Gerais - COPASA*. Contava com “máquina de limpeza e classificação de cereais, cinco câmaras de expurgo, um secador rotativo, fornalha, balanças automáticas e máquinas de costura” (A Razão). A capacidade de armazenagem era de 83 mil sacas. Naquele ano armazenou todo o trigo comprado no município pelo Banco do Brasil.

MERETRÍCIO INCÔMODO

Em abril de 1963 a S. C. Internacional lamenta a instalação de “um foco de prostituição” nas proximidades do Clube Colorado. Segundo A Razão, o meretrício localizava-se “a dois metros do perímetro urbano, um flagrante desrespeito a centenas de famílias que residem nas proximidades, não bastassem as centenas de estudantes de ambos os sexos e de todas as idades, que todos os dias presenciavam a passagem das ‘mariposas’ ostentando trajes que lhes são peculiares e o vai vem de malandrinhos notívagos, possuidores de um sem-número de piadinhas da gíria noturna que os caracteriza”. O local era frequentado por “uma centena de escravas brancas, na sua maioria menores de idade, entregues ao vício da embriaguez profissional”.

Em junho do mesmo ano o jornal voltou à ofensiva, afirmando que a “zona do meretrício” era um “verdadeiro câncer que cresce assustadoramente dentro do limite urbano”. E voltou a citar as *mariposas*, frequentadoras da “Boite Danúbio Azul”, que estava registrada em nome de Maria Cabeça — “mercadora de escravas brancas, legítima escaradeira do meretrício” — mas de propriedade



INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THÉOPHILO PETRYCOSKI

Estudantes do Colégio Vicentino de Pato Branco excursionam em Foz do Iguaçu na década de 1960.



Acima, caixa d'água da Sanepar. Em primeiro plano, sede do Clube Pinheiros.

legítima do “Caftein Leopoldo”.

Essa batalha d’A Razão durou meses. Em quase todas as edições havia uma nota desabonando o serviço das prostitutas. Chegou a propor às autoridades mudar o endereço do meretrício, “privando desta feita as famílias, crianças, corpo docente dos educandários, religiosas, presenciarem o ‘trottoir’ diário de elementos que habitam aquela área reservada, o quadro negro de Pato Branco”.

A coluna Venenoteca alfinetava:

— Soltaram uns boletins convidando o “morceguedo” todo para assistirem um grande “show” na boate da “maria cachola”, uma verdadeira pouca vergonha.

Uma das maiores preocupações do redator d’A Razão era a “zona do meretrício” encontrar-se a 930 metros do “maior e mais belo dos Templos Religiosos do Paraná”.

A prostituição vinha incomodando a imprensa havia anos. Em janeiro de 1960, o jornal O Sudoeste noticiou que o “indivíduo conhecido por Osvaldo” chamou a atenção do delegado, Walter Fedozzi, que mandou funcionários seguirem-no “em seus mínimos passos”. As investigações demonstraram que ele “andava gastando dinheiro a rôdo e libando na zona de meretrício, bares e cafês, além de suas posses”. Osvaldo foi preso, submetido a serrado interrogatório e confessou o

furto de 25 mil cruzeiros.

Em carta publicada no dia 28 de julho de 1963, o prefeito Ivo Thomazoni esquivou-se da responsabilidade, informando estar o meretrício “vinculado à Delegacia de Polícia”. Mas afirmou que era favorável ao “fechamento dessas espeluncas”. Em dezembro daquele ano, a Câmara Municipal decretou a mudança do meretrício para fora da cidade, ficando a Associação Pato-Branquense de Estudantes Secundários – APES responsável por determinar onde ele seria localizado!

— Devendo os responsáveis pelo rendoso negócio, mudarem suas “arapucas” para além do Cemitério Municipal. (A Razão)

O local foi definido em 3.300 metros além do perímetro urbano.

ÁGUA TRATADA

Em 26 de junho de 1968 a Companhia de Água e Esgoto de Pato Branco (“Água Branca”) fechou contrato com a Construções Civis Ltda - CONCISA, de Curitiba, para a realização de obras visando o abastecimento de água da cidade, “figurando como interveniente a Companhia de Saneamento do Paraná – Sanepar” (Correio do Sudoeste, 1968). Metade da obra seria paga pela Prefeitura, outros 50% pela Sanepar e pelo Fisane,

órgão federal. A estação de tratamento e o “reservatório semi-enterrado” seriam instalados “junto à torre da Telepar”. A água seria fornecida pelo rio Ligeiro, com captação no Bairro Bertol.

CARNET SOCIAL

— Grandioso carnet social será desenvolvido a partir do mês entrante pela diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras (...) que vem de contratar três grandiosas orquestras de fama internacional, para a realização dos seguintes saraus dançantes: Dia 20 de abril, baile com a orquestra de Duval do Canto. Dia 28 de maio, baile com a orquestra Alegrias de Espanha. Dia 22 de agosto, baile com a orquestra de Tobias Troise. (A Razão, 1963)

CAPITAL DO SUDOESTE

Um editorial do jornal A Razão (1963) denomina Pato Branco “Capital do Sudoeste”. Segundo o informativo, o município apresentava um “progresso vertiginoso”. A cidade contava com 1 jornal, 1 revista mensal (“Terra Mater”), 1 rádio emissora, 3 rádio amadoras, 2 cursos ginasiais, 1 curso noturno, 1 escola normal, 1 curso comercial, 1 curso de contabilidade, 104 grupos escolares, 1 escola de datilografia, 1 curso particular de inglês, 3 hospitais, 1 posto de puericultura, 1 posto de saúde, 1 casa rural, 1.146 estudantes, mais de 600 estabelecimentos comerciais, 4 clubes esportivos e 1 parque industrial com algumas dezenas de indústrias. Havia 8 médicos, 18 advogados, 4 engenheiros e 4 dentistas. Na área religiosa, além de vários templos católicos, 1 metodista, 1 adventista, 1 luterano e 1 da Assembleia de Deus. A “central telefônica automática” conectava 200 aparelhos. Nessa época, a madeira ainda era o principal produto regional. “Reside no comércio do pinho a base propulsora de Pato Branco”. Havia 2 moinhos “de grande capacidade”, 1 silo para 24 mil toneladas em construção e 1 pequeno frigorífico. A cidade contava com 6 hotéis, 9 pensões, 2 restaurantes, 9 churrascarias, 3 clubes de bolão, 1 concessionária Willys

e “oito postos de gasolina com borracharia, lavagem e lubrificação”. A arrecadação municipal, de Cr\$ 72,96 milhões em 1961, passou para Cr\$ 200 milhões em 1963. A maior novidade da cidade era a iluminação da Praça Presidente Vargas. “Trata-se de 15 conjuntos de lâmpadas a vapor de mercúrio, de 150 watts. (...) Cada lâmpada (...) dará uma luminosidade de 750 watts”.

“ESCÂNDALO NA CÂMARA DE VEREADORES”

Com esta manchete, de 25 de dezembro de 1963, assinada por Jacinto Simões, *A Razão* denuncia o Legislativo por aprovar um requerimento do Banco do Brasil solicitando a isenção de impostos na aquisição de um terreno da empresa A. Detoni & Irmãos, visando a instalação da sede do banco. O jornal pede ao prefeito que vete o requerimento, contra a decisão da Câmara, “uma insensatez que ficará nos anais do Poder Legislativo de Pato Branco como uma autêntica asneira”. Em edição posterior o jornal publicou uma defesa assinada pelo vice-presidente da Câmara, Germano Corona. Ele cita várias iniciativas municipais isentando de impostos a aquisição de terrenos por entidades públicas e de sociedade mista, que viriam beneficiar a população de Pato Branco. Entre elas, CO-TRING, COPEL e COPASA.

— O que diria o nobre colunista se o vizinho município de Francisco Beltrão se dispusesse em não apenas isentar de impostos, mas também em doar um terreno para que tal estabelecimento se transferisse para aquele município? (Germano Corona)

Apesar dessas alegações, o prefeito vetou o requerimento. Em janeiro de 1964, o mesmo jornal publicou a manchete:

— Repete-se o escândalo na Câmara de Vereadores de Pato Branco.

O texto respectivo é uma nota do vereador Artimedes Gobatto, denunciando a publicação de uma nota explicativa sobre a questão do Banco do Brasil no jornal *O Iguçu*. A matéria teria sido paga com dinheiro da Câmara, em nome dos vereadores Germano Co-

rona e Fernandes Varaschin. Gobatto argumenta que tratava-se de uma “defesa pessoal de ambos e de finalidades políticas, tentando por aqueles meios torcer os fatos”.

CALABOUÇO MEDIEVAL

Em fevereiro de 1964 *A Razão* denuncia as precárias condições dos presos no “calabouço medieval”, representado pela Cadeia Pública.

— Vinte e sete presos amontoados num cubículo de 10 camas, alheios ao menor princípio de higiene.

PARQUE DE EXPLORAÇÕES

Duas semanas após sua instalação na cidade de Pato Branco, um parque de diversões foi denominado parque de “Explorações” pelo jornal *A Razão*. “Uma verdadeira leva de incautos vem sendo esbulhada ante a picardia de uma trupe de malandros”. O informativo também denunciou o barulho produzido pelos alto-falantes do parque, o que causava grande incômodo à população.

UM CEMITÉRIO BEM VENTILADO

O jornal *A Razão* mostrava-se preocupado com a superpopulação do cemitério municipal. Com o crescimento da cidade, em breve seria necessário instalar outro! Deveria ser localizado em local com “insolação, ventilação, filtração para um rio a jusante da cidade. (...) E como sempre recomendaram nossos pais, à vista de quem passa na estrada, para nos trazer à realidade, e lhe oferecermos uma pequena oração”.

O PRIMEIRO PILOTO DE AVIÃO

Na década de 1960, Pato Branco já estava acostumada com sobrevoos de aviões. Mas a aquisição de um Cessna Skylane pela família Guerra configurou um traço ousado no projeto de desenvolvimento da cidade. Lydio Guerra passou a fazer serviços de táxi aéreo na região. Após dois meses nessa atividade,

ACEPB

A Associação Empresarial de Pato Branco - ACEPB foi fundada em 20 de fevereiro de 1960. Entre outros benefícios, ela proporcionou a Pato Branco o exame *psicotécnico* para obtenção da carteira de motorista. Até então, os candidatos a motoristas iam a Guarapuava fazer o teste. Também viabilizou a implantação de agências da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil, multiplicando as possibilidades de empréstimos e investimentos no município. A ACEPB também organizou a I Feira da Indústria e Comércio de Pato Branco, em dezembro de 1977. A instalação de escritórios regionais do Sesi e do SEBRAE também foram batalhas da Associação Empresarial. Constam entre suas conquistas a implantação do INSS, da regional da Delegacia da Fazenda Estadual e do Instituto de Identificação. A Associação também teve participação ativa na construção do campus da UTFPR e na criação da Exposição Feira Agropecuária de Pato Branco - EXPOPATO. E contribuiu na implantação de associações comerciais nos municípios vizinhos.

no dia 28 de agosto de 1967 a comunidade foi abalada com a notícia da queda da aeronave.

O acidente ocorreu na localidade de Coronel Martins, Santa Catarina. Lydio seguia de Porto Alegre a Pato Branco, com escala em Erechim. Com ele seguia o amigo Almeris Schiavenin, também vitimado. Técnicos relacionaram o sinistro ao mau tempo. No local da queda, a família Guerra construiu uma capela.

O terminal de passageiros do aeroporto de Pato Branco tem o nome de Lydio Guerra. Ele é considerado o primeiro piloto aéreo de Pato Branco.

PROGRAMA DE CALOUROS DÁ LOTES

No programa “Calouros em Desfile”, da Rádio Celinauta (1963), houve apresentação de “muita música, testes, brincadeiras e uma farta distribuição de brindes”. A empresa patrocinadora, responsável pelo Loteamento Encruzilhada, premiou com um lote Isaura Secco Paulassi, mãe de 15 filhos.



INSTITUTOS PRODUÇÃO GUERRA/THÉOPHILE PETRYCOSKI

Eleci Luvison, Miss Pato Branco 1972, desfila nas comemorações de 7 de setembro, sobre o capô de um Dodge Dart. À esquerda, Grande Hotel. À direita, Supermercado Libardoni.

FABRICANTES DE BATERIAS

O maior volume de migrantes gaúchos chegou ao Sudoeste entre as décadas de 1940 e 1950. Mas nos anos 1960 ainda havia um fluxo considerável de novas famílias do Sul. Um exemplo é a família Dalla Vecchia.

Baptista Dalla Vecchia e Rosina Bagatini casaram-se em Encantado-RS. Ele era filho de Pedro e Pascoalina Dalla Vecchia. Ela, filha de Clementina Sangali e Luis Bagatini. Trabalhavam com lavoura e uma olaria de tijolos. Na busca de melhores condições para seus filhos — Darci Antônio, Dirce, Inês, Agenor, Darci Antônio⁽²⁵⁾, Hélio, Geracilde, Pedro, Nelson e Margarete — Baptista e Rosina venderam sua propriedade e seguiram para Pato Branco.

— Éramos muitas pessoas, e o pai pensou no futuro — diz Geracilde (2019). — Aqui era tudo novo, agricultura, terras novas.

Começaram trabalhando com verduras e parreiral, numa chácara no atual Bairro Bonatto.

— A gente tinha de tudo pra vender lá. Atendia os hotéis, churrascarias. Entregáva-

mos as cestas de frutas e verduras nas casas. Meu pai ia entregar de carroça, uva, tempero, verdura, hortaliças. Também trabalhava com vacas de leite. Vendíamos 70 a 80 litros por dia. Depois perdemos a mãe e tínhamos que trabalhar, mesmo sendo crianças.

Geracilde levantava às 5 h da manhã para lavar as roupas dos mais novos, depois ia trabalhar no escritório de contabilidade de Alfredo Pozza. Nas horas de folga saía procurar emprego para os meninos.

— Botei o Nelson com oito anos aprender de eletricitista com o Orlando Berton.

— Eu era assim, piazinho — diz Nelson (2019). — Depois saí e fui com o Plácido Denegri, trabalhei mais uns seis meses. Eu era um piá muito ligeiro, aí o Hélio Burin falou, “Quer trabalhar comigo?” Ele era dono da Eletroeste, hoje Patoeste. E foi com o Burin que aprendi a enrolar motor elétrico.

Para garantir o sustento dos irmãos mais

(25) O primeiro filho morreu criança, de meningite. Em sua homenagem, Baptista e Rosina deram o mesmo nome ao seu quinto filho.

novos, em 1977 Geracilde organizou para eles a *Auto-Elétrica Dalla Vecchia*. No início reformavam baterias e produziam bobinas para motores elétricos. A maior cliente era a empresa que fazia o asfaltamento entre Pato Branco a Francisco Beltrão, da qual conservavam motores de britadores.

— Tinha motor elétrico de serra, moimho, laminadora — conta Geracilde. Ela ajudava a enrolar bobinas dos motores com fios de cobre. — Vinham de Palmas, Clevelândia, Itapejara.

Os Dalla Vecchia também montaram uma fábrica de baterias. Mas funcionou somente três anos, devido a dificuldades burocráticas.

GRUPOS ESCOTEIROS

O mais antigo grupo de escoteiros de Pato Branco é o Coroados. A denominação homenageia uma das tribos indígenas que habitavam a região de Guarapuava.

Durante muitos anos os escoteiros ouviam, nas aulas iniciais, que o grupo formara-se em 1964. A sede dos escoteiros havia sofrido um incêndio, e muitos registros e atas haviam-se perdido. Mas em 2013 a chefia recebeu um cartão de aniversário, encaminhado pela União dos Escoteiros do Brasil, indicando que a fundação era de 1959.

— Foi numa conversa que tive com uma senhora chamada Ema Bordignon que as coisas começaram a se esclarecer — conta o advogado João Paulo Frai (2020), “auxiliar de mestre pioneiro” dos Coroados. — Ela disse que na década de 1960 foi chefe da alcateia, que é formada por crianças de seis a dez anos e meio. Ema nos indicou seu irmão, João Bordignon, que participou da primeira tropa de escoteiros de Pato Branco. Segundo ele, o Coroados foi criado em 30 de julho de 1960.

BANCOS EM 1960

Em meados da década de 1960 Pato Branco contava com Banco do Brasil, Banestado, Banco Mercantil e Industrial do Paraná, Banco Comercial do Paraná e Banco Nacional do Comércio.

— Nos acampamentos, que geralmente tinham início no sábado à partir das 13 h 00 min e aconteciam, na maior parte das vezes, na chamada *Mata do Flarão* (propriedade dos Fraron, no atual Parque de Exposições), éramos sempre vítimas dos mais velhos. Nos sentíamos bravos guerreiros e dormíamos com saudades de casa. Na barraca, esvaziar latas de leite condensado e pacotes de bolacha. Campeonato de peidos e de bravatas... Ao redor da fogueira, declamar poemas, narrar causos históricos, cantar e contar piadas. Enaltecer os heróis da Pátria... Chorar e sorrir, sentindo-se integrado à Natureza. Montando guarda de madrugada, enxergar uma assombração atrás de cada árvore retorcida. Tomar banho de rio, improvisar cozinha, fogão, despensa. (...) O lirismo das madrugadas de inverno, quando o frio deixava o chão branco após mais uma geada, e nos exercitávamos com galhardia, sem medo da vida que se descortinava. (Eduardo Waack, sem data)

O fundador tinha sobrenome Tatin. As reuniões aconteciam no porão de sua casa.

Em artigo no *Correio do Sudoeste*, em julho de 1968, Bordignon e J. Zuse conclamam a população a apoiar o grupo. Segundo eles, os escoteiros necessitavam de uma sede para guardar materiais e havia falta de dinheiro para “adestrar nossos chefes”.

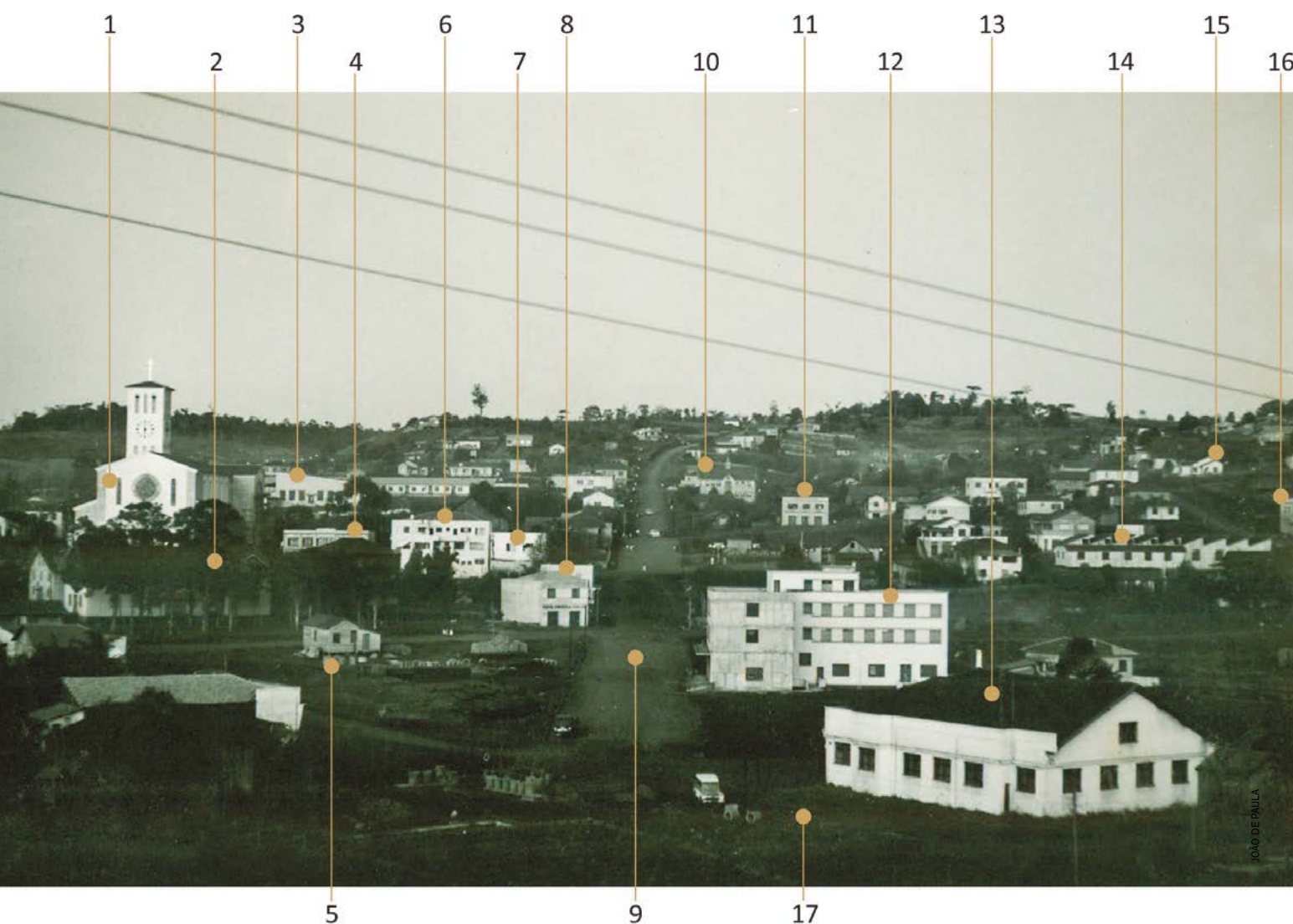
— Havia muitos jogos, mas eram disputas saudáveis. A gente aprendia ética, respeito aos colegas. (Paulo Ricardo Pozzolo, 2020, escoteiro na década de 1970)

O grupo é formado pela alcateia, a tropa escoteira, os seniores e os pioneiros. Desenvolvem trabalhos na área ambiental, com plantio de árvores e jornadas visando a conscientização ambiental. Participam de atividades nas comunidades rurais, executando caminhadas e exercícios de localização. Depois montam barracas e pernoitam na mata. Os escoteiros também fazem coleta de lixo me-

dicamentoso e promovem a conscientização sobre o descarte.

— No início trabalhamos com o lúdico, com o aprendizado das práticas manuais — diz Frai. — Depois o pensamento deles é direcionado para a aventura, começam a desenvolver o sentido de autonomia, de encontrar caminhos. E finalmente vem uma perspectiva mais voltada para a sociedade, de encontrar um projeto de vida. O escoteiro vai se iniciar no mercado de trabalho, vai começar uma faculdade. Continua fazendo acampamento, caminhada, descer o rio, mas o foco já é diferente. A ideia é formar um cidadão que seja útil à sociedade. Que seja um bom trabalhador, uma pessoa reta de caráter, que cumpra seus compromissos.

Os escoteiros fazem visitas a instituições sociais, como ao Lar dos Idosos, o que proporciona o convívio com pessoas de outras idades, exercitando a tolerância e a paciên-



Centro de Pato Branco em 1965, segundo João de Paula.

- 1 – Igreja de São Pedro.
- 2 – Pavilhões de São Pedro.
- 3 – Colégio Agostinho Pereira.
- 4 – Prédio de Juvenal Cardoso, onde funcionava a Prefeitura.
- 5 – Centro Telefônico Municipal.
- 6 – Prédio de Antônio Detoni Sbr.
- 7 – Posto Esso.
- 8 – Prédio família José Burin.
- 9 – Rua Arariboia.
- 10 – Colégio N. S. das Graças.
- 11 – Edifício família Thomé.
- 12 – Luz Hotel.
- 13 – Sociedade Esp. Palmeiras.
- 14 – Oficina Motor Diesel.
- 15 – Igreja Metodista.
- 16 – Prédio da família Ferrazza.
- 17 – Rua Pedro Ramires de Mello.

cia. Eles encabeçaram uma campanha de arrecadação de material de higiene, alimentos e fraldas para os idosos.

O grupo tem cerca de 50 crianças e 12 adultos. É mantido pelas mensalidades dos participantes. Mas o trabalho dos chefes é voluntário. A unidade superior é a Assembleia de Grupo, composta pelos pais. E a prestação de contas é dirigida a eles.

O grupo Coroados é reconhecido de utilidade pública municipal desde 1974. A sede localiza-se no Parque de Exposições de Pato Branco. O presidente atual é Artêmio Lasta. O diretor técnico é Rafael Francis.

GRUPO PRIMAVERA

Formou-se há 15 anos, como dissidência do Coroados. O uniforme dos dois grupos é o mesmo. A diferença está no lenço. O do Primavera é verde, com as listas brancas e grená. O Coroados tem lenço verde e amarelo. O presidente do Primavera é Celito Zé Maria, conhecido como *Baiú*.

GRUPO UCRANIANO

A comunidade católica ucraniana fundou sua turma de escoteiros em 14 de dezembro de 2019. Chama-se *Grupo Escoteiro Padre Nivaldo Koslinski* — homenagem ao filho de Olga e Gregório Koslinski, que atuava na comunidade de Alto Paraíso.

Na formação deste grupo de escoteiros participaram Carlos Henrique Correia, Elisabeth Ostapiv, Lidia Pysklevitz, Andréa Macario Barros, Izabel Cristina Barros, Fernando Roberto Alves, Juraci Rauta, Clóvis Tenczna, Salete Tenczna, Padre Sandro Dobkowski, Bruno Melo de Souza e Rhuan Lopes Assis. Eles foram orientados pelos chefes Neilor Marques, Cristina Fulgêncio da Silva, Daniel Ribeiro de Souza e Anannda Mazurana Colela.

— A ideia é dar à juventude ucraniana um espaço para formar laços e preservar a sua cultura para que, no futuro, a comunidade mantenha sua identidade ucraniana em Pato Branco. (Carlos Henrique, 2020)



Escoteiros de Pato Branco, década de 1960.

REVEILLON EM SETEMBRO

No original francês, a palavra *reveillon* significa *despertar*. A tradição define *reveillon* como “festa de passagem de ano”. Mas o Lions Club de Pato Branco chamou a orquestra Las Marimbas para abrilhantar o *reveillon* no dia 28 de setembro de 1963, nos salões de festa do S. C. Internacional. Neptuno Carraro e Moacyr Martins foram incumbidos da contratação.

ESTRADAS INTRANSITÁVEIS

O asfaltamento entre Pato Branco e a BR-277, passando por Coronel Vivida e Candói, foi concluído em 1969. Em 1976 foi asfaltada a estrada entre Pato Branco e Francisco Beltrão.

Mesmo após a pavimentação das rodovias que ligavam Pato Branco às cidades vizinhas, no interior do município as estradas ficavam intransitáveis em tempos chuvosos.

— Da Vila Bonita pra cá (Sede Dom Carlos) era puro banhado. Ali onde começa o chato, tinha uns cem metros de água. Tinha que embalar, ou o caminhão ficava atolado, o diferencial fazia uma verga ali no meio! Com

barro você não ia pra cidade. Empastava, engrossava, trancava tudo! Na cidade, antes de chegar no trevo da faculdade, aquela subida era um sabão! Descia de lá e quando via, você rodopiava e seja lá o que Deus quiser! (Fiorelo Cecchin, 2019)

LIBANESES IRREVERENTES

Uma lei municipal de junho de 1955 determinava o fechamento das lojas a partir do meio-dia de sábado. Em diversas edições de 1964, A Razão reclama dos comerciantes de origem libanesa, que estavam descumprindo a norma. Dentre outras lojas de árabes, havia a Casa Omairi, de Ahmed A. Omairi — “Roupas feitas, armarinhos, meias, bolsas, guarda-chuvas, etc”, a “Casa Libaneza”, de Edine & Cia Ltda e a “Casa Comercial”, de Ali Mohamed Bou Mourão.

CONSTANTE

Constantino da Silva é filho de Justino Pereira da Silva e Paulina Egídia Machado. Nasceu em 1937, em Bento Gonçalves-RS. Nessa cidade conheceu Inês Maria Zanata.

— Nós se engatilhámos e casamos em 1956 — diz Constantino (2020). — Foi ela que me educou!

A linguagem peculiar é uma das características mais marcantes de Constantino, somada ao entusiasmo com que fala de sua atividade profissional. Após soltar uma frase singular ou trocadilho, exclama, risonho: “Ah, ah! Eu me odeio!”.

Trabalhou dos 14 aos 31 anos numa tanoaria de Bento Gonçalves.

— Eu era disputado pra fazer os trabalhos. Porque estava sempre tentando melhorar. Deus te dá inteligência, mas a sabedoria tem que ser tua. Deus me deu as máquinas, e agora eu tenho que cumprir com a minha tarefa!

Em 1968, Vitório Piassa, tio de Maria Inês, foi a Bento Gonçalves e disse ao jovem tanoeiro:

— Constante, tu vai lá em Pato Branco, tem muita gente que tem parreira. Tu vai lá e monta uma fábrica de barricas.

Vitório forneceu a estrutura inicial, que permitiu a Constantino instalar a *Tanoaria Pato Branco*.

— Ele disse que aqui corria leite e mel. Cheguei aqui, tinha leite e mel, mas também tinha pinga, vinho, queijo! Mas chegamos igual rato de igreja, não havia o que comer. Aí fomos morar na serraria dos Piassa. O Vitório nos deu terra pra plantar, deu uma vaca pra criar. A Inês tirava leite, fazia queijo. Ele também emprestou uma porca prenha. Pariu oito, devolvi a porca e fiquei com os porquinhos. A mulher ia pra roça, plantava abóbora, moranga, milho. E eu ia fazer barrica!

Na concepção de Constantino, o cidadão deve aprender todo o processo de fabricação dos alimentos e tornar-se capaz de auto-sustentar-se. Ele fabricava as barricas, mas também sabia fazer um bom vinho. Fazia, inclusive, máquinas para moer a uva. Fabricava gamelas para temperar a carne, mas também tinha boas técnicas de tempero.

— Quando cheguei aqui, pegava a uva, moía, fazia vinho rosé, bordô. Aí tu sente o sabor, que tu ta com as tuas forças. Pra começar a fazer uma pipa, pega a prancha, a tábua, tem que ver como corta, como tu aproveita,

como tu risca, como tu serra. Mas não adianta só ensinar o peão como faz a pipa. Tem que ensinar pra que ele faça a pipa e saiba usar. A pinga, se você tomar como saiu do alambique, não é boa. Porque ela ta com o genebre do alambique. Tu deixa dentro da barrica, o genebre é mais pesado e vai pro fundo. Com o vinho é a mesma coisa! Deixa na barrica, ele vai limpando. Até o vinagre, pra ser bom, tem que ser feito com um bom vinho. Se botar ácido acético, não presta. Eu fazia vinho de maçã pra fazer o vinagre, aprendi lá em Palmas. Perguntavam, “Onde foi que você comprou esse vinagre tão bom?”. Respondiam, “Comprei no pipeiro!”.

Aos 83 anos, Constante — assim ele chama a si próprio — diz que consome uma média de 50 garrafas de vinho ao ano. Também gosta de tomar cachaça de frutas, de produção própria.

Em sua oficina, ele cultivava dois ninhos de abelhas jataí. O mel é utilizado para adoçar a aguardente de frutas. Uma delas possui uma receita especial para insuficiência hormonal masculina.

— Tu bota uma pinga na casca da catuaba e arapuama, depois tu bota o mel da jataí, deixa um ano. A pinga pega a força da fruta. Tu toma, fica a noite inteira e a casa não desmorona!

A madeira para a fabricação das barricas também deve ser selecionada. Constantino usa cabriúva, canafistula, jatobá, jequitibá, ipê. Mas a melhor é a grápia.

— É uma madeira que pode envelhecer, continua firme, não desmente. Barrica com madeira mole, a pinga evapora. Carvalho europeu, tu enche cem litros, quando vai tirar a cachaça, tem oitenta.

O pipeiro armazena madeiras e outras quinquilharias em barracões construídos com restos de carrocerias de caminhão.

— Quando cheguei aqui, pegava caminhão velho, usava o ferro e a madeira, não desperdiçava. Do eixo dianteiro fazia uma carroça. As carretas que fiz ainda circulam por aí. Pegava a ponteira, cortava pra fazer o cavalete da carroça. Sempre aproveitei as coisas encalhadas. Ficava doente vendo as

pessoas usando madeira boa pra lenha. Os pranchões que usei pra construir estes barracões são de carroceria. Dá pra ver a tinta.

Os aros de metal que sustentam as barricas são moldados numa máquina chamada acalanta. A soldagem é feita pelo próprio tanoeiro.

— Também uso esta bigorna. Comprei do Henrique Krüger. Disse que trouxe da Itália. Usavam pra fazer espadas, naqueles tempos das guerras. Acredite quem quiser! O Krüger era ferreiro. Quando ele faltou, fiquei com o equipamento.

As barricas grandes fabricadas por Constante recebem uma camada interna de cera de abelhas. Na finalização, coloca dentro uma lata com brasas, para derreter a cera.

— Antes usava parafina, mas ela tem petróleo! A cera de abelhas não muda o sabor.

As barricas grandes dispõem de uma porta, que permite a limpeza quando acaba o vinho. Após lavar, torna a encerar.

— Uma barrica, pra ter um vinho bom, tem que cuidar como se fosse uma criança. Você deixa a uva no bagaço oito dias. Depois põe na barrica, enche bem, pra não dar problema de acidez. Deixa descansando, vai



Em 2018, o tanoeiro Constantino Silva (à direita) e o comerciante Olindo Slonski.

limpando. Isso vai até o fim de agosto, quando termina o inverno.

Constante não abre mão dos benefícios da tecnologia, mas despreza o frenesi moderno pelos resultados imediatos.

— Hoje, com o plástico, a madeira ta ficando pra trás. O pessoal quer as coisas mais rápidas, mais fáceis. Fazem o vinho, com noventa dias tão vendendo. Colocam filtro pra limpar, mas o filtro tira o sabor do vinho!

Nos primeiros tempos ele vergava a madeira até ela tomar a forma da barrica. Agora faz molde e serra as tábuas, todas no mesmo formato. Além da pipa, ele fabrica o *quinaço*, um barril com formato de tronco de cone.

— O barril de cem litros chamo de barrica. De duzentos é bordalesa. Também tem o tonel, que é maior. Montei um tonel pra um prefeito de Ivaiporã, Renato Crocetta, pra cento e dez mil litros. Cinco metros de altura. Ele tinha lá uma fábrica de cachaça chamada *Sono Tranquilo*.

Abusando de seu estilo verbal, Constantino encerra sua narrativa com uma frase solene.

— Se tem um velho feliz sou eu, porque quando bater com as botas, vou deixar um testemunho da verdade!

O MILAGRE VEIO DO CÉU

João Maria Alves de Paula nasceu em São José do Ouro-RS, em 1935. É filho de Virgílio Alvez Palhano e Maximina Maria de Paula.

— Quando era criança, estava pra morrer. O que me salvou foi uma pajelança. Fizeram um panelão cheio de água e ervas, me jogaram lá dentro. Depois me tiraram e cobriram com cobertores. Foi aí que comecei a melhorar. (João de Paula, 2020)

Criou-se plantando milho e trigo e cuidando de gado. Também auxiliava o pai no corte de erva-mate e na criação de abelhas. Foi auxiliar de bodegueiro em São João do Ouro e professor em Cacique Doble-RS. A vida começou a melhorar quando entrou no exército, em Vacaria-RS.

— Felizmente fui, porque lá aprendi a fo-

João de Paula com suas máquinas analógicas, em 2020. Ele não quis adaptar-se às máquinas digitais. Usa o computador somente para produzir seus textos.

tografar. Tinha um colega de farda que andava por lá com uma máquina. Eu nunca tinha visto uma. Eu era um caboclinho do mato, da grota. Mas no exército me dei muito bem, porque eu era pobre, e pobre tem mais resistência pra tudo.

Um oficial disse que se João Maria ficasse no quartel, elevava-o a cabo sem fazer concurso. Mas o soldado concluiu que iria passar a vida recebendo ordens, mesmo que alcançasse o posto de general. Saiu do quartel e fez curso de fotógrafo por correspondência. Começou trabalhando em Dois Vizinhos, mas não obteve sucesso e voltou à sua cidade. Casou-se com Rita Baggio e em 1965 mudou-se com ela para Pato Branco. Montaram um estúdio junto à praça Presidente Vargas. Após receber instruções sobre a utilização da máquina, Rita passou a auxiliar o marido nos trabalhos fotográficos. Mas o serviço ia mal, devido ao reduzido tamanho da cidade e à concorrência. Nessa época já atuavam na cidade os fotógrafos Erno Bloss, Nelson Colla, José Zanella, Nevio Matté e os irmãos Elísio, Luiz e Ilva Luz.

Numa manhã fria, dia 21 de agosto de 1965, João levantou às 6 h da manhã, acendeu o fogão a lenha, e enquanto preparava o café pensava em vender seu equipamento para custear as despesas da casa.

— E a minha ajuda veio, literalmente, do céu. Quando abri a janela, olhei lá fora, tinha um lençol branco, e neve caindo. Coisa que eu não tinha visto nem no Rio Grande. Eu estava saindo de casa pra fotografar e apareceu um padre pedindo pra eu regular sua máquina. Ele estranhou, porque regulei pra dia claro, mas o céu estava tapado. Falei que o branco da neve produzia luz como se tivesse um sol forte.

E passou o dia todo batendo fotografias.

— Era gente fazendo boneco de neve, piada fazendo guerra de neve. Fizeram até um



pato de neve na frente da Matriz. À noite fui pro laboratório, sequei os filmes em álcool, revelei as fotografias, coloquei numa caixa e desci no bar. Tinha bastante gente, todo mundo ainda eufórico com a neve, e ali vendi todas as fotografias. Revelei mais e mais, vendi pra gente daqui e de fora. Vendi caixas e caixas de fotografias. Creio que não ficou uma família de Pato Branco sem comprar uma foto minha. Aí fiquei conhecido e nunca

MELÍPONAS

Em seu quintal, no Bairro Fraron, João de Paula cultiva abelhas nativas, cientificamente conhecidas por *meliponídeos*, ou *melíponas*. São abelhas sem ferrão, naturais do Brasil e abundantes nas matas do Paraná. João possui mais de 80 ninhos, das espécies mandassaia, guaraipo, manduri, plebeia emerina, plebeia remota, irai, manduri, jataí e tubuna. Em 2015 ele publicou o livro “Uma Viagem ao Mundo Maravilhoso das Abelhas”. Seus textos e fotografias exaltam o trabalho das abelhas nativas. Para evitar o ataque das moscas nos ninhos, ele inventou um sistema formado por um labirinto, no qual as moscas se perdem. A descrição do dispositivo foi publicada em duas revistas e o projeto foi roubado. Desde então, armadilhas de moscas com labirinto vêm sendo reproduzidas em escala industrial, segundo o fotógrafo/apicultor.

Dentre outras obras fotográficas, João de Paula publicou uma série numa revista da Itália, respectiva ao ciclo reprodutivo do sabiá laranjeira: construção do ninho, ovos e filhotes.

mais me faltou serviço.

Após a nevasca, João de Paula foi convidado a trabalhar para a polícia de Pato Branco. Era chamado a registrar as cenas dos crimes ocorridos nas colônias.

Além de produzir imagens para revistas e jornais, ele dedicou-se à produção de fotografias artísticas. Obteve prêmios nacionais e também no Chile, República Checa, China, Alemanha e Costa Rica. Publicou fotografias em capas de várias revistas de alcance nacional, como a Fotoarte, de São Paulo. Publicou inclusive numa revista da Itália.

CLUBE PINHEIROS

No início de 1972 alguns cidadãos de Pato Branco estavam preocupados com as contendas políticas e futebolísticas da cida-

de. Com o objetivo de construir um clube que abrigasse as várias tendências de forma pacífica, reuniram-se Remo Longo — diretor do Banco do Brasil — Ildefonso Amoedo Canto, Oliden Rotava, Luiz Carlos Borges da Silveira, Ulisses Viganó e Lindolfo Dietrich. Foram eles os criadores do Clube Pinheiros.

— Pato Branco já se firmava como pólo regional e ainda não tinha um clube social condizente com sua posição (Longo, 2002).

Também participaram do evento de fundação do clube — em 18 de dezembro de 1972 — Vandrilli Telli, Waldir Francisco Guerra, Roberto Zamberlan, Antonio Pellizzetti, Carlos Antônio Almeida Ferreira, Lindolfo Dietrich, Irio Fontana, Lamartine Augusto, Jose Carlos Passuelo, Alberto Pozza, David Fernandes Miguel, Arcione Moretti e Delmino Amadori. Uma área de área de 24.200 m², destinada à construção da sede social, foi adquirida de Frederico Barancelli, no “perímetro sub-urbano da cidade”, segundo a primeira ata da entidade.

A sede social do Clube Pinheiros foi denominada Parque Lindolfo Dietrich, “inesquecível amante da ecologia, industrial e ex-

-vereador” (Rudi Bodanese, 1982).

Longo tomou posse como primeiro presidente. E cada sócio-fundador recebeu a missão de registrar mais dez associados. Para fortalecer a entidade, foram buscados sócios em vários municípios vizinhos. Ivódio Tessaroto, de Clevelândia, assinou a adesão e cedeu o material para construir as primeiras paredes do clube — feitas com *compensado*.

O primeiro Baile de Debutantes ocorreu em 1976. O primeiro baile de Carnaval, em 1979. Dentre outros eventos daquela década, figuram “Baile do Chope”, “Jantar Cafona” e concurso “Miss Brotinho”. Na década de 1980, “Noite do Faroeste”, “Carnaval de Inverno”, “Jantar das Bruxas”. O clube também sediou muitas peças teatrais e promoveu torneios esportivos, nas modalidades xadrez, tênis, futebol suíço, bocha, vôlei, natação e sinuca. Além de oferecer shows com bandas e corais da região, recebeu grandes nomes da música popular brasileira.

Após 31 gestões masculinas, somente em 1º de maio de 2020 o Clube Pinheiros passou a contar com uma mulher em sua presidência: Euclair Maria Tonus.

Sede social e esportiva do Clube Pinheiros, no Bairro Bancários. Arquitetura de Itacir Amoedo Canto, engenharia de Roberto Zamberlan. Em cartaz, para o dia 6 de julho de 2019, "19º Baile Branco e Preto" e "12ª Noite Queijos e Vinhos".





*Pato Branco
amanheceu branca.*

*O menino contempla
uma imagem que
ficará para sempre
em sua memória.*

**Era frio
Muito frio
Deus que frio!
Estava nevando
Pato Branco
Estava branco
Todo branco
Estava nevando
Eu já vivi
Aqui e ali
Só hoje vi
Neve nevando**

(João de Paula)

Nevou em Pato Branco!

Na memória do povo pato-branquense, um dos momentos idílicos foi a grande nevasca que caiu na cidade em 1965.

Em 21 de agosto de 1965 não se falou de política, nem de futebol, do preço do feijão ou da precariedade dos serviços públicos de Pato Branco. Muito menos viu-se cidadãos preocupados com o iminente fim da atividade madeireira no Sudoeste. Adultos, velhos, jovens e crianças, empresários, dentistas e operários acordaram bem cedo com o alarido dos vizinhos e parentes, que gritavam “Neve, neve!”.

Todos colocaram seus casacos mais grossos e confortáveis e saíram às ruas comemorar a nevasca que embranquecia a cidade. Pouco depois apareciam bonecos de neve nas ruas e praças, esculpidos por artistas improvisados. Dentre outros personagens, modelaram noivas e um pato branco!

— O José tinha ido pro Rio Grande e no dia seguinte deu uma nevasca. Nos dormitórios da nossa pousada tinha uns degraus assim, grandes. Encheu de neve, ficou alto, tive de tirar com a enxada pros hóspedes poderem descer. Tudo ficou branco. Fizeram estátuas de pato na praça e tanta coisa! O povo fazia bonecos, estátuas de neve em cima do caminhão e andavam pela cidade. (Cecília Chicowski, 2019)

— Na época que deu aquela neve, lá em casa éramos tudo criança. Me lembro assim, que era um dia de muita garoa e frio, era um frio tremendo. Na manhã seguinte, quando minha mãe acordou pra tirar o leite das vacas, abriu a janela da cozinha e viu tudo aquilo e falou que era o fim do mundo. “Meu Deus, é o fim do mundo!”. Tava tudo branco, branco, não se via nada, nem pegar coisas que ficaram ao ar livre não dava, porque era só gelo. A área da nossa casa cobriu tudo. O vento vinha assim e enchia a casa de neve. Tinha nevado a noite inteira, e continuou nevando até umas horas da tarde. E o gelo durou três dias. (Geracilde Dalla Vecchia, 28 de setembro de 2019)



INSTITUTO PRODÓCIMO GUERRA / THEÓPHILO PETRYOSKI

O relógio na torre da Matriz indica 11h25min. Entre outros detalhes, as fotografias do dia da neve revelam que o povo de Pato Branco dispunha de recursos para comprar bons agasalhos.



ACERVO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE CULTURA DE PATO BRANCO

Vários "patos brancos" foram modelados. Crianças, adolescentes e adultos desceram à praça para brincar na neve. No centro, de gorro branco, Frei Sérgio Hillesheim.

Cultura moderna

O processo de mecanização da lavoura exigia investimentos, e nem todos os produtores rurais do Sudoeste possuíam recursos para sustentar-se no novo sistema, muito menos para manter suas propriedades. A partir de meados da década de 1970 a venda de pequenas propriedades rurais foi massiva, resultando na formação de latifúndios. Até o final da década de 1990, milhares de agricultores da região partiram em busca de novas terras no Centro-Oeste brasileiro e

na região Amazônica. Também foram para o Paraguai e a Argentina. O Censo de 1989 apontou 521.249 habitantes no Sudoeste. O do ano 2000 anotou 472.626. Uma perda de aproximadamente 48 mil habitantes.

Mas também houve êxodo urbano. Desde a década de 1970 notava-se que grande parte dos jovens da região que partiam em busca de estudos mais avançados e melhores condições de vida nos grandes centros não retornavam às suas cidades de origem.



O relógio de parede da casa de Antonio Viater contém o disco rígido do primeiro computador de Pato Branco (empresa de ônibus Cattani). Com 36 cm de diâmetro, armazenava cerca de 16 "quilobites" (KB). O centro do relógio é preenchido por um "hard disc" (HD).



2018. Aspectos da cultura global revelam-se diariamente nas ruas de Pato Branco. Mais intensamente nos desfiles cívicos, quando os estudantes apresentam toda a simbologia dos tempos atuais.

— Pato Branco teve, nas décadas de 1950 e 1960, um grupo de líderes muito jovens e muito capazes. Foi uma explosão de desenvolvimento. Foram aquelas pessoas que criaram os clubes e várias outras entidades. Na década de 1970, com o fim da atividade madeireira, iniciou-se um êxodo intelectual. Pessoas que lideravam a cidade passaram a buscar novas fronteiras, em outros estados. Criou-se um vácuo que teve um preço muito alto para a cidade. Nessa época, Pato Branco estagnou. (Ricardo Guerra, 2020)

A chegada do ensino superior trouxe um novo alento ao Sudoeste. No rastro do conhecimento científico chegaram novas técnicas agrícolas e industriais, novas tendências artísticas e novos modos de gestão pública.

O desenvolvimento de Pato Branco tornava-se evidente nos altos edifícios que surgiam no centro da cidade. A juventude via seu município integrar-se ao Brasil moderno assistindo a shows de grandes nomes da música popular. Mas a evolução econômica também cobrava ações assistenciais aos cidadãos que permaneciam à margem do progresso.



1983. Em primeiro plano, Edifício Policarpo em construção, o primeiro “arranha-céu” de Pato Branco. O nome é homenagem a Frei Policarpo.

Também tiveram início a tecnologia do plantio direto, o sistema cooperativo de produção e a instalação de indústrias de vários setores, resultando na evolução econômica, com a consequente expansão do quadro urbano e a verticalização dos empreendimentos imobiliários. No segmento cultural, surgiram os grandes eventos musicais e teatrais. Também multiplicaram-se as instituições de cunho assistencial. E no setor esportivo, Pato Branco alcançou expressão nacional com seus times de basquete e futsal e seus clubes de tiro. Os jogadores de futebol Alexandre Pato e Rogério Ceni ganharam fama nacional.

PRIMEIROS COMPUTADORES

O primeiro computador de Pato Branco foi comprado pela transportadora Cattani. Antônio Viater, que atuava como motorista da empresa, foi o primeiro técnico em informática da cidade — estudava eletrônica por correspondência. Nessa época a Cattani havia implantado um sistema de rádio, pelo qual as filiais comunicavam-se com a central em Pato Branco. Também foram instalados tacógrafos. Viater foi a São Paulo aprender os procedimentos de instalação e a manutenção dos aparelhos. Ele também consertava os telefones da empresa e os toca-fitas e apare-

lhos de TV instalados nos ônibus. Nessa época a Cattani adquiriu um computador e Viater tornou-se responsável pela sua manutenção.

— Só tinha eu que entendia disso. O aparelho era do tamanho deste balcão aqui. Eles tinham aqueles formulários para imprimir estatísticas. A sala do computador tinha temperatura controlada por um aparelho de ar condicionado.

Quando apareceram os microcomputadores, *Seu Antônio* aprendeu a consertar os monitores. Mas quando surgiram as telas LCD, ele dispensou a nova tecnologia e dirigiu seus esforços para a afinação de gaitas.

Entidades assistenciais e clubes de serviço

Nos últimos anos, várias instituições foram criadas visando proporcionar saúde, conforto e segurança a pessoas em situação de fragilidade.

O desenvolvimento da cidade de Pato Branco promoveu o fortalecimento econômico de muitas famílias. Mas também levou a formação de comunidades periféricas. Famílias mal estruturadas geraram filhos que se perderam nas ruas e nos bares, tornando-se

vítimas do álcool, das drogas ou da prostituição. Nessa condição desorientada, muitos deles tornaram-se — e ainda tornam-se — ladrões e traficantes. Fato também constatado nalgumas famílias de formação aparentemente sólida. Jovens oriundos da classe média rendem-se ao apelo das drogas e do crime. Alguns tornam-se moradores de rua e cometem delitos.

A formação de entidades de cunho assistencial revela o empenho de uma parcela de cidadãos que buscaram — e ainda buscam

— proporcionar abrigo, alimentação, amparo médico, conforto e um futuro mais promissor a pessoas desprotegidas.

Essa natureza solidária é verificada desde a chegada dos primeiros migrantes do Sul. Os moradores de beira da estrada geralmente dispunham de um ou dois quartos extras para hospedar os que passavam com a noite avançada. Também serviam água, milho ou feno para os cavalos.

Com a evolução das condições econômicas, a cidade também viu aumentar o número de seus idosos. Sem possibilidade de manter-se ativos, como trabalhadores ou mesmo como dirigentes de empresas, permaneciam sem opções de convivência e de lazer.

Esses *excedentes sociais* foram aos poucos sendo identificados, suscitando a necessidade de se criar instituições capazes de tirá-los do desabrigo, do desamparo e da solidão.

— Pato Branco é uma cidade que não se nega a ajudar. Se uma entidade está com dificuldades, chega um empresário e pergunta quanto precisa pra quitar as contas. Até políticos colaboram. (Genésio de Oliveira, 2019)

— O progresso social de Pato Branco deve-se a cidadãos inquietos, que promoviam reuniões, que faziam entender os direitos. Nós cuidamos uns dos outros. (Valmir Dalla Costa, 2019)

O espírito humanitário aflorou nos primeiros eventos culturais e esportivos realizados na cidade. Visitantes de outros municípios, que chegavam para participar dos jogos estudantis ou das convenções do Rotary, eram convidados a hospedar-se nas residências. Nos primeiros festivais de música, os artistas dormiam nas casas dos organizadores. Nos congressos estudantis, chegavam à cidade entre 500 e 700 jovens. As escolas faziam listas das famílias que se dispunham a recebê-los.



Menino descalço, brincando em poça d'água numa rua de Pato Branco.

Fotografia de João de Paula, premiada em 1º lugar num concurso de Porto Feliz-SP.



RODINEI SANTOS

Rotary, Interact e Rotaract apresentam-se no desfile cívico de 2019.

As contribuições a uma condição social progressivamente mais justa e saudável, em Pato Branco, vêm de diversas outras instituições. Dentre elas, Lions Club, Rotary, Câmara Júnior, Fundabem, Lar dos Idosos, Fundação de Proteção à Maternidade e à Infância, Clube de Mães, Casa Abrigo e Horto (acolhem crianças na fila de espera para adoção), Remanso da Pedreira (ONG, atende crianças em situação de risco), Associação dos Deficientes Físicos, Centro Dia (creche para idosos), Projeto Abrace – Grupo de Voluntárias, Grupo de Apoio à Mama – GAMA, Centro de Artes e Esportes Unificados – CEU (criado pela Prefeitura Municipal), Albergue Bom Samaritano, Delegacia da Mulher e clubes da Terceira Idade. Há também entidades ligadas a movimentos religiosos, como Congregação Mariana, SOS Vida, Espaço Vida, Associação dos Surdos de Pato Branco – ASPB, grupos de jovens, cursilistas e outros.

LIONS CLUB

Uma festa foi realizada pelo Lions Club de Pato Branco na ocasião do “recebimento de sua Carta Constitutiva”, em 4 de setembro de 1963. A entidade havia sido fundada em Pato Branco no mês de fevereiro. No Natal do mesmo ano, o Lions distribuiu duas tone-

ladas de alimentos, além de calçados, roupas e utensílios domésticos, atingindo 52 famílias carentes. Desde o início, a entidade esteve ligada à paróquia de São Pedro. O frei franciscano “Irmão Albano” assina alguns de seus documentos.

ROTARY CLUB

O movimento rotário teve início em Pato Branco em 17 de janeiro de 1970, numa reunião na Câmara Municipal, promovida pelo gerente do Banco do Brasil, Carlos Ferreira de Almeida, e pelo presidente do Rotary de Francisco Beltrão, Romeu João Munaretto.

Mas o projeto de instalar o Rotary na cidade nasceu algum tempo antes. Almeida e Celso Fetter Hilgert eram vizinhos, e com frequência conversavam sobre a possibilidade de criar uma entidade com fins sociais. Entraram em contato com Munaretto e o projeto frutificou.

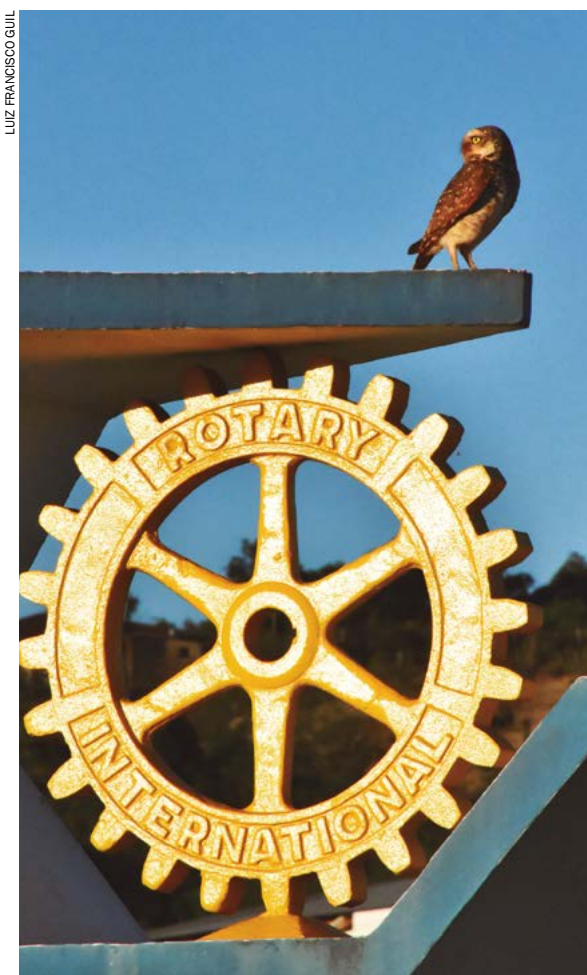
No dia 27 daquele mês de janeiro oficializou-se o *Rotary de Pato Branco*, sob a presidência de Hilgert. Em 13 de maio de 1970 a entidade foi admitida no Rotary Internacional. Era formada por 31 empresários e profissionais liberais das mais diversas áreas. As reuniões aconteciam no "restaurante do Orlando, situado na sede do Esporte Clube

Palmeiras" (do livro "Rotary Club de Pato Branco", 2020).

— O Rotary surgiu de um grupo de profissionais que viu a possibilidade de fazer muito mais coisas pela sua comunidade. É onde começa essa questão do “servir”, de você doar o seu trabalho, seu serviço, em prol da comunidade. (...) Hoje nós servimos ajudando as instituições. Na década de 1970 o Rotary ajudava na formação dessas instituições. (Alcioneide Rosa de Oliveira, 2019)

Desde sua fundação, o Rotary vem realizando uma série de atividades visando o desenvolvimento do município, em parceria com outras entidades. Promoveu a criação de várias instituições assistenciais, intercâmbios estudantis internacionais e campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos para co-

As corujas, aves símbolo da sabedoria, fizeram seu ninho junto ao monumento do Rotary, na entrada sul da cidade de Pato Branco. Esta parece estar cuidando do local. Agosto, 2019.



LUIZ FRANCISCO GUIL



A solidariedade dos mutirões na década de 1950: amigos se reúnem para construir um barracão.

munidades carentes.

A unidade do Rotary de Pato Branco dividiu-se em outras, dentro da própria cidade. Também estendeu-se aos municípios de Clevelândia, Coronel Vivida, Itapejara e Mariópolis.

— O clube cresce e começa a fundar outros clubes. Não se trata de um *racha*, pelo contrário, trabalhamos juntos. No momento estamos com os vários clubes de Pato Branco discutindo a questão do idoso. Trabalhamos com outros órgãos o programa “Cidade amiga do idoso”. Mais do que patrocinar, o Rotary tem o papel de gestor de ideias. Ele agrega as pessoas em torno dos projetos. Surgiu dentro do Rotary a primeira faculdade de Pato Branco, também a APAE, o Corpo de Bombeiros, a primeira creche. (Valmir Dalla Costa, 2019)

O Rotary também atua na formação de lideranças, preparando pessoas para assumir outras organizações. O cargo maior da diretoria é preenchido por aclamação, segundo o histórico do pretendente.

— Ser presidente de clube é um exercício de articulação. Ninguém faz uma gestão sozinho. A função do presidente é agregar, animar, fazer planos, as metas, levar ao conselho, colocar num grupo maior. Se os com-

panheiros não ajudarem, não existe uma gestão. (Alcioneide)

Com atividades paralelas ao Rotary, há o Rotaract, integrado por pessoas de 17 a 28 anos, o Interact, com membros de 12 a 17 anos, e o Rotary Kid, composto por crianças.

Cidadãos bem vestidos, com calças de “tergal”, reúnem-se na praça para engraxar os sapatos. Década de 1960.

Fotografia de João de Paula.



LAR DOS IDOSOS

O Lar dos Idosos São Vicente de Paulo nasceu da iniciativa de duas pessoas com históricos de ações sociais em outras cidades.

Genésio de Oliveira nasceu em Pinhalão-PR. Ainda criança, sua família mudou-se para Campo Largo-PR. A mãe, Maria Aparecida, organizava a hospedagem de pessoas idosas originárias do *Norte Velho*, que dirigiam-se à capital em busca de recursos médicos. Em respeito a esses trabalhos filantrópicos, uma rua de Campo Largo foi batizada com o nome de Maria Aparecida de Oliveira.

Genésio acredita que a obra da mãe foi determinante para suas próprias ações no campo social. Em Pato Branco, ele atuou como diretor de várias entidades sociais: Lar dos Idosos, Fundabem, SOS Vida e Albergue Bom Samaritano. O Sindicato dos Bancários de Pato Branco foi fundado por Genésio e Vitor Hugo Ribeiro.

Em 1960, aos 17 anos, Genésio transferiu-se para a casa de seu irmão, Adão de Oliveira, que exercia o cargo de gerente do banco Bamerindus em Pato Branco. Com o apoio de Adão, tornou-se estagiário do mes-

mo banco em Itararé-SP. Em 1966 mudou-se para Dois Vizinhos, tornando-se gerente geral do Banestado da região Sudoeste. Em 1990, quando instalou-se a Vara do Trabalho em Pato Branco, foi nomeado juiz classista.

— Chamavam na época *vogais*, depois passou a *juiz classista* — conta Genésio (2019).

Antes de assumir o cargo de juiz de direito em Pato Branco, o advogado e historiador Josué Correa Fernandes foi prefeito de Prudentópolis-PR (1973 - 1977). Dentre outras obras sociais, foi fundador do Asilo São Vicente de Paulo, naquela cidade.

Numa conversa informal entre Genésio e Josué, decidiu-se fundar o Lar dos Idosos de Pato Branco. “Congregamos várias pessoas”, recorda Genésio. Dentre elas, Alvino de Lima Camargo, Augusto Redivo, Lourdes Matos, Dercy Herdina e o promotor Agenor Dallagnol.

Para instalar a entidade, Genésio sugeriu um terreno baldio da Prefeitura. O projeto foi realizado pelo arquiteto Nereu Ceni, cunhado de Genésio. A obra ficou a cargo do construtor Lauri Biondo e dos engenheiros Osmar Braun, Wilson Balbinotti e Wladimir Dal Ross.

— Aí fomos atrás de recursos — continua Genésio. — Falei com o gerente do Banco do Brasil, Raul de Oliveira, que assumiu a tesouraria. O advogado Osvaldo Boretto ficou como secretário. Vários empresários entraram como voluntários, como os Varaschin, os Petrycoski. A maioria fez doações de material de construção. Nosso recurso era pouco, mas os construtores não cobraram muito. E pegamos alguns presos para ajudar como pedreiros e serventes.

Decidiu-se que a entidade cederia 20% dos leitos para idosos de outras cidades da região. Nessa época, no Sudoeste, só havia asilo em Palmas, e era pago.

O de Pato Branco é gratuito. Foi inaugurado em 1989, sob a presidência de Josué. Mas em breve ele foi transferido para Maringá, e Genésio assumiu o cargo. Inicialmente a entidade acolheu oito idosos. Em 2021 são mais de 40, e há uma demanda crescente, exigindo



Lar dos Idosos São Vicente de Paulo.

a instalação de novos alojamentos.

No início das atividades, uma das promoções era um jantar cujo prato principal era o pombo. As aves eram resgatadas dos campeonatos do Clube de Tiro. Ao fim das competições, as mulheres iam juntá-las, depenavam e preparavam o jantar.

— A gente cozinhava e fazia um arroz, um pão, uma salada. Também fazíamos risoto com os pombos. (Ermida Dalla Costa, 2019)

— Depois resolvemos começar uma feijoada, com 17 quilos de feijão. Hoje estamos com 120 quilos. São nove feijoadas por ano. O feijão é sempre comprado da agricultura familiar, malhado a cacete. É o dobro mais gostoso. Se você compra feijão de secador, ele não cria aquele caldo grosso, fica cascudo. (Derico Dalla Costa, 2019)

A feijoada vem ocorrendo nas últimas três décadas. Derico — que foi presidente da entidade durante cinco anos e nove meses — conta que o recorde é de 600 pratos vendidos num mesmo sábado. Parte da arrecadação é destinada ao Albergue Bom Samaritano.

— O Lar dos Idosos tem muito prestígio.

A diretoria leva tudo em ponta de faca. Ninguém faz refeição sem pagar. Corre buscar couve, buscar feijão, mas na hora de comer, todo mundo paga. (...) Teve diretoria que pegava gente grande, amigos de políticos. Gente que tinha fazenda em Mato Grosso, e a mãe ali, no asilo. Tivemos de mudar isso. Fomos mandando embora. Se é casal, não vai. Só vai se estiver sozinho. (Derico)

O Lar dos Idosos conta com a participação das comunidades vicentina e franciscana.

ASSOCIAÇÃO PATO-BRANQUENSE DE IDOSOS – API

Das reuniões promovidas por Lori Busato, Marina Viganó Zamberlan e Sônia Borella surgiu a Associação Pato-Branquense de Idosos – API.

— Fomos chamando as pessoas aos poucos. Geralmente nos reuníamos na chácara dos Baggio. Fazíamos lanches, brincadeiras. Sempre aparecia alguém que tocava gaita, violão. Contávamos piadas, fazíamos brincadeiras. Levávamos bolos e lanches, fazíamos almoços. (Marina, 2019)

— Naquele tempo — final da década de 1970 — quase não se ouvia falar em entidades para idosos. Começamos fazendo uma promoção no Dia do Idoso, com uma semana de atividades. Aí convidamos alguém que quisesse participar, formar um grupo. Começamos a nos reunir e organizamos palestras e atividades. No final da tarde, era dança. E o grupo foi crescendo, mas aí percebemos que os idosos só queriam saber de dançar. Então criamos a Associação Pato-Branquense de Idosos, a API. (Lori Busato, 2019)

Em 25 de agosto de 1983 tomou posse a diretoria da API. A presidência foi assumida por Setimo Fantinel, com o vice João Valério. Nessa data, a diretoria contabilizou 49.679 cruzeiros, provenientes de doações e de eventos que vinham sendo realizados pela equipe.

Em 21 de junho de 1985 a API ganhou status de Utilidade Pública Municipal, com decreto assinado pelo prefeito Astério Rigon. Mas devido à falta de recursos, era “jogada de um canto pra outro”, segundo a atual presidente, Carmen Maria Viganó Calliari. Com



14 de novembro de 2019, quinta-feira, 15h43min, Associação Pato-Branquense de Idosos. Os associados embalam-se no ritmo sertanejo.

o aumento do número de participantes, passaram a reunir-se na sede de uma entidade assistencial. Depois frequentaram o pavilhão da Matriz de São Pedro e o Clube Pinheiros. Uma ata de 1986 revela que um terreno para

a construção da sede da API, no Bairro Bonatto, foi doado por Cecília Marcante.

Na gestão de Modesta Viganó Pastro foi construída a sede própria.

— Mas não tinha água, não tinha luz, nenhuma casa por perto — conta Modesta (2019). — Um dia falei pra um sócio, “Vamos lá dançar”. Ele disse, “De que jeito?”. Falei, “Pode deixar comigo”. Aí consegui uma verba com um deputado federal. Fui lá conversar com o prefeito Alceni, falei, “Alceni, pode mandar os bombeiros ir lá encher a caixa d’água?”. Ele deu a ordem. E pra tocar música, a Carmen tinha um radião deste tamanho, tocado a bateria. Mas no meio do baile acabou as pilhas. Tive de correr na cidade comprar mais. Aí o meu filho adaptou uma bateria de carro e funcionou.

A verba para a instalação do assoalho foi destinada pelo deputado federal Ivânio Guerra. Fanny Lerner, esposa do governador Jaime Lerner, “veio visitar o clube no inverno, era muito frio, aí cedeu o recurso pro forro”, diz Carmen.

— Fui lá em Curitiba buscar o cheque — relata Modesta. — Deram 15 mil, mas no fim acabamos gastando 28 mil.

O restante foi construído com recursos obtidos por meio de eventos realizados no



Festa caipira na Associação Pato-Branquense de Idosos. De vestido branco, Vitória Camozzato.

Pato Branco, 1982. Por estas ruas perambulava a juventude, em busca de música, shows, cinema... aventuras, amizades, amores! Embaixo, à esquerda, rodoviária e Luz Hotel. Logo acima, Prefeitura Municipal. “O progresso é notável. Nessa época a cidade continuava recebendo, cada vez mais, os filhos dos moradores que concluíam seus estudos em centros maiores. Intensifica-se a chegada de novos profissionais liberais. Pato Branco recebe profissionais não somente do Rio Grande do Sul, mas especialmente paulistas, cariocas, mineiros, pernambucanos e paranaenses de outras regiões”. (Rudi Bodanese, 1982)

.....

próprio clube. Dentre outros, a API promovia o concurso *Rainha da Primavera*, visando arrecadar dinheiro com a venda de votos.

Além das matinés nos domingos e quintas-feiras, são realizados três jantares dançantes: no Dia dos Pais, no Dia das Mães e no Encerramento do Ano. A associação promove viagens às praias e outros locais turísticos. Vitória Camozzato — 92 anos em 2021 — diz que por meio da API visitou o Rio de Janeiro e Nossa Senhora Aparecida-SP.

Com os lucros obtidos nos eventos, a API comprou sete lotes em torno do clube. O objetivo é ampliar o estacionamento.

Estão registrados cerca de 500 associados, mas somente 300 frequentam. Foram iniciados eventos de atividades físicas, palestras e artesanato, porém os participantes não demonstraram entusiasmo.

— Dizem que já trabalharam que chega — revela Carmen. — O que eles gostam, mesmo, é de dançar. Aqui eles se divertem. Saram até de reumatismo!

A diretoria da API é assessorada pelo Departamento de Ação Social da Prefeitura.

Segundo Deloni Correa (2019), a partir da API formaram-se sete entidades de Terceira Idade, mas sobreviveram somente a São Francisco e a Cristo Rei.

— Uma vez chegaram lá em casa duas viúvas e duas separadas, convidar eu e a Ermina para sermos da diretoria do grupo São Francisco. Na época vendiam 10 a 12 garrafas de cervejas por encontro de dança. No



INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THEÓPHILO PETRYCOSKI

fim dos quatro anos, entregamos a diretoria vendendo 25 grades de 24 garrafas. E as mulheres pra um lado e pra outro, trabalhando, e o Derico correndo. Era que nem *porco de Santo Antônio*. (...) Construímos a casa do zero, com 1.300 m². Levamos 10 anos. Contratamos *Os Monarcas* pra inaugurar e sobrou dinheiro. (...) Mas nós exigíamos respeito. Se algum abraçava meio com exagero a companheira, chamávamos a atenção. Uma vez o Frei Nelson, na hora da missa ali na Vila Isabel, me pediu pra explicar o que nós fazia nas danças. (Derico Dalla Costa, 2019)

CIDADE AMIGA DO IDOSO

Pato Branco recebeu em 2018 a certificação de "Cidade Amiga do Idoso", concedida pela Organização Mundial da Saúde – OMS e pela Organização Panamericana da Saúde – OPAS. Foi a 1ª do Paraná a obter a certificação e a 3ª do Brasil.

Segundo a coordenação da Unidade de Família, Gênero e Custo de Vida da OPAS/OMS no Brasil, Pato Branco foi a única cidade paranaense a conquistar esse reconhecimento devido a ações desenvolvidas pelo governo municipal — que contou com o apoio das unidades locais do Rotary Club. Em outras cidades, essas iniciativas costumam vir de escolas e de entidades assistenciais.

LORI OLÍVIA BUSATO

São inúmeras as pessoas que participaram da instalação e promoção das entidades assistenciais de Pato Branco. Mas algumas, como Lori Busato, dedicaram a vida a essas instituições.

Lori é filha de Alberto e Helena Braun⁽²⁶⁾. O pai era carpinteiro, de origem alemã. A mãe, ucraniana, família Derevoris, originária de Irati-PR. Quando se conheceram, em União da Vitória, Helena era solteira, mas Alberto estava viúvo e já contava sete filhos. Helena fez aulas de alemão para poder conversar com os enteados. Depois de casados, Alberto e Helena geraram mais sete crianças. Em 1937 chegaram em Bom Retiro, onde Alberto exerceu o cargo de agente fiscal. Foi um dos construtores da escola Agostinho Pereira.

— Meus pais instalaram aqui o *Hotel Pato Branco* — conta Lori (2019). — Era hotel e rodoviária. Meu pai construiu muitas casas e escolas. Eu tinha uns quatro anos quando nos mudamos para União da Vitória. Mas saiu a nomeação da minha mãe como professora e

(26) Há uma rua de Pato Branco chamada “Pioneiro Alberto Braun”. E a Biblioteca Pública recebeu o nome de “Professora Helena Braun”. Em 1945 Helena ocupou a vaga de Juvenal Cardoso na direção do Grupo Escolar Agostinho Pereira.



RODINEI SANTOS

Integrantes do Centro de Artes e Esportes Unificados – CEU no desfile cívico de 2018.

voltamos a Pato Branco. Nos hospedávamos no Hotel Brasil, e ela dava aula no Agostinho Pereira.

Na gestão do prefeito Ivo Thomazoni, enquanto trabalhava na Prefeitura, Lori conheceu Jandir Busato. Depois de casados — tiveram os filhos Rossana e Darlan — Lori foi trabalhar como voluntária na Fundação de Proteção à Maternidade e à Infância. No local também tinha o Clube de Mães. Ensinava técnicas de crochê e cozinha.

Quando foi inaugurada a primeira creche de Pato Branco — *Toca do Coelho* — Lori tornou-se a coordenadora, sob a supervisão do Lions Clube. Na gestão do prefeito Roberto Zamberlan, o vice-prefeito, Luiz Carlos Borges da Silveira, convidou Lori a retornar à Prefeitura. E ela passou os 30 anos seguintes atuando na área social. Como coordenadora do núcleo de voluntariado da Legião Brasileira de Assistência – LBA, deu início a um projeto que atendia meninos de rua. Nesse período ela ajudou a formar a Associação Pato-Branquense de Idosos.

Lori também organizou o *Centro Dia*, projeto que buscou em Curitiba, uma espécie

de creche para idosos. É também conhecido como *Espaço de Convivência da Pessoa Idosa, Creche dos Idosos e Creche do Vovô*.

— Eles chegavam de manhã, conduzidos por uma kombi fornecida pelo estado. À tarde

eram levados pra casa. Paralelamente eram realizadas reuniões com os filhos dos idosos sobre as condições de vida de seus pais.

Lori também coordenou o *Horto*, centro de apoio a jovens em conflito com a lei. O objetivo era conduzi-los a profissões, introduzindo-os como funcionários de empresas. Havia também o projeto *Bom Menino*, que visava a contratação de menores por empresas locais.

— Os empresários viam os meninos que tinham mais habilidades e levavam para trabalhar. Tem muitos deles que hoje estão no comércio de Pato Branco.

Na gestão do prefeito Astério Rigon foi criada uma marcenaria, onde eram fabricados objetos pedagógicos. O objetivo era profissionalizar os meninos “ou pelo menos lhes dar uma ocupação”, diz Lori. Ela também atuou na Casa Abrigo, para onde eram conduzidas crianças com problemas familiares, destinadas à adoção.

UNATI

Um projeto de extensão do Centro Universitário de Pato Branco – UNIDEP resultou na Universidade Aberta à Terceira Idade



RODINEI SANTOS

Em 2019, integrantes da UNATI desfilam na praça Presidente Vargas.

Periodicamente os calouros da UTFPR promovem o "Trote solidário", em benefício das crianças da Fundabem. Levam alimentos, limpam a horta, realizam consertos e outros serviços. Na fotografia estão alunos do curso de agronomia (2012), que foram entregar uma coleta de alimentos. Na extrema esquerda está a professora Lourdes. À direita, Ivete Buzatto.

– UNATI. Trabalho coletivo dos professores dos cursos de pedagogia e educação física, em parceria com o departamento municipal de Cultura, Secretaria de Esporte e Lazer e empresas. Começou as atividades em agosto de 2001, com o ingresso de 50 idosos, sob a coordenação inicial da professora Naime Pigatto. O projeto desenvolve diversas atividades, apresentando aos idosos novas tecnologias, artes, ensinamentos sobre saúde e qualidade de vida. Em 2021 atende cerca de 150 pessoas.

FUNDABEM

A Fundação Pato-Branquense do Bem-Estar – Fundabem é uma ONG criada em 21 de dezembro de 1970, numa parceria entre o Ministério Público, o Rotary Club e a paróquia de São Pedro. Seu primeiro presidente foi Lindolfo Dietrich. Começou como Fundação Católica do Bem-Estar do Menor, depois tornou-se Fundação Pato-Branquense do Bem-Estar do Menor e Fundação Pato-Branquense do Bem-Estar. O objetivo era abrigar crianças em situações de risco.

À época da fundação da entidade já havia em Pato Branco muitas famílias desestruturadas. Pequenos abandonados pelos pais moravam com a avó, ou com tios. E por falta de cuidados, viviam pelas ruas.

A área onde construiu-se a sede da Fun-

(27) Movimento religioso iniciado em 1973 na cidade de Lages-SC, levado a Pato Branco na década de 1990. Segundo um panfleto de divulgação, "é na lareira que as famílias se aquecem, se reúnem e colocam em dia suas diferenças e amores". Os casais entram no grupo após receberem convites de outros casais.



dabem foi doada pela família Thomazi, no Bairro Dal’Ross. Segundo seu estatuto, a diretoria somente poderia ser composta por integrantes do Cursilho e do grupo Lareira⁽²⁷⁾.

Apesar do seu nobre propósito, em 2009 a entidade estava quase abandonada. Nesse ano Ivete Buzatto assumiu a diretoria, com a

vice Ana Paula Breowicz Slowski. No período seguinte, Ana Paula tornou-se a diretora. Essas gestões destacaram-se pela reorganização da entidade.

— Tínhamos uma sede com quatro alqueires de terra e um ginásio, mas estava tudo meio bagunçado — conta Ana Paula (2019).



Jovens apresentam em desfile o Rotaract (2019). Como "Grupo parceiro do Rotary", a entidade participa de diversas ações comunitárias e filantrópicas.



RODINEI SANTOS

2018. As múltiplas cores que passeiam na avenida Tupi representam, cada qual, uma reivindicação. Justiça social, conhecimento científico, combate ao preconceito, respeito à diversidade...

— Entrou conosco a Noeli Thomé, pessoa de muita sabedoria, que organizou os documentos. Na área externa, foram encontrados quatro poços antigos, abertos. O mato era de um metro de altura. Encontramos umas cinco cobras. Era muito degradante. Não tinha esgoto, era somente fossa, e aquilo cheirava!

A pedido da diretoria, a Prefeitura fez terraplanagem e limpou o terreno. Havia impostos atrasados e “muitas contas na praça”, diz Ana Paula. As dívidas foram quitadas com recursos destinados por mais de 100 empresas locais.

Uma das iniciativas mais eficazes no apoio às crianças carentes foi o projeto *Reviver*, em parceria com o Sindicato do Comércio e da Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL. A ação resultou na retirada de todas as crianças das ruas. E as integrantes da diretoria, contando com o suporte do Conselho Tutelar, passaram a visitar os pais dos menores, obrigando-os a assinar um termo de compromisso de mantê-los na instituição, no sistema de contraturno escolar. Os pais também autorizavam a cortar cabelo e unhas, dar banho e, se necessário, conduzir ao hospital. O objetivo era ensinar a criança a inserir-se na sociedade. Para vesti-las adequadamente, foi promovida uma campanha de arrecadação de roupas.

Com o apoio dos governos federal e estadual, a sede foi renovada. Instalou-se cerca-do, esgoto, sanitários novos, cozinha e salas de aulas. Ao perceber a evolução da Fundabem, a comunidade passou a colaborar.

— Juntamos uma mulherada e plantamos a grama. Aí o fórum começou a mandar pra

lá os que tinham de cumprir pena, pequenos delitos. Eles ajudavam a cortar lenha, fazer essas atividades mais grosseiras. (Ana Paula)

Para aumentar a arrecadação, instituíram uma macarronada mensal. Tornou-se um evento tradicional de Pato Branco. No primeiro sábado de cada mês, sempre tem macarronada na Fundabem!

— Fizemos o Cursilho em 1985, em Beltrão. A meta era cuidar da Fundabem. Ficamos lá mais de vinte anos. Todo segundo sábado do mês íamos de manhã, fazíamos vinte quilos de macarrão. Depois espetávamos trezentos quilos de galeto. (Derico Dalla Costa, 2019)

O Rotary também colaborou, instalando uma cozinha moderna. E a indústria de fogões Atlas montou uma sala de computadores. Também foi construído um campo de futebol de areia.

A partir de um projeto encaminhado à Câmara Municipal, a Fundabem obteve uma subvenção mensal para pagar professores. Estagiários cedidos pela Prefeitura passaram a dar aulas de música, artesanato, tricô, crochê, futebol e tchoukball. Os meninos tinham



RODINEI SANTOS

As mulheres concedem tons de modernidade à corporação da Polícia Militar. Desfile 2019.



Escola de capoeira apresenta-se diante das autoridades de Pato Branco no desfile de 2019.

aulas de taekwondo, com o professor Júlio Piroli. E as meninas, de manicure.

— Chegavam em casa e faziam as unhas da mãe, das vizinhas, e com isso elas tinham uma profissão — diz Ana Paula. — Empregamos menores no fórum, na Justiça do Trabalho, na Justiça Federal. Eles tinham aulas de como se portar nos empregos. Não era mais aquele pessoal discriminado, excluído. Mas mudou a legislação e fui chamada à cidade de Cascavel para responder um processo, por estar *explorando o trabalho infantil*. Foi uma dor de cabeça bem grande. Mas o procurador entendeu que estávamos colocando os jovens no mercado de trabalho e tudo ficou bem. Tem pessoas que passaram pela Fundabem e hoje estão bem empregadas, ou que são empresárias!

A dentista Laudiane Freire atende a Fundabem há cerca de 20 anos. E a médica Sandra Breowicz Pederiva montou um consultório no local.

Uma das maiores batalhadoras para o sucesso da Fundabem foi a professora Zenaide Geron. Participou da entidade cerca de 20 anos, fazendo visitas periódicas às famílias das crianças. Nos últimos anos ela tem traba-

Pato Branco conta com escolas de capoeira, karatê, taekwondo e judô, que colaboram para manter as crianças e os adolescentes em atividades físicas e mentais saudáveis.



Alunos de uma escola de "karatê-do" marcham na praça em 2019.

lhado no *Centro Dia*.

O papel da Fundabem reduziu-se nos últimos anos, após o poder público ter assumido uma parcela do atendimento aos menores.

COOHAPAB

Pato Branco também conta com a Cooperativa Habitacional - COOHAPAB. Segundo o ex-vereador Volmir Sabbi (2020), a entidade foi criada por sindicatos de trabalhadores, com o objetivo de oferecer a possibilidade de compra de terreno e casa própria. Funciona junto ao Sindicato dos Motoristas.

PASTORAL DA SOBRIEDADE

Frei Nelson estava em Roma quando comunicou a Lori Busato seu desejo de criar em Pato Branco uma entidade destinada a orientar os familiares dos dependentes químicos. Quando ele retornou ao Brasil, Lori ajudou-o a criar a *Pastoral da Sobriedade*.

APAC

A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados – APAC foi instalada no



RODINEI SANTOS

Em 2019, Ordem DeMolay e Ordem Internacional do Arco-Íris para Meninas Guardiãs das Cores.

Bairro Vila Verde. A entidade busca oferecer tratamento humanizado aos condenados pela Justiça de Pato Branco.

S.O.S. VIDA

O projeto S.O.S. Vida teve início em 1994 com Frei Nelson Rabello, que tinha um programa na rádio Celinauta. Lori Busato conta que muitas famílias levavam queixas ao religioso sobre os problemas que enfrentavam com os filhos.

Frei Nelson e alguns amigos começaram fazendo jantares, incentivando a participação dos jovens. A sede foi instalada numa sala pegada ao estúdio da rádio. Voluntárias permaneciam durante o dia recebendo as famílias e orientando sobre procedimentos relacionados à dependência química. Para casos mais graves, ofereciam internato numa casa dos vicentinos. Lori conta que, paralelamente ao S.O.S., um grupo de jovens trabalhava com moradores de rua.

— Fizeram a experiência de dormir na rua pra ver como era. Sábado à noite se reuniam, davam comida e diziam, “Agora vocês vão pra casa e nós vamos pra rua”. Começaram a servir sopa durante a semana e a pensar num

local onde abrigá-los. E passaram a levá-los a uma casa próxima à sede do S.O.S. Vida. Eles trabalhavam com os irmãos de rua, e nós com os dependentes químicos e alcoólatras. Aí percebemos que estávamos com duas casas, com a mesma finalidade, usando duas lavanderias, dois refeitórios. Então resolvemos unir. Após a fusão dos dois grupos, a entidade passou a chamar-se *Missão S.O.S. Vida*.

Os grupos de escoteiros também atuam no resgate social. Proporcionam às crianças e adolescentes a oportunidade de convívio saudável e boas perspectivas de futuro. O estilo militar sobressai na continência diante das autoridades municipais, no desfile de 2019.



RODINEI SANTOS

Mais tarde o SOS foi transferido para próximo à sede da Fundabem. Atualmente encontra-se no Bairro São Francisco. A sede inicial tinha capacidade máxima para 20 internos. A atual acolhe até 80.

LOJAS MAÇÔNICAS

A primeira Loja Maçônica de Pato Branco, intitulada *Normando Jussi*, número 38, foi instalada por Argemiro Perboni — representante comercial de produtos protéticos — com o apoio dos maçônicos de Caçador-SC, Guarapuava, União da Vitória e Foz do Iguaçu. A fundação ocorreu em 19 de setembro de 1969. Nos anos seguintes a loja expandiu-se para várias cidades do Sudoeste. Também desmembrou-se em mais quatro unidades locais: Cavaleiros da Arte Real, Benjamim Constant, Acácia do Sudoeste e Fé, Esperança e Caridade.

Um dos primeiros pleitos defendidos pela Loja Maçônica de Pato Branco foi o asfaltamento da PR-280, que liga à cidade de União da Vitória. Maçônicos locais participaram ativamente da realização dessa obra. A Loja Maçônica também foi co-fundadora da Fundabem.

Outra iniciativa é a promoção do "Baile Preto e Branco" — com jantar de queijos e

vinhos — cuja primeira edição ocorreu em 1999, no Clube Pinheiros. Os lucros são destinados a entidades assistenciais, como o Lar dos Idosos, e também ao Hospital do Câncer.

A maçonaria também apóia o Observatório Social de Pato Branco — entidade criada em Maringá-PR e disseminada por todo o Brasil, com o objetivo de fiscalizar a correta aplicação dos recursos públicos municipais.

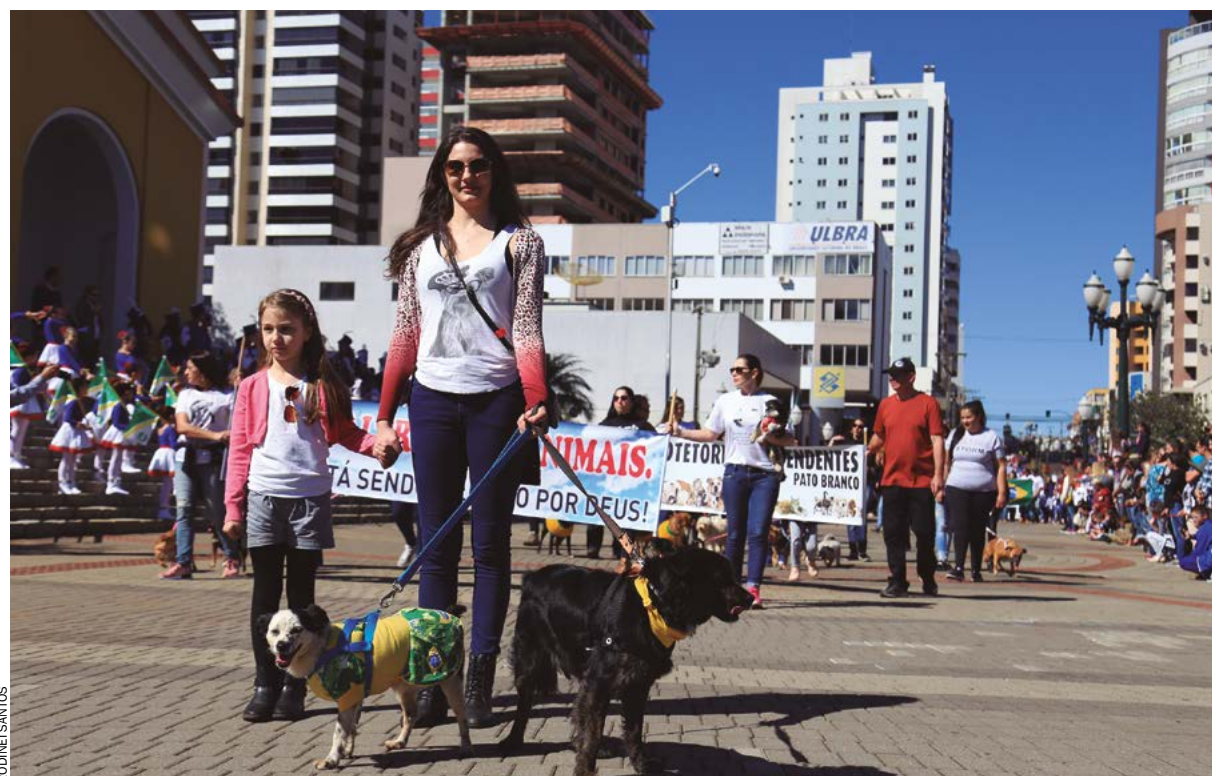
Associados à maçonaria, também constam os grupos de jovens, de 12 a 21 anos, da Ordem Internacional do Arco-Íris para Meninas Guardiãs das Cores e da Ordem DeMolay (meninos).

— A intenção é formar líderes — diz Vanderlei Marques Carneiro (2021). — Não se fala em política, nem em religião. São palestras com professores, advogados, médicos. A palavra-chave é formar cidadãos de bem.

SE É A DONA CECÍLIA...

Após costurar centenas de vestidos de noivas, e administrar hotel, bodega e restaurante, Cecília Chicowski percebeu que ainda dispunha de energia. Mas não sabia o que fazer com ela. Foi quando ouviu no rádio o chamamento para auxiliar uma pessoa necessitada.

— Pensei, “Eu aqui ganhando dinheiro sem fazer nada e aquela pessoa sofrendo tanto. Vou ver o que está acontecendo”. Liguei na rádio e pedi quem estava precisando de ajuda. (...) Fui lá e encontrei aquela mulher num estado muito mal, os filhos dormindo no chão. Era nova, bonita, mas pesava só 33 quilos. Eu disse, “É a vez que eu vou trabalhar pra alguém que precisa”. E assim que abri a boca, em poucos dias arrumei de tudo. Guarda-roupas, fogão. Levamos uma camionhada lá. Um dono de açougue deu carne pra dois meses. E o leite Ninho veio aos montes. E foi assim que me abri, fiz um bem! Eu pedia na rádio e as pessoas diziam, “Se é a dona Cecília quem ta pedindo, vamos ajudar!”. Aí nós levava lá para os morros as cestinhas, com tudo um pouco, e a gente sabia o que levar aos que mais precisavam. (Cecília Chicowski, 2020)



O cuidado com os animais domésticos é solicitado à comunidade no desfile cívico de 2018.

ANJOS PROTETORES

Em 2013 reuniram-se Luciana Merlim, Indianara Forest, Ana Paula Breowicz Slonski e Morgana Resende para criar um grupo de proteção aos animais. E passaram a recolher e encaminhar para tratamento os animais de rua. Em 12 de setembro de 2016 elas fundaram a ONG *Anjos Protetores*.

— Entendemos que a culpa dos animais nas ruas é nossa — diz Ana Paula (2019). — É dos nossos bisavós, trisavós, que os domesticaram. Você traz um animal pra dentro de casa, ele não caça mais, e depende de você para viver. Então, precisamos assumir essa culpa e resolver o problema.

Contando com o apoio da Prefeitura, a ONG *Anjos Protetores* agrega cerca de 20 participantes — quase 100% são mulheres. Os animais são acolhidos nas residências das voluntárias. São lares temporários, onde os animais são tratados, recebem vacinas, banho e alimentação adequada, depois são castrados e doados.

Além dos gatos e cachorros, muitas pessoas abandonam suas tartarugas na beira da rua, tão logo elas crescem. Ana Paula criou um tartarugário em sua casa para acolher esses animais. Outras participantes da ONG fizeram o mesmo.

— As pessoas acham os filhotes bonitinhos, levam pra casa. Depois que ficam velhos e doentes, procuram se livrar deles. (Ana Paula)

A ONG também desenvolveu projetos de resgate de animais em dois bairros. Os moradores recebem orientação sobre cuidados com os bichos e a necessidade de castração. Os animais de rua encontrados foram cadastrados, castrados e medicados.

Verificou-se que por trás dos maus tratos aos animais, também pode estar ocorrendo violência doméstica — com crianças ou mulheres espancadas. E também tráfico de drogas. O autor da violência, geralmente o pai da família, usa os animais para chantagear as crianças e a esposa. Se não obedecem, espanca os bichos!

As participantes da ONG também ensinam sobre a necessidade de limpeza dos terrenos baldios e da importância de manter as crianças calçadas para evitar ferimentos e doenças.

O cuidado com os animais também expande-se em outras frentes. Nos últimos anos formaram-se as ONGs *É o bicho*, *Arca de Noé*, *Associação Independente de Proteção dos Animais* e a *ONG do Seu Lima* — de Oldemar Lima, em Cachoeirinha.

Centros de Tradições Gaúchas

Como outros municípios do Sudoeste, Pato Branco cultiva a cultura do Rio Grande do Sul em seus Centros de Tradições Gaúchas – CTGs.

Os Centros de Tradições Gaúchas, ou CTGs, tiveram início em 1948, em Porto Alegre, com o *Grupo dos Oito*, liderado por Paixão Cortes.

— Eram estudantes que gostavam do campo e da tradição gaúcha. Queriam resgatar a forma de vida e a indumentária dos pampas. Aí começaram as pesquisas, desde a forma

como faziam as tropeadas, as charqueadas, como era a comida, como se vestiam. Nas apresentações artísticas dos CTGs estão as roupas usadas no Rio Grande do Sul, lá no século XIX. (...) Paralelamente, surgia no Rio Grande os *Irmãos Bertucci*, que deram origem à música gaúcha. A partir do Grupo dos Oito, criou-se um formato de centro de tradições que existe ainda hoje, e é uma das principais expressões culturais do mundo. Envolve muita gente! (Edevaldo André Gabrieli, patrão do CTG Carreteando a Saudade, 2019)

Os Centros de Tradições Gaúchas espa-

lharam-se do Rio Grande do Sul a todas as regiões do Paraná, alcançando o Mato Grosso e o Amazonas. Eles também estão no Japão, EUA, Canadá. “Onde tem três gaúchos já se monta um CTG”, conta-se.

— Minha irmã mora em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia — diz Gabrieli. — Lá ainda não tem CTG, mas anualmente eles fazem um baile gaúcho. Já levaram *Os Monarcas* e *Os Serranos*.

Anualmente os CTGs realizam rodeios, nos quais ocorrem competições de danças e tiros de laço. Também promovem jantares dançantes.



ACERVO EDEVALDO ANDRÉ GABRIELI

Invernada artística do CTG Carreteando a Saudade apresenta-se em sua sede.



CARRETEANDO A SAUDADE

Em 18 de janeiro de 1973 foi inaugurado o primeiro CTG de Pato Branco, intitulado *Carreteando a Saudade*. A iniciativa foi de Odanir Cavagnoli. Motorista de caminhão, numa de suas viagens ele voltou com a carroceria carregada de taquaruçu, cortado pelos índios às margens do rio Iguaçu. Com essa madeira foi construída a primeira sede do CTG. Também foi Odanir o primeiro patrão. Mais tarde foi construído “um galpão social com 1.500 m², dentro da cidade de Pato Branco, com pista de dança e duas canchas de bo-

lão, sendo uma automática” (revista *Gaúchos & Birivas*, Francisco Beltrão, 1998).

Próximo ao trevo que conduz à cidade de Vitorino, o Carreteando a Saudade adquiriu cinco alqueires de terra, onde instalou cancha de laço, galpão de dança e churrasqueiras. Em 1998 a entidade contava com “mais de 200 peões e prendas, com idades entre 3 e 30 anos”, segundo a revista. Promovia cursos de danças de salão, bailes, jantares dançantes e um “festival nacional”. Nessa época seus representantes já haviam conquistado inúmeros troféus em encontros de CTG, inclusive

Admar Corrêa da Silva mantém em sua casa uma sala dedicada à cultura tradicionalista gaúcha (imagem acima). Nos quadros com fotografias, consta Admar ao lado de João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, folclorista, compositor, radialista e o mais laureado pesquisador da cultura riograndense. Também há placas de homenagens, troféus e equipamento campeiro — berrante, cintas de couro, facas, selas, boleadeiras. Uma galhada de veado serve de cabide. Inclui uma gaita de botão e uma cuia de chimarrão. Numa das paredes há um couro de sucuri, com 4,5 m de comprimento.



CTG Tarca Nativista participa de evento regional. Fotografia: Estampa da Tradição.

o de campeão no 8º Feparte, de Guarapuava, em 1997, e no Fecastchê, de Cascavel, em 1997 e 1998.

Em 1996 foi criado na rádio Cidade o programa *Bailanta do CTG Carreteando a Saudade*. Produção de Jairo Baptista Teixeira. O locutor, Euclides Tessaro, foi o primeiro narrador de rodeios do Sudoeste.

Em 2021, o Carreteando conta com cerca de 200 famílias associadas. Os sócios fun-

dadores são chamados “sócios remidos”, segundo Gabrieli.

O segundo CTG instalado em Pato Branco foi o *Rodeio da Amizade*, hoje desativado.

Em 5 de setembro de 1987 foi criado o CTG Tarca Nativista. O patrão fundador foi Ivandro Ribas da Luz.

SEU ANTÔNIO CONSERTA GAITAS

Antônio Viater é natural de Espinilho, Campos Novos-SC. Filho de Venceslau Viater e Lúcia Carolo. *Seu Antônio* — como se autodenomina (quando jovem era *Antoniinho*) — aprendeu técnicas de selaria no curtume de seu pai. A música chegou à família quando seus irmãos compraram um violão. Mas aprendeu a tocar gaita com um colega de serraria, aos 16 anos.

Antônio tornou-se serrador e motorista de caminhão de serraria. Em 1964 seguiu para Pato Branco, onde manteve essas atividades. Serrava pinheiros e transportava madeira para Curitiba, São Paulo e Porto Alegre. Também foi motorista de ônibus, antes de

aprender a consertar eletrônicos e computadores. Nos últimos anos tornou-se técnico de gaitas.

— Havia fábricas de gaita em Porto Alegre, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Erechim e Joaçaba — diz Viater (2019). — Eram da Todeschini, Escala, Tupi, Universal. Mas quando se popularizaram os teclados eletrônicos, lá por 1970, as fábricas de gaitas foram extintas. Os teclados tinham 200 tipos de som, acompanhamento, até orquestra. Não dava pra competir. Aí fiz um curso de montagem de teclados, no qual aprendi a ajustar as frequências. (...) Pensei que os teclados tinham acabado com as gaitas. Mas os caras descobriram que um aparelho eletrônico não conseguia simular o efeito de fole e outros detalhes do acordeom. Aí o pessoal começou a voltar às gaitas. Como não tinha mais fábricas no Brasil, compravam as gaitas velhas e recondicionavam. E nessa hora vi que eu teria bastante serviço.

Aliando a técnica musical à eletrônica, Seu Antônio desenvolveu um sistema de afinação das notas por meio de frequência.

Em 1998 Admar Corrêa da Silva coordenava a 7ª Região Tradicionalista do Paraná, que abrangia os CTGs *Carreteando a Saudade* e *Tarca Nativista*, *Querência do Barro Preto* (Coronel Vivida), *Esteio da Tradição* (Vitorino), *Desgarrados do Págo* (Mariópolis), *Vaqueanos da Querência*, *Sementes do Rio Grande*, *Piquete os Pioneiros* e *Querência do Sul* (Clevelândia), *Recordando a Tradição* (Coronel Domingos Soares), *Campos de Palmas*, *Porteira da Tradição* e *Família Nativista Juvenal Alves* (Palmas). Dentre outros eventos, a 7ª RT promovia o concurso de *Prendas e Peões Birivas*.

Ele aciona um fole manual, que faz vibrar as palhetas individualmente. Condiciona as palhetas à frequência exata observando dados obtidos por meio de um frequencímetro.

— Preciso ter uma coisa aqui que dê pra pegar qualquer tipo de palheta, mais mole, mais dura, mais macia, pra poder combinar, porque daqui tem que sair certo pra colocar na gaita. Retira todas as palhetas do caixilho e depois cola de novo. Passa pela minha mão umas dez vezes cada palheta.

Antônio explica que a afinação também depende das condições atmosféricas. A temperatura e a umidade do ar podem influenciar na frequência do som. Com o passar do tempo, as palhetas ficam impregnadas de pó, e a umidade forma ferrugem. Para protegê-las, são untadas com cera de abelha.

Toda a base da gaita é de açoita-cavalo, a mesma madeira leve e resistente que os tropeiros utilizavam para fazer cangas de bois. Para vedar as palhetas, utilizam-se tiras de couro macio, presas na madeira com preguiños. Esses couros, nas vozes da gaita, funcionam como válvulas.

— Cada marca de gaita têm um sistema diferente de produção de som — explica o mestre. — Algumas apresentam dois caixilhos, outras três, até quatro. Chamo de caixilho, alguns chamam de castelo.

O couro que sela a palheta pode ser de boi ou de ovelha.

— Faqueia na parte da flor do couro, onde está o pelo. Sai um courinho fininho que dá pra fazer roupa. A segunda parte também faqueia, depois passa numa prensa e faz o desenho do tamanho certo pra palheta. Teve fábrica que fez com napa, mas não dura nada.

Seu Antônio participou da fundação dos dois primeiros CTGs de Pato Branco. Tocava nas invernadas de dança. Acompanhado de Íria Lúcia, sua esposa, apresentava-se no programa BR-1010, da rádio Celinauta. Antônio na gaita e viola caipira, Íria no pandeiro.

Como todo bom técnico de aparelhos mecânicos e eletrônicos, Antônio Viater possui em sua oficina uma miscelânea de objetos de reposição e ferramentas: alto-falantes, fios, baterias, potenciômetros, parafusos...

Seu Antônio tocava "gaita de botão" no grupo musical do CTG Tarca Nativista. Mas chegou um maestro e disse-lhe que aquele instrumento não fazia parte da tradição gaúcha. "Fazer o que, peguei minha gaita e fui embora". Com a esposa, "Dona Lúcia", Viater gravou um CD de músicas autorais pela gravadora Sonopress. Entre suas relíquias há esta "gaita de colher", de fabricação alemã. Som encorpado e melódico.



LUÍZ FRANCISCO GUIL

CLUBES DE TIRO

A tradição da caça no Sudoeste surgiu naturalmente, pela necessidade de alimentação dos primeiros moradores de uma floresta quase intocada. Até a década de 1950 abundavam mamíferos e pássaros de inúmeras espécies, o que favorecia a sobrevivência das famílias.

— Nunca fui muito chegado a bola, nem baile. Mas eu caçava. Naquele tempo a gente podia usar arma de fogo, daí saíamos caçar, comer uma cotia. Nós pegávamos uma broa, ou uma polenta, levava fósforo e sal, saía pelos matos com cachorros, quatro ou cinco companheiros, e fazia uma festa. (Setembrino Bortot, 2019)



INSTITUTOS PROSÓCIMO GUERRA/THEÓPHILO PETRYCOSKI

Caçadores apresentam a preia do dia numa rua de Pato Branco. Perdizes, pombas e codornas.

A fauna reduziu-se numa velocidade crescente a partir da década de 1960, devido menos à caça que ao desmatamento. Mas como o desejo de caçar é nato no homem, e não havia mais caça disponível, em 27 de maio de 1988 fundou-se um clube de caça ao pombo, denominado Clube Pato-Branquense de Tiro ao Alvo. A iniciativa foi de Hugo Luis Scartezini, com o apoio de Adelar Dosso Pasa. Apesar da denominação *clube*, era propriedade particular de Scartezini.

A área escolhida para a sede foi uma mata localizada atrás do atual campus da UTFPR. Mas era necessário retirar as árvores, e Scartezini não dispunha de recursos. Restava solicitar à Prefeitura, porém ele era filiado a um partido que fazia oposição ao prefeito.

— E você sabe como é política! — diz Pasa (2019). — Mas eu era do partido do prefeito, ele era meu contador. Fui lá e falei, “Você tem que botar o trator lá, nós te pagamos o combustível e você vai fazer uma terraplanagem pra nós, pra fazer o clube do tiro, e você vai dar o primeiro tiro, vai inaugurar”. Aí o prefeito falou, “É, mas eu não tenho máquina pra isso”. Mas eu era amigo dos caras da garagem e já tinha falado com eles. Tinha dois trator de escrepe, que tem dois negócios atrás pra puxar terra. Falei, “E aqueles dois trator que vão ficar pronto amanhã lá na garagem? É aqueles lá que vão fazer a terraplanagem”. E o prefeito, “Como você sabe?”. Mas eu tava a par dos negócios da Prefeitura. Pago imposto, quero saber o que ta acontecendo. Aí ele falou: “Puxa vida, Pasa, vou fazer pra vocês!”. Aí fizeram! Trabalhava de noite. Quando trocava os tratoristas, eu levava um pra casa, trazia outro. Levava pinga pra eles, café.

O clube entrou no roteiro da Copa Mercosul de tiro e sediou campeonatos nacionais e internacionais, com centenas de atiradores. Na inauguração compareceram 120, inclusive uruguaios, transportados por um avião da

força aérea de seu país.

Nessa época a lei brasileira ainda admitia tiro ao pombo. Os organizadores iam buscar as aves nas cidades da região.

— Os colono criavam, a gente ia buscar até em Capanema, aquela pomba caseira. Tivemos prova de matar cinco mil pombas. Aí nós distribuía. Pra Fundabem, vamos doar quanto? Mil pombas. Eles levavam, depenavam e guardavam num freezer e davam comida pras crianças, ou faziam uma promo-

ção. Nós demos duas mil pombas pra APAE de Coronel Vivida. Eles depenaram e fui até ajudar a cozinhar. Aqui nós dava pras escolas. Eu nunca trazia pra casa, porque quando eu queria pomba, ia caçar no mato.

O clube de Scartezini fechou no ano 2000.

— Aí o Hugo me disse, “Sabe, Pasa, *por-codio*, vamo atirar no clube dos outros”.

Em seguida foi aberto o Clube de Tiro de Pato Branco – CTPB, com sede em Passo da Pedra. Há também o Clube Pato-Branquense



*Centro de Pato Branco, década de 1980.
Rua preenchida por fuscas, opalas, chevetes,
kombis, picapes e caminhões.*



Atiradores de Pato Branco participam de evento em Erechim-RS. Adelar Pasa está à frente, ladeado por Cleni, sua esposa, e Geni Scartezini, viúva de Hugo Luis Scartezini. 15 de abril de 2016.

de Caça e Tiro, iniciativa de Pasa e de Mário Basso, proprietário de uma loja de caça e pesca. É o quinto maior clube de tiro do Brasil, na classificação da confederação do esporte.

— O objetivo é resgatar os tempos gloriosos do clube do Scartezini, promovendo campeonatos nacionais e internacionais. (Lisbeth Basso, 2019)

Nos últimos anos, com a proibição da caça, o “tiro ao pombo” evoluiu para o “tiro à hélice”, que “faz um movimento semelhante ao do pombo”, segundo Lisbeth.

— O foco do clube é a espingarda cartucheira, com tiro à hélice. É formado por 100 sócios patrimoniais, sem fins lucrativos. Eles se juntaram para trazer benefícios pra cidade em prol do tiro esportivo.

Os atiradores são todos regulamentados junto ao Exército, com licença para transportar armas desde suas casas aos locais de tiro. O local comporta um cofre, onde armas e munições são armazenadas. As munições são compradas em lojas também registradas no Exército.

Ao lado do Pato-Branquense, com três alqueires de área, está sendo construído o General Clube de Caça e Tiro, de Lisbeth e

Mário Basso. Terá *tocas* para lançamento de alvos em movimento e pista pra fuzil.

PASA

Os avós paternos de Adelar Dosso Pasa são originários de Treviso, Itália. Instalaram-se em Caxias do Sul-RS, seguindo depois para Antônio Prado-RS. Luiz, pai de Adelar, casou-se com Tereza Dosso. Quando Adelar nasceu, Luiz era ferreiro em Joaçaba-SC.

A família chegou ao Bairro Bortot no dia 1º de setembro de 1965, com a mudança em dois caminhões. Num deles seguiam as telhas e a madeira da velha morada, que foram utilizadas para construir a nova casa e o barracão de uma nova ferraria.

— Me criei dentro de ferraria — diz Adelar (2020). — Fazia carroça, enxada, foice, arado. Depois comecei a consertar jipe, kombi, fusca.

Adelar trabalha como mecânico há mais de quatro décadas. Mas destacou-se em Pato Branco como atirador. Tem mais de 40 anos de tiro esportivo e cerca de 40 premiações em torneios de Pato Branco e de outras cidades. Obteve sua primeira medalha na cidade de Chapecó, em 1983. Depois venceu o *Prêmio*

Em 2001, Adelar Pasa conquistou o troféu de *Campeão de Tiro*, em Mafra-SC. Em sua homenagem, foi lido um texto bem-humorado, relatando suas façanhas como atirador. Trecho: “Pasa está sempre disposto e nunca diz não. Ele sobe nos poleiros e dá show nos mais jovens. Diz que toma banho nos rios no inverno, mas ninguém nunca viu”.

Mercosul Montevideo, em 2011 e 2014, na categoria *Major Super Veterano*. Arrebatou prêmios em São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

— Sou caçador desde criança. Quando eu tinha cinco ou seis anos, meu pai fez uma espingarda 32 na ferraria. E me levava junto caçar. Mas naquele tempo era brabo. Saía com geada branca, de pé no chão, entrava mato adentro, não via espinho, a sola dos pés era um couro duro.

RÁDIO ITAPUÃ

Prosdócimo Guerra e filhos, com alguns sócios, criaram a Rádio Itapuã-AM, em 1984. Na época havia em Pato Branco as rádios Celinauta e Elite, esta do grupo Perdigão. Nos primeiros anos foi difícil manter a emissora. A cidade era pequena e havia pouco investimento em publicidade.

— Mas nossa família não via a rádio apenas como uma possibilidade de negócio — conta Ricardo Guerra (2020). — Era uma oportunidade de levar informação, assistência social e cultura à população, e com isso contribuir para o desenvolvimento do município.

O primeiro locutor foi Silvonei José, originário de Guarapuava. Deixando a Itapuã, foi trabalhar na Rádio do Vaticano. A Itapuã assumiu a liderança de audiência a partir de 1990, quando entraram os locutores Valdomiro Cantin Neto e Carrapicho⁽²⁸⁾, com o *Programa do Carrapicho*.

(28) Apelido de Aldir Vendruscolo, ex-vereador e ex-presidente da Câmara Municipal de Pato Branco (2005).

Bons tempos dos festivais!

Os "Jovens Encontristas"
deram início a uma longa e frutífera
temporada de eventos culturais.

Desde as primeiras décadas de Pato Branco, os jovens juntam-se em grupo para promover eventos esportivos, religiosos, culturais e filantrópicos. Uma das primeiras agremiações foi a Associação Pato-Branquense de Estudantes Secundários – APES, formada no início da década de 1960.

Em 1969 os jovens católicos começaram a promover o Treinamento de Lideranças Cristãs – TLC. Os participantes chamavam-se *Jovens Encontristas*. A iniciativa, segundo Frei Nelson Rabello (rádio Celinauta, sem data), foi de Frei Longini Lickman, de Petrópolis-RJ, que visitou Pato Branco e sugeriu que fosse enviada uma equipe de jovens à sua cidade para serem treinados. Seguiram 20 jovens voluntários, entre rapazes e meninas. De volta a Pato Branco, eles deram início a inúmeras atividades lúdico-religiosas e também artísticas, envolvendo os fiéis da paróquia de São Pedro.

GRUPO MOLEJO E O FINC

A história musical de Pato Branco já contou com inúmeros nomes. Um dos incentivadores mais citados é o “professor Barbosa”, que “introduziu várias pessoas no mundo da música” (Rudi Bodanese, 1994). Destacaram-se artistas de projeção local e regional, com suas duplas sertanejas, conjuntos de música dançante, compositores e cantores de MPB e bandas de rock. Mas a cidade também vibrou com os acordes de grandes bandas, compositores e cantores de nível nacional.

Um grande incentivo à composição e à interpretação musical de Pato Branco e região foi a realização de festivais, a partir do início da década de 1970.

A primeira edição do Festival Intermuni-



Treinamento de lideranças cristãs no colégio La Salle. Dentre os presentes, Daniel Cat-tani, Salete Dal Molin, Rubens Camargo, Enedina Strapasson, Guego Favetti, Sueli Guerra, Sebastião Bordini, Ivane Ferro, Valdir Petrycoski, Frei Longino, Elie Detoni, Dirceu e Denise Moretti, Marisa Moraes e Ademir Cantu.

cipal da Canção – FINC aconteceu em 1972. O projeto iniciou numa reunião dos Jovens Encontristas na casa dos irmãos Maria Inês e Antônio Augusto Favetti (Guego).

— Quem cantava, entrava na lista de can-

didatos — recorda Guego (2020). — Veio gente de várias cidades, inclusive de Santa Catarina. Todo mundo ajudou.

A primeira edição — com as modalidades composição e interpretação — aconteceu no

*Grêmio Esportivo
Pato-Branquense
(1982). Piscina
olímpica, campo de
futebol e ginásio
esportivo. Muitos
eventos de esporte
e cultura ocorreram
nesta sede.*





Responsáveis pela realização do Festival Intermunicipal da Canção – FINC, década de 1970. Presença de Sueli e Valdir Guerra, Romancilda Cranzotto, Maria Moraes, Salete Dal Molin, Ivone e Guido Guerra, Frei Longino, Rui Brugnartotto, Maria Favetti, Aureo (Rolha), Edson Ferreira, Sandra Maria Martins Taques, Luiz Sergio (Serginho), Roberto Amadori, Maria do Carmo Battiston, Jorge Valenga, Vera Vieira, Honório Ribeiro, José Moacir (Titi), Aninha Favetti e Rubens Camargo.

barracão da Ford, junto ao Posto Calhambeque, da família Amadori.

— O primeiro FINC aconteceu no Posto Calhambeque, que tinha um pavilhão grande. Depois passou pro pavilhão da igreja e pros clubes. A moda pegou na região e começaram a fazer festivais em outras cidades. Era

uma febre! E nesses eventos sempre vinham artistas famosos. (Mário José Tagliari, *Palito*, 2020)

Artistas locais eram chamados para pintar cartazes e faixas. Visando a divulgação do evento, Rubens Camargo e Nelson Redivo, montados num fusca, percorreram várias ci-

Lindolfo e Neusa Dietrich, com violino e gaita, no clube Pinheiros, década de 1980. O evento era uma edição do “Jantar Cafona”, no qual os participantes vestiam roupas “cômicas e inadequadas”, criando um ambiente de “brincadeiras e muita diversão” (Rudi Bodanese).



dades do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, distribuindo cartazes e concedendo entrevistas em rádios e jornais.

— Numa rádio de Londrina, o locutor perguntou como chamava o nosso grupo. Não tinha nome, mas o Nelson improvisou, disse que era “Grupo Molejo... Movimento Leigo Jovem”. E ficou Molejo! (Rubens Camargo, 2020)

O acompanhamento das músicas estava a cargo da banda *Scientific Laboratory of Music*, ou SLM, formada por Guego, Carlos Pasto, Tino Barancelli e Osmar Cardoso.



Modelagem que serviu de base para a confecção do troféu Patinho de Ouro, premiação máxima do FINC. Produzida por Luiz Francisco Silva — “Pernambuco”. O cabelo foi modelado segundo a “juba” do jovem Rubens Camargo. A corrente no pescoço corresponde ao “correntão” usado por Nelson Redivo. Na segunda versão, o Patinho continha um bico folheado a ouro.

Grupo Molejo comemora a realização do 5º FINC, no pavilhão da Matriz de São Pedro, em 1977. No alto, de gravata, Jair Rodrigues, um dos cantores de maior expressão nacional da época. Presentes, Volmar Caramori, Estanislau Taques, Roseli Redivo, Nelson Redivo, Valban Sutille, Davi Ricardo Pin, Rubens Camargo, Margarete Camargo, Sandra Taques, Ademar de Oliveira, Maria Favetti, Fátima Garcia e Onório Ribeiro, dentre outros.

INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THÉOPHILO PETRYCOSKI



Guego participou também como candidato. Na primeira edição do festival ele arrebatou o troféu de melhor intérprete, com a música “Viagem”, de Taiguara. Em 1975 tornou a vencer, na modalidade composição, com a música “Canta em nós”, feita em parceria com Cláudio Ribeiro. Como bônus, recebeu uma viagem a Belo Horizonte.

O FINC conduziu a Pato Branco grandes nomes da música nacional. Os primeiros foram Antônio Carlos & Jocaí, artistas famosos da MPB da década de 1970.

Em 1984 o FINC foi substituído pelo FIC – Festival de Interpretação e Composição da Canção, também relacionado à paróquia de São Pedro. Liderado por Adair Kill, contou em sua noite de encerramento com o cantor/

compositor Zé Geraldo. A terceira e última edição ocorreu em 1986.

CONCURSOS DE VIOLA

Na trilha dos festivais musicais, em 1976 a rádio Celinauta promoveu o Festival Arizona de Violeiros — trazido de São Paulo por Rubens Camargo. Antônio Viater era um dos jurados. Segundo ele, “o nome do festival era Arizona por causa da Souza Cruz. Era o nome do cigarro mais barato deles”. Os classificados seguiam para as fases finais em Londrina e Ponta Grossa.

Pato Branco também contou com várias edições do evento *Viola de Ouro*, organizado pela Câmara Júnior, com apresentação de Camargo. A primeira edição ocorreu em 1984.

Em 1985 agregou-se ao festival a *I Festa da Colheita*. Além de música gauchesca, o evento contou com missa campal, gincana, bênção das máquinas, churrascada e escolha da Rainha da Colheita.

CASA DA CULTURA

A ideia de criação de uma Casa da Cultura para Pato Branco nasceu num jantar entre amigos na casa dos músicos Neusa e Lindolfo Dietrich, no final de 1979. Dentre os convidados estavam Carlos Kreich, Palito, Paulo Souza, Antônio Freire e um argentino chamado Constantini.

— Queríamos realizar eventos e resolvemos criar a Casa da Cultura — conta Palito (2020). — Começou como uma entidade sem

fins lucrativos.

Um dos primeiros eventos foi um show de tango, contratado por Constantini em seu país de origem. O primeiro grande show foi do compositor Sivuca.

— Pegamos as mesas do clube Pinheiros, levamos pro ginásio Patão — diz Palito. — Muita gente participou, voluntariamente.

A iniciativa deu impulso a vários projetos culturais, com a realização de números de dança, música e teatro, sessões de cinema e workshops.

— Várias pessoas começaram a trazer shows. Porque despertou o pessoal. Foi um marco da cultura de Pato Branco. Depois entraram outras pessoas e nomearam diretoria. O Gilson Marcondes começou a organizar as coisas. Também o Rudi Bodanese. O Vitor Hugo Ribeiro era muito envolvido, participava de tudo. Havia um casal de agrônomos, Norberto e Magda. Os Guerra, Ivânio, Estela, Ivone. A gente reunia a cidade numa ideia. Trouxemos Maurício Tapajós, Viva Voz, 14 Bis, A Cor do Som, Ivan Lins, Tarancón. Pato Branco era um berço de música! Depois entraram entidades como o Rotary, o clube Pinheiros. Ajudaram a trazer Roberto Carlos, Nelson Gonçalves, Toquinho.

Palito também diz que os nomes dos iniciadores da Casa da Cultura não constaram

ACERVO RUBENS CAMARGO



2ª edição do Festival Viola de Ouro. Organizado pela Câmara Júnior de Pato Branco - CAJUBRAN.

na ata da fundação.

— Quando eu soube que ia virar uma entidade oficial, achei que seríamos ao menos chamados a participar!

Mas o movimento iniciado na casa dos Dietrich, se não foi completamente justo para com seus precursores, mostrou-se muito po-

sitivo na formação artística da cidade de Pato Branco. Culminou com a reunião dos artistas e agentes culturais visando a construção do Teatro Municipal.

— A Casa da Cultura fazia de uma mescla de profissionais liberais, como médicos, advogados, arquitetos, educadores, estudantes,

INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/THEÓPHILO PETRYCOSKI



Final do 6º FINC, dezembro de 1976. A intérprete Silvana Veronese levanta o “Troféu Molejo”. Bernardo Arl com o cobiçado Patinho Bico de Ouro. O evento contou com show do sambista Luiz Ayrão.

O MELHOR DO BOLES LAU

Originário de Camaquã-RS, Victor Hugo Ribeiro exerceu em Pato Branco os papéis de advogado e funcionário do Banco do Brasil. Também dirigiu uma sucursal do *Correio de Notícias*, de Curitiba. Tornou-se conhecido na região pelas crônicas de *Boleslau Chispa*, seu pseudônimo. Cômico, irreverente, às vezes debochado, não poupava tintas quando decidia atacar um assunto. Escreveu sobre tudo e todos, sempre buscando esclarecer os fatos. Ele também atuou em numerosas instituições sociais e assistenciais. Sua dedicação às questões pato-branquenses levou-o a pesquisar as famílias locais proprietárias do maior número de aparelhos telefônicos! Suas crônicas foram republicadas em várias edições do livro “O Melhor do Boleslau”.



ACERVO GILSON MARCONDES

Raul Seixas deslocou-se a Pato Branco para fazer um show, mas adoeceu e o evento foi cancelado. Com ele, o vereador Vilmo Marcondes.

com militantes de cultura popular. Foi uma experiência muito rica, que trouxe para Pato Branco, não só grandes nomes do cenário artístico nacional, como oficinas de cinema, teatro, literatura... (Rudi Bodanese, 2020)

CANTAR

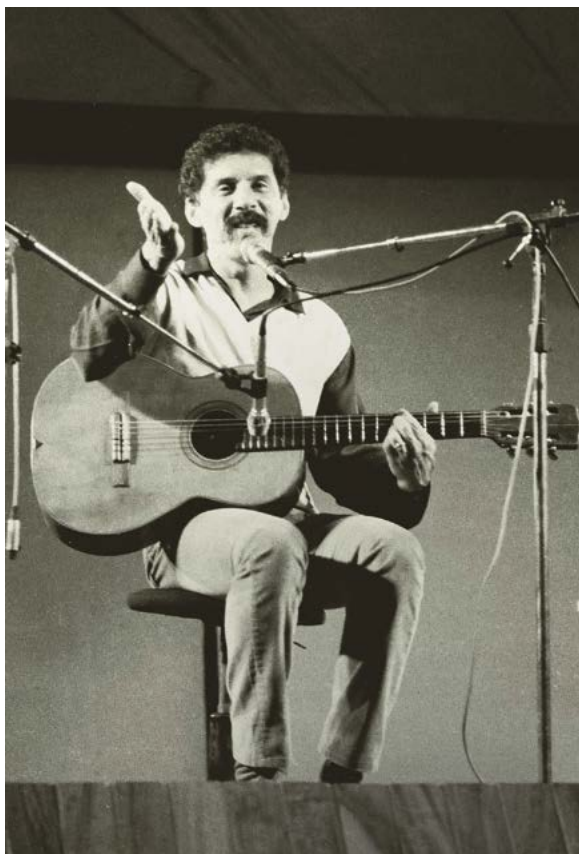
Entre 1989 e 1991 a Casa da Cultura promoveu o Cantar – Festival de Composição da Canção. Edições coordenadas por Ivan Fantinel, Rose Colucci e Carlos Mezzomo.



Ingresso para o show de Luiz Gonzaga.

AGENTES CULTURAIS

Entre as décadas de 1970 e 1990, além dos artistas já citados, estiveram na cidade de Pato Branco *medalhões* como Roberto Carlos, Raul Seixas, Gilberto Gil, Alceu Valença e Gonzaguinha, além de bandas renomadas. A cidade também foi contemplada com shows de teatro e dança. A realização desses shows contou com a ousadia e o empenho de vários agentes culturais, que partiram em busca dos artistas e programaram suas apresentações. Dentre eles, Rudi Bodanese, Rubens Camargo, Gilson Marcondes e Palito. Os eventos foram realizados com o apoio de empresas e entidades locais.



ACERVO GILSON MARCONDES

Em 28 de abril de 1991 apresentou-se no Clube Pinheiros o cantor/compositor Luiz Gonzaga Júnior – Gonzaguinha, com produção de Rudi Bodanese e Gilson Marcondes. Esta última fotografia do artista foi tirada por Rudi. No dia seguinte Gonzaguinha sofreu um acidente fatal em Renascença, enquanto dirigia-se ao aeroporto de Foz do Iguaçu. Gilson providenciou o caixão. Na despedida, no aeroporto de Pato Branco, a professora Maria Mattos cantou “Asa Branca”, a mais popular canção de Luiz Gonzaga, pai do falecido.



INSTITUTOS PROSDOCIMO GUERRA THEOPHILO PETRYCOSKI

Cantora Vanusa apresenta-se em Pato Branco. Na década de 1970 ela fez sucesso com a música “Paralelas”, de Belchior.

CONCURSOS DE CAMARGO

Nascido em São José dos Pinhais-PR, Rubens Camargo chegou em Pato Branco em 1955. Começou a fazer teatro no movimento de jovens da paróquia de São Pedro. Todo ano eles apresentavam o *presépio vivo* no pavilhão da igreja, coordenado por Frei Eugênio Sieberichs. Rubens levou a arte teatral ao colégio das irmãs vicentinas, atuando como diretor das peças. Na década de 1970, estudante de administração de empresas da FUNESP, fundou com os colegas o grupo teatral *A Semente*, atuando como ator e diretor. As



Ingresso para o show do grupo de música latina “Raíces de América”, no clube Grêmio.



INSTITUTOS PROSDÓCIMO GUERRA/TEÓFILO PETRYCOSKI

Primeiro Festival Paranaense de MPB, início da década de 1980.

peças eram apresentadas nas salas de aula e nos corredores da faculdade.

Nessa época formaram-se outros grupos, apresentando-se em clubes e colégios.

— Nos festivais que ocorriam na região — diz Rubens (2020) — sempre fazíamos questão de reivindicar a instalação de um palco onde pudéssemos desenvolver o teatro.

— Em meio às crises e revoluções do início da década de 70, nós jovens circulávamos e agitávamos muito com as promoções festivas de final de semana. Eram as tardes dançantes, grupos que se formavam em volta de um violão. Nessa época tínhamos um violeiro particular, Guego Favetti, que já era o artista da cidade, reverenciado por jovens e adultos. (...) Com a força da música, demarcávamos nosso território. Os festivais nasceram de um desejo de liberdade, pois éramos dominados e vigiados pelos militares do golpe de 1964. A rigorosidade de comportamento de algumas famílias criavam um estigma no jovem. Ou seguia as regras, ou era marginalizado. (...) Nós queríamos cantar e viver intensamente os momentos da juventude e nossos anseios de liberdade. (...) Aos poucos surgiam os movimentos jovens. Uns de defesa do meio ambiente, outros de posicionamentos religiosos. (...) Mas o que mais se destacou foi o movimento musical, influenciado pelo movimento hippy, Rock and Roll, Beatles e tantas outras bandas. (...) Foi nesse contexto, com

visão e preocupação com os jovens (...) que o saudoso Frei Nelson Rabelo trouxe do Rio de Janeiro o movimento TLC (Treinamento de Liderança Católica). (...) O I Encontro de Jovens de Pato Branco foi realizado no Colégio La Salle nos dias 29/30 e 31 de dezembro de 1970. (...) Três dias de reflexão, orações, testemunhos e momentos de lazer também. (...) A partir do I Encontro, como tarefa concreta de uma ação, como aprendemos com o tripé dos Jovens Encontristas: Piedade, Estudo e Ação, eu e Guego sugerimos fazer um festival de músicas. (...) A ideia foi bem aceita pelo grupo. Todos vibraram, mas como e onde fazer? (...) Foi sugerido o Pavilhão São Pedro Apóstolo, também por estar ligado à Igreja. Assim aconteceu o I Festival da Canção. Os Jovens Encontristas ficaram responsáveis pela organização. Foram momentos com experiências emocionantes, ousadas, decisões, trabalhos, organização, recebendo o aval dos adultos, do poder público e da sociedade pato-branquense. Os eventos, além de divulgar a cidade, incentivaram o nascimento de

Clube Pinheiros apresenta:

TARANCÓN
Música da América Latina

Clube Pinheiros chama para o show do grupo Tarancón, em janeiro de 1989. Pontos de venda: “Foto Rudi”, “Letra” e “Quiosque da Praça”.

Rubens também teve participação ativa na produção do Festival Intermunicipal da Canção – FINC. A partir de 1991, como locutor da rádio Celinauta, ele conduziu os programas *Cabanha 1010*, dirigido aos agricultores, e *BR 1010*, para os caminhoneiros. Por meio da rádio ele também organizou os concursos *Cozinha de Estrada* e *Truco de Volante*. Promoveu concursos de pescaria, do melhor queijo, do melhor salame, da maior abóbora de pescoço e do FNM⁽²⁹⁾ mais Bonito do Brasil. Quando mudou-se para a Rádio Itapuã, o programa tornou-se *Breque de*

(29) FNM, ou “fenemê”, caminhão produzido pela Fábrica Nacional de Motores.

novos artistas e poetas, impulsionaram o gosto pela música na cidade e região. Os festivais foram um marco na história de nossas vidas.

(Maria Inês Favetti de Carvalho, 2020)



Show dos irmãos Guego, Maria Inês e Titi Favetti – “Trio em Fá”.

Mão. Na área editorial, no ano 2000 Rubens criou o jornal *BR-1010*. Em 2007 iniciou a edição do *Correio do Campo*. Em 2009 fundou a revista *De Moto*, em apoio ao grupo de motociclistas *Moto Pato*. Em 2016, a revista *De Bici*, para ciclistas.

Em 1987 Camargo sagrou-se Campeão Brasileiro de Oratória. Também venceu o campeonato latino-americano da modalidade, em Mar del Plata, Argentina, habilitando-se para representar o Brasil em Amsterdã, Holanda. Como incentivo a novos oradores, ele montou em Pato Branco a *Academia RCC de Oratória*.

COZINHA DE ESTRADA

Concurso criado em 1991 por Rubens Camargo, estendeu-se até 2006. Em suas quinze edições, o evento moveu e comoveu a população de Pato Branco e do Sudoeste. Os candidatos, todos caminhoneiros, produziam os pratos em suas *caixas de cozinha*. No início eram livres para cozer o que lhes conviesse, mas devido à dificuldade de julgamento de pratos variados, estabeleceu-se: somente macarrão, risoto e arroz carreteiro. As primeiras

O motorista produz um saboroso prato na cozinha de seu caminhão. Com ele, o locutor Rubens Camargo (à direita) e companheiros de estrada.



nove edições ocorreram no pavilhão da igreja São Cristóvão, na Encruzilhada. Depois passaram para o pátio do posto Doval. A mesa de jurados era composta pelas alas masculina e feminina. O evento ocorria em etapas, nas cidades de Pato Branco, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Barracão. Os vencedores disputavam a grande final.

O primeiro campeão do Cozinha de Estrada foi o caminhoneiro Paulo Renosto, ou

Paulo Bigode, de S. Lourenço d'Oeste. O maior vencedor foi Luiz Carlos Vargas, premiado três vezes. O troféu foi inicialmente chamado Patotex, nome da indústria que o produziu. Depois tornou-se *Troféu Ariel Toniel*, homenagem a um jovem participante de várias edições do concurso. A taça era transitória, passando de mão em mão entre os vencedores. O ganhador comprometia-se a deixá-la durante todo o ano exposto na sala de sua residência. Camargo visitava-o periodicamente para conferir.

TRUCO DE VOLANTE

Na última edição do concurso *Cozinha de Estrada*, em 2006, foi realizado em paralelo o primeiro *Truco de Volante*, com a participação de motoristas em geral. A competição prosseguiu anos afora. Segundo Rubens Camargo, alguns participantes foram desclassificados por terem suas carteiras de habilitação vencidas.

CONCURSO DE SALAME

Os produtores dos salames com os melhores sabores eram premiados. Os jurados eram escolhidos aleatoriamente, entre moradores da cidade de Pato Branco. Os salames eram levados em suas respectivas casas para degustação e avaliação.



RUBENS CAMARGO

Edegar Luzzatto, campeão do 13º Cozinha de Estrada, em 2004. Com o troféu Ariel Toniel na mão, ele é carregado por seus colegas de volante. Esta finalíssima ocorreu em Francisco Beltrão.

Academia de Letras e Artes de Pato Branco

Numa iniciativa da Prefeitura Municipal, sob liderança do diretor do Departamento de Cultura, Adair Kill, escritores e artistas de áreas diversas reuniram-se em dezembro de 2000, numa sala da FADEP, com o objetivo de fundar a *Academia de Letras e Artes de Pato Branco*. A estruturação da entidade contou com a orientação da Academia de Letras do Paraná. Em 25 de janeiro de 2001 foi constituída uma diretoria provisória da entidade, sob presidência de Valério Borges da Silveira. Foram ocupadas 27 cadeiras, com escritores, artistas e agentes culturais de expressão no município. 7 foram cedidas a membros da Academia Palmense de Letras.

Frei Nelson Rabello, à esquerda, com Sittilo Voltolini. Rubens Camargo e Rudi Bodanese estão ao fundo. Na companhia de outros colegas, eles tomam posse como membros da Academia de Letras e Artes de Pato Branco, no evento de instalação da entidade.



ASSOCIAÇÃO DO BAR DO BETI

Num período que estendeu-se por mais de 30 anos, Carlos Roberto Beti, ou *Cali Beti*, promoveu eventos artísticos diversos na cidade de Pato Branco. A *Associação do Bar do Beti* realizou shows com artistas e bandas do cenário nacional e internacional, como Blindagem, Marcelo Nova e a escocesa Nazareth. Na realização de vários desses eventos, Beti contou com o apoio do empresário Marcelino Petrycoski.

SHOWS "ATLAS 60 ANOS"

Em 2010, no seu aniversário de 60 anos, a empresa Atlas Eletrodomésticos promoveu uma grande festa. O evento é considerado um dos maiores já ocorridos em Pato Branco, com a apresentação de diversos artistas de renome nacional. A entrada do público foi gratuita, ao longo de um ano de atividades. Essas realizações festivas renderam à Atlas o prêmio *Top de Marketing 2011*, concedido pela ADVB-PR.

ESTAÇÃO DA LUZ

Mário José Tagliari (Palito) é originário de Gaurama, município de Erechim-RS. Foi também um dos maiores promotores de eventos musicais da região Sudoeste.

— Desde o final da década de 1970, até 1994, o que teve de música aqui, de alguma maneira estive envolvido. O primeiro show grande que trouxemos foi do Sivuca. Depois veio Nelson Gonçalves, Tom Jobim, Toquinho, Miucha, Gonzagão (Luiz Gonzaga),



Desde a esquerda, Marcelino Petrycoski, Cali Beti e Zeno Tesser. Cali com uma camiseta da banda Nazareth.



Família Petrycoski com o cantor Daniel (de chapéu). O show do artista foi prestigiado por mais de 20 mil pessoas, com entrada gratuita.

Gonzaguinha, Gilberto Gil. Pato Branco tinha oito a dez shows grandes por ano! Os caras queriam conhecer este canto aqui. Reunia quatro ou cinco apoiadores, bancava e ia pro estouro final.

Palito conheceu o cantor Alceu Valença em 1977, num show em Curitiba. Num intervalo foi conversar com o artista e perguntou se ele cantava em cidades do interior.

— Canto no interior, na calçada, em qualquer lugar — foi a resposta.

Em 1981 Palito chamou Valença para realizar uma apresentação em Pato Branco. Foi o início de uma parceria de vários anos. O artista compareceu à cidade cerca de dez vezes.

— Cantou na praça, cantou em cima de caminhão — conta Palito. — Ele vinha aqui pela amizade, tomar, fazer festa, andar pelos matos, conversar.

Em breve eles tornaram-se compadres. — Sou padrinho do Juliano, filho dele, e ele é meu padrinho de casamento. A música “Estação da Luz” (1985) — do disco com o mesmo título — Valença dedi-

cou “aos Maquinistas de Pato Branco”, grupo carnavalesco da década de 1970.

— Mas é também uma homenagem a Pato Branco — diz Palito. — Saímos uma noite e na mesa de um bar ele fez a música.

Alceu e Palito organizaram em 1994 o festival *Estação da Luz – 1ª Estação do Rock*, evento que contou com mais de 30 bandas. Entre elas, Titãs, Barão Vermelho, Os Incríveis e Placa Luminosa.

O palco foi instalado no Parque de Exposições. Na estrutura, 60 chuveiros para o banho do público e 60 toneladas de equipamentos — com 80 mil watts de potência.

Mas o rock não era bem visto por uma parcela da população local. Palito diz que enquanto faziam as instalações para os shows, foi ao local e encontrou cerca de quarenta pessoas ajoelhadas na frente do palco, rezando, dizendo que era “coisa do satanás”!

— Veio umas quatro mil pessoas de fora, mas de Pato Branco não tinha quase ninguém. Mas aqui sempre foi difícil. A gente pagou um preço muito alto por ser do rock!

ESTAÇÃO DA LUZ

Alceu Valença
(Aos Maquinistas de Pato Branco)

Lá vem chegando o verão
No trem da Estação da Luz
É um pintor passageiro
Colorindo o mundo inteiro
Derramando seus azuis

Lá vem chegando o verão
No trem da Estação da Luz
Com seu fogo de janeiro
Colorindo o mundo inteiro
Derramando seus azuis

Pintor chamado verão
Tão nobre é sua aquarela
Papoulas vermelhas
A rosa amarela
O verde dos mares
As cores da terra
Me faz bem moreno para os olhos dela.

Abaixo, capa e contracapa do disco “Estação da Luz”, de Valença. Desenho de W. Virgolino (1985). Acima, a letra extraída do mesmo disco, dedicada “Aos Maquinistas de Pato Branco”.



Teatro em cena

*Artistas, empresários e poder público
uniram-se para construir o Teatro
Municipal de Pato Branco*

A vocação teatral de Pato Branco revelou-se desde os primeiros anos. Os precursores foram Osmar e Avelino Macagnan, Abrelino Schenatto, Elza Geron, Iolando Garcia, Neli Worliczek, Carlos Franciosi e Lígia Leal dos Santos. Eles participavam de um grupo criado por Edi Antônio Franciosi. As peças — geralmente com temas bíblicos — eram entregues ao público no Cine Avenida. Após cinco anos de apresentações disputadíssimas — “era a luta pela fila do gagarejo” (Voltolini) — Franciosi incorporou-se ao elenco do teatro Guaíra, de Curitiba, e a trupe de Pato Branco desfez-se.

A atividade retornou com peças de Mirian Macagnan, que realizava teatro no colégio Águia. Ela também criou o *Grupo Municipal de Teatro*. Surgiu também o teatro do CEFET, com a professora Adriane Santos Auzani. Rubens Camargo coordenava um grupo teatral no CEFET e outro no colégio Premem, denominado *Água Viva*.

As peças teatrais também eram ensaiadas e apresentadas no auditório do colégio Agostinho Pereira, no pavilhão da Matriz de São Pedro, nos clubes sociais e no Ginásio Municipal de Esportes. Na década de 1990 iniciou-se uma nova fase, a partir da construção do Teatro Municipal.

TEATRO MUNICIPAL

A inauguração do Teatro Municipal trouxe a esperança de uma era mais promissora na área cultural. Até essa época, o incentivo público à cultura era escasso.

— Nossa equipe era muito reduzida — diz Marcos Zanella (2020), secretário municipal de Cultura no período 1988 - 1992. — Tinha-



*Ensaio da peça
“A vida tem sete
andares”, em
1955, no colégio
Agostinho Pereira.
Abrelino Schenatto,
Osmar Macagnan,
Neli Worliczek,
Avelino Macagnan,
Edi Franciosi
(diretor) e
Iolando Garcia.*

mos um professor de teatro, um maestro da banda e um regente do coral. Mas essa equipe realizava muitos eventos. Tínhamos teatro nas escolas. E a banda e o coral agregavam muitos participantes. Foi fechado um convênio com a Cultura de Cascavel. Os grandes artistas que se apresentavam em Cascavel e Foz, eram encaminhados a Pato Branco.

A instalação do Teatro Municipal era uma reivindicação antiga da classe artística. Havia

vários movimentos culturais na cidade, como Câmara Júnior, Casa da Cultura e grupos de jovens da igreja católica que pleiteavam um espaço mais adequado às suas apresentações.

— O Teatro Municipal não teria sido construído se não fosse pela batalha pessoal do Gilson Marcondes. Até como advogado, ele buscou toda a documentação. Fez as coisas andarem. (Eliane Somacal Marcondes Gauze, 2019)

— Poucas pessoas no campo artístico e profissional marcaram tanto sua passagem por Pato Branco, como João Gualberto Gaspar, o “Tio Tonico”. Militava no rádio, participava de atividades comunitárias e esportivas e nos domingos comandava no palco do Cine Avenida o inesquecível programa Tio Tonico. Na foto, ele premia um concorrente de um concurso de fantasias, no carnaval de 1971. Atrás, sua inseparável esposa, Neusa. (Rudi Bodanese, sem data)





ACERVO RUBENS CAMARGO

Com o apoio de uma fundação pró-teatro, foram promovidas rifas, festa junina e outras formas de arrecadação para iniciar as obras.



Cartaz de show de João Bosco, no Grêmio Industrial, em 1990. “Pró-construção do Teatro Municipal”.

— Organizamos um grande mutirão para a construção do teatro — diz Gilson Marcondes (2020). — Obtivemos doações de centenas de pessoas, de empresas. Acho que mais de mil pessoas colaboraram com parcelas mensais. O dinheiro era doado à Casa da Cultura e depois repassado à Prefeitura. Com o recurso das doações, eu e o Carlos Alberto Rebelo compramos o terreno, que era do Delmino Amadori. Compramos em nome da Casa da Cultura, mas demos somente uma entrada de 5%. O prefeito Astério Rigon terminou de pagar.

O local era pantanoso. Na fundação foi necessário enterrar 107 estacas pré-moldadas, de 9 m de altura. O dinheiro arrecadado também permitiu a colocação das vigas de

TALENTOS DO TEATRO

Nos últimos anos surgiram vários nomes de talento na dramaturgia de Pato Branco. Na direção destacou-se Leandro Dourado, que formou no colégio Premem o grupo *Gaiatri*. Deste surgiu o grupo *Danco*, de teatro e circo, dirigido por Bruno Guedes. Também sobressaiu-se o grupo *Artífice*, da UTFPR, coordenado por Maurício Maculan.

Grupo teatral “A Semente” distribui livros às crianças ao final da peça. No elenco, Douglas Soares, Miraldo Todeschini, Cleide Varaschin, Polyane Latman, Rubens Camargo e Carlos. Na direção, Idene Deluque.

baldrame e a cobertura. O restante foi construído com recursos municipais, estaduais e federais.

O terreno foi doado ao município. Ao final do mandato do prefeito Clóvis Padoan já estavam concluídos os alicerces.

Carlos Kreisch fez a sondagem do terreno. A engenharia foi desenvolvida por Osmar Braun, Antônio Carlos Chemin, Vladimir José Dal Ross, Carlos Alberto Rebelo e Ivan Chiamulera — todos voluntários. Os arquitetos responsáveis pelo projeto foram Derli José Fischer e Marilu Fantin. Para obter uma acústica de boa qualidade, foram contatados arquitetos de Curitiba e da Argentina. Segundo depoimentos, o teatro de Pato Branco possuía uma das melhores acústicas do Paraná. Também contava com um projetor e uma grande tela, o que possibilitava convertê-lo em sala de cinema.

O projeto inicial presumia 2.000 m² de área construída. Mas com os cortes de verbas e as restrições impostas pelo Corpo de Bombeiros, foi reduzido para 1.300 m². O mini-auditório previsto foi suprimido.

Em anexo instalou-se a Biblioteca Municipal Professora Helena Braun e o Museu Histórico José Zanella. Havia salas destina-



Sorteio de motocicleta, em benefício do Teatro. 500 cruzados o cartão.

Em fase conclusiva, a construção do Centro Cultural Raul Juglair, com o Teatro Municipal Naura Rigon. À direita, Biblioteca Pública Helena Braun. Também contava com o Museu José Zanella. A estrutura foi destruída por um incêndio em 17 de abril de 2018. Somente a biblioteca e o museu foram poupados.

.....

das a ensaios da Banda Municipal e a aulas de dança. Uma delas estava reservada à Casa da Cultura.

A construção foi concluída no final do mandato do prefeito Delvino Longhi. A inauguração ocorreu em dezembro de 1996.

O conjunto teatro-museu-biblioteca foi denominado Centro Cultural de Pato Branco Raul Juglair. O teatro chamou-se Teatro Municipal Naura Rigon, homenagem à esposa de Astério.

Na inauguração foi apresentada a peça "O Fantasma Pluft", com o grupo de teatro de Mirian Macagnan, representado por crianças e adolescentes.

A partir da inauguração, multiplicaram-se os eventos culturais na cidade: cursos, palestras, workshops, exposições.

Uma publicação de 1998 divulga as ofertas do Teatro Municipal: "Canto coral, formação musical, teatro adulto e infantil, ofi-



cina de voz, aulas de xadrez, além de cursos de artesanato, arraiolo (bordado sobre tela), esperanto, desenho, pintura, dança e logosofia".

Nesse período a dramaturgia de Pato Branco efervesceu. Formaram-se inúmeros grupos, promoveram-se encontros e festi-

vais. Mas a competição artística mostrou-se desfavorável ao desenvolvimento da arte.

— Fizemos dois festivais, mas não deu certo, porque criava inimizades. (Eliane)

Na gestão do prefeito Augustinho Zucchi, em 2016, após inúmeras reformas, o Centro Cultural foi reinaugurado. Mas pereceu num

Gilson Marcondes auxiliava o pai, Wilmo Marcondes, a vender doces na bomboniere do Cine Avenida. Participando do grêmio do colégio Agostinho Pereira — *Diretório Estudantil e Recreativo Rui Barbosa*, também conhecido como *Derruba!* — Gilson editava o jornal *Folhetim*. Suas publicações partidárias resultaram em prisão, em 1977, pelo DOPS. Permaneceu um dia na carceragem. O grêmio lutava pelo meio-passe dos estudantes no transporte público e meio-ingresso no cinema. Promovia eventos culturais e concursos literários. Como presidente da Casa da Cultura e diretor de Cultura do Clube Pinheiros, Gilson realizou dezenas de eventos artísticos, entre peças teatrais, teatro de bonecos e shows musicais com grandes artistas nacionais. Também foi um dos líderes na batalha pela construção do Teatro Municipal de Pato Branco.



DIÁRIO DO SUDESTE

Apresentação dos alunos do Teatro Municipal, dirigidos por Eliane Gauze.

NOVO TEATRO

O projeto do novo Teatro Municipal de Pato Branco foi elaborado pelos arquitetos Emerson Carlos Michelin, Ricardo Zilio e Caroline Domingos Mezzalira. Possui arquitetura contemporânea, com um único volume criado em função do auditório e do palco, segundo os projetistas.

O vidro transparente, em sua fachada de esquina, convida o público a entrar, a contemplar a estrutura e a assistir aos espetáculos culturais que nela serão apresentados. Com capacidade para 700 pessoas, a construção foi iniciada em 2020, na mesma área do edifício anterior.





incêndio em 17 de abril de 2018. Dentre outros objetos destruídos estava um piano meia-cauda, doado pelo Banestado. A biblioteca e o museu foram poupados. Em março de 2020, as paredes foram demolidas para a construção de um novo teatro.

O TEATRO DE ELIANE

Diretora do Departamento Municipal de Cultura em 2013 - 2020, Eliane Somacal Marcondes Gauze tem sido uma das criadoras e incentivadoras da arte teatral de Pato Branco. Em 1992, enquanto cursava letras na FUNESP, tornou-se professora municipal e foi trabalhar numa escola que acolhia menores “enrolados com a Justiça”, segundo ela. Depois passou a organizar peças de teatro nas escolas, em parceria com as professoras Saraí Marques (música) e Janeclair (dança).

Nessa época Eliane foi atraída por um projeto criado por Cláudio Petrycoski, com o apoio da indústria Atlas: o ensino do esperanto. Em busca de conhecimentos sobre o *idioma universal*, ela viajou para vários países da Europa e de Israel. Enquanto aprendia e ensinava o esperanto no distrito de São Roque — atual Nova Espera — reuniu suas equipes teatrais num grupo maior, chamado Patoart, e levou-o à Atlas, onde formou-se o Atlas Patoart. E passou a promover peças em esperanto, com textos autorais.

— Foram 15 anos de Atlas. Em todos estes anos, foi o melhor aprendizado da minha vida! Porque a gente criava junto com o maestro, com os alunos, elaborava, caminhava, cantava, e todo mundo trabalhava junto. Era uma experiência de empreendedorismo, de ideias diferentes, de aprender a ficar com o pé no chão e a ideia no alto.

Após a inauguração do Teatro Municipal, Eliane conduziu seu grupo àquele espaço maior. Nessa época a trupe viajou para várias cidades do Brasil, arrebatando premiações.

MUSEU DE RUA

O projeto *Museu de Rua* chegou a Pato Branco por meio da Secretaria de Cultura do Paraná, com apoio da Fundação Cultural

de Pato Branco. A pesquisadora Graça Bandeira, de Curitiba, iniciou os trabalhos, com o apoio de Marlene Triches Painim, Gilson Marcondes e Brenda Lee Moreira Fernandes. A finalidade era promover um *museu sem portas*, propondo a valorização do patrimônio cultural, histórico e ambiental do município. Os cidadãos participavam diretamente das atividades, fornecendo fotografias e documentos antigos, relacionados à história de Pato Branco.

GRUPOS ITALIANOS

No final da década de 1990, Irmã Pierina, de Francisco Beltrão, começou a dar cursos de italiano em Pato Branco. Além de gramática italiana, ela ensinava canto. Seus alunos criaram o *Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro* de Pato Branco. Em 2002 a diretoria da entidade foi assumida por Divina Scopel Martins. Nessa época o grupo já realizava os ensaios no Teatro Municipal, contando com o apoio dos músicos Antônio Viater e Vitorio Verona. Além de apresentações em eventos comunitários, eles cantavam a missa italiana, nas novenas de São Pedro. Também apresentavam-se nas capelas do interior de Pato Branco e em várias cidades da região.

Em 2012, contando com o apoio de Pedro Mezzomo, de Coronel Vivida, Divina organizou o evento *Miss Itália*, no Clube Pinheiros. Concorreram as Misses de várias cidades da região. A eleita foi Anissara Toscan, de Dois Vizinhos.



DIÁRIO DO SUDOESTE

Também formou-se em Pato Branco o *Círculo Amor pela Itália*, contando com o apoio dos músicos Guido Brod e Nelson Batistela.

— Tínhamos o grupo *Amor pela Itália*, que era puxado pelo Nelson Batistela. Tinha curso de italiano e coral. Gravamos um CD e nos apresentamos em eventos dos três estados do Sul. Participávamos de jantares com apresentações musicais e danças. (Ermida Dalla Costa, 2019)

ORQUESTRA SANFÔNICA

A formação da Orquestra Sanfônica de Pato Branco é um exemplo de como os fatos históricos são contados de forma diversas — convergentes ou divergentes — segundo a

visão pessoal de seus protagonistas.

— A brincadeira começou comigo e com o José Baldissera. Íamos treinar onde não incomodasse os vizinhos. Outros souberam e vieram junto. Os primeiros ensaios eram no Centro de Arte, no Fraron. Depois fomos pro Teatro Municipal. (Joanim Fraron, 2020)

Fraron anotou num caderno todas as apresentações da orquestra, de setembro de 2006 a dezembro de 2014. Nesse período ocorreram 152 exibições, incluindo as cidades de Porto Alegre e Londrina.

— A Orquestra Sanfônica começou quando eu e minha mulher participávamos do Grupo de Canto Italiano. Tinha cursos de italiano e nos encerramentos faziam festividades, inclusive missa em italiano. Uma vez fomos na TV, no programa da Margarete, e tinha um pessoal do CTG se apresentando. Aí nos reunimos e saiu a ideia da Orquestra Sanfônica. (Antônio Viater, 2019)

Divina Scopel Martins (2020) diz que ao assistir a uma apresentação de sanfoneiros de idade avançada, percebeu a possibilidade de reuni-los num grupo maior. Em breve conseguiu juntar 23 deles, proporcionando-lhes conhecimentos musicais mais aprofundados, com o apoio dos maestros Dionatan Menezes (Sassá) e Diego Guerreiro.

— O objetivo era reunir o pessoal para tocar nos finais de semana. Mas sentimos o

Grupo de canto do Círculo Ítalo-Brasileiro. Desde a esquerda, Alda Trombetta Menegazzo, Lóris Mazurana, Divina Scopel Martins, Antonio Viater, Iria Lúcia Viater, Maria Neusa Gerone e Josefina Trombetta. À direita, uma cantora da cidade de Mariópolis.



ACERVO ANTÔNIO VIATER

potencial e decidimos criar a Orquestra Sanfônica. (Guerro, 2020)

— Com o tempo, o grupo passou a trabalhar em caráter mais profissional, de estudo e aprimoramento e experimentação, apesar de não perder sua essência de valorização, celebração e divulgação da música e do instrumento. (Site da Orquestra Sanfônica)

Além da música gauchesca, a orquestra explora gêneros diversos, como o jazz e o pop, além de partituras eruditas.

Em 2013 foi gravado o primeiro CD do grupo: “Releituras”, com samba, choro e baião. O segundo, “Outro Sul”, de 2017, com repertório autoral, foi escolhido como um dos melhores discos da música brasileira, pelo site Embrulhador, na lista *Melhores da Música Brasileira*. A orquestra já se apresentou em Milão, Paris e Missones.

Inicialmente ela integrou o Círculo Ítalo-Brasileiro. Depois tornou-se independente.

CORAIS

O primeiro coral de Pato Branco foi criado na igreja de São Pedro, na década de 1950, pela professora Frida Ess Keulbeck.

Em 1957 surgiu o coral dos Congregados Marianos, dirigidos por Dercy Herdina.

Em 1968 formou-se novo coral da igreja,



Sanfoneiros aguardam no saguão do Teatro Municipal de Pato Branco para a primeira apresentação da Orquestra Sanfônica, em 2006.

sob regência de Frei Eugênio Siberich.

Em 1981, sob o incentivo de Frei Nelson Rabello, teve início o coral São Francisco, regido pelo maestro Valdir Alves da Silva. Em 1983 o grupo tornou-se responsável da empresa de ônibus Cattani, alterando sua denominação para Coral Cattani. A partir de 1994 gravou vários discos, com músicas folclóricas, natalinas e italianas. Em 1989 o Coral Cattani gravou o Hino de Pato Branco, composto por Valdir Alves da Silva (música) e Francisca Rocilda Alves da Silva (letra).

Em 1981, com iniciativa de Luiz Frans, foi criado o Coral da Associação Atlética Banco do Brasil – AABB, dirigido pelo maestro Guido Brod. Em 1992 tornou-se Coral Municipal de Pato Branco. Mais tarde, Brod passou a reger o coral Renascer – Chama Viva, do Instituto Prosdócimo Guerra.

HINO DE PATO BRANCO

Letra: Francisca Rocilda Alves da Silva

Música: Valdir Alves da Silva

Amamos Pato Branco tão querido,
tão rico e grandioso em tradição,
forjado na luta e na coragem
de gente de valor e de ação.

Vamos cantar, lutar, enaltecer,
participar com fé em sua vida e seu crescer!
Cante o fundo de noss'alma:
"Pato Branco, tu és nosso lar!"

Suporte de saber e de cultura,
és altivo, tens de Deus a proteção.
Teu progresso a teu povo enobrece,
em tua saga há beleza e gratidão.

Vila Nova, Bom Retiro te chamaram
e, hoje, Pato Branco com ardor.
Representas a grandeza de teus filhos,
simbolizas sua fibra e seu vigor.



Coral Chama Viva apresenta-se diante da Matriz de São Pedro. Regência do maestro Adriano Soares.

Coral Mil Vozes e Institutos Guerra/Petrycoski

A criação do Coral Sementes Guerra conduziu à formação dos institutos Prosdócimo Guerra e Theóphilo Petrycoski. Com o apoio destas entidades, muitas ações culturais vêm sendo realizadas em Pato Branco nos últimos anos.

Fotografias: Foto Zanella

Em 2004 Luiz Fernando Guerra e seu filho Ricardo idealizaram a formação de um coral com 100 crianças. O objetivo era comemorar os 25 anos de criação da empresa *Sementes Guerra*. O projeto iniciou nos bairros da área sul da cidade. As crianças eram chamadas para os ensaios e logo a notícia espalhou-se.

— E quando nos demos conta, não tinha cem crianças, tinha quatrocentas, quinhentas. Aquilo cresceu e virou mil. Aí fizemos uma apresentação na praça. (Ricardo Guerra, 2020)

As crianças eram ensaiadas pela maestrina Kellen Marcarini e auxiliares. Embora não haja um registro exato do número de participantes, definiu-se o nome *Coral Mil Vozes*.

A primeira apresentação ocorreu diante da igreja Matriz de São Pedro, sob a batuta do maestro Miro, abrindo as comemorações do Natal de 2004. Esse espetáculo deu início ao *Natal Show*, que no decorrer dos anos tornou-se um dos maiores eventos culturais da cidade de Pato Branco.

Na apresentação do Coral Mil Vozes, o Papai Noel chegava de helicóptero, causando alvoroço na criançada e conduzindo ao centro da cidade um grande número de pessoas. O ator Hélio Lazaroto, de São Lourenço d'Oeste-SC, fazia o papel do *Bom Velhinho*. Ele havia registrado a marca *Papai Noel do Brasil* no Instituto Nacional de Propriedade Industrial - INPI. As cartas enviadas pelos Correios ao Papai Noel eram entregues no endereço de Hélio.

A partir da primeira edição, os ensaios passaram a ser realizados durante todo o ano, em todos os bairros. As crianças-coralistas eram reunidas nas escolas, associações de bairros e pavilhões das igrejas. Depois seguiam para um grande ensaio final no Teatro Municipal.

— Era um volume tão grande de crianças que não cabiam todas lá — diz Ricardo. — Era necessário dividir por grupos pra poder ensaiar.

Desses ensaios resultava a gravação de CDs, que eram distribuídos às famílias das crianças participantes. No encarte, constavam



Papai Noel cumprimenta as crianças que chegam à praça nos ônibus da Prefeitura.



Coral Mil Vozes faz sua apresentação final em dezembro de 2008.

os nomes de todas.

O Sindicómércio e o SENAC auxiliavam na organização. A Prefeitura apoiava emprestando ônibus para transportar as crianças. Comparecia não somente o público local, como também de toda a região. O coral crescia, acrescentando participantes de cidades vizinhas — Mariópolis, Bom Sucesso e Vitorino.

No período 2005 - 2006 o Coral Mil Vozes foi proibido pela municipalidade de apresentar-se na praça central. O evento foi realizado na antiga sede do grupo Guerra. Além das instalações para a acomodação dos coralistas, foi construída uma arquibancada para o público.

Em 2006 a Atlas Eletrodomésticos entrou no projeto como parceira. E o coral tornou-se "Atlas - Sementes Guerra". Naquele ano, nas comemorações dos 100 anos de Prosdócimo Guerra, foi criado um instituto dedicado a ele.

— Foi uma forma de profissionalizar a atividade artística em nossa cidade. Sempre apoiado pela Atlas. Tanto que em seguida foi criado o Instituto Theóphilo Petrycoski e os dois passaram a ocupar a mesma sede. Passaram por



Eufóricos, os jovens coralistas preparam-se para subir nos ônibus em direção ao Centro da cidade e à grande apresentação de Natal.



Uniformizadas para a apresentação do Coral Mil Vozes, as crianças vivem seu momento de sonho.

lá milhares de pessoas e nunca foi cobrado um centavo! (Ricardo)

Formou-se também um coral adulto. Mas o principal público alvo dos institutos são crianças e adolescentes. Participam de oficinas de violão, violino, viola clássica, violoncelo, clarinete e contrabaixo de arco. Há também ofi-

cinas de instrumentos de sopro, como flauta doce, flauta transversal, saxofone, trompete e trombone de vara. Por meio das oficinas montou-se uma orquestra, atuante desde 2011.

No início da pandemia do *coronavírus* (2020), em função da restrição dos contatos

interpessoais, as atividades dos institutos Guerra/Petrycoski foram suspensas. E cada entidade foi transferida para sede própria.

Abaixo, Coral Mil Vozes em 2008. Evento coordenado por Marcelo Silveira Dalle Teze.



AUTOS ANTIGOS

No final de 2012, Cláudio Petrycoski comprou um Nash 1953, modelo Statesman. Foi o início de uma grande coleção de automóveis antigos. Em 2013 ele já contava com 263 carros, além de 15 motocicletas e uma coleção de lambretas e vespas.

Dentre outras raridades, Cláudio adquiriu uma réplica do Ford 1896, uma motocicleta soviética que participou da Guerra do Afeganistão e um Ford 1919, primeiro veículo a trafegar sobre a Ponte da Fraternidade, no rio Iguaçu, inaugurada em 1985.

Uma oficina mecânica e de lataria foi instalada exclusivamente para restaurar esses veículos, devolvendo suas características originais. Parte deles foi destinada à *Movie Cars Entertainment*, um parque temático de "veículos que fizeram história no Cinema". Foi idealizado por Cláudio e seu filho Jin, e instalado na Avenida das Cataratas, em Foz do Iguaçu. São 40 automóveis, cada qual exposto em cenário próprio. Dentre eles estão réplicas do Rolls-Royce dos Beatles, do Mini de Mr. Bean, do Ford dirigido por Kevin Kostner no filme "Os Intocáveis" e Lincoln do Elvis Presley.

A MAIOR COLEÇÃO DE CANETAS

Cláudio Petrycoski é considerado o maior colecionador de canetas promocionais do Brasil. Em 2013 ele ganhou um troféu do Rank Brasil, o *Livro dos Recordes Brasileiro*, pela maior coleção de canetas Promocionais da América Latina.

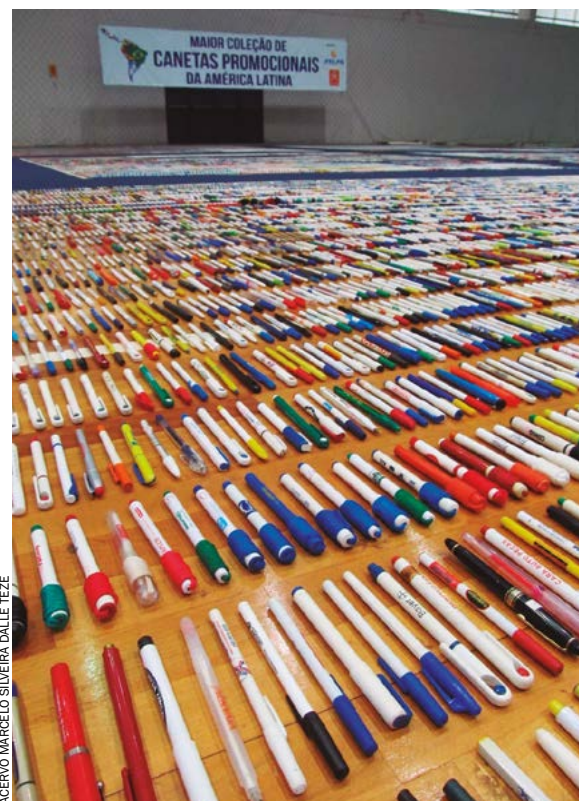
— A auditoria realizada em julho de 2013 constatou a existência de 95.256 canetas, com marcas diversas de empresas, órgãos e entidades do Brasil e mais de 12 países, entre eles Estados Unidos, Israel, Alemanha e Portugal. (Gazeta do Povo, setembro de 2013)

HOMERO

Homero Cardoso é uma das personalidades mais lembradas de Pato Branco. Menino inteligente e ativo, acidentou-se enquanto transportava objetos num carrinho de mão,



Automóveis de Petrycoski em exposição. No teto, bicicletas antigas. Fotografia de João Pedro Carli.



Coleção de canetas de Cláudio Petrycoski, exposta para a premiação do Rank Brasil. "Onde vou sempre fico olhando para a caneta que as pessoas estão usando. Se não tenho na minha coleção, vou logo pedindo, e quando explico o motivo, as pessoas entregam com gosto". (Petrycoski, Gazeta do Povo, 2013)

segundo Reni Trento (2020). E Homero foi obrigado a passar a vida numa cama. Também perdeu a capacidade óptica. Mas buscava manter-se sempre bem informado sobre as ocorrências da cidade. Senhor de uma memória prodigiosa, entre as décadas de 1970 e 1980 Homero tornou-se uma espécie de *banco de dados* de Pato Branco. Pela sua característica singular, foi tema de uma matéria do programa *Fantástico*, da Rede Globo.

— Ele era cego, mas tinha uma excelente memória. Como ainda não havia lista telefônica, a gente ligava pra ele perguntando os telefones da cidade. Era como ligar no 102 e pedir informação. Ele sabia tudo! Houve uma certa comoção na época, tanto que a Telepar contratou o Homero, com salário e tudo. (Paulo Ricardo Pozzolo, 2020)

— Se você ligava solicitando o telefone de Fulano, o Homero dizia o número e ainda acrescentava: "Olha, o Fulano ta vendendo um fuque, ano 72, placa número tal". (Eliázer Antônio Medeiros, 2020)

— Homero era um gênio. Levava apenas um segundo para fornecer o número do telefone de alguém. Quando você ligava, ele sabia quem era antes de ouvir seu nome,

mesmo que não ouvisse sua voz há tempos. Ele nos dava a localização de uma casa com a precisão descritiva da vizinhança que não existia nem na cabeça de quem passava por ela todos os dias. (Alceni Guerra, 2020)

GRUPOS DE MOTOQUEIROS

Pato Branco conta com vários grupos de motociclistas, de estrada e de trilha. O precursor foi o *Pato de Ferro*, na década de 1980. Há também *Pato Branco MC*, *Extrovões do Asfalto*, *Vira Latas*, *Máquinas do Asfalto* e *Os Quati* (trilheiros). Um deles homenageia a cidade, em inglês: *Olduck* (velho pato).

Os motoqueiros sempre aparecem à praça Presidente Vargas para o desfile cívico.



RODINEI SANTOS

MARIA ANTÔNIA VAZ (110 ANOS EM 2021)

O clima, a água, a comida... qual é o segredo da longevidade do povo do Sudoeste?

Maria Antônia Vaz viu a luz pela primeira vez às 15 h do dia 5 de dezembro de 1911. Em 2021 completa 110 anos. Nasceu em Veado Velho, município de Clevelândia. Na juventude auxiliava seu pai nas roças de milho e feijão. Eles também produziam fumo de rolo, que vendiam em Clevelândia.

— Ia de cavalo. Na volta trazia sal, roupa, calçado. Naquela época Clevelândia só tinha uma casa de negócio, que era do Jango Ponte. (Maria Antônia, 2020)

Nos fins de semana a turma reunia-se para fazer brodo. Depois rezavam a novena e dançavam.

— O namoro a gente fazia meio escondido dos pais. Ia paquereando, paquereando, até que um dia falava que ia casar com aquele homem. Se juntava, nem casava.

As primeiras núpcias foram com Manoel Ribeiro, com quem Antônia teve quatro filhos: Sebastião, Maria, Domingos e José.

— Herdou desse relacionamento todos os conhecimentos sobre remédios caseiros e benzimentos — diz a neta Cláudia Natalina.

Após o falecimento de Manoel, Antônia

casou-se com Odílio Veloso de Oliveira, com quem teve mais quatro filhos: Dirceu, Itelvina, Maximiano e Juscelino.

Antônia diz que nunca teve doença grave, muito menos procurou médicos. Mas possui trauma de tempestade, após ver sua casa destruída pela queda de um angico. Também ficou com medo de água, após quase afogar-se no rio Chapecozinho.

— As mulas deviam passar aqui, mas a égua madrinha passou por lá e elas foram atrás. Lá de cima, pulavam pra passar junto com a égua. Bicho sem-vergonha, se tiver égua madrinha, elas vão atrás. Aí caí na água, e o rio era grande. Quase fui lá pra baixo!

Durante alguns anos, Antônia trabalhou na limpeza de um hotel, depois num hospital de Mariópolis. Conheceu Pato Branco quando visitou um vizinho que estava na cadeia. Em 2008 transferiu-se para a cidade. Mora no Bairro Anchieta, com Cláudia e Itelvina.

Antônia fez seu primeiro voo aos 100 anos, no avião de Luiz Alberto Zanquetti. Desde então, em todos os aniversários da centenária, ele convida-a para um passeio em seu bi-motor, sobre a cidade de Pato Branco.

Nos últimos anos ela vem recebendo convite para prestar entrevistas em rádios, TVs e jornais. Também tem sido homenageada como

a pessoa mais idosa do Sudoeste.

No cartão de visitas de Antônia, um pedido: “Me acompanhe nas redes sociais – Facebook e Youtube”. Antônia tem 34 netos, 109 bisnetos e 112 tataranetos.



Maria Antônia comemora 108 anos em 2019. A camisa é do Palmeiras paulista. Em dezembro de 2021 completa seu 110º aniversário.

Conquistas esportivas

Nos últimos anos, atletas e equipes esportivas de Pato Branco ganharam destaque em nível estadual e nacional.

SECRETARIA DE ESPORTE E LAZER

Em 2013 foi criada a Secretaria Municipal de Esporte, Lazer, Juventude e Idoso de Pato Branco. Em 2016 tornou-se Secretaria Municipal de Esporte e Lazer. Conforme o divulgado pela Prefeitura, o objetivo era "ofertar atividades para a população em diversos segmentos, buscando sempre integrar as famílias e reaproximar a comunidade das práticas do esporte e lazer".

Paulo Vicente Stefani era coordenador das categorias de base do Atlético Paranaense, quando foi chamado pelo prefeito Augustinho Zucchi para assumir a Secretaria.

— O objetivo era proporcionar qualidade de vida, trazendo as famílias de volta para os

espaços públicos. (Stefani, 2021)

Uma das primeiras iniciativas da secretaria foi reformar os espaços públicos relacionados à pasta. Centros de Desenvolvimento de Esporte e Lazer foram estruturados em todos os quadrantes da cidade, atendendo crianças, jovens, adultos e idosos. Foram construídas novas áreas esportivas, pistas de caminhada, parques infantis e academias ao ar livre. E os funcionários receberam capacitação para atender às novas demandas propostas pela municipalidade.

Nesse período também começou-se a organizar as modalidades esportivas. As atividades abrangem atletismo, futebol, futsal, ginástica rítmica, handebol, tênis de mesa, voleibol e xadrez.

Foram chamados todos os grupos esportivos locais, visando sua organização em associações e possibilitando a captação de verbas junto aos governos federal e estadual.

Projetos esportivos de várias modalidades passaram a receber recursos públicos, visando o desenvolvimento dos atletas. Na área de atletismo, representantes de Pato Branco passaram a participar de campeonatos estaduais, dos Jogos Escolares do Paraná, do Campeonato Brasileiro e Campeonato Sul-Americano. Eventos de corrida e caminhada também foram realizados nas ruas de Pato Branco, com a 1ª edição em 2014. As famílias foram chamadas a participar do "Domingo no Largo", onde praticavam arco e flecha, pintura de rosto, pilates, carrinho de rolimã, oficina de pipas, patins, voleibol, yoga, *bets*, entre outras. Para os idosos foi criado o projeto "Leve a vida leve", com atividades lúdicas e de integração. Eles foram chamados às aulas de dança e aos jogos cognitivos no Largo da Liberdade. Também ao *vôlei adaptado*, no ginásio do Bairro Anchieta.

Nos últimos anos a Secretaria de Esportes organizou: 8ª Etapa do Campeonato Paranaense de *Tiro com Arco Outdoor*; 45º Campeonato Paranaense de Karatê; Campeonato de Bolão Feminino Brasileiro; Campeonato de Futsal Adulto RPC; Campeonato Paranaense Caixa de Atletismo; Campeonato Paranaense de Taekwondo; Circuito Paranaense de Corrida de Orientação; Circuito Pato Branco de Mountain Bike; Copa Paraná de Jiu Jitsu; Corrida Mater Dei Night Run e Corrida Maluca. Também uma meia-maratona, torneios de xadrez e de bolita (bolinha de gude), corridas de kart, um campeonato de



LUIZ BONETTI

Painel desenhado por Mazinho Bertazo no Largo da Liberdade. Pintura realizada com o apoio de Jefferson Arcego. A obra antecipa a passagem da Tocha Olímpica por Pato Branco, em 2016. Além das modalidades olímpicas, constam pontos turísticos da cidade, como o Pinheiro da Tocantins e a Matriz de São Pedro. Bertazo também ornamentou o Aeroporto Juvenal Cardoso e o Parque do Alvorecer.

skate e festivais de ginástica rítmica, futsal, natação e atletismo. Foram promovidos campeonatos de futebol suíço, bocha, *futvôlei*, sinuca, vôlei de areia, *futebol sete* e bolão. Dentre outras iniciativas, a secretaria adquiriu um ônibus de 46 lugares, para transporte de atletas a competições em outras cidades.

Para os "esportes de rendimento", como o futsal e o basquete, foram planejadas formas de captação de recursos visando as disputas em nível nacional. Buscou-se as leis de incentivos federal e estadual. Estabeleceu-se pontos de captação da *Nota Paraná*. Cerca de 400 urnas para captação de notas fiscais foram espalhadas pelas lojas da cidade. Por meio do "patrocínio de reciprocidade", as equipes levam os patrocinadores a abrir contas em determinado banco, e este devolve em forma de patrocínio. E o Comitê Brasileiro de Clubes apóia com a cessão de passagens aéreas e hospedagem aos atletas e às comissões técnicas.

JOGOS DOS TRABALHADORES

Em 2019 ocorreu a 36ª edição dos Jogos dos Trabalhadores de Pato Branco. Aberto a funcionários de todas as empresas locais, o evento já revelou muitos atletas, que passaram a representar a cidade em competições regionais e estaduais. Também tem servido como um meio de integração entre empresas



Toboágua, instalado na Avenida Tupi pela Secretaria Municipal de Esportes.

e trabalhadores. São promovidas 21 modalidades, em diversos locais, com duração aproximada de 3 meses. A participação média anual tem sido de 2.500 atletas.

TOBOÁGUA

Em 2015 a Prefeitura deu início ao projeto "Toboágua". Nos finais de semana de verão instalava uma réplica do brinquedo norte-americano *Slide the City* — um escorregador inflável, com 70 metros de comprimento,

preenchido com água corrente. A média de participantes anuais era de 2.500 pessoas.

TCHOUKBALL

Esporte criado pelo médico suíço Hermann Brandt na década de 1960, com o objetivo de proporcionar atividade esportiva com riscos mínimos de lesões corporais. É uma mistura de pelota basca, handebol e futebol.

O *tchoukball* foi introduzido em Pato Branco pelo professor Nelson Schavalla. Contou com o apoio de Cláudio Petrycoski e da Atlas Eletrodomésticos.

— É o esporte que celebra a paz. Pessoas com diferentes condições físicas e de qualquer idade podem praticá-lo. (Cláudio, 2019)

Federações de tchoukball foram criadas nos estados do Sul do Brasil, além de uma confederação nacional. Atletas de Pato Branco participaram de campeonatos na Inglaterra, em 2004, e na Suíça, em 2005.

As equipes de Pato Branco obtiveram os seguintes títulos: campeão da Taça Brasil (2005); campeão da Taça Brasil de Tchoukball Beach (Copacapana-RJ, 2006); 1º lugar no Campeonato Paulista em 2006; campeão Sul Americano na Argentina, nas categorias masculino e feminino (2006).



Seleção Brasileira de Tchoukball participa do Mundial na Suíça (2005). "Quatro paranaenses fizeram parte da seleção. Os professores de educação física Luiz Mendes, Paulo Ferronato e Satiro Bertol, além do jogador Cristiano Simionatto, todos da cidade de Pato Branco" (Gazeta do Povo, 2005). Também Participam desta equipe os pato-branquenses Sérgio Deufino e Jonas Mackievicz.



FUTSAL

No início da década de 1970 o futsal já era praticado em várias quadras esportivas de Pato Branco. Erlindo Rosa (2020) conta que em 1974, animados pela Copa do Mundo da Alemanha, amantes do esporte decidiram promover o "Primeiro Campeonato de Futebol de Salão" de Pato Branco. Dentre eles, Everaldo Strack, Dalci Collares e *Clóvis da Esportiva*. Os jogos aconteciam numa quadra do 3º Batalhão de PM. A final foi disputada entre as equipes Saubi da Baixada e Celinauta, com a vitória desta — treinada por José C. Wolker. “Falta de árbitro, de bola, acabavam tardando o início dos jogos”. Conforme o autor, inscreveram-se “14 ou 15 equipes”.

PATO FUTSAL BI-CAMPEÃO NACIONAL

Um dos principais responsáveis pela difusão do futsal em Pato Branco foi Dolivar

Lavarda. Em 2010 foi inaugurada a Lavarda Esportes, pelo filho de Dolivar, Luiz Sergio Lavarda – Lavardinha, conhecido como um dos maiores jogadores da história do futsal de Pato Branco. Contando com o apoio do empresário Cláudio Petrycoski, inicialmente a entidade visava a criação de uma equipe de base do futsal. Segundo Lavardinha, dentre os objetivos estava o resgate da tradição esportiva pato-branquense e o fomento ao esporte amador. “O trabalho com as categorias de base é a chave do sucesso da equipe”, destaca. A Lavarda Esportes também participa de atividades filantrópicas. Em 2011 ganhou status de Utilidade Pública Municipal.

Intitulada *Pato Futsal*, a equipe passou a integrar a Federação Paranaense de Futsal e à Confederação Brasileira da modalidade. Lavardinha diz que o Pato Futsal é considerado o fenômeno do futsal brasileiro e uma das principais equipes do mundo.

— O projeto também é um marco da reto-

Pato Futsal conquista o campeonato da Liga Nacional (2018) e comemora com os torcedores, desfilando sobre um caminhão de som. Fotografia de Helmuth Kühl/Diário do Sudoeste.

mada do futsal em nossa cidade, resgatando a tradição vitoriosa do Grêmio e do Atlético Pato-Branquense.

Nos últimos 10 anos o time representou Pato Branco em mais de 60 cidades, obtendo resultados expressivos e ganhando os principais títulos nacionais. Dividido por idade em várias equipes, o Pato Futsal já realizou 682 jogos, incluindo equipes masculina e feminina e categorias de base. O projeto já atendeu gratuitamente cerca de 400 atletas, com idades entre 9 e 18 anos, oportunizando a participação das crianças e jovens nas principais competições locais, regionais e estaduais.

Em 2011 o time masculino conquistou o título de campeão paranaense na Chave Pra-

ta, obtendo acesso à elite do futsal estadual. Nos anos 2011/2012/2013/2016 foi tri-campeão da fase regional dos Jogos Abertos do Paraná. Em 2013 venceu a fase final da competição – Divisão B. Em 2016 venceu novamente a Segunda Divisão do Campeonato Paranaense. No mesmo ano, a equipe Sub-17 foi campeã do Jogos da Juventude do Paraná, na fase regional. Repetiu o feito em 2019.

Mas havia o sonho de participar da Liga Nacional, segundo Paulo Stefani. No papel de secretário de Esportes, ele contatou o clube São Caetano Futsal, da cidade de São Caetano-SP. Durante uma reunião dessa entidade com representantes da Prefeitura de Pato Branco e os empresários Cláudio Petrycoski e Valmir Tártari, acordou-se em buscar o apoio do empresariado local para alçar o Pato Futsal à Liga Nacional. E a proposta foi aceita. Dentre os apoiadores, constam Via-soft, Linder, grupo Guerra, Atlas Eletrodomésticos, Luz Hotel, Coopertradição, VVL Chevrolet e Pirâmide Veículos.

Em 2017 a equipe participou pela primeira vez da Liga Nacional. Naquele ano foi campeã estadual, na Chave Ouro, conquistando a vaga para disputar a Taça Brasil. Em 2018 ganhou o campeonato da Liga Nacional, tornando-se a primeira e única equipe paranaen-



Atletas e diretoria do Pato Futsal festejam a conquista do título nacional em 2018.

se a conquistar o mais importante título do futsal brasileiro. No mesmo ano, venceu a Taça Brasil de Clubes e a Liga Sul de Futsal. Em 2019 tornou a conquistar o título de Campeã da Liga Nacional.

— Estar na maior competição do futsal brasileiro elevou o nome da equipe, da cidade, dos patrocinadores e de todos os profissionais que trabalham pelo clube. Neste contexto também foi apresentado ao mundo a tradição da torcida mais vibrante do futsal brasileiro, que faz o Ginásio Dolivar Lavarda pulsar em cada jogo. A torcida do Pato Futsal promove um espetáculo à parte na arquibancada. São torcedores de todos os gêneros, classes e que fazem jus ao slogan oficial do clube: “Uma Só Paixão”. (Lavarda, 2020)

O Pato também foi apontado entre as 5 melhores equipes de futsal do mundo, pelo *Futsal Planet*, tradicional prêmio da modalidade. A equipe também teve o treinador Sergio Lacerda eleito por dois anos seguidos o melhor da competição nacional, ficando entre os 10 melhores do mundo. As premiações estenderam-se aos atletas. Danilo Baron e Djony foram considerados os *craques* das edições 2018 e 2019 da Liga Nacional.

Os atletas do Pato Futsal são frequentemente convocados para a Seleção Brasileira da categoria.



Pato Futsal exhibe na praça Presidente Vargas a taça do bi-campeonato nacional (2019). À frente, desde a esquerda, Pedro Bortot — presidente do Conselho do Pato Futsal — Luiz Sergio Lavarda, prefeito Augustinho Zucchi e Djony, eleito o melhor atleta da Liga.

FUTSAL FEMININO

A participação feminina no futsal de Pato Branco também é antiga. O grande incentivador da modalidade foi o professor Flávio Krassotta. Em 2009 a equipe local sagrou-se vice-campeã paranaense.

Em 2019 foi criada a Associação Pato-Branquense de Futsal Feminino, sob a presidência de Vitalino Franzoni. O projeto abrange escolas de iniciação, equipe infantil, juvenil e também a equipe adulta, contando com cerca de 150 atletas. Dentre outras competições, a equipe principal já disputou a Liga Nacional e o Campeonato Paranaense.

PATO BASQUETE

Na década de 1970 o professor de educação física Nestor Ostapiv iniciou a prática do basquete na cidade de Pato Branco. Dentre seus alunos estava Joanes Pasini, que décadas depois iria participar do grupo formador do Pato Basquete.

Em 1990 Belmar Ramos Júnior atuou como jogador de basquete nos Jogos Abertos, realizados em Pato Branco. Gostou da cidade e voltou para morar, passando a atuar como professor e técnico da modalidade. Um de seus alunos era Marcelo Pastorello, atual presidente do Pato Basquete.

— Treinamos alguns anos com o Belmar — diz Marcelo (2020) — Depois foi evoluindo, formamos um grupo de master. No início os treinos eram na AABB, depois fomos pro SESC. E nos intervalos dos jogos, sempre conversávamos sobre a possibilidade de criar uma equipe profissional, abrangendo escolinha de base e basquete feminino.

O grupo era composto por Belmar, Pastorello, Pasini, Robson Machado, Dunga, Alcione, Rodolfo Menosso, professor Miranda e outros amantes do esporte. Eles formaram a Associação Pais e Amigos do Basquete — APAB. Depois uniram-se à Associação Basquete e Arte Pato Branco — ABAP, formada por atletas mais jovens. Dentre estes, Márcio Kloss Ferreira, Jonas Mackievski, Guilherme Granzotto e Roger da Luz.

— Procuramos todos que gostavam de



Com o Pato Basquete, os torcedores locais têm a oportunidade de assistir a jogos de nível profissional, com as principais equipes do Brasil.

basquete e trouxemos pro projeto. Desde os *peladeiros de sábado* lá do Patão!

Pastorello diz que "a época de ouro do esporte em Pato Branco" teve início logo após a criação da Fundação de Esportes de Pato Branco — FESPATO, no final da década de 1980. A entidade promovia os Jogos Abertos, Escolares e da Juventude.

— O professor Pulga fazia um trabalho maravilhoso no atletismo. Havia muitos bons professores em todos os esportes. Pato Branco disputava em alto nível os torneios regionais e estaduais.

A ABAP reunia-se para representar Pato Branco nos Jogos Abertos. A Prefeitura financiava o material esportivo, os uniformes e viagens. Mas após o fervor inicial da FESPATO, o investimento no esporte arrefeceu. E os atletas do basquete sentiam que faltava profissionalismo. Os treinamentos eram realizados somente nas vésperas das competições.

— A chama do basquete continuava, mas quase apagada — diz Marcelo.

No decorrer dos anos, os jovens diletantes do basquete evoluíram em suas atividades profissionais, levantaram recursos e concluíram que havia chegado o momento de profissionalizar o esporte. Em 31 de março de 2018, por meio da ABAP, conduziram a Pato Branco o técnico Carlos Magno, que montou a primeira equipe do Pato Basquete. Contava com atletas de Pato Branco, Campo Mourão e Goioerê. Começaram disputando o campeonato estadual, Série Prata. Em 2019 entraram para a Liga Nacional.

— A Liga faz uma gestão voltada para o espetáculo, para o *bussines* — diz Pastorello. — Entramos na hora certa, com orçamento pequeno. Mas o que importa é que estamos na maior competição da modalidade.

A equipe contou com o apoio de Cláudio Petrycoski, que cedeu recursos para adquirir

a cota associativa visando a disputa do campeonato nacional. Mas antes foi necessário adaptar a estrutura local às exigências da entidade. Para tanto, Petrycoski promoveu uma reforma no ginásio do SESI. E o Pato Basquete tornou-se a única equipe da região Sul do Brasil a participar da Liga Nacional.

O Conselho Deliberativo da ABAP é composto por membros da OAB, Maçonaria, Prefeitura e patrocinadores. Em 2021 a equipe conta com 14 atletas profissionais. O único do Sudoeste é Paulo Henrique Scheuer, residente em Francisco Beltrão.

Como a Liga Nacional associou-se à NBA norte-americana, o Pato Basquete também tornou-se membro. Em outubro de 2019 a diretoria foi convidada a visitar o centro de produção da NBA, em New Jersey, e o escritório da Liga em Nova York.

VOLEIBOL

Desde a década de 1950 o voleibol faz sua história em Pato Branco. Grandes equipes, masculinas e femininas, atuaram em jogos regionais e em outros estados, como Mato Grosso e Santa Catarina. Localmente, disputaram torneios da AABB, dos Comerciantes e os Jogos Abertos do Paraná. Dentre os treinadores de destaque constam José Francisco Grezzana, Sandro Golo e Felipe Deifild.

A partir de 2011, Roberto Hartmann e André Correa elevaram o voleibol masculino de Pato Branco ao patamar das grandes equipes



Atletas empenhados em elevar o voleibol de Pato Branco ao nível das competições profissionais.

do Paraná. Naquele ano, sob o comando de Hartmann e Correa, o time da AABB local conquistou em Maringá o título de um torneio de vôlei organizado pela entidade em nível estadual. Repetiu o feito nos cinco anos seguintes, tornando-se hexa-campeã. A equipe também venceu, em 2012, em Curitiba, o Sul-Brasileiro das AABBs, numa disputa final com o Três Lagoas (MS). No mesmo ano, os pato-branquenses venceram a fase regional dos Jogos Abertos do Paraná (Divisão B).

No período 2013 - 2018, um projeto de

aprendizagem de voleibol foi realizado pela Secretaria Municipal de Esportes nos bairros Menino Deus, Santo Antonio, Cadorin e Jardim Primavera. Contou com o apoio da Associação de Voleibol de Pato Branco. Como incentivo ao esporte, em 2018 foi realizado um jogo da Seleção Brasileira Sub-20 com a equipe local. Naquele ano as equipes masculina e feminina venceram a fase regional dos Jogos Abertos do Paraná.

HANDEBOL

O handebol também tem uma trajetória marcante em Pato Branco. As equipes já obtiveram bons resultados em competições regionais, estaduais e nacionais. Os treinamentos e disputas locais são organizados pela Associação de Handebol de Pato Branco. A Secretaria Municipal de Esportes fomenta a prática da modalidade, oferecendo espaços de treinamento para as equipes feminina e masculina, a partir de 12 anos. Em 2018 o time masculino sagrou-se campeão estadual. Em 2019, numa disputa final contra o time de Francisco Beltrão, conquistou o bi-campeonato regional dos Jogos Abertos.



Atletas do vôlei feminino e masculino em 2018. Equipes campeãs dos Jogos Abertos do Paraná, fase regional.



Escola de karatê apresenta-se em desfile de 7 de Setembro, no início da década de 1980. Com o professor Pedro Tetsuo Handa, de Curitiba.

Prata, sagrou-se campeão. Foi o momento glorioso do time. Na última partida, contra o Maringá, após um pênalti defendido pelo goleiro Renan (“Dida”), ele próprio bateu a última cobrança e converteu o gol, garantindo a vitória e o acesso à 1ª Divisão.

Orientado pelo técnico Fabiano Daitx, obteve a 5ª colocação no certame 2021. GANHOU do Atlético-PR por 1 x 0, em casa, e empatou com o Coxa no Couto Pereira (1 x 1).

Para 2022, a equipe está habilitada a disputar o Campeonato Paranaense 1ª Divisão e o Brasileiro Série D.

TAEKWONDO

O esporte vem sendo desenvolvido pela Associação Silva de Taekwondo, com apoio municipal. Em contrapartida, a entidade promove projetos sociais, com o atendimento de cerca de 150 crianças. Contando também com o patrocínio de empresas, as equipes de Pato Branco vêm obtendo resultados expressivos em nível estadual e nacional.

KARATÊ

A modalidade é praticada em Pato Branco desde a década de 1970. Mas ganhou impulso no final da década de 1990, com a formação de atletas de alto rendimento. Equipes locais vêm colecionando medalhas e troféus estaduais e nacionais. A Associação Goju Kan de Karatê-Dô representa o município em competições regionais, estaduais, nacionais e internacionais. Alguns atletas já foram convocados para a Seleção Brasileira de Karatê. Em 2017 a cidade de Pato Branco/PR realizou o 45º Campeonato Paranaense de Karatê – Fase Final.

AZURIZ

O representante local de futebol de campo era o Pato Branco Esporte Clube. Após seu encerramento, a vacância foi preenchida pelo Azuriz Futebol Clube⁽³⁰⁾. A iniciativa foi incentivada pela Secretaria Municipal de Esportes. A equipe inicial foi formada em agosto de 2017, pelos empresários Diego Correa e Nelson Ramos. Eles conheceram-se num campeonato de pré-temporada, *Florida Cup*, no qual atuavam como patrocinadores. O centro de treinamento da equipe foi instalado em Campo Erê. No início também utilizava para treinamento o Estádio Municipal da ci-

dade de Marmeleiro.

— A mudança para Pato Branco se mostrou como uma oportunidade de atingir novos patamares e expandir ainda mais a marca do clube pelo Paraná e Brasil. (Felipe Cantieri, diretor criativo do Azuriz, 2021)

Em 2019 o Azuriz iniciou-se no futebol profissional, ao inserir-se na 3ª Divisão do Paranaense. Em 2020, disputando a Série



Em 2021, a equipe do Azuriz e diretoria. 5ª colocação no Campeonato Paranaense Série A. Em pé, desde a esquerda, Rene, Fábio, Pablo, Lincoln, Cesar, Giuliano, JP, Albino, Guarapuava, Mendes, Fábio, Rezende, Jota, Renan, Elias, Léo Lopes, Ítalo, Kendy, Josué, Kesley, Ualacy, Gabi, Martin, Eliéser e Teteu. Sentados, João, Bedoya, Hélio, Vieira, Renan, Patrick, Pedro Victor, Zalazar, Pedro Weber, Fabiano Daitx, Robson Ramos, Natan, Marcelo, Giba, Bosel, Juan, Ednei, Edson e Diego.

(30) O nome é inspirado no pássaro Azure Jay, denominação inglesa da brasileira gralha azul (*Cyanocorax caeruleus*), ave símbolo do Paraná.



JOELMIR GALLINA - PINGO FOTOS

Os irmãos Lucas (esquerda) e Gabriel Ostapiv, campeões de Taekwondo.

GABRIEL E LUCAS OSTAPIV

Lucas de Krishna Ostapiv e Gabriel Gouranga Ostapiv começaram a praticar taekwondo em 2010, no clube Grêmio, sob orientação de Julio Pirolli. O pretexto era manter o corpo em movimento, mas em 2014 eles obtiveram a faixa preta e passaram a ganhar disputas, arrebatando prêmios regionais, nacionais e internacionais. Naquele ano, Lucas classificou-se para o Mundial da China, na modalidade juvenil. Foi o primeiro atleta de Pato Branco a participar da Seleção Brasileira de Taekwondo. Em 2018 os dois entraram na Seleção Universitária. Lucas foi campeão panamericano universitário (até 80 Kg). Em 2020 entrou para a Seleção Brasileira adulta. Ambos foram campeões panamericanos por equipe. Lucas obteve prata e ouro no *Argentina Open* e ouro no *Chile Open*. Também é tri-campeão brasileiro na categoria *normal*. Gabriel tem prata no Panamericano Universitário (até 74 Kg) e bronze no Chile Open. É campeão brasileiro universitário. Na categoria normal, obteve prata e bronze. Ambos

ganharam competições dos Jogos Abertos do Paraná e em diversos eventos universitários.

— Após ter vencido o Grand Slam 2020 de Taekwondo, em Vitória-ES, Lucas Ostapiv, da Academia Silva, conquistou a titularidade na Seleção Brasileira adulta. Participaram do evento os 1.200 atletas mais bem ranqueados do país. E com esta conquista de Ostapiv o esporte regional tem atraído mais jovens para a modalidade. (Diário do Sudoeste, 2020)

Lucas e Gabriel treinam na academia de Claudinei da Silva. São filhos de Fabiano Ostapiv, professor de mecânica da UTFPR, e Joana D'Arc Pedroso, professora estadual.

BOCHA

Essa modalidade esportiva trazida do Rio Grande do Sul pelos primeiros migrantes tem sido praticada na cidade e nas comunidades rurais de Pato Branco, em canchas de areia e *carpet*. Com a demanda crescente, surgiram as associações de bocha Vila Nova e Tradição. Promovem treinamentos nas sedes do

Grêmio Industrial Patobranquense e no Clube Pinheiros, respectivamente. As equipes representam o município em competições regionais, estaduais e nacionais. Em 2014 o time feminino conquistou o 1º lugar nos Jogos Abertos do Paraná.

BOLÃO

Em 2013 a equipe da "Associação dos Bolonistas do Sudoeste", sediada em Pato Branco, conquistou o 1º lugar nos Jogos Abertos do Paraná. Em 2014 e 2018 foi campeã paranaense. Em 2019, campeã brasileira.

RUAS DE LAZER

Em 2013 a Secretaria Municipal de Esportes implantou o projeto itinerante "Ruas de Lazer". Organizado nos finais de semana, abrangia o Centro da cidade, os bairros e as comunidades rurais. Foi idealizado com o objetivo de resgatar brincadeiras antigas, integrando as famílias e envolvendo crianças, jovens, adultos e idosos. Dentre outras atividades, peteca, futebol de botão, pinturas de rosto e em papel kraft, carrinho de rolimã, cama elástica, minifutebol, minivoleibol, minibasquete, badminton (mistura de tênis e vôlei de praia), mini-tênis-de-mesa e mini-circuito de trânsito.

ROGÉRIO CENI

Filho de Eurydes e Herta Ceni, Rogério Mücke Ceni, ou Rogério Ceni, nasceu em Pato Branco, em 1973. Aos 11 anos mudou-se para Curitiba, depois para Sinop - MT. Aos 17 tornou-se goleiro do Sinop Futebol Clube. No mesmo ano foi contratado pelo São Paulo. Atuando inicialmente nas categorias de base, tornou-se titular em 1996, defendendo o time até 2015. Dentre outras conquistas, consagrou-se como o maior goleiro artilheiro da história do futebol mundial. Exímio cobrador de faltas, fez 131 gols. Em 2005 chegou ao auge da carreira, conquistando o Campeonato Paulista, a Taça Libertadores e o Mundial de Clubes. Além de ganhar em duas ocasiões



Ginástica rítmica, arte com esporte. A modalidade é praticada por meninas de 6 a 15 anos. Mais de 1.500 alunas já participaram das aulas, que são ofertadas pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Pato Branco.

o prêmio de melhor goleiro do Campeonato Brasileiro (2006 e 2007), entrou três vezes na lista dos dez melhores goleiros do mundo — elaborada pela Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol – IFFHS. Após defender a camisa da Seleção Brasileira em 17 partidas, em 2016 tornou-se técnico do São Paulo. Também dirigiu o Fortaleza, o Cruzeiro e o Flamengo.

Em 16 de agosto de 2002, Ceni recebeu o título de Cidadão Honorário de Pato Branco.

— Rogério Ceni merece todas as homenagens que pudermos prestar-lhe, ele que, em muitas entrevistas a jornais, rádios e TV, sempre diz que nasceu em Pato Branco. (Carlos Almeida, Diário do Povo, 2002)

Pela regra da benemerência, deveria ter recebido o título de *Cidadão Benemérito*, pois é nascido no município.

ALEXANDRE PATO

Originário de Pato Branco, mas formado nas categorias de base do Internacional de Porto Alegre, Alexandre Rodrigues da Silva, ou Alexandre Pato, saiu do Brasil para jogar no Milan, da Itália, em 2007. Uma transferência de 24 milhões de euros. Em 2013 ele deixou o Milan para integrar a equipe do Corinthians paulista, numa transação de 15 milhões de euros — a aquisição mais cara feita até então por um clube brasileiro. Atuou na Seleção Brasileira Sub-23 de 2007 a 2012, marcando 4 gols em 14 jogos. Também jogou 25 vezes pela Seleção principal, entre 2008 e 2013, com 10 gols. Surpreendeu na estreia, num jogo contra a Suécia, em Londres. Fez o único tento da partida. Em 8 de julho de 2008 Alexandre recebeu o título de Cidadão Benemérito de Pato Branco.

ACORPATO

A Associação dos Corredores de Rua de Pato Branco – ACORPATO foi criada em 7 de fevereiro de 2009. A entidade tem promovido grandes eventos de corrida e caminhada, em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte. Conta com cerca de 150 sócios.

BOZENA

Alessandra Maestrini protagonizou um dos papéis mais cômicos da TV brasileira, com uma personagem de Pato Branco. Era a doméstica de sangue quente *Bozena*, do programa *Toma Lá Dá Cá* (Rede Globo) — no ar entre 2007 e 2009, com textos de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa. Pela divulgação da cidade em nível nacional, Alessandra recebeu a medalha de Honra ao Mérito de Pato Branco. Ela prestou entrevista para esta publicação em 25 de janeiro de 2020.

— *Como nasceu a Bozena?*

— O Falabella criou a personagem baseado no ex-namorado de uma amiga. Ele era de Pato Branco e se dizia muito orgulhoso disso. Em toda situação, ele fazia questão de frisar que em Pato Branco tudo era melhor!

— *Você já tinha feito algum trabalho com o Falabella?*

— Não. Quando surgiu o *Toma Lá Dá Cá*, a (atriz) Débora Bloch disse a ele que tinha gravado uma cena de comédia comigo, e que a gente tinha uma química muito grande. “A Alessandra tem que estar no programa”, ela falou. Mas o elenco já estava fechado. Aí a Débora perguntou, “Não tem uma empregada?”. Ele pensou um pouco e respondeu, “Tudo bem, já tenho tudo na minha cabeça, sei exatamente o que vou fazer”. E criou a personagem especialmente pra mim, sem me conhecer, apenas pela identificação artística.

— *Como foi a repercussão da personagem no meio artístico?*

— Foi uma aceitação generalizada. Foi um tsunami de carinho que recebi.

— *E como fez para incorporar uma personagem nascida e criada em Pato Branco, sem nunca ter estado na cidade?*

— Pra fazer o sotaque da Bozena, envolveu eu falar com a Thaís Gulin, que eu conhecia das coxias do teatro, e que era do Paraná. Ela me colocou pra falar com as tias e a mãe. Também me explicou a influência polonesa, que os imigrantes queriam aprender tudo muito correto, e é por isso que o paranaense fala como se lê. Também encontrei na internet um grupo folclórico de Pato



ACERVO CÂMARA MUNICIPAL DE PATO BRANCO

Branco. Pensei, “Vou ligar lá, falar com eles e pegar a onda”. E a resposta do cara que me atendeu, pelo telefone, foi, “É claro que eu te ajudo, daí”. Quando ele falou “daí”, fiquei esperando que dissesse mais alguma coisa. Mas não disse mais nada. Continuei perguntando, e ele sempre terminava as frases com “daí”. Falei, “Você tá com medo de me dizer alguma coisa? Pode falar, sou mente aberta”. Ele respondeu, “Mas a que você tá se referindo, daí?”. Falei, “To me referindo a isso, que você não conclui a frase”. Aí ele me explicou, “Aqui no Paraná, quando a gente fala ‘daí’, quer dizer que a frase acabou, daí”. No dia seguinte, no ensaio, eu terminava minhas frases com “daí”. O Falabella me disse, “Você tá doida?”. Eu disse, “Eles falam assim! Fique tranquilo, que vai funcionar”. (...) Me baseei também no temperamento da minha avó materna, que é de Curitiba. Ela quase não fala, mas quando fala, é um tiro. Tem um jeito seco, muito engraçado. Então eu trouxe pra personagem aquela coisa seca do polonês, a fala reta, direta. (...) A Bozena era uma personagem tipo Família Adams, que entra de repente e dá um susto.

— *A maioria dos pato-branquenses é descendente de italianos. Não lhe contaram?*

— Sério? Isso eu não sabia!

— *Como foi sua viagem a Pato Branco?*

— Me senti uma mistura de Beatle com Evita Peron. Gente acenando das janelas, das lojas. A cidade parou, as escolas fecharam

pros alunos irem me ver, até as igrejas fecharam, ninguém ia trabalhar. Pensei, “Eu sou Beatle!”. Na frente do hotel tinha tanta gente, que tive de sair pelos fundos, escondida. Fui receber uma medalha de Honra ao Mérito na Câmara Municipal. Tenho aqui na minha parede. Me disseram que a Câmara nunca tinha ficado tão lotada! Não dava pra se mexer lá dentro. Do lado de fora era tanta gente, que estavam ameaçando quebrar os vidros pra poder entrar. E eu ouvia gente dizendo que estudou comigo, que me namorou. E eu pensava, “Mas isto não é possível, é a primeira vez que venho aqui!”. (...) Às vezes encontrava gente no aeroporto, me diziam, “Você faz a Bozena, do Falabella”. “Sim, faço”. “É, mas lá em Pato Branco a gente não fala assim, daí”. Eu falava, “Então tá bom!”.

— *As histórias eram de personagens de Pato Branco...*

— Na verdade, eram histórias sem pé, nem cabeça. Eram umas coisas absurdas, surrealistas. Mas depois que visitei a cidade, as pessoas começaram a mandar histórias. Por exemplo, a chuva de carne. (...) Tenho uma gratidão imensa pela Bozena, uma saudade, porque ela me projetou nacionalmente. E é uma personagem com quem eu ainda brinco. É como se eu tivesse virado uma Emília (personagem de Monteiro Lobato). Ela entrou pro folclore nacional, ela ainda existe. (...) Muita gente me disse que foi a Pato Branco pra conhecer a cidade da Bozena!

Alessandra Maestrini foi recebida com entusiasmo pelos fãs de Bozena em Pato Branco. Circulou pelas ruas e praças, concedeu entrevistas, depois foi à Câmara Municipal receber sua Medalha de Honra. "Tive meu dia de Beatle" (Maestrini, 2020).

A introdução do sistema universitário representou uma nova era na dinâmica cultural, econômica e social de Pato Branco. Dentre outras iniciativas, foram criadas incubadoras de empresas e uma feira de ciências, denominada "Inventum". E o município ganhou destaque nacional na área tecnológica.

Tentativas de conduzir a Pato Branco o conhecimento científico ocorriam desde a década de 1950. Na gestão do prefeito Ivo Thomazoni, a Prefeitura adquiriu uma área na localidade de Independência para instalação de um posto de suinotecnia e bovino-tecnia, em parceria com o governo estadual. Nessa mesma época instalou-se um campo experimental do Ministério da Agricultura, na estrada que liga Pato Branco a Coronel Vivida. Também foi implantado um laboratório de análise de terras.

Mas durante algum tempo os políticos locais perderam o interesse pela educação científica. Em 28 de abril de 1963 o senador Juscelino Kubitschek encaminhou um telegrama à Câmara Municipal de Pato Branco, indagando quais cursos o município pleiteava. Eles seriam instalados por meio de uma fundação educacional. Com o objetivo de debater o tema, foi marcada uma reunião do

Trote de calouros, num dos primeiros vestibulares da FUNESP. Fotografia de João de Paula.



Legislativo Municipal para o dia 8 de maio daquele ano. Nenhum vereador compareceu.

O Sudoeste passou a contar com ensino superior a partir da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFI da cidade de Palmas, fundada em 1969. Ofertava os cursos de pedagogia, história, filosofia e letras-francês. Em 1975 a Fundação Faculdade

de Ciências Humanas de Francisco Beltrão – FACIBEL fez seu primeiro vestibular, para os cursos de estudos sociais e economia doméstica.

Na Inspetoria de Ensino de Pato Branco surgiram os primeiros rumores sobre a necessidade da implantação de cursos acadêmicos no município. Em matéria no Correio do Sudoeste (outubro de 1967), Victor Sylvio Biasuz comenta que a Câmara Municipal havia enviado ao governador e ao secretário estadual de Educação e Cultura um requerimento para a implantação de uma “faculdade de filosofia” e uma “escola de agronomia e veterinária”. Segundo o articulista, o ensino superior era uma “obrigação que temos para com os jovens de hoje, homens de amanhã”. No mesmo mês, Biasuz comunicou o interesse dos padres lassalistas em implantar uma faculdade em Pato Branco, a pedido de Frei Sérgio Hillesheim. Em 28 de novembro daquele ano, o deputado Jacinto Simões enca-



Sede da Funesp, recém-instalada.

Ensino superior e tecnologia



Campus da UTFPR de Pato Branco, à margem da PR-493.

minhou um projeto à Assembleia do Paraná, reivindicando a instalação de uma “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras” em Pato Branco. Mas o ensino superior manteve-se no mundo dos sonhos por mais alguns anos.

FACICON E FUNESP

A criação da Fundação Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração de Pato Branco – FACICON ocorreu na gestão do prefeito Milton Popija. Contou com o apoio de várias lideranças do ensino, que se empenharam em solucionar as questões burocráticas. A entidade começou a funcionar em 1975, sob a diretoria de José Cury.

Em 1983 tornou-se Fundação do Ensino Superior de Pato Branco – FUNESP. Em 1985 implantou os cursos de Letras e Matemática. Em 1987, Tecnologia de Processamento de Dados. Em 1992, Agronomia. Em 1993 a entidade foi incorporada ao Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, que em 2005, tornou-se Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

CEFET/UTFPR

Do curso de Processamento de Dados da FUNESP nasceram as primeiras empresas de tecnologias da informação de Pato Branco: Viasoft (1991) e Xpert (1993). Foi um pri-

meiro passo, como um prenúncio do grande projeto acadêmico-empresarial que em breve seria implantado no município.

A instalação de um campus do Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, provocou mudanças profundas na estrutura educacional e econômica de Pato Branco. Não somente impulsionou o ensino científico da região, como também

Na região Sudoeste, Unidades do CEFET foram implantadas nas cidades de Pato Branco, Dois Vizinhos e Francisco Beltrão.

estabeleceu um novo paradigma na estruturação empresarial e industrial. O município começou a pensar seu desenvolvimento com base na ciência, promovendo repercussões positivas também nos municípios vizinhos. Uma nova era de prosperidade desenhava-se no horizonte.

A instalação do CEFET deveu-se a uma circunstância fortuita, que foi bem aproveitada pelo então deputado federal Alcení Guerra. Nessa época ele era um dos articuladores do governo do presidente José Sarney (1985 - 1989).

— Toda encrenca que havia com o Sarney, eu defendia. (Alcení, 2020)

Ele não omite que cultivava um antigo desejo de tornar-se ministro da Saúde. Mas Sarney nomeou para a pasta outro deputado de Pato Branco, Luiz Carlos Borges da Silveira. Sentindo-se injustiçado e vendo a liderança política do Sudoeste escapar de suas mãos,

Alcení afastou-se do cenário governista. E Sarney, percebendo sua ausência, chamou-o para tomar um café.

— E ele me perguntou, “Alcení, o que foi que fizemos pra te ofender tanto?”. Falei que ele havia me destruído politicamente. Ele respondeu que haveria de me compensar de alguma maneira. E encarregou a sua filha, Roseana, de fazer alguma coisa por mim.

Nessa época, Athaide Moacyr Ferrazza, diretor do CEFET-PR e também pato-branquense, estava assessorando o ministro da Educação, Jorge Bornhausen, num projeto de construção de 200 escolas técnicas no país. Uma delas seria destinada a Londrina, a pedido do ex-governador José Richa. Mas o governador Álvaro Dias estava pleiteando a unidade para Maringá. Athaide disse a Alcení que, se ele pedisse para Pato Branco, Sarney cederia, para livrar-se da polêmica no Norte do Paraná.

No dia 4 de setembro de 1987, em nova

reunião com o presidente, Alcení levou um projeto produzido por Athaide. Sarney olhou o desenho e disse que era muito grande para Pato Branco. Perguntou quantos habitantes havia na cidade. Diante da resposta — 40 mil — devolveu os papéis. Alcení estendeu-lhe a mão e disse, “Muito obrigado”. Mas ao voltar-se para a saída, Sarney puxou-o pelo bra-

EXPOPATO

O setor agropecuário de Pato Branco também vem-se beneficiando com o desenvolvimento tecnológico. Com o objetivo de apresentar ao público as atualidades em máquinas, insumos agrícolas e produtos relacionados, foi criada a Exposição Feira Agropecuária, Comercial e Industrial de Pato Branco - EXPOPATO (abaixo, em fotografia de Rodinei Santos). O evento acontece no Parque de Exposições, numa parceria entre Sociedade Rural, Prefeitura, Sindicómércio, Associação Empresarial de Pato Branco (ACEPB) e Câmara Municipal.



ço, fê-lo sentar e rebriu o projeto...

— E foi uma eternidade o tempo em que ele examinou número a número — recorda Alcení. — Fechou, pegou uma caneta Montblanc e escreveu na capa, “Autorizo o ministro da Educação a implementar... ”.

Conforme Alcení, ao receber o comunicado, o prefeito Astério Rigon disse que o valor do projeto representava três vezes o orçamento anual do município. A Prefeitura não tinha condições legais para licitar a obra. A estratégia foi destinar a verba ao CEFET-PR, e a licitação foi realizada pela própria entidade. A construção ocorreu entre 1988 e 1990. A inauguração deu-se em 1991.

O prédio foi instalado ao lado da FUNESP, num terreno cedido pela Prefeitura à margem da rodovia que conduz a Itapejara d’Oeste. A estrutura arquitetônica, segundo Alcení, representa o lápis, o triângulo, o retângulo, o círculo.

O CEFET atraiu para Pato Branco uma legião de mestres, doutores e pós-doutores, nas disciplinas de engenharia elétrica, eletrônica, construção civil e química.

Alcení reputa à instalação da universidade tecnológica um grande avanço no desenvolvimento empresarial e industrial de Pato Branco.

— Optamos por trazer indústrias eletrônicas, porque geram muitos impostos. Nisso, o deputado Zucchi tem um grande mérito, porque aprovou uma lei que reduzia o ICMS quando indústrias do setor de informática e eletrônica se instalassem no Sudoeste. No meu primeiro ano como prefeito foi arrecadado R\$ 16,3 milhões. Em 2021, a arrecadação está próxima dos R\$ 500 milhões!

UNIVERSIDADES PARTICULARES

Pato Branco contou com grupos privados para aumentar a oferta de vagas no ensino superior. A Faculdade Mater Dei e a Faculdade de Pato Branco – FADEP, criadas em 1999, ampliaram a oferta de vagas em graduação e pós-graduação em diversas áreas. Nos anos seguintes, outras denominações acadêmicas



Centro Universitário de Pato Branco – UNIDEP (antiga FADEP), no Bairro Fraron (2019).

instalaram-se na cidade, como Unopar, Unicesumar, Uninter, Unidep, Ulbra. Inclusive a Universidade Aberta do Brasil – UAB.

— A instalação de um complexo educacional criou as condições necessárias para que o município direcionasse seu modelo de

desenvolvimento através da articulação entre ciência, tecnologia e inovação como variáveis importantes e condicionadoras de desenvolvimento de longo prazo, com base numa nova matriz produtiva local e regional. (Géri Natalino Dutra, 2020)



Faculdade Mater Dei (2020). Avenida Tupi, esquina com rua Mato Grosso.



Nesta e nas próximas páginas, selos produzidos pela Prefeitura de Pato Branco para divulgar o município.
Arte: Mazinho Bertazo.

CIÊNCIA E EMPREENDEDORISMO

O grande avanço no setor científico de Pato Branco, configurado após a implantação do CEFET, recebeu reforço nos anos seguintes com uma série de ações de diferentes lideranças municipais, empresários e profissionais voluntários de diversas áreas. O resultado de médio e longo prazo tem sido o acréscimo da arrecadação municipal, a instalação de muitas empresas do ramo eletrônico/informático, a multiplicação das vagas trabalhistas e a elevação de Pato Branco ao patamar de *cidade tecnológica*.

Um grande passo foi dado em 1996, com a instalação de uma incubadora de empresas de base tecnológica, sob a liderança dos professores Omero Francisco Bertol, Edenilson José da Silva, Beatriz Terezinha Borsoi, Marcos Vinicius de Bortolli, Paulo Bueno e Gilson Ditzel, entre outros. O projeto surgiu a partir de um edital de oferta da disciplina de Empreendedorismo em Informática, pela Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro – Softex. A condição para vencer o edital era a participação da comunidade local na implementação e organização da incubadora. O CEFET contou com a assinatura e o comprometimento de 14 entidades do município.

Nesse projeto nasceram várias empresas que hoje estão atuando no mercado. Entre elas, Inobran, Sponte e Softfocus. Dentre os acadêmicos participantes, vários deles abri-

ram suas próprias empresas.

Em 1997 fundou-se o Softex Gênesis Empreender, numa sede de 60 m², construída dentro do campus do CEFET. Mais tarde os programas de incubação agruparam-se ao Programa de Inovação e Empreendedorismo – PROEM, que também apoiou a formação de várias empresas.

A Prefeitura entrou no processo com o projeto Pato Branco Tecnópolis, implantado na gestão do prefeito Alcení Guerra, em 1997. Era uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, que articulava a realização de eventos visando o desenvolvimento tecnológico do município.

Aproveitando a estrutura previamente instalada do CEFET e da unidade avançada do Instituto de Tecnologia para o Desenvolvimento – LACTEC, o Tecnópolis possibilitou



a implantação do Centro Tecnológico e Industrial do Sudoeste do Paraná – CETIS.

Em 2003 foi criado o Núcleo de Tecnologia da Informação – NTI, com o objetivo de instalar uma rede de informações entre órgãos públicos e empresas.

A partir de 2005, várias entidades locais — universidade, faculdades particulares, Prefeitura, SEBRAE, PBTEC, NTI, SESI, SESC, SENAC e outras — em conexão com o setor empresarial, passaram a debater formas de realizar ações integradas, visando o desenvolvimento do município com base na tecnologia. No CEFET, agora convertido em UTFPR, decidiu-se juntar os vários eventos realizados pelos departamentos de cada curso. O primeiro foi o After-Taste, seguido do Sematis, que evoluiu para o Tecsul em 2010, com a união de várias áreas do conhecimento para a organização dos eventos — administração, informática, ciências contábeis e



outras. Desde o início, houve uma tendência para a área de software e hardware. Mas o objetivo era ampliar o leque dos temas, a fim de que profissionais com visões diferentes participassem do debate.

Na sincronidade das ações positivas, em 2007 o município começou a ser beneficiado pela *Lei Zucchi*, criada pelo deputado estadual Augustinho Zucchi. Ele propôs alteração numa lei que dava tratamento diferenciado ao ICMS de produtos eletroeletrônicos, de telecomunicações, de informática e de desenvolvimento de software no município de Foz do Iguaçu. Pelo novo projeto, ficou também reduzido o ICMS das indústrias de eletroeletrônicos que se instalam na região de Pato Branco. A justificativa, segundo a Assessoria de Imprensa da Assembleia Legislativa do Paraná, era de que o município “tem tido notável crescimento no desenvolvimento tecnológico, sendo destaque em nível regional e nacional na produção de tecnologia da informação e comunicação”.

— A isenção do ICMS para a região Sudoeste permitirá o desenvolvimento de produtos de alta tecnologia, consolidando o desenvolvimento regional com a criação de novos projetos e empresas nas áreas de automação industrial, tecnologia da informação, comunicação e biotecnologia. (...) Dá prosseguimento a uma atividade que existe na região e que foi ao longo dos tempos efetivada, concretizada e trabalhada em vários governos. (Zucchi, 2007)



— Foi uma grande vitória para a nossa terra e o Sudoeste. Pato Branco com isso fortalecerá a sua posição de pólo tecnológico, gerando mais empregos e agregando o conhecimento produzido nas nossas faculdades e universidade tecnológica. (Prefeito Roberto Viganó, 2007)

— A vinda do CEFET foi muito importante para o município, porque foi o início do impulso tecnológico. E a Lei Zucchi viabilizou o projeto do Alcení. Foram ações complementares, que resultaram em Pato Branco como um polo de tecnologia. (Ricardo Guerra, 2020)

Em 2010, com apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia, a Prefeitura criou a Incubadora Tecnológica de Pato Branco – IT, sob responsabilidade da Tecnópole.

No mesmo ano foi iniciado o projeto do Parque Tecnológico, visando a construção de vários prédios situados numa área contígua ao campus universitário, no qual seriam instaladas empresas de alta tecnologia. No início o Parque foi gerido pela Tecnópole. O projeto foi idealizado como sendo a base funcional do Parque Tecnológico, mas o conceito abrangia toda a cidade. Muitas empresas já instaladas em Pato Branco passaram a aproveitar o suporte oferecido pela Tecnópole.

Em 2016 a Incubadora Municipal foi transferida para o Parque Tecnológico. É formada por seis módulos, cada qual com 515 m² construídos e aproximadamente 2000 m² para a incubadora, totalizando mais de 5.000 m². Em 2021 já são 20 as empresas incubadas, em três áreas prioritárias: eletrônicos, biotecnologia e tecnologia de informação e comunicação. Algumas dessas empresas já estão consolidadas, produzindo, distribuindo para todo o Brasil e exportando seus produtos.

POLO COMERCIAL E DE SERVIÇOS

Seguindo o fluxo das inovações tecnológicas e a implantação das indústrias de ponta, Pato Branco converteu-se também em pólo regional comercial e de serviços. A circulação de mercadorias e a oferta de serviços especializados avolumaram-se nos últimos anos.

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Em 2012 colocou-se aos candidatos a prefeito a necessidade de uma secretaria municipal orientada para o setor tecnológico. A Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação foi criada no ano seguinte, com a ascensão de Zucchi ao Executivo Municipal. Foi a primeira secretaria municipal do estado do

Paraná orientada exclusivamente para o desenvolvimento tecnológico.

— Nosso principal desafio era tomar a ciência e a tecnologia não mais como um processo vertical — diz Géri Natalino Dutra, que esteve à frente da secretaria de 2014 a 2020. — Até então todas as ações envolviam a universidade, faculdades e profissionais da área e, eventualmente, os alunos do Ensino Médio. Mas a comunidade em geral não participava. Procuramos horizontalizar, fazendo com que a tecnologia chegasse nos bairros, nas comunidades rurais, de forma que ela fizesse sentido para o município como um todo. Pode-se dizer que é uma atuação transversal, atuando conjuntamente com todas as demais secretarias.



Na onda do avanço acadêmico e tecnológico, foi criada a feira Inventum, que conquista o público regional a cada nova edição. Na fotografia, os jovens aproveitam as novidades no evento de 2019.

Parque Tecnológico

O Parque Tecnológico de Pato Branco foi implantado numa parceria entre a Prefeitura e os governos federal e estadual.

A área construída tem mais 5 mil m², com capacidade para incubar até 60 empresas. Muitas delas já se encontram em plena atividade, contribuindo para o desenvolvimento de Pato Branco e do Sudoeste.

O Parque Tecnológico contém laboratório de certificação em construção civil e indústria metal-mecânica, além de centro de convivência e administrativo. Também comporta o Museu Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação.

A estrutura fornece suporte para as univer-



Acima, estudantes assistem a uma sessão de capacitação de drones para a feira Inventum.

Abaixo, Parque Tecnológico de Pato Branco. Capacidade para incubar até 60 empresas.



sidades, empresas e outras instituições de fomento e pesquisa. Atua em parceria com o Parque Tecnológico de Itaipu e o Parque Tecnológico Binacional Brasil-Argentina.

Grande parte das empresas incubadas é do setor de comunicação e informática. Algumas são das áreas de química, elétrica e mecânica, cada qual desenvolvendo tecnologia própria.

Em 2019 o parque de Pato Branco foi credenciado no Sistema Estadual de Parques Tecnológicos do Paraná – SEPARTEC.

— Os parques trabalhavam de uma maneira independente, com recursos municipais, ou mesmo de entidades. Com a criação do Separtec, essas políticas se tornaram prioridade. E Pato Branco, por ter um parque em operação, receberá incentivos com viés de empreendedorismo, voltados à ciência, tecnologia e inovação. (Augustinho Zucchi, 2019)

Fotografias de Rodinei Santos



Inaugurado em 2016, o Parque Tecnológico conta com mais de 5 mil m² construídos.

Acima, idosos do Centro Dia assistem a uma aula de robótica no Parque Tecnológico.







RODINEI SANTOS

Uma das primeiras ações da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, em parceria com a de Educação, foi prover os alunos de 4º e 5º ano com um *tablet*, possibilitando seu acesso à internet. Todos os professores, com o apoio do UTFPR, receberam capacitação para atuar dentro do novo sistema que se instalava. A estrutura da municipalidade passou a ser pensada com o objetivo da integração, com um Plano Diretor de Informática abrangendo todas as secretarias. A Prefeitura deveria apresentar uma estrutura que pudesse dar exemplo de evolução tecnológica. Também foi criado o Conselho Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação, com 14 representantes, envolvendo empresários, estudantes, universidades e várias outras entidades, utilizando como metodologia a construção coletiva.

INVENTUM

No primeiro ano de seu mandato, Zucchi delegou àquela nova secretaria a tarefa de criar uma feira de tecnologia — que seria batizada de Inventum. Na IV edição (2019), com o evento já consolidado, os discursos da cerimônia de abertura foram entusiastas. Várias autoridades citaram o destaque que Pato Branco já alcança em nível nacional, no setor tecnológico, servindo de incubadora para empresas de ponta e com várias patentes registradas em diversas áreas. O município tornou-se referência na área tecnológica no Paraná e no Brasil, sendo visitada por estudantes de universidades de todo o país em busca de aperfeiçoamento em suas áreas.

Mas no início a proposta da feira não foi bem compreendida. Acostumados às feiras agropecuárias, os cidadãos perguntavam quem faria os shows artísticos. Foi necessário explicar que as atrações principais seriam a tecnologia e a busca do conhecimento, culminando com ações de empreendedorismo.

— Diziam que as pessoas não iam sequer em feira de colégio, imagine numa feira

A Inventum 2019 contou com um "Parque dos Dinossauros". São "mecatrons" produzidos na China, nas proporções das ossadas originais.



municipal! — conta Géri. — Mesmo assim, conseguimos levar 32 mil pessoas!

Com o sucesso da primeira edição, começaram a projetar a segunda, que seria realizada dois anos depois. Período suficiente para articular com empresas e instituições as novidades a serem expostas. Em 2015, com um projeto mais ousado e maior engajamento empresarial e institucional, a Inventum mostrou-se mais consistente.

— Enquanto preparávamos a feira, ainda ouvíamos críticas — diz Géri. — Achavam que estávamos criando problemas para o futuro. Mas compareceram mais de 60 mil pessoas, e a perspectiva popular mudou. Pela primeira vez, vinham nos dizer que era esse o direcionamento que a cidade precisava!

Em 2017 a Inventum contou com uma edição da Campus Party, considerada o maior evento *geek*⁽³¹⁾ do mundo. Outro marco foi a convocação da comunidade para construir componentes e participar de competições da Inventum: de carros, de *pontes de macarrão*⁽³²⁾, de balística, de aplicativos e de jogos eletrônicos, entre outras. Nessa edição, a Inventum contou com 110 mil visitantes.

— Foi a consolidação do projeto — diz Géri. — A Inventum tornou-se o maior evento de ciência, tecnologia e inovação do Paraná. E nunca mais nos perguntaram sobre shows musicais. O encantamento dos visitantes é navegar num ambiente de tecnologia e inovação, mergulhando na ciência e no conhecimento, e posteriormente partindo para projetos empreendedores. E o mais importante, não tem uma confusão, não tem um bê-

(31) Gíria inglesa, remete à cultura “nerd” e aos fãs de jogos eletrônicos.

(32) Maquetes de pontes feita de espaguete — ou outra massa de macarrão duro, seco e reto. As pontes são construídas com propósitos experimentais e competitivos. Na Inventum são feitas com 800 gramas de macarrão e chegam a suportar cargas de 200 kg.

Entre as **CIDADES** com a
MELHOR SAÚDE
11^o do **BRASIL**
1^o do **PARANÁ**
EXAME

bado! É um ambiente onde vemos a criança de dois anos encantada, participando, como vemos senhores e senhoras de 80 anos com a mesma vibração e entusiasmo.

Mas a Inventum não acaba no fechar dos portões do Centro de Exposições. As teorias e práticas apresentadas durante a feira continuam sendo desenvolvidas em várias ações da secretaria. Pelo projeto Agronet, em parceria com a Secretaria de Agricultura — com apoio da UTFPR, da Coopertradição e das empresas Cybertech e Ampernet — foram instalados 50 pontos de *internet livre* no in-



RODINEI SANTOS

Os jovens divertem-se e aprendem durante as competições da Inventum.

terior do município. Todas as sedes rurais têm acesso à rede mundial. Também foram implantadas seis estações meteorológicas, que coletam dados em pontos estratégicos do mapa de Pato Branco, disponibilizando

as informações aos agricultores, visando a *agricultura de precisão*. Um sistema de 23 drones gera fotografias da área rural, colaborando com o fornecimento de dados.

O ensino municipal também está integrado às metas tecnológicas. Aulas de robótica são ofertadas na *Escola de Artes* para alunos do contraturno escolar. O programa *Escola Pato Branco Digital*, em parceria com a UTFPR, disponibiliza 400 vagas semestrais para cursos de desenvolvimento tecnológico. O objetivo é ampliar o raciocínio lógico, a criatividade, a capacidade de comunicação e de trabalho em equipe.

Em 2017 foram instalados na cidade dois laboratórios *Include*, onde ministram-se aulas de informática e robótica com viés profissionalizante, numa parceria da Campus Party com o Ministério da Ciência e Tecnologia. O projeto tem o patrocínio das indústrias Atlas e o apoio do Instituto Regional de Desenvol-



LUIZ FRANCISCO GUIL

A Inventum tem atraído grande público. Na abertura dos portões da edição 2019, um robô com a logomarca do SEBRAE caminha junto com a multidão. Os meninos estão atentos.

CIDADE QUE
+GEROU
EMPREGOS
NO PARANÁ
2017
CAGED e MTE

vimento Econômico e Social – IRDES.

Por meio do projeto *Turismo Tecnológico*, Pato Branco recebe estudantes e pesquisadores de todo o Brasil, que buscam novidades da ciência aplicada. O objetivo é disseminar no país os conhecimentos e procedimentos científicos gerados ou aprimorados no município. O projeto *Desenvolvendo Talentos* capacita jovens de Ensino Médio, inserindo-os como estagiários em empresas locais.

Pato Branco já possui uma empresa de software com 500 funcionários (Viasoft). Há outras com números expressivos de funcionários, como Sponte, Supera, Softfocus, Limber, Koinonia, Bitz, Sag e Xpert. Na área de hardware estabeleceu-se a Himix, com 700 funcionários. Outros exemplos do desenvolvimento do setor são Inobran, Serdia, Lan, Emiteli, Akyiama e Ateii.

INVENTUM 2019

Nos dias 8 a 13 de novembro de 2019 aconteceu a IV Inventum. Foi a mais imponente demonstração do dinamismo técnico do Sudoeste paranaense. Contabilizou-se 150 mil visitantes, oriundos de mais de 100 cidades de todo o Brasil e de outros países, principalmente do Mercosul.

Na abertura do evento, sobre a mesa do palco, um robô de 30 cm de altura dançou música eletrônica, depois abaixou-se e fez algumas flexões. Abriram-se os portões para a entrada da multidão e um robô de três metros de altura, acompanhou. Branco, estilo *Transformer*, com a marca do SEBRAE no peito.

Universidades de várias cidades, estados e países participaram com exposições na feira. Circulando pelos estandes, percebia-se que



grande parte das inovações relacionava-se a procedimentos analógicos aliados a aplicativos virtuais. Como uma estufa que abria e fechava cortinas, controlando a entrada do sol por meio de comandos de computador — exposta por uma universidade de Posadas, província de Misiones/Argentina.

Um dos atrativos mais visados foi um pavilhão com as últimas inovações em jogos eletrônicos. Painéis com jogos de realidade virtual rebrilhavam em vários expositores. Num palco ao lado, aconteciam números de música e *just dance*.

Outra grande atração foi uma exposição da PUC de Porto Alegre, com variados e divertidos dispositivos, que demonstram propriedades da matéria, como gravidade, luz, eletromagnetismo e eletricidade.

Na entrada da feira havia vários telescópios, instalados ao ar livre. Os visitantes faziam filas para ver, durante o dia, a passagem do planeta Mercúrio diante do Sol. À noite, observavam os planetas Saturno e Júpiter e a Lua — por coincidência, no período de Plenilúnio.

Uma das exposições mais visitadas foi um museu itinerante com peças do antigo Egito, da velha Mesopotâmia e da Pompeia destruída pelo vulcão (79 d.C.). Incluía 1300 peças,

Todas as escolas municipais de Pato Branco aproveitam a Inventum para reforçar os conhecimentos científicos dos estudantes. Em 2019, professoras e alunos posam diante do gigantesco "Tiranossauro Rex".

sendo 160 originais. Algumas com mais de quatro mil anos, como facas e objetos domésticos, além de réplicas de múmias e de sarcófagos e das vítimas carbonizadas pelo Vesúvio.

A feira contou com 20 dinossauros da empresa Art PHZ, de Belo Horizonte. Dentre eles, um *tiranossauro rex* com 6 m de altura e 15 m de comprimento. Havia também *tricerátops*, *braqueossauro*, *espinossauro* e outros. Cada animal emite sons característicos da espécie. Segundo os responsáveis pela mostra, Emerson Ferreira Costa e Márcia Cristiane dos Santos, são *mecatrons* produzidos na China, mantendo as proporções das ossadas originais. As articulações mecânicas são controladas por computador, simulando movimentos dos animais reais.

A feira de Tecnologia de Pato Branco é um sucesso e é também uma festa. Houve intensa movimentação das escolas, com professores acompanhando seus alunos e apre-



sentando a ciência viva e em progressão.

A Inventum é tecnológica, mas também multidisciplinar. E pode servir de palco para protestos e reivindicações. Em 2019 o curso de psicologia da UNIDEP colocou alunos do 4º período fantasiados de *Meios Coercitivos*: Descartável, Tóxico, Tecnológico, Ecológico, Dependente, Econômico, Racional e Rede Social. Havia também um grupo de noivas, uma delas acorrentada, duas dotadas de aparelho respiratório artificial, representando relacionamentos conjugais violentos.

Cosplayers, personagens *animes* do grupo Genkos, também estiveram na Inventum.

— O objetivo é espalhar a Cultura Nerd — disse Caique Mendes, fantasiado de *Natsu Dragon*. Durante a exposição, o grupo realizou um concurso *cosplayer* para premiar os personagens melhor caracterizados.

A Inventum ganhou tamanha densidade e fama, que o próprio governo estadual instalou-se provisoriamente em Pato Branco. Numa sala da feira, o governador do estado despachou nos dias 12 e 13 de novembro. Compareceram todos os campus da UTFPR, e a reitoria transferiu-se para dentro da Inventum. As diretorias estaduais do SEBRAE, do IAPAR, da FIEP e da OAB, *idem*.

OUTRAS FEIRAS

Além da Inventum, Pato Branco realiza outras feiras setoriais: *Casa e Construção*, *Exporural* e *Expopato*.

LUÍZ FRANCISCO GUIL



Fernanda Paracena, Suelen Triquez e Luana Schailer, estudantes de psicologia, divulgam na feira 2019 conceitos de “Amizade”, “Ansiedade” e “Bullying”.



RODINEI SANTOS

A Inventum movimenta a juventude de Pato Branco e região por meio de competições esportivas e artísticas.

IRDES

O Instituto Regional de Desenvolvimento Econômico e Social – IRDES foi precedido pelo Fórum de Desenvolvimento de Pato Branco, fundado no ano 2000, sob estímulo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. A presidência iniciou-se com Vitor Tioqueta, seguido de Frederico Vanetti Araújo, André Almeida e Cláudio Petrycoski. Em 2013, na gestão de Meri Aparecida Moraes, tornou-se IRDES. Na sequência, foi dirigido por Aldair Rizzi, novamente por Petrycoski e na atualidade por Marcelo Silveira Dalle Teze.

Ampliando a proposta inicial, o IRDES tem atuado em várias frentes, buscando harmonizar crescimento econômico e social e respeitando os recursos humanos e naturais. Também busca o incremento da renda “per capita” e a sustentabilidade das entidades.

— O objetivo principal da entidade é promover o desenvolvimento econômico e sócio-ambiental integrado e sustentável dos municípios do Sudoeste. (Marcelo, 2021)

Dentre outras iniciativas, o instituto atuou na formação das Juntas de Conciliação, na criação do Observatório Social de Pato Branco e na organização da Feira do Peixe — evento realizado no Pavilhão de São Pedro. Também participou de campanhas de arrecadação para a Unidade Oncológica e da campanha SOS Rodovias — reivindicando a revitalização das estradas da região. Promoveu jornadas de combate à violência contra a mulher e organizou pautas de debates para candidatos à Prefeitura Municipal. Também foi a entidade pioneira na criação de laboratórios *Include*, do Instituto *Campus Party*, por meio dos quais foram organizadas maratonas de robótica. Dentre outros projetos está o *White Duck Connection*, que visa a internacionalização das iniciativas regionais. E conta com o grupo *Empreendedoras da Solidariedade*, que busca auxiliar em ações que gerem renda ou economia para as entidades.

O IRDES atua em parceria com várias instituições, como prefeituras e secretarias municipais, sindicatos, associações de moradores, fundações e sistema SESI/SENAI.

Destaques no estado e na federação

Eles assumiram altos cargos em instituições estaduais e federais.

DEPUTADOS ESTADUAIS

Deputados estaduais com base eleitoral no município de Pato Branco: Jacinto Simões (MDB, 1966); Ivo Thomazoni (UDN, 1958; Arena, 1966, 1970, 1974 e 1978); Sebastião Rodrigues de Souza Júnior (MDB, 1970); Nilso Romeu Sguarezzi (MDB, 1974, 1978; PMDB, 1982); José Rogério de Carvalho (PMDB, 1986); Lauro Lobo Alcântara (PMDB, 1986); Augustinho Zucchi (PPB, 1994; PP, 1998; PDT, 2002, 2006, 2010); Luiz Augusto Silva (PSC, 2014), Fernando Guerra (PSL, 2016) e Guto Silva (PSD, 2016. Em 2019, Guto foi nomeado secretário chefe da Casa Civil do Paraná).

DEPUTADOS FEDERAIS

Pato Branco elegeu em 1974 seu primeiro deputado federal, Sebastião Rodrigues de

Souza Júnior (MDB). Reeleito em 1978 e 1982 pelo mesmo partido. Além dele, Luiz Carlos Borges da Silveira (Arena, 1978), reeleito pelo PMDB em 1982 e 1986; Alcení Guerra (PDS, 1982; PFL, 1986; DEM, 2006); Nilso Romeu Sguarezzi (PMDB, 1986); Ivânio Fumagali Guerra (PFL, 1990); Fernando Lúcio Giacobbo (PL, 2003, 2007, 2011, 2014); Pedro dos Santos Lima Guerra (DEM, 2010).

DESEMBARGADORES

Pato Branco conta com três desembargadores. Guilherme Luiz Gomes nasceu em Curitiba, mas criou-se em Pato Branco. Foi empossado presidente do Tribunal de Justiça em 2013. Paulo Ricardo Pozzolo e Eliázer Medeiros atuam na Justiça do Trabalho. Conheceram-se no grupo de escoteiros Coroados, na década de 1970. No início da década de 1980 partiram para Curitiba. Após entrar na faculdade de direito, foram morar



Grandes contribuintes ao progresso do município são os funcionários e funcionárias da Prefeitura. Em outubro de 2019, vestem-se de rosa em apoio à campanha preventiva contra o câncer de mama.

na Casa do Estudante Luterano Universitário – CELU, onde Pozzolo assumiu a diretoria de Biblioteca e Eliázer tornou-se membro do Conselho Superior.

Originários do Rio Grande do Sul, Tranquilo Pozzolo e Égide Marin, após casados, foram residir em Anita Garibaldi-SC. Nessa cidade nasceu o filho Paulo Ricardo.

— Éramos oito filhos e Anita Garibaldi não tinha muitas condições de estudo. Por conta da necessidade de fazermos o Ensino Médio, meus pais resolveram mudar-se para Pato Branco. Cheguei com dois anos, mas me considero pato-branquense, porque todas as minhas memórias da infância e da juventude são de Pato Branco. (Pozzolo, 2020)

Após concluir o curso de direito, ele retornou a Pato Branco em 1988. Em 1989 foi convocado pelo Legislativo local para elaborar a Lei Orgânica Municipal.

— Houve uma participação muito forte nas audiências públicas. Um dos problemas do município era a formiga mineira. Um pro-

blema grave e de alcance público. A pressão popular foi tamanha que o problema da formiga acabou constando na Lei Orgânica. Tecnicamente não deveria estar lá, mas está!

Em 1993 Pozzolo passou no concurso para juiz do Trabalho, tornando-se juiz substituto de Francisco Beltrão. Depois, como juiz titular, atuou em Guarapuava e vários outros municípios do interior. Em 2010 assumiu o cargo de desembargador.

Eliázer é neto de Aparício Saraiva Medeiros, da região de Lagoa Vermelha. O pai, Osvaldo Saraiva Medeiros, mudou-se para Pato Branco com amigos, em busca de emprego em serraria. Depois montou um secador de madeira, mas a empresa "quebrou". O pagamento da dívida era feita no fórum, e na conversa mensal com a escritã, foi convidado a auxiliar o oficial de Justiça. Em seguida foi contratado como oficial de Justiça, função que exerceu durante mais de 40 anos. Num escritório de advocacia conheceu Anir Bellani, com quem se casou. Ela era originária da região de Nanoai-RS, onde seu pai atuava

como responsável pela reserva indígena.

Eliázer nasceu e cresceu em frente ao cemitério da Avenida Brasil. Sua recreação, na primeira infância, era brincar entre os túmulos, sempre observado pelo coveiro, *João Pé-de-Bicho*.

— Meus pais me contaram que numa ocasião apareci em casa com um fêmur na mão. (Eliázer, 2020)

Ele entrou nas lides jurídicas aos 13 anos, quando tornou-se funcionário do Fórum de Pato Branco. Havia acabado de formar-se no curso de datilografia.

— A datilografia me deu tudo que tenho. Piá competitivo, queria mostrar trabalho e comecei a datilografar os registros de sentenças e os formais de partilha. Aí um juiz me viu naquele empenho e me chamou pra sala de audiências. E comecei a fazer as atas de audiências, com 14 anos. Quando me matriculei no curso de direito da UFPR, já dominava a linguagem jurídica!

Eliázer foi presidente da Associação dos Advogados Trabalhistas do Paraná. Em 2017 tornou-se desembargador.

RÁDIO E TV

O sistema de comunicação de Pato Branco evoluiu com rapidez e intensidade nas últimas décadas. Em 2021 conta com as rádios *Celinauta*, *Cidade* e *Itapuã* (AM), *Elite*, *Ativa*, *Movimento* e *Liberdade* (FM).

A primeira tentativa de implantar uma emissora de TV na cidade ocorreu em 1967. O vigário Frei Eugênio Sieberichs e seu auxiliar, Frei Sérgio Hillesheim, adquiriram os equipamentos, visando a instalação de um canal de TV. A solicitação foi encaminhada ao Ministério das Telecomunicações por Frei Policarpo Berri. Mas a concessão só foi emitida em 1982. Em 18 de junho de 1987 a TV Sudoeste entrou no ar, integrada à Rede Manchete. Desde 1999, à RedeTV. Participa da *Rede Celinauta de Comunicação*, com as rádios Celinauta e Movimento.

A cidade também conta a TV Humaitá, da Rede Educativa.



Amanhecer hibernal, 2019. No alto, torres de rádio e TV, no Bairro Parque do Som, região leste da cidade. Ao centro, igreja ucraniana. Fotografia de Rodinei Santos.

SECRETÁRIA DE ESTADO

Ana Seres Trento Comin, filha de Jácomo e Reni Trento, foi secretária municipal de Educação e chefe do Núcleo Regional de Educação de Pato Branco. Também atuou como secretária estadual de Educação, durante o governo Beto Richa.

KALU

Sinésio Pereira Chueiri (Kalu) é filho de Guiomar Pereira Chueiri e Ahylde Jorge Chueiri. Nasceu em Ibaiti-PR, em 25 de janeiro de 1951. O pai era oficial de sapataria. Músico autodidata, violinista, foi regente do primeiro coral da igreja presbiteriana de Ibaiti, na década de 1940.

Dentre outras artes, Kalu aprendeu a tocar violão. Influenciado pelo irmão, jogador de futebol, cursou educação física. Entre 1974 e 1975 seu irmão foi gerente do banco Bamerindus em Coronel Vivida. Sinésio passava as férias na casa dele e aproveitava para dar aulas de natação. Promoveu o *Campeonato Sudoestino de Natação* e o concurso *Rainha das Piscinas*. No ano seguinte Dolivar Lavarda contratou-o para realizar o campeonato em Pato Branco. Nessa época estava em construção uma piscina olímpica da cidade. Kalu realizou o campeonato e mudou-se para Pato Branco. Ele também atuou como técnico da seleção feminina de voleibol da cidade.

Kalu ganhou de um amigo que trabalhava em serraria alguns pedaços de madeira e um formão. Começou a brincar com o instrumento, fazendo portas entalhadas, e foi aprimorando a arte. Fazia alguns entalhes em

MEMORIAL DA CONSAGRAÇÃO

Obra de Kalu (à direita), na avenida Tupi, instalada na gestão municipal 2009 - 2012. Estrutura do arquiteto Emerson Carlos Michelin. Legenda da placa: "A Prefeitura ergueu este memorial destinado a guardar a história do povo desta cidade. Sinal de esperança dos que vão nascer e que encontrem nesta terra a intensa luz que brota do conhecimento, crescimento espiritual, amor e da imaginação".

LUIZ FRANCISCO GUIL



madeira e sorteava entre as atletas do vôlei, como incentivo aos treinos. Em meados da década de 1980 ele produziu uma escultura abstrata para homenagear os autores de uma peça teatral do colégio Agostinho Pereira. Nessa época um amigo sugeriu que ele participasse do concurso de escultura João Turim, de Curitiba. Sinésio entrou com três peças em imbuia. E aos poucos o gosto pela escultura foi-se adensando.

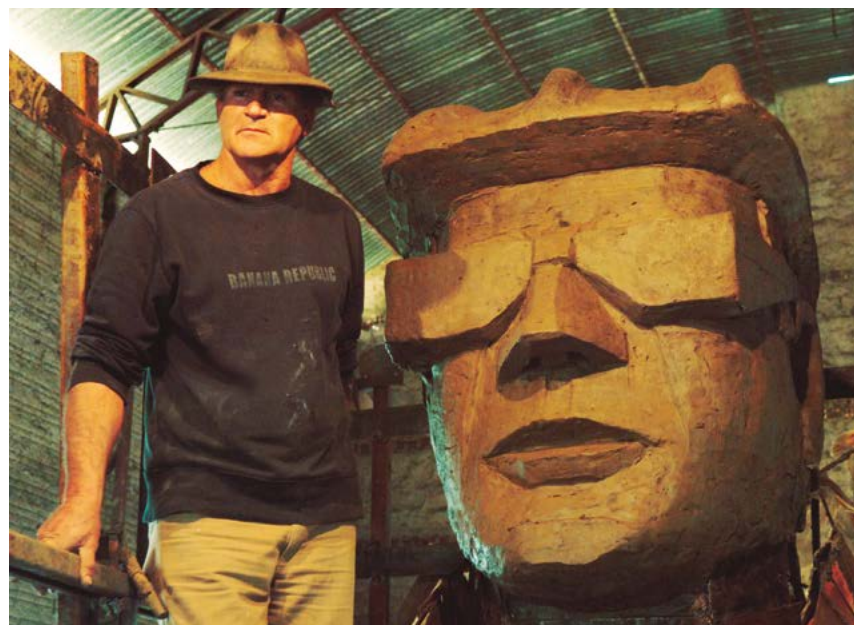
As esculturas em metal foram sugeridas por Cláudio Petrycoski, que incentivou Kalu a aproveitar as sobras da indústria de fogões Atlas.

— Fiz algumas peças pequenas, utilizando a mesma técnica da resina. Mas em vez de derramar resina na forma de gesso, eu fazia soldas com pedaços de ferro. (Kalu, 2019)

Sua primeira escultura de grandes dimensões, realizada em 1989, foi um cavalo metálico, instalado na entrada do Parque de Exposições de Pato Branco.

— Naquele ano, após um vendaval que quase destruiu a cidade, a Prefeitura deu-me sucatas de pontos de ônibus, calhas e carteira de escola que voaram. Com esse material fiz o cavalo. Essas esculturas grandes foram um marco para mim, porque abriram caminho para fazer também em outras cidades. Tenho esculturas em Capanema, Mariópolis, Itapejara, Ibaiti. Também tem uma em São Roque do Chopim, com cerca de 20 metros de altura. Representa o operário metalúrgico, visto que a vocação local para a metalurgia é muito intensa. Também fiz pra São Roque o Portal do Esperanto. O Getúlio Vargas, na praça Central, foi feito com sucata de ferro de construção. Na frente do SENAC tem uma ave, não é um pato, é uma abstração em cima de uma ave, feita de aço inox. O anjo na rotatória foi encomendada pelo prefeito Viganó. Tem quase 10 metros de altura, contando com a base. Para o Parque do Alvorecer, o prefeito Zucchi me encomendou aquele pato, todo feito de aço inox. Tem seis metros de altura e sete de envergadura. No começo da rua Ivaí tem um monumento aos pioneiros, com uma figura masculina com uma enxada e uma figura feminina semeando.

Kalu modelando a cabeça do metalúrgico, que hoje encontra-se na entrada da sede do distrito de Nova Espera.



REDEÇÃO

Toda cidade apresenta variados graus de consciência ética, que resultam em maior ou menor índice de justiça social. Ao percorrer a história e as diversas camadas socioeconômicas de Pato Branco, verifica-se alguns sinais de desequilíbrio nessa área.

Um texto de José Roberto Viana, publicado em 1963 no jornal A Razão, revela uma candente preocupação com os moradores da periferia de Pato Branco. Numa caminhada pela cidade ele alcançou o cemitério, onde presenciou o enterro de uma criança. O pai era um homem de “roupa velha e alpargatas no pé”. Instado pelo cronista sobre os motivos do falecimento, o pai responde: “Num sei não. Quarto dia de nascimento, pegô a chorá, a chorá, e morreu. (...) Esse é o quarto fio qui morre logo dipois de nascê”. Após o enterro, o escriba retomou suas reflexões: “Quando será que esses pobres infelizes passarão dessa condição sub-humana para uma vida mais humana? Quando será que essa indecência social, esse aniquilamento de vidas, irá ferir o coração de pedra dos governantes e legisladores?”.

A indiferença e o preconceito econômico-social podem gerar situações constrangedoras e até traumatizantes, como revela a crônica a seguir, escrita pelo dentista Wagner Alcides (2019).

— Hoje retorno a morar na casa de mi-

nha mãe. Regresso formado em um curso superior, e pós-graduado. Cirurgião-dentista e especialista em Saúde da Família. Sinto orgulho pela redenção que concedo a ela. Por isso, contarei uma história que marca minha relação com minha mãe e minha vida. Passei boa parte da minha infância e adolescência morando na rua Constante Andreatta nº 108, no Bairro Santa Terezinha, cidade de Pato Branco. Apesar das dificuldades, tivemos uma infância marcante e saudável. Morávamos em casas humildes, no lote que era de minha saudosa avó. Era considerado o cortiço da rua, devido à condição das casas. A nossa tinha frestas por toda parte. No inverno rigoroso de Pato Branco, o vento “cantava” à noite pelos quartos. Eram apenas dois, para sete pessoas. Contudo, minhas memórias mais afetivas são deste lugar e daquele tempo. Quem conhece minha mãe e meus irmãos, sabe que tenho o fenótipo diferente do deles. Sou loiro, dos olhos verdes. Eles mais pardos, morenos, mulatos. Minha mãe sempre trabalhou de maneira informal para ajudar no orçamento de casa para dar condições mínimas de educação e alimento para os cinco filhos. Vendeu salgados na rua, foi empregada doméstica. E é sobre o período que trabalhou para uma família de nossa rua que quero contar. Este episódio marcou minha infância. E carrego até hoje. Eu e meu irmão, Daniel Palla, como todo menino da-

quele tempo, brincávamos muito na rua, era seguro e as melhores peripécias aconteciam. Jogávamos muito futebol, alerta vermelho, esconde-esconde... Com outros amigos formávamos a "gangue do sorvete-seco". Não era para colocar medo em ninguém, era só o grupo de meninos que andavam juntos de carrinho de rolimã pelas ruas vizinhas. O episódio que me marca é derivado do dia em que, ao jogar futebol na calçada da casa da família em que minha mãe trabalhava, demos motivo para ela ser despedida, sem direitos, e também humilhada por um racista. Quando à noite ela foi "acertar as contas", nos levou junto para pedir desculpas pelas folhagens amassadas pela bola. Amedrontados, fomos. Aguardamos a conversa um pouco afastados. Foi um dos momentos mais duros da minha vida. Minha mãe foi humilhada pela sua origem e pela sua cor. Insultada de negra-macaca-fedida. Expulsa como um animal para a rua. Não consigo esquecer. Toda vez que falo, como agora, me vêm lágrimas, e 20 anos depois a indignação não passa. Ver, aos oito anos, a pessoa que você mais ama, sofrer uma violência dessas, é traumatizante. Passei muitos anos sem falar sobre isso. Ainda não havia adquirido consciência do tamanho e repercussão da violência que havia passado. Guardei por todos estes anos, até precisar



Funcionário da Prefeitura retirando ervas daninhas das floreiras, na área central da cidade. 2019.

fazer terapia e expor uma depressão que me acompanha desde aquele tempo. Eu, um menino que não conseguiu defender a mãe de uma agressão perpetrada pelo filho de uma professora de ensino superior. Qual era meu poder? Filho de uma analfabeta que precisou baixar a cabeça porque a inferioridade eco-

nômica e material mandou. Ainda faço terapia, quem sabe um dia eu entenda melhor. Só não abaixo a cabeça mais. E tenho lado, e é ao lado deste povo! Como canta Emicida em sua música, Mãe. "Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção".

Minha avó, Osvaldina Francisca da Silva Garcias, foi morar em Pato Branco em 1959. Trabalhava no hotel Dom Carlos, que pegou fogo. Depois trabalhou no hotel Brasil, como ajudante de cozinha e depois cozinheira. Somente em 1987 conseguiu o primeiro registro na carteira de trabalho, quando trabalhou na Igreja Menonitas. Minha mãe casou nela. Eu e meus irmãos fomos consagrados ali também. Depois minha avó decidiu comprar um carrinho de lanche e permaneceu ali em frente ao Posto de Saúde. Ela foi uma das primeiras vendedoras de lanches ambulantes de

Funcionários e funcionárias municipais trabalham para tornar a cidade vez mais bela e aprazível. Zeladoras das ruas varrem da calçada as folhas outonais, em maio de 2019. "Não se vê uma bituca de cigarro nas calçadas", disse um ilustre de Curitiba, que visitou Pato Branco em julho de 2021.



Pato Branco. Se andar pela cidade você pode perceber que não é comum a presença de lanches de rua, como é cultural em Curitiba e outras grandes cidades. Sempre existiu uma pressão das autoridades pra inviabilizar este tipo de comércio nas ruas na cidade.

E você imagine uma pessoa que se instala em frente ao Posto de Saúde da cidade! Ela sofreu por anos pressão de diretores da vigilância sanitária e Secretaria de Saúde para não ficar ali. Mas resistiu. Por mais de 25 anos ela permaneceu. Ganhou a vida ali. Criou os filhos e ajudou os netos.

.....
As escolas são promotoras de dignidade. Branca de Neve e o Príncipe (abaixo) compareceram à inauguração do Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI Eliza Rosa Colla Padoan, no Bairro São Cristóvão, em 2016.

Eu e meu irmão mais velho, Marcos, somos a primeira geração da família que teve acesso ao ensino superior. Eu, dentista, ele, enfermeiro. E tivemos nosso aprendizado ali na rua, ajudando nossa avó, porque este carrinho era pesado, e ela tinha asma, então precisava de ajuda todos os dias. E os netos mais apegados a ela se revezavam na ajuda. Também porque morávamos no alto do Bairro Santa Terezinha. E a subida íngreme judiava dela, que andava devagar.

Tivemos ali o primeiro vislumbre do que gostaríamos de ser quando crescer. Ela era querida por muitos funcionários. Médicos, enfermeiras, dentistas. Trazia coisas do Paraguai para muitos deles. Então, nós, meninos, tivemos como exemplo de profissionais aqueles doutores que eram amigos da nossa avó. E todos chamavam ela de Vó.

BONS TEMPOS... HOJE!

As histórias de Pato Branco são diversas, marcantes, tocantes, emotivas. Todos que viveram ou vivem nessa cidade têm motivos para contar, recordar, louvar, lamentar ou comemorar. Como faz aqui Mari Salete Dal Molin Ayres⁽³³⁾ (2018).

— A Sr^a Jandira Caramori, proveniente do Rio Grande do Sul (...) nos ensinou a fazer flores de papel e de tecidos, parafinadas. Então passamos a fazer coroas para os finados. Mas também fazíamos arranjos de cabeça e buquês de noivas, flores para ornamentar os bolos de casamento. (...) Aqui não se encontrava os materiais necessários: papéis coloridos, parafina, arames, tecidos finos; tudo era difícil de se conseguir! (...) Coloríamos o papel almaço sem pauta com tinta em pó diluída no álcool. Acabava o álcool e ia cachaça mesmo! Com a farinha de mandioca tingida de amarelo fazíamos os miolos das flores. Para cada problema encontrávamos uma solução. (...) E como ficavam lindas as flores! Pareciam de verdade. O difícil era passar as horas noturnas com lampião a iluminar nossos afazeres. Aprendemos costura, bordado. (...) Fazíamos bolos de casamento e para festas. (...) Já não temos mais nosso pomar, não fazemos mais farinhas, doces, licores e embutidos... Compramos tudo pronto! Temos grandes e sortidos mercados, excelentes panificadoras, restaurantes. (...) Hoje as rodovias asfaltadas nos ligam a todos os recantos do Paraná. As empresas de ônibus substituíram as carroças. (...) Os padres não viajam mais no lombo de burros. (...) A velha casa de madeira das 30 janelas (...) no mesmo local onde tudo começou, foram erguidos 3 prédios! (...) A luz elétrica chegou e com ela indústrias, empregos, desenvolvimento. A maioria de nossos jovens não precisa mais sair daqui para estudar fora. Temos faculdades e universidades que oferecem inúmeras graduações. (...) Hoje temos excelentes profissionais de medicina, hospitais de refe-



RODINEI SANTOS

(33) O texto original era longo. Optamos por extrair suas partes essenciais, com o consentimento da autora.



RODINEI SANTOS

Praça Santos Dumont, próximo à sede da Prefeitura. O cenário é composto pela pérgula com buganvilles e a Casa do Artesão.

rência estadual. As pessoas encontram aqui tratamentos especializados. Temos micro, pequenas e até grandes empresas que ofertam mão de obra e trabalho para nossos jovens. (...) A cidade sempre soube escolher bem seus prefeitos. Por isso tem uma boa infraestrutura. Asfalto nas ruas, o rio Ligeiro foi todo canalizado, as praças sempre muito bem cuidadas, os canteiros floridos, a linda

decoração de Natal, o trabalho desenvolvido juntos às comunidades carentes. Os jovens empreendedores, filhos de pioneiros, hoje investem aqui. Muitos estão continuando o trabalho de seus pais na agricultura, na pecuária, nas indústrias e no comércio. (...) Hoje, passeando por esta cidade, ficamos orgulhosas por ter vivido aqui, crescido com ela, vendo-a tornar-se tão linda, com tanto

progresso e desenvolvimento. Constatamos que valeu a pena amassar barro em dias de chuva, sentir a geada nas manhãs frias de inverno, a poeira vermelha da terra entrando por todo lado, a fumaça dos lampiões... (...) Pato Branco hoje tem uma história para contar ao mundo: a história de cada um que plantou aqui uma semente... mesmo que seja apenas e tão somente de AMOR por ela!

Distinção municipal

O desenvolvimento econômico de Pato Branco revela-se não somente na expansão horizontal e vertical da cidade, na instalação de novas empresas e no crescente parque industrial. O município destaca-se também no cenário educacional brasileiro, contando com mais de 90 cursos superiores.

Na área industrial, desenvolveu-se os setores metal-mecânico, moveleiro e informático. Estão instaladas cerca de 100 indústrias de softwares e hardware e de componentes eletrônicos. Pato Branco emerge entre as cidades líderes do Paraná na geração de emprego e renda. Também crescem os setores de servi-

ços e agronegócios.

A cidade conta com prontuário eletrônico em toda a rede de Saúde e programas de inclusão digital — *Escola Pato Branco Digital*. Também há espaços de esporte e lazer descentralizados, com boa infraestrutura.

Pato Branco ocupa o 4º lugar do Paraná no Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal – IFDM. Entre os 5.571 municípios brasileiros, encontra-se na 19ª posição, liderando a região Sudoeste desde 2013. É identificada como “Cidade Digital” pela “Rede Cidades Digitais – RCD”. O destaque da cidade na revista britânica *The Economist* (2016) tam-

bém revela reconhecimento. Dentre as cidades com até 100 mil habitantes, a Revista Exame (2017) considerou Pato Branco a “5ª mais inteligente do Brasil”. Também divulgou Pato Branco como a 11ª “melhor cidade para envelhecer” no Brasil e a 1ª no Paraná (cidades de pequeno e médio porte), em função das instituições direcionadas aos idosos. A revista também apontou Pato Branco como a 11ª “melhor saúde do Brasil” e a líder no Paraná. Pelo Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB) de 2017, Pato Branco está em 1º lugar no Paraná (cidades de médio porte). O índice é 7,5.

As vastidões...

Na fotografia, parecem terras que se estendem ao infinito. Nestas vastidões, a divisão entre os moradores da "Vila de Pato Branco" e do "interior" foi esmaecendo, à medida que a comunicação viária era facilitada. Nos últimos anos, bastam alguns minutos para deixar os campos de cultivo e encontrar-se transitando na área urbana.

A interação cidade-campo cresce à medida que urbanização expande-se, convertendo as comunidades rurais mais próximas em bairros.

Na conversa com antigos moradores — enquanto apresentam as fotografias de suas família e contam as dificuldades iniciais dos antepassados, numa terra de poucas estradas e muitas carências — eles mostram expressões de triunfo. E de expectativas pelo que virá.

— Deu muito trabalho para chegar onde chegamos!

— Quem diria que aquela pequena vila ia se tornar isto daqui?

— Não sei se essa juventude vai entender o que era Pato Branco naqueles tempos!

— Gostaria que meu marido estivesse vivo para ver Pato Branco no seu auge!

Mas o auge está sendo alcançado todos os dias, e indefinidamente. Porque o tempo não dá tréguas. A dinâmica econômica faz alastrar as ruas e os conjuntos residenciais, amplia os bairros, cria novas unidades industriais. Novas escolas são construídas, praças e quadras esportivas inauguradas, igrejas instaladas.

Os bairros convertem-se em pequenos centros urbanos, com toda a logística própria de uma cidade: supermercados, postos de combustíveis, farmácias, lojas de informática, oficinas mecânicas, agropecuárias, floriculturas, escritórios de advocacia e de contabilidade, postos de saúde, consultórios...

Em todos os tempos, os destinos são incertos, apesar dos presságios promissores. Mas para onde quer que a cidade caminhe, sempre levará a memória dos seus primeiros moradores, com seus sonhos de realizações, de supe-rações e de conquistas.

Cidade de Pato Branco. Fotografia de Rodinei Santos. Outono de 2021.



As pérolas...

A produção de livros de cidades requer muita pesquisa bibliográfica, buscas em documentos antigos, análises de áudios e vídeos. Também é necessário entrevistar os agentes históricos. A dificuldade inicial é conduzi-los à percepção do seu papel como sujeitos da história. Essa consciência surge plenamente no momento em que eles abrem o livro, já publicado. E leem, numas poucas linhas, a trajetória dos seus passos.

O russo Mikhail Bakhtin (1895 - 1975), o principal analista na obra de Fiodor Dosdoievski, disse que o sucesso literário de seu compatriota deveu-se ao fato de que este olhava seus personagens pelas costas. Seguiu-os caminhando, abrindo portas, iniciando diálogos.

Quando um personagem da vida real vê seus passos impressos num livro, percebe a si mesmo à distância, caminhando, abrindo portas, criando situações. Isso contribui para seu auto-conhecimento.

Para o historiador, o que mais surpreende nas pesquisas não são as grandes obras, realizadas por uma pessoa ou um grupo de cidadãos. Porque as obras são decorrência das abstrações e da ousadia, o que de fato nos faz exclamar, pelo seu ineditismo e pela agradável surpresa que nos causam. Talvez porque nesses *insights* — os instantes mágicos da criação — revela-se o que há de melhor na Humanidade: a capacidade de conceber e de criar o novo, mesmo sob todas as forças adversas. Um exemplo é o inestimável ato de deixar em segundo plano um projeto pessoal para partir em auxílio de comunidades carentes. Como fez o médico Luciano Yamamoto.

REMANSO DA PEDREIRA

Após formar-se em medicina, Yamamoto buscou especialização em radiologia em São José do Rio Preto - SP. Nessa cidade conheceu e adotou a doutrina espírita. Imbuído dos ensinamentos de Allan Kardec, retornou a Pato Branco, sua cidade natal, com o objetivo de atuar na área social.

Iniciou-se profissionalmente no hospital Policlínica. E na companhia da irmã, Anelise, passou a frequentar o Centro Espírita Frater-

nidade. Em 2003, num sábado, passando por um período depressivo, ouviu uma voz *interior* chamando-o a trabalhar com crianças carentes. Na segunda-feira seguinte leu no Diário do Sudoeste uma matéria sobre a Pastoral da Criança. A entidade era organizada e dirigida por voluntárias. Dentre outras atividades, elas produziam farinha multi-mistura, que era distribuída às famílias das periferias. Apresentado à coordenadora, Janete, Luciano informou seu desejo de ser voluntário. E ela lhe sugeriu que organizasse os trabalhos da Pastoral junto à Pedreira Municipal, onde residiam famílias em situação precária.

Contando com o auxílio de voluntários do Bairro Planalto, Luciano passou a visitar aquelas famílias e a avaliar suas carências. E logo percebeu a necessidade de expandir as atividades, reunindo os moradores num único local e cedendo-lhes cestas básicas.

— Numa dessas reuniões, em que era comemorado, a céu aberto, o Dia das Crianças, com bolo, doces e cachorro-quente, o tempo fechou repentinamente e choveu muito forte, obrigando a todos a se refugiarem num velho chiqueirão abandonado, localizado na propriedade de Natan Bertol. Desse incidente surgiu a ideia de reformar aquele velho chiqueirão para servir de sede aos futuros encontros dos voluntários da Pastoral e às famílias da Pedreira. (Luciano, 2021)

Após um acordo de aluguel com o proprietário, aos poucos o chiqueiro foi sendo asseado e restaurado. E tornou-se a primeira sede da *Fundação Remanso da Pedreira*, entidade filantrópica criada em setembro de 2007 em parceria com outros voluntários da Pastoral.

Em 2016 a entidade foi transferida para uma chácara de 24.000 m² na comunidade de São Braz. A fundação sempre contou com o apoio comunitário. Mas para garantir a sustentabilidade do projeto, Luciano passou a trabalhar em duas cidades: Pato Branco e Palmas.

— Os sofrimentos naturalmente não cessaram por completo após o início do trabalho com as crianças carentes, mas o sentimento de paz de espírito alcançado, pelo sentimento do dever cumprido, fez valer a pena todos sacrifícios impostos pela empreitada.

O primeiro shopping

A instalação de um shopping center reflete a tendência de crescimento comercial e econômico de Pato Branco e região nos últimos anos.

Os shopping centers são obras da iniciativa privada, que já tornaram-se comuns nas metrópoles do Brasil e do mundo. Mas sua instalação nas cidades de médio porte é de tamanha relevância que necessita de aprovação e de apoio dos poderes públicos para ser efetivada.

Além das possibilidades econômicas que o shopping representa, também proporciona uma mudança significativa no cotidiano das famílias de toda a região. Elas passam a contar com um local onde concentram-se os principais atrativos da modernidade: bons restaurantes, salas de cinema, parques infantis e lojas de produtos diversos. Mais que um centro de compras, é um local de passeio, descontração e lazer. Para a juventude, ele também pode converter-se num ponto de encontros românticos!

A ideia de construir um shopping em Pato Branco partiu do deputado estadual Fernando Scanavaca. A sugestão foi levada em 2014 ao prefeito Augustinho Zucchi, que acatou o projeto e intermediou o processo construtivo. O passo seguinte, sugerido pelo parlamentar, foi contatar a Paysage Empreendimentos, empresa de Curitiba especializada na construção de shoppings. O proprietário, Valmir Maran, mostrou-se reticente aos argumentos de Zucchi, considerando que Pato Branco possuía cerca de 80 mil habitantes, número pouco expressivo para a envergadura de um shopping. Mas o gestor municipal insistiu, apontando as grandes potencialidades econômicas regionais. Maran concordou que a ideia era atraente, pois sabia da evolução econômica do Sudoeste, porém disse que aguardaria dados mais concretos.

Com o apoio de dois arquitetos, o prefeito percorreu a cidade em busca da área que seria mais adequada para a construção do shopping. Um local alto, localizado no "eixo de crescimen-

to da cidade", próximo à PR-158, foi o escolhido. Somava-se o fato de que nessa região já estavam em andamento os preparativos para a instalação da nova sede da Prefeitura.

Na sequência, Maran enviou a Pato Branco seu diretor de Empreendimentos, com o objetivo de averiguar as possibilidades. Com alguns dados mais consistentes em mãos, deslocou-se pessoalmente à cidade. Olhou o terreno e seu entorno, gostou do lugar e falou que iria fazer uma pesquisa mercadológica. Mas também informou que sua primeira impressão era positiva.

Contratada pela Paysage, uma empresa de pesquisa fez uma avaliação num raio de 70 Km, e a conclusão foi de que o projeto era viável do ponto de vista econômico. Pato Branco já comportava um empreendimento do porte de um shopping!

Agora Maran mostrava-se plenamente favorável à realização do investimento, desde que o Município contribuísse com a ampliação da rede viária na região. Dentre outras sugestões, citou o asfaltamento desde a área sugerida para o shopping até a avenida Tupi.

Nesse período já estava sendo construída a "Avenida da Inovação", ligando a Tupi à futura sede da Prefeitura. E o asfaltamento da rua Tocantins era ampliado na direção norte. Somando aos ventos favoráveis, a Prefeitura apresentou empresários que poderiam participar como lojistas. Todos esses fatores contribuíram para a decisão final de Maran.

Após várias reuniões entre representantes da municipalidade, da Paysage e do empresário local, além dos proprietários do terreno (das famílias Toniolo e Tártari), definiu-se o quadro dos parceiros e a estrutura que seria levantada.

Desde aquelas primeiras tratativas, passaram-se mais de 18 meses de negociações, até o início das obras.

O primeiro shopping de Pato Branco deveria ser inaugurado no final de 2020. Mas a *pandemia de coronavírus* atrasou os trabalhos. Apesar disso, o empreendimento permanece em evolução, e representa um passo a mais no desenvolvimento econômico de Pato Branco e do Sudoeste.

— Pato Branco é um centro comercial por

excelência. Sempre achei que a instalação de um grande shopping seria o coroamento da capacidade comercial, da prestação de serviços, enfim, do empreendedorismo do nosso povo e da capacidade de desenvolvimento da nossa cidade. É uma oportunidade para ampliar nossos horizontes comerciais e também os dividendos, em todos os setores da nossa economia. (Zucchi)

Um lançamento simbólico do shopping foi promovido pela Prefeitura no clube Pinheiros, em dezembro de 2015. Participaram mais de mil pessoas, incluindo vários prefeitos da região. Associações comerciais e sindicatos do comércio também apoiaram a iniciativa.

Segundo Heráclito Petrycoski (2021), sócio-administrador do empreendimento, "o grupo de empresários é composto majoritariamente por empreendedores de Pato Branco". Mas ele também informa que o empreendimento terá abrangência regional, atingindo 14 municípios.

Serão 43.000 m² construídos. O projeto prevê a instalação de cerca de 100 lojas, distribuídas em dois pavimentos. Haverá também seis "lojas âncoras", nove "megalojas" e 80 "lojas satélites". Além de praça de alimentação para 900 pessoas — com 21 lojas de *fast food* — quatro salas de cinema, *play center*, dois restaurantes, cafeteria e 1.000 vagas de estacionamento.

Fotografia: Jonas Augusto

Conjuntos residenciais avançam na região norte da cidade de Pato Branco. A urbanização da área vem ao encontro do projeto de instalação do primeiro shopping center do município — ainda em fase construtiva.



Pinheiros nas ruas

Muitas ruas de Pato Branco são revestidas de árvores, que proporcionam sombra e frescor, além de ajudar a manter estável a umidade relativa do ar. Elas também são encontradas nas praças, nos parques e nos quintais, exibindo os matizes de suas variadas flores para o deleite dos olhos, além de suas doces e saborosas oferendas. Pitangueiras e pés de araçá apresentam seus frutos nas calçadas de algumas ruas. Uma das árvores mais maltratadas, no processo de desenvolvimento econômico da região Sudoeste, foi o pinheiro. Exemplares desta espécie foram preservados em algumas ruas de Pato Branco — Caramuru, Tocantins e Bento Gonçalves — como monumentos à natureza original da região.



RODINEI SANTOS

Abaixo, pinheiro da rua Bento Gonçalves, entre os bairros Cristo Rei e Novo Horizonte.

Acima, pinheiro da rua Caramuru, em frente aos Correios. Com as luzes do Natal de 2019.

Na página à direita, "Pinheiro da Tocantins", também enfeitado para o Natal.



RODINEI SANTOS



A indústria inspira a arte

Parque das Indústrias Theóphilo Petrycoski

A vocação industrial de Pato Branco é homenageada e representada nas esculturas do Parque das Indústrias.

Na noite de 27 de abril de 2012 inaugurou-se o Parque das Indústrias Theóphilo Petrycoski. Localiza-se à margem da PR-158, próximo à ponte do rio Ligeiro.

— Cláudio Petrycoski, diretor da Atlas Eletrodomésticos e filho do homenageado, evidenciou a importância de deixar algo mais para a sociedade. “Deve existir um papel maior, que vai além do lucro”, comentou, ressaltando que evidenciar aspectos culturais através da arte é um meio de valorizar as raízes e momentos vividos pela sociedade. (Jornal de Beltrão, 2012)

O terreno foi preparado pelos funcionários e máquinas da Prefeitura. Depois recebeu obras do escultor Kalu Chueiri e do artista plástico cascavelense Nelson Josefi, com o apoio do arquiteto Derli Fischer.

— Havia ali um espaço livre e abandonado. Tivemos a ideia de limpar e plantar umas árvores, mas vimos que estava muito vazia. Resolvemos colocar alguma coisa artística. Primeiro foi feito um mural em arte etrusca, mas ainda faltava algo. Pensei então na temática *indús-*



Escultura-pintura do artista cascavelense Nelson Josefi.

tria. (Cláudio, 2014)

— Isto aqui era um matagal — conta Kalu (2020). — Onde tem o caminho calçado, era um carreador, que o pessoal usava pra ir até a indústria de fogões.

A maior escultura do parque é uma peça representativa da roda em movimento, "objeto

indispensável ao setor industrial" (Kalu).

— São duas rodas — relata o escultor. — Uma delas simboliza os primeiros mecanismos, com a roda d'água que movimentava os moinhos, depois evoluindo para maquinários mais sofisticados. A segunda roda propõe uma questão filosófica. Ela não possui um centro definido,



Rodas, de Kalu, no Parque das Indústrias.



Theóphilo Petrycoski na escultura de Nelson Josefi.

porque a indústria é diversificada e não converge para um só tipo de produto. É uma leitura difícil, mas a gente precisa ensinar coisas difíceis para as pessoas, se quisermos que haja evolução!

Sobre a escultura do martelo com a bigorna, Kalu explica:

— Foi esta uma das primeiras tecnologias para modificar a forma do metal. É o mais importante e o mais simbólico conjunto de objetos da história da indústria. E a mão simboliza a força e a ideia que conduzem à modificação do metal em produtos úteis ao homem.

O parque também conta com uma *vela náutica*, feita com fibra de vidro.

— Porque a vela representa leveza, não podia ser de metal. Significa a liberdade de se expandir. É a viagem em busca de novos conhecimentos e novas tecnologias.

Ao lado da vela incorpora-se uma meia-lua de metal.



Portal do parque, com saudação dos operários metalúrgicos.

RODINEI SANTOS



A bigorna, o martelo e a mão do metalúrgico.

— Numa viagem de barco, nada melhor que ser acompanhado por uma lua prateada!

No caminho entre as esculturas há um portal, guardado por dois funcionários da indústria metalúrgica. Um deles possui um capacete de indústria, o outro segura uma haste de ferro.

Sob sugestão de Petrycoski, Kalu modelou um pé alado, do deus grego Hermes, simbolizando a indústria.

— Hermes, ou Mercúrio — diz Kalu — foi dar um recado pro Perseu, de que este teria de cor-



Theóphilo Petrycoski segundo Kalu.

tar a cabeça da Medusa. E teria de usar um escudo grande, para que ela não o olhasse nos olhos. E uma espada comprida para alcançar-lhe o pescoço. Isso foi uma informação de utilização tecnológica!

Kalu e Josefi esculpiram, cada qual com seu estilo, a figura de Theóphilo Petrycoski. Kalu somou na mesma obra o velho metalúrgico — e seu tradicional boné — com a antiga logomarca da indústria de fogões Petrycoski.

— Tem uma chama viva, que também é um



Pé alado do deus grego Hermes.

braço apontando para o alto, vencedor. Há uma figura definida, com o boné do Theóphilo. Há também um vazado circular, que pode significar o perfeito e o eterno. É vazado porque ele já transcendeu esta vida, já está do outro lado.

A escultura de Josefi é um auto-relevo pintado. Parte da obra é composta por chapas de fogão a lenha.

Em 2014 o cineasta Flávio Stankoski lançou o documentário "A Praça", respectivo à construção do Parque das Indústrias.

Gestão exemplar

A administração pública moderna demanda ações continuadas, envolvendo a municipalidade e o setor empresarial. As parcerias público-privadas têm proporcionado excelentes resultados ao município de Pato Branco. Com o apoio do empresariado local e das universidades, a Prefeitura vem transformando a cidade num polo de alta tecnologia. E nas diligências visando a realização de grandes obras, procura-se aprimorar o relacionamento com as esferas estadual e federal.

Este é um dos principais legados da administração do prefeito Augustinho Zucchi (2013 - 2020). Utilizando os conhecimentos adquiridos durante sua atuação como parlamentar, ele promoveu inúmeras melhorias nas áreas rural e urbana, atingindo diretamente a vida dos cidadãos de Pato Branco. Também optou, desde o início, pela utilização da tecnologia nos mais diversos setores da administração municipal, com a informatização e a integração de todas as secretarias.

A cidade viu ampliar-se o número de ruas asfaltadas, que contemplaram todos os bairros. Também foram realizadas obras de grande pro-

veito público, como o Largo da Liberdade (área esportiva, centro de convivência e piscina olímpica) e o Parque do Alvorecer (lagos, deques, mata nativa e trilhas para caminhada).

Um grande avanço na modernização da cidade é verificado a partir da criação da *Feira de Ciência, Tecnologia e Inovação de Pato Branco – Inventum*, que tem sido realizada em parceria com empresas e outras entidades. Também ocorreu uma forte atuação da Prefeitura na zona rural, com o asfaltamento de dezenas de

quilômetros de estradas, proporcionando fácil e rápido acesso às sedes das principais comunidades. A internet também foi levada às sedes dos povoados.

Como registro de uma administração moderna e eficiente, citamos algumas de suas principais iniciativas, centradas na educação, na saúde e na tecnologia.

- Construção de escolas municipais nos bairros São João, São Francisco e Veneza, no Parque do Som e na comunidade de Passo da Ilha. Também foram instaladas quadras esportivas em várias escolas municipais. E foi iniciada a construção do Centro de Educação Infantil Pro-Infância, no Bairro São Francisco.

- Foram construídos Centros Municipais de Educação Infantil – CMEI nos bairros Planalto, São Cristovão e Parque do Som. A Prefeitura também reformou as escolas Olavo Bilac e Irmã Dulce e os CMEIs Madre Paulina e Três Marias.

- Entre outras obras estão o Parque da Pedreira e o Parque São João, o Centro de Eventos do Parque de Exposições, o Terminal Urbano Central do Transporte Coletivo e a revitalização das floreiras da avenida Tupi.

- Com a inauguração do Parque Tecnológico — onde foram investidos mais de R\$ 14,4 milhões de reais⁽³⁴⁾, a partir de inúmeros projetos com entidades e universidades — fortaleceu-se o perfil tecnológico e inovador do município.

- A construção do Parque do Alvorecer — con-



A alegria estampada no rosto deste casal de agricultores, no encontro com o prefeito Zucchi, revela a simpatia angariada por meio de uma gestão de alcance popular.



Zucchi (à direita) acompanha os funcionários na construção do Parque do Alvorecer.

(34) Durante a gestão de Zucchi (2013 - 2020) a cotação do dólar variou entre R\$ 3,50 e R\$ 5,00.

siderado o *cartão postal* de Pato Branco — exigiu um investimento de R\$ 13 milhões. Destes, R\$ 10,7 milhões cedidos pelo Governo do Estado. O restante foi contrapartida da Prefeitura.

- Cerca de R\$ 144 milhões foram investidos no asfaltamento das ruas urbanas, o que totalizou mais de 82% das vias públicas. Outros R\$ 35 milhões foram destinados ao asfaltamento das principais vias rurais, entre a sede e as comunidades de Independência, N. S. do Carmo, Passo da Ilha, São João Batista, Sede Dom Carlos, Sede Gavião, Fazenda da Barra e São Brás.

- Em 2016 Pato Branco foi destaque nas páginas da revista internacional *The Economist*, por conta das ações e investimentos que evidenciaram o município no cenário nacional.

- Novas e modernas Unidades Básicas de Saúde – UBS foram instaladas nos bairros Industrial, Alvorada, Fraron, São Cristovão e Novo Horizonte, somando R\$ 6,5 milhões. Também foi reformado o Posto de Atendimento Central, com a instalação de um laboratório e a criação da Farmácia Central, com duas *farmácias satélites* nas regiões sul e oeste do município.

- Mais de R\$ 3 milhões da Prefeitura foram investidos na pavimentação asfáltica do Aeroporto Juvenal Loureiro Cardoso e na nova estrutura do Terminal de Passageiros. Nessas obras também houve aporte do governo do estado e do empresariado local.

- Na revitalização das ruas Tocantins e Ivaí, o investimento somou R\$ 12,7 milhões. No cruzamento da Tocantins com a Avenida Tupi foi construído um viaduto, facilitando o acesso ao Bairro Pinheirinho.

- A canalização do rio Ligeiro teve continuidade, num investimento de R\$ 9 milhões. Também foi canalizada parte do Córrego Fundo (R\$ 1,3 milhões).

- As áreas de lazer também receberam atenção. Foram revitalizadas as praças Santa Terezinha e Presidente Vargas. Também foram construídas praças nos bairros Jardim Primavera e Jardim Floresta, com R\$ 1,13 milhões.

- O Contorno Norte, uma obra estrutural e de fundamental importância para a mobilidade e segurança da população, foi um dos maiores investimentos que uma obra pública já recebeu na história de Pato Branco.

- No plano de arborização da cidade, a Prefeitura investiu R\$ 430 mil. O sistema de iluminação pública também foi aprimorado, com a substituição das lâmpadas de vapor de sódio por lâmpadas LED, ao custo de R\$ 1 milhão.

- Nesse período, várias pequenas reformas foram realizadas nas escolas municipais (rampas, muros, cozinhas, banheiros, etc). Na cons-

Augustinho Zucchi numa estrada rural de Pato Branco, recentemente asfaltada. A infância na lavoura e o curso de agronomia ensinaram sobre as carências do campo. A maior delas sempre foi no setor de transporte.



trução das “centrais de lixo” das escolas, a Prefeitura investiu R\$ 184 mil. Nas “centrais de gás”, R\$ 143 mil.

- A Prefeitura também criou novos e modernos espaços para a prática de esporte e lazer, como pista de skate, playground e academia da terceira idade no Bairro Planalto; campo de futebol sintético, playground e academia da terceira idade no Jardim Floresta; campo de futebol sintético, playground e academia da terceira idade no Bairro Alvorada; campo de grama sintética e playground no Bairro São Francisco; campo de grama sintética, playground e academia da terceira idade no Jardim Primavera.

- Durante a administração de Zucchi também foram construídas ou reformadas várias qua-

dras esportivas, na comunidade de São Roque do Chopim e nos bairros Veneza, Santo Antônio, Alvorada e Cadorin.

- Também foram realizadas melhorias nos ginásios dos bairros Pinheirinho, São João, Planalto, Morumbi e Novo Horizonte.

Os recursos garantidos e deixados em caixa para a construção de uma moderna sede da Prefeitura, do novo prédio do Teatro Municipal e de uma *Arena de Esportes* refletem uma proposta de governo dedicada ao desenvolvimento da cidade. Obras que visam estimular o crescimento e acolher as futuras gerações. Sinal de que o município deve seguir se desenvolvendo com sustentabilidade e projetos de qualidade.



O apoio ao esporte foi uma das marcas da gestão Zucchi.

Largo da Liberdade

O campo de futebol do Pato Branco Esporte Clube — antes pertencente ao Clube Internacional — foi adquirido pela Prefeitura. E no local construiu-se um centro esportivo. Mas no decorrer das décadas ele foi abandonado. Ao assumir a Prefeitura, em 2013, o prefeito Augustinho Zucchi planejou construir nessa área um novo centro esportivo. Porém foi instalado o Largo da Liberdade, um “centro multi-uso” (Zucchi, 2020), para práticas de esporte, lazer, cultura e outras atividades. Integrou-se às antigas instalações da FESPATO, formando com o Ginásio Municipal de Esportes Dolivar Lavarda o Complexo Poliesportivo Frei Gonçalo.

O projeto utilizou recurso próprio do municí-

Centro Aquático. A piscina aquecida é frequentada por grupos da Terceira Idade e estudantes das escolas públicas. Também aberta a programas de natação privados. Em 2018 sediou o 1º Festival Municipal de Natação e a 1ª Semana de Combate ao Afogamento,



Fotografias Rodinei Santos

Abaixo, estrutura do Largo da Liberdade, no Bairro La Salle.



pio — com exceção da piscina, na qual foi usada a verba federal. Ela é gratuita para as escolas públicas e a Terceira Idade. Está aberta a atividades privadas, sob pagamento de uma taxa.

Em respeito ao Clube Internacional, foi refeito o campo de futebol, desta vez com grama sintética. Em torno foi instalada uma pista emborrachada para caminhadas. Há também academia de ginástica para idosos, dois parques infantis e o Centro Aquático. Dispõe de professores para as atividades de ginástica, natação, xadrez, pingue-pongue e robótica.

A inauguração ocorreu durante a passagem da Tocha Olímpica — *Olimpíada do Rio de Janeiro, 2016* — pela cidade de Pato Branco. O local tem sido visitado por representantes de vários municípios, que buscam exemplos de espaço de esporte, cultura e lazer.

O engenheiro responsável pela obra foi Adão Aurélio Alves de Moraes. O projeto da piscina é de Emerson Michelin.



Acima, crianças divertem-se em torno do campo de futebol. À direita, pista emborrachada, própria para caminhadas.

Abaixo: nos finais de semanas e feriados é grande a movimentação de pessoas no Largo. Há instrutores para esporte e recreação.



Parque do Alvorecer

O Parque Estadual Vitório Piassa, ou Parque do Alvorecer, foi construído em área adquirida da família Piassa. Inaugurado em 2018, tornou-se local de encontro das famílias, amigos, namorados e estudantes, para caminhadas em torno dos lagos e nas trilhas sob a mata nativa. Conquista da gestão Augustinho Zucchi, em parceria com o governo estadual.

O chafariz diante do portal do parque convida para entrar e aproveitar o frescor da mata.

A mata nativa preservada pode ser tema de análise pelos professores, na companhia de seus alunos.

Fotografias
Rodinei Santos





— Bem-vindos ao Parque do Alvorecer (Parque Estadual Vitório Piassa). Aqui, as cores, os aromas e o ar puro têm história e representam um futuro sustentável, em harmonia com a natureza. Essa história começa na década de 1930, quando os pioneiros Vitório e Clementina Piassa vieram do Rio Grande do Sul para a região de Bom Retiro/Villa Nova – antigo nome de Pato Branco. Esta área, onde hoje é o Parque do Alvorecer, pertencia a Pedro Martinello quando foi adquirida por Piassa. Na década de 1960, Piassa ali instalou uma serraria. A área foi reconhe-

cida como Parque Estadual, pelo Decreto No 5.169/2009, visando à conservação dos ecossistemas associados. A estruturação iniciou em 16 de maio de 2016, sendo inaugurada em 02 de março de 2018. São 107 hectares de Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária), onde se destaca o pinheiro-brasileiro, árvore símbolo do Paraná. Com mais de um milhão de metros quadrados nesta Unidade de Conservação, este ambiente abriga nossa fauna e flora, com trilhas ecológicas, lagos, infraestrutura de lazer e convivência que oportunizam práticas sus-

Acima, um dos lagos do Parque do Alvorecer, numa manhã ensolarada de 2019.

.....

tentáveis e o contato com a natureza. Este é o Parque do Alvorecer, construído para receber o futuro. Lembre-se: aqui, a conservação do meio ambiente também preserva a nossa história; a história de Pato Branco e do Estado do Paraná.

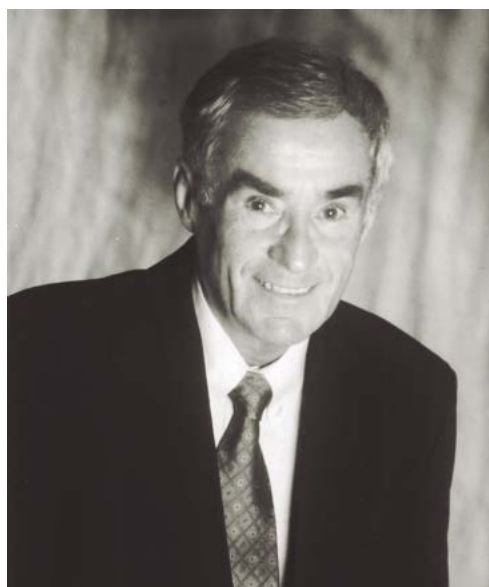
(Da placa inaugurativa do Parque do Alvorecer)

Os livros de Sittilo Voltolini

Catarinense de Timbó, Sittilo Voltolini era filho de Amadeo e Sabina Voltolini. Sétimo entre dez irmãos. Após algum tempo num seminário de São Paulo, mudou-se para Curitiba. Em 1º de março de 1960 chegou em Pato Branco, a convite de Cesário Maidl. Seu plano era permanecer poucos anos, até formar uma “base financeira sustentável” e retornar à capital.

— Mas, aqui me afeiçoei de tal forma pela localidade, comecei a namorar, casei e esqueci Curitiba. Graças a Deus foi um caminho aberto que segui, o qual me trouxe muitas satisfações pessoais e profissionais.

Sittilo casou-se com Nóris Terezinha Sguarezi, com quem teve as filhas Heloisa Cristina e Larissa Sabina. Atuou como professor no Instituto Nossa Senhora das Graças, no Ginásio Agostinho Pereira, no Ginásio La Salle, na FUNESP e no CEFET. De 1982 a 1992 foi chefe do Departamento Municipal de Educação, Cultura e Esportes de Pato Branco. Em 1993, como professor do CEFET, liderou o projeto *Resgate Histórico*



Sittilo Voltolini. Dedicado ao ensino e à pesquisa histórica de Pato Branco.

de Pato Branco.

— Percebi que não havia nenhum registro histórico da cidade. Tínhamos a necessidade de recompor esta história, porque os nossos pioneiros, naturalmente, aos poucos acabavam falecendo e a história pousando pacífica e eternamente em nosso cemitério.

O projeto resultou numa extensa pesquisa histórica, com a publicação da série de livros

“Retorno”, na qual constam “Origens de Pato Branco”, “Pato Branco na Revolta dos Posseiros de 1957”, “Ciclo da Madeira em Pato Branco” e “Plácido Machado – primeiro prefeito de Pato Branco”.

Os capítulos são apresentados pelos personagens Silvano Matos e Patalvo. Silvano era criador de porcos e cortador de erva-mate. Como não envelhecia, e sua juventude inabalável assustava a vizinhança, um padre buscou na Bíblia o relato sobre um homem agraciado com a eterna juventude. E Silvano ganhou apelido de Matusalém. Quanto a Patalvo, “é descendente daquela família de patos que antigamente vinham veranejar pelo Sudoeste do Paraná”. Noutra versão, Voltolini conta que Patalvo pertencia à “nobre família dos patos selvagens que, antigamente, vinham passar os verões nas águas do rio Chopim e seus afluentes”.

Silvano e Patalvo percorrem as comunidades rurais de Pato Branco, constatando com tristeza a destruição das florestas de pinheiros e o abandono das terras pelos colonos em busca da cidade. Casarios de madeira e escolas abandonadas, cemitérios “cobertos de mato”.

Neri França Fornari Bocchese e Laurinha Luiza Dall’Igna participaram das pesquisas, realizando entrevistas e coletando documentos. Na equipe também estavam Cláudia B. de Lima Razera e Julio Caetano Thomazoni (cartografia e scanner). Sittilo também contava com filha Heloisa Cristina na revisão



Em 2019, casal de joão de barro constrói num poste, no Centro de Pato Branco.

— Final de fevereiro de 1960. Terça-feira gorda. Auge do reinado de Momo. Adeus, Curitiba dos meus sofrimentos! Só quem te enfrenta sem nada e sem ninguém pode medir tua exata crueldade! Para mim nunca sorriste, madrastra desalmada! Quinze horas de sacolejos, entremeados de uma baldeação em União da Vitória, e o anúncio do condutor da geringonça do Kowaleski: Pato Branco! Ponto final da viagem! Fui desovado num ninho de lama e escuridão. É nisto aqui que vou dar aulas? Ah, meu grego, meu latim, meu francês... meu português! (Sittilo Voltolini, 2003)

prévia dos textos, que eram escritos a lápis. Foram digitados por Adriani Edith Michelin e Joanita Hagedon Vieira.

Sittilo assumiu como suplente o cargo de vereador, na gestão 1977 - 1982. Em 16 de junho de 2000, tornou-se Cidadão Honorário de Pato Branco. Em 2021 ele foi homenageado com uma estátua — lendo um livro, sentado num banco na praça Presidente Vargas.

Neri França Fornari Bocchese

Neri França Fornari Bocchese nasceu em Arvorezinha, região Centro-Norte do Rio Grande do Sul. O pai, Celestino Fornari, foi combatente da II Guerra Mundial.

— Foi ele quem deu o comando para a tomada de Montese. Ele voltou com muita neurose de guerra. Se via dois cachorros brigando, tinha de ir lá separar. (Neri, 2019)

Após voltar ao Brasil, Celestino tornou-se caminhoneiro. Casou-se com Eloá Azeredo França, com quem teve quatro filhos. Quando Neri fez sete anos, os irmãos de Eloá montaram um moinho em Faxinal dos Guedes-RS e toda a família mudou-se para o local. A energia elétrica da cidade era fornecida pelo gerador desse moinho. Mas uma sequência de incêndios em serrarias, provocados por grupos políticos em contenda, alcançou o moinho, e a família Fornari se evadiu. Neri tinha 13 anos em 1960, quando Celestino comunicou que iriam morar em Pato Branco. Neri e seus três irmãos não gostaram da notícia.

— A gente começou a chorar. Ninguém queria vir pra cá. Falavam muito da Revolta dos Posseiros. Diziam que Pato Branco era uma cidade violenta.

Montaram um pequeno armazém. E as crianças foram estudar no colégio das Irmãs Vicentinas. Após fazer a escola Normal, Neri tornou-se professora.

No currículo escolar constava a história de Pato Branco, mas não havia o que ensinar.

— Não tinha nada da história de Pato Branco. Aí comecei a pesquisar. (...) Diziam que o nome da cidade vinha de um homem que criava pato branco. Mas caboclo não cria

pato. E os italianos que vieram do Rio Grande também não criavam pato! (...) Quando escrevemos a história de Pato Branco, o Professor Sittilo entrevistou a índia Balbina, que conheceu o João Arruda, e ela contou como surgiu a história sobre o pato branco, que ele matou pra fazer almoço.

Após atuar no projeto histórico liderado por Voltolini, Neri lançou seus próprios livros sobre a história de Pato Branco, apresentando detalhes não publicados das pesquisas já realizadas por ela. Eis porque, em alguns episódios, seus textos se entrelaçam com os do professor.

Sueli Rosa Dartora

Sueli é filha de Natalino e Maria Lídia da Costa. Natalino era patroleiro da Prefeitura de Viadutos-RS.

— O município era muito pequeno. Como éramos quatro irmãos, não teria emprego para todos. E a gente queria estudar. Lá só tinha ginásio, e queríamos fazer faculdade.

Transferindo-se para Pato Branco em

1974, Natalino assumiu o cargo de patroleiro da Prefeitura local. E Sueli e sua irmã tornaram-se funcionárias da empresa Cattani. Formada em administração e pós-graduada em recursos humanos, Sueli exerceu o cargo de administradora da Câmara Municipal de Pato Branco de 1990 a 2019. Em 2014 publicou o mais completo livro sobre as atividades do Legislativo local. Intitulado “Documentário sobre a história político-administrativa de Pato Branco”, contém os nomes e as fotografias de todos os prefeitos, vereadores e presidentes da Câmara, além de dados de todas as gestões municipais.

Ruy Wachowicz

Em 1987 a Casa da Cultura de Pato Branco coordenou a produção do livro “Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização”, de Ruy Christovam Wachowicz, professor da UFPR. A obra foi patrocinada por dez prefeitos da região, além de deputados e empresários. Foi doada a bibliotecas públicas e escolas dos municípios do Sudoeste.



"Cinquentenário da Revolta dos Posseiros", em 9 de outubro de 2007. Desde a esquerda, Solange Amadori, Sueli Rosa Dartora, Juliane Gemza, Kalu Chueiri, Cirene Vanzela Miotto, Adriana Auzani e Neri França Fornari Bocchese. Recebem Moção de Congratulações e Louvor da Câmara.

PESQUISA/REDAÇÃO/EDIÇÃO

LUIZ FRANCISCO GUIL

Escritor, compositor e artista plástico. Nasceu em Prudentópolis-PR, em 18 de janeiro de 1964, é filho de Luiz Guil e Ana Justina (Pontarolo) Guil. Venceu diversos concursos literários nas categorias Conto e Poesia. Autodidata, desde 2005 vem produzindo livros históricos de cidades do Paraná, com sete obras já publicadas. É pai de Jade Farah Guil e Julian Farah Guil.

REVISÃO

LEINA MARIA GLAESER

Advogada, com pós-graduação em Direito do Trabalho e Previdenciário. Nascida em Palotina-PR, em 20 de maio de 1975. Filha de Eurico Glaeser e Ivanilde Delai Glaeser. É mãe de Guilherme Glaeser Ferraz e Rafael Glaeser Ferraz.



Leina e Luiz Francisco, junho de 2018.

Aos primeiros raios de sol, os patos deixam o sossego de seus ninhos e partem para a lagoa, em busca de alimento e companhia. Nenhum dia é igual ao outro, porque a paisagem se modifica, e alguma coisa nova sempre acontecerá. E se a lagoa deixar de ser atraente, confortável e nutritiva, as asas estão sempre prontas para mais um voo, em busca de um novo paraíso.

Rodinei Santos fotografou.







Projeto da nova sede da Prefeitura de Pato Branco: amplos espaços abertos no entorno.

PROJETO DA NOVA PREFEITURA

Com o desenvolvimento econômico de Pato Branco, surgiram novas exigências às atividades públicas municipais. Secretarias e departamentos foram criados para atender a essas demandas, e o prédio da Prefeitura foi tornando-se pequeno e antiquado. Devido à falta de espaço, vários departamentos da municipalidade ocuparam salas alugadas, onerando os cofres públicos.

No dia 3 de maio de 2018 o governo estadual autorizou a destinação de R\$ 20 milhões para a construção da nova sede da Prefeitura de Pato Branco. A contrapartida do município será de R\$ 6 milhões.

Em 12 de novembro de 2019 foi lançada a Pedra Fundamental do novo edifício. Será

localizado no Bairro Bortot, à margem da Avenida Inovação. O terreno foi doado pela família de Setembrino Bortot.

O desenho da nova sede é assinado pelos arquitetos e urbanistas Emerson Carlos Michelin, Adriano Scarabelot, Derli José Fischer, Glauco Zandoná Gabaldo, Adão Aurélio Alves de Moraes e Rubens Ciro Calliari Júnior. A arquitetura de interior e detalhes é responsabilidade de Caroline Domingos Mezzalira.

O projeto prevê uma construção com subsolo, térreo, mezanino, mais sete andares. Além do gabinete do prefeito e anexos, abrigará todas as secretarias. Também oferecerá estacionamento, refeitório e auditório com 350 lugares.

— A concepção da edificação se define em

dois volumes. O mais horizontal forma todo o embasamento, espaço para atender o público. O volume que se sobrepõe, na vertical, abriga secretarias e departamentos. E, por último, o pavimento do gabinete do prefeito, que possui perspectivas de todos os lados, visuais para contemplar nossa bela Pato Branco. A estrutura foi otimizada com laje protendida e pilares com vãos que facilitam o *layout* dos ambientes, espaços amplos. (Emerson, 2020)

.....
À margem da estrada para Itapejara d'Oeste, cinco curucacas levantam voo em linha ordenada, ao susto de um ronco de motor. Parecem ir ao longe, mas fazem uma parábola e retornam. Pato Branco ainda é o melhor local para morar!